

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 1

AOS LEITORES

Por efeito de variadas circunstancias *O Archeologo Português* tem saido com algum atraso, e não pôde mesmo publicar-se volume especial no anno de 1899. O vol. v corresponde pois a esse anno e ao de 1900. D'aqui em deante espero que, segundo o que me prometteram na Imprensa Nacional, a publicação se fará com regularidade, devendo appa recer normalmente por mês um fasciculo.

Mais uma vez me dirijo ás pessoas que se interessam pelo estudo da archeologia nacional a pedir-lhes o obsequio de enviarem para este periodico noticias, photographias e desenhos de objectos que possuam ou de que tenham conhecimento, ou quaesquer artigos que se relacionem com o assunto. No fim de alguns annos o *Archeologo* formará assim vasto repositorio, que servirá da maior utilidade aos especialistas dos varios ramos da archeologia.

Em verdade *O Archeologo* não morrerá á mingoa de artigos, porque nos museus, nas minhas pastas, nas minhas carteiras, e, ia a dizer, de baixo do solo, posso materiaes para, embora no meu pouco, só por mim mesmo o encher; mas é evidente que com a collaboração dos outros investigadores (e tem ella sido até hoje tão dedicada) o periodico realizará melhor a sua missão.

Lisboa, Janeiro de 1900.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Limia e Brutobriga**I**

É tempo de acabar com as erroneas crenças, que por ahi andam arreigadas, sobre a identificação de cidades antigas que se julga haverem florescido nas margens do nosso decantado Lima; tambem os archeologos portugueses dos seculos XVII e XVIII, embuidos num excessivo amor patrio, teimaram em localizar na pequena facha do terreno que occupamos na Peninsula quantas povoações notaveis os escriptores latinos referiram á Hispania.

A Lusitania e a Tarragonense occidental, na parte respeitante a Portugal e á Galliza, tinham povoações importantes, conservando o maior número a sua denominação nacional, anterior á invasão romana.

Convem synthetizar as ultimas investigações toponymicas.

A Lusitania dividia-se em tres *conventus*:

I—Pacense.

II—Escallabitano, e

III—Emeritense.

No primeiro ficavam:

Ossónoba, Faro.

Balsa, Tavira.

Metallum Vipascense, Ajustrel.

Merobriga, Sant'Iago de Cacem.

Salacia, Alcacer do Sal?

Cetobriga, Setubal? Troia?

Pax Julia, Beja.

Ebora, Evora.

No segundo:

Olisipo, Lisboa.

Scallabis, *colonia Praesidium Julium*, Santarem.

Collipo, Leiria.

Conimbriga, Aeminium, Condeixa, Coimbra.

Civitas Aravorum, Castello Branco?

Civitas Igaeditanorum, Idanha.

E no terceiro:

Augusta Emerita, Mérida.

Metellinum, Medelim.

Norba, *colonia cesarina*, Cáceres.

Caurium, Cória.

Mirobriga, Cidade Rodrigo.
 Salmantica, Salamanca.
 Cesaróbriga, Talavera de la Reina.
 Augustóbriga, Talavera a Velha.

A Tarraconse continha, entre outros, os tres *conventus*:

- I — Bracaraugustano.
- II — Lucense, e
- III — Asturico.

No primeiro apenas as cidades de:

Brávara
 Forum Limicorum, Guizo, e
 Tudae, ~~e~~ Tuy.

No segundo:

Lucus Augusti, Lugo.
 Iria Flavia, Padrão, e
 Flavium Brigantium ou Brigantia, Betanços, perto da Corunha.

E no terceiro:

Astures Augustani, Astorga.
 Zoelae, Castro d'Avellãs (?) e
 Legio-Gemina, Leão.

Todas as demais povoações não mencionadas nas inscripções lapa-dares e numismaticas as reputamos de somenos importancia, ou, se a tiveram, foi isso em epocha posterior ao dominio dos latinos, como por exemplo Aóbriga, Atrega, Aurea, hoje Orense, cidade sueva do seculo IV da era christã.

A toponymia tem a grande vantagem historica e ethnologica de nos indicar o roteiro que os varios povos seguiram na sua emigração através da Peninsula.

Precioso legado este sobre que devemos basear os nossos estudos, e que convém augmentar por subsequentes investigações.

II

O *Forum* ou *Curia* dos Limicos assentava na planura do monte do Viso, perto da serra de Baldriz, distando as suas ruinas, no sitio onde hoje chamam —*a cidade*—, uns 13 kilometros para o nascente de Guizo, e 7 a ESE. da «laguna» de Antela, que dá origem ao nosso rio Lima; esta lagoa tem 5:000 hectares de superficie, e dissecada constituiria fertil veiga, que seria uma riqueza para estes povos.

Alli jazia ainda no anno de 132 de C. a *civitas Limicorum*, cujos homens livres erigiram uma memoria de adhesão e affecto ao Imperador Adriano, e outra em 141 ou 142, ao bom Antonino Pio; ambos estes monumentos os vimos mettidos no frontispicio da capella de S. Pedro, unico edificio que resta de pé da famosa *Limica*.

Sabe-se, pois, com exactidão que as ruinas que se alastram em grande extensão ao sul do nascente do nosso rio pertencem á Limia.

Chamar a Ponte do Lima *Forum Limicorum* é de ignorancia passmota, que nem os *Estrangeiros no Lima*, I, 114 e 119, ousam sustentar, fugindo pela tangente de fazer distinção entre *civitas* e *forum Limicorum*.

O proprio bispo Idacio (390-470), no seu curioso *Chronicon*, nos assevera ser limico. Vid. a *España Sagrada*, de Henrique Florez, IV, 347.

E se ainda os monumentos existentes no mesmo local e o testemunho de um escriptor antigo, insuspeito e d'alli natural, vos não bastem, lêde um curioso artigo do nosso collega hespanhol D. Aureliano Fernandez Guerra y Orbe, na *Revista Archeologica*, publicada em Lisboa em 1888, II, 96-98, onde trata da inscrição da ponte de Chaves.

III

Entre as antigas moedas da Hispania ha uma que nos merece particular interesse; apresentou-a pela primeira vez Henrique Florez, na sua *Collecção de moedas peninsulares*, na tabella 67, e ultimamente vem, transcripta no tomo I, 45, do magnifico *Tratado de numismatica* de D. Antonio Delgado, publicado em Madrid em 1871. É de cobre, com 0^m.027 de diametro ou módulo; na face tem uma cabeça de homem, voltada á direita, com a legenda:

T. MANLIVS. T. F. SERGIA

e no reverso um navio, e debaixo um peixe, e em volta a palavra

BRVTOBRICA

Decididamente que é este o nome da cidade que cunhou a medalha; e que foi povoação de navegantes e pescadores no-lo denunciam o barco e o peixe, symbolos favoritos dos moedeiros celtibericos do meio-dia e occidente da Hispania.

Dois illustres archeologos, Delgado, acima referido, e o Dr. Emilio Hübner, collocam aquella Brutobrica em Portugal, determinando-lhe

o sabio professor allemão a situação entre Thomar e Abrantes, na foz do rio Zezere, sobre o Tejo. Vid. *Arch. Port.*, III, 164.

Nesta mesma carta que o exímio philologo berlínês escreveu, em 11 de Março de 1897, ao nosso amigo Dr. J. Leite de Vasconcellos, director d'este jornal, confessa que o nome de Brutobrica deriva de Decio Junio Bruto Callaico.

Ora se o nosso Lima foi o termo da expedição de Bruto, cujos soldados, passando o Lethes, se estabeleceram aqui, esquecendo a sua antiga patria, e se o capitão romano, por sua vez, se appellidou *Callaico*, é no valle do Lima, é na Gallecia, á beira-mar ou nas suas proximidades, que devemos buscar a alludida cidade.

Certamente que Brutobriga deve a sua fundação a Junio, que a edificou nesta província, ou então impoz o seu nome á cidade indígena mais importante d'estes sitios, sem que esta perdesse a sua feição typica.

Os attributos das moedas brutobrigenses provam que a cidade era marítima.

Alguns antiquarios pretendem, sem fundamento solido, e apenas pelas distancias millarias do *Itinerario*, dispor *Araducca* na embocadura do nosso Lima.

A Vianna del Bollo, sobre o rio Bibey, na Galliza, corresponde a cidade de *Volobriga*.

IV

Costuma-se hoje em dia chamar á extinta povoação do monte de Santa Luzia, em Vianna, —BRITONIA—, e num relatorio, documento oficial, acha-se a seguinte estranha menção: RUINAS PREHISTORICAS DA BRITONIA.

Para a archeologia é uma novidade que a Britonia seja uma povoação anterior aos tempos historicos!

Sempre cuido, pelos documentos ecclesiasticos da idade média, que Britonia fosse uma cidade episcopal que o bispo de Tuy, o chronicista Fr. Prudencio de Sandoval, e todos os escriptores hespanhoes, antigos e modernos, identificam, a 10 kilometros de Mondonhedo, com Santa Maria de Bretonha, proximo das fontes onde nasce o rio Minho.

A existencia de Britonia é-nos revelada simplezmente pelos escriptos dos cartorios; não conhecemos lapide nem moeda que se lhe refira.

Historiemos agora:

No anno de 870 veiu Saborico I, Bispo de Dume, junto a Braga,

fugindo aos musulmanos, e estabeleceu a sua residencia a duas leguas de S. Martinho de Mondonhedo, persistindo a Sé dumiene neste sitio até 1112, em que a rainha D. Urraca a passou para Villa Mayor, primitiva denominação de Mondonhedo, que distava 3:000 metros do sitio actual. Chamou-se a esta igreja *dumiense*, *valibriense* e *mindoniense*; sendo conseqüentemente o bispado de Mondonhedo a continuaçāo do de Dume, nos arredores da cidade bracarense.

Seriam Brutobriga e Britonia uma e a mesma cidade?

Cremos que não.

É certo que são duas cidades distintas: Britonia nunca se escreveu Brutonia, ficando aquella no país dos Brittones, na alta Galliza, em Mondonhedo, sendo irrisorios os argumentos adduzidos pelos nossos chronistas e chorographos para avocarem para as margens do Lima aquella cidade episcopal gallega.

As ruinas até hoje exploradas no nosso districto de Vianna patenteiam simples estações indigenas, de somenos importancia, não podendo com elles identificar-se a Brutobriga, a não querermos suppô-la, como é meu parecer, uma povoação que se subtraiu á influencia romana, e da qual apenas recebeu o nome, que passou á historia; porque neste caso apontaremos as extensas ruinas de Santa Luzia como a principal póvoa da costa maritima entre Lima e Minho, e nas condições de convirem e serem indicadas como restos da antiga cidade de Decio Junio.

Em parte alguma convém tanto situar Brutobriga como na margem direita do Lethes, esse celebrado rio, cujas aguas vadeadas fizeram esquecer aos soldados romanos a sua patria. Para que repetir aqui textos e citações?

Identificado o Lethes com o Lima, localizada está a Brutobriga em questão.

V

Ainda hoje uma errada tradição, litteraria, certamente originada nas chronicas ecclesiasticas, pretende collocar:

— *Aramenha*, nas ruinas do monte do Sant'Inho ou Roques, no planalto entre Villa Franca e Villa de Punhe, no concelho de Vianna;

— *Carmona*, *Caramona* ou *Carbona*, nas ruinas do monte detrás do mosteiro benedictino de Santa Maria de Carvoeiro, sobre os limites de Balugães e de Poiares, no ponto onde se reunem os concelhos de Vianna, Barcellos e Ponte do Lima;

— *Norba*, no alto da Nô, Nahor, ou Nôra, no monte da Facha, no concelho de Ponte do Lima, e que merece especial referencia;

- *Cauca* e *Córium* em Coura, no alto Minho; e
 — *Aurea*, na capella de S. Miguel o Anjo, defronte da villa de Ponte do Lima, fazendo-a derivar, bem como Arga, de Aurega.

Nos cimos dos montes de Roques, Carvoeiro e da Nó ha restos de vastos circuitos amuralhados com casas, antigas estações, do tipo da Santa Luzia; taes ruinas aparecem em todas as elevações da ribeira do Lima, na costa do mar, do Neiva ao rio Minho, e até mesmo no centro das serras da Armada, Oural e da Amarela.

L. FIGUEIREDO DA GUERRA.

Estudos sobre Troia de Setubal

8. Ceramica romana

Á valiosa serie de artigos que *O Archeologo Português* tem publicado sobre este assumpto, venho juntar a notícia de uns objectos que, por mero acaso, encontrei na Troia, e hoje fazem parte da minha collecção archeologica.



Fig. 1

O primeiro é o vaso representado na fig. 1, cuja forma lembra a *almotolia* usada nos nossos campos.

- *Cauca* e *Córium* em Coura, no alto Minho; e
 — *Aurea*, na capella de S. Miguel o Anjo, defronte da villa de Ponte do Lima, fazendo-a derivar, bem como Arga, de Aurega.

Nos cimos dos montes de Roques, Carvoeiro e da Nó ha restos de vastos circuitos amuralhados com casas, antigas estações, do tipo da Santa Luzia; taes ruinas aparecem em todas as elevações da ribeira do Lima, na costa do mar, do Neiva ao rio Minho, e até mesmo no centro das serras da Armada, Oural e da Amarela.

L. FIGUEIREDO DA GUERRA.

Estudos sobre Troia de Setubal

8. Ceramica romana

Á valiosa serie de artigos que *O Archeologo Português* tem publicado sobre este assumpto, venho juntar a notícia de uns objectos que, por mero acaso, encontrei na Troia, e hoje fazem parte da minha collecção archeologica.



Fig. 1

O primeiro é o vaso representado na fig. 1, cuja forma lembra a *almotolia* usada nos nossos campos.

É de barro muito grosseiro, de côr vermelha, tendo, na massa, grãos de areia, o que lhe dá apparencia dos barros do periodo neolítico; e accentua mais esta semelhança a irregular espessura das paredes, as quaes parecem ter sido moldadas á mão, e não na roda do oleiro, de que não apresenta o mais leve vestigio.

Tem este vaso 0^m,095 de alto por 0^m,083 de diametro maximo e na bôca 0^m,025.



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

Os vasos que as figs. 2 e 3 representam são de barro vulgar e de côr vermelha escura. O da fig. 2 tinha sobre a bôca a valva superior de uma vieira *pecten maximus*; mas como os vasos estavam cobertos e cheios de areia, o que prova, a meu ver, que as ágoas do mar revolveram e confundiram tudo naquelle ponto, pôde — o que eu creio — ter sido accidental a adaptação da vieira á bôca do vaso.

Como não encontrei no sítio mais conchas, por isso tomei nota d'aquella particularidade.

Um pouco adeante, tambem envolvidos na areia, encontrei dois vasos de barro branco muito fino.

Como são perfeitamente iguaes, desenhei um só (fig. 4).

Junto a estes vasos estava um objecto de barro, tambem branco, mas muito mais grosseiro. É massiço e de forma cylindrica (fig. 5.)



Fig. 5

Por ultimo encontrei a lucerna com ornatos no disco (fig. 6). É de barro branco, e apresenta em varios pontos vestigio de que fôra revestida de uma tenue camada de barro diluido, e ligeiramente vermelho.

Tem 0^m,103 de comprimento, 0^m,076 de largura e 0^m,025 de altura. O orificio exterior mede 0^m,009, e o do centro 0^m,007.



Fig. 6

Eis os objectos que encontrei. Se bem que pouco valiosos, porque nada esclarecem do passado, são, contudo, interessantes, como interessante é tudo o que se relaciona com a mysteriosa *Troia*.

Setubal, Quinta da Lage.

ARRONCHES JUNQUEIRO.

Numismatic colonial

Estudo a proposito de moedas de prata indo-portuguesas com as datas oblitteradas

Temos visto, especialmente no reinado de D. João V, varios exemplares com os cunhos parcialmente esmagados, por effeito de pesos que os opprimiram nos logares em que foram perdidos. Semelhante estrago não deve attribuir-se a outra causa.

Alguns numismatas tem regeitado moedas nestas circumstancias, banindo-as como fazenda avariada que não tem arrumação em luxuosos mostradores, e assim vão perdendo raridades apreciaveis, que outros, mais praticos e menos exigentes, aproveitam, rindo-se da ingenuidade fidalga. Uma rupia, hoje nossa, correu de mão em mão, tida por inutil perante os desdenhosos, só porque o cerceio eliminara a parte inferior de cada um dos algarismos do anno de 1726. Nós tivemos occasião de pôr termo áquelle gyro infeliz, arrecadando a joia rara. Outra rupia igual, sem vestigios de data, oblitterada por esmagamento (veja-se o n.^o 250 do catalogo de Shulman, leilão de 5 de outubro de 1896) foi adjudicada á Universidade de Leyde por 27,70 florins, ou 12\$952 réis em moeda portuguesa ao cambio da epocha. O estrangeiro, apreciador entendido, foi cobrindo os lanços dos numismatas portugueses, entre os quaes nós fomos representados por alguem.

Nenhum numisma indiano se deve desprezar desde que seja reconhecivel. O tempo e o uso sempre macularam antiguidades de toda a especie. Não queremos porém dizer que se arrecadem moedas safadas, ou chapas, descidas á classe de anepigraphas.

Desde que um exemplar seja authentico, verificado o reinado a que pertence, evidenciada a especie e outros attributos, não deve condenar-se ás urtigas, por não possuir a respectiva data, ou porque enfermou envelhecidio nos vaivens da sua missão. Estampas de catalogos estrangeiros contém desenhos de moedas gastas, furadas, cerceadas, mas que não perdem cotação nos leilões, mesmo fóra da classe das raras. O colleccionador não poderia rodear-se de *flores de cunho* e de bellas conservações, dado que lhe fosse facil reunir os materiaes de todos os museus numismaticos para formar um só museu. Não é possivel arregimentar soldados de igual estatura, nem pautar as cidades com edificios de identica architectura e grandeza. A numismatica não é um luxo de metaes sem mácula. O estrago torna-se ás vezes, por assim dizer, util, quando concorre para provar authenticidade. A historia, a chronologia, a geographia, a ethnographia, e outras sciencias

que a numismatica elucida, não prescrevem ao numisma encantos de formosura por condição indispensavel á estima. Convém apurar as raças, mas não se deve excitar a paixão do apuro até o desdem, se as enfermidades da velhice reduziram á condição de mumia exhumada aquelle numisma que não merecer a quietação da morte em leito de valla commun. A archeologia arrecada religiosamente o acicate oxydado, a lança de silex partida; a numismatico, sua dilecta filha, não deve arremessar no monturo a alcova do ferro-velho, só porque as fibras tem dilaceradas, ou não conserva atilhos.

Deve registar-se que as moedas indo-portuguesas não formam sequencias de bellas conservações no circulo dos collecionadores; que a imperfeição das cunhagens sempre dava o primeiro passo no caminho do estrago, desde a percussão do martello a ferir conforme calhava em bordoada de cego; que as flores de cunho propriamente ditas se limitam aos raros ensaios monetarios do tempo de D. Maria II e a diversos valores fabricados em Bombay no reinado de D. Luiz I, os quaes varios curiosos arrecadaram na epocha da emissão.

Para achar a verdade numa data que offereça dúvida, obliterada parcial ou totalmente, nós seguimos o methodo comparativo com o auxilio de conhecimentos adquiridos no estudo de collecções alheias. Os pseudo-retratos dos monarcas portugueses impressos nas moedas indianas, variados em todos os annos, se o estudioso os conhece, accusam as datas que tiveram, e assim na classificação de um medalheiro, chronologicamente seguida, não fica logar vago para hospede anonymo. Quanto á numismatica romana tambem se decifram legendas, corroidas pelos seculos, reconhecendo-se os bustos dos Imperadores, inconfundiveis. Existe um parentesco notavel entre os dois principios na busca de uma incognita. Aconselhamos e seguimos o methodo comparativo, o de melhor confiança na prática, certificando que outro não lográmos encontrar no vasto caminho de investigações numismaticas, que temos percorrido infatigavelmente.

Se o collecionador novato pensar que na moeda, após a cunhagem, foi destruido o millesimo premeditadamente, visado um fim qualquer, pouco digno, filho de circumstancias que concorreram na escolha, na contagem ou não emissão, afirmamos que elle se illude. O numisma, sempre mal obsequiado pelo martello, entrava na circulação com a respectiva data, que o gravador gentio muito raramente dispensava, desde o tempo de D. João IV, embora o povo, na maior parte analphabeto, não procurasse conhecê-la, porque da moeda apenas apreciava o bom titulo do metal. Era motivo secundario o typo, cuja maior ou menor imperfeição deixava de prender as attenções geraes. Elle era

a garantia, a marca official, a authenticidade perante o publico, por tanto não convinha destrui-lo. Os crimes de lesa-numismatica eram: a falsificação, limitada a certas epochas quasi exclusivamente nas moedas de cobre, fundidas ou cunhadas fóra da colonia portuguesa, e o cerceio, frequentissimo em todos os reinados.

Ainda quanto ao fabrico é forçoso confessar que houve irregularidades nas officinas de Goa e Diu; algumas se tornaram célebres. Por muito favor não vemos hoje moedas batidas com dois anversos ou dois reversos identicos. Os cunhos de alguns annos trabalharam nos annos immediatos. Os pesos não corresponderam á letra das estivas. Em certos annos, quando um reverso quebrava, escolhia-se no depósito qualquer outro, mais antigo, e o fabrico não cessava. Era uma questão de economia, e por ella na Casa da Moeda de Goa se emendaram datas, quanto ao algarismo da unidade, porém nunca se apagaram.

Ha quarenta annos andados o indio vivia na ignorancia de leis monetarias e de typos do numisma antigo. Hoje sucede o mesmo phenomeno oriental relativamente a homens illustrados; ainda em 1898 nós tivemos occasião de o conhecer. O Dr. Sacarama Sinay Ludo, hindu, visitando o museu da Sociedade de Geographia de Lisboa, não conheceu as nossas moedas indo-portuguesas, expostas ali durante as festas commemorativas do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo da India.

Antigamente o colleccionador indiano usava de um meio singularmente original na exposição dos seus numismas. Collava-os em cartões e d'estes formava quadros envidraçados que suspendia nas paredes das salas. Neste luxo decorativo existia a verdade no estado em que tinha aparecido. O indio não cuidava de inutilizar legendas ou datas, porque nenhum interesse lhe poderia inspirar tal estrago. Hoje são raros na India os vestigios de tão simples meio de exposições particulares. Aquelles quadros numismaticos foram substituidos por oleografias depois que o numisma antigo embarcou para o occidente.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Moeda de chumbo da republica romana

O Sr. Francisco Gnechi, no n.^o XXIII dos seus suggestivos e importantes *Appunti di numismatica romana*, Milano 1892, trata de várias moedas de chumbo romanas, que elle, por várias razões, considera como falsas, embora pertencentes ás epochas a que se referem.

a garantia, a marca official, a authenticidade perante o publico, por tanto não convinha destrui-lo. Os crimes de lesa-numismatica eram: a falsificação, limitada a certas epochas quasi exclusivamente nas moedas de cobre, fundidas ou cunhadas fóra da colonia portuguesa, e o cerceio, frequentissimo em todos os reinados.

Ainda quanto ao fabrico é forçoso confessar que houve irregularidades nas officinas de Goa e Diu; algumas se tornaram célebres. Por muito favor não vemos hoje moedas batidas com dois anversos ou dois reversos identicos. Os cunhos de alguns annos trabalharam nos annos immediatos. Os pesos não corresponderam á letra das estivas. Em certos annos, quando um reverso quebrava, escolhia-se no depósito qualquer outro, mais antigo, e o fabrico não cessava. Era uma questão de economia, e por ella na Casa da Moeda de Goa se emendaram datas, quanto ao algarismo da unidade, porém nunca se apagaram.

Ha quarenta annos andados o indio vivia na ignorancia de leis monetarias e de typos do numisma antigo. Hoje sucede o mesmo phenomeno oriental relativamente a homens illustrados; ainda em 1898 nós tivemos occasião de o conhecer. O Dr. Sacarama Sinay Ludo, hindu, visitando o museu da Sociedade de Geographia de Lisboa, não conheceu as nossas moedas indo-portuguesas, expostas ali durante as festas commemorativas do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo da India.

Antigamente o collecionador indiano usava de um meio singularmente original na exposição dos seus numismas. Collava-os em cartões e d'estes formava quadros envidraçados que suspendia nas paredes das salas. Neste luxo decorativo existia a verdade no estado em que tinha aparecido. O indio não cuidava de inutilizar legendas ou datas, porque nenhum interesse lhe poderia inspirar tal estrago. Hoje são raros na India os vestigios de tão simples meio de exposições particulares. Aquelles quadros numismaticos foram substituidos por oleografias depois que o numisma antigo embarcou para o occidente.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Moeda de chumbo da republica romana

O Sr. Francisco Gnechi, no n.^o XXIII dos seus suggestivos e importantes *Appunti di numismatica romana*, Milano 1892, trata de várias moedas de chumbo romanas, que elle, por várias razões, considera como falsas, embora pertencentes ás epochas a que se referem.

Em 1895, por occasião de proceder a uma excavação archeologica no castro lusitano ou «Castello» de Dornes¹, encontrei a seguinte moeda de chumbo, que sem dúvida se relaciona com as muitas de que falla o Sr. Gnechi. Eis uma estampa:



Anverso: Cabeça da deusa Roma, voltada para a direita, com capacete alado; na nuca M pontuado nas extremidades.

Reverso: Victoria numa biga, a galope, à direita. No campo, deante da cabeça da deusa, III. No exergo, em duas linhas, D·SILANVS—ROMA.

De Decimo Junio Silano, que foi monetario por 89 A. C.

Cfr. Babelon, *Monnaies de la republique romaine*, II, 108, n.^o 16.

É possível que muitas moedas d'este genero tenham apparecido em Portugal; mas não sei de mais nenhuma.

J. L. DE V.

Bibliographia

REVISTA DE GUIMARÃES, XVI, n.^o 1.— *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, por F. Martins Sarmento (notícias archeologicas de S. Salvador do Souto, Santa Maria do Souto, Gondomar e Garfe; com um appendice á cerca da critica publicada por mim n-O Arch. Port., IV, 233—240, assunto em que não insisto por Martins Sarmento ter falecido); *Couto de Ronfe*, por Oliveira Guimarães; *Tradições populares*, por João de Vasconcellos (costumes funerarios: cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal*, nos respectivos §§).—N.^o 2. *Capella e morgado de Guilhomil*, por José Machado; *Caldas de Vizella*,

¹ Ao meu amigo, o Sr. José Maria Pereira, de Dornes, devo o conhecimento da existencia d'este castro, e de outras estações archeologicas na região do Zêzere, por onde andei, e onde obtive varios objectos que vieram para o Museu Ethnologico. Receba mais uma vez o Sr. José Maria Pereira o meu sincero agradecimento pelo bem como me tratou, e pelo serviço que prestou á archeologia.— Nesta excursão acompanhou-me o Sr. Maximiano Apolinario, adjunto do Museu.

Em 1895, por occasião de proceder a uma excavação archeologica no castro lusitano ou «Castello» de Dornes¹, encontrei a seguinte moeda de chumbo, que sem dúvida se relaciona com as muitas de que falla o Sr. Gnechi. Eis uma estampa:



Anverso: Cabeça da deusa Roma, voltada para a direita, com capacete alado; na nuca M pontuado nas extremidades.

Reverso: Victoria numa biga, a galope, à direita. No campo, deante da cabeça da deusa, III. No exergo, em duas linhas, D·SILANVS—ROMA.

De Decimo Junio Silano, que foi monetario por 89 A. C.

Cfr. Babelon, *Monnaies de la republique romaine*, II, 108, n.^o 16.

É possível que muitas moedas d'este genero tenham apparecido em Portugal; mas não sei de mais nenhuma.

J. L. DE V.

Bibliographia

REVISTA DE GUIMARÃES, XVI, n.^o 1.— *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, por F. Martins Sarmento (notícias archeologicas de S. Salvador do Souto, Santa Maria do Souto, Gondomar e Garfe; com um appendice á cerca da critica publicada por mim n-O Arch. Port., IV, 233—240, assunto em que não insisto por Martins Sarmento ter falecido); *Couto de Ronfe*, por Oliveira Guimarães; *Tradições populares*, por João de Vasconcellos (costumes funerarios: cfr. as minhas *Tradições populares de Portugal*, nos respectivos §§).—N.^o 2. *Capella e morgado de Guilhomil*, por José Machado; *Caldas de Vizella*,

¹ Ao meu amigo, o Sr. José Maria Pereira, de Dornes, devo o conhecimento da existencia d'este castro, e de outras estações archeologicas na região do Zêzere, por onde andei, e onde obtive varios objectos que vieram para o Museu Ethnologico. Receba mais uma vez o Sr. José Maria Pereira o meu sincero agradecimento pelo bem como me tratou, e pelo serviço que prestou á archeologia.— Nesta excursão acompanhou-me o Sr. Maximiano Apolinario, adjunto do Museu.

por Oliveira Guimarães; *Catalogo das moedas romanas, celtibericas e visigodas*, por Albano Bellino.

*

O DOLMEN DA BARROSA, notícia abreviada d'este monumento pelo general Mesquita Carvalho, Porto, Magalhães & Moniz, 1898, 130 pag., in-8.^º, com uma estampa do monumento na capa, e uma planta e córtes no fim. Preço 500 réis.

Illude-se o leitor, se espera encontrar neste livro alguma notícia archeologica de certa importancia. O auctor é espirito cultivado, e escreve com facilidade e elegancia; mas, em relação ao monumento que serviu de pretexto para o seu trabalho, limitou-se a dar d'elle uma estampa, a tomar umas medidas, e a fazer uns esboços (o mais que ahi incluiu são meras divagações). Desconhece (pag. 98) que existem muitos monumentos d'este genero no Minho, e nem mesmo cita o que sobre o dolmen da Barrosa em especial se tem já escrito. Á cerca da explicação (pag. 100) que dá da remoção das lages que constituem os dolmens feitos pelos homens prehistoricicos confirma o que eu tambem disse nas *Religiões da Lusitania*, I, 274.

J. L. DE V.

O Castro do Lombeiro de Maquieiros em Gondesende (Bragança)

Na margem direita do Rio Vasseiro e termo de Gondesende, a poente e distante d'esta povoação da margem esquerda do mesmo rio 2 kilometros e de Bragança 14, proximamente, encontrei a inscrição A numa fraga a que chamam «molar», que está quasi toda soterrada pelo terreno da encosta, ficando apenas a descoberto a parte que a contém, que me parece completa e considero exacta, pois tirei várias provas d'ella, sendo todas conformes. A 0^m,1 á esquerda dos caracteres, e correspondente á 2.^a linha vê-se um pequeno buraco de 0^m,04 de diâmetro e 0^m,3 de profundidade. Por baixo da fraga informaram-me ter-se visto noutro tempo uma grande cavidade que suppunham ter sido feita por individuos que tivessem vindo ali á procura de thesouros. Inferiormente e quasi contigua a ella está outra fraga de côr negra e de natureza mais rija, que parece pela sua collocação ter alguma relação com esta. A sua situação vae indicada no esbôco B que tirei á vista d'esta posição, e pelo qual se pode fazer uma ideia bastante approxi-

por Oliveira Guimarães; *Catalogo das moedas romanas, celtibericas e visigodas*, por Albano Bellino.

*

O DOLMEN DA BARROSA, notícia abreviada d'este monumento pelo general Mesquita Carvalho, Porto, Magalhães & Moniz, 1898, 130 pag., in-8.^º, com uma estampa do monumento na capa, e uma planta e córtes no fim. Preço 500 réis.

Illude-se o leitor, se espera encontrar neste livro alguma notícia archeologica de certa importancia. O auctor é espirito cultivado, e escreve com facilidade e elegancia; mas, em relação ao monumento que serviu de pretexto para o seu trabalho, limitou-se a dar d'elle uma estampa, a tomar umas medidas, e a fazer uns esboços (o mais que ahi incluiu são meras divagações). Desconhece (pag. 98) que existem muitos monumentos d'este genero no Minho, e nem mesmo cita o que sobre o dolmen da Barrosa em especial se tem já escrito. Á cerca da explicação (pag. 100) que dá da remoção das lages que constituem os dolmens feitos pelos homens prehistoricicos confirma o que eu tambem disse nas *Religiões da Lusitania*, I, 274.

J. L. DE V.

O Castro do Lombeiro de Maquieiros em Gondesende (Bragança)

Na margem direita do Rio Vasseiro e termo de Gondesende, a poente e distante d'esta povoação da margem esquerda do mesmo rio 2 kilometros e de Bragança 14, proximamente, encontrei a inscrição A numa fraga a que chamam «molar», que está quasi toda soterrada pelo terreno da encosta, ficando apenas a descoberto a parte que a contém, que me parece completa e considero exacta, pois tirei várias provas d'ella, sendo todas conformes. A 0^m,1 á esquerda dos caracteres, e correspondente á 2.^a linha vê-se um pequeno buraco de 0^m,04 de diâmetro e 0^m,3 de profundidade. Por baixo da fraga informaram-me ter-se visto noutro tempo uma grande cavidade que suppunham ter sido feita por individuos que tivessem vindo ali á procura de thesouros. Inferiormente e quasi contigua a ella está outra fraga de côr negra e de natureza mais rija, que parece pela sua collocação ter alguma relação com esta. A sua situação vae indicada no esbôco B que tirei á vista d'esta posição, e pelo qual se pode fazer uma ideia bastante approxi-

mada da sua fórmā, configuração e natureza das suas encostas, que a não ser pelo poente, para onde se continua formando o terreno pequenos ondulações, pelos outros lados são de tal modo ingremes que torna difficillimo o seu accesso, principalmente a do lado do sul, que é formada por um rochedo enorme cortado a pique. E por isso raras vezes são cultivadas por ser custoso o seu fabrico, razão porque o mato de carvalho e de esteva toma taes proporções, que mal se pode penetrar nelle e fazer a sua exploração.

No alto d'esta posição encontrei um formoso castro, cuja configuração se vê tambem do esbôço, formado por muralhas de pedra sólta, apresentando na parte do poente uma elevação circular que ora me pareceu ser uma pequena torre desmoronada, ora se me afigurou, pela sua fórmā, que fosse alguma mamôa ou modorra. Em volta das muralhas, cujas ordens de andares não pude bem precisar, por o meu reconhecimento ser feito muito á pressa, vêm-se ainda, em partes, vestigios de fosso.

Existindo até hoje numa obscuridade absoluta, sem ter ninguem que fallasse da sua inscripção, das suas muralhas, das suas fragas e dos outros vestigios que nelle se encontram á superficie do solo, taes como pedaços de granito trabalhado, que calculo haverem pertencido a mós manuarias, e fragmentos pequenissimos de louça grosseira, o nosso Castro não era conhecido pelas povoações circumvizinhas senão pelo nome de «Lombeiro de Maquieiros». Muito longe se estava de se suppor que elle era, a avaliar pelas suas inscripções (pois dizem-nos que alem d'esta ainda lá existe outra muito semelhante que não fomos capaz de encontrar) uma estação archaica da mais alta importancia e digna de ser estudada e venerada, como um marco que assignala a passagem de uma civilização e como um fragmento da immensa historia da humanidade, no periodo em que ella é mais interessante e curiosa, por nos dizer do homem e da sociedade quasi na sua infancia.

Assim, sobre esta inscripção, o nosso amigo J. Leite de Vasconcellos, a quem pedimos o obsequio de a decifrar, disse-nos: — *«hoc opus, hic labor est!»* Aquillo não serão letras das nossas, mas o que eu nas *Religiões da Lusitania* chamo insculpturas pre-historicas: lá, a pag. 350—390 do vol. I, estudo este assunto, dando desenho de muitas, — algumas analogas á sua, — e mostrando a relação de várias d'ellas com os castros.

O conhecimento da epocha a que o castro pertence é ainda, por outro motivo, de uma importancia capital por poder lançar immensa luz sobre o estudo da archeologia d'esta região, dando-lhe orientação e permittindo a classificação dos diversos castros que por aqui se encon-

tram, que até hoje mal se conjecturava o que fossem, considerando-os alguns, á falta de melhor fundamento, de «touraes dos mouros» ou de «atalayas»! Mas, se o confrontarmos agora com os castros da Sapeira, em Babe, com o de Samil, aonde a pouco mais de 100 metros a sul se vê uma fraga com a «pègada da Senhora», e proximo da vertente occidental outra chamada da «*Salvage*», com o de Fromil ou «*Toural dos mouros*», com o de Ouzilhão¹ ou a «*Muradelha*», e com varios outros, somos levados a crer que elles são todos do mesmo tempo.

Isto se induz, álem de outros indicios, da semelhança da sua posição, natureza e fórmā da sua construcçāo, e grandeza e amplitude do seu recinto. De modo que, parece-me, sem commetter grande erro, podemos assentar em classificar os castros d'estes sitios em «prehistoricos ou do typo do de Maquieiros», e em «luso-romanos ou romanos ou do typo do de Sacoias». Áquelles pertencem os já mencionados, e a estes, entre outros, o de S. Pedro Velho em Babe, Torre Velha (Castro de Avellās), Lombeiro Branco (Meixedo), Devesa (Villa Nova) e o Sagrado de Donae.

*

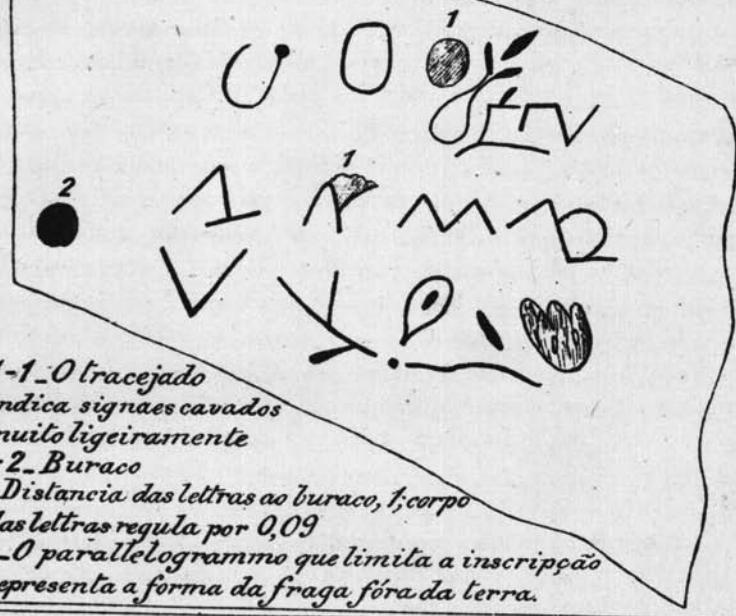
O que é facto é que se sente o que quer que seja que nos impressiona sobre modo ao andar por cima da muralha do nosso castro; ao observar o horizonte que d'elle se descortina, que ainda é bastante vasto para o nascente; ao reparar nos seus enormes fraguedos, alguns dos quaes nos parecem estarem ali postos pela mão do homem, e no escarpado das suas encostas, que dão a esta posição o aspecto de precipicio; e particularmente ao ver essa inscripçāo ou antes esses caracteres ainda desconhecidos e indecifrados que contém o segredo, a historia dos que o habitaram, e de que lhes traduzem, talvez, um dos seus sentimentos mais elevados—o da sua crença ou da sua religião. Então como que vemos surgir por entre aquelles matos e rochedos, por entre aquelles arbustos, seres humanos, caracterizados por uma feição primitiva, que aproveitavam os abrigos naturaes para sua guarida e defesa, parecendo estarem a contemplar-nos com um olhar mysterioso, vago e incerto, e a articular uma lingoagem que não comprehendemos, nós, por ventura, os seus descendentes!

Bragança, Janeiro de 1899.

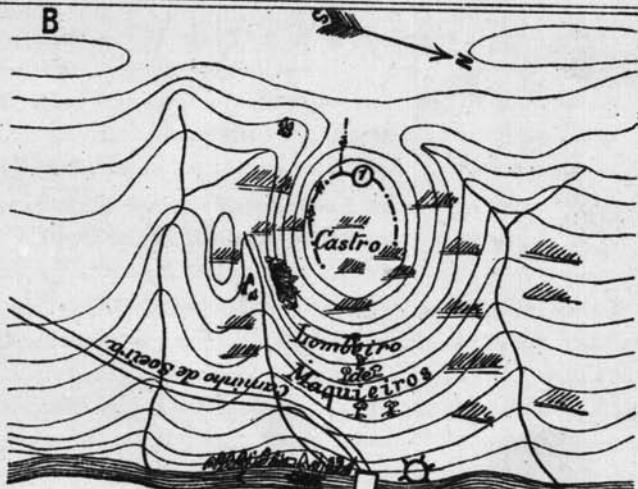
ALBINO PEREIRA LOPO.

¹ Em Ouzilhão, álem d'este castro, existe outro que ainda não tive occasião de o ir ver, mas que, a julgar pelas informações que tenho e pelas moedas nelle encontradas, é romano.

A Copia da inscrição do Castro de Maquieiros



B



Muralhas	Arvores
1. Torre ou Marnôa	■ - Matto
2. Fraga com a inscripção	★ - Moinho
Fraguedos	E 1/10.000

P.^o José Augusto Tavares

A proposito da offerta de um objecto archeologico para o Museu Municipal de Bragança, lê-se numa folha d'aquellea cidade o seguinte, que gostosamente aqui transcrevo:

«Padre José Augusto Tavares Teixeira, rev.^{do} abbade de Maçôres, um dos espiritos illustrados e esclarecidos da actual geração trasmontana, que tem dedicado a sua actividade intellectual ao estudo das antiguidades d'esta provincia, tanto da linguistica como de tudo o que pôde concorrer para o conhecimento do seu passado. Sacerdote exemplarissimo, ao mesmo tempo que exerce a evangelica missão da direcção espiritual dos seus parochianos, vae, como espirito sagaz, observador, colhendo entre elles e nos seus habitos, usos e costumes, todas as joias archaicas perdidas que hão de um dia servir para formar um thesouro de subido valor para a historia d'esta regiao.

Como homem culto foi um dos primeiros, que lá de uma escondida aldeia, levantou a voz e saudou com a sua penha fluente a fundação do Museu Municipal de Bragança, e para o qual tem offerecido, por diversas vezes, varios objectos».

(Da *Gazeta de Bragança*, de 22 de outubro de 1899).

Faço com tanto maior prazer a transcrição, quanto é certo, que ao desvelado amor que o meu amigo o Rev.^{do} P.^o Tavares vota á sciencia deve tambem o Museu Ethnologico Português a posse de importantes donativos archeologicos.

J. L. DE V.

Monnaie de Baesuris, ville de Lusitanie

Bien que le nom de la ville lusitanienne Besuris fût connu par un passage du géographe anonyme de Ravenne¹, on s'était habitué à lui préférer la forme Esuris donnée par la plupart des manuscrits de l'*Itinéraire d'Antonin*².

¹ *Ravennatis anonymi Cosmographia et Guidonis Geographica*, ed. Pinder et Parthey, 1860, m, 43, p. 305.

² Fortia d'Urban, *Recueil des itinéraires anciens*, 1845, cxv, p. 128, cxviii, p. 130. *Itinerarium Antonini Augusti*, ed. Parthey et Pinder, 1848, p. 204, 205.

Cette préférence semblait justifiée par le fait que, sur une monnaie défectueuse de moyen-bronze conservée au médailler de Madrid, Heiss¹ et Zobel² croyaient lire ESVRI et que, sur un autre exemplaire recueilli par feu Estacio da Veiga, cet antiquaire avait déchiffré ÆSVRI, leçon adoptée, d'après sa copie, par Delgado³ et par Hübner⁴. Or dès 1883, sur une empreinte de ce même exemplaire communiquée à la Société des Antiquaires de France, les membres présents y ont aisément reconnu toutes les lettres du mot BÆSVRI. Ce résultat intéressant pour la numismatique et pour la topographie lusitanienes fut signalé en son temps⁵, mais ne paraît pas être sorti du cercle des publications spéciales françaises; le directeur de l'*Archeologo português* a donc voulu qu'il fût porté d'une façon plus directe à la connaissance des savants de son pays, et c'est ce qui me vaut l'honneur d'être aujourd'hui son collaborateur.

Je commence par la description des deux seuls exemplaires de la monnaie de Baesuris connus jusqu'à présent.



BÆSVRI, en légende rectiligne au milieu du champ, hauteur des lettres, 4 millimètres; ligature de AE. Au dessus et au dessous, un épis couché, le sommet à droite. Cordon de grénetis.

Br. — M · N · N · ET | CON en deux lignes au milieu du champ; hauteur des lettres, 2 $\frac{1}{2}$ millimètres; ligatures de ANT (deux fois) et

¹ Aloiss Heiss, *Description générale des monnaies antiques de l'Espagne*, 1870, p. 414, fl. LXIII.

² Zobel de Zangroniz, *Estudio histórico de la moneda antigua española*, II, 1880, p. 18.

³ Antonio Delgado, *Nuevo método de clasificación de las medallas autonomas de España*, II, 1871, p. 30, pl. XXIV.

⁴ Aemilius Hübner, *Corp. inscr. lat.*, II, Suppl. 1892, p. 785. *Monumenta linguae ibericae*, 1893, p. 134.

⁵ *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1883, p. 101, 102, figure, 174; 1884, p. 139, 140. *Bulletin épigraphique de la Gaule*, III, 1883, p. 152, 153; IV, 1884, p. 93. *Revue numismatique*, 1883, p. 114; 1884, p. 383, figure.

de NL. Au dessus, un poisson (thon?) nageant à droite. Grénetis. Bronze; diamètre, 24 millimètres. Conservation passable. De l'ancienne collection Estacio da Veiga; on ignore ce qu'il est devenu; il n'en est même point fait mention dans le catalogue qu'il avait dressé des monnaies hispaniques recueillies par lui; heureusement un fac-similé en a été publié dans le *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1883, p. 101 et dans la *Revue numismatique*, 1884, p. 383.

L'exemplaire du Cabinet de Madrid paraît être une variété du précédent à cause de quelques différences de détail qui s'opposent à l'identité des coins; le module est de 27 millimètres, et le poisson y est figuré nageant à gauche. L'état de conservation est très médiocre: au droit, on n'aperçoit aucune trace de B ni de A, en sorte que la légende se réduit à ESVRI; au revers, la deuxième ligne ne laisse plus voir que deux lettres presque oblitérées, ON. Cette pièce se trouve gravée dans l'ouvrage de Heiss, pl. LXIII, et dans celui de Delgado, tome II, pl. XXIV.

La légende du droit lève définitivement toute incertitude sur la forme *Baesuris* et confirme sur ce point l'exactitude du renseignement fourni par le Ravennate dans son énumération de vingt cinq villes lusitanianennes¹:

Item super fretum Septem sunt civitates, id est Bersippon (lisez, Baesippon), Merifabion (Itin. Anton. Mercabio), Caditana (lisez, Gaditana), Portum, Asta, Serpa, Pace Iulia, Mirtilin, Besurin, Balsa, etc.

¹ IV, 43 (éd. Parthey-Pinder, p. 305). Dans maint autre passage, le *fretum Septem* est appelé tout au long *Septemgadinatum*; cf. ibidem, I, 3, 17; III, 11, 12; IV, 41, 46; V, 4, 16, 33. Il s'agit du détroit de Gadès, *fretus qui dicitur Septem... quique Gaditanus vocatur* (Guido, *Geogr.*, 84, p. 516). L'explication de ces noms nous est donnée par Pline, *Nat. Hist.*, IV, 36: *Gadir, ita punica lingua sepem significante*. Il est visible que *sepem* ou son synonyme *septum* au sens de «enceinte, parc» a fini par prendre un faux air de ressemblance avec le nom de nombre *septem* quand l'étymologie du mot punique *Gadir* (gr. Γαδεῖον, lat. Gades) a été oubliée; c'est ce qui a donné naissance au pléonasme *septemgaditanum*. Maintenant si l'on considère que la colonie tyrienne de Gadir s'élevait sur l'emplacement de l'antique Tartessus, résidence du roi Géryon auquel Hercule ravit ses troupeaux de bœufs, on en conclura que son nom signifiant «enclos, parc à bétail» rappelle précisément le souvenir de l'exploit du héros tyrien; et de même que *Septem*, pour *sepem* ou *septum* est la traduction latine du punique *Gadir*, de même il est vraisemblable que Gadir n'est lui-même que la traduction phénicienne du nom ibère Tartessos. Pour l'identité topographique de Tartessos et de Gadir, voir Strabon, III, V, 4 et Pline, IV, 22, 36, 120. Cf. Movers, *Die Phönicier*, II, p. 622, note 89; p. 624; p. 626.

L'*Itinéraire d'Antonin* nomme deux fois *Esuri*; premier passage, éd. Parthey-Pinder, p. 204:

425, 6	Item de Esuri Pace Iulia	mpm CCLXVII (<i>sic</i>)
426, 1	Balsa	mpm XXIII
2	Ossonoba	mpm XVI
3	Aranni	mpm LX
4	Salacia	mpm XXXV
5	Eboram	mpm XLIII
6	Serpa	mpm XIII
427, 1	Fines	mpm XX
2	Arucci	mpm XXV
3	Pace Iulia	mpm XXX.

La préposition *de* pour *ab* est une faute grammaticale introduite dans le texte primitif à une basse époque¹; quant aux erreurs topographiques ce n'est point ici le lieu de les discuter².

Voici le second passage de l'*Itinéraire* (ibid., p. 205):

431, 4	Item ab Esuri per compendium	
5	Pace Iulia	mpm LXXVI
6	Myrtili	mpm XL
7	Pace Iulia	mpm XXXVI.

Or, si au lieu de lire *ab Esuri* avec tous les commentateurs qui m'ont précédé on lit *a Besuri*, en avançant simplement la lettre *b*, on retrouve dans le texte même de l'*Itinéraire*, les éléments nécessaires à la restitution de la forme *Besuri* en conformité avec la leçon donnée par le Ravennate et avec la légende de notre monnaie. Cette correction si naturelle que j'ai indiquée il y a une quinzaine d'années

¹ Pour d'autres exemples de ce genre, voir Max Bonnet, *Le latin de Grégoire de Tours*, 1890, p. 607 et sqq.

² M. Cortez y Lopez, *Diccionario geográfico histórico de la España antigua*, 1835, 1, p. 265. L'auteur pense avec raison que les copistes ont confondu en un seul deux itinéraires différents qu'il propose de rétablir de la manière suivante:

Iter ab Esuri Pace Iulia: Balsa xxiv (Tavira)—Ossonoba xxvi (Faro)—Arani xl (Monchique)—Rarapia xxx (Ourique)—Pace Iulia xxxix (Beja).

Iter ab Esuri Ebora: Serpa lx (Serpa)—Fines xvi (Moura)—Arucci xxiv (Mourao: Arucci nova)—Ebora xxix (Ebora).

enlève le dernier argument à ceux qui tiendraient encore parti pour la forme fautive *Esuri*.

Philologiquement, Baes-uri est comparable, pour le premier membre, à Baes-ippo et à Baes-ucci, l'un, formé comme Coll-ippo, Ir-ippo, Olis-ippo, Or-ippo, Ost-ippo, Vent-ippo, l'autre, comme Ar-ucci, It-ucci; pour le second membre, à Oc-uri. Je trouve cette remarque dans la correspondance de M. Leite de Vasconcellos¹ et je ne saurais mieux la mettre en valeur qu'ici, sur le propre terrain de son auteur. Des rapprochements de ce genre conduiront peut-être à l'étymologie de *Baesuri* quand on saura si c'est un mot composé de deux termes, ou un mot dérivé à l'aide d'un suffixe *ur*.

Je rapporte ici, simplement pour cause de similitude curieuse, le nom d'un peuple lusitanien, les Paesuri mentionnés par Pline, *Nat. Hist.*, IV, xxxv, 21: *a Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, Paesuri, flumen Vacca*. Le même ethnique était gravé sur une inscription d'Alcantara² parmi les municipes lusitaniens qui contribuèrent à la construction du fameux pont jeté sur le Tage sous Trajan, en l'an 105.

Je passe maintenant à l'étude de la légende du revers.

Le premier monogramme N doit certainement être développé en *Ant(onius)*, nom gentilice, comme sur le quinaire d'argent de Marc-Antoine frappé à Lyon³: M · N · IMP, lituus, praefericulum, corbeau. R. Victoire à droite, couronnant un trophée. Quant au deuxième monogramme, N̄, qui ne diffère du précédent que par la surélévation du T, je conclus de cette similitude qu'il représente un cognomen dérivé du gentilice; or il s'en trouve un qui est historiquement connu dans la gens Antonia, c'est le diminutif *"Αντυλλος* attribué par Dion Cassius et par Plutarque au fils que le célèbre triumvir avait eu de Fulvie, sa première femme; seulement je ferai observer que c'était une appellation familière n'ayant rien d'officiel, puisqu'elle ne figure pas sur la monnaie³ frappée en l'honneur de ce jeune homme par ordre de son père avec la légende M · ANTONIVS · M · F · F; ainsi en est-il du surnom *Kαισαριων* donné par les mêmes auteurs à Ptolémée XVI Philométor César, fils de Jules César et de la fameuse Cléopâtre VII. Dans le recueil des inscriptions de l'Espagne on n'en rencontre pas moins de trois dans lesquelles le cognomen Antullus est joint au gen-

¹ *Corp. Insc. Lat.*, II, 760.

² Cohen, *Description des monnaies impériales romaines*, I, 1860 (2^e éd.), p. 46, *figure*.

³ *Ibid.*, p. 58, *figure*.

tilice Antonius, tandis que cette association n'est guère connue que par un seul exemple en dehors de l'Espagne. A Cadiz, c'est-à-dire dans le voisinage même de Baesuris, on a découvert les épitaphes¹ d'un *L. Antonius C. f. Antullus* et d'un *L. Antonius Q. f. Gal(eria tribu), Antullus*, *III vir aed(ilicia) pot(estate)*; à Barcelone, une inscription² mentionne un Aquitain du Comminges pyrénéen, *M. Antonius Antullus, cives Convena*. Ce groupe d'inscriptions a pour effet de faire supposer que les Antonii Antulli d'Espagne avaient pour ancêtre quelque client du triumvir qui avait reçu de lui le droit de cité romaine et qui, par reconnaissance, avait ajouté à son gentilice le surnom populaire de son jeune fils. Le magistrat qui a signé la monnaie de Baesuris, *M(arcus) Ant(onius) Ant(illus)*, devait donc être prochement apparenté à ses homonymes de Gadès et exercer, comme l'un d'eux, les fonctions de quatuorvir dans son municipie.

A la suite des noms de ce personnage viennent les mots ET CONque je crois devoir développer en *et conl(egae)*, au pluriel, plutôt qu'en *et conl(ega)*, au singulier. En effet, s'il n'avait eu qu'un seul collègue, celui-ci aurait eu les mêmes droits à être inscrit nominativement au lieu d'être désigné sous une forme impersonnelle d'autant que la place était plus que suffisante. D'ailleurs l'adage juridique³ *tres faciunt collegium* nous apprend qu'il fallait au moins trois magistrats pour constituer un collège; donc, pluralité de collègues. On comprend alors que le graveur ne disposant pas d'assez de place pour les noms des quatre quatuorvirs se soit résigné à n'inscrire nominativement que leur doyen et à désigner les trois autres en bloc par le mot *conl(egae)*. La formule n'en est pas moins insolite et correspond vraisemblablement à une situation exceptionnelle; contrairement à l'usage, le titre des magistrats n'est pas indiqué ainsi qu'on le voit marqué sur les monnaies municipales ou coloniales, suivant le cas, II VIR (Bibilis, Ercavica, Osca, Saguntum, Tarraco, etc.), III VIR (Carteia), III VIR (Clunia), AED (Carteia, Clunia, Obulco, Saguntum). Pour expliquer cette apparente anomalie, j'ai songé⁴ à une carence de magistratures, devenues vacantes toutes à la fois pendant une période électorale prolongée; on en a un exemple épigraphique remarquable dans le décret édicté par les décurions de la colonie de Pise pour un deuil public, à l'occasion de la mort de L. Caesar, petit-fils d'Auguste, *cum in colonia nostra propter*

¹ *Corp. Insc. Lat.*, II, 1727, 1728.

² *Ibid., Suppl. b.* 149.

³ *Digesta*, 50, 16, 85.

⁴ *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1883, p. 174.

contentiones candidatorum magistratus non essent (Wilmanns, *Exempla inscriptionum*, 883). A défaut de magistrats titulaires, ce sont les décurions qui pourvoient directement aux services de l'édilité et de la frappe des monnaies; mais leur grand nombre empêche qu'ils soient tous mentionnés sur la monnaie: la règle, suivant laquelle la liste complète des quatre quatuorvirs est inscrite sur les moyens-bronzes de Clunia, devient matériellement inapplicable à la totalité des décurions; dans ce cas, le premier d'entre eux, le *princeps municipii*, signe seul nominativement pour son compte, et collectivement pour ses collègues.

Feu Estacio Veiga lisait sur sa pièce¹, *Æsuri—M. Ant(onii) Antei conl(egarum)*, assemblage incompréhensible de mots inexactement déchiffrés ou mal complétés. M. Hübner a essayé d'améliorer cette lecture et de la rendre intelligible en la mettant sur la forme² *Æsuri—M. An(nius Ant(hus) et conl(ega)*; il n'y aurait aucun intérêt à la discuter, car ce serait répéter les arguments que j'ai développés à l'appui de ma lecture *Baesuri—M. Ant(onius) Ant(ullus) et conl(egae)*.

Il ne me reste qu'à dire quelques mots sur les types figurés: le poisson et les épis couchés.

Le poisson est l'emblème naturel d'une ville maritime; quant aux épis, ils symbolisent certainement la fertilité du territoire qui en dépend; nous ne sommes nullement surpris de les rencontrer ici, car la Bétique et la Lusitanie étaient d'une fertilité proverbiale qui explique la justesse du surnom de l'un de leurs principaux centres de production agricole, *Ebura quae Cerialis* (Pline, *Nat. Hist.*, III, 3, 5). Mais sur la monnaie de Baesuris on constate une particularité qui enlève au symbole des épis quelque chose de sa banalité habituelle: ces épis sont *couchés*; dans ce détail qui n'est pas indifférent je reconnais l'intention de figurer la moisson coupée par opposition à la moisson sur pied signifiée par des épis verticaux. Or, dans le sud de la Péninsule la moisson se fait en juin, vers le solstice d'été; ce serait donc pendant les fêtes rurales célébrées à cette occasion que la monnaie de Baesuris aurait été frappée.

Même observation pour celles de Bailo, Baisippo, Itugi, Iulia Traducta, Obulco, et Curri Regina, en Bétique et de Myrtulis en Lusitanie, caractérisées par un épi couché; pour celles d'Acinippo, Callet, Carmo, Ceret, Iipla, Laelia, Lastigi, Onuba, Oster et Searo en Bé-

¹ *Corp. Insc. Lat.*, II, *Suppl.*, p. 785.

² *Monumenta linguae ibericae*, p. 136.

tique et de Salacia et en Bétique, marquées de deux épis couchés, comme celle de Baesuris.

Paris, 21 juin 1899.

ROBERT MOWAT.

P. S. Pendant l'impression du présent article, la *Revue numismatique* a paru, contenant une note¹ que je lui avais communiquée pour rendre compte de la trouvaille monétaire d'Alcacer do Sal, *olim* Salacia, signalée par M. Leite de Vasconcellos. J'ai été amené à mettre en rapport les monnaies de Salacia avec celles de Baesuris et à reproduire quelques-unes des considérations que je viens d'exposer ici.

R. M.

**Sêllo do padre-mestre Gonçalo Origiiis,
dominicano em Santarem**

Este sêllo tem a fórmula quadrilobada produzida pela intersecção de um quadrado com quatro círculos. É circundado por uma legenda oncial gravada entre fios de perolas. Occupa a melhor parte do campo do sêllo o baptismo de Christo ladeado por seraphins; sob um arco trilobado, aos pés d'este grupo, um frade em meio corpo ergue as mãos ao céu.

A maior dimensão do sêllo, isto é, o diametro da circumferencia circumscripta ao seu contorno, mede 0^m,038. Produz grande relevo às figuras, pois a profundidade da gravura tem cerca de 0^m,002.

A legenda nasce no alto, e corre da direita para a esquerda seguindo os accidentes do contorno; os seus extremos são separados por uma +. Lê-se claramente o seguinte:

S·I·MDIGORRIGIEPORCIONARII·SCI:
NICHOLAY·SCAREN+,

Que quer dizer:

*Sigillum magistri domini G. Orrigie porcionarii sancti Nicholay
(=Nicholaij) Sanctaren.*

¹ *Revue numismatique*, III, 1899, pp. 240-246: «Numismatique lusitanienne; Salacia, Baesuris».

P.^o José Augusto Tavares

A proposito da offerta de um objecto archeologico para o Museu Municipal de Bragança, lê-se numa folha d'aquellea cidade o seguinte, que gostosamente aqui transcrevo:

«Padre José Augusto Tavares Teixeira, rev.^{do} abbade de Maçôres, um dos espiritos illustrados e esclarecidos da actual geração trasmontana, que tem dedicado a sua actividade intellectual ao estudo das antiguidades d'esta provincia, tanto da linguistica como de tudo o que pôde concorrer para o conhecimento do seu passado. Sacerdote exemplarissimo, ao mesmo tempo que exerce a evangelica missão da direcção espiritual dos seus parochianos, vae, como espirito sagaz, observador, colhendo entre elles e nos seus habitos, usos e costumes, todas as joias archaicas perdidas que hão de um dia servir para formar um thesouro de subido valor para a historia d'esta regiao.

Como homem culto foi um dos primeiros, que lá de uma escondida aldeia, levantou a voz e saudou com a sua penha fluente a fundação do Museu Municipal de Bragança, e para o qual tem offerecido, por diversas vezes, varios objectos».

(Da *Gazeta de Bragança*, de 22 de outubro de 1899).

Faço com tanto maior prazer a transcrição, quanto é certo, que ao desvelado amor que o meu amigo o Rev.^{do} P.^o Tavares vota á sciencia deve tambem o Museu Ethnologico Português a posse de importantes donativos archeologicos.

J. L. DE V.

Monnaie de Baesuris, ville de Lusitanie

Bien que le nom de la ville lusitanienne Besuris fût connu par un passage du géographe anonyme de Ravenne¹, on s'était habitué à lui préférer la forme Esuris donnée par la plupart des manuscrits de l'*Itinéraire d'Antonin*².

¹ *Ravennatis anonymi Cosmographia et Guidonis Geographica*, ed. Pinder et Parthey, 1860, m, 43, p. 305.

² Fortia d'Urban, *Recueil des itinéraires anciens*, 1845, cxv, p. 128, cxviii, p. 130. *Itinerarium Antonini Augusti*, ed. Parthey et Pinder, 1848, p. 204, 205.

tique et de Salacia et en Bétique, marquées de deux épis couchés, comme celle de Baesuris.

Paris, 21 juin 1899.

ROBERT MOWAT.

P. S. Pendant l'impression du présent article, la *Revue numismatique* a paru, contenant une note¹ que je lui avais communiquée pour rendre compte de la trouvaille monétaire d'Alcacer do Sal, *olim* Salacia, signalée par M. Leite de Vasconcellos. J'ai été amené à mettre en rapport les monnaies de Salacia avec celles de Baesuris et à reproduire quelques-unes des considérations que je viens d'exposer ici.

R. M.

**Sêllo do padre-mestre Gonçalo Origiiis,
dominicano em Santarem**

Este sêllo tem a fórmula quadrilobada produzida pela intersecção de um quadrado com quatro círculos. É circundado por uma legenda oncial gravada entre fios de perolas. Occupa a melhor parte do campo do sêllo o baptismo de Christo ladeado por seraphins; sob um arco trilobado, aos pés d'este grupo, um frade em meio corpo ergue as mãos ao céu.

A maior dimensão do sêllo, isto é, o diametro da circumferencia circumscripta ao seu contorno, mede 0^m,038. Produz grande relevo às figuras, pois a profundidade da gravura tem cerca de 0^m,002.

A legenda nasce no alto, e corre da direita para a esquerda seguindo os accidentes do contorno; os seus extremos são separados por uma +. Lê-se claramente o seguinte:

S·I·MDIGORRIGIEPORCIONARII·SCI:
NICHOLAY·SCAREN+,

Que quer dizer:

*Sigillum magistri domini G. Orrigie porcionarii sancti Nicholay
(=Nicholaij) Sanctaren.*

¹ *Revue numismatique*, III, 1899, pp. 240-246: «Numismatique lusitanienne; Salacia, Baesuris».

D'esta legenda o M é a unica letra que não é oncial. Na primeira syllaba de *Orrigie* e de *porcionarii* o R está ligado ao O; em *Sanctaren* tambem o R está ligado ao A que o precede; nesta palavra o gravador esqueceu abrir o corte central do E, que, por ser oncial, parece um C.

O baptismo de Christo é o assumpto da gravura.

Na direita S. João, olhando á esquerda, está envolto numa pelle que lhe cobre quasi toda a perna direita; com a mão direita faz a menção de tocar Christo, e, com o braço esquerdo erguido, despejálhe sobre a cabeça a ágoa contida em um enorme vaso. A perna esquerda, em acção de subir um degrau, parece querer apoiar o pé no ponto culminante do arco trilobado que cobre o frade e faz a base da composição do baptismo. Christo, de frente, com a cabeça circumdada pela aureola, está imergido até os joelhos nas ágoas do Jordão; tem as mãos postas e está nu da cintura para cima.



A figura de Christo apresenta todos os caracteres de muitas figuras da pintura gothica: cara redonda e gorda, clavículas e costellas muito apparentes, seios salientes, contorno das costellas, e mãos dispostas em arco ogival.

Os seraphins, de perfil, saindo de entre nuvens, com as suas asas elevadas, e mantendo os thuribulos oscillantes, emolduram as figuras proeminentes de Christo e S. João Baptista.

O frade, em baixo, olha á esquerda; veste habito e está de mãos postas com os dedos muito desunidos. É o padre-mestre Fr. Gonçalo Origiis, beneficiado de S. Nicolau e dono do sêlo.

Foi achada a matriz em 1892 no pateo de um predio que deita para o largo de S. Nicolau, por occasião de umas escavações, e á mistura com muitas ossadas.

Os caracteres da legenda pela sua natureza e grupamento, o cavado da gravura, e a maneira do desenho das figuras, fazem prever uma

matriz do periodo que vae de cerca do meado do sec. XIII ao terceiro quartel do sec. XIV.

Sobre Fr. Gonçalo Origiiis extraímos do P.^o Ignacio da Piedade e Vasconcellos o que vae ler-se e se encontra na sua *Historia de Santarem edificada*.

«Foi grande religioso em virtude e letras, e era idoso em 1287. Em 1290 deu ordem regular ás irmães dominicanas de Santarem, as quaes governou com o titulo de prior, tudo por ordem do Geral, Fr. Munio, a quem Domingas João impetrou aquella graça por occasião do Capitulo geral reunido em Bordeus em 1287».

Foi pois Fr. Gonçalo Origiiis quem lançou os habitos ás antigas emparedadas de junto de Nossa Senhora da Abobeda (cerca de S. Francisco), ao tempo já com a denominação de Donas e no seu mosteiro do Sítio da Magdalena.

D'este mosteiro do sec. XIII pouco existe: as principaes edificações ficavam ao poente do actual convento.

Lê-se na *Historia da Ordem de S. Domingos* que as donas tem outro prior em 1298; deve d'aqui inferir-se que a morte de Fr. Gonçalo foi cerca d'este anno.

Pelo sêllo do padre mestre Gonçalo Origiiis vemos que elle foi beneficiado de S. Nicolau, devendo ter sido um dos seis collados e não dos cinco de S. Pedro, porque estes foram instituidos em 1371.

Pelo local do achado ficamos sabendo que aquelle — grande religioso em virtude e letras — não foi sepultado no seu convento de S. Domingos, mas no adro da igreja onde tinha o beneficio.

Santarem.

A. B. DE F.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

253. Infias¹ (Beira)

Letreiro antigo

«..... he constante que esta villa he a mais antiga que ha por estas vezinhanças pois a sua freguezia se estendia antiquamente ateh a Carrapichana que hoje he do Bispado de Coimbra, e por esta re-

¹ *Infias, Port. Mon. Hist., Dipl.*, p. 11.

matriz do periodo que vae de cerca do meado do sec. XIII ao terceiro quartel do sec. XIV.

Sobre Fr. Gonçalo Origiiis extraímos do P.^o Ignacio da Piedade e Vasconcellos o que vae ler-se e se encontra na sua *Historia de Santarem edificada*.

«Foi grande religioso em virtude e letras, e era idoso em 1287. Em 1290 deu ordem regular ás irmães dominicanas de Santarem, as quaes governou com o titulo de prior, tudo por ordem do Geral, Fr. Munio, a quem Domingas João impetrou aquella graça por occasião do Capitulo geral reunido em Bordeus em 1287».

Foi pois Fr. Gonçalo Origiiis quem lançou os habitos ás antigas emparedadas de junto de Nossa Senhora da Abobeda (cerca de S. Francisco), ao tempo já com a denominação de Donas e no seu mosteiro do Sítio da Magdalena.

D'este mosteiro do sec. XIII pouco existe: as principaes edificações ficavam ao poente do actual convento.

Lê-se na *Historia da Ordem de S. Domingos* que as donas tem outro prior em 1298; deve d'aqui inferir-se que a morte de Fr. Gonçalo foi cerca d'este anno.

Pelo sêllo do padre mestre Gonçalo Origiiis vemos que elle foi beneficiado de S. Nicolau, devendo ter sido um dos seis collados e não dos cinco de S. Pedro, porque estes foram instituidos em 1371.

Pelo local do achado ficamos sabendo que aquelle — grande religioso em virtude e letras — não foi sepultado no seu convento de S. Domingos, mas no adro da igreja onde tinha o beneficio.

Santarem.

A. B. DE F.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

253. Infias¹ (Beira)

Letreiro antigo

«..... he constante que esta villa he a mais antiga que ha por estas vezinhanças pois a sua freguezia se estendia antiquamente ateh a Carrapichana que hoje he do Bispado de Coimbra, e por esta re-

¹ *Infias, Port. Mon. Hist., Dipl.*, p. 11.

zam, os moradores da hi estam obrigados a vir en Romaria a esta Igreja em todos os annos no primeiro Domingo de Maio, e a trazem duas vellas de cera branca de offerta e consta por tradiçam antigua que eram obrigados a trazer dois cirios tambem. Ha em hua caza que esta no fundo da villa pera a parte do sul hua pedra que tem hum letreyro que por antigo se nam sabe ler»¹. (Tomo xviii, fl. 176).

254. São-João-de-Rei (Entre-Douro-e-Minho)

Pretendido Monte-de-Castro

«Tambem não vejo, pelo que toca a este numero, couza algúia de que informe, porque esta freguezia não tem muros nem castello; tem sim muitos montes estereis que somente dão hum mato muito rasteiro a que chamão carrascas e saganhos. E supposto a dita Corografia² falle em hū monte do Crasto, que foi fortificação dos Romanos; eu lhe não vejo signaes de tal fortificação, ou vestigios alguns; nem ouço falar nisso aos seus moradores, e mais vezinhos desta minha freguezia: e o informarião falsamente para assim o escrever». (Tomo xviii, fl. 221).

255. São-Jordão (Alemtejo)

Cova

«..... no mayor dos quaes Outeiros a que chamam Serra da Espinheyra esta huma cova, aonde dizem estivera o Sr. João Jordão fazendo vida de Anacoreta; nam tem Igreja nem Ermida, se não só montes de pedras, telhas, que lhe levam os seos Devotos, e algumas cruzes: dista da Igreja Parochial hum quarto de Legoa». (Tomo xviii, fl. 239).

256. São-Jorge (Beira)

Caldas antigas

«Não tem privilegios, nem antiguidades algúias, mais do que a tradição de que no Ryo Huyma que por ella passa no districto ou sitio do matto da Negrinha, Passais desta Igreja, houverão hūas caldas que se desfizerão por se romper hūa pedreira no mesmo sitio, no qual ainda ha

¹ [Eu o li quando lá estive ha annos.—J. L. DE V.].

² Do P.^o Antonio Carvalho da Costa.

signais de agoa tepida que curte linhos verdes em rama em tres ou quatro dias, sendo necessarios oito dias em outros sitios, e no tempo de verão se conhece hum laço por sima da agoa a modo de enxofre». (Tomo XVIII, fl. 243).

257. Juncal (Extremadura)

Assento primitivo

«Ha nesta Freguezia oyto Ermidas: a Primeyra de S. Miguel do Peral, distante da Parochia quasi de meyo quarto de legoa, hoje muyto pequena, mas com uestigios de alicerces de que antigamente foy tres vezes mayor do que hoje he; e perto della em hum alto (dizem) tivera este Povo o seu primeyro domicilio, que dezertou por falta de agoa. Pertence esta Ermida aos Freguezes; e nella costumão hir muitas pessoas, pela tradição e experienzia que ha de que o S. Miguel (Imagen antiga e pouco ornada) que nella se venera, tira as cezões, sem mais donativo, que a pequena e humilde offerta de hū bolo cozido nas brazas ou lar, e repartido pelos pastorinhos, que de ordinario frequentão aquelle vizinho lavradio». (Tomo XVIII, fl. 283).

258. Junqueira (Entre-Douro-e-Minho)

Cidade de Brachal no monte da Cividade

«He do termo de Barcellos da Serenissima Caza de Bragança, hinda que actualmente contendem os Religiozos do Mosteiro da mesma freguezia que são da Congregação reformada de Santo Augustinho por que esta freguezia seja Couto, e o seu Mosteiro, senhor donatário delle, fundados em húa doacam do Senhor Rey D. Affonso Henriques, a qual se acha no Cartorio do mesmo Mosteyro, cuja cauza corre com a Camara da mesma villa de Barcellos». (Tomo XVIII, fl. 303).

«No monte da Cividade asima referido houve antigamente húa Cidade chamada Brachal ou Brachalense, ou por outro nome de Aze-
roso, e pella parte do Norte lhe ficava por sua defensa hum castello que se chamava de Argifonso, e hoje com pouca corrupção se chama o Castello de Gifonso, e desta Cidade e Castello so aparecem hoje al-
guns vestigios¹. (Tomo XVIII, fl. 305).

¹ *Brachalense* é evidentemente *Bracharense* ou territorio de Bracara. No Port. Mon. Hist. ha cinco citações do Castro Argifons.

259. Jurumenha (Alemtejo)

Vestigios

«Esta villa tem a sua derivação e etimologia (segundo a openião e voz dos antigos) de hum Homem chamado Jullio Menia, ou de húa Molher chamada Juramenha; que hoie (corructo vocabolo) he Juromenna». (Tomo XVIII, fl. 311).

«Em contorno da Villa forão achados muntos alisserces, columnas, e bazes, no que mostra ter sido antigamente lugar nobre e grande, o que já hoie não he». (Tomo XVIII, fl. 315).

260. Juvim¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Castello de Aguilar e Cidade de «Ripa Fidelis»

«Desta freguezia procede a Caza dos Morgados de Attaens, e nella tem húa quinta chamada de Attaens, que he o seu solar, e deixada a opinião de alguns curiosos que dizem que Attaens² tomou o nome de Attaces, Rey dos Alanos, quando veyo contra Hermenerico, Rey dos Suevos thê o rio Douro..... etc.» (Tomo XVIII, fl. 333).

«No alto do monte, que hoje chamã de Aguiar, por sima da aldeya de Cabanas, se acha hum terreno que parte pertence a esta freguezia, e parte a freguezia de São Cosme e por esta parte tem o luguar chamado de Aguiar tambem na descida do mesmo monte, e no alto dito houve em outro tempo hum Castello chamado de Aguiar, o que consta não só por fama mas tambem por cauza de alguns campos de varios lauradores reterem ainda hoje a denominação de Campos do Castello, e terem se tirado daquelle citio munta pedra lavrada.

Pello que julguo que naquelle citio era o em que existia o Castello chamado antigamente de Aguiar, e os moradores destas partes e dito Castello tiverão grandes guerras e choques com os moradores da Cidade antigua denominada *Ripa Fidelis*³ sobre o Rio Douro, e mais proxima ao Rio Souza do que pareceo ao P. M. Fr. Manoel Leal no seu Crisol purificativo ainda que teve sufficiente fundamento pera assim o entender, como tambem do dito Castello pellos fundamentos asima expostos, fica sem duvida ser aquelle o proprio citio do dito Castello,

¹ *Iuvini*, genitino de *Iuvinus*. *Port. Mon. Hist., Dipl.*, p. 3.

² Vem de *Atanis*, genitivo de *Atan*. Francês *Attainville*.

³ Talvez seja *Pena Fidelis*, hoje localizada na Arrifana-do-Sousa.



e a Cidade *Ripa Fidelis* na freguezia do Sousa, medeando o dito Rio Souza entre a Cidade e Castello dito. E sobre a dita Cidade não me extendo por me não pertencer. Só o dizer que por extinção desta e da Povoação do Castello se erigio a Villa de Arrifana de Souza; cuja fundação e colonia nova se attribue ao valor de D. Fayão Soares..... etc.» (Tomo xviii, fl. 338).

261. Izeda (Tras-os-Montes)

Cidade de Medea

«Tem tres Ermidas, hua de Santa Eulalia dista do lugar meya Legoa situada em hūas vinhas há tradição que foy antigamente hūa Cidade chamada Medea de que ainda parecem vestigios;» (Tomo xviii, fl. 334).

262. Santo-Isidoro (Extremadura)

Inscrição romana

«..... por tradições e algūs vestigios foy esta terra de nome em tempos antigos por serem então navegaueis os douos rios della; o do sul hū quarto de legoa, e o do norte hūa legoa donde vem o chamar-se o lemite desta Igreja em escriptos antigos — Santo Izidoro em Ilhas, termo de Mafra — assim conserva o Rio do Sul o nome de *Ribeira de Ilhas*; e o lugar de Paço de Ilhas — por estar neste lugar hū Palacio arruinado dos Ex.^{mos} Condes da Ericeyra. E o rio do norte conserva o nome de *Fanga da Fé*⁴; por ter ahi havido alfandega em distancia do mar hū quarto de legoa. Nesta terra deixarão os Romanos sua memoria que se acha escripta com letras Romanas em hūa pedra de oyto palmos de comprido e quatro de largo que esta no Altar do Espírito Santo na forma seguinte⁵: (Tomo xviii, fl. 355).

263. Lagares (Beira)

Etymologia popular

«Esta terra está entre dois rios hum chamado o Cobral porque antigamente junto d'elle andava huma cobra mui grandissima que matava os homens.....»⁶ (Tomo xix, fl. 50).

⁴ Effectivamente, numa inquirição sem data, que parece ser muito antiga, vem Fandegadafe. *Memorias para a historia das Inquisições, etc.* (J. Pedro Ribeiro, p. 13 dos Documentos).

⁵ Publicada no Supplemento do *Corp. Inscr. Lat.*

⁶ O mesmo conta o Cura de Lageosa a fl. 62.

264. Lagos (Algarve)

Ruinhas

«A terra que se descreve he a Cidade de Lagos, a qual ou fosse edificada por El Rey Brigo que governou as Espanhas..... etc. e tambem he certo que foy edificada junto ao citio do Paul, distante da povoacām que hoje existe pouco mais ou menos de huma milha. Teve por nome Lacobriga ou Lago de Brigo, talvez, por estar junto a huns campos pantanozos que hoje se chamam Paul, ou porque junto á mesma povoacām pella parte do nascente estava huma fonte chamada hoje Arca do Paul de que esta Cidade se provē e da qual se dezia antigamente que se a arte nam compremisse as suas agoas bastariam elles para innundar a mesma Cidade, ainda que fique distante.

No lugar desta povoação não se ve hoje mais que huns pardieyros alguns pequenos aliceres de cazas e muitos tijolos indicio de que forão edificados os seos Palacios. Tambem parese não ser esta povoacām de muita grandeza, porque o citio ainda que acomodado para mayor enteimçam com tudo he de sua natureza aspera pela vezinhança dos montes, e serros e doentio pella proximidade do Paul, e ainda hoje os moradores que habitão junto delle padesem o effeito da sua vezinhança deste citio, não se sabe o tempo da sua duração e menos a cauza que ouve para que totalmente se extinguise de sorte que apenas se sabe que existio». (Tomo xix, fl. 117).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Notícias várias

1. Ponte de Olivença (Elvas)

A proposito de uma pergunta feita n-*O Archeologo Português*, o meu amigo Antonio Thomás Pires, de Elvas, que não perde um unico ensejo de prestar serviços á sciencia portuguesa¹, enviou-me a seguinte communicação:

¹ Antonio Thomás Pires é auctor de muitos trabalhos sobre ethnographia portuguesa, aos quaes me referi nos meus *Ensaios Ethnographicos*, I, 329 sqq. Ultimamente publicou os interessantes *Materiaes para a historia urbana portuguesa do sec. XVI-XVIII* (vid. *Boletim da Sociedade de Geographia*, 1897, pag. 703 sqq.); agora tem no prelo os *Cantos populares do Alemtejo*, obra monumental, e acaba de colligir, para ser publicado na *Revista Lusitana*, onde o será em breve, um *Vocabulario Alemtejano*.

264. Lagos (Algarve)

Ruinhas

«A terra que se descreve he a Cidade de Lagos, a qual ou fosse edificada por El Rey Brigo que governou as Espanhas..... etc. e tambem he certo que foy edificada junto ao citio do Paul, distante da povoacām que hoje existe pouco mais ou menos de huma milha. Teve por nome Lacobriga ou Lago de Brigo, talvez, por estar junto a huns campos pantanozos que hoje se chamam Paul, ou porque junto á mesma povoacām pella parte do nascente estava huma fonte chamada hoje Arca do Paul de que esta Cidade se provē e da qual se dezia antigamente que se a arte nam compremisse as suas agoas bastariam elles para innundar a mesma Cidade, ainda que fique distante.

No lugar desta povoação não se ve hoje mais que huns pardieyros alguns pequenos aliceres de cazas e muitos tijolos indicio de que forão edificados os seos Palacios. Tambem parese não ser esta povoacām de muita grandeza, porque o citio ainda que acomodado para mayor enteimçam com tudo he de sua natureza aspera pela vezinhança dos montes, e serros e doentio pella proximidade do Paul, e ainda hoje os moradores que habitão junto delle padesem o effeito da sua vezinhança deste citio, não se sabe o tempo da sua duração e menos a cauza que ouve para que totalmente se extinguise de sorte que apenas se sabe que existio». (Tomo xix, fl. 117).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Notícias várias

1. Ponte de Olivença (Elvas)

A proposito de uma pergunta feita n-*O Archeologo Português*, o meu amigo Antonio Thomás Pires, de Elvas, que não perde um unico ensejo de prestar serviços á sciencia portuguesa¹, enviou-me a seguinte communicação:

¹ Antonio Thomás Pires é auctor de muitos trabalhos sobre ethnographia portuguesa, aos quaes me referi nos meus *Ensaios Ethnographicos*, I, 329 sqq. Ultimamente publicou os interessantes *Materiaes para a historia urbana portuguesa do sec. XVI-XVIII* (vid. *Boletim da Sociedade de Geographia*, 1897, pag. 703 sqq.); agora tem no prelo os *Cantos populares do Alemtejo*, obra monumental, e acaba de colligir, para ser publicado na *Revista Lusitana*, onde o será em breve, um *Vocabulario Alemtejano*.

No vol. I, pag. 64, d-*O Archeologo Português* disse o meu amigo constar-lhe, que na freguesia da Ajuda d'este concelho havia, debaixo da ponte¹, algumas pedras com letras, e pedia que lhe fossem dadas informações mais precisas a semelhante respeito. Tive ensejo de proceder directamente à investigação, e conheci que, de facto, nas pedras de cantaria de um dos pilares dos arcos derrubados da ponte, ha letras e numeros, mas representam as siglas ou marcas dos canteiros (cf. *O Arch. Port.*, IV, 108). Eis a configuração de algumas d'essas siglas:



1 2 3 4 5

2. Sepulturas romanas em Marco de Canaveses

Um amigo meu, muito dedicado aos estudos archeológicos, teve a bondade de me comunicar o seguinte em carta (1898):

«Ha tempos apareceram no Freixo, em uma sorriba, varios objectos de louça e vidro. Fui lá logo; mas perdi o meu tempo. Um objecto de barro cozido, que descreveram de modo que faz suppor que se trata de um galheteiro, ou cousa parecida, tinham-no dado para o Porto; outros objectos, a que chamavam tijellas e que continham ossos, quebraram-nos, na forma do costume, e enterraram tudo na sorriba; um copo de vidro, que estava ao pé de uma das tijellas, partiu-se casualmente, e d'este conservo uns pequeninos cacos que restavam. Todos estes objectos estavam dentro de sepulturas de forma circular, de pequeno diametro, abertas no solo, a pequena profundidade. Ha annos, a uns 30 ou 40 metros arredados d'ali, vi eu uma outra sepultura do mesmo genero, que estava revestida interiormente de grandes pedaços de *tegulas*, e continha uma linda e variada mobilia funeraria, que remetti para o Museu de Guimarães».

J. L. DE V.

¹ É a ponte chamada de Olivença (construcção de D. Manoel), ponte em parte destruída pelos castelhanos, em 1709, por occasião da guerra da Liga.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 2

Archeologia do Alto-Minho

Dadiva ao Museu Ethnologico Português

O meu amigo o Sr. Dr. Felix Alves Pereira, a quem o *Archeologo Português* deve importantes artigos sobre archeologia do Alto-Minho, e que tinha organizado em sua casa, nos Arcos-de-Val-de-Vez, uma collecção archeologica regional, dignou-se offerecê-la toda ao Museu Ethnologico Português. Não ha palavras com que elogiar sufficientemente o acto de generosidade e de abnegação praticado pelo Sr. Dr. Alves Pereira. Ao passo que existem collecionadores tão aferrados a meia duzia de cousas que lhes chegaram ás mãos, que não só as não dão aos estabelecimentos publicos, que, por serem publicos, são de toda a gente que os queira frequentar e estudar, mas chegam mesmo por vezes ao ponto de nem sequer as mostrarem a quem deseje vê-las,— o Sr. Dr. Alves Pereira cedeu em proveito do Museu Ethnologico Português, com a maior franqueza e a melhor vontade, os numerosos objectos que possuia, e que lhe haviam custado não pouco dinheiro, cuidado e trabalho.

O Museu Ethnologico Português, onde é meu intento ir pouco a pouco reunindo exemplares archeologicos de diferentes localidades do país, estava ainda muito pobre em relação á província do Minho; agora, com esta bella dádiva, fica a archeologia do Alto-Minho já bem representada lá.

Para que os leitores possam fazer ideia do merito da collecção, aqui público o inventario circumstanciado, que a acompanhava, e que foi obsequiosamente elaborado pelo proprio Sr. Dr. Alves Pereira.

J. L. DE V.

I.—Objectos que já entraram no Museu

- 1 a—Fragmento de um machado de bronze; appareceu na quinta da Commenda, freguesia de Tavora. Vid. *Arch. Port.*, IV, 88.
- 1 b—Fragmento do mesmo machado.
- 1 c—Fragmento do mesmo machado.
- 2—Carranca de bronze. Vid. *Arch. Port.*, II, 319.
- 3—Alfinete de bronze, proveniente do Castello de S. Miguel-o-Anjo (Azere). Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 15. (Mede 0^m,085 de comprimento).
- 4—Argolinha de bronze; mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 22.
- 5—Argola de bronze; mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 237. (Mede 0^m,036 no diametro exterior). Cfr. Mortillet, *Musée préhistorique*, LXXXV—976, em que se vêem identicas, pertencentes a arreios de cavallos.
- 6 a—Pedaço informe de bronze; mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 234.
- 6 b—Pedaço informe de bronze; id., id.
- 7—Fragmento de vaso de vidro; mesma procedencia. Conservação perfeita, sem patina nem côn alterada. Vid. *Arch. Port.*, I, 166.
- 8 a—Fragmento do bordo de um vaso metallico (será cobre?); mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 234.
- 8 b—Fragmento provavel do mesmo vaso.
- 9—Varios pedaços de ferro, dos quaes um parece ser um fragmento de *clavus*. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^{os} 14, 16 e 24.
- 10—Fragmento de vaso de barro; mesma procedencia. Tem ornamentação composta de dois traços ao redor do vaso; vestigios de terceiro; entre dois d'elles ha uns pequenos riscos enfileirados obliquamente e parallelos. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 34.
- 11—Fragmento de vaso de barro; mesma procedencia. Tem uma fileira de pequenos riscos obliquos e parallelamente outra de cruzes inscriptas em circulos, ornamentação feita a sinete. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 20, e Mortillet, *Musée préhistorique*, pl. XC VIII—1232. Aqui são *swastikas*.
- 12—Dois fragmentos collados de vaso de barro; mesma procedencia. Ornados de uma fileira de pequenos traços obliquos; de outra com as mesmas marcas do n.º 11 e de terceira com um zig-zag. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 17.
- 13—Fragmento de vaso de barro da mesma procedencia. Mostra duas faxas limitadas por traços; em uma ha uma *espinha de peixe* e

na outra um zig-zag duplo e cruzado, que forma losangos. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 11.

14—Fragmento de têsto de barro, tendo resto de uma *espinha de peixe* em circulo. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 25.

15—Fragmento de vaso de barro; mesma procedencia. Tem restos de uma simples ornamentação composta de uma serie de petadelas em redor do vaso.

16—Fragmento de vaso de barro; mesma procedencia. O barro é de inferior qualidade e ennegrecido; tem vestígios de um traço em ondulações e dois orifícios estreitos.

17—Pedaço de barro circular, como esboço de *fusaiola*. Mesma procedencia.

18—*Fusaiola*. Mesma procedencia. Vid. *Arch.*, I, 167, fig. 2, n.º 24.

19—*Fusaiola* apenas começada a perfurar. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 13.

20—Fragmento de pequeno vaso de barro fino; tanto interior como exteriormente foi aperfeiçoado e alisado. Mesma procedencia.

21—Fragmento de prato de barro chamado *Saguntino*. Tem vestígios de ligeira ornamentação. Mesma procedencia.

22—Fragmento de vaso de barro claro, evidentemente importado e feito com esmero. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 26.

23—Fragmento de vaso de barro com filetes salientes. Mesma procedencia.

24—Fragmento de pequenissimo vaso de barro claro, pintado só exteriormente de negro; parece have-los analogos de Sabroso. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 12.

25 a—Fragmento de vaso fino de barro claro, pintado interna e externamente de preto. Mesma procedencia.

25 b—Fragmento pertencente ao mesmo vaso.

26—Fragmento de vaso de natureza identica ao n.º 22. Mesma procedencia.

27—Fragmento de vaso da mesma natureza e procedencia.

28—Fragmento pequeno de vaso bojudo de barro claro, pintado só exteriormente de preto. Mesma procedencia.

29—Fragmento de têsto de barro. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 29.

30—Fragmento de pequeno pucaro de barro, pintado exteriormente e na boca tambem interiormente de vermeiho; tem asa. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.º 18.

31—Fragmento de pequeno pucaro de barro. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 30.

32—Fragmento de pequeno vaso bojudo, com vestigios de exposição ao fogo e duas estrias que parecem abertas em seco. Mesma procedencia.

34—Fragmento de pequena taça de barro muito grosseiro. Mesma procedencia.

34 a—Asa de vaso que não é de fabricação local ou regional pela natureza do barro. Está coberta de uma aguada côn de tijolo. Mesma procedencia.

34 b—Asa igual, provavelmente do mesmo vaso.

35—Fragmento de vaso pequeno com resto de asa. Mesma procedencia.

36—Asa de grande vaso de barro, com aguada côn de tijolo. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 4.

37—Bordo de grande vaso de barro micaceo. Tem na parte interna ornamentação feita a dedo representando um traço cruzado com outro e um pequeno circulo. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 8.

38—Fragmento de tijolo ou tegula, tendo impressões das patas de um cão. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 38.

39—Metade de pucaro de barro com asa que se ramifica em tres nervuras sobre o bojo. O gargalo é alisado á espatula. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 27. Tem em redor duas estrias que parecem abertas em seco. Esta forma existe ainda ao presente.

40—Fragmento de um pucaro do mesmo modelo. É todo alisado á espatula. Mesma procedencia.

41—Fragmento de bordo de grande vaso de barro; boa cozedura. Mesma procedencia.

42—Fragmento de bordo de grande vaso de barro; cozedura imperfeita; vestigios de asa de ferro. Mesma procedencia.

43—Fragmento de vaso que parece ser o do n.^o 42: é parte do fundo e do bojo; teve tambem pés de ferro.

44—Fragmento de fundo de vaso igual aos precedentes; vestigios de pé de ferro cravado directamente no fundo. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 7.

45—Fragmento de bordo de vaso identico; vestigios de peças de ferro cravadas. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 6.

46—Fragmento de bordo de vaso grande de barro; tem na parte interior duas marcas, profundas, feitas com puncção, representando uma

cruz em relevo inscripta num circulo; iguaes ás que ornam os fragmentos n.^os 11 e 12. Mesma procedencia. Vid. *Arch.*, I, 157, fig. 2, n.^o 31.

47—Fragmento de grande vaso de barro, tendo marca analoga na parte interna do bordo. Mesma procedencia.

48—Fragmento de grande vaso de barro com tres grossos filetes salientes e parallelos. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 10.

49—Fragmento de vaso ornamentado com serie de pontos pequenos e um sulco em zig-zag, marcado por pontos nos angulos. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 28.

50—Fragmento do pé de uma amphora, tendo um signal feito em sêcco. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 19.

51—Fragmento de bordo de grande vaso com asa interior. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 33.

52—Fragmento analogo. Tem ainda na parte convexa e exterior depositos de fuligem. Mesma procedencia.

53—Têsto de barro mal cozido e feito sem roda, ao que parece. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 1.

54—Fragmento de vaso baixo e largo; muita mica. Mesma procedencia.

55—Fragmento de vaso bojudo, tendo orificio de suspensão no bordo; tem exteriormente deposito de fuligem. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 167, fig. 2, n.^o 35.

56—Fragmento identico.

57—Fragmento de vaso bojudo e bôca estreita, de barro. Mesma procedencia.

58—Fragmento de uma *tegula*, com a impressão das patas de um porco ou cabra. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 234.

59—Fragmento de vaso de barro muito ornamentado com pequenos traços em zig-zags contiguos; parece fabricação regional. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 237.

60—Pequena esphera de barro, perfurada, tendo um hemispherio ornado de pequenos traços no plano do diametro perfurado, feitos em sêcco. Mesma procedencia. Talvez conta de colar; ha no Museu analogas em azeviche, quartzo, etc.

61—Instrumento de pedra de uso desconhecido. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 173, fig. 3, n.^o 2.

62—Instrumento de pedra analogo ao precedente e documentandose os dois reciprocamente. Vid. *Arch. Port.*, I, 173, fig. 3, n.^o 3.

63—Instrumento contundente de pedra. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 173, fig. 3, n.^o 1.

- 64—Instrumento contundente de pedra. Mesma procedencia.
- 65—Instrumento de pedra. Mesma procedencia.
- 66—Instrumento de pedra. Mesma procedencia.
- 67—Instrumento de pedra. Mesma procedencia.
- 68—Instrumento de pedra de uso analogo. Mesma procedencia.
- 69—Instrumento de pedra.
- 70—Instrumento de pedra que parece ter servido de pedra de amolar. Mesma procedencia.
- 71—Pedra de funda. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 173, fig. 3, n.º 6.
- 72—Pedaço de escumalho de forja. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, I, 164, nota 2.
- 73—Fragmento de machado (?) de pedra em piçarra amphibolica. Procede do *Castro de Alvora*, freguesia do concelho.
- 74—Fragmento de tegula com tres ensaios de perfuração caracteristica. Procede do Castello (castro) de *Rio Frio*, freguesia do concelho. Foi colhido do chão.
- 75—*Pondus* de barro. Procede do Castro de S. Thiago de *Cendufe*, freguesia do concelho.
- 76—Fragmento de um objecto de barro, provavelmente vaso grande, tendo numa aresta a impressão das pontas dos dedos; abrange sete depressões. Provém de *Antr'os-Crastros*, freguesia de S. Vaya de Rio de Moinhos, mesmo concelho.
- 77—Instrumento de granito, com a forma de esphera achatada e tendo signaes de uso de um lado. Parece servir para triturar grão. Provém do *Côto da Corôa*, freguesia de Ermello.
- 78—Objectos identicos ao anterior, mas de menores dimensões. Foram encontrados ambos numa antella ou cista, segundo a narração dos achadores analphabetos.
- 79—Machado de pedra polida, em fibrolithe (?). Diz-se proveniente do concelho, ignorando-se condições do achado.
- 80—Pedaço de pedra que parece ser fragmento de mó ou de triturador. Provém do Castello de S. Miguel-o-Anjo, freguesia de Azere. Tem signaes de uso em duas superficies oppostas.
- 81—Pedaço de granito que parece ter sido fragmento de um triturador ou amolador. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 235, fig. 1, n.º 8.
- 82—Pedaço de granito com uso identico. Mesma procedencia.
- 83—Pedaço de granito molle, de fim pouco reconhecivel; parece uma mó pequena. Mesma procedencia. Vid. *Arch.*, IV, 235, fig. 1, n.º 7.

84—Pedaço de granito; parece fragmento de amolador ou antes triturador de grão. Mesma procedencia.

85—Pedaço de granito analogo ao anterior.

86—Machado de bronze. Quebradas as aselhas e a cabeça. Provém do sitio do Auditor, concelho de *Ponte da Barca*.

II.—Objectos que, por dificuldade de condução, ainda não entraram no Museu

a)—Uma pedra circular lavrada com o desenho de roseta ou estrella hexagonal e apresentando ainda vestigios de pintura atijolada. Este desenho, que parece ter origem oriental, ainda se vê perpetuado hoje na mesma região minhota, entalhado em almofadas das portas etc., e é vulgar em pintura nas carroças de Lisboa. Proveniente de Azere. Vid. *Arch. Port.*, I, 166, fig. 1.

b)—Um pequeno cippo de granito com inscripção em tres faces. A inscripção é de certo legivel a um epigraphista perito. Parece-me lerem-se entre outras estas palavras ... CARO... CONS... e algumas siglas de abreviaturas usadas na epigraphia romana. Adduzo isto unicamente para a identificar, visto achar-se ainda (Janeiro de 1900) em meu poder. Provém das paredes da capella de S. Cypriano, situada nas vertentes de Crasto de Roboreda (freguesia de Santa Vaya).

c)—Duas grandes *tegulae*, medindo uma $0^m,31 \times 0^m,39 \times 0^m,5$ e outra $0^m,32 \times 0^m,35 \times 0^m,46$; esta tem na parte mais estreita tres riscos convergentes e aquella dois traços sinuosos e paralelos no sentido do comprimento da *tegula*. Ambas as ornamentações são feitas a dedo. Provém de um local, onde parece ter havido um antigo cemiterio chris-tão, Samjoanne, freguesia de Parada.

d)—Dois pedaços de mós dormentes de granito. Provém de Azere, do castello de S. Miguel-o-Anjo.

e)—Um fragmento de fuste de columna(?) de secção elliptica. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 235, fig. 1, n.º 2.

f)—Um grande seixo partido que parece ter servido de triturador. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 235, fig. 1, n.º 1.

g)—Uma pedra pequena, mostrando ao meio uma covinha. Vid. *Arch. Port.*, IV, 235, fig. 1, n.º 3. Mesma proveniencia.

h)—Um juntoiro de granito, medindo de comprimento $0^m,45$. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 235, fig. 1, n.º 5.

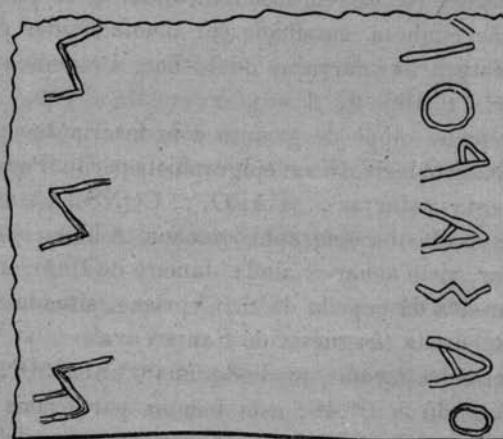
i)—Pedaço de granito que parece ter servido de triturador. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 235, fig. 1, n.º 4.

j)—Pedaço de granito analogo ao antecedente, embora de menores dimensões. Mesma procedencia. Vid. *Arch. Port.*, IV, 235, fig. 1, n.º 6.

Novas inscrições ibericas do Sul de Portugal

2. Inscrição de Salir

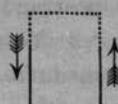
Em 1897 apareceu na fazenda das Lagoas, freguesia de Salir, concelho de Loulé, reino do Algarve, uma sepultura rectangular feita de pedras postas de cutello, a qual tinha á cabeceira, a pino, uma lapide que foi quebrada, mas de que resta parte em poder do Sr. Prior de Salir, na qual se lê a seguinte inscrição, que copiei do proprio original:



A lapide é de schisto, e mede de altura 8,5 pollegadas, e de largura 9 pollegadas. Está quebrada em dois lados, como se vê na figura junta.

O facto de esta lapide estar a pino confirma o que eu disse n-*O Arch. Port.*, III, 186, á cerca da posição primitiva e uso da lapide iberica de Bensafrim, descrita *ibidem*.

A inscrição de Salir lê-se como a de Bensafrim, isto é:



indo da direita para a esquerda, e de baixo para cima, seguindo depois para baixo, conforme o que já se notou n-*O Archeologo*, ibid., e o que indicam as setas no eschema precedente.

Na occasião em que eu copiava a inscripção, informou-me um individuo, que estava presente, e que assistiu ao apparecimento da sepultura, que no fim da 1.^a linha havia uma haste, que dava á letra que lá se vê o aspecto de N; a informação foi-me ministrada sem eu a pedir, por isso não duvido d'ella.

Temos pois:

1. ΜΟΡΑΞΑΟ
2. ΗΜΗ

o que transcrita nos nossos caracteres corresponde ao seguinte:

1. *n o r a s a o*
2. *i n n*

ou, da esquerda para a direita, segundo a nossa maneira de escrever:

oasaron.....nni

Comparando esta inscripção com a de Bensafrim, achamos que se esta termina em *nni*, a de Salir termina em *nni* (creio que é *nni*, e não *nii*; pelo menos na minha cópia tenho ΗΜΗ e não ΗΜΙ), e achamos em commun ás duas os elementos *saro* e *oa*.

Do que fica dito conclue-se que as duas inscripções pertencem sem dúvida á mesma civilização, e aos tempos protohistoricicos.

Ao Rev.^{do} Prior de Salir agradeço o haver-me facultado o exame da sua lapide, e tomo a liberdade de lhe manifestar o meu desejo de que, se um dia resolver desfazer-se da lapide, se lembre do Museu Ethnologico Português, por ser estabelecimento do Estado, pertencente pois a nós todos, e já lá haver monumentos congeneres, a que convem, no interesse da sciencia, associar outros que forem apparecendo.

*

Eis aqui mais algumas notícias archeologicas que colhi em Salir.

Perto d'esta aldeia ha uma montanha, chamada pleonasticamente Rocha-da-Pena, que, pelo que me disseram, é um castro. Por esses sitios tem apparecido varios machados de pedra polida.

Do sitio de Palmeiros, da mesma freguesia, provieram varios objectos antigos de metal (figuras de animaes), tegulas e imbrices. D'ahi proveiu ainda uma moeda arabe.

Tambem em poder do Sr. Prior existe uma lapide (cippo) de uns 2 palmos de altura, e de 1 de largura, com uma inscripção romana bastante çafada, em que só pude ler o seguinte:

1. VC.....VM
2. VPF MIGVS
3.VI'NV
4.OLIRI..

Linha 1.^a Lembra VOTVM; mas ha espaço de mais para T.

Linha 2.^a A 1.^a letra será S; a 3.^a será R; a 4.^a será M. Certa é apenas a terminação ICVS, ou IGVS.

Linha 3.^a Talvez *Paulinus* como me suggere o Sr. Hübner.

Linha 4.^a Depois do O parece haver U, mas será LI.

Não me atrevo a fazer conjectura nenhuma sobre esta inscripção. Se a pedra estivesse em Lisboa, onde eu a podia estudar com descanso, talvez apurasse outra leitura melhor.

Creio que o cippo foi achado nos arredores de Salir.

J. L. DE V.

Inscrição sepulcral romana

.....
....ALERIM.....
SIMIQVIR
....OLLIPONE...
ANN XX
FLAVIA MAXSI
MATER FILIO
P C

Inedita. Com quanto mutilada, não offerece difficuldades na leitura. Encontrei-a em Setembro de 1898 no logar das Debarbas, freguesia de Maceira, aldeia vizinha de Leiria. Outras inscripções romanas tem sido por mim descoertas nas proximidades d'aquelle logar, e se vêem publicadas pelo Sr. E. Hübner, da Academia de Berlim, no *Corp. Inscr. Lat.*, no *Addit. ad Corp. Inscr. Lat.*, ou na *Ephemeris epigraphica*, para onde as enviei. Tenho adquirido todos estes cippos por compra, e mandei-os conduzir para minha casa, no Juncal, a fim de os offertar um dia a qualquer instituto que os aprecie.

Tambem em poder do Sr. Prior existe uma lapide (cippo) de uns 2 palmos de altura, e de 1 de largura, com uma inscripção romana bastante çafada, em que só pude ler o seguinte:

1. VC.....VM
2. VFMIGVS
3.VI'NV
4.OLIRI..

Linha 1.^a Lembra VOTVM; mas ha espaço de mais para T.

Linha 2.^a A 1.^a letra será S; a 3.^a será R; a 4.^a será M. Certa é apenas a terminação ICVS, ou IGVS.

Linha 3.^a Talvez *Paulinus* como me suggere o Sr. Hübner.

Linha 4.^a Depois do O parece haver U, mas será LI.

Não me atrevo a fazer conjectura nenhuma sobre esta inscripção. Se a pedra estivesse em Lisboa, onde eu a podia estudar com descanso, talvez apurasse outra leitura melhor.

Creio que o cippo foi achado nos arredores de Salir.

J. L. DE V.

Inscrição sepulcral romana

.....
....ALERIM.....
SIMIQVIR
....OLLIPONEM...
ANN XX
FLAVIA MAXSI
MATER FILIO
P C

Inedita. Com quanto mutilada, não offerece difficuldades na leitura. Encontrei-a em Setembro de 1898 no logar das Debarbas, freguesia de Maceira, aldeia vizinha de Leiria. Outras inscripções romanas tem sido por mim descoertas nas proximidades d'aquelle logar, e se vêem publicadas pelo Sr. E. Hübner, da Academia de Berlim, no *Corp. Inscr. Lat.*, no *Addit. ad Corp. Inscr. Lat.*, ou na *Ephemeris epigraphica*, para onde as enviei. Tenho adquirido todos estes cippos por compra, e mandei-os conduzir para minha casa, no Juncal, a fim de os offertar um dia a qualquer instituto que os aprecie.

Este cippo, que é tambem de marmore rosado e igual aos outros que encontrei, apresenta maiores dimensões.

Mede 0^m,55 de largo e 0^m,47 de espessura; e pela disposição da inscripção vê-se que deveria ter a altura superior a 1^m,50.

Os caracteres são do tempo de Augusto; o corpo da letra tem 0^m,06.

É singular que em quasi todas as inscripções encontradas nas vizinhanças de Maceira se notam plebeismos, que não deixam de ser interessantes ao estudo orthoepico da lingoa.

Salvo melhor interpretação, pôde traduzir-se:

Aos manes de Valerio Maximo, da tribu Quirina, natural de Collipo, que morreu de vinte annos, sua mãe Flavia Maxima erigiu este monumento.

Juncal, Maio de 1899.

JOSÉ CALLADO.

Inscripção romana de Ossonoba

Por diligencia de Monsenhor Conego Pereira Botto foi ha tempos para o Museu do Infante D. Henrique, de Faro, a seguinte inscripção, que copio de um calco que da mesma me foi offerecido pelo Sr. Luciano Cordeiro,—inscripção encontrada nas muralhas d'aquella cidade:

IMP	CAES
L <small>✓</small> DOMITIO	
AVRELIANO	
PIO <small>✓</small> FEL <small>✓</small> AVG	
5	P <small>✓</small> M <small>✓</small> T <small>✓</small> P <small>✓</small> P <small>✓</small> P
II <small>✓</small> COS <small>✓</small> PROC	
R <small>✓</small> P <small>✓</small> OSSONOB	
EX DECRETO	
ORDIN	
10	D <small>✓</small> N <small>✓</small> M <small>✓</small> EIVS
D <small>✓</small> D	

Isto é: *Imp(eratori) Caes(ari) L(ucio) Domitio Aureliano, Pio, Fel(ici), Aug(usto), P(ontifici) M(aximo), T(ribunicia) P(otestate), P(atri) P(atriciae), II co(n)s(uli), Proc(onsuli), R(es) P(ublica) Ossonob(ensis), ex decreto Ordinis, d(evota) N(umini) M(ajestatique) ejus, d(edit), d(edicavit).*

Este cippo, que é tambem de marmore rosado e igual aos outros que encontrei, apresenta maiores dimensões.

Mede 0^m,55 de largo e 0^m,47 de espessura; e pela disposição da inscripção vê-se que deveria ter a altura superior a 1^m,50.

Os caracteres são do tempo de Augusto; o corpo da letra tem 0^m,06.

É singular que em quasi todas as inscripções encontradas nas vizinhanças de Maceira se notam plebeismos, que não deixam de ser interessantes ao estudo orthoepico da lingoa.

Salvo melhor interpretação, pôde traduzir-se:

Aos manes de Valerio Maximo, da tribu Quirina, natural de Collipo, que morreu de vinte annos, sua mãe Flavia Maxima erigiu este monumento.

Juncal, Maio de 1899.

JOSÉ CALLADO.

Inscripção romana de Ossonoba

Por diligencia de Monsenhor Conego Pereira Botto foi ha tempos para o Museu do Infante D. Henrique, de Faro, a seguinte inscripção, que copio de um calco que da mesma me foi offerecido pelo Sr. Luciano Cordeiro,—inscripção encontrada nas muralhas d'aquella cidade:

IMP	CAES
L <small>✓</small> DOMITIO	
AVRELIANO	
PIO <small>✓</small> FEL <small>✓</small> AVG	
5	P <small>✓</small> M <small>✓</small> T <small>✓</small> P <small>✓</small> P <small>✓</small> P
II <small>✓</small> COS <small>✓</small> PROC	
R <small>✓</small> P <small>✓</small> OSSONOB	
EX DECRETO	
ORDIN	
10	D <small>✓</small> N <small>✓</small> M <small>✓</small> EIVS
D <small>✓</small> D	

Isto é: *Imp(eratori) Caes(ari) L(ucio) Domitio Aureliano, Pio, Fel(ici), Aug(usto), P(ontifici) M(aximo), T(ribunicia) P(otestate), P(atri) P(atriciae), II co(n)s(uli), Proc(onsuli), R(es) P(ublica) Ossonob(ensis), ex decreto Ordinis, d(evota) N(umini) M(ajestatique) ejus, d(edit), d(edicavit).*

Traducção da inscripção :

Ao Imperador Cesar Lucio Domicio Aureliano, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice Maximo, investido da auctoridade tribunicia, pae da patria, por duas vezes consul, proconsul, — a communidade (ou, como quem dissesse, o concelho) de Ossonoba, addicta ao poder e majestade d'elle, offereceu-lhe e dedicou-lhe, por decreto dos decuriões, [este monumento].

O monumento era certamente uma estátua, de que a lapide com a inscripção constituia a base.

Ao mesmo imperador, que governou entre 270 e 275 da era christã, se referem outras inscrições de analogo teor, achadas na Peninsula, e publicadas no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2201, 4506 e 4732. Semelhante a esta aqui publicada é a que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1, tambem de Faro, mas referida a Publio Licinio Valeriano.

A fórmula final, que aqui se acha escrita com as simples iniciaes, acha-se completa noutras inscrições: vid., por ex., o *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3555: D E D I T D E D I C A V I T. Da expressão *ex decreto Ordinis sc. Ossonobensis*, vid. outros exemplos no *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1162 (indice). Á cerca do titulo *proconsul*, dado ao imperador, cfr. Cagnat, *Traité d'épigraphie romaine*, 2.^a ed.

*

Não é esta a unica inscripção romana extrahida dos muros de Faro; ha outras, de várias especies. Ainda hoje, quem passeia por junto da muralha, do lado da praia, vê nella, aqui e alem, varios marmores antigos, que devem ter, como o de que aqui se trata, pertencido á velha Ossonoba. De modo que dos muros de Faro pôde dizer-se o que Cornelio Nepos, na Vida de Themistocles, cap. vi, diz dos da cidade de Athenas: *quo factum est, ut ex sacellis sepulcrisque constarent.*

J. L. DE V.

Aula de archeologia no Seminario Diocesano de Bragança

«Já noutra occasião dissemos neste jornal que era principalmente ao clero, tendo á sua frente o seu illustre e venerando Prelado, que se devia o accentuado movimento pelos estudos archeologicos, nesta diocese, a ponto de em pouco tempo se ter enriquecido, com verdadeiras preciosidades o Museu Municipal, que, sem dúvida, já hoje

Traducção da inscripção :

Ao Imperador Cesar Lucio Domicio Aureliano, Pio, Feliz, Augusto, Pontifice Maximo, investido da auctoridade tribunicia, pae da patria, por duas vezes consul, proconsul, — a communidade (ou, como quem dissesse, o concelho) de Ossonoba, addicta ao poder e majestade d'elle, offereceu-lhe e dedicou-lhe, por decreto dos decuriões, [este monumento].

O monumento era certamente uma estátua, de que a lapide com a inscripção constituia a base.

Ao mesmo imperador, que governou entre 270 e 275 da era christã, se referem outras inscrições de analogo teor, achadas na Peninsula, e publicadas no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2201, 4506 e 4732. Semelhante a esta aqui publicada é a que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1, tambem de Faro, mas referida a Publio Licinio Valeriano.

A fórmula final, que aqui se acha escrita com as simples iniciaes, acha-se completa noutras inscrições: vid., por ex., o *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3555: D E D I T D E D I C A V I T. Da expressão *ex decreto Ordinis sc. Ossonobensis*, vid. outros exemplos no *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, pag. 1162 (indice). À cerca do titulo *proconsul*, dado ao imperador, cfr. Cagnat, *Traité d'épigraphie romaine*, 2.^a ed.

*

Não é esta a unica inscripção romana extrahida dos muros de Faro; ha outras, de várias especies. Ainda hoje, quem passeia por junto da muralha, do lado da praia, vê nella, aqui e alem, varios marmores antigos, que devem ter, como o de que aqui se trata, pertencido á velha Ossonoba. De modo que dos muros de Faro pôde dizer-se o que Cornelio Nepos, na Vida de Themistocles, cap. vi, diz dos da cidade de Athenas: *quo factum est, ut ex sacellis sepulcrisque constarent.*

J. L. DE V.

Aula de archeologia no Seminario Diocesano de Bragança

«Já noutra occasião dissemos neste jornal que era principalmente ao clero, tendo á sua frente o seu illustre e venerando Prelado, que se devia o accentuado movimento pelos estudos archeologicos, nesta diocese, a ponto de em pouco tempo se ter enriquecido, com verdadeiras preciosidades o Museu Municipal, que, sem dúvida, já hoje

atrae a attenção de todos pelos objectos curiosos e interessantes que contém.

Não se limitou, porém, Sua Ex.^{ma} a fazer recommendações e a manifestar os seus bons desejos e interesse por este assunto, como o fez com a publicação da sua notavel *Circular Archeologica*¹, que teve os justos e merecidos applausos tanto da imprensa jornalistica, como scientifica; a sua illustração e amor pelo desenvolvimento d'esta sciencia levou-o a tornar obrigatorio o seu ensino no Seminario, creando a cadeira de Archeologia e Iconographia annexa á de Historia Ecclesiastica. É este melhoramento de tal modo importante e de tanto alcance, que não passará despercebido aos que desejam ver crescer o nível intellectual de um povo, e especialmente aos que se dedicam e trabalham pelo progresso da sciencia archeologica. É incontestavelmente um factoculminante da historia d'esta diocese, que muito enobrece e engrandece o episcopado português.

Só o demasiado ignorante é que julgará que a archeologia é estudo esteril, de mera curiosidade e sem principios; quando é certo que é verdadeira sciencia, que elucida, esclarece e completa a historia; que nos diz o viver das gerações passadas; que finalmente nos fornece elementos importantissimos de progresso, e nos educa o gosto artistico..

Não é sciencia facil, como á primeira vista parece; é difícil e muito complexa, pois requer conhecimentos de *paleontologia, geologia, ethnographia, linguistica*, etc., emfim de quasi todos os ramos do saber humano.

Já vêem, portanto, os brigantinos o importantissimo serviço que o seu venerando Prelado acaba de lhes fazer, promovendo a educação do seu clero de maneira que o habilite para poder concorrer pelos seus conhecimentos archeologicos para o progresso de sciencias neste bispado.

O reverendo parocho, de futuro, nesta diocese, não representará só o pastor que guia as almas e as educa nos mysterios da religião, será tambem obreiro da sciencia, que guardará e tornará conhecidos os elementos interessantes e curiosos da arte e da civilização, que até agora a ignorancia tinha abandonado e desprezado.

Pela nossa parte, d'este lugar, como um dos seus mais humildes cooperadores para o desenvolvimento da archeologia neste districto, damos a Sua Ex.^{ma} milhares de felicitações por haver realizado um *desideratum*, que em breve ha de produzir resultados que muito-

¹ Reproduzida n-*O Arch. Port.*, iv, 58-62.

hão de concorrer para o engrandecimento e esclarecimento da historia, particularmente da d'esta região, que, como diz o Sr. Dr. Emilio Hübner, sabio professor berlínês, necessita ainda de que algum douto a percorra, e como que arranque das trevas os monumentos d'ella: — *tota vero regio haec adhuc desiderat peregrinatorem aliquem doctum, qui ejus monumenta quasi e tenebris eruat.*

(D-O Nordeste, de 19 de Outubro de 1898).

ALBINO PEREIRA LOPO.

*

É com vivo jubilo que *O Archeologo Português* transcreve o artigo precedente. O illustre prelado de Bragança honra-se a si, e honra o clero a que pertence, e o país. Oxalá que todos os outros senhores bispos, em cujas dioceses não haja ainda cadeiras de archeologia, sigam este e os outros exemplos já apontados n-*O Arch. Port.*, I, 17 (seminario de Portalegre), 92 (seminario de Faro), 310 (seminario de Santarem), e III, 61 (seminario de Evora).

Infelizmente faltam em lingoa portuguesa bons manuaes de archeologia que sirvam de texto nas aulas e ministrem aos alumnos noções exactas da sciencia; poderão pois ter alguma utilidade as indicações bibliographicas que dei n-*O Arch. Port.*, I, 151; lembro ainda as seguintes obras:

— *Cours d'épigraphie latine*, par R. Cagnat, Paris, Thorin, 1898, 3.^a ed., 13 fr.;

— *Storia dell' arte etrusca e romana*, do Prof. Gentile, preço 2 liras; *Atlas*, 2 liras (Biblioteca Hoepli, Milão);

— *Monete romane*, de F. Gnechi, 1,50 lira (mesma Biblioteca), com estampas;

— *Numismatica*, do Dr. Ambrosoli, 2.^a ed., 1,50 lira (mesma Biblioteca), com estampas;

— *Epigrafia latina*, do Prof. S. Ricci, 6,50 liras (mesma Biblioteca), com estampas;

— *Antichità private dei romani*, do Prof. W. Kopp, 1,50 lira (mesma Biblioteca);

— *Lexique des antiquités romaines*, dos Prof. Cagnat & Goyau, com estampas;

— *Lecciones de arqueología sagrada*, de D. Antonio López Ferreiro, Santiago (Galliza), 1894.

Os indices d-*O Archeologo Português* poderão tambem auxiliar o estudo dos alumnos.

hão de concorrer para o engrandecimento e esclarecimento da historia, particularmente da d'esta região, que, como diz o Sr. Dr. Emilio Hübner, sabio professor berlínês, necessita ainda de que algum douto a percorra, e como que arranque das trevas os monumentos d'ella: — *tota vero regio haec adhuc desiderat peregrinatorem aliquem doctum, qui ejus monumenta quasi e tenebris eruat.*

(D-O Nordeste, de 19 de Outubro de 1898).

ALBINO PEREIRA LOPO.

*

É com vivo jubilo que *O Archeologo Português* transcreve o artigo precedente. O illustre prelado de Bragança honra-se a si, e honra o clero a que pertence, e o país. Oxalá que todos os outros senhores bispos, em cujas dioceses não haja ainda cadeiras de archeologia, sigam este e os outros exemplos já apontados n-*O Arch. Port.*, I, 17 (seminario de Portalegre), 92 (seminario de Faro), 310 (seminario de Santarem), e III, 61 (seminario de Evora).

Infelizmente faltam em lingoa portuguesa bons manuaes de archeologia que sirvam de texto nas aulas e ministrem aos alumnos noções exactas da sciencia; poderão pois ter alguma utilidade as indicações bibliographicas que dei n-*O Arch. Port.*, I, 151; lembro ainda as seguintes obras:

— *Cours d'épigraphie latine*, par R. Cagnat, Paris, Thorin, 1898, 3.^a ed., 13 fr.;

— *Storia dell' arte etrusca e romana*, do Prof. Gentile, preço 2 liras; *Atlas*, 2 liras (Biblioteca Hoepli, Milão);

— *Monete romane*, de F. Gnechi, 1,50 lira (mesma Biblioteca), com estampas;

— *Numismatica*, do Dr. Ambrosoli, 2.^a ed., 1,50 lira (mesma Biblioteca), com estampas;

— *Epigrafia latina*, do Prof. S. Ricci, 6,50 liras (mesma Biblioteca), com estampas;

— *Antichità private dei romani*, do Prof. W. Kopp, 1,50 lira (mesma Biblioteca);

— *Lexique des antiquités romaines*, dos Prof. Cagnat & Goyau, com estampas;

— *Lecciones de arqueología sagrada*, de D. Antonio López Ferreiro, Santiago (Galliza), 1894.

Os indices d-*O Archeologo Português* poderão tambem auxiliar o estudo dos alumnos.

Embora algumas das obras mencionadas sejam em italiano, não terão os alumnos grande embaraço em lê-las, porque todos sabem um pouco de latim, que lhes facilita muito o conhecimento d'aquelle lingoa.

J. L. DE V.

Numismatic colonial

É fóra de dúvida que a moeda mais abundante na India Portuguesa foi a de cobre, desde o reinado de D. José I, necessaria entre uma população geralmente pobre e dispersa em muito grande número de aldeias. As exigencias do pequeno commercio, quasi o exclusivo no territorio português, determinaram a abundancia de valores diferentes e até excessivamente minimos naquelle metal, valores que muito se damnificaram, em termos de não haver hoje exemplares *á flor do cunho*, ou perfeitamente conservados, para os medalheiros, salvo rarissimas excepções.

Em 1831 o povo indiano queixou-se das falsificações, que já eram bem antigas, e a Junta de Fazenda em 15 de Julho do mesmo anno mandou recunhar as tangas e meias tangas. Cumpriu-se esta disposição em Goa, onde as moedas verdadeiras, existentes na cidade e em seus arredores, facilmente foram conduzidas á officina monetaria.

São estas as tangas e meias tangas, simplesmente recunhadas, os n.^os 3 e 5 da estampa IX de Aragão. Existem exemplares d'estas que tem a sobrecarga do carimbo PR—809; tinham saído recunhadas da Casa da Moeda e nas provincias receberam tal carimbo, que foi uma duplicação desnecessária no modo de as tornar legaes, por inadvertencia, por êrro e porque com respeito ao meio circulante indo-português raras vezes as providencias decretadas foram bem comprehendidas pelos seus executores.

Tangas e meias tangas ha, que mostram os cunhos do tempo de D. Maria I e D. João VI, que não foram a Goa receber o recunhamento, e, por isto, apenas mostram o carimbo provinciano PR—809. Mas que carimbo foi este? Que significou?

Vamos patentear a nossa opinião, sem receio de que os senhores numismatas nos expulsem da Irmandade, provisoria ou definitivamente. Não era possível reunir em Goa todo o cobre da colonia. A Junta de Fazenda não tinha igual quantidade disponivel para pôr em circulação, enquanto apartava o cobre falso do verdadeiro e realizava o recunhamento que havia decretado. No cofre da Junta vivia a pobreza, como fidalga arruinada em pardieiro antigo.

Embora algumas das obras mencionadas sejam em italiano, não terão os alumnos grande embaraço em lê-las, porque todos sabem um pouco de latim, que lhes facilita muito o conhecimento d'aquelle lingoa.

J. L. DE V.

Numismatic colonial

É fóra de dúvida que a moeda mais abundante na India Portuguesa foi a de cobre, desde o reinado de D. José I, necessaria entre uma população geralmente pobre e dispersa em muito grande número de aldeias. As exigencias do pequeno commercio, quasi o exclusivo no territorio português, determinaram a abundancia de valores diferentes e até excessivamente minimos naquelle metal, valores que muito se damnificaram, em termos de não haver hoje exemplares *á flor do cunho*, ou perfeitamente conservados, para os medalheiros, salvo rarissimas excepções.

Em 1831 o povo indiano queixou-se das falsificações, que já eram bem antigas, e a Junta de Fazenda em 15 de Julho do mesmo anno mandou recunhar as tangas e meias tangas. Cumpriu-se esta disposição em Goa, onde as moedas verdadeiras, existentes na cidade e em seus arredores, facilmente foram conduzidas á officina monetaria.

São estas as tangas e meias tangas, simplesmente recunhadas, os n.^{os} 3 e 5 da estampa IX de Aragão. Existem exemplares d'estas que tem a sobrecarga do carimbo PR—809; tinham saído recunhadas da Casa da Moeda e nas provincias receberam tal carimbo, que foi uma duplicação desnecessária no modo de as tornar legaes, por inadvertencia, por êrro e porque com respeito ao meio circulante indo-português raras vezes as providencias decretadas foram bem comprehendidas pelos seus executores.

Tangas e meias tangas ha, que mostram os cunhos do tempo de D. Maria I e D. João VI, que não foram a Goa receber o recunhamento, e, por isto, apenas mostram o carimbo provinciano PR—809. Mas que carimbo foi este? Que significou?

Vamos patentear a nossa opinião, sem receio de que os senhores numismatas nos expulsem da Irmandade, provisoria ou definitivamente. Não era possível reunir em Goa todo o cobre da colonia. A Junta de Fazenda não tinha igual quantidade disponivel para pôr em circulação, enquanto apartava o cobre falso do verdadeiro e realizava o recunhamento que havia decretado. No cofre da Junta vivia a pobreza, como fidalga arruinada em pardieiro antigo.

Naquelle epocha a falta de caminhos, bem praticaveis de aldeia para aldeia, obstava ao facil transporte de tão grande quantidade de arrobas de metal até á Casa da Moeda de Goa. Os povos tinham outros misteres em que empregar o seu tempo, esquivos da enfadonha diligencia de num prazo dado visitarem Goa e esperarem ali a legalização do seu magro peculio, na falta de um interesse immediato, que compensasse semelhante violencia, como, por exemplo, augmento de valor. Isto comprehende-se. Para obstar ao inconveniente ordenou-se em Portaria Registada sob o n.^o 809, que em diferentes povoações, por conveniencia dos povos, se carimbasssem todas as moedas, não idas a Goa ao recunhamento, por meio de um carimbo, indicativo de tal regalia—P R—809.

Se alguem disser que tudo isto é uma historia, architectada á custa de considerações plausiveis, nós diremos que não se pôde admittir que PR—809 signifique Principe Regente e data de 1809 para o efecto de uma providencia decretada em 1831. Este carimbo não é um só e não foi achado por acaso em qualquer dependencia da Casa da Moeda; de sobejo nos convencemos d'isto, por elle não ser igual no feitio das letras P e R nos exemplares que possuimos e em varios que examinámos, como se mostra nas gravuras. Estas diferenças devem corresponder aos locaes onde os puncções foram feitos e applicados. Não ha exemplar algum em que se leia 1809; o algarismo 1 falta sempre. Nalguns exemplares o algarismo 9 está invertido; noutrios vê-se um ornato em fórmula de S, gravado em sentido horizontal por baixo de P R, a substituir 809. O carimbo ora está contido dentro de um circulo simples, ora dentado; por vezes o circulo não é dentado. Tudo isto não abona o pensamento da regalia para differentes localidades?

Nem todo o cobre, porém, recebeu a consagração do carimbo. Mais tarde, por edital de 4 de Julho de 1832, como ainda existisse nas provincias cobre velho não legalizado, o Governador teve de impor graves penas a todos aquelles possuidores da moeda em taes condições, que a não entregassem na Thesouraria em troca de outra legalizada. Então, provavelmente, o povo das mais longinquas aldeias, para não ser vexado, optou pelo cadiño e novas baterias de cozinha foram fabricadas. D'aqui a raridade das tangas de D. Maria I e D. João VI, primitivas, não recunhadas ou carimbadas, de cuja falta os medalheiros de agora tanto se lamentam. Se no futuro se encontrarem os livros que foram destinados ao registo das portarias provinciaes d'esta epocha, e se o registo n.^o 809 se referir ao assunto, ficará absolutamente provada a nossa opinião.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

EXEMPLARES DA COLECCÃO DE M. JULIUS MEILI, EM ZÜRICH



EXEMPLARES DA COLECCÃO DE MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS, EM LISBOA



Cornelius Bocchus

Tendo já sido publicadas n. *O Archeologo* várias referencias a Cornelio Boccho (vid. vol. I, 69 e 256), julgo conveniente aqui inserir mais esta, posto que um pouco antiquada, — que copiei na Biblioteca Real de Berlim em 1899.

J. L. DE V.

*

«Als Verfasser der von Solinus benutzten Weltchronik hat Mommsen (in seiner Ansgabe *praef.* S. xvii) den Cornelius Bocchus nachgewiesen, denselben Schriftsteller, welchen Plinius in den Indices und an mehreren Stellen seines Werkes anführt, aber immer nur für die iberische Halbinsel bettrefende Dinge. In dem lusitanischen Municipium Salacia, dem heutigen Alcacer do Sal, hat sich die folgende Inschrift gefunden: *L. Cornelio C. filio Boccho, flam(ini) prov(inciae), tr(ibuno) mil(itum), colonia Scallabitana* (d. i. das heutige Santarem) *ob merita in coloniam*. Bisher war nur ein ganz unverständlicher Text derselben (bei Mur. 1117, 4) bekannt; den richtigen habe ich nach der Abschrift eines neueren Reisenden bekannt gemacht (*Monatsber. der Berl. Akad.* von 1861 S. 747, jetzt *C. I. L.*, II, 35). An der Identität dieses Bocchus mit dem Schriftsteller wird nicht zu zweifeln sein, denn die Zeit der Inschrift (sie gehört ihrer ganzen Fassung nach und weil beim Tribunentitel die Angabe der Legion fehlt in die augustisch Zeit) und der Fundort (vielleicht war Bocchus von Geburt ein Lusitaner; der Name ist in jenen Gegenden häufig) stimmen durchaus».

(Da revista berlinesa *Hermes*, I (1866), p. 397).

E. HÜBNER.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

265. Lamas (Tras-os-Montes)

Ruinas dos Mouros

«..... nam há nesta freguezia couza digna de memoria mais que humas ruinas de huma moralha do tempo dos mouros das quais nam ha ao tempo prezente mais que os alicenses sem couza que se possa nomear». (Tomo xix, fl. 170).

266. Lamas (Extremadura)*O logar de Pragança¹*

«A Ermida de Santo Antonio em o lugar de Pargança a cujos moradores pertense a sua administração — A Ermida de N. Senhora da Fortaleza em o Lugar da Damdurão». (Tomo XIX, fl. 190).

267. Lamas-de-Orelhão (Tras-os-Montes)*Muralhas dos Mouros*

«Fica mistico nesta villa huma prassa que hera murada e dizem os antiguos que hera donde os cristãos asestiam a que chamam Muro ainda há pessoas que lhe lembra ver as portas inteiras achace no mejo da mesma prassa hum posso que Já esta atuido, e tambem se tem achado moedas de dinheiro de cobre muito antigas algum com cara e outro cem ella dizem as pessoas mais antigas (que ouue hum por nome Domingos Fernandes Seis Dedos que faleceu de cento e vinte annos e outros que faleceram de cem annos, e ainda havia hoie Mathias Fernandes de Idade de sento e des annos que se conserva sem ainda ter sido purgado nem sangrado e há mais ou menos de outo annos que faleceram) e deziam se lembravam ver a dita prassa murada e as portas della inteiros e defronte della distante meya legoa havia outra prassa que fica no cabesso do Rey de Orelham situada em terra muito aspera de montes, e fragas que dizem hera dos mouros — ainda tem bocados de muralhas e ao pe da mesma prassa se acha huma fonte debaixo de huma fraga que dizem hera dos mouros». (Tomo xix, fl. 200).

268. Lamas-do-Vouga (Beira)*Cidade de Vacca*

«He tradiçam constante que no monte ou Cabeço de Vouga estivera antigamente hūa Cidade denominada VACCA em cujo Lugar ainda se acham tijolos, pedras lauradas e outros vestigios de edefficios e muralhas». (Tomo xix, fl. 207).

269. Lamego (Beira)*Ruinas. — Inscripção romana*

Freguesia da Sé. — «Foy tam opulenta esta Cidade, que diz Joam Gerund. no seo Paralipom. ser a mayor de Espanha athé o tempo do Imperador Trajano, e porque se rrebelou depois contra o Imperio

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, I, 5 e 6.

Romano, foy destruida e queymada. O que ahinda hoje com mudas e dolorozas vozes no-lo testefica hum lugar que está no alto do ditto valle chamado — Queymada — donde tomou o nome a sobredita Capella de Sam Domingos de Queymada, e outros muitos Lugares circumvizinhos que em huns se descobrem sepulturas muy estreitas, quanto podessem accommodar hum corpo e do mesmo feyto d'elle e se admira em algas estarem ahinda corpos com seos ossos organizados e serem do comprimento de dez palmos, e em outros querendo-se fundar algum edificio se encontra debayxo da terra muyta quantidade de tejollos pegados com cal; e em partes o mesmo lastro de cazas com suas paredes e revestimentos de tejollo de altura de dous ou trez palmos; que todas estas ruinas nos estão contando com innanimados ecos e sua fatal destruição e assim vierão os Gregos esperimentar nesta cidade, o que na de Troya em tempo de Priamo cauzarão». (Tomo XIX, fl. 223).

Freguesia de Almacave. — «Creyo que não será desagradavel ao publico a noticia de huma inscripção que se achou em huma pedra que apareceu na reedificação da Capella Mor da Igreja de Almacave, isto he no sitio em que estava o altar Mayor antigo servindo-lhe como de intulho, em o mes de Mayo de 1750, a qual se mandou colocar na parede da dita Capella Mor para a parte do Nascente.

Terá esta pedra quatro palmos de comprido, e tres de largo tem em circuito seos lavores munto bem figurados; he de marmore branco com a inscripção pelo modo seguinte, e abaixo se ve:

IVIIAI · MARCHI
MARCIIIAI
Q. SCAIVIVS¹
VIGHVS · VXORI

Hum corioso desta Cidade assentou que se devia ler assim: *Juliae Marcii Marciliae Quintus Scalvius Vigilus vxori* — Que vem a ser que Quinto Scalvio Vigilo consagrhou a sua molher Julia Marcilia, filha de Marcio, este monumento.

Se esta pedra se não trouxe de outra parte para este sitio o que não é crivel fosse muy provavel o crer-se que aqui fosse o primeiro sitio de Lamego..... etc.» (Tomo XIX, fl. 365).

¹ *Scaeivus*. Esta inscripção está dentro de um friso ornado que eu não reproduzo. Cf. *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Suppl.*, n.º 5251: «*Iuliae Marci filiae) Marcellae: Q. Scaeivius Vegetus uxori*».

270. Lamoso (Entre-Douro-e-Minho)**Mouros**

«Esta (*sic*) freguezia cituado em hum vale peggado no Pe de húa serra que chamão Capello Vermelho adonde antiguamente estiveram os Mouros e está continuo para a parte do nacente tem em partes penedos e della se avista a villa de Guimarais e a villa de Aveiro». (Tomo xix, fl. 391).

271. Lanheses (Entre-Douro-e-Minho)**Minas de estanho**

«Ha na dita freguesia hua Fabrica de telha, que se coze em oito fornos pello tempo do bram, donde se provê toda a comarca e fora della os que a querem pella qualidade do barro com que se fabrica ser melhor que doutros territorios..... etc. Ha na mesma freguesia por sima do lugar das Roupeiras hum cabesso de Monte com muitas minas ou possos mui fundos; donde ha tradiçam antiga que foram minas de estanho». (Tomo xix, fl. 434).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

BibliographiaREVUE ARCHÉOLOGIQUE, 3.^a serie, t. xxxiii, Nov.-Dez. de 1898.

A proposito do artigo em que o Sr. De Laigne estuda *Les nécropoles phéniciennes en Andalousie* (1887-1895), notarei que o tumulo figurado na estampa XIII-XIV já havia servido de assunto a um artigo do Sr. Berlanga publicado num jornal português,—*Revista Arqueologica*, vol. II, pag. 33 sqq.,—onde vem uma estampa do mesmo tumulo.

Contos para contar

Ha muito tempo que ando a reunir elementos para o estudo dos «contos para contar» ou *jetons* portugueses, pois é assunto ainda quasi virgem.

Além de umas indicações de Severim de Faria (sec. XVII), que confundiu contos com moedas¹, algumas observações do Sr. Teixeira de

¹ *Notícias de Portugal*, discurso IV, §§ xxix e xxx.

Cornelius Bocchus

Tendo já sido publicadas n. *O Archeologo* várias referencias a Cornelio Boccho (vid. vol. I, 69 e 256), julgo conveniente aqui inserir mais esta, posto que um pouco antiquada, — que copiei na Biblioteca Real de Berlim em 1899.

J. L. DE V.

*

«Als Verfasser der von Solinus benutzten Weltchronik hat Mommsen (in seiner Ansgabe *praef.* S. xvii) den Cornelius Bocchus nachgewiesen, denselben Schriftsteller, welchen Plinius in den Indices und an mehreren Stellen seines Werkes anführt, aber immer nur für die iberische Halbinsel bettrefende Dinge. In dem lusitanischen Municipium Salacia, dem heutigen Alcacer do Sal, hat sich die folgende Inschrift gefunden: *L. Cornelio C. filio Boccho, flam(ini) prov(inciae), tr(ibuno) mil(itum), colonia Scallabitana* (d. i. das heutige Santarem) *ob merita in coloniam*. Bisher war nur ein ganz unverständlicher Text derselben (bei Mur. 1117, 4) bekannt; den richtigen habe ich nach der Abschrift eines neueren Reisenden bekannt gemacht (*Monatsber. der Berl. Akad.* von 1861 S. 747, jetzt *C. I. L.*, II, 35). An der Identität dieses Bocchus mit dem Schriftsteller wird nicht zu zweifeln sein, denn die Zeit der Inschrift (sie gehört ihrer ganzen Fassung nach und weil beim Tribumentitel die Angabe der Legion fehlt in die augustisch Zeit) und der Fundort (vielleicht war Bocchus von Geburt ein Lusitaner; der Name ist in jenen Gegenden häufig) stimmen durchaus».

(Da revista berlinesa *Hermes*, I (1866), p. 397).

E. HÜBNER.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

265. Lamas (Tras-os-Montes)

Ruinas dos Mouros

«..... nam há nesta freguezia couza digna de memoria mais que humas ruinas de huma moralha do tempo dos mouros das quais nam ha ao tempo prezente mais que os alicenses sem couza que se possa nomear». (Tomo xix, fl. 170).

270. Lamoso (Entre-Douro-e-Minho)**Mouros**

«Esta (*sic*) freguezia cituado em hum vale peggado no Pe de húa serra que chamão Capello Vermelho adonde antiguamente estiveram os Mouros e está continuo para a parte do nacente tem em partes penedos e della se avista a villa de Guimarais e a villa de Aveiro». (Tomo xix, fl. 391).

271. Lanheses (Entre-Douro-e-Minho)**Minas de estanho**

«Ha na dita freguesia hua Fabrica de telha, que se coze em oito fornos pello tempo do bram, donde se provê toda a comarca e fora della os que a querem pella qualidade do barro com que se fabrica ser melhor que doutros territorios..... etc. Ha na mesma freguesia por sima do lugar das Roupeiras hum cabesso de Monte com muitas minas ou possos mui fundos; donde ha tradiçam antiga que foram minas de estanho». (Tomo xix, fl. 434).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

BibliographiaREVUE ARCHÉOLOGIQUE, 3.^a serie, t. xxxiii, Nov.-Dez. de 1898.

A proposito do artigo em que o Sr. De Laigne estuda *Les nécropoles phéniciennes en Andalousie* (1887-1895), notarei que o tumulo figurado na estampa XIII-XIV já havia servido de assunto a um artigo do Sr. Berlanga publicado num jornal português,—*Revista Arqueologica*, vol. II, pag. 33 sqq.,—onde vem uma estampa do mesmo tumulo.

Contos para contar

Ha muito tempo que ando a reunir elementos para o estudo dos «contos para contar» ou *jetons* portugueses, pois é assunto ainda quasi virgem.

Além de umas indicações de Severim de Faria (sec. XVII), que confundiu contos com moedas¹, algumas observações do Sr. Teixeira de

¹ *Notícias de Portugal*, discurso IV, §§ xxix e xxx.

Aragão nas *Moedas de Portugal*¹, um artigo do mesmo auctor na sua *Histoire du travail*², e umas notas dos auctores do *Diccionario de Numismatica*³, nada mais me ocorre á cerca da materia. As unicas estampas por ora publicadas são tambem, que eu saiba, as que vem na *Historia Genealogica da casa real*⁴ e no citado *Diccionario de Numismatica*⁵.

Os contos, como muitas das suas legendas o dizem,—CONTOS PARA CONTAR—, serviam para fazer operaçōes arithmeticas, e tiveram principalmente uso na idade-média, até á epocha da vulgarização dos algarismos arabes na Europa (sec. xv). Todavia os que se conhecem entre nós não vão alem do sec. xiv. No sec. xvii já o seu uso estava em decadencia, por isso que, como vimos, Severim de Faria não conhece como taes os que cita nos *Discursos*. A vida dos nossos contos circumscreve-se pois aos seculos xiv, xv e xvi, ou principios do xvii.

Os contos portugueses relacionam-se, como é natural, com os dos outros países. Sobre o uso geral d'estes objectos vid. *Histoire du jeton au moyen âge*, por J. Rouyer & E. Hucher, Paris 1858. É assim que, por exemplo, encontramos em contos estrangeiros dos seculos XIV-XV legendas analogas á citada portuguesa: *je sui(s) de Jetton pour jete(r)*⁶; *jettoir pour ler cōptes en Brabant*⁷; o mesmo se nota a respeito de outras legendas (divisas, etc.). Muitos dos brasões que se vêem nos nossos contos podem sê-lo de familias a que elles pertencessem, porque, se os reis e as repartições officiaes tinham *jetons* para seu uso, como mostram as armas e as legendas, isso succedia igualmente com os simples particulares⁸; para averiguar aquelle ponto é porém necessário proceder ao estudo de cada conto em especial.

Com quanto os contos tenham fórmula monetaria, elles não pertencem, rigorosamente fallando, á Numismaticá; hoje os numismatas propendem para constituir com elles uma disciplina propria.

Os antigos *contos* degeneraram modernamente em *tentos de jogo*. Com elles se prendem até certo ponto as *senhas*, e outras peças ana-

¹ I, 245, nota.

² Pag. 119.

³ Porto 1872-1884, pp. 15, 42, 44, 170-171.

⁴ Vol. iv, est. E, n.º 33.

⁵ *Locus citatis*.

⁶ *Gazette numismatique française*, I, 325.

⁷ *Revue belge de numismatique*, 1898, p. 48 sqq.

⁸ Havia ao mesmo tempo *jetons* para uso do público; os escriptores franceses chamam-lhes *jetons banaux*.

correspondentes aos *méreaux* franceses¹; todavia *méreaux e jetons* fazem muita diferença entre si.

Tendo eu comunicado ao Sr. Julio Meili, de Zürich, possuidor de uma valiosa collecção de «contos» portugueses, as intenções em que eu estava de proceder ao estudo d'este ramo da nossa archeología, dignou-se elle prometter-me a sua ajuda, e logo pouco depois de me escrever a primeira carta me enviou uma lista muito circumstanciada dos exemplares que compõem a sua collecção. Como eu não posso desde já realizar o meu anunciado trabalho, porque me faltam ainda alguns elementos, e porque não posso dispor por ora do necessário tempo para os colhêr, resolvo publicar desde já, com auctorização do Sr. Meili, a lista que elle me enviou, constituindo com ella o n.^o 1 de uma serie de estudos preparatorios sobre os «contos para contar», como já a respeito de diversas materias esta revista tem publicado outros.

O *Archeologo Português*, ao mesmo tempo que, inserindo nas suas columnas este artigo, dá aos leitores um trabalho de merito, honra-se tambem com a collaboração do Sr. J. Meili, a quem a Numismatica portuguesa deve já tão notaveis escritos².

J. L. DE V.

I

«Contos para contar» da collecção de Julio Meili, de Zürich³

Seculo XIV e XV

Diametros de 0^m,021 a 0^m,024, correspondendo mais ou menos ao meio Tornês de D. Fernando

D. Fernando

N.^o 1.—Cobre.—Conservação mediocre.

Quinas dentro de um circulo.

R._r. Cruz semelhante á da Ordem de Malta.

Legendas de ambos os lados, porém illegiveis.

¹ Exemplos d'esta ultima especie:

1. Anverso: I. W. PHLPES & C.^o MADEIRA. Ao centro: 50 ^{rs}. 1802.
Reverso: PAGARA AO PORTADOR. Ao centro: CINC.^{TA} REIS.
2. Anverso: PHELPS. PAGE & C.^o—MADEIRA. No campo: 100 ^{rs}. 1803.
Reverso: PAGARAO. AO. PORTADOR. No campo: CEM REIS.

² O artigo que se segue foi redigido pelo proprio A. em português.

³ Não vão reproduzidos todos os numeros, porque os mal conservados não dão boas cópias.

N.^o 2.—Cobre.—Mediocre.

Quinas dentro de um circulo, cantonadas de 4 arruellas.

Bz. Cruz cantonada de 4 arruellas; cada braço da cruz acostado na sua extremidade por uma arruella de cada lado.

Legendas de ambos os lados, porém illegiveis.

N.^o 3.—Cobre.—Bastante bello.—Veja-se a estampa.

† GASPAR : MELCHIOR : — Quinas dentro de um circulo de perolas, cantonadas de 4 estrellas.

Bz. **† GASPAR : MELCHIOR : B :** (nomes dos reis magos)—Cruz cantonada por 4 florões; nas extremidades de cada hastea uma arruella.

N.^o 4.—Cobre.—Mediocre.

Igual ao numero anterior, com a diferença de os braços da cruz não serem acostados de arruellas.

D. João I

N.^o 5.—Cobre.—Mediocre.—Veja-se a estampa.

◊ IHNS ◊ DEI ◊ GRA ◊ REX ◊ — Quinas sobre um circulo de perolas, cantonadas por 4 estrellas.

Bz. **† IHNS * DEI * GRA * REX * P** — Cruz cantonada por 4 estrellas.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1521).

N.^o 6.—Latão.—Bello exemplar.—Veja-se a estampa.

+ AO * GALARDON * COMO * AODO — Quinas sobre um circulo de perolas, cantonadas por 4 estrellas.

Bz. **† EN : LATON : A BON : SERVICO :** — Cruz cantonada por 4 estrellas.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1522 e Amaral, *Num. Port.*, pag. 170).

N.^o 7.—Cobre.—Mediocre.

*** AO : BONO * GALARDON * COMO *** — O mais igual ao numero anterior.

N.^o 8.—Cobre.—Mediocre.

DOMINVS * MECV*N : BG** — Quinas sobre um circulo, cantonadas por 4 estrellas; o escudete do meio entre 4 pontos.

Bz. Legenda illegivel. Cruz cantonada por estrellas e pontos, tendo em cada extremidade 2 arruellas.

N.^o 9.—Cobre.—Muito bom.—Veja-se a estampa.

✖ POR + TV + GAL + ET + AL + GARBI—Quinas dentro de um circulo, cantonadas por 4 estrellas.

R. ✖ POR + TV + GAL + ET + AL + GAR + BI—Cruz cantomada de 4 estrellas.

Fins do Século XV

Diametro de 0^m,026, correspondendo mais ou menos com o Real grosso de D. Affonso V

D. Affonso V e D. João II

N.^o 10.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa.

✖ CANTATE : DOMINO : CANTICN : NOVL : (a ultima palavra é incerta)—Dentro de um duplo circulo ogival 4 escudetes com as quinas em volta de um escudo maior; fóra dos circulos ogivaes achão-se 8 pontos.

R. ✖ EM : LATOM : ABOM : SERVICO : EMALC—Dentro de um duplo circulo ogival 3 castellos com muralhas, um escudete com as quinas em cima e outro em baixo dos castellos; 8 pontos fóra dos circulos ogivaes.

N.^o 11.—Cobre.—Regular.—Veja-se a estampa.

✖ CONSERVACIO : REX : PVBLICE : IN—Sobre a cruz de Aviz as quinas em cruz dentro de um circulo; fóra do circulo 4 castellos.

R. Uma roda de moinho espadanando agua.

(Igual ao exemplar da *Historia Genealogica*, livro v, pag. 456, estampa E, n.^o 33, onde vem mencionado como moeda, variante do de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1524, e variante do de Amaral, *Num. port.*, pag. 170).

N.^o 12.—Cobre.—Regular.—Veja-se a estampa.

◆ GAS ◆ PAR ◆ MEL ◆ CHIO—Cruz de Aviz cortando a legenda; no centro cruz de S. Jorge, phantasiada, dentro de um duplo circulo ogival; 6 pontos fóra do circulo.

R. Uma roda de moinho espadanando agua.

(Comparar com o exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1525).

N.^o 13.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa, onde o reverso vem, por descuido, mal collocado.

: CONTVS : CONTVS : CONTVS :—Dentro de um duplo circulo ogival um escudo com uma cruz, circumdado de 4 S.

R. ◆ CONT ◆ CONT ◆ CON ◆ CONT—Cruz da ordem de Aviz cortando a legenda. Dentro de um circulo as quinas, cantonadas de pontos, arruelladas e semicirculos.

Seculo XVI

Diametros de 0^m,028 a 0^m,031, correspondendo mais ou menos em modulo, espessura e typo ao tostão de D. Manoel.

Parece que os exemplares com a figura do pelicano devem tambem entrar nesta categoria

D. Manoel

N.^o 14.—Latão.—Bom.—Veja-se a estampa.

: DINEI : ♦ ROS : ♦ D ♦ E CONT ♦ VS : P : E :—Sobre a cruz de Aviz, cortando a legenda, o escudo d'armas de Portugal, com 14 castellos, dentro de um circulo e acostado por um ponto de cada lado.

R. ✚ CONTVS : CONTVS : CONTVS : CONTVS :—Um pelicano dentro de um ninho com 3 filhinhos.

(Semelhante, como tambem os tres numeros seguintes, ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1526 e ao de Amaral, *Num. port.*, pag. 171).

N.^o 15.—Latão.—Regular.

Igual ao anterior, mas a última palavra no reverso é CONTV (em vez de CONTVS).

N.^o 16.—Cobre.—Regular.

♦ DINEI ♦ ROS : D ♦ E CON ♦ TVS : D — Semelhante ao n.^o 14, tendo porém aos lados do escudo duas flores de liz.

R. ✚ CONTVS : CONTVS : CONTVS : CONTVS :—Igual ao n.^o 14.

N.^o 17.—Cobre.—Anverso bom, reverso mal conservado.

♦ DINEI : ♦ ROS : D : ♦ E CONT : ♦ VS : P : D :—No mais é igual ao n.^o 14.

R. Igual ao n.^o 14.

N.^o 18.—Latão.—Regular.—Veja-se a estampa.

: TIMO E COMINIS LATVS PERMALETIOS EO — Escudo português com 9 castellos, coroado. Aos dois lados do escudo tem arabescos.

R. IN DEO MANET ET ET QVD ALEA IN CARITATE :— Pelicano com filhinhos dentro de um ninho.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1527).

N. B. Nos cinco exemplares precedentes a coroa que encima o escudo tem o característico de ser muito pequena.

N.^o 19.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa.

◆ DPLV ◆ DOA ◆ NOM ◆ NMG—No centro, dentro de um círculo, g ^P M A (Manoel e Portugal?)
v

R. ◆ OMNIS : SPES : EIVS : IN : DE :—No centro, dentro de um círculo, a esphera.

(Comparar com o exemplar de Amaral, *Num. port.*, pag. 42 e 43).

N.^o 20.—Latão.—Bom.—Veja-se a estampa.

◆ CONT ◆ VSPE ◆ RACO ◆ NTAR—Escudo português, com oito castellos, coroado, com 2 arruellas aos lados, sendo os escudetes substituídos por arruellas.

R. CON ◆ TARC : ◆ CONT : ◆ VS PER :—Esphera circundada de 10 estrellas dentro de um círculo.

N.^o 21.—Cobre.—Medioocre.

Semelhante ao numero anterior, porém no reverso não tem estrellas, circumdando a esphera.

N.^o 22.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

✖ CONTOS ◆ PER ◆ CONTAR ◆ CON : D :—Escudo coroado sendo os escudetes substituídos por arruellas, aos lados 2 arruellas; tudo dentro de um *dúplo* círculo.

R. + CONTOS + VS PER + ACONTA—A esphera circundada de 8 estrellas dentro de um círculo.

N.^o 23.—Bronze.—Medioocre.

✖ CONTOS ◆ PER ◆ CONTAR ◆ CON : D :—Como o numero anterior. Escudo coroado, aos lados 2 arruellas.

R. ◆ CONTOS ◆ PARA ◆ VEERDADE—A esphera sem estrellas.

N.^o 24.—Bronze.—Muito bonito.—Veja-se a estampa.

◆ CONTO ◆ DOPTO ◆ OTEAR ◆ E COTAR—A cruz de Aviz cortando a legenda. Dentro de um círculo as armas portuguesas, com 10 castellos.

R. ✖ DEVIISA + D : R : P : PARA + METES—A esphera.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1531).

N.^o 25.—Bronze.—Bonito.—Veja-se a estampa.

◆ CONTVS ◆ DE : R : ET ◆ A : DNVS ◆ GVINEE :—A cruz de Aviz cortando a legenda. Dentro de um círculo as armas portuguesas, coroadas, com 12 castellos.

◆ DEVISA ◆ D : R : P : DS ◆ . . ETRA ◆ CADAVN—Esphera sobre fundo de arabescos dentro de um círculo.

N.^o 26.—Cobre.—Bom, parece fundido.

◆ CONTV ◆ DOPTO ◆ OTEAR ◆ ECOTAR—A cruz de Aviz cortando a legenda. Dentro de um circulo as armas portuguesas, coroadas, com 10 castellos.

B. ◆ DEVISA : DE : R ◆ DE : PVRTVGAL—A esphera dentro de um circulo.

(Igual ao exemplar n.^o 1531 de Aragão, *Hist. du travail*, e semelhante ao de Amaral, *Num. port.*, pag. 15 e 16).

N.^o 27.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

Semelhante ao numero precedente, mas de bronze.

D. João III

N.^o 28.—Bronze.—Bom exemplar.—Veja-se a estampa.

◆ CONT ◆ VSPER ◆ ACON ◆ TAR : C—A cruz de Aviz corta a legenda. Escudo português, corado, com 14 castellos.

B. ◆ : CONT ◆ VSPER ◆ ACON ◆ TVSP :—A cruz de Aviz corta a legenda. Dentro de um circulo a esphera, circumdada de 6 estrellas.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1543).

N.^o 29.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

✖ D : N : IOANES : III : PORTUGA . . — Armas portuguesas, com 11 castellos, coroadas; aos lados do escudo P — :

B. ✖ OMNIS : SPES : EIVS : IN : DE :—A esphera ornamentada dentro de um circulo.

(Semelhante ao exemplar de Amaral, *Num. port.*, pag. 43).

N.^o 30.—Cobre.—Regular.—Veja-se a estampa.

: D · N · IOANNES · I · I · I · POO :—Dentro de um circulo ogival uma torre entre 4 escudetes.

B. : ONISS : SPES : EIVS : IN : CE :—A esphera, ornamentada, dentro de um circulo.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1536).

N.^o 31.—Bronze.—Anverso mal conservado.

D · N · IOANNES · I · I · I · PO ·—O mais como o numero precedente.

B. ✖ OMNIS : SPES : EIVS : IN : DE :—A esphera dentro de um circulo.

N.^o 32.—Cobre.—Mediocre.

ꝝ D : N : IOANES : I · I · I · P : O :—Armas portuguesas *sem coroa*, aos lados do escudo .°—°.

ꝝ. * OMNIS : SPES : EIVS : IN : DE :—A esphera dentro de um circulo.

N.^o 33.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa.

ꝝ IOANES 3 . . . AD : G : C : NC : ET : I—Dentro de dous circulos as armas portuguesas coroadas, tendo aos lados P—O.

ꝝ. CONTOS : DR P E PARA : HO—A esphera dentro de dois circulos de perolas.

N.^o 34.—Bronze.—Bom.

IOANES 3 · R · ET · A · I : D : CC : NCET—Dentro de dous circulos as armas portuguesas, coroadas, tendo aos lados P—O.

ꝝ. CONTOS : DR — ET · ARA : HO—A esphera dentro de dous circulos de perolas.

N.^o 35.—Bronze.—Regular.

ꝝ IOHANES 3 · R : P : ET : A : DVINEE *—Armas portuguesas coroadas, acostadas de P—O.

ꝝ. DEVISA DR PARA METES : P—Esphera circumdada de ornamentos.

N.^o 36.—Cobre.—Regular.—Fundido.

ꝝ IOHANES 3 : R : ET : A : D : GVINEE—O mais como do numero antecedente.

ꝝ. DEVISA DR : P : PARA : METES—O mais como do numero antecedente.

(Semelhante ao exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1587).

N.^o 37.—Bronze.—Regular.—Veja-se a estampa.

CONTOS : PARA · RCO—Escudo de phantasia, cuja coroa corta a legenda, contendo o escudo 5 estrellas e 5 arruellas, com dois pontos aos lados.

ꝝ. ꝝ AOC ♦ NO ♦ V ⊖ NIT ♦ OVN—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 38.—Cobre.—Regular.

♦ CONTOS : ♦ PARA : ♦ CONTA—Escudo de phantasia, *sem coroa*, ornamentado, com 5 estrellas no centro.

ꝝ. ꝝ AOC ♦ NO ♦ V ⊖ NIT ♦ OVN—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 39.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

* CONTOS : PERA : CONTAR—Escudo de phantasia, coroado, contendo no centro 5 estrellas, aos lados 1 arruella.

R. ✕ CONTOS : PERA : VERDA—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 40.—Latão.—Bom.—Veja-se a estampa.

♦ IEPSSI + APSI + ILS + ILSI—Escudo de phantasia, *sem* coroa, tendo no centro 5 florões e 4 arruellas, e mais 4 arruellas em torno.

R. ✕ AOC ♦ NO ♦ V ⊖ NIT ♦ OVN—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 41.—Cobre.—Mediocre.—Veja-se a estampa.

+ CONTOS + PERA + VERDADE : D :—Escudo de phantasia, *sem* coroa, com estrellas e arruellas em torno.

R. ♦ CONTOS ♦ PARA ♦ VEERDADE ♦—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 42.—Bronze.—Bom.

✖ CONTOS PERA CONTAR—Escudo português coroado, tendo aos lados uma arruella.

R. ✕ CONTOS + PERA + CONTAAR—Esphera.

N.^o 43.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

✖ CONTOS · PERA · CONTAR—Escudo português coroado, tendo á esquerda 1 e á direita um florão.

R. ✕ CONTOS ✕: PERA ✕: CONTAR.—Esphera.

N.^o 44.—Cobre.—Bom.

♦ TNOJ ♦ TNOJ ♦ TNOJ ♦ TNOJ (CONT ás avessas esta palavra e retrograda.)—Cruz de Aviz cortando a legenda. Escudo com pequena coroa, contendo no centro 5 estrellas, e na orla 14 castellos; aos lados 1 arruella.

R. * IOOSVT * IIOSV * NOOS * VTNOJ—Esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 45.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa.

Como o numero anterior

R. ♦ CONTV ♦ CONTV ♦ CONTV ♦ CONTV—A cruz de Aviz cortando a legenda. No campo a esphera.

N.^o 46.—Latão.—Bom.

+ CONTOS : PERA : CONTAR :—Escudo coroado com 5 flores de liz no centro.

✖ CONTOS ✖ PERA : CONTAAR :—Esphera.

N.^o 47.—Cobre.—Mediocre.

:♦: V : M : V : ♦ V : M : V : ♦ : V : M : V : ♦ V : M : V—A cruz de Aviz corta a legenda. Escudo de phantasia com pequena coroa, tendo no centro 4 escudetes, cantonados de 5 estrellas; de cada lado um ponto.

B. ♦ CONTV ♦ CONTV ♦ CONTV ♦ CONTV—A cruz de Aviz cortando a legenda. No campo a esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 48.—Bronze.—Mediocre.

Como o numero antecedente.

B. * CONT * CONT * CONT * CONT—No campo a esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 49.—Cobre.—Ruim.

♦ CONTOS ♦ PERA ♦ CONTAR—Escudo português coroado, acostado de um florão de cada lado.

B. COINTOS ♦ PERA ♦ CONTAR—No campo a esphera.

D. Sebastião

N.^o 50.—Cobre.—Regular.—Veja-se a estampa.

♦ CONT ♦ ENOI ♦ EONT ♦ EONT—A cruz de Aviz cortando a legenda. Escudo de phantasia com pequena coroa, tendo no centro 5 estrellas e na orla 15 castellos, acostado de um S de cada lado.

B. ♦ CONTV ♦ CONTV ♦ CONTV ♦ CONTV—A cruz de Aviz cortando a legenda. A esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 51.—Bronze.—Bom.

♦ EONT ♦ CONT ♦ EONT ♦ EONT—O mais como do numero precedente.

B. Como o do numero precedente.

(Comp. o exemplar de Aragão, *Hist. du travail*, n.^o 1530).

N. B. Nos dois numeros precedentes a coroa e todo o typo assemelham-se muito aos dos n.^{os} 14 a 17.

N.^o 52.—Cobre.—Mediocre.—Fundido.—Veja-se a estampa.

Na orla exterior: ♦ CVNTVS ♦ CVNTVS ♦ CVNTVS ♦ CVNTVS
A cruz de Aviz cortando a legenda.

Na orla interior: + CVNTVS PERA CONTAR E.

No centro: 5 escudetes com 1 só arruela, cantonados de 4 S e de 4 arruelladas.

B. ♦ CONTVS ♦ CONTVS ♦ CONTVS ♦ CONTVS — A esphera dentro de um circulo de perolas.

(Semelhante ao exemplar de Amaral, *Num. port.*, pag. 44).

N.^o 53.—Cobre.—Bastante bello.

Na orla exterior: ♦ CVNTV ♦ CVNT ♦ CVNT ♦ CVNT — A cruz de Aviz cortando a legenda.

Na orla interior: CVNTVS : PERA CUNT

No centro como no numero precedente, porém os escudetes com as quinas.

B. * CVNTOS * CONTOS * CONTOS — A esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 54.—Cobre.—Bastante bello.

Na orla exterior: ♦ CVNT ♦ CVNT ♦ CVNT ♦ CVNT — A cruz de Aviz cortando a legenda.

Na orla interior: CVNTVS : PERA CONT

No centro como no numero precedente.

B. * CONTOS * CONTOS * CONTOS — A esphera dentro de um circulo de perolas.

N.^o 55.—Latão.—Bom.

CVNTVS CVNTVS CVN — No centro as quinas cantonadas de 4 S.

B. A esphera sem legenda (ou talvez com a legenda cortada?)

(Este exemplar tem sómente 0^m,020 de diametro e pesa 3,40 grammas).

N.^o 56.—Cobre.—Bom.—Veja-se a estampa.

* CONTV * DE COTA * AR : FAZ * CONTA — No centro 5 escudetes com as quinas, sendo o do meio coroado, circumdados de 4 castellos e 12 arruelladas; tudo dentro de um circulo de perolas.

B. DEVISA : DE : R * DE PVRTVGL — Esphera dentro de um circulo de perolas.

(Este reverso é semelhante ao de Amaral, *Num. port.*, pag. 15).

N.^o 57.—Bronze.—Bom.—Veja-se a estampa.

Como o do numero precedente.

R. CONTV:♦ DECOT♦ ARETEAR♦ TE · A · A · R—No campo a esphera dentro de um duplo circulo de perolas. A cruz de Aviz corta a legenda.

Philippe

N.^o 58.—Latão.—Mediocre.

* CONTOS ♦ PERA ♦ CONTAR—Escudo português coroado, acostado de :—:—:

R. (florão) CONTOS (florão) PERA (florão) CONTAR—No campo a esphera.

(Este exemplar assemelha-se no typo ao tostão de Philippe II, n.^o 8 de Aragão)

Suplemento de mais algumas variantes

N.^o 59.—Bronze.—Mediocre.

+ CONTOS + AVSPERA + CONT—Semelhante ao n.^o 22, porém tendo no centro escudetes em vez de arruellas.

R. + CONTOS + VSPER + A CONTAR—O mais como o n.^o 22.

N.^o 60.—Bronze.—Ruim.—Fundido.

COHTAR ♦ CONTOS : ♦ PERA—Semelhante ao n.^o 38, mas com o escudo *coroado* e a ornamentação d'elle um pouco diferente.
R. Como o do n.^o 38.

N.^o 61.—Cobre.—Ruim.

..... CONTV (o mais illegivel)—Cruz de Aviz cortando a legenda. Escudo de phantasia coroado, com 7 escudetes, sendo o do meio acostado de arruellas. Aos lados do escudo S—S
R. Como o do n.^o 50.

(É exemplar interessante, infelizmente está mal conservado).

N.^o 62.—Cobre.—Ruim.

Variante dos n.^{os} 53 e 54 que tem na orla interior: CONTOS : C : CONTVS :—O mais é semelhante aos n.^{os} 53 e 54.

N.^o 63.—Cobre.—Reverso ruim.

* CONTV * DE COT * AR : FAZ * CONTA—O mais como o n.^o 56.

R. * COTVS * COTVS * COTVS * COTVS—Esphera dentro de um circulo.





19



20



22



24



25



27



28



29



30



33





37



39



40



41



43



45



50



52



56



57



270. Lamoso (Entre-Douro-e-Minho)**Mouros**

«Esta (*sic*) freguezia cituado em hum vale peggado no Pe de húa serra que chamão Capello Vermelho adonde antiguamente estiveram os Mouros e está continuo para a parte do nacente tem em partes penedos e della se avista a villa de Guimarais e a villa de Aveiro». (Tomo xix, fl. 391).

271. Lanheses (Entre-Douro-e-Minho)**Minas de estanho**

«Ha na dita freguesia hua Fabrica de telha, que se coze em oito fornos pello tempo do bram, donde se provê toda a comarca e fora della os que a querem pella qualidade do barro com que se fabrica ser melhor que doutros territorios..... etc. Ha na mesma freguesia por sima do lugar das Roupeiras hum cabesso de Monte com muitas minas ou possos mui fundos; donde ha tradiçam antiga que foram minas de estanho». (Tomo xix, fl. 434).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

BibliographiaREVUE ARCHÉOLOGIQUE, 3.^a serie, t. xxxiii, Nov.-Dez. de 1898.

A proposito do artigo em que o Sr. De Laigne estuda *Les nécropoles phéniciennes en Andalousie* (1887-1895), notarei que o tumulo figurado na estampa XIII-XIV já havia servido de assunto a um artigo do Sr. Berlanga publicado num jornal português,—*Revista Arqueologica*, vol. II, pag. 33 sqq.,—onde vem uma estampa do mesmo tumulo.

Contos para contar

Ha muito tempo que ando a reunir elementos para o estudo dos «contos para contar» ou *jetons* portugueses, pois é assunto ainda quasi virgem.

Além de umas indicações de Severim de Faria (sec. XVII), que confundiu contos com moedas¹, algumas observações do Sr. Teixeira de

¹ *Notícias de Portugal*, discurso IV, §§ xxix e xxx.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 3

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

Imprimindo este singelo trabalho, realizo um pensamento de nove ou dez annos e uma promessa de seis.

O pensamento nasceu, logo que o acaso me deparou, na Biblioteca Nacional, os documentos a que dou agora publicidade, e que são hoje o unico vestigio que existe do precioso calix de ouro do mosteiro de Alcobaça: a promessa, consignei-a em carta que dirigi ao Sr. Dr. Sousa Viterbo, a propósito de um seu interessante estudo intitulado *As joias de D. Ignez de Castro e o calice de Alcobaça*, carta que esse incansavel e consciencioso investigador do nosso passado artistico fez inserir em o n.º 46 d-A *Semana de Lisboa* (Novembro de 1893), folha onde, pouco antes, havia aparecido aquele estudo (n.ºs 42 e 43).

A suspensão da serie *Historia da Arte em Portugal*, que saía no Porto sob a direcção do sr. Joaquim de Vasconcellos, e á qual eu destinara o presente trabalho; o extravio do primitivo manuscrito, e a dificuldade de achar tempo, no meio das minhas variadas ocupações, para de novo copiar os documentos que encontrára—explicam a demora havida em entregar ao público esta insignificante contribuição para a historia das artes decorativas em Portugal.

Dezembro de 1899.

I

Em muitos dos numerosos conventos do nosso país, especialmente nos que eram de fundação regia, accumulavam-se preciosidades artisticas do mais alto valor:—peças de ourivezaria e obras de talha, quadros e illuminuras, tecidos e bordados, tapessarias e mobiliario...

O poderoso mosteiro cisterciense de Alcobaça, fundado por D. Afonso Henriques e largamente protegido por quasi todos os nossos monarchas, encerrava a mais surprehendente riqueza de arte. À extensão

dos seus dominios territoriaes; ás prerogativas do dom abbade; á beleza architectonica de muitas das partes do edificio—correspondia um valiosissimo recheio de obras de ourivezaria, alfayas, quadros, livros com illuminuras.

Uma das peças mais notaveis do thesouro do convento, era um primo-rosso calix de ouro, com figuras em relevo, esmaltes e pedras preciosas.

Tres versões corriam á cerca da sua origem.

Segundo uma, o precioso vaso teria sido feito das joias da formosa e desventurada Ignez de Castro, doadas ao convento por D. Pedro I.

Acha-se memoria d'ella em um *chronicon exarado* na primeira página do codice n.º 104¹ da *livraria velha*, ou manuscripta, de Alcobaça (*Homiliae de Origenes*):

«Calicem aureum cum patena, qui est in tesauro, donavit rex Petrus, ex armilis et pendentibus domine Ignez de Castro, inclite reginae Portugalie et Algarbii, pro cuius anima donata fuit villa de Paredes».

São, porém, evidentemente apocryphos, tanto este como os outros registos do alludi-lo *chronicon*, escripto no seculo XVI, mas affectando o carácter da letra do codice, que data do seculo XIII. Duas pennas se fizeram cargo de, no proprio logar, desmascarar o falsario. Adverte uma:— «*Falso narrata et ignave scripta*»; e outra:— «*Littera decimi sexti saeculi, ficte scripta, et falso narrans*». O auctor do indice impresso dos codices alcobacenses, quando descreve o que tem o n.º 104, tambem diz, em referencia ás memorias da primeira página:— «. . . . secunda manu addita videntur»².

Affirmavam outros que o famoso calix proviera de joias legadas ao mosteiro por D. Affonso II³.

¹ Tem actualmente na Biblioteca Nacional o n.º 360.

² Pag. 62.

³ D. Sancho I legára ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a sua copa de ouro (*copam meam auri*), para que d'ella se fizesse uma cruz e um calix, o que se cumpriu, constituindo a cruz un exemplar interessantissimo, que tem figurado em diversas exposições e se conserva no gabinete de numismatica e antiguidades do paço da Ajuda. D. Affonso legou, é certo, algumas joias ao mosteiro de Alcobaça, mas sem clausula:— «*Et mando monasterio Alcupacie omnes meas sortelias maiores et minores, et annulos quos habuero in die mortis mee*».

Que diferença haveria entre *annulus* e *sortelia*? Ducange, no seu *Glossarium*, dá a ambos os vocabulos a significação de *annel*. *Sortelia* (de *sors*), latim barbaro, a que corresponde em português *sortelha*, em hespanhol *sortija*, era, primitivamente, um annel de carácter religioso e talismanico: vid. *Revista Lusitana*, II (1890-92), 261 (artigo do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos); Viterbo, *Elucidario*, II, 331; e Teixeira de Aragão, *Anneis*.

A fl. 5 de um *Livro das rendas, fazenda, propriedades e fóros* do convento de Alcobaça¹ organizado em 1530, encontra-se, num inventario da prata e ouro da sacristia, mandado fazer pelo cardeal-infante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel e abbade-commendatario de Alcobaça, a verba seguinte:

«Um calez d'ouro, lavrado de figuras enlevadas, e todo esmaltado de côres, com sua pedraria de rubis, esmeraldas e saphyras; e a patena tambem d'ouro, esmaltada; muito rico; que pesou todo junto nove marcos d'ouro.»

E, á margem, esta nota, de letra moderna, anterior, porém, a 1713, anno em que d'ella e de outras passagens referentes ao calix, se extrahiu certidão no cartorio de Alcobaça, como adeante se verá:

«El-rei D. Affonso II deixou a este mosteiro todas as suas joias e anneis, como consta do seu testamento, que está no 1.^o livro dos «dourados», fl. 15. D'estas joias se devia de fazer o calix d'ouro, e não das joias de D. Ignez de Castro, como alguns velhos diziam; pois não consta pelas escripturas d'el-rei D. Pedro que as taes joias se dessem a este mosteiro. = Fr. Paulo Brandão».

Asseveravam outros, emfim, que o precioso calix fôra dadiva do cardeal-infante D. Affonso, ou de el-rei D. Manoel, quando, na menoridade de seu filho, governou o mosteiro.

Tambem d'esta opinião se encontra registo nos codices alcobacenses. Na última página do codice n.^o 212² (obras de Rufino e de Santo Isidoro), ha um registo,—especie de chronicon,—de letra do sec. XVI, á cerca de varios successos relacionados com a historia do convento, entre elles a morte do cardeal D. Affonso. Na memoria referente a este último facto, memoria tres vezes impressa (uma, por Fr. Angelo Manrique, no tomo II dos seus *Annales cistercienses*, serie dos abbes de Alcobaça, pag. 11; outra, por Jorge Cardoso, a fl. 666 do tomo II do *Agiologio lusitano*; e outra, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, a pag. 45 das *Provas e Addições da sua historia chronologica e critica da Real Abadia de Alcobaça*)—lê-se o trecho seguinte:

«.... chorus suo tempore initium sumpsit, et finem ad usque est perductus; nec non et domus sacraria, hoc est sacristia, suis diebus fuit constructa; et calix aureus mirifice elaboratus; studia quoque litterarum ipse introduxit; et infirmitorum facere jussit».

¹ Tem na Torre do Tombo o n.^o 212.

² N.^o 375 na Bibliotheca Nacional.

No inventario que citei e que tem a data de 3 de Dezembro de 1536, ha igualmente¹ uma verba, annotada, que se liga com esta última conjectura. Eis a verba:

«Duas galhetas de prata, douradas, grandes, que servem com o calez d'ouro; as quaes deu o cardeal iffante, nosso senhor; e pesaram seis marcos e meio e uma onça».

Á direita, na columna destinada á indicação abreviada do peso, a seguinte observação, por letra do seculo XVII:

«Estão já desfeitas e consumidas».

Agora, as notas marginaes, de letras diversas: Diz a primeira, da penna, evidentemente, de quem lavrou a que já copiei e Fr. Paulo Brandão subscreveu:

«D'aqui se collige que o cardeal D. Affonso não deu o calix d'ouro, pois se não faz menção d'isso, e, aliás, se declara expressamente que dera galhetas para servirem com elle; e, mais abaixo, no fim d'este inventario, se explica que deu uma arquinha de prata, para estar n'ella o Santissimo Sacramento»².

Outro monge contestou:

«Pela memoria antiga que está no fim das obras de Rufino³, se vê que o cardeal-iffante D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel, deu o calix de ouro».

E outro ainda:

«Vide livro dos obitos, fls. 81 e 82⁴».

¹ A fl. 5 v.^o

² «Uma arquinha de prata, toda branca, com um vidro deante, a qual mandou o cardeal, nosso senhor, para estar o Santo Sacramento; e não se pesou por estar com este impedimento». (Fl. 7).

³ Allusão ao chronicon de que já transcrevi a parte em que se falla do calix.

⁴ Nem na Torre do Tombo, nem na Bibliotheca Nacional, nem na livraria da Academia Real das Sciencias, se encontra este obituário. Numas *Reflexões historicas* de Fr. Manoel de Figueiredo, à cerca das letras que se vêem em diversos pontos do calix, — trabalho a que adeante me referirei, — cita-se, porém esse livro, informando-se que fôra organizado em 1690 por Fr. Benedicto de S. Bernardo, e que este monge attribuia igualmente o calix ao cardeal D. Affonso.

Fr. Benedicto, ou Bento, de S. Bernardo, foi cartorario, e, depois, bibliothecario, de Alcobaça, e elaborou um summario do cartorio (1672) e um catalogo da livraria (1684). — Vid. Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*, I, 499.

Esta terceira hypothese é, chronologicamente, a verdadeira. Em inventario mais antigo, feito a 28 de Abril de 1519, por outro de 6 de Junho de 1510¹, mencionam-se dois calices de ouro, nenhum dos quaes,—póde quasi affirmar-se,—é aquelle de que nos occupâmos, porque nem de um nem de outro se diz que tivessem esmaltes e figuras em relevo, e não é crivel que estas evidentissimas circumstancias fossem omittidas, porque eram ellas, principalmente, que assignalavam e enriqueciam o calix.

O inventario de 1536 não as desprezou, como vimos. No de 1519, a verba respectiva aos calices de ouro é assim redigida:

«Item—Dous calezes d'ouro: um, grande, com sa patena de pedraria com o dito caleze é lavrados de finagran, com aljofre, menos nove pedras no pé; e na maçã fallecem dezanove pedras. E o aljofre nom se conta, porque é muito miudo. E na patena fallecem seis pedras, e é dessoldado. E o pequeno é todo cheio. Os quaes calezes nós vimos, e são ricos e muito reaes».

Mas o argumento decisivo é o caracter da patena, que todos ainda conhecemos. Tanto os lavoress a buril como os esmaltes, indicavam de modo claro e positivo que essa joia de ourivezaria datava do seculo XVI, do periodo da Renascença. Para mais, o esmalte da face superior, que representava a ceia de Christo, era, segundo me informa o Sr. José Queiroz, cópia de Alberto Dürer (1471-1528).

Que, porém, o calix fosse dadiva do cardeal-infante, é que me parece contestavel. Não que deva ligar-se grande importancia ao facto de não ser mencionado como tal no inventario de 1536, ao passo que das galhetas e do cofre de prata se regista haverem sido offerta sua. Todos que conhecem documentos d'essa indole e d'esses afastados tempos, sabem que, em geral, não primam pelo methodo nem pela coherencia. Mas a circumstancia de não figurarem no inventario de 1536 os dois calices descriptos no de 1519 leva-me a suppôr que a congregação os houvesse vendido (talvez como sucata), para adquirir o outro, tanto mais que de um d'elles,—do maior,—se dizia em 1519 estar *des-soldado*.

A ser assim (o que de nenhum modo póde, é claro, asseverar-se), o precioso calix teria sido acquisition da propria communidade cister-

¹ Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 24, doc. 65. Publicou-o na integra o Sr. Dr. Sousa Viterbo, em complemento do seu estudo sobre a exposição de arte ornamental, inserto no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 3.^a serie, pag. 565.

ciense, embora durante o governo, e, acaso, por iniciativa, do cardeal-infante, o que bastaria para justificar a passagem do chronicon citado, a qual, rigorosamente, não implica a affirmativa de que houvesse sido dadiva de D. Affonso o calix de ouro:

... *domus sacraria, haec est sacristia, suis diebus fuit constructa, et calix aureus mirifice elaboratus...*

Fosse, porém, como fosse, é evidente,—repito,—que essa notável peça de ourivezaria datava do seculo XVI.

Nenhum documento, nenhuma passagem de chronica, nos revela o nome do artifice. O sr. Joaquim de Vasconcellos, fundando-se no exame da patena, suppõe o celebre calix obra allemã¹.

É avultado o número de ourives estrangeiros que em diversas épocas trabalharam em Portugal. Sabe-se que nos primeiros tempos da monarchia, exerciam entre nós a sua arte bastantes ourives árabes. Mestre Jozepé, «ourives da rainha», citado numa carta de D. Fernando; o ourives Salter, a quem foram, em 1421, aforadas umas casas em Santarem, não eram, de certo, portugueses. Em 1457, approvava D. Affonso V a ordenança feita entre os ourives de Lisboa e os estrangeiros, assim da prata como do ouro, que nesta cidade viessem «assentar suas tendas e usar seus officios»².

No tempo de D. Manoel, trabalhou aqui um habilissimo ourives flamengo ou allemão, Johan van den Staygolstsyt, designado entre nós, como Olivier de Gand e outros artistas estrangeiros, pelo nome proprio antecedido da palavra *mestre*.

Por um dos capítulos do testamento da rainha D. Leonor, publicados na *Chronica serafica* de Fr. Jeronymo de Belem³, sabe-se que é obra de *mestre João*, o notabilissimo relicario de ouro do convento da Madre de Deus, fundação da illustre princeza⁴; e de um alvará

¹ Exposição districtal de Aveiro (1882) — *Album*, 52, nota 3.

² Vid. o meu artigo sobre os calices byzantinos do Museu Nacional, em o n.º 4 da *Arte portugueza* (Lisboa, 1895).

³ Parte III, pag. 85.

⁴ Eis o capítulo: — «Item, deixo ao dito Moesteiro da Madre de Deos o Relicario que fez Mestre João, em que está o santo Lenho da Vera-Cruz, que ora anda na cruz d'ouro, pequena; e assi está nelle o Espinho da Corôa de N. Senhor Jesu Christo com certos fios da sua vestidura, o qual Relicario he todo d'ouro, guarnecido com certas pedras finas, que estão dentro».

Este relicario é uma das mais notaveis obras de ourivezaria que existem no país. Figurou na exposição retrospectiva de arte ornamental. Vid. *Catalogo ilustrado*, pag. 20 e est. 86.

de D. Manoel, archivado na Torre do Tombo¹, e citado por João Pedro Ribeiro² e pelo Dr. A. Philippe Simões³, vê-se que a mestre João fôra encommendada pelo venturoso monarca, por 151\$430 réis, uma custodia para o mosteiro da Conceição, de Beja,—peça que, infelizmente, se não encontrava já no convento, quando se realizou a Exposição de arte ornamental⁴. Noutro documento da epocha nos apparece ainda o nome de mestre João⁵:—a 23 de Novembro de 1510, escreviam os officiaes da Casa da India a el-rei D. Manoel, que, pelo moço de estribeira João Affonso, lhe enviam, segundo as suas ordens, o collar que Pero Affonso havia trazido (do Oriente, sem dúvida); e que essa joia fôra avaliada por mestre João e Diogo Rodrigues em 500 cruzados,—favoravelmente, como Sua Alteza mandava que se fizesse ás semelhantes cousas⁶. Seria acaso João van den Staygolstyt o auctor do calix de Alcobaça? É possivel; mas nenhum elemento seguro nos permite insistir nesta vaga conjectura. O calix poderia ter sido executado fóra do país; poderia havel-o fabricado em Portugal artista allemão ou flamengo que não fosse o auctor do relicario da Madre de Deus; poderia, ainda, ter sido obra de artista português sob uma forte e decisiva influencia estrangeira,—hypothese esta que, todavia, se me afigura a menos provável.

É certo, no entanto, que havia então bastantes ourives portugueses, de alguns dos quaes nos conservaram os nomes os documentos da

¹ *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 10, doc. 55. Porque se tem qualificado de duvidosa a leitura do apellido de mestre João, reproduzo aqui a sua assinatura tal como subscreve o recibo exarado nesse diploma:

² *Dissertações chronologicas e criticas*, v, 332.

³ *A Exposição retrospectiva de arte ornamental*, 96.

⁴ O mosteiro da Conceição possuia tambem outra notavel custodia, como se vê da seguinte passagem da citada *Chronica serafica* (II, 482):—«O seu mayor desempenho (da infante D. Beatriz, fundadora do convento) se mostra em huma rica Custodia, que deu para a exposição do Santissimo, esmaltada com quarenta e sette pedras preciosas, e dezanove perolas orientaes...»

⁵ É muito de suppôr que os tres documentos se refiram ao mesmo artista.

⁶ *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 9, doc. 102.

epocha:— Gil Vicente, o auctor da famosa e singular custodia de Belem; Diogo Rodrigues, que figura na carta, que citei, dos officiaes da Casa da India, e num mandado de 18 de Setembro de 1515, em que D. Manoel ordenava ao seu thesoureiro, Ruy Leite, que entregasse a Fructos de Goes os dois bacios dourados e o gomil que esse artista lhe havia então feito, para serviço da sua guarda-roupa; e bem assim um tecido de ouro, *anilado*, obra do ourives Alvaro Paes¹, Vicente Fernandes, a quem o afortunado monarca mandava pagar, em 6 de Abril de 1512, a quantia de 7\$203 réis, de obras que fizera²; Belchior Rodrigues, ao qual, por alvará de 1.^º de Agosto de 1515³, el-rei ordenava se entregassem 120\$000 réis, em que tinham sido avaliadas umas suas casas, demolidas para despejo do adro da igreja de Gião (S. Julião), em Lisboa.

Extintas as ordens religiosas, foi o calix remettido, com outras preciosidades, para a Casa da Moeda, cujo provedor dirigia ao ministro da fazenda, em 30 de Setembro de 1835, o seguinte officio:

“Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Entre os objectos de valor do extinto convento de Alcobaça, que foram entregues nesta casa, encontra-se o precioso e antiquissimo calix de ouro, feito na Hollanda, no anno de 1187⁴; sucede, porém, faltarem-lhe algumas peças do pé ou columna que sustenta a cupola (como se vê da nota junta); não sendo o peso que se achou no acto da sua entrega nesta casa, igual ao que vem mencionado na relação feita na sub-prefeitura de Lamego, a qual, posteriormente á referida entrega, foi remettida a esta repartição. Julgo do meu

¹ *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 18, doc. 97. O conhecimento, ou recibo, exarado no documento oferece interessantes esclarecimentos á cerca dos objectos a que o mandado se refere. As bacias eram de agua ás mãos, *lavradas de romano*, douradas interiormente e com espheras esmaltadas nos meios (isto é, provavelmente, nos fundos). Pesavam ambas 16 marcos, 5 onças e 6 1/2 oitavas de prata. O gomil era pequeno, dourado todo, *lavrado de magos e de cinzel baixo*. Pesava 8 marcos, 7 onças e 5 1/2 oitavas. Quanto ao tecido dourado, formava uma guarnição de cinta, com sua fivella, charneira e biqueira, e dez *tachões*, tudo *anilado*. Tinha de peso 35 cruzados e 63 grãos de ouro.

Note-se a expressão—*lavrados de romano*. É vulgar, bem como outras equivalentes (*lavrado ao romano*; *obra romana*), em documentos d'este periodo. Queria-se, talvez, designar assim o trabalho no gôsto da Renascença italiana,—a obra d'esses ourives e escultores que, na sua curiosa *Miscellanea*, Garcia de Resende proclamava *mais sutis e melhores* que os das epochas passadas.

² *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 11, doc. 56.

³ *Corpo chronologico*, parte 1.^a, maço 18, doc. 53. Cfr. o doc. 96.

⁴ É a opinião de Bluteau, adeante referida.

dever levar o que fica exposto, ao conhecimento de V. Ex.^a, para que V. Ex.^a dê as providencias que julgar convenientes.

Deus guarde a V. Ex.^a Casa da Moeda, 30 de Setembro de 1835.—III.^{mo} e Ex.^{mo} sr. José da Silva Carvalho, ministro, conselheiro e secretario de estado dos negocios da fazenda.—O provedor, *Antonio Cabral de Sá Nogueiras*.

«Relação a que se refere o officio: — «Um calix de ouro com esmalte, figuras em relevo e pedras engastadas, pesando 10 marcos, 3 onças e 2 oitavas».

«N.B. Este calix se entregou desmantelado, contendo doze peças, incluindo a patena, e pesou n'esta casa 9 marcos, 7 onças e 4 oitavas¹».

José da Silva Carvalho providenciou como lhe cumpria, mandando entregar o calix á Bibliotheca Publica, para ser conservado no seu gabinete de numismatica e antiguidades².

Um anno, se tanto, apenas, se conservou alli, porque em 1836 foi de lá roubado, uma noite, juntamente com um sacco onde se encontravam reunidas as moedas de ouro,—algumas de primeira raridade³.

Cêrca de dois seculos antes, havia o precioso calix desapparecido do mosteiro de Alcobaça. No primeiro volume da interessante collecção de sentenças organizada por Antonio Joaquim Moreira, e hoje pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa⁴, cita-se, a fl. 94, uma carta do duque de Bragança ao geral de Alcobaça, datada de Villa Viçosa, a 20 de Setembro de 1640, sobre a fuga de Fr. João de Mendonça, que levara roubado o calix de ouro⁵.

Não encontrei essa carta entre os documentos que d'aquelle mosteiro foram transferidos para o Archivo Nacional. Ignoro, pois, como as cousas se passaram. É, todavia, certo que, d'essa vez, o calix foi restituído, o que não sucede em 1836. Se foi enriquecer algum museu ou collecção do estrangeiro, ou se o ladrão, no intuito de melhor se pôr a coberto da responsabilidade, o fez pedaços, vendendo-o como sucata, não o posso conjecturar.

Ficou a patena, que, mercê da disposição do estojo que continha as duas peças, não foi vista pelo roubador. Essa mesma, porém, encorporada mais tarde no Museu Nacional de Bellas-Artes, desapareceu

¹ Apud, Teixeira de Aragão, *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, I, 98, nota 4.

² Portaria de 20 de Outubro de 1835.

³ Allude a este facto o Dr. José Feliciano de Castilho, no seu elucidativo *Relatorio acerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa e mais estabelecimentos anexos*, I, 69.

⁴ Secção de MSS., B-16-1 (n.º 851 no inventario respectivo).

⁵ Devo esta indicação ao Sr. J. J. da Ascensão Valdez, illustrado funcionário da Inspecção geral das Bibliothecas e Archivos, e estudioso archeologo.

igualmente, pois, tendo sido enviada, em 1892, á Exposição colombina de Madrid, não foi encontrada, no regresso, entre os objectos portugueses, e ainda se lhe desconhece o paradeiro. Tinha lavores abertos a buril, e dois esmaltes, um em cada face. O diametro, como se pôde verificar pela caixa, modernamente feita, em que se guardava na Biblioteca Nacional, e que ainda lá se conserva, era de 0^m,16. Figurou em 1882 na Exposição retrospectiva de arte ornamental¹.

Com razão dizia o Sr. Dr. Sousa Viterbo:

— Triste sina persegue o calix de Alcobaça!

Se até o estojo que o encerrava, e que, ha bem pouco, existia ainda na Biblioteca, se não encontrou agora, quando, a instancias minhas, alli foi procurado! Console-nos d'essa perda a informação que me dá o Sr. Luiz Carlos Rebello Trindade, um dos conservadores d'aquelle estabelecimento, de que nenhuma particularidade de fórmula havia no estojo, que mais ou menos efficazmente nos auxiliasse na reconstituição imaginativa da preciosissima joia. Da perda do calix e da patena, é que nada pôde consolar-nos.

O desenho a que se faz referencia numa das cartas adeante transcriptas, perdeu-se tambem. Tosco, embora, como sem dúvida era, teria altissimo valor.

Implacavel sina persegue, effectivamente, o calix de Alcobaça!

Vejamos que circumstancias deram motivo aos documentos agora publicados, e que são tudo quanto hoje possuímos do riquissimo (ia escrever desdito) calix.

(Continua).

JOSÉ PESSANHA.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

15. Real Gabinete numismatico de Bruxellas

«Les savants et les artistes ont appris avec la plus vive satisfaction que les chambres belges avaient voté un crédit de 300.000 francs pour l'acquisition des incomparables suites de monnaies grecques et de monnaies romaines réunies, à grands sacrifices d'argent et de peines, pendant plus de quarante ans, par notre zélé confrère, M. le comte Albéric du Chastel de la Howarderie. Ce vote, qui fait le plus grand honneur à l'esprit éclairé et patriotique de nos législateurs et qui est dû à la haute initiative de M. Schollaert, ministre de l'Intérieur et de

¹ Vid. Catalogo illustrado, 25.

igualmente, pois, tendo sido enviada, em 1892, á Exposição colombina de Madrid, não foi encontrada, no regresso, entre os objectos portugueses, e ainda se lhe desconhece o paradeiro. Tinha lavores abertos a buril, e dois esmaltes, um em cada face. O diametro, como se pôde verificar pela caixa, modernamente feita, em que se guardava na Biblioteca Nacional, e que ainda lá se conserva, era de 0^m,16. Figurou em 1882 na Exposição retrospectiva de arte ornamental¹.

Com razão dizia o Sr. Dr. Sousa Viterbo:

— Triste sina persegue o calix de Alcobaça!

Se até o estojo que o encerrava, e que, ha bem pouco, existia ainda na Biblioteca, se não encontrou agora, quando, a instancias minhas, alli foi procurado! Console-nos d'essa perda a informação que me dá o Sr. Luiz Carlos Rebello Trindade, um dos conservadores d'aquelle estabelecimento, de que nenhuma particularidade de fórmula havia no estojo, que mais ou menos efficazmente nos auxiliasse na reconstituição imaginativa da preciosissima joia. Da perda do calix e da patena, é que nada pôde consolar-nos.

O desenho a que se faz referencia numa das cartas adeante transcriptas, perdeu-se tambem. Tosco, embora, como sem dúvida era, teria altissimo valor.

Implacavel sina persegue, effectivamente, o calix de Alcobaça!

Vejamos que circumstancias deram motivo aos documentos agora publicados, e que são tudo quanto hoje possuímos do riquissimo (ia escrever desdito) calix.

(Continua).

JOSÉ PESSANHA.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

15. Real Gabinete numismatico de Bruxellas

«Les savants et les artistes ont appris avec la plus vive satisfaction que les chambres belges avaient voté un crédit de 300.000 francs pour l'acquisition des incomparables suites de monnaies grecques et de monnaies romaines réunies, à grands sacrifices d'argent et de peines, pendant plus de quarante ans, par notre zélé confrère, M. le comte Albéric du Chastel de la Howarderie. Ce vote, qui fait le plus grand honneur à l'esprit éclairé et patriotique de nos législateurs et qui est dû à la haute initiative de M. Schollaert, ministre de l'Intérieur et de

¹ Vid. Catalogo illustrado, 25.

l'Instruction publique, vient heureusement combler une lacune aussi importante que regrettable du Cabinet royal des Médailles de Bruxelles où les splendides monuments monétaires des époques grecque et romaine étaient représentés jusqu'ici, d'une manière peu en rapport avec les traditions artistiques d'un pays tel que le nôtre».

(*Revue belge de Numismatique*, 1899, pag. 384).

*

Já a propósito da notícia que de um facto analogo sucedido com o Monetario da Biblioteca nacional de Paris dei no *Arch. Port.*, iv, 95, eu disse que o Gabinete numismatico da Biblioteca Nacional de Lisboa não estava á altura do que devia e podia estar. Agora o repito. E oxalá que o que se passa lá fóra sirva de incentivo a que em Portugal se proceda de modo semelhante!

16. Ruinas de Italica (Sevilha)

«La Commission des monuments historiques s'est décidée à faire déblayer l'amphithéâtre d'Italica (aujourd'hui Santiponce, aux portes de Seville), et à faire employer à ses travaux les détenus de la prison.

Pour cela, elle a fait appel à la bienveillance et au concours du gouverneur de la province, et de l'Académie de l'Histoire; de plus, elle a demandé qu'on fit payer un franc d'entrée à tout visiteur, et songé à donner une représentation exceptionnelle au théâtre San Fernando, pour constituer une caisse de fouilles. L'exécution de ces fouilles, reconnue depuis longtemps nécessaires pour mettre fin au pillage désordonné d'un terrain spécialement riche en antiquités romaines, était depuis quelque temps réclamée à l'envi par les sociétés savantes de Seville et par la presse».

(*Revue des études anciennes*, t. I, 1899, pag. 169).

J. L. DE V.

D. Elvira Lopez

Um epitaphio em versos leoninos

Ha no Museu de Antiguidades, confiado à guarda da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra, uma importante collecção de calcos de inscripções lapidares. Entre elles encontra-se o do epitaphio de D. Theresa Raymonda, abbadessa que foi do mosteiro cisterciense de Cellas de Coimbra, falecida em maio do anno de 1315 (era 1353).

l'Instruction publique, vient heureusement combler une lacune aussi importante que regrettable du Cabinet royal des Médailles de Bruxelles où les splendides monuments monétaires des époques grecque et romaine étaient représentés jusqu'ici, d'une manière peu en rapport avec les traditions artistiques d'un pays tel que le nôtre».

(*Revue belge de Numismatique*, 1899, pag. 384).

*

Já a propósito da notícia que de um facto analogo sucedido com o Monetario da Biblioteca nacional de Paris dei no *Arch. Port.*, iv, 95, eu disse que o Gabinete numismatico da Biblioteca Nacional de Lisboa não estava á altura do que devia e podia estar. Agora o repito. E oxalá que o que se passa lá fóra sirva de incentivo a que em Portugal se proceda de modo semelhante!

16. Ruinas de Italica (Sevilha)

«La Commission des monuments historiques s'est décidée à faire déblayer l'amphithéâtre d'Italica (aujourd'hui Santiponce, aux portes de Seville), et à faire employer à ses travaux les détenus de la prison.

Pour cela, elle a fait appel à la bienveillance et au concours du gouverneur de la province, et de l'Académie de l'Histoire; de plus, elle a demandé qu'on fit payer un franc d'entrée à tout visiteur, et songé à donner une représentation exceptionnelle au théâtre San Fernando, pour constituer une caisse de fouilles. L'exécution de ces fouilles, reconnue depuis longtemps nécessaires pour mettre fin au pillage désordonné d'un terrain spécialement riche en antiquités romaines, était depuis quelque temps réclamée à l'envi par les sociétés savantes de Seville et par la presse».

(*Revue des études anciennes*, t. I, 1899, pag. 169).

J. L. DE V.

D. Elvira Lopez

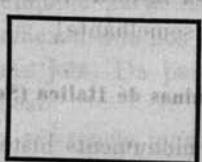
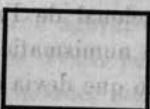
Um epitaphio em versos leoninos

Ha no Museu de Antiguidades, confiado à guarda da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra, uma importante collecção de calcos de inscripções lapidares. Entre elles encontra-se o do epitaphio de D. Theresa Raymonda, abbadessa que foi do mosteiro cisterciense de Cellas de Coimbra, falecida em maio do anno de 1315 (era 1353).

No verso d'este calco lê-se uma nota, de letra do fallecido epigrafista Manuel da Cruz Pereira Coutinho, Prior da Sé Velha, que diz:

«Esta lapide está embebida na parede da casa capitular do mosteiro de Cellas, ao lado esquerdo de quem entra em direcção ao altar. Acha-se collocada sobre outra (como na figura a baixo). Est'outra consta de 14 linhas tão mutiladas, mas dos mesmos caracteres da de cima, que se negam á formação de qualquer sentido. São quadradas, mas a illegivel é um pouco maior que a outra».

E indica em seguida a posição relativa das duas pedras, assim:



Hoje estão depositadas no referido Museu de Antiguidades ambas as lapides, a que se refere a nota.

A de D. Theresa acha-se bem conservada; foi publicada com algumas incorrecções no *Agiologio Lusitano*, III, 129, e com fidelidade no *Catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra*, Suplemento 1.^o, p. 30.

Passemos a descrever a segunda, aquella que Pereira Coutinho não conseguiu ler, declarando que as suas 14 linhas se acham tão mutiladas, que se negam á formação de qualquer sentido.

É uma pedra rectangular, de natureza calcarea, medindo 0^m,57 de altura × 0^m,53 de largura, em pessimo estado de conservação. A parede, onde esteve por muitos seculos embutida, era humida, a ponto de escorrer agua sobre a lapide. Foi-se esta carcomendo pela acção corrosiva do salitre, até se apagarem quasi completamente muitos caracteres; as encrustações calcareas vieram deturpar ainda mais a superficie da pedra, acabando de difficultar a leitura da inscripção.

Poucas letras restam nitidas, mas nessas poucas pôde admirar-se a elegancia dos caracteres gothicos, artisticamente desenhados por habil calligrapho, e gravados com extrema perfeição. A forma das letras revela-nos que a inscripção é do seculo XIV, ou talvez do XIII.

Ha mais de dez annos que está depositada no Museu; entretanto conservava-se ainda com o rótulo de illegivel.

Saiu agora pela primeira vez a lume a sua leitura, feita com grande dificuldade, à custa de muito trabalho e paciencia, mas com segurança, e sem receio de êrro.

Ei-la:

LAVDE : NIMIS : DIGNA : SPECIOSA : PVDICA : BENIGNA :
PROVIDA : DISCRETA : FACVNDA : MODESTA : QUIETA :
MORIBVS : ORNATA : DE : CLARO : SANGVINE : NATA :
FAMA : DOTATA : VIRTVTIBVS : ASSOCIATA :
HARVM : PRELATA : CELLARUM : PRETITVLATA :
LVX : PRELATARVM : CLARVM : SPECL'M : MONACHARVM :
VVLTVS : HONESTATIS : FLOS : PVRVS : VIRGINITATIS :
XPI ¹ : SERVORUM : MONIALIS : AMICA : MINORVM :
EST : ELVIRA : LVPI : QVAM : CERNIS : SVBDITA : RVPI :
CONSTAT : IBI : CLAVDI : SIC : OMNIA : CONSONA : LAVDI :
LAVDES : ASCRIBI : QVECVNQUE : VALENT : MONALI :
VENDICAT : ISTA : SIBI : MERITO : TITVLOQUE : REALI :
POST : M : C : PARITER : TER : PONAS : X : BIS : ET : I : TER ² :
ILLIVS : ERA : NOTA : TALI : FIAT : TIBI : NOTA :

Ha referencia a esta D. Elvira Lopez, abbadessa do mosteiro de Cellas, num livro manuscrito, que pertenceu ao cartorio do referido mosteiro, e hoje existe no Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra. Já me reportei a este livro em artigo publicado no *Arch. Port.*, IV, 226. Lê-se nelle o seguinte:

«Naõ sou da opiniao que algüs q principioou o modo deviuer destas religiosas que primeiro pouoaraõ este sitio em beatas, porque no anno

¹ Abreviatura da palavra *Christi*.

² Maneira ingenhosa de exprimir nêste verso a era da morte de D. Elvira Lopez m. ccc. xxiii.

de mil, e duzentos, e vinte, e oito per escrituras acho que auia já Abbadessas, Doña Eluira Loaa, que comprou lobazes, lamas, vrzella com todas as suas pertenças, mays cepins grande, e pequeno, e Ari-nhos: foy muitos annos Prelada, de sorte q̄ ate o anno de mil, duzentos, e sesenta, e oito acho escrituras, q̄ por sua authoridade forão feitas. Seguiose a esta senhora outra Abbadessa cujo nome per huā so letra se firma *Dñe F. Abbatissae* na era de mil duzentos e setenta, e dous, até mil, duzentos, e oitenta, e tantos: Depois continuando o tempo foy eleita em Prelada Dõna Eluira Lopez, que supposto que na Prelazia entrasse pouco depois da Prelada passada acho que na continuaçā das escrituras no anno de mil, trezentos, e dous, ate mil e trezentos, e dezasete continuou sua Prelazia: Neste mesmo anno entrou a goernar o cargo Abbacial Dona Alda laurenci... »⁴.

Segundo este apuramento, feito em face das escripturas de Cellas por Fr. Bernardo da Assumpção, que no seculo XVII organizou o cartorio d'aquelle mosteiro, foi D. Elvira Loba a primeira abbadessa do convento, de que resta memoria. Era ella quem ainda presidia á comunidade, quando falleceu a fundadora, a virtuosa Santa Sancha, filha de el-rei D. Sancho I; o seu abbadessado prolonga-se desde 1190 até 1230 da era christã, e aquella santa falleceu em Cellas a 13 de março de 1229.

D. Elvira Lopez, de quem se occupa a inscripção, foi a terceira prelada, extendendo-se o seu abbadessado até o anno de 1279 (era 1317). Neste anno entrou D. Alda Lourencez na posse da cadeira abbacial, vaga certamente pela resignação da anterior abbadessa, e não pela sua morte, pois, segundo reza o epitaphio que acabamos de ler, D. Elvira Lopez veiu a falecer sómente quatro annos mais tarde, em 1285 (era 1323).

Coimbra, 1899.

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

«He trabalho grande, eu o confesso, em tanta confusão de antiguidade, em tanto silencio de escriptores, descobrir aquelles, a que a rudeza, ou a ingratidão d'aquellos tempos, não soube erigir estatuas, e dedicar inscripções».

(CONDE DE S. LOURENÇO, *Oração recitada na Academia Real de Historia Portuguesa, Lisboa 1757*, p. 9).

⁴ *Cellas — Index da fazenda* (n.º 44), fl. iv.

de mil, e duzentos, e vinte, e oito per escrituras acho que auia já Abbadessas, Doña Eluira Loaa, que comprou lobazes, lamas, vrzella com todas as suas pertenças, mays cepins grande, e pequeno, e Ari-nhos: foy muitos annos Prelada, de sorte q̄ ate o anno de mil, duzentos, e sesenta, e oito acho escrituras, q̄ por sua authoridade forão feitas. Seguiose a esta senhora outra Abbadessa cujo nome per huā so letra se firma *Dñe F. Abbatissae* na era de mil duzentos e setenta, e dous, até mil, duzentos, e oitenta, e tantos: Depois continuando o tempo foy eleita em Prelada Dõna Eluira Lopez, que supposto que na Prelazia entrasse pouco depois da Prelada passada acho que na continuaçā das escrituras no anno de mil, trezentos, e dous, ate mil e trezentos, e dezasete continuou sua Prelazia: Neste mesmo anno entrou a goernar o cargo Abbacial Dona Alda laurenci... »⁴.

Segundo este apuramento, feito em face das escripturas de Cellas por Fr. Bernardo da Assumpção, que no seculo XVII organizou o cartorio d'aquelle mosteiro, foi D. Elvira Loba a primeira abbadessa do convento, de que resta memoria. Era ella quem ainda presidia á comunidade, quando falleceu a fundadora, a virtuosa Santa Sancha, filha de el-rei D. Sancho I; o seu abbadessado prolonga-se desde 1190 até 1230 da era christã, e aquella santa falleceu em Cellas a 13 de março de 1229.

D. Elvira Lopez, de quem se occupa a inscripção, foi a terceira prelada, extendendo-se o seu abbadessado até o anno de 1279 (era 1317). Neste anno entrou D. Alda Lourencez na posse da cadeira abbacial, vaga certamente pela resignação da anterior abbadessa, e não pela sua morte, pois, segundo reza o epitaphio que acabamos de ler, D. Elvira Lopez veiu a falecer sómente quatro annos mais tarde, em 1285 (era 1323).

Coimbra, 1899.

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

«He trabalho grande, eu o confesso, em tanta confusão de antiguidade, em tanto silencio de escriptores, descobrir aquelles, a que a rudeza, ou a ingratidão d'aquellos tempos, não soube erigir estatuas, e dedicar inscripções».

(CONDE DE S. LOURENÇO, *Oração recitada na Academia Real de Historia Portuguesa, Lisboa 1757*, p. 9).

⁴ *Cellas — Index da fazenda* (n.º 44), fl. iv.

Museu Municipal de Bragança

Esclarecimento

No vol. IV, pag. 155 d'*O Archeologo Português*, vem transcripta do jornal local *O Norte Transmontano* a inscrição de uma lapide funeraria que o meu amigo e protector do Museu, abade de Baçal, P.^o Francisco Manuel Alves, lhe offereceu e que tinha sido encontrada no Castro de Sacoias.

Razão tem o meu amigo Leite de Vasconcellos para duvidar da exactidão da cópia da referida inscrição, que a imprensa local publicou sem lhe ligar toda a importancia e attenção devidas.

A inscrição que se lê na lapide, que é de granito grosseiro, cylindrica, de 0^m,29 de diametro e 1^m,40 de altura, é a seguinte:

BOVIVS
TALOCIF
ANN
XXXV
STTL

O I da 1.^a linha, (entre os VV), é pouco distinto; no restante não ha dúvida.

O corpo das letras regula por 0^m,075, e a distancia de umas ás outras por 0^m,02.

Bragança, 1898.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Alcobaça archeologica

2. Antiguidades romanas

Em complemento da noticia dada n'*O Arch. Port.*, I, 104 sqq., pelo Sr. Vieira Natividade, publicam-se aqui as seguintes figuras de outros objectos existentes na valiosa collecção archeologica d'aquelle Sr., e que foram encontrados no concelho de Alcobaça.

Nas figs. 1 e 2 representam-se objectos, creio que de ferro, que não posso descrever, por os não ter tido ainda presentes.

Museu Municipal de Bragança

Esclarecimento

No vol. IV, pag. 155 d'*O Archeologo Português*, vem transcripta do jornal local *O Norte Transmontano* a inscrição de uma lapide funeraria que o meu amigo e protector do Museu, abade de Baçal, P.^o Francisco Manuel Alves, lhe offereceu e que tinha sido encontrada no Castro de Sacoias.

Razão tem o meu amigo Leite de Vasconcellos para duvidar da exactidão da cópia da referida inscrição, que a imprensa local publicou sem lhe ligar toda a importancia e attenção devidas.

A inscrição que se lê na lapide, que é de granito grosseiro, cylindrica, de 0^m,29 de diametro e 1^m,40 de altura, é a seguinte:

BOVIVS
TALOCIF
ANN
XXXV
STTL

O I da 1.^a linha, (entre os VV), é pouco distinto; no restante não ha dúvida.

O corpo das letras regula por 0^m,075, e a distancia de umas ás outras por 0^m,02.

Bragança, 1898.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Alcobaça archeologica

2. Antiguidades romanas

Em complemento da noticia dada n'*O Arch. Port.*, I, 104 sqq., pelo Sr. Vieira Natividade, publicam-se aqui as seguintes figuras de outros objectos existentes na valiosa collecção archeologica d'aquelle Sr., e que foram encontrados no concelho de Alcobaça.

Nas figs. 1 e 2 representam-se objectos, creio que de ferro, que não posso descrever, por os não ter tido ainda presentes.

Na fig. 3 representa-se uma chave de ferro, que parece pertencer á classe das *claves Laconicae*.



Fig. 1 (1/2)



Fig. 2 (1/2)

Na fig. 4 representa-se em tamanho natural uma loba, de bronze, encontrada no ponto onde o concelho de Alcobaça confina com o das Caldas-da-Rainha. Como o lado opposto ao que se figura está mal

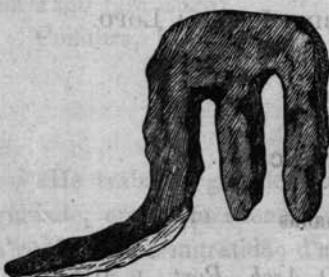


Fig. 3



Fig. 4

cuidado, suppõe o Sr. Natividade que este objecto devia ligar-se com outro semelhante, que porém falta, restando apenas naquelle lado cravada uma haste de ferro, de secção rectangular.

Na fig. 5 representa-se em tamanho natural, em duas posições, uma Victoria de bronze, com coroa na dextra, na attitude de coroar alguem ou alguma cousa. Trabalho bastante rude; talvez indigena: mas nem por isso pouco curioso.



Fig. 5

O Sr. Natividade tinha-me promettido enviar-me a descripção circumstanciada de todos estes objectos; mas, como certamente as suas occupações lhe não tem permittido fazê-lo, e como se torna necessário aproveitar n-*O Archeologo* as gravuras já feitas, resolvi-me eu a redigir essas curtas notas, o que de antemão communiquei em carta particular ao mesmo Sr.

J. L. DE V.

Notícias archeologicas do seculo XVIII

(Vid. *Arch. Port.*, iv, 100, 277, 308)

a) *Inscripções antigas (noticia).*

«Lisboa 25 de Fevereiro.—Em Braga, e em Coimbra se descobrirão varias inscripções antigas, que dão muyta luz à historia do Reyno. Os Academicos della tiverão conferencia em 4. do corrente, em que derão conta dos seus estudos Joseph Contador de Argote, Joseph do Couto Pestana, o Padre Fr. Joseph da Purificação, Joseph Soares

Na fig. 5 representa-se em tamanho natural, em duas posições, uma Victoria de bronze, com coroa na dextra, na attitude de coroar alguem ou alguma cousa. Trabalho bastante rude; talvez indigena: mas nem por isso pouco curioso.



Fig. 5

O Sr. Natividade tinha-me promettido enviar-me a descripção circumstanciada de todos estes objectos; mas, como certamente as suas occupações lhe não tem permittido fazê-lo, e como se torna necessário aproveitar n-*O Archeologo* as gravuras já feitas, resolvi-me eu a redigir essas curtas notas, o que de antemão communiquei em carta particular ao mesmo Sr.

J. L. DE V.

Notícias archeologicas do seculo XVIII

(Vid. *Arch. Port.*, iv, 100, 277, 308)

a) *Inscripções antigas (noticia).*

«Lisboa 25 de Fevereiro.—Em Braga, e em Coimbra se descobrirão varias inscripções antigas, que dão muyta luz à historia do Reyno. Os Academicos della tiverão conferencia em 4. do corrente, em que derão conta dos seus estudos Joseph Contador de Argote, Joseph do Couto Pestana, o Padre Fr. Joseph da Purificação, Joseph Soares

da Silva, que leo o principio da sua composição, e Lourenço Botelho de Souto mayor».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 25 de Fevereiro de 1723).

b) *Inscripções e cippes romanos (noticia).*

«*Lisboa 18 de Março.*—O alcayde mór de Braga Pedro da Cunha de Souto mayor, Academicº Provincial da Academia Real da Historia, achou naquelle Cidade varias inscripções, e cippes Romanos, cujas interpretações mandou à mesma Academia».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 18 de Março de 1723).

c) *Subterraneos de Cintra observados por um naturalista ao serviço de Portugal.*

«*Lisboa 24 de Fevereiro.*—Mons. Merveilleux Esguizaro¹ de Nação vay correr todo o Reyno de Portugal, para fazer a descripção das plantas, e de tudo o mais, que pertence à historia natural Portugueza, com hum largo ordenado, e ajudas de custo, que Sua Mag. como Protector que he das sciencias lhe assinou».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 24 de Fevereiro de 1724).

«*Lisboa 22 de Junho.*—Mons. Mervilleux examinou todas as raridades naturaes da serra de Cintra, e a admiravel fonte, que está no alto do monte do Castello com muitos subterraneos antigos, onde achou huma Agata Oriental, persuadindo-se a que poderá haver minas de semelhantes pedras. Trouxe as plantas mais raras, que vay offerecendo a Sua Mag. com as suas descripções; e observou ser de mulher hum osso² de extraordinaria grandeza, que se guarda na quinta, que foy do grande D. João de Castro, e he ao presente de Pedro de Saldanha de Albuquerque seu descendente».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Junho de 1724).

¹ De *Schwyzer ou Schweizer*. Hoje usamos o termo *suíço* de preferencia á forma italiana.

² Cfr. *O Arch. Port.*, III, 227.

d) *Inscripção latina no Porto.*

«Lisboa 4 de Outubro.—Escrevese da Cidade do Porto, que no dia da Natividade de N. Senhora, que se celebrou com huma magnificencia extraordinaria no Hospital publico daquella Povoação, chamado de *D. Lopo de Almeida*, se expoz á vista do povo huma nobre casa de Botica, que em beneficio dos pobres fundou de novo, e proveo de todo o genero de medicinas, e de muitas muy raras, com Regimento para o Boticario, e seus Officiaes, o M. Reverendo Jeronymo de Tavora, Noronha, Leme, e Sernache, Deão da Igreja Cathedral da mesma Cidade, sendo neste anno quinta vez Provedor da Casa da Misericordia della, e havendose inscripto sobre a porta o distico seguinte:

*Hic pariter dives, pariter medicamina pauper
Sumptibus, & morbis, quae medeantur, habent».*

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 4 de Outubro de 1725).

e) *Sepultura do Conde de Vianna em Santarem.*

«Lisboa 14 de Junho.—Por cartas de Santarem se tem a noticia, de que abrindose no Mosteiro dos Religiosos de Santo Agostinho, da mesma Villa, huma sepultura, situada no meyo da Capella mór, em que forão sepultados o Conde de Ourem D. João Affonso Telles de Menezes, e a Condessa sua mulher D. Guiomar de Villalobos; bisneta del Rey D. Sancho IV. de Castella, fundadores, e dotadores do dito Mosteiro, se achou inteiro o corpo da mesma Senhora, e o lençol que estava envolto, incorrupto, havendo mais de 340. annos, que he falecida».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 14 de Junho de 1725).

«Lisboa 21 de Junho.—Na semana passada se referio com menos certeza, haver-se achado inteiro o corpo da Senhora Condessa de Ourem D. Guiomar de Villa-Lobos, e agora se soube, que a sepultura, que se abrio, não foy a do Conde D. João Affonso, mas hum magnifico mausoleo de seu neto D. Pedro de Menezes, Segundo Conde de Vianna, e primeiro Capitão governador de Ceuta, onde faleceo no anno de 1437. e como foy casado duas vezes, e ambas as mulheres se sepultarão com elle, se não pode saber de qual será o corpo, que se achou inteiro. Presencceou casualmente a sua abertura o Marquez de Cascaes seu oitavo neto».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 21 de Junho de 1725).

f) *Medalhas romanas.*

«*Lisboa 18 de Julho.*—A Academia Real continua na mesma fórmā as suas sessoens. Na de 28. de Junho..... Receberão-se duas medalhas antigas do tempo dos Romanos, que remetteo o Academicº Pedro da Cunha de Souto mayor;.....»

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 18 de Julho de 1726).

g) *Achado de um caixão de pedra em Friões.*

«*Chaves 4 de Junho.*—Na freguesia de S. Pedro de Frioens, termo desta Villa, annexa ao Priorado della, andando-se abrindo alicerces para accrescentar a Capella mayor, e havendo-se já aprofundado altura de seis palmos, no dia 26. de Mayo deste anno.....¹, e cavando-se mais a pouca distancia, se descobrio hum caixão de pedra tosca de oito palmos de comprimento, com cabeceira na fórmā dos monumentos antigos.¹ A Igreja he antiga, e se conserva ha mais de trezentos na mesma forma; e assim em quanto se não averiguar o contrario, se tem por prodigo».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Junho de 1730).

h) *Manuscritos em letra arabe.*

«*Lisboa 8 de Fevereiro.*—Na primeira Conferencia da Academia Real deste anno se deo parte aos Academicos, de haver avisado João de Saldanha da Gama, Vice-Rey do Estado da India, que em huma pequena Ilha situada no mar Persico, pouco distante da Ilha de Ormuz, (que pôde ser a que se conhece com o nome de *Lareca*) havia huma antiga Mesquita, e corria por tradicção entre todos os Mouros, que nella se conservavão certos depositos, que nenhuma pessoa podia tirar, porque logo em o emprendendo morria repentinamente; porém que alguns Portuguezes desprezando este agouro, entrárono na Mesquita, e trouxerão della dous cayxoens cheyos de livros antiquissimos; huns escritos na lingua Arabica, outros na Persiana, os quaes forão entregues ao mesmo Vice-Rey, que fazendo-os examinar, se achara que alguns tratavão de Medicina, outros de historia, sufficientemente enquadrados; e que muitos especialmente os de Medicina tinhão mil annos de antiguidade, e tambem escritos que parecião impressos: que se fi-

¹ O que se substitue por pontos não tem relação com o assunto de que se trata.

cava fazendo extractos do que cada hum continha para os remetter a este Reino».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 8 de Fevereiro de 1731).

i) *Inscripção romana em Dume.*

«*Lisboa 3 de Julho.* — Escreve-se de Braga, que trabalhando-se em reedificar a antiquissima Igreja de S. Martinho de Dume, cavando-se no adro, se encontrárão com vestigios de hum edificio Romano, que se entende seria algum Templo dedicado a Jupiter, porque entre a muita pedraria de colunas, e pilares, que se dezanterraráo em que ha inscripçōens com caracteres Romanos, se leo em huma coluna a seguinte inscrição⁴:

IOVI EPULSORI AR'MIA LUSSINNA
EX VOTO POSUIT

Descobriu-se juntamente hum grande tumulo de branco, e finissimo marmore com onze palmos de comprimento, e tres de largura, dentro do qual se achárão os ossos de hum corpo humano, que algumas pessoas querem fossem de algum dos Reys Suevos que domináron em Portugal, e tiverão naquelle sitio o seu Palacio, e a sua Real Capella; e podião bem ser os del Rey Theodomiro, que faleceo no anno de Christo 570. e alli fundou Mosteiro a S. Martinho de Dume, de quem foy contemporaneo; e como na invazão dos Godos se arruináron os edificios Romanos, e na dos Arabes os dos Godos, será esta a cauza de se achárem confundidas as ruinas de huma e outra nação. Das mais antiguidades que se descobrirão se irá dando noticia».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 3 de Julho de 1732).

j) *Castello romano e inscripção perto de Ferreira do Zezere.*

«*Lisboa 18 de Junho.* — No termo da Villa de Ferreira, Comarca de Thomar, se descobrirão em hum aspero outeiro, q̄ por todas as partes parece despenharse sobre o Rio Zezere, indicios de ter havido alli hum Castello no tempo dos Romanos, que os Godos, ou os Mouros demolirão; e se reconhecem ainda muitas bases, e chapiteis de colunas, e pedras notaveis de cantaria lavrada, de mais de 10. palmos de comprimento, além de outras de que se fabricou huma ermida dedicada a S. Pedro, a que a tradição conserva o nome de Castro; e entre outras

⁴ *Corp. Insc. Lat.*, II, 2144.

se acha huma pedra consagrada aos Deoses dos mortos, que em letras Latinas mayusculas diz o seguinte¹:

D. M.
ANTONIAE MAXUMAE,
ANTONIAE MODESTAE,
LAURENTIUS GENER,
MARITUS, EX TESTAMENTO.

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 18 de Junho de 1733).

k) *As antas.*

«Lisboa 3 de Setembro.—Na conferencia que a Academia Real da Historia Portugueza fez no dia 30. de Julho, sendo seu Director o Conde da Ericeira D. Franciso Xavier de Menezes, leu o Academic Nuno da Silva Telles a vida, que tinha escrito de hum dos Bispos do Porto, de cuja Diocesi escreve as memorias; e o Academic Martinho de Mendonça de Pina, Bibliotecario de Sua Magestade leu hum eruditissimo discurso, sobre a antiguidade, e uso das *Antas* (ou Altares) formados de grandes pedras toscas, em figuras de mezas quadrangulares, que se achão em algumas partes deste Reyno, e servião de fazer os sacrificios, e queimar as victimas nos primeiros seculos do Mundo, pedindo a todos os curiosos, queirão participarhe as noticias que tiverem de semelhantes monumentos com a descripção dos sitios em que se achão, e as medidas, e mais circunstancias que observarem²».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 3 de Setembro de 1733).

l) *Achado de moedas romanas proximo de Braga.*

«Lisboa 22 de Maio.—Na freguezia de Santa Christina, huma legoa distante da Cidade de Braga, e duas da Villa de Guimaraens, querendo hum Camponez, chamado Antonio Rodrigues, plantar um bacello perto de huma casa, que fez, deu com huma lagem, e levantada esta, com duas panellas cheas de medalhas Romanas dos Emperadores Diocleciano, Maximiano, Maximino, Constantino, Constancio, e dos Tyrannos Licencio, e Maxencio, todas muy bem conservadas, as quaes livrou de serem fundidas por hum ourives, a quem se tinham vendido, Thadeo Luiz Antonio Lopes de Carvalho, Senhor de Abadim, e Negrellos,

¹ *Corp. Insc. Lat.*, II, 335.

² Trabalho citado pelo sr. Leite de Vasconcellos nas *Religiões da Lusitania*, I, 5.

Academico da Academia Real, que as participou á mesma Academia ao Excellentissimo Conde da Ericeira, e a outras pessoas curiosas da Corte, fazendo-lhes presente de algumas».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Maio de 1738).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliographia

LAPIDE ROMANA DA ESTRADA DA GEIRA SEM DECIFRAÇÃO PLAUSIVEL ATÉ-GORA, por Pereira-Caldas, Braga s. d. (1899).

Folheto de 20 paginas em que seu auctor pretende corrigir as primeiras linhas da inscripção n.º 4799 do *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II; isto é, interpretar:

HA : ASTVLA : ICAVL · G : C : RAV
TO etc.

como:

.....[BRACA]
RA · ASTVR [icam] C · CALPETANO
RANTIO etc.

O enigma não fica porém ainda resolvido.

J. L. DE V.

André de Resende

O seu morgado¹

Sabia-se que André de Resende comprára e vinculára uma pequena propriedade rural, cujo segundo administrador foi seu filho natural, Barnabé de Resende. O que, porém, se ignorava era o local onde tal propriedade, e qual ella é. Determina-se hoje com o maior rigor histórico.

Na vasta propriedade *Manisola*, que tal nome tem desde o sec. XIII, pertença e habitação do Sr. Visconde da Esperança, propriedade de muitas compostas, ha um tracto de terreno de exigüas dimensões, denominado *Quinta do Arcediago*, em que existe uma casa de morada, e perto d'ella, em um valle de alguma amenidade, uma fonte de arquitectura quinhentista. Num quadrado, de aproximados tres metros por banda, uma das quaes é entrada em arco, e de altura regularmente proporcionada (vid. fig. junta), existe a fonte, brotante em tenue veia de cavidade praticada na rocha. Das quatro paredes nasce um zimborio

¹ [Sobre o assunto cf. *O Arch. Port.*, IV, 122-124.—J. L. DE V.]

Academico da Academia Real, que as participou á mesma Academia ao Excellentissimo Conde da Ericeira, e a outras pessoas curiosas da Corte, fazendo-lhes presente de algumas».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Maio de 1738).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliographia

LAPIDE ROMANA DA ESTRADA DA GEIRA SEM DECIFRAÇÃO PLAUSIVEL ATÉ-GORA, por Pereira-Caldas, Braga s. d. (1899).

Folheto de 20 paginas em que seu auctor pretende corrigir as primeiras linhas da inscripção n.º 4799 do *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II; isto é, interpretar:

HA : ASTVLA : ICAVL · G : C : RAV
TO etc.

como:

.....[BRACA]
RA · ASTVR [icam] C · CALPETANO
RANTIO etc.

O enigma não fica porém ainda resolvido.

J. L. DE V.

André de Resende

O seu morgado¹

Sabia-se que André de Resende comprára e vinculára uma pequena propriedade rural, cujo segundo administrador foi seu filho natural, Barnabé de Resende. O que, porém, se ignorava era o local onde tal propriedade, e qual ella é. Determina-se hoje com o maior rigor histórico.

Na vasta propriedade *Manisola*, que tal nome tem desde o sec. XIII, pertença e habitação do Sr. Visconde da Esperança, propriedade de muitas compostas, ha um tracto de terreno de exigüas dimensões, denominado *Quinta do Arcediago*, em que existe uma casa de morada, e perto d'ella, em um valle de alguma amenidade, uma fonte de arquitectura quinhentista. Num quadrado, de aproximados tres metros por banda, uma das quaes é entrada em arco, e de altura regularmente proporcionada (vid. fig. junta), existe a fonte, brotante em tenue veia de cavidade praticada na rocha. Das quatro paredes nasce um zimborio

¹ [Sobre o assunto cf. *O Arch. Port.*, IV, 122-124.—J. L. DE V.]

Academico da Academia Real, que as participou á mesma Academia ao Excellentissimo Conde da Ericeira, e a outras pessoas curiosas da Corte, fazendo-lhes presente de algumas».

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 22 de Maio de 1738).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Bibliographia

LAPIDE ROMANA DA ESTRADA DA GEIRA SEM DECIFRAÇÃO PLAUSIVEL ATÉ-GORA, por Pereira-Caldas, Braga s. d. (1899).

Folheto de 20 paginas em que seu auctor pretende corrigir as primeiras linhas da inscripção n.º 4799 do *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II; isto é, interpretar:

HA : ASTVLA : ICAVL · G : C : RAV
TO etc.

como:

.....[BRACA]
RA · ASTVR [icam] C · CALPETANO
RANTIO etc.

O enigma não fica porém ainda resolvido.

J. L. DE V.

André de Resende

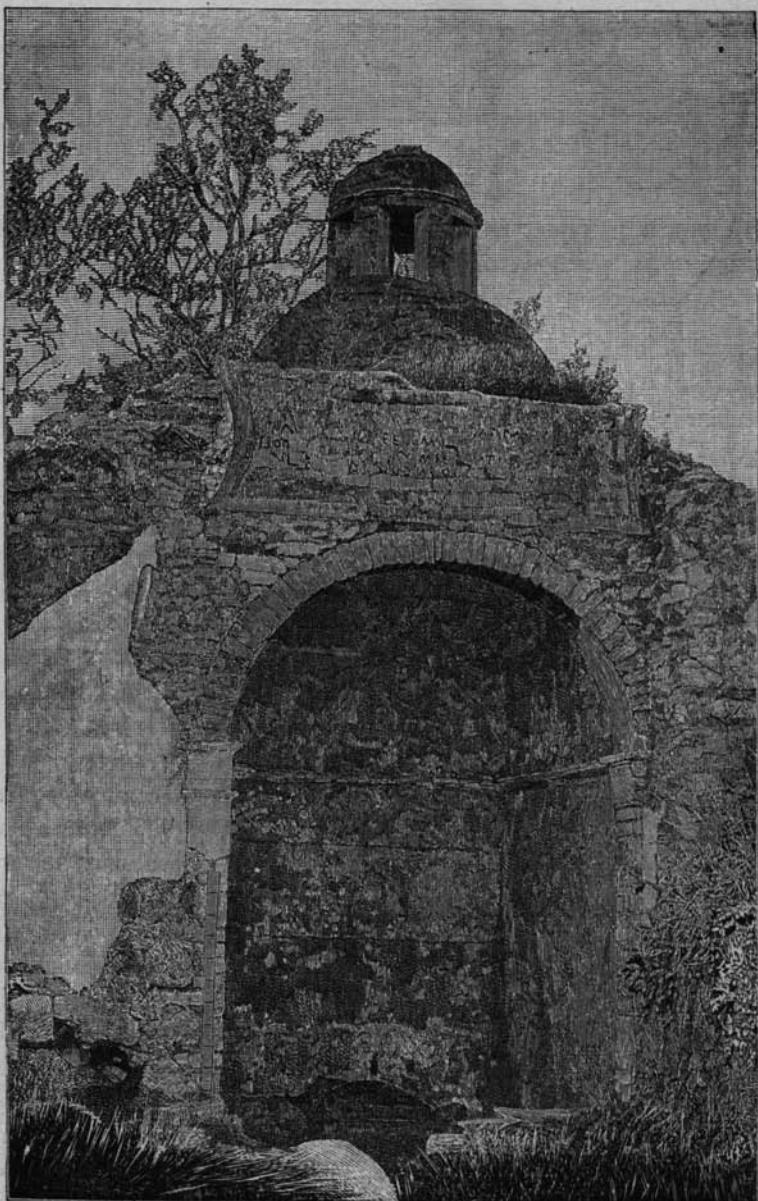
O seu morgado¹

Sabia-se que André de Resende comprára e vinculára uma pequena propriedade rural, cujo segundo administrador foi seu filho natural, Barnabé de Resende. O que, porém, se ignorava era o local onde tal propriedade, e qual ella é. Determina-se hoje com o maior rigor histórico.

Na vasta propriedade *Manisola*, que tal nome tem desde o sec. XIII, pertença e habitação do Sr. Visconde da Esperança, propriedade de muitas compostas, ha um tracto de terreno de exigüas dimensões, denominado *Quinta do Arcediago*, em que existe uma casa de morada, e perto d'ella, em um valle de alguma amenidade, uma fonte de arquitectura quinhentista. Num quadrado, de aproximados tres metros por banda, uma das quaes é entrada em arco, e de altura regularmente proporcionada (vid. fig. junta), existe a fonte, brotante em tenue veia de cavidade praticada na rocha. Das quatro paredes nasce um zimborio

¹ [Sobre o assunto cf. *O Arch. Port.*, IV, 122-124.—J. L. DE V.]

redondo, terminado por allanterneta. Sobre o arco de entrada existe uma inscrição latina, aberta em cal, esborroada pela acção do tempo,



como na parede do fundo, sobre a fonte, outra existe, também, em igual estado ao da exterior sobre a entrada.

De ha annos diligenciava eu ler estas inscripções, o que não conseguia pelo ruinoso da cal, em que gravadas.

A primeira restitui, não ha muito tempo; porque, sendo legiveis as primeiras palavras della, permittiram o verificar eu que a mesma é que ainda existe, aberta em pedra, e que André de Resende conservava no jardim de suas casas, na cidade, e diz assim:

FLECTE GENV EN SIGNVM PER QVOD VIS VICTA TIRANI
ANTIQVI ATQVE EREBI CONCIDIT IMPERIVM
HOC TV SIVE PIVS FRONTEM SIVE PECTORA SIGNES
NEC LEMORVM INSIDIES EXPECTARAQVE VANA TIME

A inscripção interna, não obstante as tentativas, jamais a pudera ler.

Se pela mente me passára a ideia de ter sido André de Resende quem ali mandára gravar a exterior, facil fôra descobrir a leitura da inscripção interior, lendo de proposito, o que agora li por acaso, o artigo da *Bibliotheca Lusitana* respeitante a André de Resende, no qual não só vem as duas inscripções, mas se dá a noticia de ter sido aquella fonte, casa de morada e propriedade a mesma que o antiquario instituíra em morgado.

Diz, pois, a inscripção latina do interior da fonte:

EXERE NAI CAPVT TENEBROSA È RVPE LAETUMQVE
VISE TIBI SACRVM POMIFERVMQVE NEMUS
PER QVOD VBI LAETO DISCURRIS LIBERA FLVXV
ARBORIS VENIAT COPIA LAETA TVIS.

Está, portanto, determinada esta antiguidade resendiana, que seu actual possuidor aprecia, como homem muito ilustrado, que é, tencionando não só reparar a fonte, mas mandar gravar em duas lapides marmoreas as inscripções gastadas e perdidas, para a leitura, pela accão de mais de trezentos annos.

Como na cerca do Mosteiro, que foi de Jeronymos, dito do Espinheiro, existe a capella mortuaria de Garcia de Resende: na Quinta da Manisola, a menor distancia de Evora, subsiste a fonte de André de Resende, em sítio deleitoso por suas vistas.

Conserve-se, pois, este monumento nacional, que, se não prima por custosos lavores, perpetúa o nome do grande antiquario português, e recorda o local poetico em que elle se daria á poesia latina, em que foi distinctissimo, como o mais notavel filho de Evora.

Evora, Julho de 1898.

A. F. BARATA.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

272. Lapas (Extremadura)

Subterraneos

«Deu a esta terra o nome de Lappas hum bem confuzo Labarinto dellas artificiadas no coração de hũ duro monte: são muntas, em parte horrendas; e em outras partes mais agradaveis, em parte não tem ordem, e em outras partes se formão em ruas largas, e compridas, com praças, sótos, retretes, e outras meudezas; cercãoce em roda de muntas, e altas claras boyas que girão o monte; o qual pello meyo tão bem tem algúas para sima por onde se comunica a lux a esta cavidade e o não faz a toda; por serem as ditas lapas tão difuzas que se algum ignorante de çitio emprehender correllas sem algúia guia nellas andará perdido por algum breve tempo: Manifestão de sua propria formalidade serem obra de homano braço e não engenho da natureza, Pareçendo melhor conjectura ser esta fabrica obrada em tempo que os homens não terião o uzo da Alveneria, por quanto esta lhes seria mais facil que não minarem a dureza de similhante monte: Pareçeme que podem recolher para dentro de sy thé quatro mil homens. Alqua parte deste minado subterraneo abrange a igreja, em cuja conformidade se diz, que aqui andão os vivos por baxo dos mortos; tanto assim que pedindome hum Missionario Varatojo quizege eu guiá-lo nella para ver. Parou naquelle parte da igreja rezando o Responso dos defuntos, e ao lançar a benção do *Requiem etc.* o fez para sima e não para baxo¹. (Tomo XIX, fl. 422).

¹ Parece-me que estas galerias subterraneas tiveram a sua origem na exploração do salitre empregado no fabrico da polvora. Num folheto do sr. Sousa Viterbo, intitulado *O Fabrico da polvora em Portugal*, vem, a fl. 29, uma carta regia de D. João III, com a data de 1553, pela qual este rei dava a António Gonçalves, morador na villa de Torres Novas, o cargo de tirar o *salitre* para fazer a polvora dizendo o agraciado que seu pay Goncallo Diaz teue o careguo das lapas... que estão no termo da dita villa (de Torres Novas). Segundo informações que tenho as galerias acima mencionadas de anno para anno se tornam menos praticaveis á passagem em virtude dos successivos desmoronamentos. Corre como certo os subterraneos chegarem até o castello de Torres Novas e terem sido escavados pela guarnição moura d'esta villa para effectuar sortidas. Não me parece todavia exacta a tradição. Cfr. *O Arch. Port.*, I, 112 e II, 187, nota.

273. Lavra (Entre-Douro-e-Minho)

• Cidade de Lavra

«Não tem porto do Mar nem he terra murada nem Praça nem tem Castello, nem Torre antiga, nem padeceu ruina no terremoto, nem tem mais couza digna de memoria que o ser esta freguezia mais antiga em razam de dizer Manoel de Faria e Souza, que junto á Cidade do Porto duas legoas fica a Cidade de Lavra¹, e como hoje senão acha esta Cidade não duvido antes me parece que seria nesta freguezia em razam de algum dia me dizerem havia nesta terra o Convento de Santo Térso, e se acharem ainda vestigios, ou signaes de ser verdade razam porque ainda se acham nesta rezidencia húas colunas que demonstram serem do mesmo Convento, e se acharem tambem nas aréas pegado ás aguas do Mar hua Eiras de ladrilho de burgos que bem demostram serem claustros de outro Convento ou Palacio antigo, e tambem se acha junto á Igreja em caza de Antonio dos Santos hua pedra com hum Epitafio antigo, cujas letras se nam entendem, por onde venho a colher seria certo o que diz o Author Faria e seria a Cidade neste districto, e tambem por se acharem ao fazer desta Igreja, que ainda he moderna alguas sepulturas de pedra grandes, e agigantadas ao modo antigo, e outras de tejolo; e ao fazer da mesma Igreja se acharam nas sepulturas corpos inteiros em pó, que asoprando se desfaziam, o que eu vi com os olhos, que me admirey de ver a grandeza dos ditos corpos por serem agigantados». (Tomo XIX, fl. 487).

274. Lemenhe² (Entre-Douro-e-Minho)

Castello das Ermidas

«Tem este monte de comprido mejo coarto de Legoa e sobre elle se forma hum picoto ou outeiro chamado o Monte das Ermidas ou Castellos das Ermidas porque dizem os antigos que antigamente fora Castello e com effeito ao rredor delle se acham vestigios de muros delle feitos de pedras de canto cortadas ao pico que a mayor parte dellas se tem desfeito pelos Labradores para fazerem paredes em outras partes». (Tomo XX, fl. 567).

¹ Nos Port. Mon. Hist., «Dipl.», apparece noticia de um território labremse que identifico com o concelho de Bouças a que hoje pertence Lavra.

² Lemeni. Ficava proximo do monte Castro Beati. Port. Mon. Hist., p. 246.

275. Santa Leocadia (Beira)

Sepulturas com epitafios

«..... Igreia chamada da Senhora de Sabroso, que se avista de Barcos cabeça da Reitoria desta villa de Barcos munto antigua que há memoria de algum dia se virem enterrar nella e no adro della gente de coatro e seis legoas distantes da dita igreja e mais ainda hoie há na dita igreja e adro della sepulturas com epitafios por sima mostrando que ali se tem enterrado pessoas ilustres». (Tomo xx, fl. 583).

276. Leça¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Inscripções

«..... e o primejro sepulchro seo ha tradiçam que foj defronte da porta travessa da dita Igreja, e que o venerando Balio Frej Luis Alvaes de Tavora o mandara tresladar para a dita capella ahonde se acha colucado e tem a mesma parede ahonde jas huma Lamina de metal que tem huns versos gravados os quoais sam latinos e do teor seguinte:²» (Tomo xx, fl. 609).

«Da parte do Evangelho na parede da dita Capella do Ferro está metido em hum arco outro grande mauzoleo de pedra de Ansam, em o qual se vê hum epitafio com as seguintes Letras:

AQUI JAZ O MAGNIFICO E REVERENDO SENHOR DOM
FREJ JOAO COELHO PRIOR QUE FOJ DO CRATO, CANCELHER
MOR DE RODEZ, E BALIO DE NEGROPONTO, DO CONSELHO
DE ELREY, E COMMENDADOR DE LESSA, DA GUARDA, E
DE ELVAS, AO QUAL NOSSO SENHOR POR SUA SANTA PAY
XAM, E ROGOS DE NOSSA SENHORA SUA MADRE LHE QUEJRA
PERDOAR SEUS PECCADOS. AMEN. FALECEO DA VIDA PREZEN-
TE EM A ERA DE MIL QUINHENTOS E QUINZE»

(Tomo xx, fl. 611).

«Abaixo do meyo da dita Igreja e na nave do meyo della está hum mauzoleo, ou Tumulo de pedra desta terra, e por bajxo o sus-

¹ Outr'ora escrito *Leza*. Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal*, II, 334.

² Esta inscripção já foi publicada n-*O Arch. Port.*, II, 149 pelo Sr. Sousa Viterbo com variantes, sendo a tradução de Velho Barbosa e a do Parochio de Leça também diversas. No mesmo artigo vem transcripta outra inscrição em verso relativa a Pedro Durães. Todas as inscrições em versos leoninos necessitam de uma profunda revisão.

tentam três Lions tambem de pedra, e dentro delle está o corpo do Beato Dom Frej Garcia Martins, Cavaleiro Melitense.... etc.; tem a capa do sobredito tumolu hum pedasso de pedra de Ansam embutido com hum distico que dis o seguinte em letra gotica:

E. 1343 IN IESU CHRISTI DISCESSIT IN
REYNO FRATRI DOMNI GARCIAE MARTINI, GLORIA
NOSTRA, COMMENDATORI DOS CINCO REYNOS DE
HESPAÑA IN COELICO.

(Tomo xx, fl. 613 e 614).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Congresso de Numismaticá

A proposito do Congresso internacional de Numismaticá que vae celebrar-se em Paris nos dias 14, 15 e 16 de Junho de 1900, recebi a seguinte carta-circular, que publico por o seu conteudo poder interessar a alguns leitores:

«Monsieur et cher Confrère.—Le Congrès international de Numismatique est placé, comme tous les Congrès internationaux de 1900, sous la haute direction de M. le Ministre du Commerce et de l'Industrie.

La Commission d'organisation, définitivement constituée, a élaboré le règlement (en conformité avec le Règlement général des Congrès) et le programme que vous trouverez ci-après. Ce programme doit être considéré comme une base d'études. Mais la Commission fera un accueil favorable aux travaux concernant d'autres sujets que ceux inscrits au programme, pourvu que ces travaux remplissent les conditions stipulées dans le Règlement.

La Commission d'organisation acceptera de préférence les mémoires rédigés en français. Toutefois, elle admettra aussi les notices écrites dans une des langues suivantes: anglais, allemand, italien, espagnol, latin. Les notices écrites dans une de ces cinq langues devront être accompagnées d'un résumé en français.

Un banquet, dont le prix de souscription sera fixé ultérieurement, réunira les membres du Congrès, à l'issue de leurs travaux.

Nous espérons que vous voudrez bien nous apporter le résultat de vos différentes recherches et renouveler ainsi les relations scientifiques et amicales dont la Numismatique peut tirer un grand profit.



tentam três Lions tambem de pedra, e dentro delle está o corpo do Beato Dom Frej Garcia Martins, Cavaleiro Melitense.... etc.; tem a capa do sobredito tumolu hum pedasso de pedra de Ansam embutido com hum distico que dis o seguinte em letra gotica:

E. 1343 IN IESU CHRISTI DISCESSIT IN
REYNO FRATRI DOMNI GARCIAE MARTINI, GLORIA
NOSTRA, COMMENDATORI DOS CINCO REYNOS DE
HESPAÑA IN COELICO.

(Tomo xx, fl. 613 e 614).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Congresso de Numismatica

A proposito do Congresso internacional de Numismatica que vae celebrar-se em Paris nos dias 14, 15 e 16 de Junho de 1900, recebi a seguinte carta-circular, que publico por o seu conteudo poder interessar a alguns leitores:

«Monsieur et cher Confrère.—Le Congrès international de Numismatique est placé, comme tous les Congrès internationaux de 1900, sous la haute direction de M. le Ministre du Commerce et de l'Industrie.

La Commission d'organisation, définitivement constituée, a élaboré le règlement (en conformité avec le Règlement général des Congrès) et le programme que vous trouverez ci-après. Ce programme doit être considéré comme une base d'études. Mais la Commission fera un accueil favorable aux travaux concernant d'autres sujets que ceux inscrits au programme, pourvu que ces travaux remplissent les conditions stipulées dans le Règlement.

La Commission d'organisation acceptera de préférence les mémoires rédigés en français. Toutefois, elle admettra aussi les notices écrites dans une des langues suivantes: anglais, allemand, italien, espagnol, latin. Les notices écrites dans une de ces cinq langues devront être accompagnées d'un résumé en français.

Un banquet, dont le prix de souscription sera fixé ultérieurement, réunira les membres du Congrès, à l'issue de leurs travaux.

Nous espérons que vous voudrez bien nous apporter le résultat de vos différentes recherches et renouveler ainsi les relations scientifiques et amicales dont la Numismatique peut tirer un grand profit.



A carta está assignada pelos membros da comissão d'organização, os Srs. Conde de Castellane, De Foville, Babelon, De Marchéville, Blan-card, Mowat, Lalanne, Mazerolle, Denise, Blanchet e Sudre.

Com a carta vinha o *Règlement du Congrès international de Numismatique*, que igualmente transcrevo:

«Art. 1^{er}. Conformément à l'arrêté ministériel en date du 11 juin 1898, il est institué à Paris, au cours de l'Exposition universelle de 1900, un Congrès international de Numismatique.

Art. 2. Ce Congrès s'ouvrira le 14 juin 1900, dans le Palais des Congrès; sa durée sera de trois jours.

Art. 3. Seront membres du Congrès les personnes qui auront adressé leur adhésion au Secrétaire de la Commission d'organisation, ayant l'ouverture de la session, ou qui se feront inscrire pendant la durée de celle ci et qui auront acquitté la cotisation, dont le montant, fixé à vingt francs (or français), devra être envoyé au Trésorier de la Commission.

Art. 4. Les membres du Congrès recevront une carte qui leur sera délivrée par les soins de la Commission d'organisation.

Ces cartes, qui ne donnent aucun droit à l'entrée gratuite à l'Exposition, sont strictement personnelles. Toute carte prêtée sera immédiatement retirée.

Art. 5. La Commission d'organisation procédera, avant la première séance, à la formation du Bureau du Congrès qui comprendra des membres étrangers.

Art. 6. Le Bureau du Congrès fixe l'ordre du jour de chaque séance.

Art. 7. Le Congrès comprend des séances et des visites à des établissements scientifiques.

Art. 8. Les membres du Congrès ont seuls le droit d'assister aux séances et aux visites préparées par la Commission d'organisation, de présenter des travaux et de prendre part aux discussions.

Les délégués des administrations publiques françaises et étrangères jouiront des avantages réservés aux membres du Congrès.

Art. 9. Les mémoires qui serviront de point de départ à la discussion devront être communiqués à la Commission avant le 15 avril 1900.

Art. 10. La durée des communications ne pourra excéder vingt minutes.

Art. 11. Les membres du Congrès qui auront pris la parole dans une séance devront remettre au Secrétaire, dans les vingt-quatre heures, un court résumé de leurs communications, pour la redaction des procès-verbaux. Dans le cas où ce résumé n'aurait pas été remis, le texte rédigé par le Secrétaire en tiendra lieu, ou le titre seul sera mentionné.

Art. 12. La Commission d'organisation pourra demander des réductions aux auteurs des résumés : elle pourra effectuer ces réductions ou décider que le titre seul sera inséré, si l'auteur n'a pas remis le résumé modifié en temps utile.

Art. 13. Les procès-verbaux sommaires seront imprimés et distribués aux membres du Congrès, le plus tôt possible après la session.

Art. 14. Indépendamment de ces procès-verbaux, chaque membre du Congrès recevra un volume publié par les soins de la Commission d'organisation. Ce volume comprendra les mémoires et communications dont la Commission aura décidé la publication.

Art. 15. Le Bureau du Congrès statue en dernier ressort sur tout incident non prévu au Règlement.

Toutes les communications relatives au Congrès doivent être adressées à M. Adrien Blanchet, Secrétaire de la Commission d'organisation, boulevard Péreire, 164, Paris.

Segue-se o Programma:

I. — NUMISMATIQUE ANTIQUE.

- «1. Ordre géographique à suivre dans la description générale des monnaies du monde antique. Imperfection de l'ordre adopté par Mionnet. Peut-on y remédier sans bouleverser toute l'économie du système?
- 2. État actuel de la Numismatique celtibérienne.
- 3. Discuter les théories diverses sur l'introduction des statères de Philippe en Gaule.
- 4. Étudier les noms inscrits sur les monnaies gauloises.
- 5. Peut-on accepter intégralement la classification actuelle des monnaies de l'Étrurie?
- 6. Classement chronologique et géographique des monnaies frappées par les Carthaginois.
- 7. Rechercher les premiers portraits qui figurent sur les monnaies antiques de la Grèce.
- 8. Étudier les monnaies lyciennes au point de vue de l'origine et du sens des types monétaires.
- 9. Rechercher comment le type monétaire sassanide a pénétré dans le monnayage indien et quels sont les princes qui l'ont adopté.
- 10. Rechercher l'époque probable des monnaies en bronze, bilingues (en caractères chinois et kharoshthi) qui ont été récemment trouvées en Kachgarie.
- 11. Rechercher l'influence des types monétaires grecs sur ceux de la République romaine.
- 12. Discuter les explications proposées au sujet des monnaies de restitution.
- 13. Étudier les difficultés de l'histoire numismatique du règne de Gallien.
- 14. Étude sur les moules monétaires en terre cuite; liste complète des trouvailles de cette nature et relevé des monnaies moulées ou surmoulées dans l'antiquité.
- 15. Étude des monnaies barbares: 1º imitées des types grecs et romains; 2º présentant des types originaux. Leur importance pour l'histoire de la civilisation, au point de vue technique et esthétique.

II. — NUMISMATIQUE DU MOYEN ÂGE ET MODERNE.

- 16. Peut-on proposer actuellement une nouvelle explication relative à l'organisation des ateliers monétaires mérovingiens?
- 17. Rechercher si l'examen du titre du métal des monnaies carolingiennes peut fournir des renseignements utiles au classement des espèces sorties d'un même atelier.
- 18. Comment le *jus monetae* a-t-il été exercé par les premiers Capétiens?
- 19. Signaler les monnaies citées dans des documents du moyen âge et non retrouvées.

20. Signaler les documents monétaires conservés dans les établissements publics ou privés.
21. Déterminer les raisons économiques qui ont fait pénétrer l'or arabe en Europe, à l'époque des Croisades.
22. Emprunts de types monétaires faits par la France aux pays voisins et réciproquement à diverses époques. Montrer l'intérêt de la question au point de vue des relations politiques et économiques.
23. Rapport du marc de Cologne avec les différents marcs de France et d'Angleterre.

III. — NUMISMATIQUE CONTEMPORAINE ET QUESTIONS MONÉTAIRES.

24. Examen critique et comparatif des types figurés sur les monnaies actuellement fabriquées par les divers États. En déduire des règles générales pour la composition de sujets historiques et allégoriques, à la fois esthétiques et intelligibles.
25. De l'utilité des différents apposés sur les monnaies. Y a-t-il lieu de les conserver à notre époque?
26. Recherches sur les contremarques monétaires depuis l'origine jusqu'à nos jours. Recueil des documents qui font mention de ces signes.
27. Existe-t-il en Allemagne des documents concernant l'invention par le mécanicien d'Augsbourg dit «Chevalier du Saint-Sépulcre», des procédés mécaniques de fabrication monétaire, introduits en France sous Henri II et employés à Paris à la Monnaie des Étuves ou du Moulin?
28. Étudier les moyens les plus efficaces pour combattre la contrefaçon des monnaies anciennes. Indiquer les mesures de répression que les divers gouvernements pourraient prendre contre les faussaires.

IV. — MÉDAILLES ET JETONS.

29. De l'imitation par les graveurs étrangers, particulièrement en Belgique, des sujets allégoriques représentés sur les médailles françaises du XVIII^e siècle.
30. Rechercher les jetons français des XVI^e et XVII^e siècles, frappés dans d'autres ateliers monétaires que Paris.
31. Classement des jetons de la maison d'Anjou; rechercher ceux qui ont été frappés en Anjou et en Provence et ceux qui sont de fabrique italienne.

V. — QUESTIONS DIVERSES.

32. Bibliographie numismatique. Dresser pour chaque pays une liste des catalogues imprimés des collections publiques de monnaies et médailles. Signaler les collections publiques dont il n'existe aucun catalogue.
33. Quels sont les ouvrages généraux dont la publication rendrait plus facile l'étude de la Numismatique.
Est-il possible d'établir des rapports permanents entre les sociétés numismatiques des divers pays?»

J. L. DE V.

O ARCHEOLOGO PORTUGUES

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 4

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

(Continuação)

A canonização de Santo André Avellino foi celebrada em Lisboa pelos clérigos regulares theatinos ou *caetanos*, a cuja ordem pertencera, com um solemnissimo oitavario, de 29 de Julho a 5 de Agosto de 1713. Em harmonia com o gôsto do tempo e as tendencias academicas e eruditas da congregação, entenderam aquelles religiosos completar as suas manifestações de aplauso, fazendo preceder nesse anno a festa do novo santo (a 10 de Novembro) de um certamen litterario, que durou dois dias, e em que foram juizes o conde da Ericeira (D. Francisco Xavier de Menezes) e os marquezes de Fronteira e Ale-grete⁴.

Um dos assuntos designados era a interpretação de umas letras esmaltadas no calix de ouro do mosteiro de Alcobaça, as quaes o padre

⁴ O programma está impresso:—*Certame sacro em obsequio de Santo André Avellino, clérigo regular, canonizado aos 22 de Mayo de 1712.*—Lisboa, na Officina Real Deslandesiana; 1713; fl. de 8 pag. in-4.^o

São interessantes, porque descrevem minuciosamente as decorações dos locaes das festas, os seguintes folhetos de un *español matritense*:—*Noticia individual del sagrado culto, con que la devucion desta Corte de Lisboa celebrò en un Octavario de solemnes fiestas la canonizacion del gloriosissimo S. Andres Avelino, de los Clerigos Regulares Teatinos, en su Iglesia de nuestra Señora de la Divina Providencia, con la descripcion de su magnifico adorno.*—Lisboa, Imprenta Real Deslandesiana; 1713; fl. de 32 pag. in-4.^o

—*Breve noticia del certamen sacro-poetico com que previnieron los Clerigos Regulares Teatinos de la Divina Providencia de esta gran Corte de Lisboa el dia natalicio del gloriosissimo S. Andres Avelino en aplauso de su canonizacion.*—Lisboa, Imprenta de Miguel Manescal; 1714; fl. de 12 pag. in-4.^o

D. Raphael Bluteau copiára, e se propunha decifrar. Alem do erudito e benemerito autor do *Vocabulario Portuguez e Latino*, entrou na lide o padre D. Manoel Caetano de Sousa, director da Academia Real da Historia.

A dissertação de Bluteau está impressa nas suas *Prosas Portuguezas, recitadas em diferentes Congressos Academicos*¹, e intitula-se:— «*Prosa enigmatica, interpretativa. Dissertação literaria, cabalistica, e moral, sobre o sentido de cento e trinta e sete letras, esmaltadas na circunferencia do pé, e garganta de hum antiquissimo Calix de ouro do Real Mosteiro de Alcobaça. Recitada em Lisboa, na Casa dos Clerigos Regulares, estando presente El Rey de Portugal, que Deos guarde, Dom João quinto, em occasião de hum Certamen Sacro-Poetico, celebrado na dita Casa, no dia 19². de Novembro de 1713. em aplauso da canonização de Santo André Avellino, Clerigo Regular».*

Bluteau interpreta assim as misteriosas letras do calix:

«*Hic est calix sanguinis mei,
Novi et aeterni testamenti,
Qui pro vobis et pro multis
Effundetur.*

*Joakim Kludphik fudi, Boldevk,
A. Dom. Mil. C. LXXXVII.*»

Não entram nestas palavras as 137 letras que figuravam no programma do certamen. Bluteau opina que as restantes não tem sentido, havendo sido introduzidas na inscripção unicamente para difficultar a intelligencia das outras, em harmonia com os preceitos da steganographia. Quanto a umas letras de menor corpo, que não copiára, e que, depois de publicado o certamen, Fr. Manoel dos Santos, o autor da *Alcobaça illustrada*, descobrirá, e notificára, como veremos, a D. Manoel Caetano de Sousa,— julga Bluteau formarem sentido independente, não se considerando, alem d'isso, obrigado a explicá-las por não fazer menção d'ellas o programma.

Kludphik, o supposto ourives, seria flamengo ou allemão.

Em seguida³, publica Bluteau outra explicação das letras, que declara ter-lhe sido enviada por *um curioso anonymo*. Este imaginoso

¹ Parte 1, pag. 363 sqq

² Aliás, 9.

³ A pag. 391 sqq.

decifrador, tomando cada letra como inicial de uma palavra, interpreta d'este modo as da base do calix:

«1190. *Kalendas Octobris initium domus Alcobaciæ 1191. factus fuit hic Calix ex feudo Domini Regis Alphonsi Beatae Mariae Virginis Ordinis Cisterciensis posita in Gallia in Dioecesi Lingoniensi verè Patrona nostra, & Regni nostri liberans illud Sarracenorum; & erat vir Abbas Bernardus jussit illum hagere in servitium B. M. semper Virginis, & in obsequium Regis, qui dedit per tributum quinquaginta morabitinos, tunc Gallia, nunc nostro Monasterio, sub tutella talis Virginis novè errecti brachio suo, tale tributum, tale fædum, illi applicatum, ut laudemus talem Virginem, & oremus per illum instanter vigiliis, & orationibus: vivat in aeternum. Hoc habet hic Calix».*

As do nó são assim explicadas:

«*Hieronymus Joachim Operator Domini Regis fecit Calicem hunc Kalendas Octobris ex jussu Bernardi Abbatis Gubernatoris Monasterii Alcobaciæ novè errecti invocationis Sanctæ Mariae Virginis verè initiati nostro tempore».*

Esta memoria não foi, segundo parece, lida no certamen, porque não se refere a ella, na sua descripção d'essa festa academico-religiosa, o alludido *español matritense*.

A de D. Manoel Caetano de Sousa não se imprimiu. Citam-na Barbosa Machado, na sua monumental *Bibliotheca Lusitana*¹, e o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, no catalogo que publicou das obras do erudito theatino, sob o titulo de *Bibliotheca Sousana*². Ahi, diz o conde: — «Achou-se depois a verdadeira explicação d'estas letras, que, com o mais que se compoz sobre este assumpto, deve unir-se, quando se imprimir esta dissertação³.» O *español matritense*, autor dos folhetos que citei, dá a entender que havia ideia de publicar um livro do certamen, em que a memoria de D. Manoel Caetano de Sousa sem dúvida entraria. O proprio autor, numa das cartas que constituem a parte principal d'este trabalho, allude ao pensamento de a imprimir. Nem isoladamente, porém, nem com as outras composições premiadas, nem em vida do autor nem depois da sua morte, se publicou a memoria de Sousa. Não se perdeu, todavia. Existem d'ella dois exem-

¹ Tomo III, pag. 207.

² Pag. 71.

³ Ignoro a que tentativa de interpretação se refere D. Francisco Xavier de Menezes. Á de Fr. Manoel de Figueiredo, a que já alludi, e de que adeante dou notícia, não podem evidentemente applicar-se as palavras do illustre academico, porque a *Bibliotheca Sousana* foi impressa em 1737, e o trabalho do chronista cisterciense tem a data de 1767.

plares, junto das cartas a que me tenho referido, e d'outros documentos relativos ao calix. Um dos exemplares é apurado, sem emendas, e foi, porventura, o lido no certamen; o outro tem algumas correções e grande numero de notas á margem, parecendo ter servido de original ao primeiro, e, depois, de esboço do trabalho que D. Manoel Caetano de Sousa tencionava dar á estampa, e cujo plano communica a Fr. Manoel dos Santos numa das cartas adeante impressas.

Fundando-se não só no chronicon exarado no volume 202 da *livraria velha* de Alcobaça, mas tambem no genero dos esmaltes e na fóрма dos caracteres da legenda, Sousa attribue o calix a D. Manoel, que o teria mandado fazer em 1505 ou 1506, do primeiro ouro das pareas de Quiloa, como a celebre custodia de Gil Vicente, e o haveria offerecido ao mosteiro em 1520, quando ahi levou seu filho, o cardeal D. Affonso. Quanto ás letras, suppõe formarem seis versos latinos e a seguinte dedicatoria:

«*Emanueli, Regi Regum, Emanuel, Lusitaniae Rex, X.^o Imperii;*»

ou :

«*Emanueli, Regi Regum, Emanuel Lusitanus, Regni XI.^o;*»

ou, ainda:

«*Eucharistico Regi, Emanuel I, Rex Lusitaniae, Regni X.^o.*»

Os versos propostos são estes:

«*Mens, homo, diffisum karta sub nube memento
Hic vitium dixit karior illa tego
Ibis homo mihi fur, hinc kantus linge lauabit
Pax, lux, ignoto fugit homo, illa kaput.
Hunc de se qui flet, pomo quinlibet Jesvs
Dux flenti kuris, sic homo de me tibi».*

Annos depois,—em 1767—, ocupava-se da enygmatica inscripção Fr. Manoel de Figueiredo, que, por ordem do abbade geral de Alcobaça, Fr. Nuno Leitão, compoz um trabalho em que refuta os pareceres de D. Raphael Bluteau e do *curioso anonymo*, considerando o calix dadiva do cardeal D. Affonso, e interpretando assim as letras:

As 33 das columnas que dividem os baixos-relevos da copa:

«*Monasterium Alcobatiæ in omni tempore verendum, in omni tempore virtuosum,
in omni tempore unanime, in omni tempore vtile erit, quia laudat et laudabit, in vi-
giliis, in orationibus noctis, Jesum, Virginem, omnes sanctos. Amen.*

As 27 do nó:

«Emmanuel, rex noster et gubernator hujus monasterii Alcobatiæ, invocationis Sanctæ Mariae Virginis, ordinis divi Bernardi, tempore infantiae Alphonsi infantis komendatarii, jussit facere hunc kalicem, quinto nonas octobris».

As 110 da base:

«Era Domini Nostri M C XXXXIV, quarto nonas Maii, Dominus Alphonsus, Lusitanæ rex, fecit regnum suum feudatarium Beatae Mariae Virginis, oratori Kläravalis, ordinis cisterciensis, fundati in Gallia, in diocesi Lingoniensi, per virtuosum Bernardum abbatem, nam hæc Virgo istud et illum liberavit ab hostili potentia Saracenorū; et obtulit hoc feudum in urbe Lamecensi, vbi erant multi proceres Lusitanæ nostra congregati, ibi largiter vovit, in toto tempore existentia hujus monarchiæ Lusitanæ, L morabitinos ipsi Beata Virginis, ibi sub tutela Dominae Nostræ posuit totum regnum suum, et ille sub tutela korona ipsius concepit tota bona Kläravalis, et generaliter aliorum omnium hujus ordinis, tunc existentia et in tempore venturo».

O trabalho de Fr. Manoel de Figueiredo encontra-se num dos volumes de pequenas composições e apontamentos seus, manuscritos, que se conservam na Biblioteca Nacional¹, e intitula-se: — «Reflexoens historicas em as quais se explicão as letras do calix precioso do Real Mosteiro de Alcobaça.....»

Não são, porém, estas engenhosas tentativas de interpretação das letras do calix que nos interessam hoje. São as cartas a que, mais de uma vez, alludi já, e que, pouco depois do certamen dos theatinos em honra de Santo André Avellino, trocaram D. Manoel Caetano de Sousa e Fr. Manoel dos Santos, chronicista-mór da ordem de Cister e autor da *Alcobaça illustrada*.

Essas cartas constituem, com outros documentos relativos ao calix, as folhas 10 a 46 do volume a que no inventario dos mss. da Biblioteca Nacional de Lisboa coube o n.º 189², e que se intitula «Memorias da congregação de Alcobaça», — não obstante conter peças referentes a outras corporações monasticas. Os documentos á cerca do calix são os seguintes:

- a) Cartas de D. Manoel Caetano de Sousa a Fr. Manoel dos Santos e d'este áquelle (nove na totalidade, parecendo faltarem duas);
- b) Descrição do calix, por Fr. Manoel dos Santos;
- c) Certidões passadas em Alcobaça, a 5 de Outubro de 1713, pelo monge notário Fr. José de Mendonça, uma da exactidão da cópia das

¹ N.º 1485, no inventario dos mss., fl. 9 a 24. Marcação antiga: — E-3-14.

² Marcação antiga: — A-5-13.



lettras do calix, outra de dois trechos que os leitores já conhecem:— a memoria relativa á morte e serviços do cardeal-infante D. Affonso, e a verba do inventario de 1536, com a respectiva cota marginal de Fr. Paulo Brandão;

d) Letras do calix:—duas transcripções, authenticadas por Fr. José de Mendonça, e cópia de uma d'ellas, feita por D. Manoel Caetano de Sousa, ou, pelo menos, com indicações do seu punho;

e) Transcripção das letras, disposta em circulos concentricos,— trabalho de D. Manoel Caetano de Sousa;

f) Folhas enviadas de Alcobaça, uma indicando a altura do calix, e outra a circumferencia da bôcca;

g) Dissertação de D. Manoel Caetano de Sousa, á cerca da intelligencia das letras do calix, em duplicado, sendo um dos exemplares accrescentado, como já observei, com grande numero de notas á margem.

Publico sómente as cartas, a descripção do calix, as duas cópias das letras, authenticadas por Fr. José de Mendonça, e a reprodução que atribuí a D. Manoel Caetano de Sousa.

As outras peças, ou são inuteis sob o ponto de vista da reconstruição mental do calix, ou ficam vantajosamente substituidas por esta introdução e pelas notas que acompanham as cartas.

(Continúa).

JOSÉ PESSANHA.

Necropole luso-romana nos arredores de Lagos

A cerca de duzentos metros da cidade de Lagos, e junto á estrada real que conduz a Portimão, eleva-se o terreno, na extensão de alguns hectares, formando uma especie de achada com declive bastante doce para o mar e uma vista em extremo agradavel, quer do lado do norte, onde as ondulações se seguem umas após outras, até irem terminar nas duas grandes montanhas da *Foia* e *Picotá*, quer do sul, em que o oceano se estende em toda a sua grandeza e magnitude. No sítio chamado o *Molião*, e em propriedade do Ex.^{mo} Sr. Cesar Landeiro, por occasião de uma plantação de vinha que este Sr. ali acaba de fazer, descobriu-se um verdadeiro cemiterio luso-romano, a julgar pelos artefactos encontrados.

Assistimos apenas á exploração de uma sepultura; afirmou-nos, porém, o mesmo Sr. que encontrará muitas outras identicas a esta.

As paredes eram formadas por *tegulas* collocadas verticalmente e em seguida umas ás outras; a pressão, porém, do terreno juntara-as

lettras do calix, outra de dois trechos que os leitores já conhecem:— a memoria relativa á morte e serviços do cardeal-infante D. Affonso, e a verba do inventario de 1536, com a respectiva cota marginal de Fr. Paulo Brandão;

d) Letras do calix:—duas transcripções, authenticadas por Fr. José de Mendonça, e cópia de uma d'ellas, feita por D. Manoel Caetano de Sousa, ou, pelo menos, com indicações do seu punho;

e) Transcripção das letras, disposta em circulos concentricos,— trabalho de D. Manoel Caetano de Sousa;

f) Folhas enviadas de Alcobaça, uma indicando a altura do calix, e outra a circumferencia da bôcca;

g) Dissertação de D. Manoel Caetano de Sousa, á cerca da intelligencia das letras do calix, em duplicado, sendo um dos exemplares accrescentado, como já observei, com grande numero de notas á margem.

Publico sómente as cartas, a descripção do calix, as duas cópias das letras, authenticadas por Fr. José de Mendonça, e a reprodução que atribuí a D. Manoel Caetano de Sousa.

As outras peças, ou são inuteis sob o ponto de vista da reconstruição mental do calix, ou ficam vantajosamente substituidas por esta introdução e pelas notas que acompanham as cartas.

(Continúa).

JOSÉ PESSANHA.

Necropole luso-romana nos arredores de Lagos

A cerca de duzentos metros da cidade de Lagos, e junto á estrada real que conduz a Portimão, eleva-se o terreno, na extensão de alguns hectares, formando uma especie de achada com declive bastante doce para o mar e uma vista em extremo agradavel, quer do lado do norte, onde as ondulações se seguem umas após outras, até irem terminar nas duas grandes montanhas da *Foia* e *Picotá*, quer do sul, em que o oceano se estende em toda a sua grandeza e magnitude. No sítio chamado o *Molião*, e em propriedade do Ex.^{mo} Sr. Cesar Landeiro, por occasião de uma plantação de vinha que este Sr. ali acaba de fazer, descobriu-se um verdadeiro cemiterio luso-romano, a julgar pelos artefactos encontrados.

Assistimos apenas á exploração de uma sepultura; afirmou-nos, porém, o mesmo Sr. que encontrará muitas outras identicas a esta.

As paredes eram formadas por *tegulas* collocadas verticalmente e em seguida umas ás outras; a pressão, porém, do terreno juntara-as

nas suas extremidades superiores. Cremos tambem que a cobertura seria constituida por *tegulas*, pois que algumas estavam juntas ás transversaes. Á cabeceira e aos pés, um tanto inclinadas tambem pela pressão do terreno, havia de cada lado uma ainda em perfeito estado de conservação. A pobreza, porém, era extrema, pois que nada se encontrou, a não ser um cranio já bastante deteriorado e alguns fragmentos de ossos longos. A sua orientação era de norte a sul, e a profundidade era de 1 metro, pouco mais ou menos. Ao contrário d'esta, noutras recolheu o mesmo Sr. bastante mobiliario que conserva em seu poder; pena é que a maioria dos vasos estejam partidos, por falta de cuidado da parte dos trabalhadores.

Vimos bastantes *unguentarios* de vidro de fórmas várias, predominando a de funil invertido. Da mesma proveniencia observámos dois vasos que, pela sua configuração, parecem ter servido de coadores: tem o bojo largo e um gargalo um tanto estreito; na juncção d'este com aquelle ha uma placa horizontal do mesmo barro toda crivada de pequenos buracos. No mesmo local descobriram-se tambem um objecto de ferro, em tudo semelhante ao martello usado pelos nossos pedreiros, varios pregos ainda com pedaços de madeira adherentes, um utensilio mui parecido com a extremidade de uma lança, ainda que já muito oxidado, e uma pequenina argola de ouro, parece que destinada a trazer-se nas orelhas.



É fóra de dúvida, porém, que, além da *humatio*, ou enterramento propriamente dito, houve aqui tambem a *crematio*, ou incineração, como era usual entre os romanos, a quem a lei não impunha de preferencia este ou aquelle modo de sepultar os seus mortos, no dizer de Guhl e Koner (*Rome*, pag. 493), — porquanto encontraram-se aqui algumas *ollas* com cinzas e fragmentos de ossos. Tambem se nos afigura que os corpos não eram queimados num lugar a isso destinado, o *ustrinum*, mas sim no proprio local da sepultura, visto em diferentes sitios acharem-se porções de terra negra.

Uma especie de prato chato observámos nós, de barro muito vermelho e fino, como aliás o de outros vasos, no fundo do qual se vêem gravadas, dentro de uma circumferencia, algumas letras das quaes se destaca perfeitamente a preposição EX; era sem dúvida a marca

do olheiro; no reverso, porém, e a um dos lados, estão escritos com instrumento ponteagudo (estilete, agulha, etc.), os seguintes caracteres: MAVRI. Seria o nome do defuncto, como aliás encontramos um espécimen identico em Rich (verbo *Olla*) e portanto o objecto em questão a tampa ou *operculum* de uma *olla*? Quer-nos bem parecer que sim. A respeito da epocha a que deve remontar a necropole de que nos ocupamos dá-nos bastante luz uma moeda de prata, na mesma encontrada, a qual tem de um lado as letras MFAIC, uma quadriga com a Victoria e a coroa, e do outro Pallas com capacete, moeda esta igual á que vem citada pelo Sr. Aragão, no Catalogo do museu real, sob o n.^o 207. Afigura-se-nos que a povoação a que pertencia esta necropole não ficava muito distante, pois que por aquelles contornos tem aparecido objectos romanos em grande quantidade.

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

Objectos romanos achados em Coruche

2. Instrumentos campêstres luso-romanos

Ao dar conta n-*O Arch. Port.*, III, 65, da valiosa e generosa oferta que o illustre titular o Sr. Visconde de Coruche se dignou fazer ao Museu Ethnologico, prometti publicar aqui as estampas dos objectos. Começo hoje a desempenhar-me da promessa.

Todas as figuras juntas representam os objectos em $\frac{1}{4}$ do tamanho natural. Os desenhos foram executados pelo Sr. Henrique Loureiro.

Não me parece sempre facil identificar os objectos com os nomes que conhecemos, transmittidos pela litteratura latina; em todo o caso digo o que me parece, e peço a outros que melhor conheçam o assunto o obsequio de me corrigirem onde eu errar.



Fig. 1

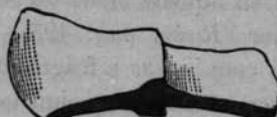


Fig. 2

O objecto representado na fig. 1 é uma machada ou machadinha, *securis*, com o ôlho para se firmar o cabo.

O objecto representado na fig. 2 é outra machada ou machadinha; mas o encabamento fazia-se de maneira diferente: a haste entrava

do olheiro; no reverso, porém, e a um dos lados, estão escritos com instrumento ponteagudo (estilete, agulha, etc.), os seguintes caracteres: MAVRI. Seria o nome do defuncto, como aliás encontramos um espécimen identico em Rich (verbo *Olla*) e portanto o objecto em questão a tampa ou *operculum* de uma *olla*? Quer-nos bem parecer que sim. A respeito da epocha a que deve remontar a necropole de que nos ocupamos dá-nos bastante luz uma moeda de prata, na mesma encontrada, a qual tem de um lado as letras MFAIC, uma quadriga com a Victoria e a coroa, e do outro Pallas com capacete, moeda esta igual á que vem citada pelo Sr. Aragão, no Catalogo do museu real, sob o n.^o 207. Afigura-se-nos que a povoação a que pertencia esta necropole não ficava muito distante, pois que por aquelles contornos tem aparecido objectos romanos em grande quantidade.

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

Objectos romanos achados em Coruche

2. Instrumentos campêstres luso-romanos

Ao dar conta n-*O Arch. Port.*, III, 65, da valiosa e generosa oferta que o illustre titular o Sr. Visconde de Coruche se dignou fazer ao Museu Ethnologico, prometti publicar aqui as estampas dos objectos. Começo hoje a desempenhar-me da promessa.

Todas as figuras juntas representam os objectos em $\frac{1}{4}$ do tamanho natural. Os desenhos foram executados pelo Sr. Henrique Loureiro.

Não me parece sempre facil identificar os objectos com os nomes que conhecemos, transmittidos pela litteratura latina; em todo o caso digo o que me parece, e peço a outros que melhor conheçam o assunto o obsequio de me corrigirem onde eu errar.



Fig. 1

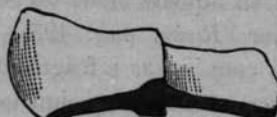


Fig. 2

O objecto representado na fig. 1 é uma machada ou machadinha, *securis*, com o ôlho para se firmar o cabo.

O objecto representado na fig. 2 é outra machada ou machadinha; mas o encabamento fazia-se de maneira diferente: a haste entrava

perpendicularmente no cabo. Alguns dos machados de pedra prehistóricos eram encabados do mesmo modo.

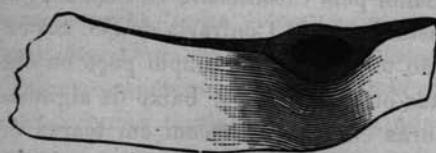


Fig. 3



Fig. 4

O objecto representado na fig. 3 é tambem *securis*, mas talvez *dolabrata*.

O objecto representado na fig. 4 corresponde a uma pequena picareta: de um lado tem corte de machado, do outro lamina de sacho estreito.

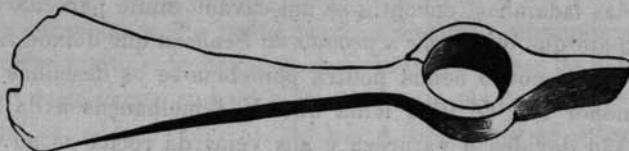


Fig. 5

O objecto representado na fig. 5 corresponde a uma picareta de pá.

J. L. DE V.

O castro de Samil e as cavernas de S. Lourenço

A 3,5 kilómetros a sudoeste de Bragança, num dos pontos mais dominantes da elevação comprehendida entre as linhas de agua affluentes margem da direita do Fervença, que formam os valles do Conde ou de Nogueira e o de Samil, e a cavalleiro d'esta povoação, vêem-se restos de um castro do typo de Maquieiros em Gondesende, de traçado circular de 400 metros proximamente de desenvolvimento, de que se conhecem ainda distintamente vestigios de muralha de pedra solta que de onde em onde assentava em grandes fragas de rocha negra que conjunctamente com o fosso que a envivia tornava esta posição uma das melhor defendidas. Contiguo e do lado sul nota-se um pequeno circuito limitado por fragas da mesma natureza, que faz suppôr, pela sua regular disposição, ter sido obra do homem e ter feito parte integrante d'esta estação archaica; e na vertente do poente, como que para lhe aumentar o seu valor defensivo, ha um prolongamento natural de 30 a 40 metros dos mesmos rochedos. Nelle e em volta apparecem alguns pedaços de

perpendicularmente no cabo. Alguns dos machados de pedra prehistóricos eram encabados do mesmo modo.



Fig. 3



Fig. 4

O objecto representado na fig. 3 é tambem *securis*, mas talvez *dolabrata*.

O objecto representado na fig. 4 corresponde a uma pequena picareta: de um lado tem corte de machado, do outro lamina de sacho estreito.

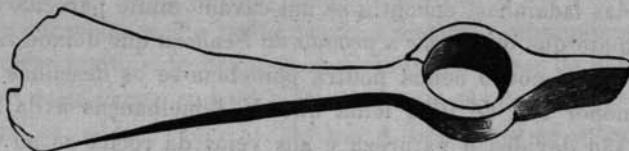


Fig. 5

O objecto representado na fig. 5 corresponde a uma picareta de pá.

J. L. DE V.

O castro de Samil e as cavernas de S. Lourenço

A 3,5 kilometros a sudoeste de Bragança, num dos pontos mais dominantes da elevação comprehendida entre as linhas de agua affluentes margem da direita do Fervença, que formam os valles do Conde ou de Nogueira e o de Samil, e a cavalleiro d'esta povoação, vêem-se restos de um castro do typo de Maquieiros em Gondesende, de traçado circular de 400 metros proximamente de desenvolvimento, de que se conhecem ainda distintamente vestigios de muralha de pedra solta que de onde em onde assentava em grandes fragas de rocha negra que conjunctamente com o fosso que a envivia tornava esta posição uma das melhor defendidas. Contiguo e do lado sul nota-se um pequeno circuito limitado por fragas da mesma natureza, que faz suppôr, pela sua regular disposição, ter sido obra do homem e ter feito parte integrante d'esta estação archaica; e na vertente do poente, como que para lhe augmentar o seu valor defensivo, ha um prolongamento natural de 30 a 40 metros dos mesmos rochedos. Nelle e em volta apparecem alguns pedaços de

cantaria lavrada, fragmentos de telha, de louça grosseira e de pedras polidas que é de presumir que fossem machados ou martellos.

Este é o local conhecido em Samil pelo *Castanheiro do Senhor*, por haver no fosso ao nascente um castanheiro da Confraria do SS. Sacramento, junto do qual é de tradição ter havido um amplo poço ou cisterna, assim como o é haver grutas ou cavernas por baixo de algumas d'aquellas fragas em que as mouras encantadas tecem em teares de ouro em noite de S. João; por isso que, afirmam, os mouros estiveram aqui e tem-se até achado argolas de ferro com que prendiam os cavalios. O sítio a que chamam o *Castro* fica a 100 metros a sul em que por mais attentas que se façam as investigações não se descobre indicio algum á superficie que justifique este nome. Todavia nelle deparam-se-nos algumas fragas, como as já mencionadas, e numa d'ellas em que está hasteada uma pequena e singela cruz de madeira que marca o termo das ladainhas, encontra-se um cavado muito parecido ao rasto de um sapato que dizem ser a *pègada da Senhora* que deixou ao passar por alli; e um pouco acima noutra percebem-se os desenhos de uma *pègada* menor e o de uma folha que dá semelhanças á da figueira, que não são devidos á natureza e aos veios da rocha ou ao vento da pedra (como dizia o guia entendido no ófficio de pedreiro), mas á mão do homem¹.

O horizonte que d'este alto se contempla em todas as direcções é muitissimo vasto e attrahente, que torna pouco o muito tempo que gastamos em gozar tão variado e admirável panorama. E depois o mysterio historico que o envolve como que nos prende a elle, custando-nos a abandoná-lo por nos haver proporcionado momentos tão deliciosos com a contemplação simultanea do presente e do passado. E d'este, além das suas recordações, existem bem perto outros que talvez tenham relação com ellas, como são a 1:000 metros para poente, já fóra da encosta, e quasi á beira da estrada de Macedo, a *fraga da selvage*, que actualmente está quasi toda destruída e nada nos indica, mas pelo nome faz-nos desconfiar que tivesse sido um monumento prehistoricico, um dolmen ou menhir; e 700 metros, adeante indo de Bragança, a Quinta do Pinhal ou de S. Lourenço em que este santo martyr teve culto, em tempos ainda não distantes, numa capella de que apenas restam a pia da agua benta e algumas cantarias lavradas mettidas nas paredes da casa da habitação e suas dependencias, e cuja imagem está na igreja

¹ Cfr. sobre este assunto J. Leite de Vasconcellos, nas *Tradições populares de Portugal*, § 209, e nas *Religiões da Lusitania*, I, 381, etc., onde cita factos analogos, portugueses e estrangeiros.

do Loreto d'esta cidade. Pois este local tão desprotegido das bellezas naturaes, que chega mesmo a passar despercebido ao viandante, por não apresentar cousa que desperte a attenção, é hoje objecto do maior interesse archeologico pelos vestigios que nelle ha e pelas suas lendas e tradições. Deve ser curiosa e interessante a historia d'essas cavidades ou cavernas abertas em rocha branda que o acaso descobriu ha algumas semanas numa terra pegada á estrada pela parte de cima em frente das casas em que se encontraram pedras soltas de diversos tamanhos, carvão muito misturado com terra, fragmentos de tijolo, de louça grosseira e de ossos, que nos deixaram na incerteza ou se ascendem a uma só epocha ou a diferentes, por isso que a circumstancia de estes mesmos vestigios aparecerem tambem em certa area em volta, faz presumir que pertencem a um pequeno povoado que a tradição diz ter havido aqui. Agora acharam-se duas, mas julga-se que sejam mais, porque consta que ha annos, por identico motivo, se pôs a descoberto outra de maiores dimensões muito proximo d'estas. Communicam entre si por galerias muito estreitas que só permittiam entrar de rasto, e as suas partes mais largas tinham a forma de um pequeno forno de pão em que mal se cabia de joelhos. Ao pôr a descoberto as entradas encontraram-se na remoção das terras pedaços de *pedras de raio*, nome porque são denominados os machados e os martellos do periodo neolítico. Ellas não são naturaes mas artificiaes, e a sua disposição e situação tornam ainda mais difficil de explicar o destino que tiveram estas cavidades neste lugar onde houve noutro tempo uma grande feira, se encontraram tantas cantarias lavradas, tantas ossadas em sepulturas tapadas proximo do sítio da capella, e onde, finalmente, conta a lenda, os christãos venceram em rija peleja os mouros que fugiram do Castello de Rebordãos, cujas ruinas ficam a alguns kilometros de distancia envoltos nas dobras da serra de Nogueira.

Bragança, 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

A mesa dos ladrões em Valle d'Ovos

Pelos fins de Novembro, ou principios de Dezembro, de 1846, fazendo parte de uma columna volante, que saiu do Valle de Santarem, sob o commando do Sr. José Joaquim Januario Lapa, passámos por Valle d'Ovos, proximo a Chão de Maçãs. E digamos, de passagem, que os ovos e maçãs que alli ha, são pedras soltas de todos os tamanhos e feitios, algumas arvores enfezadas, e algum mato amarellado

do Loreto d'esta cidade. Pois este local tão desprotegido das bellezas naturaes, que chega mesmo a passar despercebido ao viandante, por não apresentar cousa que desperte a attenção, é hoje objecto do maior interesse archeologico pelos vestigios que nelle ha e pelas suas lendas e tradições. Deve ser curiosa e interessante a historia d'essas cavidades ou cavernas abertas em rocha branda que o acaso descobriu ha algumas semanas numa terra pegada á estrada pela parte de cima em frente das casas em que se encontraram pedras soltas de diversos tamanhos, carvão muito misturado com terra, fragmentos de tijolo, de louça grosseira e de ossos, que nos deixaram na incerteza ou se ascendem a uma só epocha ou a diferentes, por isso que a circumstancia de estes mesmos vestigios aparecerem tambem em certa area em volta, faz presumir que pertencem a um pequeno povoado que a tradição diz ter havido aqui. Agora acharam-se duas, mas julga-se que sejam mais, porque consta que ha annos, por identico motivo, se pôs a descoberto outra de maiores dimensões muito proximo d'estas. Communicam entre si por galerias muito estreitas que só permittiam entrar de rasto, e as suas partes mais largas tinham a forma de um pequeno forno de pão em que mal se cabia de joelhos. Ao pôr a descoberto as entradas encontraram-se na remoção das terras pedaços de *pedras de raio*, nome porque são denominados os machados e os martellos do periodo neolítico. Ellas não são naturaes mas artificiaes, e a sua disposição e situação tornam ainda mais difficil de explicar o destino que tiveram estas cavidades neste lugar onde houve noutro tempo uma grande feira, se encontraram tantas cantarias lavradas, tantas ossadas em sepulturas tapadas proximo do sítio da capella, e onde, finalmente, conta a lenda, os christãos venceram em rija peleja os mouros que fugiram do Castello de Rebordãos, cujas ruinas ficam a alguns kilometros de distancia envoltos nas dobras da serra de Nogueira.

Bragança, 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

A mesa dos ladrões em Valle d'Ovos

Pelos fins de Novembro, ou principios de Dezembro, de 1846, fazendo parte de uma columna volante, que saiu do Valle de Santarem, sob o commando do Sr. José Joaquim Januario Lapa, passámos por Valle d'Ovos, proximo a Chão de Maçãs. E digamos, de passagem, que os ovos e maçãs que alli ha, são pedras soltas de todos os tamanhos e feitios, algumas arvores enfezadas, e algum mato amarellado

e de palmo de altura: é o que se encontra numa extensão, aproximadamente, de 20 kilometros. Alguns soldados da columna volante, naturaes das terras alli proximas, mostraram-me a *Mesa dos Ladrões*.

Era uma grande lage, de fórmia irregular, com bastante espessura, sobreposta a uma outra pedra irregularissima na sua fórmia, parecendo, de longe, uma gigantesca mesa de column. Algumas pedras tambem irregulares, em numero de tres ou quatro, caídas junto da gigantesca base, quasi semelhavam os pés que fazem não perder o equilibrio ás mesas de sala.

Não faltou, de entre os soldados, quem contasse uma lenda, mais ou menos terrivel, allusiva áquella grande mole; o que ajudou bastante para se fazer a marcha até Ourem, aonde ganhou o titulo de visconde o commandante d' aquella força.

De entre as lendas, ocorrem-me as seguintes:

1.^a—Chamava-se *Mesa dos Ladrões* áquella grande pedra, porque sobre ella as quadrilhas, que infestavam aquellos contornos, repartiam as prêses; e ás vezes as divisões davam em resultado grandes rixas e mortes, e a isto se attribuia haverem-se encontrado alguns esqueletos humanos nas suas proximidades;

2.^a—Que em todas as noites de S. João se ouviam alli gemidos e gritos afflictivos; e desgraçado de todo aquelle que se aproximasse das onze á meia-noite, «porque levava a sua conta por em cheio»;

3.^a—Que sobre aquella banca o rei moiro de Ourem mandava amarrar a argolas de ferro as mulheres que lhe eram infieis, para serem devorados pelos abutres;

4.^a—Que alli eram degolados os christãos que não queriam renegar;

5.^a—Que alli (e foi esta a que mais agradou ao capitão Joaquim Pinheiro Chagas, que fazia parte da column) um chefe de ladrões roubou e degolou, numa noite escurissima, uma familia inteira de lavradores, e que, pela manhã, quando se foi passar nova busca aos desgraçados, para serem enterrados, o chefe reconheceu os cadaveres de seu pae, mãe, irmãos, irmãs, cunhados, etc., e o da mulher que o tinha ajudado a criar; e que desde então a pedra tem manchas de sangue que os seculos não tem podido gastar. Que o chefe ficou de tal modo, que em roda da mesa sacrificou todo o bando que capitaneava, e deu uma tal cabeçada no centro da mesa que, abrindo-se uma cavidade, nella penetrou a cabeça, ficando prêsa, e elle na posição vertical com os pés para o ar, esperneando por muitos annos; até que, passando um bispo, que ia para Leiria, ou Coimbra, lhe levantou a excommunhão ou maldição do pae, e pôde mirrar-se o corpo que o tempo foi desfazendo. E como o facto se deu numa noite de

S. João, é por isso que a cabeça, que ainda está viva, sae do seu estojo todos os annos em cada uma d'essas noites, passeia pela mesa, dando gemidos e gritos, até que á meia-noite se recolhe.

Naquelle occasião, os meus 22 annos e alguns meses aconselharam-me a que promettesse a mim mesmo que, se escapasse ás balas da Sr.^a D. Maria da Fonte, na primeira noite de S. João em que eu pudesse, iria alli em romaria, para ver a cabeça passear, gemit, e até averiguar se ella me entendia.

Esta promessa chegou a esquecer-me, assim como a mesa; até que, em 1863, sendo tenente de caçadores n.^º 6, fui destacado para aquellas proximidades e me veiu á memoria o que deixo dito. Fiz tenção de cumprir a promessa. Estavamos em Maio, não tinha muito que esperar.

Tres dias depois de chegar áquelles sitios, não tendo em que me ocupar, informei-me do local da mesa.

Fui lá, com um trabalhador e uma escada. Subi á pedra, que era uma grande estratificação de calcareo branco com manchas amarellas e vermelhas de óxido de ferro, em que abunda a serra.

No maior comprimento media 5 metros, e 3 metros na maior largura. Parecia ter sido desbastada em algumas partes. Para um dos lados tinha dois ou tres buracos tapados com chumbo, saindo d'elles restos de espigas de ferro, bastante deterioradas pelo óxido, havendo a distancia de mais de metro de um a outro buraco.

Ao centro havia uma depressão cheia de terra que, mandada limpar, tinha o feitio de uma tigela com algumas fendas, partindo do centro em forma de raios. A depressão tinha a profundidade de 0^m,10 a 0^m,15. A espessura da pedra em algumas partes era de 0^m,87, e a que lhe servia de base tinha de circunferencia uns 8 metros e de altura 4^m,5. Junto havia duas grandes pedras com umas cavidades irregulares, que diziam ser aonde o gigante firmou os pés para pôr a mesa sobre a base.

Antes do mês de Junho d'esse anno já o camartello civilizador tinha lançado por terra a mesa, base e pés do gigante!...

Quem, em que tempo, e como se levantou aquella immensa mole?

Os chumbadouros seriam, deveras, para se amarrar gente, ou teriam servido para se içar a pedra áquella altura?

Elvas, Agosto de 1884.—Manuel José da Costa e Silva.

Nota ao artigo precedente

O artigo precedente sahiu publicado em folhetim d-*O Elvense*. O autor é já falecido.—Foi o meu amigo Antonio Thomás Pires

quem teve a boa lembrança de m'o enviar, para ser reproduzido n-O Archeologo Português.

Da descripção parece concluir-se que a *Mesa dos Ladrões* é um dolmen. Como muitas outras vezes sucedeu, a imaginação popular apoderou-se d'elle e revestiu-o de lendas e superstições; vid. factos semelhantes nas *Religiões da Lusitania*, I, 289.

A denominação de «Mesa» provém do aspecto geral do monumento. Muitas vezes emprega-se na lingoagem dos archeólogos portugueses esta expressão para se designar a tampa ou cobertura do dolmem, mas tal expressão em português é impropria (traducção do francês *table*).

A associação que aqui se nota do monumento com a festa do S. João e com os Mouros é commun a outros. A crença de que na pedra ficaram sempre manchas de sangue resultantes de um crime encontra-se tambem noutros pontos de Portugal.

J. L. DE V.

Antiguidades romanas em Evora

O arco de D. Isabel e um trecho da cêrca velha

A muralha romana marca-se ainda hoje com segurança na cidade de Evora. Uma collina de grande base, formada de granito e schisto, tendo a poente o pequeno ribeiro da Torrejela, a sul e nascente, em larga curva, o Xarrama, que vae desaguar ao Sado, foi escolhida pelos povos antigos para moradia; e os romanos na coroa da collina, ergueram a sua muralha.

Não se trata porém aqui de caso parecido com a Cítnia de Briteiros, ou com S. Romão de Ceia: montes de escarpas abruptas, defendidos por torrentes em valles fundos. Aqui o horizonte é largo, a collina tem brandos declives excepto pelo lado oriental, os ribeiros passam a distancia; mas, todavia, é certo, Evora está entre duas ribeiras, talvez, antigamente, de importancia defensiva, hoje por areadas, sem importancia militar; ribeiras quasi sem agua, que no inverno nos pégos dão pardelhas, e no resto do anno só tem coelhos.

Da muralha romana ha restos sufficientes para se lhe marcar rigorosamente todo o circuito; pelas Alcarcovas de cima e de baixo, Salvador, e praça de Sertorio, arco de D. Isabel, muralha norte do templo romano, que é um grande trecho, palacio dos Bastos ou pateo de S. Miguel, ao angulo da rua do Collegio onde existiu a torre *mouchinha*, e agora pela Freiria de baixo, ao largo da Misericordia e á pequina igreja de S. Vicente onde começa a Alcarcova de baixo.

quem teve a boa lembrança de m'o enviar, para ser reproduzido n-O Archeologo Português.

Da descripção parece concluir-se que a *Mesa dos Ladrões* é um dolmen. Como muitas outras vezes sucedeu, a imaginação popular apoderou-se d'elle e revestiu-o de lendas e superstições; vid. factos semelhantes nas *Religiões da Lusitania*, I, 289.

A denominação de «Mesa» provém do aspecto geral do monumento. Muitas vezes emprega-se na lingoagem dos archeólogos portugueses esta expressão para se designar a tampa ou cobertura do dolmem, mas tal expressão em português é impropria (traducção do francês *table*).

A associação que aqui se nota do monumento com a festa do S. João e com os Mouros é commun a outros. A crença de que na pedra ficaram sempre manchas de sangue resultantes de um crime encontra-se tambem noutros pontos de Portugal.

J. L. DE V.

Antiguidades romanas em Evora

O arco de D. Isabel e um trecho da cêrca velha

A muralha romana marca-se ainda hoje com segurança na cidade de Evora. Uma collina de grande base, formada de granito e schisto, tendo a poente o pequeno ribeiro da Torrejela, a sul e nascente, em larga curva, o Xarrama, que vae desaguar ao Sado, foi escolhida pelos povos antigos para moradia; e os romanos na coroa da collina, ergueram a sua muralha.

Não se trata porém aqui de caso parecido com a Cítnia de Briteiros, ou com S. Romão de Ceia: montes de escarpas abruptas, defendidos por torrentes em valles fundos. Aqui o horizonte é largo, a collina tem brandos declives excepto pelo lado oriental, os ribeiros passam a distancia; mas, todavia, é certo, Evora está entre duas ribeiras, talvez, antigamente, de importancia defensiva, hoje por areadas, sem importancia militar; ribeiras quasi sem agua, que no inverno nos pégos dão pardelhas, e no resto do anno só tem coelhos.

Da muralha romana ha restos sufficientes para se lhe marcar rigorosamente todo o circuito; pelas Alcarcovas de cima e de baixo, Salvador, e praça de Sertorio, arco de D. Isabel, muralha norte do templo romano, que é um grande trecho, palacio dos Bastos ou pateo de S. Miguel, ao angulo da rua do Collegio onde existiu a torre *mouchinha*, e agora pela Freiria de baixo, ao largo da Misericordia e á pequena igreja de S. Vicente onde começa a Alcarcova de baixo.

Em alguns pontos a construcção romana, a grossa silharia, está embebida nas paredes de edifícios mais modernos, em outros descofre-se; e existem grandes trechos magnificamente conservados.

Na *Historia do Exercito Portuguez*, do Sr. Christovão Ayres, I, 434, se encontra uma descripção da muralha romana, seguida de uma carta com o titulo «Trecho da planta da cidade de Evora indicando a muralha romana», onde em linhas vermelhas se declara bem a peripheria, com suas torres e panos de muro.

Era uma coroa, tomado a parte mais elevada da grande collina, num circuito de 1:080 metros.

As gravuras agora publicadas representam um lanço da muralha no palacio dos Bastos (pateo de S. Miguel); voltado a nascente; e o arco de D. Isabel, porta da muralha romana; que olha para o norte.

No lanço representado na gravura vê-se o grande *apparelho* clásico; fiadas regulares de pedras quasi iguaes, umas mostrando o lado maior, outras o menor, travando na parede.

O lado maior d'esses silhares attinge $1^m \times 0^m,6$. O menor, $0^m,6 \times 0^m,3$.

A gravura representa um pano de muralha e uma torre; a parte romana forma a base da construcção como é facil de ver; sobre a obra romana ergueram na idade média e ainda no sec. XVI altas paredes mestras, do grande palacio onde tantos factos históricos se passaram nas alterações de 1637, no tempo de D. João IV!

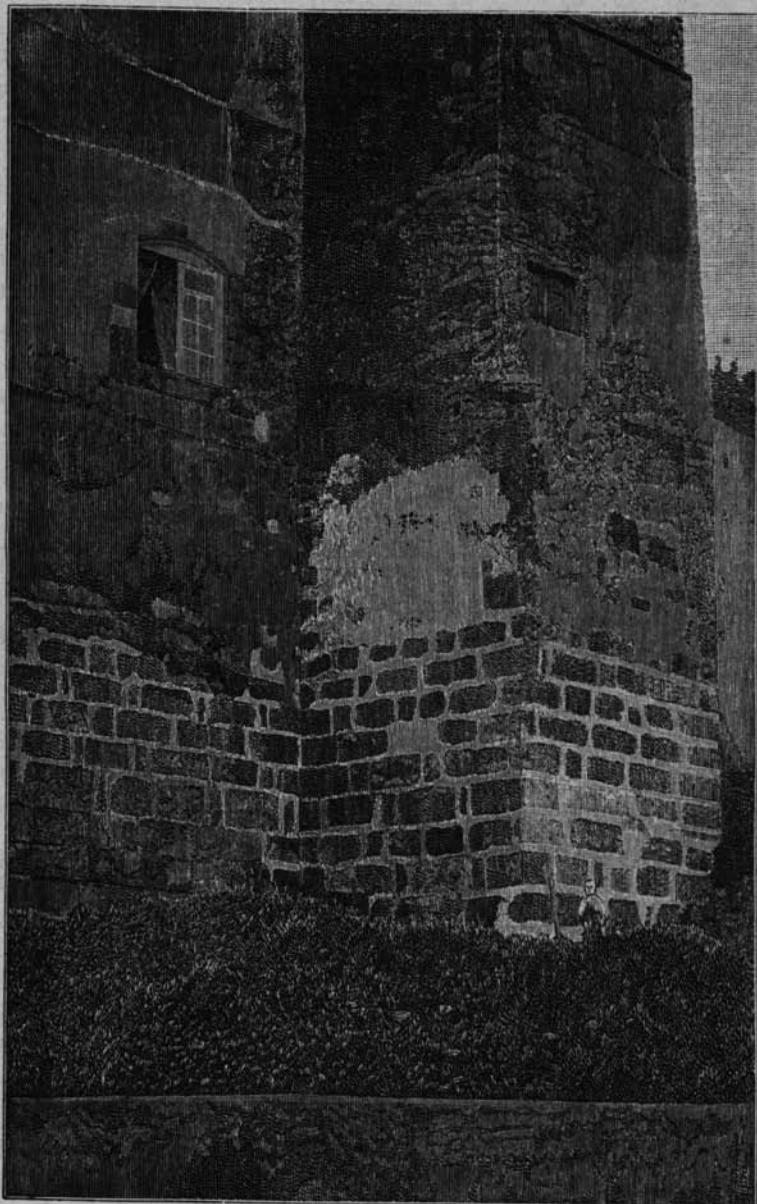
Em todo o lanço, ao nascente, da muralha se repetem as torres, de base quadrada, perfeitamente marcadas, embora algumas se achem agora, e de ha muito, embebidas em edifícios particulares, nas dependencias do palacio Cadaval e Loyos, por exemplo.

Num destes fragmentos da muralha, para o lado dos Loyos, conserva-se a ultima fiada de silharia, completa, formada de pedras de iguaes dimensões.

O arco de D. Isabel tem 4 metros de vão, sendo a volta semi-circular formada por 18 silhares; todo de granito.

Os arcos das portas de Beja tambem eram semi-circulares, tendo no semi-círculo 17 ou 18 pedras. Isto não admira porque os romanos em tudo tinham regras que respeitavam. Mas as portas de Beja, a insigne Pax-Julia, eram mais artísticas, como se vê dos desenhos que publiquei no *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeólogos Portugueses* (Museu do Carmo), 3.^a serie, VII, n.^o 2, e reproduzidos a p. 227 do vol. II, da *Historia do Exercito Portuguez*, do Sr. Christovão Ayres.

O arco de D. Isabel é muito sobrio, artisticamente, e está muito gasto pelo tempo.



A gravura representa o lado norte da porta: o plano em que está o homem do petroleo é já dentro da cerca veira.

Este arco está tambem representado na citada *Historia do Exercito Portuguez*, a p. 435 do vol. I.

Ora as duas gravuras completam-se: vê-se o soterramento das pilastres, e na nossa estampa mostra-se parte da construcção com que



em tempos muito antigos reforçaram o arco. Digo isto porque a muralha perdeu toda a importancia militar na segunda parte do sec. XIV, quando se fez a cerca nova. E, todavia, esse reforço deve ser muito mais moderno que o arco, porque quando o fizeram já as pilastres estavam mui soterradas. E o quanto está soterrado bem se avalia porque

as pilas tem friso e cornija, à maneira de capitel, de simples trabalho, e agora mui gasto do tempo.

A gravura mostra, quanto possível, esses capiteis toscos e gastos pelos séculos, actualmente a pouco mais de metro de altura sobre o solo.

GABRIEL PEREIRA.

S. Jusenda

Um notável silêncio havia alli, naquelle cerro denominado S. Jusenda, situado na confluência de uma pequena ribeira da margem esquerda do Tuella, termo do Valle de Prados, freguesia de Murias, concelho de Mirandella, de que dista, para norte, cerca de 12 kilómetros em projeção. Sentiamos só ao percorrer aquelles restos de muralhas e habitações, destroços enormes de um grande passado, o rugido suave e monotonio das águas d'aquelle rio precipitando-se de uma baixa presa, que nos semelhava um gemido prolongado, uma lamentação, os ultimos sons de uma elegia que ellas entoavam ao passar por aquellas ruinas, e aquellas quebradas repercutiam em echos successivos. Nem o grito de alguma ave, o zumbido de algum insecto, nem o sussurro das brisas passando através do mato curto do carrasco e da esteva que cobre toda esta elevação, nem, finalmente, o ramalhar do arvoredo que orla as margens do Tuella, que a limita pelo poente, e das da ribeira que lhe corre a sul, se ouvia quando contemplavamos este quadro de destruição, do silêncio e da morte! Que ainda o tornava mais magestoso a vista de altíssimos rochedos, alguns suspensos no espaço pelos robustos braços da annosa hera, que formam a estreita entrada da ribeira no rio, dando-lhes aspecto soturno e sombrio, que fazia lembrar o averno portico descripto pelo sublime mantuano.

Em S. Jusenda houve em tempos um grande povoado, que a tradição diz fôra a cidade de Mismil, capital dos mouros, um *oppidum* ou cidade murada, cabeça, talvez, de uma vasta região; séde, porventura, de uma raça ou de um grande povo, que por aqui habitou, legando-nos apenas ao desaparecer, como recordação da sua passagem, esses restos de muros, esses fragmentos de telha de rebordo, de cerâmica e de mós manuarias, e ainda outros que jazem, sem dúvida, escondidos nesses escombros, onde é possível que um dia appareçam monumentos que nos digam do seu nome e da sua historia. É uma estação archaica, cujo estudo muito ha-de esclarecer os primeiros tempos peninsulares, pois que pelos vestígios que se divisam à superficie se deprehende

as pilas tem friso e cornija, à maneira de capitel, de simples trabalho, e agora mui gasto do tempo.

A gravura mostra, quanto possível, esses capiteis toscos e gastos pelos séculos, actualmente a pouco mais de metro de altura sobre o solo.

GABRIEL PEREIRA.

S. Jusenda

Um notável silêncio havia alli, naquelle cerro denominado S. Jusenda, situado na confluência de uma pequena ribeira da margem esquerda do Tuella, termo do Valle de Prados, freguesia de Murias, concelho de Mirandella, de que dista, para norte, cerca de 12 kilómetros em projeção. Sentiamos só ao percorrer aquelles restos de muralhas e habitações, destroços enormes de um grande passado, o rugido suave e monotonio das águas d'aquelle rio precipitando-se de uma baixa presa, que nos semelhava um gemido prolongado, uma lamentação, os ultimos sons de uma elegia que ellas entoavam ao passar por aquellas ruinas, e aquellas quebradas repercutiam em echos successivos. Nem o grito de alguma ave, o zumbido de algum insecto, nem o sussurro das brisas passando através do mato curto do carrasco e da esteva que cobre toda esta elevação, nem, finalmente, o ramalhar do arvoredo que orla as margens do Tuella, que a limita pelo poente, e das da ribeira que lhe corre a sul, se ouvia quando contemplavamos este quadro de destruição, do silêncio e da morte! Que ainda o tornava mais magestoso a vista de altíssimos rochedos, alguns suspensos no espaço pelos robustos braços da annosa hera, que formam a estreita entrada da ribeira no rio, dando-lhes aspecto soturno e sombrio, que fazia lembrar o averno portico descripto pelo sublime mantuano.

Em S. Jusenda houve em tempos um grande povoado, que a tradição diz fôra a cidade de Mismil, capital dos mouros, um *oppidum* ou cidade murada, cabeça, talvez, de uma vasta região; séde, porventura, de uma raça ou de um grande povo, que por aqui habitou, legando-nos apenas ao desaparecer, como recordação da sua passagem, esses restos de muros, esses fragmentos de telha de rebordo, de cerâmica e de mós manuarias, e ainda outros que jazem, sem dúvida, escondidos nesses escombros, onde é possível que um dia appareçam monumentos que nos digam do seu nome e da sua historia. É uma estação archaica, cujo estudo muito ha-de esclarecer os primeiros tempos peninsulares, pois que pelos vestígios que se divisam à superficie se deprehende

que fôra muito importante e tida em consideração, mais do que nenhuma das outras que por estes lugares se encontram, e que parecem ascender á mesma epocha.

A sua defesa natural reunida á artificial, constituída por fortes recintos de muralhas, de que em partes ainda se descobrem mais de quatro ordens de andares, deixam bem ver que esta estação satisfazia a todas as condições de um verdadeiro ponto tactico; que era uma d'essas posições militares melhor organizadas defensivamente, e que foi destinada a servir de forte baluarte difficilmente conquistável, no tempo do emprêgo do pique, balista, ariete, catapulta, etc., que os legionarios romanos usavam nos combates e nos assedios.

Bragança, Junho de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Notícias archeologicas do seculo XVIII

(Vid. *Arch. Port.*, v, 81)

m) *Inscripção romana em Perosello.*

«*Lisboa 13 de Julho.*—Na Igreja de S. Thomé de Perozelo nas visitâncias da Cidade de Braga se descobriu huma pedra antiga do tempo dos Romanos com esta inscripçam:

C. AEMIL. VALENS. EQ. ALFL. IVR. M. ARI
MANL. VI. V. SI. M.

que o Lecenciado Joam de Araujo Costa, e Mello, grande antiquario, entende ser hum voto, que se cumpriu por *Cayo Emillio*, Capitam da guarda que foy do Emperador *Sergio Galba*, que podia ter a incumbencia da via militar, que passa de *Braga* por aquella Freguezia para *Orense*.

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 13 de Julho de 1741)

n) *Inscripções romanas no Alemtejo.*

«*Lisboa 20 de Setembro.*—Duas legoas distante da Cidade de Beja junto da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Baleisam, no sitio chamado de Torrejam, onde ainda se vem levantadas algumas paredes antigas, se descobrio ha pouco tempo huma pedra de tres palmos de comprimento, e dous e meyo de largo, a qual foi conduzida para a

que fôra muito importante e tida em consideração, mais do que nenhuma das outras que por estes lugares se encontram, e que parecem ascender á mesma epocha.

A sua defesa natural reunida á artificial, constituída por fortes recintos de muralhas, de que em partes ainda se descobrem mais de quatro ordens de andares, deixam bem ver que esta estação satisfazia a todas as condições de um verdadeiro ponto tactico; que era uma d'essas posições militares melhor organizadas defensivamente, e que foi destinada a servir de forte baluarte difficilmente conquistável, no tempo do emprêgo do pique, balista, ariete, catapulta, etc., que os legionarios romanos usavam nos combates e nos assedios.

Bragança, Junho de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Notícias archeologicas do seculo XVIII

(Vid. *Arch. Port.*, v, 81)

m) *Inscripção romana em Perosello.*

«*Lisboa 13 de Julho.*—Na Igreja de S. Thomé de Perozelo nas visitâncias da Cidade de Braga se descobriu huma pedra antiga do tempo dos Romanos com esta inscripçam:

C. AEMIL. VALENS. EQ. ALFL. IVR. M. ARI
MANL. VI. V. SI. M.

que o Lecenciado Joam de Araujo Costa, e Mello, grande antiquario, entende ser hum voto, que se cumpriu por *Cayo Emillio*, Capitam da guarda que foy do Emperador *Sergio Galba*, que podia ter a incumbencia da via militar, que passa de *Braga* por aquella Freguezia para *Orense*.

(*Gazeta de Lisboa Occidental*, 13 de Julho de 1741)

n) *Inscripções romanas no Alemtejo.*

«*Lisboa 20 de Setembro.*—Duas legoas distante da Cidade de Beja junto da Igreja de Nossa Senhora da Graça de Baleisam, no sitio chamado de Torrejam, onde ainda se vem levantadas algumas paredes antigas, se descobrio ha pouco tempo huma pedra de tres palmos de comprimento, e dous e meyo de largo, a qual foi conduzida para a

Horta do Bacelo; e nella se lê em letras Romanas antigas a seguinte inscripçam¹:

ANN. XXXIII.

G. BLOSSIUS SATUR

NINUS. GALERIA.

NAPOLITANUS AFER

ARENIENSIS INCoLA

BALSENSIS FILIAE

PIENTISSIMAE

H. S. E: S. T. T. L.

Acha-se esculpido em hum canto desta Pedra hum globo, e no outro hum jarro².

Descobrio-se tambem a quatro leguas da mesma Cidade, meya legua da Igreja Parroquial de Santa Brizida do Marmelar, na herdade da Casa branca, pertencente ao Morgado dos Rolins, outra Pedra Romana com a seguinte inscripçam³:

D M S

MISINUS

PHANSTIANUS

VIXIT. ANN. XXXV.

MILFUS

SULPICIUS

PAT... VEND.

CUI... A. S. T.

Gneo Blossio Saturnino poz a primeira inscripçam na sepultura de sua filha. A Missinio Phanstiano dedicou a segunda seu pay Milso Sulpicio. Ambos eram pessoas muy distintas daquelle tempo. Estas memorias devem os Antiquarios á grande indagaçam do R. P. Fr. Francisco de Oliveira, Religioso da Ordem dos Prégadores, residente no seu Convento da Villa de Montemór o novo⁴.

(Suplemento á *Gazeta de Lisboa*, de 20 de Setembro de 1742).

o) *Imagen esculpida num penedo.*

«Lisboa 11 de Dezembro.—Nas raizes de huma fraga, adjacente ao rio Vouga, nos confins do termo de Ferreira de Aves, Bispado de Vizeu,

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 105.

² Isto é: *patera e praefericulum*.

³ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 97.

⁴ Á cerca d'este investigador tencionamos brevemente publicar algumas cartas suas existentes no Archivo Nacional.

e huma legua distante de Nossa Senhora da *Lapa*, achou no terceiro Domingo do mez de Novembro do anno passado hum Joam Bautista da mesma Freguezia, esculpida de meyo relevo em hum pequeno penedo a Imagem de hum Santo Crucifixo de dous palmos e meyo de altura, toda coberta de musgo, e..... antiga,.....¹; porque logo no mesmo acto da sua invençam se vio a maravilha de livrar das quartans, que padecia, huma filha do mesmo inventor. Sendo innumeraveis as mais, que depois se tem visto, e infinito o numero das pessoas, que de varias partes do Reino concorrem com suas ofertas á sumptuosa Capella, que no mesmo sitio lhes edificou a devoçam dos fieis, com dote, e rendimento annual para o seu Capellam. Em 14 de Fevereiro do anno presente se erigiram tres Vias Sacras nos tres caminhos que de novo se abriram para a mesma Capella; prégando neste acto, em que assistiram mais de 1500 pessoas, Rev. Doutor Agostinho Nunes de Sousa, Conego prebendado na Cathedral de Vizeu, e se tem estabelecido huma grande romagem a esta Santa Capella, denominada com o titulo de Capella do Senhor da Fraga».

(*Gazeta de Lisboa*, de 11 de Dezembro de 1742).

p) *Banhos antigos em Leiria.*

«*Lisboa 10 de Setembro.*—Na Cidade de *Leiria* nas margens do rio *Liz* da parte do Nacente brotam dous olhos de agua em tam pequena distancia hum do outro, que apenas haverá dous palmos; mas com tam diferente natureza, que hum he excessivamente frio, e o outro moderadamente tépido; o que deu motivo a conservar sempre entre os habitantes circumvisinhos o nome de Fonte quente. Com este fundamento, e o de se descobrirem naquelle sitio algumas ruínas, què dam indicio de ter havido alli banhos antigamente, entrou a curiosidade a indagar a natureza da agoa tépida, e se achou, que passa pelo mineral de vitriolo com alguma porçam de pedra hume; etc.»².

(*Gazeta de Lisboa*, de 10 de Setembro de 1743).

q) *Inscrições romanas no Alemtejo.*

«*Lisboa 30 de Janeiro.*—No dia 6 de Julho do anno passado de 1743, abrindo-se os alicerses para a nova Capélla mór da Igreja, que se edifica para Nossa Senhora de *Ayres* no arcebispado de *Evora*, se

¹ Substituimos por pontos algumas considerações menos apropriadas, contidas na notícia.

² Não se torna necessário para o nosso fim a transcrição do resto da notícia.

descobrio hum túmulo, composto de adôbes no qual aberto se vio hum esquelêto de quatorze palmos de comprimento, e tres pequenas bárras de hum metal desconhecido. Sobre o mesmo túmulo havia huma pedra de mais de cinco palmos de comprimento, e dous e meyo de largura, em que se lia esta inscripçam¹:

HISLONENCIAS SELSAS.

FLORENTIS. D. D.

Descobriraram-se mais tres letreiros em outras tantas pedras: em huma de quatro palmos e meyo de comprimento com a forma de huma pequena pipa, porém maciça, se lia o seguinte²:

D. M. S.

MUSA VIXIT

ANN. LX. LIVIA

LIBERATOSET

H. S. E. S. T. T. L.

Na segunda pedra, que tem mais de cinco palmos de comprimento, e a mesma semelhança, se vê o seguinte³:

D. M. S.

DIGNITAS

VIXIT ANN.

XXV. CRYSEROS

MARITUS POSUIT

HSE. S. T. T. L.

Na terceira pedra, que tem o mesmo comprimento, e figura, ha este letreiro⁴:

D M S

PERENIA MAK

POS. QUAE

MOR. XXXV.

Outras memorias do tempo dos Romanos se tem descoberto no mesmo sitio, de que se dará noticia em outra occasiam».

(Suplemento á *Gazeta de Lisboa*, de 30 de Janeiro de 1744).

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 92.

² *Ibid.*, II, 90.

³ *Ibid.*, II, 87.

⁴ *Ibid.*, II, 91.

r) *Moedas romanas achadas em Braga.*

«*Lisboa 7 de Julho.* — No territorio da Cidade de *Braga* se descobriram perto de trezentas moedas de ouro do tamanho de hum tostam portuguez com o pezo de duas oitavas cada huma, que segundo a asseveraçam dos ourives tocam 24 quilátes, e todas tam bem conservadas, como se agora sahissem do cúnho, no qual se admira a ultima perfeiçam Romana. Sam de varios Imperadores antigos, como *Néro*, *Galba*, *Vitelio*, *Vespasiano*, *Tito*, *Domiciano*, *Nerva*, *Trajano*, *Adriano*, *Antonino Pio*, *Marco Aurelio*, e tambem de *Lucio Vero*, *Faustina*, e *Plautino*; muitas dobradas destes mesmos Imperadores, e com diversas emprezas no reverso. Logo hum negociante Inglez comprou no *Porto* a hum ourive de *Braga* duzentas que mandou para *Inglaterra* a engrandecer os Museus dos curiosos daquella Naçam»¹.

(*Gazeta de Lisboa*, de 7 de Julho de 1744).

s) *A cidade da Concordia ao pé de Torres Novas.*

«*Lisboa 16 de Abril.* — No sitio das *Baralhas*, limite do lugar das *Lapas*, entre esta povoação, e a vila de *Torres-nóvas*, andando huns trabalhadores cavando huma terra para meter bacelo, se descobriram muitas moédas de metal com as efigies dos Imperadores *Honorio*, e *Theodosio*; e continuando na cava se descobriram canos, que mostravam ser de algum aqueducto, e muitos cunhaes de pedra lavrada; e finalmente se desenterraram 60 carradas de pedra, que haviam servido em hum edificio antigo, de que infere *Francisco Xavier de Arez de Vasconcelos*, pessoa nobre da vila de *Torres-nóvas*, e das mais curiosas, e antiquarias da comarca de *Santarém* (que nos participou esta notícia com algumas das moédas que se acharam) haver estado naquelle sitio a cidade da *Concordia*, que foy uma das Colónias, que os antigos Romanos tinham na Lusitania»².

(*Gazeta de Lisboa*, de 16 de Abril de 1748, n.º 16).

t) *Moedas romanas achadas em Braga e em S. Martinho de Sande.*

«*Lisboa 27 de Junho.* — No mez de Mayo ultimamente passado descobriu hum lavrador, chamado *Joam Ferreira*, morador junto ao antigo Mosteiro de *S. Martinho de Sande*, situado léguas e meya da Cidade de *Braga*, e outra de distancia da Vila de *Guimaraens*, enterrada debaixo de hum penêdo huma panéla já quebrada (talvêz com a mesma enchada,

¹ Segundo a lei de 1721 a camara de *Braga* devia tê-las adquirido. Depressa caiu no esquecimento aquella lei destinada apenas a ostentação real.

² Esta opinião precisa de maior fundamento.

ou pela violencia do movimento) na qual havia 360 moédas de prata de dous cunhos diferentes, e humas de menos liga, que as outras, todas do Senhor Rey Dom Joam, o primeiro. Estas ultimas parecem anteriores ás primeiras. Tem de huma parte o nome de *Johanes* em abreviaçam, e da outra o escudo Real assentado sobre a Cruz da Ordem de Avís: deixando visiveis as lizes, que lhe servem de remate. As mais finas tem de huma banda a mesma abreviaçam do nome, coroado, e da outra o escudo Real em que se vem os cinco escudetes póstos em Cruz, e em cada hum dos vaõs hum Castélo.

Tambem junto ao Convento dos Religiosos Capuchos de *S. Frutuoso*, hum quarto de légua de Braga, apareceu há pouco tempo huma boa quantidade de moédas Romanas de cobre, do tamanho de meyos tostoës, e vintens, com a efígie do Imperador Constantino o Magno».

(Suplemento á *Gazeta de Lisboa*, de 27 de Junho de 1748, n.º 26).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

**Medalha commemorativa
do 4.^º centenario do descobrimento do Brasil.**

(Offerecida e dedicada ao povo luso-brasileiro)

Para commemorar o descobrimento do Brasil teve o sr. Julio Meili, de Zürich, a feliz ideia de mandar cunhar uma medalha especial, de que se dá na figura junta uma gravura. Eis a sua descripção:



PEDRO ÁLVARES CABRAL DESCOPRIDOR DO BRAZIL.
Busto de Pedro Álvares barbado, a olhar de frente, embora um pouco

ou pela violencia do movimento) na qual havia 360 moédas de prata de dous cunhos diferentes, e humas de menos liga, que as outras, todas do Senhor Rey Dom Joam, o primeiro. Estas ultimas parecem anteriores ás primeiras. Tem de huma parte o nome de *Johanes* em abreviaçam, e da outra o escudo Real assentado sobre a Cruz da Ordem de Avís: deixando visiveis as lizes, que lhe servem de remate. As mais finas tem de huma banda a mesma abreviaçam do nome, coroado, e da outra o escudo Real em que se vem os cinco escudetes póstos em Cruz, e em cada hum dos vaõs hum Castélo.

Tambem junto ao Convento dos Religiosos Capuchos de *S. Frutuoso*, hum quarto de légua de Braga, apareceu há pouco tempo huma boa quantidade de moédas Romanas de cobre, do tamanho de meyos tostoës, e vintens, com a efígie do Imperador Constantino o Magno».

(Suplemento á *Gazeta de Lisboa*, de 27 de Junho de 1748, n.º 26).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

**Medalha commemorativa
do 4.^º centenario do descobrimento do Brasil.**

(Offerecida e dedicada ao povo luso-brasileiro)

Para commemorar o descobrimento do Brasil teve o sr. Julio Meili, de Zürich, a feliz ideia de mandar cunhar uma medalha especial, de que se dá na figura junta uma gravura. Eis a sua descripção:



PEDRO ÁLVARES CABRAL DESCOPRIDOR DO BRAZIL.
Busto de Pedro Álvares barbado, a olhar de frente, embora um pouco

voltado á direita. O grande guerreiro veste armadura, tem capacete na cabeça, e com a mão direita toca nos copos da espada. Do ombro esquerdo cae-lhe o manto que lhe passa de baixo do braço direito. Nas pregas do manto lê-se o nome do gravador suíço: HANS FREI BÂLE.

R. PORTO SEGVRO DA ILHA DA VERACRUZ 3 DE MAYO.
No campo: o brasão de armas português do seculo XVI entre estas datas, que estão sobre traços horizontaes: 1500, 1900. Em cima: á direita, o brasão do reino unido de Portugal, Brasil e Algarve, com a data de 1816 superiormente á coroa; á esquerda, o brasão do Brasil com a data de 1822 tambem sobre a coroa; ao meio, o brasão da república brasileira com a data de 1889 na parte superior. Junto da orla da moeda, em symetria com a primeira legenda: AO POVO LUSO-BRAZILEIRO numa fita, em cujo extremo se lê *O. e. D* (á esquerda) *Iul. Meili* (á direita).

Os exemplares são, uns de prata, outros de bronze, o que se indica no bordo com um lettreiro.

Esta medalha está excellentemente gravada, e representa uma brilhante homenagem prestada pelo sr. Julio Meili a Portugal e Brasil.

O objecto em si não é archeologico, e por isso parece que não devia nesta revista consagrarse-lhe um artigo; todavia, como o facto que elle commemora constitue um dos mais notáveis da nossa historia, não duvidei fazer o presente artigo, tanto mais que tenho toda a satisfação em contribuir para que mais uma vez *O Archeologo* se honre, inserindo nas suas columnas o nome do illustre numismata de Zürich.

Com effeito, alem do artigo que os leitores já conhecem sobre os «Contos para contar»¹, o sr. Julio Meili tem publicado valiosos volumes sobre numismatico luso-brasileiro², e possue uma importante collecção portuguesa de moedas, medalhas e contos, na sua casa em Zürich, onde tive o gôsto de a ver em meados de Setembro de 1899, travando eu por essa occasião relações pessoaes com o sr. Meili, que me tornou o mais agradavel e util possivel a minha estada em Zürich, pela affabilidade do seu trato, pela facultade que me deu de compulsar a sua escolhida bibliotheca numismatica, e por me apresentar a alguns seus

¹ Vid. *O Arch. Port.*, v, 54 sqq.

² Na Biblioteca Nacional de Lisboa ha os seguintes:

Portugiesische Münzen, — Varietäten und einige unedirte Stücke, — 1890;

Die Münzen des Kaiserreichs Brasilien, — 1882 bis 1889, — 1890;

Die auf das Kaiserreiches Brasilien bezüglichen Medaillen, 1890;

Das Brasilianische Geldwesen, I Theil, 1897.

Todos elles providos de bellas estampas.

amigos, entre os quaes o nosso consul naquelle cidade, o sr. Falkeisen, que me acompanhou nas visitas ao Museu Archeologico, e o sr. Prof. Stückelberg, com quem realizei uma excursão archeologica nas margens do lago de Zürich e visitei alguns museus e bibliothecas da cidade, o qual, apesar de ainda ser moço, é já autor de monographias sobre archeologia, numismatica, e ethnographia, todas ellas escritas com aquella erudição e firmeza de methodo que caracterizam a sciencia moderna.

J. L. DE V.

Archeologia do concelho da Figueira

Na Pedrulha (Alhadas de Baixo), onde já em tempos se assinalaram vestigios romanos, e onde foi encontrado um busto romano, que se acha depositado no Museu Municipal da Figueira e pertencente ao Sr. J. da Silva Fonseca (que tambem possue uma moeda romana de Constantino II, alli encontrada) foram, pelos trabalhos agricolas, postas a descoberto as ruinas da povoação, encontrando-se bastantes restos de envasamento de paredes, muitos tijolos, telhas e telhões e alguns fragmentos de objectos de bronze (*fibulas*), um alfinete de ferro, ossos humanos, restos de ceramica, tanto indigena como romana, e uma importante inscripção, em pedra, que é o primeiro achado d'este genero no concelho, e que parece ter estreitas relações com o busto acima indicado; a inscripção diz: CALAITO CAIELI · HI · SITO .

Graças á amabilidade do dono do terreno, pôde a Sociedade Archeologica da Figueira recolher os melhores exemplares, que deram entrada no Museu Municipal, onde se acha já a sua collecção.

Foram feitas sondagens num terreno contiguo, os quaes provaram que a area da referida povoação romana se estende por outros terrenos juntos, onde uma exploração methodica daria, talvez, bons resultados.

*

A 2 kilometros de Brenha, pela orla da planicie que se extende ao norte da Serra (Arieiras), descobriu a Sociedade Archeologica da Figueira uma estação lusitana, da epocha romana, tendo as explorações posto a descoberto os alicerces de um edificio com mais de 12 metros de comprimento. No pavimento foram encontrados muitos fragmentos de louça lusitana, trabalhada á mão, alguma louça romana, muitos fragmentos de tegula, imbrex e later, entre elles um typo de tijolo desconhecido nas estações até ao presente conhecidas e exploradas na região.

amigos, entre os quaes o nosso consul naquelle cidade, o sr. Falkeisen, que me acompanhou nas visitas ao Museu Archeologico, e o sr. Prof. Stückelberg, com quem realizei uma excursão archeologica nas margens do lago de Zürich e visitei alguns museus e bibliothecas da cidade, o qual, apesar de ainda ser moço, é já autor de monographias sobre archeologia, numismatica, e ethnographia, todas ellas escritas com aquella erudição e firmeza de methodo que caracterizam a sciencia moderna.

J. L. DE V.

Archeologia do concelho da Figueira

Na Pedrulha (Alhadas de Baixo), onde já em tempos se assinalaram vestigios romanos, e onde foi encontrado um busto romano, que se acha depositado no Museu Municipal da Figueira e pertencente ao Sr. J. da Silva Fonseca (que tambem possue uma moeda romana de Constantino II, alli encontrada) foram, pelos trabalhos agricolas, postas a descoberto as ruinas da povoação, encontrando-se bastantes restos de envasamento de paredes, muitos tijolos, telhas e telhões e alguns fragmentos de objectos de bronze (*fibulas*), um alfinete de ferro, ossos humanos, restos de ceramica, tanto indigena como romana, e uma importante inscripção, em pedra, que é o primeiro achado d'este genero no concelho, e que parece ter estreitas relações com o busto acima indicado; a inscripção diz: CALAITO CAIELI · HI · SITO .

Graças á amabilidade do dono do terreno, pôde a Sociedade Archeologica da Figueira recolher os melhores exemplares, que deram entrada no Museu Municipal, onde se acha já a sua collecção.

Foram feitas sondagens num terreno contiguo, os quaes provaram que a area da referida povoação romana se estende por outros terrenos juntos, onde uma exploração methodica daria, talvez, bons resultados.

*

A 2 kilometros de Brenha, pela orla da planicie que se extende ao norte da Serra (Arieiras), descobriu a Sociedade Archeologica da Figueira uma estação lusitana, da epocha romana, tendo as explorações posto a descoberto os alicerces de um edificio com mais de 12 metros de comprimento. No pavimento foram encontrados muitos fragmentos de louça lusitana, trabalhada á mão, alguma louça romana, muitos fragmentos de tegula, imbrex e later, entre elles um typo de tijolo desconhecido nas estações até ao presente conhecidas e exploradas na região.

Tambem se encontraram alguns objectos de ferro e bastantes escorias do mesmo metal.

*

No sitio dos *Chões*, fronteiro ao local da estação a cima designada, fez a Sociedade mais algumas explorações, que deram muitos restos de ceramica lusitana e romana.

*

Na Junqueira, proximo da grande estação humana da Varzea de Lyrio (Brenha), explorada com tão magnificos resultados pelo illustre archeologo Dr. Santos Rocha, descobriram-se ha pouco bastantes fragmentos de louça neolithicá, uns lisos e outros com ornamentações interessantes, e inteiramente diversos dos encontrados nesta região. A Sociedade Archeologica intenta fazer, em breve, uma exploração methodica no mencionado local.

*

A Sociedade Archeologica adquiriu, por compra o dolmen dos Carnicosos, a 2 kilometros de Brenha, e que é o mais bem conservado dos monumentos d'esta grande necropole.

Vae mandá-lo vedar por um muro, a fim de evitar que os *leitores do livro de S. Cypriano* o vão damnificar mais.

Figueira da Foz, Março 1899.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Congresso de historia das religiões

Alem do Congresso de Numismaticá que vae celebrar-se em Paris por occasião da exposição, e de que *O Archeologo* já deu noticia, celebrar-se-hão ainda outros. Por agora mencionarei o de historia das religiões, cujo programma, que recebi, aqui transcrevo na integra:

Programme

«Conformément à l'article 8 du Règlement, la Commission d'organisation a l'honneur de proposer aux membres du Congrès un certain nombre de questions qui, dans chaque Section, lui paraissent particulièrement utiles à étudier et de nature à provoquer des rapports. Ce programme n'est ni exclusif, ni limitatif. Les communications sur des sujets qui n'y sont pas portés seront admises également sous les conditions énoncées à l'article 9 du Règlement.

Tambem se encontraram alguns objectos de ferro e bastantes escorias do mesmo metal.

*

No sitio dos *Chões*, fronteiro ao local da estação a cima designada, fez a Sociedade mais algumas explorações, que deram muitos restos de ceramica lusitana e romana.

*

Na Junqueira, proximo da grande estação humana da Varzea de Lyrio (Brenha), explorada com tão magnificos resultados pelo illustre archeologo Dr. Santos Rocha, descobriram-se ha pouco bastantes fragmentos de louça neolithicá, uns lisos e outros com ornamentações interessantes, e inteiramente diversos dos encontrados nesta região. A Sociedade Archeologica intenta fazer, em breve, uma exploração methodica no mencionado local.

*

A Sociedade Archeologica adquiriu, por compra o dolmen dos Carnicosos, a 2 kilometros de Brenha, e que é o mais bem conservado dos monumentos d'esta grande necropole.

Vae mandá-lo vedar por um muro, a fim de evitar que os *leitores do livro de S. Cypriano* o vão damnificar mais.

Figueira da Foz, Março 1899.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Congresso de historia das religiões

Alem do Congresso de Numismaticá que vae celebrar-se em Paris por occasião da exposição, e de que *O Archeologo* já deu noticia, celebrar-se-hão ainda outros. Por agora mencionarei o de historia das religiões, cujo programma, que recebi, aqui transcrevo na integra:

Programme

«Conformément à l'article 8 du Règlement, la Commission d'organisation a l'honneur de proposer aux membres du Congrès un certain nombre de questions qui, dans chaque Section, lui paraissent particulièrement utiles à étudier et de nature à provoquer des rapports. Ce programme n'est ni exclusif, ni limitatif. Les communications sur des sujets qui n'y sont pas portés seront admises également sous les conditions énoncées à l'article 9 du Règlement.

Dans l'intérêt même de la bonne tenue du Congrès, la Commission recommande expressément aux Congressistes de réduire aux proportions les plus succinctes les communications destinées à être lues en séance de section.

SECTION I

RELIGIONS DES NON-CIVILISÉS.—RELIGIONS DES CIVILISATIONS AMÉRICAINES PRÉCOLOMBIENNES

- A. 1^o Le totémisme.
- 2^o Les fonctions du sacrifice.
- 3^o Condition des âmes après la mort.
- B. 1^o Tableau des fêtes mobiles dans l'Amérique centrale précolombienne, notamment chez les Mayas.
- 2^o Représentations figurées des divinités mexicaines et des divinités de l'Amérique centrale, principalement d'après les Codices et les monuments.

SECTION II

HISTOIRE DES RELIGIONS DE L'EXTRÉME-ORIENT

(Chine, Japon, Indo-Chine; Mongols, Finnois)

- 1^o Les rapports des religions avec l'État en Chine (religions d'État; politique du gouvernement à l'égard du Bouddhisme, du Taoïsme, de l'Islamisme et du Christianisme).
- 2^o La morale de Tchoang-tse.
- 3^o Évolution historique du Bouddhisme en Chine, en Corée et au Japon (propagation; écoles diverses; relations avec la société civile; état actuel).
- 4^o Organisation, doctrines et rituel des sectes bouddhistes actuelles au Japon.
- 5^o Répartition du Bouddhisme pâli et du Bouddhisme chinois dans l'Indochine.

SECTION III

HISTOIRE DES RELIGIONS DE L'ÉGYPTE

- 1^o Les rites des funérailles aux époques dites thinites, tels qu'on les connaît par les découvertes les plus récentes (Petrie, Amélineau, Morgan). Les différences qu'ils présentent avec les rites de l'époque postérieure et ce qui se rapporte à leur pratique dans les écrits funéraires connus jusqu'à présent (Livre des morts; Textes des Pyramides; Livre de l'Hadès; Rituel de l'embaumement).
- 2^o Le dieu Ptah de Memphis. Son caractère premier; son développement théologique et politique; ses rapports avec les dieux Sokaris, Osiris, Nophirtoumou, Imhotpou, Sokhit; ce qu'il est au bœuf Apis; comment et pourquoi les Grecs l'identifièrent avec leur Héphaestos.
- 3^o Les cultes et les religions populaires de l'Égypte, plus spécialement ceux de Thèbes. Les dieux animaux, les dieux oiseaux (l'hirondelle, l'oise, le héron, etc.); les dieux serpents (Ramouit, Maritsokhou). Les ex-voto

après guérison ou bienfait reçu; les amulettes contre les serpents, contre les crocodiles, contre le mauvais œil.

- 4º Pourquoi le dieu Khnoumou, surtout celui d'Éléphantine, devint populaire à la basse époque et comment sa personne et son culte se répandirent dans la période romaine pour former le Chnouphis-Kneph des sectes gnostiques et des écrits hermétiques ou magiques.

SECTION IV

HISTOIRE DES RELIGIONS DITES SÉMITIQUES

I. Assyro-Chaldée. Asie antérieure. — II. Judaïsme; Islamisme.

- A. 1º Comment concilier la croyance à l'éternité du monde chez les Chaldéens avec les données sur la création du ciel, de la terre, des dieux et des astres? Quelles étaient au juste les idées sur l'abîme primordial et le chaos enfantant l'univers? Quelle était la relation de ces croyances avec la tradition juive d'un dieu créateur sans commencement?
- 2º Quelles étaient les conceptions chaldéennes sur la fin de l'univers existant?
- 3º Quelles étaient les divinités primitivement sumériennes et quelles étaient celles qui ont été assimilées aux divinités sémitiques, par un procédé analogue à celui qui a été employé dans l'assimilation des dieux italiques avec les dieux grecs?
- 4º Existait-il en Chaldée une croyance à la survivance de l'âme après la mort et à sa préexistence avant la naissance?
- B. 1º Le totémisme dans le paganisme arabe.
- 2º Les dieux du Yémen d'après les inscriptions sabéennes et himyarites. Équivalences des objets et des phénomènes naturels. Histoire des croyances et du culte.
- C. 1º De la contribution que les découvertes de l'archéologie et de l'épigraphie sémitiques apportent à la connaissance de la religion du peuple d'Israël pour les périodes antérieures à Esdras et à Néhémie.
- 2º Indiquer et décrire, d'après les sources bibliques et profanes et les monuments épigraphiques, les sanctuaires, tombeaux, lieux de culte et de pèlerinage en Palestine et dans les régions voisines (Syrie, Phénicie, Idumée, Péninsule sinaitique).
- 3º Réaction du Christianisme sur le Judaïsme.
- 4º Valeur documentaire du Talmud et de ses annexes pour l'histoire des idées religieuses et des rites chez les Juifs et pour l'histoire du Christianisme naissant.
- D. 1º Influence exercée par la Perse vaincue sur l'Islamisme vainqueur: le Chiisme.—Développement du Chiisme officiel sous la dynastie persane des Qafawis; ses rapports avec les sectes antérieures, notamment celle des Imamiens.
- 2º Quelles influences religieuses ont fait passer le khalifat des Omayyades aux Abbassides?
- 3º Les origines du Soufisme. Ce qu'il doit au néoplatonisme. La vie monacale des Soufis dans l'Islamisme.
- 4º La légende d'Alexandre le Grand chez les Arabes.
- 5º Doctrines et action politique des Ismaïliens.

- 6º Les origines du Bâbisme. Ses livres saints, ses variations après la mort du Bâb.
- 7º Les associations musulmanes actuelles dans l'Afrique du Nord. Histoire et géographie de la propagande musulmane en Afrique.

SECTION V

HISTOIRE DES RELIGIONS DE L'INDE ET DE L'IRAN

- A. 1º La théorie qu'on est convenu d'appeler «naturisme» trouve-t-elle sa justification dans les données des hymnes védiques?
- 2º La liturgie des Brahmanas et des Sutras correspondants peut-elle être considérée, dans ses traits principaux, comme antérieure ou postérieure aux hymnes du Rig-Véda?
- 3º Déterminer les rapports des Écritures bouddhiques du Nord (sanskrit, chinois, tibétain) avec les ouvrages correspondants en langue pâli.
- 4º Origines et histoire de l'iconographie religieuse dans l'Inde.
- 5º Le culte des ancêtres dans l'Hindouisme.
- 6º L'institution des pèlerinages dans l'Hindouisme.
- B. 1º Chercher à préciser les rapports qu'il y a entre la religion des Perses au temps des Achéménides et le culte avestique adopté par les Sassanides.
- 2º Préciser par la critique des textes quelles sont les parties les plus anciennes des Gâthâs et de l'Avesta pouvant être considérées comme remontant aux époques antérieures à l'empire sassanide.

SECTION VI

HISTOIRE DES RELIGIONS DE LA GRÈCE ET DE ROME

- 1º Quels sont les procédés méthodiques les plus sûrs à appliquer à l'étude de l'histoire des religions grecques?
- 2º Les poèmes homériques comme sources de mythes, de légendes et de cultes.
- 3º Le culte d'Apollon à Delphes.
- 4º Contributions des récentes découvertes archéologiques à la connaissance de la religion étrusque.
- 5º Diffusion des cultes païens d'Orient dans les provinces occidentales et septentrionales de l'empire romain (Afrique, Hispanie, Gaule, Bretagne, pays rhénans et danubiens).
- 6º De la survivance et de l'adaptation des mythes, rites, traditions et lieux de culte du paganisme italien et grec dans les usages et lieux de culte actuels de l'Italie et de la Grèce.

SECTION VII

RELIGIONS DES GERMAINS, DES CELTES ET DES SLAVES.—ARCHÉOLOGIE PRÉHISTORIQUE DE L'EUROPE

- 1º L'eschatologie celtique.
- 2º Origines de l'Église celtique en Irlande, en Écosse, dans le pays de Galles et en Gaule.

- 3º La combinaison d'éléments mythiques, historiques et poétiques dans les légendes heroïques des Germains, à étudier dans une légende en particulier.
- 4º De l'origine des principales divinités germaniques: Wodan, Donar, Tiu, etc. Proviennent-elles du panthéon indo-germanique ou sont-elles le développement de démons de la nature?
- 5º Du caractère originel ou dérivé des principaux mythes de l'Edda.
- 6º Le dieu de la foudre chez les peuples germains et slaves.
- 7º Quels sont, dans l'Allemagne du Nord, les monuments encore existants du paganisme slave?
- 8º Quelles indications peuvent fournir les noms de lieu dans l'Allemagne du Nord pour l'étude du paganisme slave?

SECTION VIII

HISTOIRE DU CHRISTIANISME

- A. Les premiers siècles:** 1º L'essénisme peut-il être considéré comme un des facteurs du Christianisme originel?
 - 2º Quelle contribution à la connaissance de l'évolution des idées et des rites du Christianisme primitif ont pu apporter les nouveaux textes chrétiens découverts depuis trente ans environ?
 - 3º Quelle est la part des antécédents grecs et celle des antécédents juifs dans l'élaboration de l'ancienne eschatologie chrétienne?
 - 4º Quelle est aujourd'hui notre connaissance positive des origines et de l'histoire du gnosticisme?
 - 5º Est-il possible de concilier l'exposé du système de Basilide d'après Irénée et l'exposé parallèle d'Hippolyte?
- B. Le moyen âge:** 1º Les sources antiques (grecques, latines, arabes, juives et byzantines) auxquelles ont puisé le plus les théologiens de l'Occident au moyen âge.
- 2º Des rapports de Byzance avec la Russie païenne au IX^e siècle et en particulier de la fondation des premières églises chrétiennes en Russie.
- C. Temps modernes:** L'influence de la philosophie de Kant et de celle de Hegel sur la critique historique appliquée aux origines du Christianisme.

Este congresso é da iniciativa dos professores da Escola Pratica dos Estudos Superiores de Paris. Realizar-se-ha desde o dia 3 ao dia 9 de Setembro de 1900. O seu caracter é rigorosamente histórico.

Para melhor esclarecimento dos leitores, transcrevo tambem o

Règlement

«Art. 1^{er}. *Le Congrès d'histoire des religions se réunira à Paris, le lundi 3 septembre 1900. Il durera une semaine.*

Art. 2. *Les séances d'ouverture et de clôture auront lieu au Palais des Congrès à l'Exposition. Les autres séances se tiendront à la Sorbonne.*

Art. 3. *Les travaux du Congrès comporteront des séances générales et des séances de sections.*

Art. 4. *Les sections seront au nombre de huit, qui pourront, suivant les circonstances, être groupées ou subdivisées en sous-sections, savoir:*

I. Religions des non-civilisés.—Religions des civilisations américaines précolombiennes.

II. Histoire des religions de l'Extrême-Orient (Chine, Japon, Indo-Chine, Mongols, Finnois).

III. Histoire des religions de l'Égypte.

IV. Histoire des religions dites sémitiques: A. Assyro-Chaldée, Asie antérieure; B. Judaïsme, Islamisme.

V. Histoire des religions de l'Inde et de l'Iran.

VI. Histoire des religions de la Grèce et de Rome.

VII. Religions des Germains, des Celtes et des Slaves.—Archéologie préhistorique de l'Europe.

VIII. Histoire du Christianisme. (A sous-sectioner en: Histoire des premiers siècles, du moyen âge et des temps modernes).

Art. 5. *Les déclarations d'adhésion au Congrès devront être adressées aux Secrétaires à la Sorbonne.*

Art. 6. *La souscription est fixée à un minimum de dix francs.*

Les adhérents au Congrès recevront gratuitement les comptes rendus imprimés des séances et les publications qui pourront être faites par le Congrès.

Art. 7. *Les travaux et les discussions du Congrès auront essentiellement un caractère historique. Les polémiques d'ordre confessionnel ou dogmatique sont interdites.*

Art. 8. *Un programme de questions relatives à chaque Section sera distribué à l'avance aux adhérents du Congrès pour servir de base aux discussions, sans préjudice des communications libres.*

Art. 9. *Toutes les communications destinées aux Congrès devront être envoyées aux Secrétaires avant le 1^{er} juillet 1900. Elles devront être écrites en caractères latins.*

Art. 10. *Dans les communications et dans les discussions seront admises, en dehors du français, les langues latine, allemande, anglaise et italienne.*

A importancia da subscrição deverá ser dirigida ao Sr. Philippe Berger, quai Voltaire 3, Paris. As adesões deverão ser dirigidas aos Srs. Jean Réville ou Léon Marillier,—professeurs à l'École des Hautes Études, à la Sorbonne, Paris.

*

Tendo eu recebido dos Srs. A. Réville, J. Réville et L. Marillier um convite especial para ser membro correspondente d'este Congresso, cumpre-me nessa qualidade, e por entender que presto serviço ao público, tornar conhecida dos leitores d'*O Archeologo* a natureza d'este Congresso, com o qual de certo advirão alguns frutos á Scienzia.

J. L. DE V.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 5

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

(Continuação)

II

Cartas entre o P.^c D. Manoel Caetano de Sousa e Fr. Manoel dos Santos

Meu senhor.— Recebendo neste correio carta do P.^c Dr. Fr. Bernardo Telles, não achei nella novas de V. Rev.^{ma}, tendo-lhe eu pedido que expuzesse a V. Rev.^{ma} a grande veneração que tenho á sua pessoa e aos seus estudos, principalmente depois que vi em casa de meu irmão, o sr. D. Filipe, a primeira parte de *Alcobaça ilustrada*, obra importantissima e que muito desejo ver concluida, dando-se á luz tudo o que falta para acabar a sua historia; e, ainda que já hoje pedi ao sobredito P.^c Dr. que me mandasse novas de V. Rev.^{ma}, não quero deixar de offerecer-lhe de novo, por esta carta, as expressões do meu respeito.

Já V. Rev.^{ma} saberá como, depois de publicado o nosso certamen, anda mui celebre por este reino o calix de Alcobaça, em que alli se falla; e alguns curiosos me pedem que procure saber de V. Rev.^{ma} o nome do artifice que o fez e da pessoa que o deu ou mandou fazer, do que não pôde faltar memoria nesse archivo, de que os estudos de V. Rev.^{ma} o tem feito tão senhor.

Eu ainda entro em mais miuda curiosidade, que é a de saber se tambem a patena tem letras, e quaes são; e de que côres são os esmaltes; e se no calix ha algumas figuras ou imagens, e quaes são; e se nas letras que se acham á roda, e vao impressas no papel inclusa, ha alguma variedade, de estarem umas mais elevadas e outras menos, e quaes são as em que ha diferença; porque, havendo-a, será facilissimo a V. Rev.^{ma} o significar-m'a, com qualquer signal posto sobre ellas, no papel em que vierem escriptas.

E, se não parecera demasiado atrevimento para primeira carta, havia de pedir nesta a V. Rev.^{ma} que me fizesse o favor de me mandar uma exacta descrição do mesmo calix e patena, com as suas medidas e pesos; porque desejo ter plena noticia d'esta sagrada antigualha, e mui especialmente das divisões que ha entre as letras, e se é perceptivel o saber adonde começam os lettoreiros circulares, ou se é arbitrario o seu principio; e se se percebe alguma correspondencia entre as 27 letras que estão na columna do calix, e as 110 que estão na sua base.

Perdoe V. Rev.^{ma} inquirição tão prolix a um homem a quem parece que nenhuma diligencia é nimia; porque toda a minha vida procurei escrever com sum-

ma exacção, e por toda Italia vi observar com grande miudeza semelhantes reliquias da antiguidade¹.

Se no meu pouco cabedal, houver alguma cousa com que eu possa servir á curiosidade de V. Rev.^{ma}, não me poupe, porque o hei-de servir com grande cuidado. Dê-me V. Rev.^{ma} muito em que lhe obedea.

Deus guarde a V. Rev.^{ma} muitos annos.

Lisboa, 23 de Setembro de 1713.—[D. Manoel Caetano de Sousa].

Rev.^{mo} P.^e Mestre.—A fama da pessoa e talento heroico de V. Rev.^{ma}, quando sae fóra de Portugal, não é muito que encha a todo este reino. D'aqui era que eu, supposto nunca fui a Lisboa, quando se acabou a imprensa do livro *Alcobaça illustrada*, obrigado do justo conceito que já então fazia de V. Rev.^{ma}, dispunha mandar-lhe um tomo, assi como mandei outros a alguns cavalheiros d'essa corte, nobilissimos alumnos de Minerva; porém, me disseram era V. Rev.^{ma} partido a Roma, ao seu capitulo; e, agora, que já veiu, com a boa saude que sempre lhe desejei, o faço.

E, quanto a outro, que é resposta ao P.^e Mestre Santa Maria, me representou o Rev.^{mo} P.^e Mestre Telles a honra que V. Rev.^{ma} me fazia em o approvar; e eu dilatei expressar a V. Rev.^{ma} o meu agradecimento, até se me offerecer occasião de poder ir o tomo, por não molestar a V. Rev.^{ma} com duas cartas. E, quanto a esta, que recebo de V. Rev.^{ma}, sobre o calix, por ella lhe beijo a mão, como seu orador affectuosissimo, e por se dignar V. Rev.^{ma} de me saber o nome e dar occasião de o poder servir.

As letras do calix, impressas, que V. Rev.^{ma} me manda, estão erradas do original por tres modos:—o primeiro, porque tem letras mudadas, e outras que não estão no calix; o segundo, porque não começam do principio, de onde devem começar; e o terceiro, porque lhe faltam virgulas, que tem.

Não as mando, porque hontem chegou a carta, e hoje appareceu este portador. No correio que vem, irá traslado em fórmula authentica. E, quanto ao seu principio, é data o dito calix do senhor rei D. Manoel, por seu filho, o senhor infante D. Affonso, commendatario de Alcobaça, como consta de uma memoria do tempo do mesmo senhor, em um livro da nossa livraria velha ou manuscripta, de que tambem irá certidão em pública fórmula, com todas as mais miudezas que V. Rev.^{ma} deseja; e para tudo o mais do serviço de V. Rev.^{ma}, a que se estender a minha limitação, tardarei a obedecer quanto V. Rev.^{ma} em mandar.

Deus guarde a V. Rev.^{ma} por felices annos, para ornato d'essa corte e esplendor d'este reino.

Alcobaça, 2 de Outubro de 1713.—De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo = Fr. Manoel dos Santos.

¹ D. Manoel Caetano de Sousa fôra à Italia assistir ao capitulo geral da sua ordem, effectuado em Roma no anno de 1710, viajando então, durante cerca de tres annos, por todo aquelle país. Da sua viagem, escreveu memorias que se não imprimiram, mas das quaes o P.^e D. Thomás Caetano de Bem, — outro escriptor theatino de vasta erudição, — faz um interessante resumo, de pag. 325 a 451 do tom. I das suas *Memorias historicas chronologicas da sagrada religião dos clérigos regulares em Portugal e suas conquistas na India Oriental*.

Rev.^{mo} P.^e Mestre.—Hoje, quinta-feira, ha de ser entregue V. Rev.^{ma} de uma minha, com um livro dos meus, que lhe remetti por um portador que ocorreu; e nella agradecia a V. Rev.^{ma} a honra de se servir de mim; e, supposto determinasse escrever esta pelo correio que parte d'aqui segunda-feira, porém appareceu este segundo portador; e, pelo desejo de obedecer ao que V. Rev.^{ma} me ordena abreviei em dia e meio a obra que dispunha acabar domingo; por isso não vae com a perfeição que pudera.

Vão as letras do calix, *sicut jacent*; e vão, de mais das que se vêem impressas no papel que V. Rev.^{ma} mandou, outras que tem o mesmo calix, no alto ou no copo, de que o papel não faz menção; as quaes, como são miudas e mais pequenas, não devia dar fé d'ellas quem trasladou as outras. Vae mais o que ha da origem do calix, de tudo certidão authentica, porque temos aqui dois monges notarios, por breve apostolico.

Vae mais, em outro papel, a minha informação, que V. Rev.^{ma} pede. Agora, V. Rev.^{ma} me faça mercê, no correio que vem, fazer-me certo da entrega de tudo; e, passado o certamen, dar-me notícia do que sae sobre a intelligencia das letras, porque folgarei de o ver, e saber o que encerra o enigma.

Fico á obediencia de V. Rev.^{ma}, que Deus guarde, etc.

Alcobaça, 5 de Outubro de 1713.—De V. Rev.^{ma} subditio e orador affectuosissimo = Fr. Manoel dos Santos.

O portador é Francisco Ribeiro da Rocha. Para maior justificação, lhe mostrei as letras do copo, que estão nas bases das columnas, e não veem impressas no papel. D'elle se informe V. Rev.^{ma}. Tambem vae o papel impresso, e notadas com uma + as letras erradas.

Meu senhor.—Acho-me devedor a duas cartas e a innumeraveis favores de V. Rev.^{ma}. Por tudo lhe beijo mil vezes as mãos.

Recebi o livro, e a descripção do calix, que bem parece obra de quem fez o livro — tanta é a sua exacção e legalidade; mas a minha curiosidade ou ignoranciainda não está satisfeita, porque esta ainda não comprehende o como o I H S, sendo só de tres letras, está ao redor da patena, se não é multiplicado; e aquella deseja saber o numero, cōres e disposição das pedras que adornam o calix; e confio que V. Rev.^{ma} se sirva de me mandar tudo tão distinto, que eu fique sem as invejas que tenho a Francisco Ribeiro da Rocha, que, como V. Rev.^{ma} me diz, examinou com os proprios olhos este calix.

Eu fui ver a custodia de Belem, e não tem letra alguma mysteriosa: só tem, ao redor do pé, escrito em letras de esmalte branco, o lettoreiro seguinte: **X**OMVITO · ALTO · PRÍCIPÉ · E · PODEROSO · SEHOR · REI DÓ MANVEL · I · AMDOV · FAZER · DOOVRO · I · DAS · PARIAS · DE · TILVA · ATIVABOV · E · CCCCCVI. — o qual vae trasladado fielmente. Tem mais uns caracteres pequeninos, mal formados, que entendemos que são signaes do artifice, por não serem esmaltados, mas só levemente abertos ao buril.

Ainda que a custodia não tivera este lettoreiro, nem m'o dissera a tradição, eu entenderia que era dadiua de el-rei D. Manoel, por ver nella as suas espheras. Tambem me atrevéra a dizer e a provar que este calix não era mais antigo que o tempo de el-rei D. Manoel, se tivera visto o seu feitio, como V. Rev.^{ma} m'o descreve. Peço a V. Rev.^{ma} que me mande dizer a altura do calix, e a medida do circulo da sua bôcca e da sua patena.

O P.^e Manrique, tinha já lido antigamente; mas não me lembrava d'aquella memoria, que agora tornei a ver, depois que V. Rev.^{ma} m'a apontou.

Outra vez torno a pedir a V. Rev.^{ma} perdão da minha prolixidade, e a dar-lhe as graças da sua paciencia, e a rogar-lhe que me não falte com as occasões de servi-lo, e que continue na sua obra, para credito d'este reino. Fico advertido para mandar a V. Rev.^{ma} as adivinhações que se fizerem sobre aquellas letras.

Deus guarde a V. Rev.^{ma} muitos annos, como desejo.

Lisboa, 14 de Outubro de 1713.—De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo = [D. Manoel Caetano de Sousa].

Meu senhor.—Em 14 d'este mez, escrevi a V. Rev.^{ma}; mas ainda não sei se lhe chegou á mão a minha carta. Agora lhe escrevo, para lhe tornar a dar as graças pelas noticias que me deu d'esse famoso calix; porque, com a sua luz, tenho descuberto o que significam aquellas letras.

Contém ellas seis versos latinos, hexametros, que se lêem de tantos modos, que formam um labyrintho. Eu o mandarei a V. Rev.^{ma}, como estiver trasladado; e lhe mandarei tambem a notícia do que sobre esta materia aparecer no nosso certamen; mas quiz-lhe antecipar a nova d'este meu achado, que tenho por certo, apesar dos criticos, se V. Rev.^{ma} não entender o contrário.

Fico ás ordens de V. Rev.^{ma}, a quem Deus guarde muitos annos.

Lisboa, 28 de Outubro de 1713.—De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo = [D. Manoel Caetano de Sousa].

Rev.^{ma} P.^e Mestre.—Uma e mil vezes dou a V. Rev.^{ma} o devido parabem pelo eruditissimo achado de que me dá conta na sua de 28 de Outubro, notícia que todos aqui recebemos (porque logo a communiquei) com plausibilidade commun, assi pelo muito que veneramos a V. Rev.^{ma}, e juntamente porque a gloria do mesmo achado, sem agravo de terceiro, a queriamos antes ver e merecer a algum dos nossos, do que não a estrangeiro, que presumisse talvez passar adeante, aonde não chegaram os engenhos de Portugal — supposto que tambem nelles veneramos talento e letras.

A outra de V. Rev.^{ma}, de 14 do mesmo Outubro, achei vindo de fóra; por isso não respondi, porque não estava em casa.

Agora, vae o mais que V. Rev.^{ma} pedia: — a altura do calix e a medida da bôcca do copo, nesse papel¹.

As pedras todas são dezoito, e estão repartidas em tres ordens. Seis no meio da columna do calix, em um grosso que alli faz; das quaes tres me parecem esmeraldas, porque são de côr verde, muito clara e fina. As outras tres são de côr azul escura.

No pé do calix, e nos vâos que vae fazendo o círculo das letras, estão outras seis, e todas de uma côr, como de ouro, muito clara e transparente; e, posta á luz, parece que se reveste a mesma côr amarella como de outra côr, que sae a encarnada. Estas são as maiores, e alguma maior que o maior feijão branco.

¹ Altura, 0^m, 27; diametro, 0^m, 113.

As outras seis estão em outro círculo, na parte mais inferior do pé do calix. Tres são rubis finissimos e grandes; as outras tres são da cõr azul escura, como as da columná. Com outros muitos lindissimos feitios e brincos esmaltados que se vêem em todo calix, o qual, que seja moderno e do tempo de el-rei D. Manoel, alem das conjecturas que já dei, se prova tambem de serem as suas letras de caracteres modernos, latinos, e não gothicos; porque temos outras peças sagradas, como é uma cruz grande e dois vasos da communhão, e outras, todas antigas, nas quaes se vêem alguns lettreiros, mas de letra gothica.

As letras da patena—I H S—estão multiplicadas quatro vezes e repetidas nos quatro lados da mesma patena.

Fico esperando, e toda esta communidade, com notavel alvoroço, pela mercê que V. Rev.^{ma} me promette, de me mandar os versos e o mais que sair sobre as letras, e ainda alguma cousa mais do certamen; e, sobretudo, com boas novas de V. Rev.^{ma}, que V. Rev.^{ma} se sirva mais vezes da minha limitação.

Deus guarde a V. Rev.^{ma}, como muito desejo, etc.

Alcobaça, 10 de Novembro de 1713.—De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectionissimo = *Fr. Manoel dos Santos*.

Meu senhor.—Com grande alvoroço, recebi a carta de V. Rev.^{ma}, porque entendia que as minhas estavam perdidas; pois a experiençia que tenho do favor que V. Rev.^{ma} me faz, não me deixava a menor suspeita de que V. Rev.^{ma} se cansasse em me responder.

Dou as graças a V. Rev.^{ma} pelo acolhimento que faz ao meu estudo, e pelo favor que este tem achado nos padres d'esse real mosteiro; e, ainda que, cá, tambem se fez algum caso da interpretação que eu dei áquellas letras, eu estimo, mais que tudo, a honra que se lhe faz em Alcobaça; e quero imprimir o papel que no certamen me premiaram, reduzido a tres partes:—a primeira, propondo a mais exacta descripção do calix; a segunda, dando explicação ás suas letras; a terceira, tirando do calix e das letras motivos para o louvor de Santo André Avellino (no que se viu que não foi fóra de proposito tratar d'aquelle calix na festa d'este Santo)¹.

Para a primeira e segunda parte, me vali muito das cartas de V. Rev.^{ma} e tambem do seu livro; porém, para fazer uma obra em que se logre melhor o que tenho trabalhado, é-me preciso publicar em estampa o perfeito debuxo do mesmo calix; e, se eu não estivera ocupado com a prepositura d'esta casa, havia de ir a Alcobaça, a tirar este debuxo, o mais parecido que pudesse ser ao original; mas, como, por ora, não posso fazer esta jornada e quero imprimir depressa a dissertação,—é-me forçoso cansar de novo a V. Rev.^{ma}, e pedir-lhe que, se nessa terra ha quem debuxe por dinheiro, me mande fazer esse debuxo á minha custa, e me avise do gasto que tiver feito, para eu cá o satisfazer ao padre procurador geral, ou quem V. Rev.^{ma} ordenar; porque quero que na estampa que eu mandar abrir, vão todas as lindezas d'aquelle admiravel obra.

Para ella se poder lograr bem, me parece que será necessario pôr em um papel, primeiramente, o perfil do calix, e debuxar as duas partes da patena em

¹ Como já disse, D. Manoel Caetano de Sousa não realizou o pensamento de imprimir a sua memoria.

differentes círculos, com suas letras e esculturas; e, despois, o pé do calix, repartido nos seus seis passos; e será melhor cada sexta parte do círculo separada; e na mesma fórmula a columna e copo, de maneira que, quem vir a estampa, venha em perfeito conhecimento do calix.

E, por ora, peço a V. Rev.^{ma} que me mande logo dizer se os passos que estão no copo, ficam perpendicularmente sobre os que estão no pé,—*verbi gratia*, o *Ecce Homo* sobre o Horto, Pilatos lavando as mãos sobre o passo da prisão, etc.,—ou se ficam encontrados; porque quero saber se as dicções que estão aos pés das columnas do copo, ficam perpendiculares sobre as que estão na garganta da columna do calix, ou se correspondem aos arquinhos por que vão as letras no pé, entre passo e passo; porque me é esta notícia mui necessaria para confirmação do modo com que expliquei aquellas letras.

E tudo o que cá se disse sobre o calix e eu puder colher, mandarei a V. Rev.^{ma}, ainda antes que se imprima, porque não quero que espere os vagares da impressão,—ainda que os versos se estão trasladando a toda a pressa.

Fico ás ordens de V. Rev.^{ma}, a quem Deus guarde muitos annos, como desejo.
Lisboa, 18 de Novembro de 1713.—[D. Manoel Caetano de Sousa].

No debuxo, desejo as pedras e esmaltes feitos das suas côres.

(Continúa).

JOSÉ PESSANHA.

Os castellos de Fraião e de Pena da Rainha

A comarca portuguesa que se estendia entre os rios Minho e Lima, no meado do sec. XIII, estava dividida em sete julgados, cujas terras eram: Valladares, Pena da Rainha, Fraião, Cerveira, Caminha, Terra de S. Martinho ou da Ponte, e Valle de Vez.

Fraião e Pena da Rainha tomaram o nome dos respectivos castellos, esses dois famosos baluartes medievais do Alto-Minho, de que hoje apenas resta confusa lembrança. Como os elementos que nos ministram as *Inquirições de 1258*, a *Eglisia de Tuy*, do Bispo Sandoval, as *Visitas dos Arcediagos em 1700*, as *Relações parochiaes*, de 1758, etc., pudemos localizar aquelles antigos castellos.

Os nossos historiadores tem confundido o castello de Fraião com o da Pena da Rainha; é tempo de aclarar o assunto.

*

O castello de Fraião, Froilão ou Florian¹ assentava nos penhascos do planalto da serra da Bolhosa, na freguesia de Boivão, nos limites dos actuaes concelhos de Coura, Valença e Monsão; o julgado de Fraião

¹ Tambem lhe chamavam—castello de Fernã: *Arch. Port.*, II, 311.

differentes círculos, com suas letras e esculturas; e, despois, o pé do calix, repartido nos seus seis passos; e será melhor cada sexta parte do círculo separada; e na mesma fórmula a columna e copo, de maneira que, quem vir a estampa, venha em perfeito conhecimento do calix.

E, por ora, peço a V. Rev.^{ma} que me mande logo dizer se os passos que estão no copo, ficam perpendicularmente sobre os que estão no pé,—*verbi gratia*, o *Ecce Homo* sobre o Horto, Pilatos lavando as mãos sobre o passo da prisão, etc.,—ou se ficam encontrados; porque quero saber se as dicções que estão aos pés das columnas do copo, ficam perpendiculares sobre as que estão na garganta da columna do calix, ou se correspondem aos arquinhos por que vão as letras no pé, entre passo e passo; porque me é esta notícia mui necessaria para confirmação do modo com que expliquei aquellas letras.

E tudo o que cá se disse sobre o calix e eu puder colher, mandarei a V. Rev.^{ma}, ainda antes que se imprima, porque não quero que espere os vagares da impressão,—ainda que os versos se estão trasladando a toda a pressa.

Fico ás ordens de V. Rev.^{ma}, a quem Deus guarde muitos annos, como desejo.
Lisboa, 18 de Novembro de 1713.—[D. Manoel Caetano de Sousa].

No debuxo, desejo as pedras e esmaltes feitos das suas côres.

(Continúa).

JOSÉ PESSANHA.

Os castellos de Fraião e de Pena da Rainha

A comarca portuguesa que se estendia entre os rios Minho e Lima, no meado do sec. XIII, estava dividida em sete julgados, cujas terras eram: Valladares, Pena da Rainha, Fraião, Cerveira, Caminha, Terra de S. Martinho ou da Ponte, e Valle de Vez.

Fraião e Pena da Rainha tomaram o nome dos respectivos castellos, esses dois famosos baluartes medievais do Alto-Minho, de que hoje apenas resta confusa lembrança. Como os elementos que nos ministram as *Inquirições de 1258*, a *Eglisia de Tuy*, do Bispo Sandoval, as *Visitas dos Arcediagos em 1700*, as *Relações parochiaes*, de 1758, etc., pudemos localizar aquelles antigos castellos.

Os nossos historiadores tem confundido o castello de Fraião com o da Pena da Rainha; é tempo de aclarar o assunto.

*

O castello de Fraião, Froilão ou Florian¹ assentava nos penhascos do planalto da serra da Bolhosa, na freguesia de Boivão, nos limites dos actuaes concelhos de Coura, Valença e Monsão; o julgado de Fraião

¹ Tambem lhe chamavam—castello de Fernã: *Arch. Port.*, II, 311.

corresponde aos concelhos de Coura e Valença, e as suas justiças alli funcionavam ainda no reinado de D. Sebastião, sendo a residencia do *tenente* ou rico-homem.

A terra de Fraião foi doada por D. João I, em 2 de Janeiro de 1399, a Fernão Annes de Lima, e o seu senhorio persistiu nos seus descendentes, viscondes de Villa Nova de Cerveira e marqueses de Ponte de Lima, sendo o último marquês quem vendeu estes direitos a Manoel Rodrigues Barreiros Troncho, Manoel Correia de Pinho e outros, de Lisboa, mas quando elles pretenderam tomar posse, ha annos, os povos circumvizinhos amotinaram-se, embargando-lhes o passo, com o fundamento de prescripção. E assim tem continuado no gôzo d'esses extensos montados ou baldios.

Já no tempo de D. Affonso III se chamava *Forna* ao Castello de Fraião, como se vê nas *Inquirições*¹.

As ruinas do castello ainda existiam no fim do sec. XVII, porém no seculo passado os vendavaes e os donos das propriedades proximas não deixaram pedra sobre pedra.

Os pastores indicam ao viajante curioso o alto da Forna, como lugar onde houve um castello, avocando para aqui a lenda da Rainha prisioneira, que pertence ao fronteiro castello da Pena da Rainha, que d'aqui dista um kilometro.

No *Minho Pittoresco*, do Dr. José Augusto Vieira, e no *Dicionario Chorographicó*, de José Avelino de Almeida, encontram-se bellos artigos sobre a *Forna* ou castello de Fraião, apresentando aquele magnifico livro um bello desenho dos penhascos do castello.

O castello da Pena da Rainha ficava no cimo do monte de S. Martinho, na freguesia de Abbedim; *pена* tem a synonymia de *penha*, e chamam ainda hoje á ermida que permanece proximo — *S. Martinho da Pena ou da Penha* —, como lemos em Sandoval, e n-O Arch. Port., II, 63.

Era, como o de Fraião, cabeça da terra do seu nome, correspondendo o seu julgado ao actual concelho de Monsão.

Os muros da sua alta vigia, grande torre roqueira, talvez a fallada *Penaguda*, foram mandados demolir no sec. XV por um abade d'esta freguesia, e os restos da casaria adjunta e muralhas desapareceram

¹ *Portugaliae Monumenta Historica*, «Inquisitiones», I, 382.

completamente nos sec. XVII e XVIII; mas o pinaculo da montanha é apontado como residencia, appellidando-o o povo — *Castello da Rainha* —, como vimos nas *Visitas dos Arcediagos*, já atrás citadas.

Na rocha de granito restam abertos a pico os degraus de serventia da fortaleza; as suas grutas são mais amplas e mais curiosas que as de Fraião.

Sobre estas antiguidades deve-se ler *O Arch. Port.*, I, 142 e 143.

L. FIGUEIREDO DA GUERRA.

Gimonde

Ruinas.—Um marco miliario

Gimonde é uma pequena aldeia a 6 kilometros a nordeste de Bragança, situada na margem esquerda do Sabor, no ponto aonde se reunem, para logo entrarem nelle, as linhas de agua, suas affluentes, das ribeiras de Contencio e Malar e do rio Igrejas, que tornam este local uma estancia muito aprazivel e pintoresca, realçando ainda mais a paisagem as suas duas pontes, notaveis uma pela sua construcção e antiguidade, a outra, feita ha poucos annos, quando se começou a estrada de Miranda, pela sua grandeza e solidez, que no genero é uma das melhores obras de arte que nos ultimos tempos se tem feito neste districto.

Desconhecida até agora, surge-nos hoje para a historia, apresentando dois monumentos importantes que atestam que no dominio romano tivera certa importancia.

Um d'esses monumentos são as ruinas de uma povoação morta, que se vêem no sitio do Arrabalde, em frente, na margem direita do Sabor, na volta que faz este rio, que bem lhe servia de fosso aquático, defendendo-a, como obstáculo natural, por todos os lados, à excepção do sul, por onde estava separada do terreno adjacente por um profundo e amplo corte artificial a que chamam *cortadura*, que os ingenuos julgam ter sido feita para mudar a corrente do rio, e no qual, em correspondencia, e do lado poente, se notam ainda os vestígios dos encontros de uma ponte de pedra solta que a punham em comunicação com a outra margem. Neste sitio observam-se em abundância restos de muros de fortificação, de fragmentos de lousa, cerâmica, tijolo, telha de rebordo e mós manuarias, tanto na parte mais elevada como na mais plana, limitada pelo rio, mostrando ter sido um povoado de certa consideração que viveu sob a protecção de um deus, cujo altar se erguia talvez aonde se vê hoje a velha e arruinada capella de S. Sebastião,

completamente nos sec. XVII e XVIII; mas o pinaculo da montanha é apontado como residencia, appellidando-o o povo — *Castello da Rainha* —, como vimos nas *Visitas dos Arcediagos*, já atrás citadas.

Na rocha de granito restam abertos a pico os degraus de serventia da fortaleza; as suas grutas são mais amplas e mais curiosas que as de Fraião.

Sobre estas antiguidades deve-se ler *O Arch. Port.*, I, 142 e 143.

L. FIGUEIREDO DA GUERRA.

Gimonde

Ruinas.—Um marco miliario

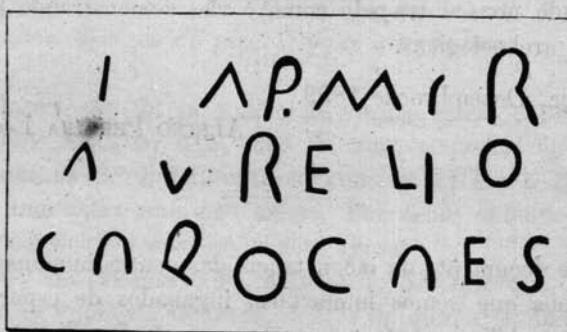
Gimonde é uma pequena aldeia a 6 kilometros a nordeste de Bragança, situada na margem esquerda do Sabor, no ponto aonde se reunem, para logo entrarem nelle, as linhas de agua, suas affluentes, das ribeiras de Contencio e Malar e do rio Igrejas, que tornam este local uma estancia muito aprazivel e pintoresca, realçando ainda mais a paisagem as suas duas pontes, notaveis uma pela sua construcção e antiguidade, a outra, feita ha poucos annos, quando se começou a estrada de Miranda, pela sua grandeza e solidez, que no genero é uma das melhores obras de arte que nos ultimos tempos se tem feito neste districto.

Desconhecida até agora, surge-nos hoje para a historia, apresentando dois monumentos importantes que atestam que no dominio romano tivera certa importancia.

Um d'esses monumentos são as ruinas de uma povoação morta, que se vêem no sitio do Arrabalde, em frente, na margem direita do Sabor, na volta que faz este rio, que bem lhe servia de fosso aquático, defendendo-a, como obstáculo natural, por todos os lados, à excepção do sul, por onde estava separada do terreno adjacente por um profundo e amplo corte artificial a que chamam *cortadura*, que os ingenuos julgam ter sido feita para mudar a corrente do rio, e no qual, em correspondencia, e do lado poente, se notam ainda os vestígios dos encontros de uma ponte de pedra solta que a punham em comunicação com a outra margem. Neste sitio observam-se em abundância restos de muros de fortificação, de fragmentos de lousa, cerâmica, tijolo, telha de rebordo e mós manuarias, tanto na parte mais elevada como na mais plana, limitada pelo rio, mostrando ter sido um povoado de certa consideração que viveu sob a protecção de um deus, cujo altar se erguia talvez aonde se vê hoje a velha e arruinada capella de S. Sebastião,

que lhe fica fronteira, a norte, na margem esquerda do Sabor, cujas aguas, nas enchentes e estações invernosas, costumam attingi-la.

O outro é um cippo cylindrico de cantaria grosseira, que está no Museu de Bragança, e que tem de altura 1^m,47 e de diametro 0^m,39, que encontrei ainda ha pouco na povoação por informações do meu ilustrado amigo P.^o Francisco Manoel Alves, abade de Baçal, que francamente m'o indigitou sem ainda o conhecer e que tem esta inscripção que reduzida vae copiada com a maior fidelidade.



Algumas letras estão já bastante apagadas e a sua grandeza é muito variavel regulando por 0^m,12.

Sobre elle disse-me o sabio berlínês Dr. Emilio Hübner:

«O miliario de Gimonde diz sem dúvida.

IMP · MAR
AVRELIO
CARO CAES

Imp(eratore) Mar(co) Aurelio Caro Caes(are).

Miliarios do Imperador Caro, de cerca de 282 e 283 p. C., não são raros nas provincias do norte da Peninsula, como os de seus filhos Carino e Numariano. Pertence, como V. advertiu muito bem, a uma das estradas de Chaves a Astorga».

Tinha sido encontrado pelo possuidor ha mais de 20 annos enterrado no sitio da Cruz do Marrão, a 800 metros proximamente a nordeste do Gimonde, junto do caminho velho, dito antiga estrada real, que vae para Babe e que ladeia toda aquella encosta a que chamam Marrão,

denominação que lhe deve provir d'este marco, por isso que aquelle nome quer dizer « grande marco » ou « grande marra ».

Foi portanto outr'ora esta povoação uma estação da via militar de Braga a Astorga, que passava por Chaves, e da qual trata o itinerario de Antonino. O que espero ver mais confirmado ainda por investigações que desejo fazer, se as minhas occupações profissionaes m'o permittirem, nos outros pontos por onde tambem presumo que passasse a referida estrada, esclarecendo completamente este assunto que tem preocupado a attenção de illustrados autores, que a meu ver muito se tem enganado no seu traçado como o vão demonstrando as recentes descobertas archeologicas.

Bragança, Dezembro de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

« Illustre documento da inconstancia das cousas humanas, para que não sonhemos que somos immortaes, inganados de esperanças vãs, pois cidades nobilissimas fenezem, e nem rasto fica d'ellas ».

Fr. AMADOR ARRAIZ, *Dialogos*, ed. de 1604, fls. 114.

Analecta epigraphica lusitano-romana

1. Inscrípções da Quinta da Insoa

Nas ferias grandes de 1896 passei pela deliciosa quinta da Insoa, em Castendo (Beira-Alta), pertencente ao Sr. Manoel de Albuquerque, e ahí examinei tres lapides com inscrípções romanas, que passo a copiar:

1.^a

TIRO G..-LLI F
AN XIII II S E
D R P S T T . L

Numa lapide rectangular de granito, de 0^m,87 de comprimento, e, pouco mais ou menos, de 0^m,51 de largura (não dou a medida exacta

denominação que lhe deve provir d'este marco, por isso que aquelle nome quer dizer « grande marco » ou « grande marra ».

Foi portanto outr'ora esta povoação uma estação da via militar de Braga a Astorga, que passava por Chaves, e da qual trata o itinerario de Antonino. O que espero ver mais confirmado ainda por investigações que desejo fazer, se as minhas occupações profissionaes m'o permittirem, nos outros pontos por onde tambem presumo que passasse a referida estrada, esclarecendo completamente este assunto que tem preocupado a attenção de illustrados autores, que a meu ver muito se tem enganado no seu traçado como o vão demonstrando as recentes descobertas archeologicas.

Bragança, Dezembro de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

« Illustre documento da inconstancia das cousas humanas, para que não sonhemos que somos immortaes, inganados de esperanças vãs, pois cidades nobilissimas fenezem, e nem rasto fica d'ellas ».

Fr. AMADOR ARRAIZ, *Dialogos*, ed. de 1604, fls. 114.

Analecta epigraphica lusitano-romana

1. Inscrípções da Quinta da Insoa

Nas ferias grandes de 1896 passei pela deliciosa quinta da Insoa, em Castendo (Beira-Alta), pertencente ao Sr. Manoel de Albuquerque, e ahí examinei tres lapides com inscrípções romanas, que passo a copiar:

1.^a

TIRO G..-LLI F
AN XIII II S E
D R P S T T . L

Numa lapide rectangular de granito, de 0^m,87 de comprimento, e, pouco mais ou menos, de 0^m,51 de largura (não dou a medida exacta

da altura, por estar enterrada a pedra, e não valer a pena desenterrá-la). Altura das letras 0^m,085. Boa calligraphia, que indica o séc. I.

Na 1.^a linha, depois do G falta um A, por a pedra estar gasta; pelo mesmo motivo o H inferior está quebrado, e só d'elle se vê metade. Não falta mais letra nenhuma na inscrição, cujo texto é: *Tiro, G[alli] f[ilius], an(norum) XIII, h(ic) s(itus) e(st). D(ic), r(ogo), p(raeteriens): s(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

Traducção:

Tirão, filho de Gallo, de 13 annos de idade, está aqui sepultado. Tu que passas, dize, eu t'o peço: Seja-te a terra leve.

Esta inscrição foi já publicada várias vezes, e por último no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 415, mas ha uma pequena diferença, pois figura-se ahi na 2.^a linha, entre o numero XIII e o H incompleto seguiente, uma falha que não existe. Por tanto entendi dever fazer esta nova edição: o texto fica exacto agora.

Segundo me informa o Sr. Manoel de Albuquerque, a inscrição foi achada na vinha da Coutada, dentro da quinta da Insoa.

2.^a

D M · S · RVFO LVCI A LX
AMOENÆ · SEVERI · AN · IV
PLACIDÆ CALVI · AN XXX
FIRMINÆ · FIRMI A XXXX
LVCIVS S E S F C

Numa lapide rectangular de granito, de 1^m,06 de comprido, e de 0^m,49 de largura. O campo ocupado pela inscrição é de 0^m,86 × 0^m,32. Altura das letras 0^m,06. Estas não são tão apuradas como as da inscrição precedente.

Linha 1.^a A haste horizontal do L de LVCI está bastante apagada, por isso alguém leu FVCI.

Linha 2.^a A última letra está também bastante apagada, mas creio ser V.

Linha 5.^a Havia várias letras que não pude ler, por estarem muito apagadas. Pareceu-me distinguir: e inu Srn. Só porém é certo o S.

Entre muitas palavras faltam já os respectivos pontos.

Transcripção:

D(ii)s M(anibus) S(acrum). Rufo Luci(i? filio) a(nnorum) LX; Amoenae, S(everi filiae), an(norum) IV; Placidae Calvi (filiae), an(norum) XXX; Firminaes, Firmi (filiae), a(nnorum) XXXX. Lucius s...es f(aciendum) c(uravit) ou c(uraverunt).

Tradução:

Consagração aos Deuses Manes. A Rufo, filho de Lucio (?), de 60 annos; a Amena, filha de Severo, de 4 annos; a Placida, filha de Calvo, de 30 annos; a Firmina, filha de Firmo, de 40 annos. Lucio mandou ou mandaram fazer (este monumento).

Como se vê, a sepultura, só por si era quasi um cemiterio!

Esta inscripção foi já publicada várias vezes, e por ultimo no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 423, mas o texto que eu dou differe do já conhecido.— Exceptuando a 5.^a linha e o L de LVCI (?), o resto é perfeitamente legivel. O sr. Hübner propõe dubitativamente que depois da 1.^a palavra da 5.^a linha se subentendem *et Rufinus heredes*; mas não cabiam tantas letras.

Quanto á proveniencia, é a mesma da inscripção precedente, segundo o Sr. Manoel de Albuquerque; mas no *Corpus* diz-se que a pedra foi achada junto do castello de Penalva.

3.^a



Depois que regressei a Lisboa, verifiquei que a inscripção já estava incluida no *Corp. Inscr. Lat.*, 421, para onde passou do *Elucidario*

de Viterbo, e da collecção epigraphica de Levy Maria Jordão. Este texto é mais acabado que o meu, e diz assim:

D · M · S
PROCILI
A II · LIBIIR
TAII · RVST.
AN · L · ST
I · M · PRO
CILIAII · PA
.....

Quando eu voltar á Insoa, verei se com a ajuda d'este texto posso supprimir as dúvidas que ainda pesam sobre a inscripção, que, por estar muito gasta, não pude ler tão bem como Viterbo a leu ha mais de cem annos.

Em todo o caso, ahi fica a figura do monumento, que é curiosa, e que não foi dada por nenhum dos que haviam publicado a inscripção.

Altura da pedra 0^m,74; maior largura 0^m,455. Altura das letras 0^m,06. Na parte superior uma cara toscamente inesculpida.

Segundo o Sr. Manoel de Albuquerque, a pedra foi achada na Insoa; mas não se diz o mesmo no *Corpus*, ibidem.

4.^a

Posteriormente á minha estada na Insoa escreveu-me o Sr. Manoel de Albuquerque, e disse-me que tinha ainda outra inscripção, cujo texto é:

RVFO · FVSCI · F · A
NNORVM · XXV
FVSCVS · ALBINI
F · FILIO · SVO · IIT · SIBI

Numa estela rectangular de granito, cujo comprimento é de 0^m,50 e cuja largura é de 0^m,34. Dimensões do campo da inscripção: 0^m,36 × 0^m,22. Altura das letras 0^m,04.

Transcripção:

Rufo, Fusci f(ilius), annorum XXV: Fuscus, Albini f(ilius), filio suo et sibi.

Traducção:

A Rufo, filho de Fusco, de 25 annos; Fusco, filho de Albino, fez este monumento para seu querido filho e para si.

A inscripção foi como as outras já publicada várias vezes, e ultimamente no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 422, mas o texto que dou é mais exacto que o já conhecido, pois na 4.^a linha d'este, antes de FILIO, falta F.

Parece que esta inscripção provém de junto da residencia dos abades de Penalva do Castello.

*

A existencia d'estas quatro inscripções prova pelo seu lado que a influencia romana se fez sentir naquelle rincão da Beira-Alta em que assenta Castendo e Penalva do Castello.

Na cérca da casa do meu bom amigo o Sr. Dr. Bernardo de Magalhães Coutinho, em Castendo, apareceram varios fragmentos de tegulas; de Esmolfe trouxe eu uma inscripção latina consagrada a um deus barbaro, como disse n-O *Arch. Port.*, III, 109; em outras terras vizinhas adquiri pondera de barros. Todos estes factos se completam uns aos outros.

Se agora accrescentar que na mesma região existem castros, e pelo campo se tem encontrado instrumentos neolithicos e outros de cobre ou bronze, o que tudo obtive,— chegámos a conclusão, que para grande número de concelhos de Portugal se pôde tirar, de que no de Penalva do Castello, ou de Castendo, que é a mesma cousa, se manifestam vestigios da civilização prehistoricaria, protohistoricaria e romana. Incidentemente notarei que no nome de *Penalva*, que se decompõe em *Pena-alva*, entra o elemento PENA, que significa o mesmo que «penha»; quanto a *Castendo*, este nome é o latim *CASTANETVM*, que se transformou primeiro em **Castædo*, e successivamente em **Castædo*, *Castendo*.

Ao terminar esta nota, agradeço ao Sr. Manoel de Albuquerque, e ao Sr. Antonio Ferreira Vianna, ao primeiro os esclarecimentos que me deu por cartas, e ao segundo a lhaneza com que, na ausencia do Sr. Albuquerque, dono da quinta, me permitiu que eu entrasse nella e estudasse as tres primeiras lapides. Da 4.^a lapide só tive conhecimento, como disse, depois do meu regresso á capital.

2. Marcas figulinhas

No Museu particular do meu amigo o Sr. Dr. Teixeira de Aragão existem varios objectos de barro, romanos, do Algarve, com marcas que aquelle Sr. me permittiu copiar. Eis-las:

1.^a

Deve evidentemente interpretar-se por ALEXAN(*dri*). Numa lucerna.

2.^a

Isto é: *ex of(ficina) Lucan(i)*. Noutra lucerna.

3.^a

Noutra lucerna: B

4.^a

FIG · GEM
ELLIAN....

Isto é: *fig(lina) Gemellian[i]*. Numa asa de amphora, proveniente da Torre d'Ares.

J. L. DE V.

Picote (Miranda-do-Douro)

Ha mais de um anno que o meu amigo José Antonio Fernandes de Carvalho, Rev.^{do} Reitor de Picote (Miranda-do-Douro) me enviou para o Museu de Bragança cinco lindas lapides funerarias romanas de marmore manchado, cujos desenhos tirados na escala de $\frac{1}{8}$ (os quatro primeiros) e na de $\frac{1}{5}$ (o último), são os seguintes:

2. Marcas figulinhas

No Museu particular do meu amigo o Sr. Dr. Teixeira de Aragão existem varios objectos de barro, romanos, do Algarve, com marcas que aquelle Sr. me permittiu copiar. Eis-las:

1.^a

Deve evidentemente interpretar-se por ALEXAN(*dri*). Numa lucerna.

2.^a

Isto é: *ex of(ficina) Lucan(i)*. Noutra lucerna.

3.^a

Noutra lucerna: B

4.^a

FIG · GEM
ELLIAN....

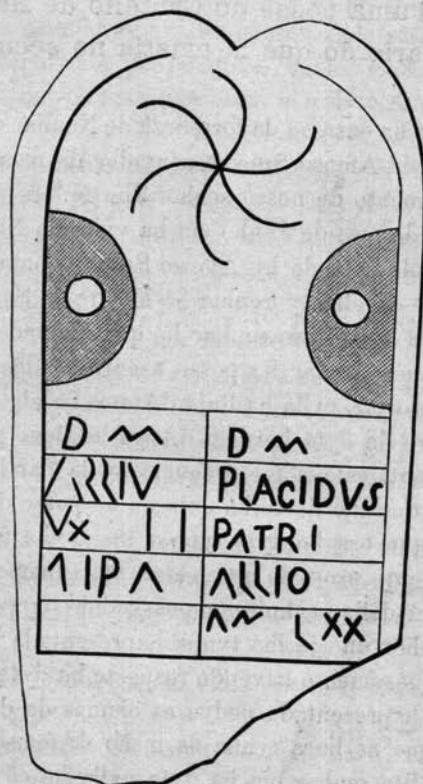
Isto é: *fig(lina) Gemellian[i]*. Numa asa de amphora, proveniente da Torre d'Ares.

J. L. DE V.

Picote (Miranda-do-Douro)

Ha mais de um anno que o meu amigo José Antonio Fernandes de Carvalho, Rev.^{do} Reitor de Picote (Miranda-do-Douro) me enviou para o Museu de Bragança cinco lindas lapides funerarias romanas de marmore manchado, cujos desenhos tirados na escala de $\frac{1}{8}$ (os quatro primeiros) e na de $\frac{1}{5}$ (o último), são os seguintes:





Já anteriormente o mesmo Sr. me havia mandado, com identico destino, algumas moedas de bronze romanas e uns pequenos objectos de cobre muito curiosos de que desconheço ainda a serventia, tudo encontrado no termo da mesma povoação.

Estes achados despertaram-me o desejo de ir visitar o lugar, que me parece ser muito importante archeologicamente, e ahi pessoalmente colhêr todas as informações que pudesse esclarecer o seu passado. Como me não tenha sido possivel realizar tal digressão, nem veja probabilidades de a fazer tão depressa, resolvi publicar os monumentos epigraphicos, chamando a attenção do leitor para o que a respeito d'esta aldeia diz *O Arch. Port.*, vol. I, pags. 11-12.

Bragança, Julho 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

**Auto d'uma posse do Castello de Noudar
e inventario do que lá existia no seculo XVI**

«Auto da posse da entrega da fortelleza de Noudar que foemtregue ha Luis dAmtas per Afonso Sueyro contador do mestrado dAvys.

Anno do nacemento de nosso senhor Jhu X.^o de mj^l b^c xbj (1516) annos a tres dias do mes de Junho em ha vylla de Noudar em ha fortelleza da dyta vylla estando hy Afonso Sueyro contador do mestrado dAvys pollo muyto excellenty Senhor ho Mestre de Santyago he dAvys duque de Coymbra etc. nosso senhor ho qual contador hera vyndo ha dyta vylla pera auer de dar ha posse e entrega da dyta fortelleza e alcaydarya mor da dyta vylla ha lrujs dAmtas fydalgo da casa do dyto senhor he cavaleiro da dyta hordem dAvys he llogo per ho dyto Lujs dAmtas que presentj estava foemrrequerydo da partj do dyto senhor ao dyto contador que lhe desse ha entrega he posse da dyta fortelleza e alcaydarya de que ora ho dyto senhor lhe tynha feito merçee he o tynha ora novamentj provydo por estar vaga per mortj de llopalvarez de Moura que della foemhultymo possyodor (*sic*) per vertude de húa carta do dyto senhor que ja lhe tynha hapresentada he visto ho dyto contador seu rrequerymento havendo respecto ha dyta carta da merçee que lhe ja tynha hapresentada pedyo as chaues da dyta fortelleza ha rruy ffernandez que as hora tynha da maão dAfomso Vaz almoxarife he feitor por ho dito senhor em ha dyta vylla he cõ as dytas chaves sse foemha torre da menajem e a fez despejar de toda gentj he meteo ho dyto Lujs dAmtas em ha dyta torre he lhe dysse que çarrasse has portas sobre sy como de feito as çarrou e fycou soo demtro he de fora lhe fez pergunta ho dyto contador sse estava em sua lyberdade e elle respondeo que ssy e emtam lhe dysse que as habrysse he çarrasse sobre ssy como de feito as habryo e çarrou dizendo ho dito contador que per virtude da dyta carta hobedeçemdo haos mandados do dito Senhor ho avya por entregue da dyta menajem he do alto he do bayxo da dyta fortelleza he que lhe rrequerya e encomendava da parte do dyto Senhor que a defemdesse dos enfyees e ally lhe entregou ha chave da dyta menajem he dally se deçeo cõ ho dyto alcayde mor ao pateo do dyto castello correndo primeiramentj todo ho muro he cobellos delle e ha porta da dyta fortelleza fez outra tal dallygencia dizendo que o avya por entregue da dyta forteleza do alto he do baxo della he da dyta alcaydarya mor cõ todos seus direitos he pertenças que per direito lhe pertencem segundo se contem na carta *da merce do dyto senhor*

e ally lhe entregou todallas chaves da dyta fortelleza cõ todallas couzas que nella forã hachadas he lhe requereo da partj do dyto senhor que elle trouuesse ha dita fortelleza he couzas della melhoradas he nã pejoradas sendo certo que perdemdosse ha sua mingoa que se refara per sua fazenda he de seus herdeiros e o dyto Luis Dantas se ouue por em posse da dyta fortelleza he couzas della na maneyra que abaxo vae declarado e mandou ho dyto comtador que com ho theor deste auto lhe fosse dado hũ estromento publico pera sua guarda. Testemunhas Luis Gonçalvez morador em Vallença he o dyto Ruy Fernandez morador em Moura he Bastiã Pirez morador em termo da dita vylla e outros e eu frey Nuno prior da dita vylla que per requerimento do dyto contador he por serviço do dyto Senhor estj auto escrepy por ho tabelliam nõ ser na terra nẽ outra persoa que o podese fazer he pera maes fyrmeza della foe hassynado por ho dyto contador e alcayde mor e testemunhas.—*Luis dantas—Afonso Soeyro=Ruy Fernandez=Bastiã Pirez (uma cruz)=Pero Afonso.*

E dada asy a dita posse como dito he o dito contador proveo sobre as couzas que estauã na dita forteza pera averẽ de ser entregues ao dito alcayde moor e o que per elle foy achado he esto que se ao diante segue:

it. na torre da menagem em cima antre as ameas hũua cãpãa que serve cõ as vellas.

it. a casa que estaa em cima de todo da dita torre estaa derribada e no chão e toda agoa que nela cay cala a torre e vay abayxo.

it. a cisterna que estaa na dita torre cõ seu bocall ajnda bẽ corregido e a cisterna cõ agoa.

it. vindo pera bayxo da dita torre hũ portado que say da serventya da torre pera cisterna da dita torre cõ duas portas cõ duas armelas e sem ferrolho nem fechadura e hũa delas tem a couceyra quebrada.

it. logo jûto cõ a dyta porta huña grade de pao cõ que se fecha a seruentya da dita torre.

it. abayxo desta aboboda onde estaa a cisterna outra casa dabo boda em que estam estas couzas que se seguem, na quall aboboda estaa hũ portado que caie no andar do muro cõ hũas portas já velhas chapadas e cintadas de ferro cõ seu cadeado e chaue.

it. dentro na dita aboboda tres lagartixas de metal ēcayxadas em suas coronhas.

it. sete espingardas ēcayxadas em suas coronhas.

it. mays treze espingardas sem coronhas.

it. hū paão de salitre cõ dous pedaços e hūa pouca de polvora em huū barrill velho.

it. sete armaduras de cabeças muito amtigas e muito velhas e quebradas.

it. hūa faldra e goçetes de malha grossa muito ferrugenta e easy podre.

it. outros boçetes da mesma sorte e ferrugentos.

it. hū alpartaz (?) de malha muito ferrugenta e podre.

it. hū matalote velho quebrado, em que jaz ysto que se segue .s.
xbij pelouros despingardas de chunbo.

it. *seys pelouros de pedra* de bombardas.

it. duas camaras de bombardas grandes.

it. outra camara de bonbarda grossa.

it. outras tres camaras de bombardas grosas mays pequenas hū pouco.

it. mays ix camaras de bombardas mays pequenas.

it. sete gornjçees de ferro cõ que se arrecadã as bombardas nas coronhas.

it. outra camara pequena de ferro.

it. dous carnequins darmar beesta forte.

it. quatro ferros de chuças.

it. hūa beesta daço cõ seus armatostes.

it. hūa coronha de beesta.

it. hūa darga velha toda acuitelada.

it. dous cantaros de cobre.

it. hūa porta velha que parese de janela.

it. hū pote pequeno quebrado.

it. outro pote pequeno de ter azeyte.

it. hū louceyro velho.

it. coxote velho de duas peças.

it. hūa *tr̄pem*. it. hūa fateyxa de ferro.

it. hū martelo de bonbardeiro.

it. sejs ellos de fferro. it. hū barão do tronco.

it. quattro machos.

it. vimdo da dita torre pela seruyntya do muro, hū portado peras casas novas que se ffizerã junto cõ ha dita torre e no dito portado duas portas novas de madeira dazinho que tem ferrolho sem fechadura. E nesta primeira casa que serue de camara duas janelas cõ suas portas s̄ aldrabas, he no outro portado que say pera sala que auja de ser hūas portas da dita sorte que tem ferrolho e fechadura sem chave e esta casa está madeyrada e telhada de novo e mal rrepayrada do te-

lhado. It. na dita casa húa trepeça de pao de gujnee quebrada de húa cabo e dous bancos velhos e húa taypal velho tudo en húa barra, e húa porta velha e tres paaos pequenos que parecẽ fornazinos que saj pera casa que estaa por cobrir. It. outra porta velha em que estaa húa banca.

it. da dita camara se faz húa serujntya per húa escada de maão cõ húa portá dalça poem pera húa sotão debayxo da dita camara em o qual sotão estam estas cousas que se seguẽ: it. húa tronco de pao. it. húa pote sem fundo. it. húa quarto de pao desfundado de húa parte. it. outro pote pequeno de ter vinho. it. duas portas velhas e no portado do dito sotão que say pera o pateo do castello húas portas novas sem ferrolho nem fechadura.

it. outra guornicã de ferro grande de bonbarda.

it. outra casa que começarã pera salsa que nõ tem senã as paredes e nã ajnda acabadas. it. dentro na dita casa húa pote grande de ter vinho que levara R^{ta} (40) almudes.

it. nabobeda da torre da menagem mays debayxo húas portas novas cõ armelas sem cadeado nem ferrolho. it. duas portas arrezoadas. it. húa tauoa e húa couceyra dazinho. it. oyto bombardas antre grandes e pequenas as tres sem coronhas e as outras cõ coronhas velhas.

it. as portas da fortaleza já velhas cõ seu ferrolho muito grosso de dentro e sua fechadura e chauie e seu batente de fora.

it. xxxij virotes que forã laurados pera o corpo da salsa. it. dous quadraees.

it. duas linhas pera salsa. it. mays dous virotes da sorte dos de cima.

it. mays trinta e cinco fornazinhos pera salsa.

it. no andar do muro o cubelo que se chama dos namorados todo descuberto e as paredes pera cayr.

it. o outro cubelo de deante em que dormem as velas cuberto mas estaa pera cayr.

it. o outro cubelo de diante todo derribado.

it. todallas outras casas do dito castello todas derribadas e sem telhados sóomente húa que estaa a entrada do castelo que ora serve destrebarja meya cuberta de telha e meya de cortiça bem mal rrepayrada e todalas outras descubertas soomente duas delas que cada húa tem sua penca de telha em cima que se podem dizer pardeeyros e nam casas.

it. em todallas outras portas da villa nõ ha hy nenhúas portas senã húa so porta quebrada que jaz no chão.

it. huú caldeyrão de cobre grande e boõ cõ duas asaas.

it. outro caldeyrão pequena de cobre sem asaa e muito quebrado.

it. a porta de Pero Gomez huña talha grande nova e boa e tem duas fendas.

it. e dentro em sua casa outro pote pequeno que leuara cinco ou bj almudes.

it. huña banca de quatro pees. it. dous mancays de ferro de Jugar,
it. huña arca velha sem fundo e sem tampa que estaa em casa de
Acenço Gonçalvez que tem dentro estas couisas .s. huña bygorna de
ferro. It. quatro estribos pequenos velhos.

it. hūa segurelha datafona.

it. hū pedaço de cobre muito velho que foy de caldeyrão.

it. hū ferrolho grande e grosso cõ sua fechadura que foy da porta
da uyla sem chaue.

it. hū castiçall pequeno velho de Fusleyra (?).

it. huña crestadorya de ferro grande e compryda.

it. hū cantaro de cobre velho.

it. hū baçio cõ sua capela em cima e suas cadeyas que serue na
lampada da jgreja.

it. dous potes pequenos .s. hū de ter vinho que leuara bj almudes
e outro mays pequeno quebrado.

it. outro pote de ter vinho que leuara bij almudes.

it. huña rroda .s. o aroo de fiar sem o banco.

As quaes couisas acima espiritas que foram achadas na dita fortaleza e na dita villa todas foram entregues ao dito Luis Damtas alcayde moor em sua pesoa per vertude de huñ alvara do mestre noso senhor per que sua Senhoria mandou que lhe fossem entregues e por certeza dello o dito alcayde moor asynou aqui. Testemunhas que foram presentes frey Nuno prior da dita villa perante quem se fez o dito enventayro, o qual assignou aqui cõ o dito alcayde moor e Pero Gomez—*Luis dantas=Frey Nuno Camello prior¹*.

«Yo Alfonso Sanches² de Vera escribano de la mucho noble cibdad de Seujlla vi vna carta del Rey don Donis de Portogal en que Rogaua a don Pedro de Vallascos e a los Regidores de Seujlla que le mandasen dar vna certidã de las cosas de Nodar e se pagaua al arçobispo alguno diezmo o al Rey alguno tercio y elles me mādarō que le bus-

¹ Archivo Nacional—Ordem de Avis, maço 1.^º

² Em antigo castelhano e em gallego muitas vezes os patronymicos erão escriptos sem z no final, como é de uso geral hoje naquellas linguas, e se pretende reintroduzir em português.

case esto e yo fue a casa del secreto e halle ay vn lybro forrado de vn cuero Roxo lo que se syge:

it. Nodar es de la orden de Çistel e nõ paga terçio al Rey ni al arçobispo dyzmo por que de todo hes franco por ser tierra de la ygle-sia e los que biuē en la tierra de Nodár todos pagā diezmo e Racion y ervaje y trebutos al señorio de Nodar e todas otras comedias syn Seujlla tener otro diezmo saluo quando vā a las guerras de los moros ha de seruir con ella o otras cosas semejantes a este caso e el termino de Nodar es entre Mortigo y Ardila e lleua los Rios aqima e de una parte va Mora e de la otra Morō y asy va partiendo cō Aroche y Enzina Sola e de la otra parte cō Valençia de Mōbuey e cō Olyu.^a e cō Xerez de Badajos.

E esto hallado en lo lybro me mādo don Pedro de Vallascos asistente de la mucho noble çibdad de Seuylla que lo dyse ya publico a un Pedro Nunez vasallo del Rey don Donys de Portugal yo lo de asy en la çibdad de Seuylla a veinte e cinco dias de abril de la hera de nuestro señor Jhu xpo de myll e trezientos e cinco años. Alvaro Sanches de Vera escribano publico de la noble çibdad de Seuylla lo fez escrevir segund que ante mj paso^{4»}.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

O Paço ducal de Barcellos

Sobranceiro á ponte de rio Cávado existe na villa de Barcellos um velho edificio de cantaria, cujas ruinas denunciam ter sido alcaçar solarengo; com effeito são estes os restos da célebre vivenda do último Conde de Barcellos e dos primeiros Duques de Bragança.

Ainda se erguem de pé as paredes de silharia com portas ogivais e janellas quadradas; o tubo da chaminé resta quasi intacto, apesar da sua altura.

⁴ Archivo Nacional—Ordem de Aviz, maço 3.º, 1.º pacote. [Juntei aqui a cópia d'este documento por ser interessante para a historia do castello de Noudar, vendido ha poucos annos pelo Ministerio da Guerra a um distinco cavalheiro hespanhol. O proprietario do castello conserva com o devido cuidado uma inscrição portuguesa, na qual se dá conta da fundação da fortaleza referida. No livro das *Fortalezas do Reino*, que tem por autor Duarte de Armas, vem as plantas de Noudar, tiradas no tempo em que Lopo Alvares de Moura, o antecessor de Luiz Dantas, era Alcaide Mór].

case esto e yo fue a casa del secreto e halle ay vn lybro forrado de vn cuero Roxo lo que se syge:

it. Nodar es de la orden de Çistel e nõ paga terçio al Rey ni al arçobispo dyzmo por que de todo hes franco por ser tierra de la ygle-sia e los que biuē en la tierra de Nodár todos pagā diezmo e Racion y ervaje y trebutos al señorio de Nodar e todas otras comedias syn Seujlla tener otro diezmo saluo quando vā a las guerras de los moros ha de seruir con ella o otras cosas semejantes a este caso e el termino de Nodar es entre Mortigo y Ardila e lleua los Rios aqima e de una parte va Mora e de la otra Morō y asy va partiendo cō Aroche y Enzina Sola e de la otra parte cō Valençia de Mōbuey e cō Olyu.^a e cō Xerez de Badajos.

E esto hallado en lo lybro me mādo don Pedro de Vallascos asistente de la mucho noble çibdad de Seuylla que lo dyse ya publico a un Pedro Nunez vasallo del Rey don Donys de Portugal yo lo de asy en la çibdad de Seuylla a veinte e cinco dias de abril de la hera de nuestro señor Jhu xpo de myll e trezientos e cinco años. Alvaro Sanches de Vera escribano publico de la noble çibdad de Seuylla lo fez escrevir segund que ante mj paso^{4»}.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

O Paço ducal de Barcellos

Sobranceiro á ponte de rio Cávado existe na villa de Barcellos um velho edificio de cantaria, cujas ruinas denunciam ter sido alcaçar solarengo; com effeito são estes os restos da célebre vivenda do último Conde de Barcellos e dos primeiros Duques de Bragança.

Ainda se erguem de pé as paredes de silharia com portas ogivais e janellas quadradas; o tubo da chaminé resta quasi intacto, apesar da sua altura.

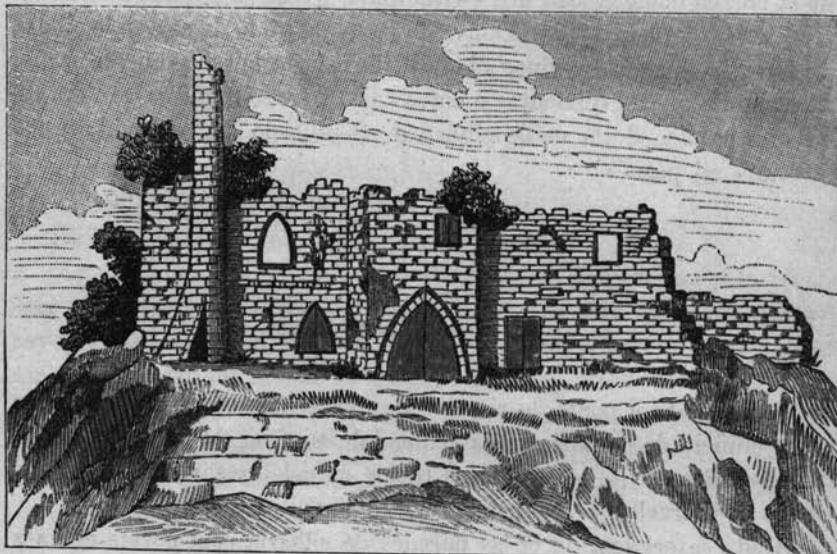
⁴ Archivo Nacional—Ordem de Aviz, maço 3.º, 1.º pacote. [Juntei aqui a cópia d'este documento por ser interessante para a historia do castello de Noudar, vendido ha poucos annos pelo Ministerio da Guerra a um distineto cavalheiro hespanhol. O proprietario do castello conserva com o devido cuidado uma inscrição portuguesa, na qual se dá conta da fundação da fortaleza referida. No livro das *Fortalezas do Reino*, que tem por autor Duarte de Armas, vem as plantas de Noudar, tiradas no tempo em que Lopo Alvares de Moura, o antecessor de Luiz Dantas, era Alcaide Mór].

A planta não é espaçosa, e apenas se compõe de tres divisões, voltadas ao sul, medindo a fachada do norte uns 20 metros.

Os telhados ha muitos annos que lhe cairam.

Havia um passadiço para a torre da igreja matriz, onde estava a collegiada. Este palacio foi mandado edificar por D. Affonso, filho bastardo de el-rei D. João I, nono conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança, nomeado por mercê de seu sobrinho no anno de 1442.

O conde D. Affonso, casando em 1401 com D. Brites Pereira, filha do condestavel Nun'Alvares, recebeu d'este em dote o condado barcellense, e em 1410 teve a doação dos padroados do Neiva, Aguiar de Neiva, Faria, Duque, Vermoim, etc.; falleceu em Chaves no anno de 1471, havendo casado segunda vez com D. Constancia de Noronha; do primeiro matrimonio teve tres filhos.



D. Affonso acompanhou seu pai á tomada de Ceuta, trazendo de lá como despojos umas columnas de alabastro do alcacer de Çala-ben-Çala, e varios marmores das melhores portas e janellas da cidade para ornar os seus palacios de Portugal: uma das ditas janellas foi extrahida completa por causa de seus excellentes labores que enviou para este seu Paço de Barcellos, bem como os melhores fustes mouriscos.

Sabemos tambem que o mesmo duque trouxe o tecto dourado da camara do Alcaide, trabalhado em calambuco ou aloé, e duas mesas, uma para seu serviço, e outra que offereceu á ermida de Nossa Senhora da Franqueira, para altar-mór.

Vê-se, pois, que este palacio andava em construcçao ao tempo da conquista de Ceuta em 1415; bem prova a sua architectura ser edificação do seculo xv.

O segundo Duque D. Fernando viveu alguns annos neste solar, porém os seus descendentes o abandonaram pelo de S. Christovão de Lisboa, e de Villa Viçosa, fundado em 1501.

Desde o terramoto que a residencia de Barcellos jaz erma e reduzida a monumento patente da incuria nacional. Dos columnellos arabes e janella marroquina ha muito que não restam vestigios, e cremos hajam sido applicados num palacio da capital.

Sobre umas das portas meridionaes consta estar collocada a estatua de um cavalleiro, mas esculpturada no seculo passado, segundo as averiguações; ao pé numa lapide lia-se a inscripção consagrada á Immaculada Virgem Maria por D. João IV.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

277. Lisboa (Extremadura)

Antiguidades romanas. — Inscriptões latinas e portuguesas

Freguesia de Santa Maria Magdalena. — «Tinha esta freguezia tres mil e setecentas pessoas de sacramento em outocentos fogos nas nas ruas seguintes: Rua da Corrieiria, Rua do Terreiro de Martines: neste sitio desmanchandose á poucos annos as cazas chamadas da Merciaria quazi á flor da Terra se acharão várias antiguidades e inscripsoens Romanas em que se mostrava que em aquelle Lugar houvera hū Templo dedicado a Cybelles May dos Deozes, o que consta das pedras que se puzerão na mesma Propriedade, e de outras que os officiaes meterão nos alicerces com muitas colunas e semalhas Romanas o que tudo mostra o Reverendo P.^o D. Thomas Caetanno de Bem, Clerigo Regular em hūa obra que deo ao prello sobre esta materia. O que bem mostra ser este o sitio honde os Santos Martires de Lisboa forão martirizados.

Tão bem na Torre desta Igreja se achava hūa Pedra sepulchral a qual a ignorancia de hūa pessoa mandou cair quando em o ditto Lugar se poz hūa crux, e he a mesma de que falla Marinho nas Gran-

Vê-se, pois, que este palacio andava em construcçao ao tempo da conquista de Ceuta em 1415; bem prova a sua architectura ser edificação do seculo xv.

O segundo Duque D. Fernando viveu alguns annos neste solar, porém os seus descendentes o abandonaram pelo de S. Christovão de Lisboa, e de Villa Viçosa, fundado em 1501.

Desde o terramoto que a residencia de Barcellos jaz erma e reduzida a monumento patente da incuria nacional. Dos columnellos arabes e janella marroquina ha muito que não restam vestigios, e cremos hajam sido applicados num palacio da capital.

Sobre umas das portas meridionaes consta estar collocada a estatua de um cavalleiro, mas esculpturada no seculo passado, segundo as averiguações; ao pé numa lapide lia-se a inscripção consagrada á Immaculada Virgem Maria por D. João IV.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

277. Lisboa (Extremadura)

Antiguidades romanas. — Inscriptões latinas e portuguesas

Freguesia de Santa Maria Magdalena. — «Tinha esta freguezia tres mil e setecentas pessoas de sacramento em outocentos fogos nas nas ruas seguintes: Rua da Corrieiria, Rua do Terreiro de Martines: neste sitio desmanchandose á poucos annos as cazas chamadas da Merciaria quazi á flor da Terra se acharão várias antiguidades e inscripsoens Romanas em que se mostrava que em aquelle Lugar houvera hū Templo dedicado a Cybelles May dos Deozes, o que consta das pedras que se puzerão na mesma Propriedade, e de outras que os officiaes meterão nos alicerces com muitas colunas e semalhas Romanas o que tudo mostra o Reverendo P.^o D. Thomas Caetanno de Bem, Clerigo Regular em hūa obra que deo ao prello sobre esta materia. O que bem mostra ser este o sitio honde os Santos Martires de Lisboa forão martirizados.

Tão bem na Torre desta Igreja se achava hūa Pedra sepulchral a qual a ignorancia de hūa pessoa mandou cair quando em o ditto Lugar se poz hūa crux, e he a mesma de que falla Marinho nas Gran-

dezas de Lisboa, Liv. 3, cp. 5, f. 223. A rua das Pedras Negras: em esta no cunhal de hūas cazas que estavão defronte da Travessa que hia para a Fancaria de sima estava hūa inscripção romana que hera a basi de hūa Estatua que a Cidade de Lisboa levantou a Lucio Vero como traz Marinho nas Antiguidades de Lisboa, Liv. 3, cp. 25, fl. 278». (Tomo xx, fl. 819).

«Huma dellas (*das ermidas*) e o mais antiga hera a do Hospital dos Palmeiros da Invocação de Nossa Senhora de Belém, hera Albergaria de pobres a quem davão cama, Agua e candeia por tres dias: chamavase dos Palmeiros por que nelle se recolhião os peregrinos que vinham de Jerusalém aos quaes chamavão palmeiros por trazerem palmas (como os de São Tiago vieiras) fundousse no anno de 1330¹ como constava de hū Letreiro que estava no, porta do mesmo Hospital que dizia assim:

ESTE HOSPITAL HE DOS POBRES PALMEIROS
E PEREGRINOS E RESGATADOS DELLE, E DE OUTRO HOSPI-
TAL DE CASILHAS PERTO DE ALMADA OS HONRADOS
CONFRADES DESTA CIDADE DE LISBOA NA ERA DE 1330.

(Tomo xx, fl. 820).

Freguesia de S. Martinho. — «Entre a Capella de S. Francisco e o cunhal do Arco do coro esta hū nicho que foi feito para confesionario no qual está hūa pedra que dá noticia da morte de hū Prior desta Igreja em o Letreiro seguinte:

DECIMO TERCIO KALENDAS FEBRUARII HIERONYMUS
RAMIRUS HUJUS ECCLESIAE PRIORUS PRAEFECTUS OBIT
ERA DE MIL E DUZENTOS E VINTE HUM

Daqui se colhe a antiguidade que tem o Priorado desta Igreja, pois da morte daquelle Prior ateh o prezente anno de 1760² em que faço esta declaração se contão 539 annos.

Tem alem da dita antiguidade que he authentica e se comprova com a segunda fundação desta Igreja feita no anno de 1634 por estar a primeira já muito arruinada e velha a regalia de ter sido capella

¹ Anno de Christo de 1292.

² Numero redondo.

real no anno de 1354 em que reinava El Rey D. Fernando que assistia no Paço do Conde João Fernandez Andeiro que hoje serve de habitação de prezos chamada Limoeiro.

Em 11 de Novembro de 1634 annos, dia de S. Martinho se lhe lançou a primeira pedra á sua Igreja a qual fez o Conde de Villa Nova D. Gregorio de Castel Branco á sua custa depois da Missa do dia o dito Conde e muitos parentes seos e o Prior da dita Igreja o Dr. Simão Torrezão Coelho Inquisidor que então era da Meza pequena levárao a dita pedra com muita festa e a lancarão em o fundamento do cunhal da Igreja sobre que está fabricado o Arco do Passadisso que hia das caças do Conde para a tribuna (e não lhe deitarão ouro nem prata) está cuberta a dita pedra com outra a qual tem hum IHS aberto ao antigo e já servio de cuberta á pedra que se achou no fundamento da Igreja velha a qual foy feita em a era que se pode collegir de húa pedra que se achou na sepultura do primeiro Prior.

Escriptura que esta em a pedra que se lançou á Igreja nova:

ANNO A XPO NATO M. D. C. XXX. IV.

SEDENTE AD ECCLESIAE ROMANAEC CLAVUM URBANO VII
P. M. IMPERANTE PHILIPPO, HISPANIARUM 4.^o et 3.^o HUJUS
NOMINIS LUSITANIAE REGE; ECCLESIAM ISTAM, DIVO
MARTINO TURONEN' EPISCOPO, ET PAUPERUM PATRI
DICATAM; TEMPORUM INJURIIS, JAM, AC VETUSTATE LA-
BANTEM: AVITA PIETATE, ET REGIA MAGNIFICENTIA,
PROPRIIS IMPENSIS; ITERUM A PRIMIS, EREXIT FUND-
MENTIS; ET IN ELEGANTIOREM FACIEM, QUAM QUONDAM
HABUERAT RESTITUERE CURAVIT, D. D. GREGORIUS A
CASTEL BRANCO, COMES VILLA NOVAE SORTELLIAE, ET
GOESIAE DOM' DYMNSTA; REGIIQUE CORPORIS CUSTOS
MAXIMUS: XI QUE NOVEMBRIS DIE, EIDEM SANCTISS'
PRAESULI, SACRO, PRIMO ISTUM LAPIDEM JECIT

(Tomo xx, fl. 836).

278. Lobrigos (Beira)

Minas de ouro

«Tem nos Lemites da freguesia de Santo Antonio de Alvacois huas minas junto ao mesmo Rio Corgo nas quaes se tem tirado ouro ha menos de sincoenta annos por ordem de Sua Magestade que Deos Guarde, e ha certeza que no mesmo sitio ha ainda ouro que se possa

tirar, principalmente em hum posso do mesmo rio chamado Pego Negro, por informação do mesmo Mineyro que tirou o das Minas». (Tomo xxi, fl. 1007).

279. Longa (Beira)

Fortaleza dos Mouros

«Perto da villa para a parte do Norte há hum monte bastante-mente levantado no alto do qual se vê ainda hoje hum pedaço de muro, ou muralha fabricado de pedra miuda, e argamassa, ou bitume de admiravel segurança, tendo para a parte do Oriente huma porta de entraida, e no meyo do cabeço huma cadeira de pedra lavrada, que mostra ter servido de solio de julguador, ou magestade dominante, sendo o cabeço pelas outras partes inacessivel. Ha traddição que foy assento e fortaleza de Mouros. Chamasse o Muro o dito Monte». (Tomo xxi, fl. 1081).

280. Langroiva (Beira)

Mina de antimonio

«No destrito desta villa não ha serra que se faça especial menção porque tudo são fraguas e Cabeços de cujas pedras se podia fazer huma grande Cidade, e so no fundo de huma Ladeira aonde chamão o Pisco se abrio huma mina de pedra que parecia prata que para evitar a ambição e ruina dos ambiciozos foi precizo mandarse emtupir por justiça que aviriguada a dita pedra se asentou pelos experimentados ser Antimonio, por cujo respeito ficaram sentidos os que della se tinhão aproveitado. He todo este distrito abundante de Perdizes, Coelhos e Lebres, livres para quem as quizer caçar, assim elles vieram ter a porta». (Tomo xxi, fl. 1110).

281. Loriga (Beira)

Penhas insculpidas. — Pedra encavallada

«Está situada esta villa em o meio de sete cabessos, tres para a parte do nasente, chamados hum a Perna do Judeo, thomou este nome por ce achar huma perna de hum homem pintada ou esculpida em huma fraga do mesmo cabesso; outro chamado a Penha do Gato tem este nome por ce achar nelle algum dia a figura de hum gato esculpida; e outro chamado a Fermoza nam consta donde thomou

este nome. Tem dois para a parte do poente hum chamado a Penha de Aguaia, e outro a Cabesa de Castello tomou este nome do tempo dos mouros ainda houje ce concerva nelle vestijos dos alicerces dos mouros. Tem outros dois para a parte do norte chamado o Cabeso de Sam Bento por nelle ce achar huma Imagem do glorioso Sam Bento, e outro da parte do sul chamado a Pedra Incavalada por ter huma grande Pedra atravessada em o simo do dito cabeso». (Tomo xxi, fl. 1147).

282. Louredo (Beira)

A pégadinha de Nossa Senhora

«Nam tem couza digna de memoria mais do que em huas pedras ó (ou) fragas duras acharçe sahida húa lasca do feitio de húa soleta de sapato aonde se lhe poz hua crux de pedra, e as gentes de munto longe que pasão a venerão dizendo que nas suas terras lhe chamão a Pegadinha de Nosa Senhora». (Tomo xxi, fl. 1186).

283. Lousã (Beira)

Castello do tempo dos Mouros

«Tem hum Castello antigo do tempo dos Mouros onde se dis foi antigamente povoação. Está situada entre duas serras e no simo de hum despinhadeiro, que cahe para a ribeira de São João ainda se conserva direito, e com paredes fortes dista desta villa menos de meyo quarto de legoa». (Tomo xxi, fl. 1308).

284. Lufrei (Entre-Douro-e-Minho)

Tumulos

«Não ha memoria digna de credito de que floreessem ou sahissem desta freguezia homens por qualquer respeito insignes: sendo que algú indicio de que algú tempo os houve parece estão dando tres tumulos levantados da terra com cobertas de pedra tambem inteira lavrados em forma aguda por todo o seu comprimento, os quais se não achão por algú outra destas vizinhanças. Em dous destes tumulos se divizão alguns vestigies de nome que se lhe abrio ao cizel, mas por que o tempo corrompeo as Letras não se pode já averiguar o que era nem na memoria dos homens ha tradição de quem fossem os sujeitos que nelles se sepultarão». (Tomo xxi, fl. 1337).

285. Lumiar¹ (Extremadura)

Inscrição portuguesa

«..... todos tres se acham sepultados na Capela da mesma Sancta em sepulturas separadas de pedra, e na parte de fora da mesma capella em huma das sepulturas se lê o seguinte Letreyro:

AQUI NESTAS TRES SEPULTURAS JAZEM
 EM TERRADOS OS TRES CAVALEYROS IBERNIOS
 QUE TROUXERAM A CABEÇA DA BEMAVEN
 TURADA SANCTA BRIGIDA VIRGEM NA-
 TURAL DE IBERNIA, CUJA RELIQUA ES-
 TÁ NESTA CAPELLA EM MEMORIA DA
 QUAL OS OFFICIAES DA MEZA DA BEMA-
 VENTURADA SANCTA MANDARAM FAZER
 NO ANNO DE MIL DUZENTOS E OYTENTA E
 TRES.

(Tomo xxi, fl. 1353).

286. Luz (Algarve)

Torre. — A cidade das Andas

Freguesia de Nossa Senhora da Luz, termo de Lagos. — «Junto a Igreja Parochial á parte do sul está huma torre muito antiga junto ao mar em sima de hum rochedo bacho, que servia de fazerem della vigia, sobindo por escada de corda para tocarem a rebate com hum sino que tinha; porque os mouros costumão antigamente fazer nesta dita praia desembarques em lanchas. Consta que por duas vezes rombarão as portas da Igreja, as quais se conservão ainda para memoria com os golpes de machados..... etc.» (Tomo xxi, fl. 1364).

Freguesia de Nossa Senhora da Luz, termo de Tavira. — «O qual Rio he feyto *ex vi* das Barras, que se acham nestas duas terras referidas (*Tavira e Faro*), e por onde o dito rio tem seo curgo ou carreyra ha noticia fora em algum tempo estrada publica para as sobreditas terras Faro e Tavira e outro sim tenho noticia que do sitio do Arroyo the ao porto da Pedra, lemites desta freguezia, que confinão com o dito Rio havia huma Cidade chamada a cidade de Antes, que vulgarmente hoje lhe chamão as Andas², que foy tomada

¹ Em latim apparece umas vezes *Luminare* outras *Liminare*.² Na conquista do Algarve, *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», 417.

aos Mouros em tempo de Dom Payo Peres, da qual ainda hoje ha vestigios de pedrarias lavradas que se tem descuberto na cultura das fazendas de que se acha povoados os ditos dois Lemites». (Tomo XXI, fl. 1369).

287. Luzellos (Tras-os-Montes)

Fonte Benta. — Minas de estanho

«Ha nesta terra trez fontes de Agoa comua e nenhuma de especial virtude midicinal; e somente perto della junto ao lugar de Misquel em distancia de hum coarto de legoa deste lugar para o Poente se acha huma fonte, que o vulgo chama Fonte Bieita, corrupto vocabulo de Fonte Benta, por haver tradição ter sido benta pello veneravel Senhor Dom Frei Bartholomeu dos Martires, Arcebispo que foi de Braga, que tem virtude para curar os minimos enganidos, ou entrevados que sendo lavados nas suas aguas ou morrem ou saram logo». (Tomo XXI, fl. 1383).

«Ha neste lugar minas de estanho fino, que se abriram ha muitos annos e ouve nelle fabrica de estanho em humas casas que se acham situadas no Lugar já arruinadas, e as minas fechadas». (Tomo XXI, fl. 1384).

288. Macedos-dos-Cavalleiros (Tras-os-Montes)

Chave de S. Pedro

«..... somente haver aqui huma chave da igreia do Senhor Sam Pedro que ferrando os animais e algumas criaturas nam se danam em coalquer parte do corpo com a dita chave quente». (Tomo XXII, fl. 62).

289. Machede (Alemtejo)

Freguesia de S. Miguel. — Ruinas de um convento. — Inscriptões christãs

«No adro desta Parochia defronte da Porta principal com pouca distancia se achava no remate de hum Pilar de pedra marmore a Imagem de Christo Senhor Noso em huma Crux da mesma Pedra á forma e semelhança das Benedictinas com a qual tomorão tanta fé os moradores desta aldea na occasião do Terremoto que houve no anno de 1755 (porque chegandose muitos delles ao sobredito Pillar o acharão firme e immovel, quando as paredes de todas as casas e da Igreja parecião arencarse a impulsos de violencia do ditto Terremoto) que concorrendo todos com as suas esmolas se lhe fes hum

nicho á roda por modo de Cappelinha mas sem altar aonde, e ainda sobre o mesmo Pilar se conserua com grande veneração das gentes que pello sobreditto motivo lhe derão o titulo do Senhor dos Afliitos». (Tomo xxii, fl. 88).

«No sitio em que esta Parochia e seu Adro se achão situados consta havia antigamente no tempo dos Godos hum convento de Sam Bento onde o Santo obrava tantos milagres que os mesmos Mouros lhe chamarão (Machdas) que se interpetra (Terra ou lugar santo) de cuja corrupção naceo a esta Freguezia o nome de Machede. Do dito convento se descobrem alguns vestigios como Alicersses, sepulturas aparessendo destas muitos ossos; sendo o signal mais evidente o Pillar de pedra em que se acha a Imagem do Santo Christo Crucificado de que fizemos menção em o numero 13 destes Interrogatorios. Na Igreja deste mesmo Convento em cujo lugar se acha edificada esta Parochia, como bem o estão mostrando os vestigios que apparessem, he tradição se enterrava Juliano Bispo que foi de Evora. O que depois de 900 annos se fes publico aos vindouros no seguinte Epitaphio que na rustica campa do seu sepulcro se descobrio:

JULIANUS FAMULUS CHRISTI EPISCOPUS ECLEZIAE EBORENSIS
HIC SITUS EST:
VIXIT ANNOS PLUS MINUS SEPTUAGINTA:
REQUIEVIT IN PACE KALENDIS DECEMBRIS: ERA 604.
ID EST ANNO DE CHRISTO 566.

Na mesma Referida Igreja dos Religiosos de Sam Bento se dis fora sepultado hum seruo de Deos chamado Paulo, ao qual morrendo no tempo do mesmo Bispo Juliano em 30 de Julho de 544 se lhe grauou sobre sua sepultura igual e identico Epitafio ao sobreditto Bispo; o que tudo se pode melhor ver em Rezende, Menezes, e Morales: Liv. II, Cap. 54». (Tomo xxii, fl. 90).

Freguesia de Nossa Senhora. — «Nesta freguezia não ha serra, e só tem alguns oiteiros, e delles o que he mais levantado he o oiteiro que está na herdade de Bativelhas, ao qual chamão impropriamente a Serra de Bativelhas; tem de comprimento meya legoa e de largura hñ quarto de legoa e na ponta do dito oiteiro para a parte da herdade da Fonte Coberta estão huns foços ou covas grandes aonde (paresse) se cavou antigamente algüs metaes, porem, não consta de que qualidade, e por algüs vestigios, se julga, seria ferro». (Tomo xxii, fl. 102).

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 6

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

(Continuado do n.º 5, pag. 134)

Rev.^{mo} P.^c Mestre.—Entre as duas ultimas de V. Rev.^{ma} que, aliás, estimei com a devida veneração, e depois de ter respondido á primeira, chegou ao nosso prior, o Dr. Fr. Francisco Caetano, uma do Rev.^{mo} D. Gaspar, prior do real mosteiro de S. Vicente de Fóra, na qual, por serem amigos, lhe pedia as letras do calix.

Esta carta, junta á de V. Rev.^{ma}, avivou em todos nós a magua de não haver aqui quem soubesse debuxar o calix com a perfeição que V. Rev.^{ma} desejava, quando, neste meio, chegou a segunda de V. Rev.^{ma}; pelo qual, indo nós ver o outro calix ao livro apontado¹, se arremessou um monge a ver se poderia fazer outro semelhante; e, para este efecto, chamámos tambem ao mestre apparelhador que aqui trazemos nas obras, para tomar as medidas certas. Finalmente, sahiram com um rascunho, o melhor que pôde ser; e, como o prior teve mais parte na obra, e, como nosso prelado actual, em ausencia do Rev.^{mo}, que anda no Alemtejo, tem a primeira voz — o manda ao Rev.^{mo} D. Gaspar; e me diz que lá nessa côrte se podem, pelo que vae, tirar outros semelhantes; e, por eu entender da urbanidade de Rev.^{mo} D. Gaspar, a quem conheço de Coimbra, que estimará a occasião de lisonjear o gosto de V. Rev.^{ma}, participando-lh'o, e o rascunho feito custar muito a fazer, me accommodei. E peço a V. Rev.^{ma} muito por mercê me releve não o poder servir melhor, por ser cousa que eu não sei fazer, nem haver na terra quem a faça por dinheiro.

Espero, com boas novas de V. Rev.^{ma}, pelos papeis promettidos.

Deus guarde a V. Rev.^{ma}

8 de Dezembro de 1718.—De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo =
Fr. Manoel dos Santos.

¹ Parece faltarem neste ponto duas cartas: — uma de Fr. Manoel dos Santos, respondendo á que lhe dirigira, em 18 de Novembro, D. Manoel Caetano de Sousa; outra d'este, indicando, no intuito de facilitar a tarefa do desenho, um livro onde se encontrava reproduzido um calix.

Rev.^{mo} P.^e Mestre.—Por um homem que foi d'aqui a essa cidade, escrevi a V. Rev.^{ma}, respondendo á sua última; porém, voltou sem me dar certeza da entrega, o que me obriga a repetir o que dizia na outra.

Na mesma semana em que me chegou a de V. Rev.^{ma}, escreveu ao nosso prior o do real mosteiro de S. Vicente de Fóra, pedindo-lhe as letras do calix; e, com efeito, lhe foram, e, juntamente, um debuxo ou rascunho do mesmo calix, feito por um monge, o melhor que pôde, e com muita paciencia, por ser pouco destro na arte. Por esta razão, não se atreveu a fazer outro para eu mandar a V. Rev.^{ma}, como desejava; nos quaes termos escrevi a V. Rev.^{ma}, dando-lhe conta, para que, pelo que foi ao prior de S. Vicente, fizesse tirar outro,—o que lhe seria facil nessa cidade, aonde nada falta.

Se a primeira carta não chegou a V. Rev.^{ma}, me perdoe o que pareceria diligâo na resposta, e me tenha na sua lembrança para todas as occasiões de seu serviço.

Deus guarde a V. Rev.^{ma}

28 de Dezembro de 1713.—De V. Rev.^{ma} subdito e orador affectuosissimo—
Fr. Manoel dos Santos.

*

Informação do calix de ouro

O calix de ouro do real mosteiro de Alcobaça é data do senhor rei D. Manoel, no tempo que governou este mosteiro, como tutor de seu filho, o senhor infante D. Affonso, commendatario d'elle. Colhe-se da memoria que vai na certidão, a qual, pelo feitio da letra e estar já gastada, se deixa ver que é escripta por quem vivia no tempo do infante; e, ao menos, que seja antiquissima, não se pôde duvidar; porque já quando o nosso illustrissimo Fr. Angelo Manrique ideava a grande obra dos séus *Annaes cistercienses*, que foi pelos annos de 1610, entre outras notícias que mandou pedir e lhe mandaram d'esta casa, foi esta memoria, que elle traz impressa no segundo tomo dos *Annaes*, na serie dos abbades perpetuos de Alcobaça, pag. 11, § 26. Confirma-se ser data de el-rei D. Manoel, porque o feitio do dito calix mostra ser obra do mesmo artifice que obrou a custodia do mosteiro de Belem, que o dito rei tambem deu, segundo o que me dizem.

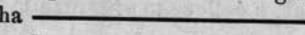
Pesa, com a patena, nove marcos de ouro. Tem letras em quatro partes:—no pé; no princípio da columnă; no copo, e em dois passos do copo; porém, o papel impresso não faz menção mais que das primeiras duas. Nas letras do copo, não falla.

A patena é lavrada toda ao buril. Da parte superior, tem o passo da ceia do Senhor, esmaltado de vermelho, e, ao redor, estas letras: I H S; e nas costas, tem o passo da soledade da Senhora, tambem ao buril e esmaltado; mas já os esmaltes, em parte, cuspidos fóra.

No calix, estão doze passos da Paixão do Senhor, seis no pé e seis no copo. Os seis passos do pé são estes:—1.^o, o Senhor no horto: os tres apostolos dormindo, o anjo confortante, e o horto admiravelmente fingido, com seus penedos de ouro tosco, arvores, etc.; 2.^o, o Senhor na prisão: Judas dando o beijo, os judeus *cum gladiis et fustibus*, S. Pedro levantando o braço com o alfange, e, a seus pés, Malco, derribado, com a lanterna pendente; 3.^o, o Senhor em casa do pontífice: este, assentado debaixo de docel, mui circumspecto, e o Senhor em pé, cercado de judeus, e um tendo mão na corda por detrás do Senhor, a qual o Senhor

tem ao pescoço; 4.^o, o Senhor no pretorio: Pilatos á porta do pretorio, fallando aos judeus, vestido como gentio, á turquesca; aos seus pés, um cãosinho, coçando-se; e o Senhor em pé, como os mais, e o judeu detrás, pegando na corda; 5.^o, o Senhor á columna, açoitando-o dois algozes, e os vestidos do Senhor no chão; 6.^o, o Senhor nos espinhos, e os judeus pondo-lhe a coroa na cabeça. Estes, os passos do pé.

No alto do copo, estão outros seis passos, pela ordem seguinte: — 1.^o, o passo do *Ecce Homo*: Pilatos mostrando-o ao povo, e este como gritando e levantando as cruzes em alto; 2.^o, Pilatos, debaixo de docel, lavando as mãos, e um criado deitando a agua, á vista do povo; e no estrado, aos pés, estas letras, que se deixam bem ler: LAUABIT; 3.^o, o Senhor com a cruz ás costas, o cyreneu pegan-do da cruz, a mulher Veronica, as Marias, ou filhas de Jerusalem, e phariseus; 4.^o, o Senhor na cruz, e, aos dois lados, a Senhora e S. João; 5.^o, o Senhor des-cido da cruz, nos braços da Senhora; José e Nicodemos; as cruzes e escadas; S. João e Magdalena; 6.^o, os mesmos, mettendo ao Senhor na sepultura, e, na pedra da sepultura, estas letras, que se lêem: MEMENTO. Todos estes passos são de figuras inteiras, levantadas de meio relévo, e, em partes, esmaltadas das côres naturaes, o que dá admiravel lustre á obra.

Os passos do pé do calix se dividem uns dos outros com o círculo do lettreiro, que vae fazendo meio gyro, e orla a todos, assi como se vê no outro papel (*est. I e III*); e aos passos do copo, dividem columnas esmaltadas, uma columna entre passo e passo. A altura das figuras em todos os passos é do comprimento d'esta linha . O mais campo do calix são flores, passarinhos, pedras, e outras lindezas galantissimas, todas de esmaltes de várias côres — branco, preto, azul, verde, vermelho. O pé e as suas letras vao da mesma medida, por compasso, do original. Nas letras do copo, que se vêem na base de cada columna, não pareceu ser necessario irem assim, porque são mais pequenas. Todas as letras, assi as do pé como as do copo, são cavadas no ouro e esmalta-das de preto; e, segundo se deixa entender, a patena e o calix fazem correspon-dencia entre si, porque na patena está o primeiro passo da ceia; d'ahi, vem a serie ao calix, começando no horto, e torna á patena, ao passo da Soledade, que tem nas costas.

Quanto á intelligencia das letras, o meu parecer é que ellas querem signi-ficar, nesta ou naquelle lingua, por este ou aquelle modo, o mesmo que contém os passos; porque as taes letras os vão seguindo e acompanhando, e é certo que todo homem, por rustico que seja, vendo um painel com o seu lettreiro ao pé, julga (ainda que o não saiba ler) que o lettreiro explica o passo. E, para se dizer que as letras significam outra cousa, como o nome do artifice, do rei que o deu, etc., alein de que esta intelligencia se não pôde accommodar ás letras do copo, as do pé, que o poderiam dizer, haviam de estar, se assi fosse, no círculo mais inferior do mesmo pé, e não servindo de orla e meio círculo aos passos.

Nas letras do pé, se vêem, em algumas partes, entre letra e letra, umas riscas. São divisões de esmalte branco, que estão no original, excepto, no círculo do passo segundo para o terceiro, um 1, que se vê cortado. Está assi mesmo no original, do mesmo esmalte da letra, e por isso não o tenho por divisão, mas por letra cortada, ou de outro feitio. As letras da garganta do pé vão na mesma postura do original, e tambem as das columnas.

O calix sem a patena, pesado por arrateis, se acha ter quatro arrateis e meio e duas oitavas; e, quanto a uma cota que vae na certidão do peso, onde se diz

que pesa nove marcos o calix, declaro que a dita cota é moderna e de letra conhecida, e signal do P.^r Fr. Paulo Brandão, o qual morreu ha vinte e oito annos; e sou de parecer que se não deve fazer caso da dita cota, porque o dito padre a fez demasiado entremettido, por não ter notícia da memoria antiga na livraria velha, nem da noticia de Manrique, da mesma memoria. E não me parece que ha mais a que deva resposta, do que se pergunta. — *Fr. Manoel dos Santos.*

III

Não obstante as multiplas causas que tem empobrecido o nosso vastissimo e incalculavel patrimonio artistico, existe ainda hoje em Portugal avultado número de obras de ourivezaria religiosa, que abrangem e documentam a evolução da industria dos metaes preciosos, — irmã gemea da architectura e da estatuaria, segundo a qualificam Lacroix e Seré, — desde o século XII até ao XVIII.

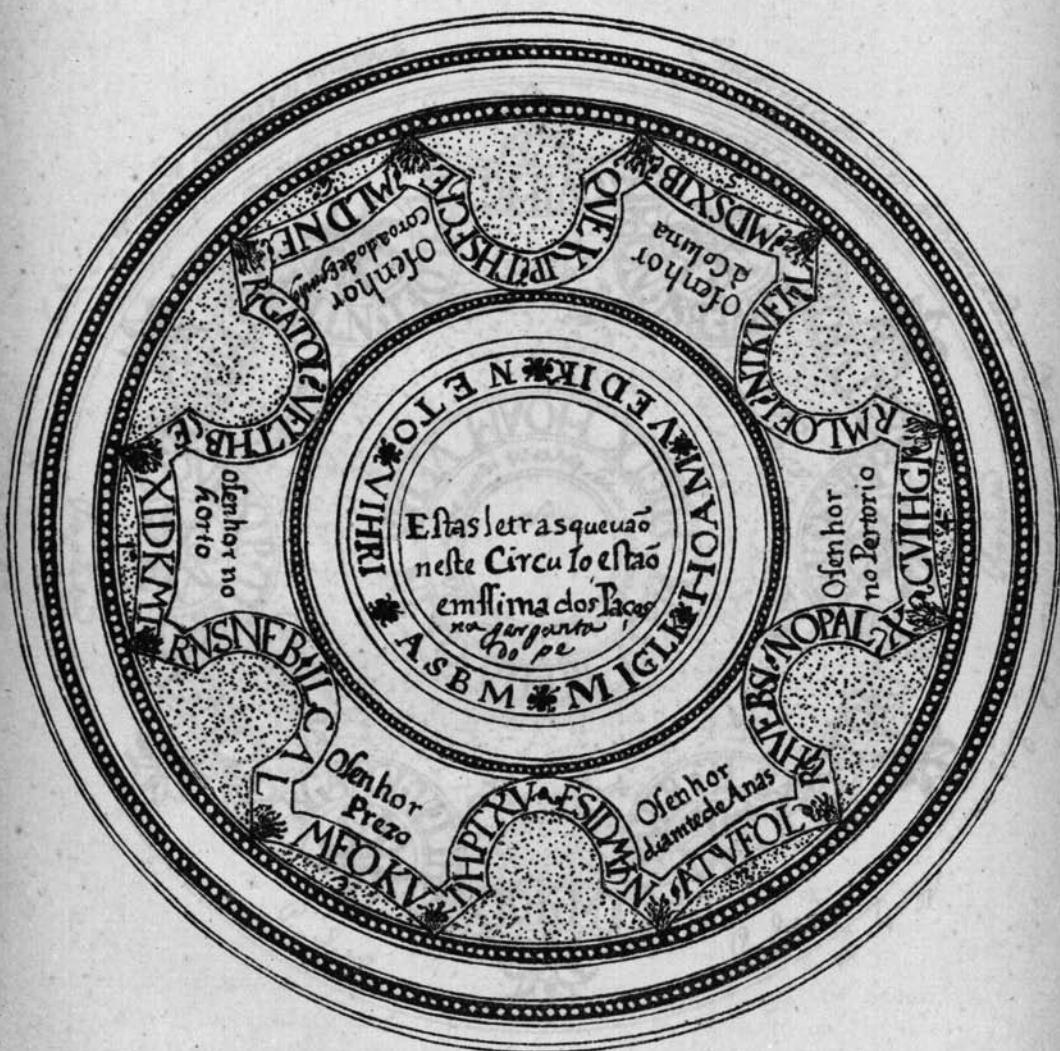
A Exposição retrospectiva de 1882; a de Aveiro, no mesmo anno; a promovida pela benemerita *Sociedade de Instrucçō*, no Palacio de Crystal, do Porto; a que se realizou em Lisboa, em commemoração do centenario antonino; o Museu Nacional; a collecção organizada junto da Sé nova de Coimbra, pelo Sr. bispo-conde — que surprehendente, maravilhoso thesouro nos revelaram!

Enriquecendo a secção de ourivezaria do Museu Nacional com reproduções photographicas ou galvanoplasticas das peças mais interessantes e mais typicas estranhas a esse nucleo; dispondo em series, por fórmula didactica, os exemplares reunidos, e juntando a cada um seu verbete elucidativo, formar-se-hia uma valiosissima collecção especial, do mais proveitoso e necessário ensinamento, não só para os historiadores da arte, criticos e artistas, senão tambem para o público em geral, que precisa de que lhe facultem meios de comprehendere e apreciar os monumentos e obras de arte que o país ainda possue, alguns dos quaes tem a sobreduorar-lhes a belleza da concepção, e os primores da execução, alto significado historicoo e patriotico.

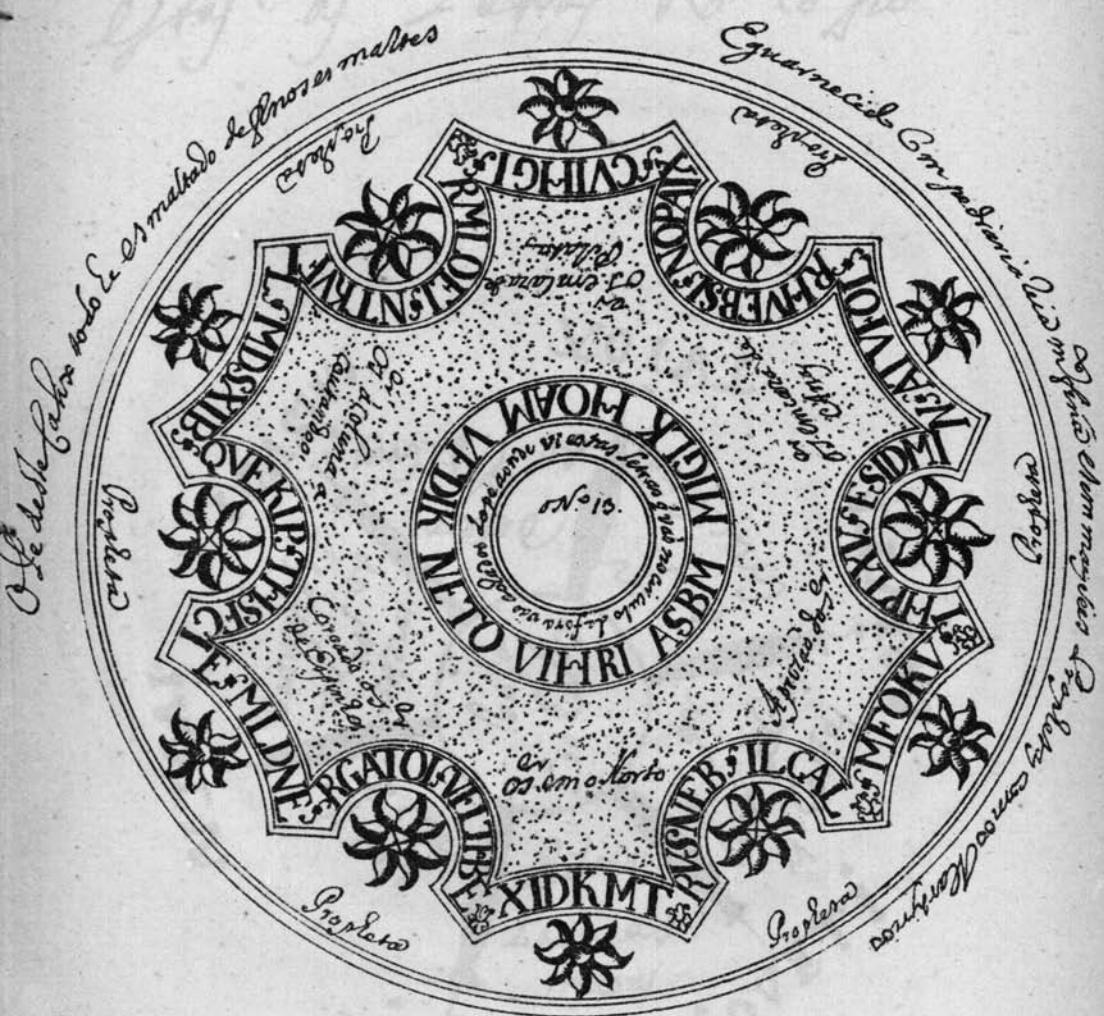
É sobretudo, porém, nos artistas que eu penso, ao escrever estas linhas. Ha, incontestavelmente, aptidões, desejo de progredir, de inovar, de sair da rotina. E ha tambem, a favorecer o bom exito d'estes impulsos, o gosto, muito espalhado e tradicional entre nós, das obras de ouro e prata, que chegaram, até, a constituir fórmula dilecta de capitalização para a maior parte das familias portuguesas.

Importa, contudo, que os artistas, animados de espirito innovador, guiados por intuito, aliás muito louvavel, quando bem orientado, de originalidade e de nacionalismo, se não transviem, — desprezados os

E Fhae afircumferencia do pedo Galix de Ouro.



Redução a metade.—Este desenho e o reproduzido na estampa III, são authenticados, como ficou dito, pelo monge-notario Fr. José de Mendonça, cuja assignatura só poderia ser incluida reduzindo muito os desenhos ou excedendo as dimensões da pagina d-O Archeologo.

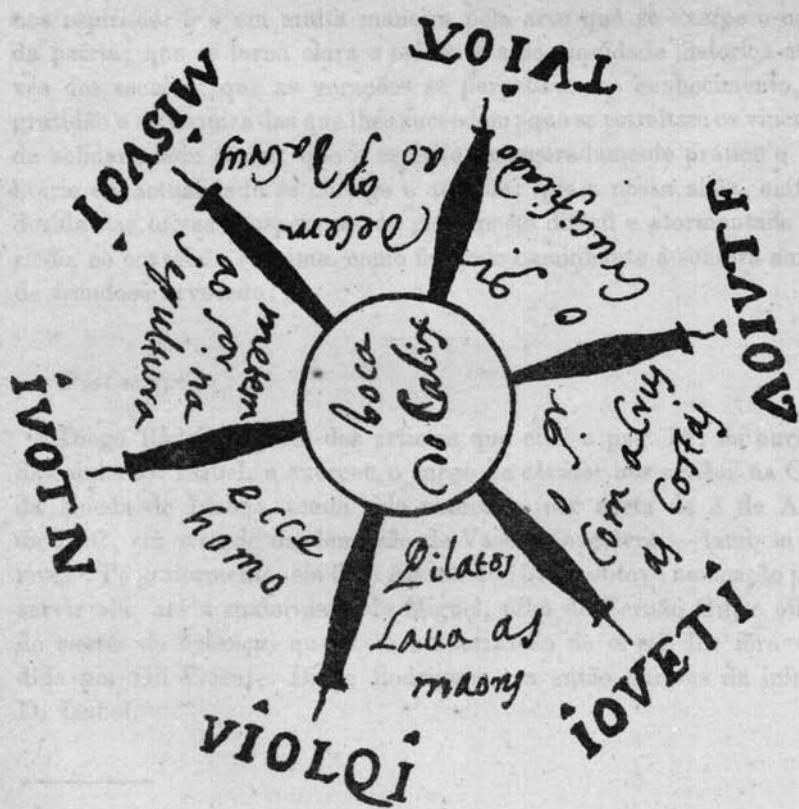


Redução a metade.— Desenho feito sobre o anterior
pelo P.^o D. Manoel Caetano de Sousa

Est. III

estoy ay Leyay do: Cojo

Próxima destinatária, miércoles 10 de junio, a hora del
acto, a responderá con su voto el presidente. Es una iniciativa
que lleva mucho tiempo, que poco importancia a ver si somos o no
los mejores, pero en todo momento se ha hecho mucho
daño a la gente. **XOIA**



Reprodução nas dimensões do desenho original

principios inilludiveis de toda a arte decorativa; perturbadas as relações que devem existir entre a materia, a construcção, a forma, a ornamentação e o destino da peça, elementos de cuja perfeita concordancia, de cuja impeccavel harmonia, deriva a eterna belleza classica das obras dos grandes periodos da arte.

Não quero com isto insinuar,—é claro,—que os artistas devam abdicar as suas faculdades creadoras, restringindo-se á cópia ou, sequer, á imitação, do antigo; mas apenas significar que é legitimo deduzir principios, tirar consequencias, das obras-primas do passado, e que seria loucura desaproveitar a riquissima e gloriosa herança artistica de que somos legatarios.

Promovamos dedicadamente, mas sob os auspicios de seguro criterio, o renascimento das nossas artes decorativas. É sem dúvida pelas suas applicações que a arte pôde mais intensa e extensamente actuar nos espiritos; e é em muita maneira pela arte que se exerce o culto da patria; que se torna clara e evidente a continuidade historica através dos seculos; que as gerações se perpetuam no conhecimento, na gratidão e na ternura das que lhes sucedem; que se estreitam os vinculos da solidariedade social; que o espirito exageradamente práctico e utilitario da actualidade se corrige e attenua; que a nossa alma, enfim, dorida das luctas e asperezas da vida, neste difícil e atormentado periodo, se consola e reanima, como fatigado caminhante á sombra amiga de frondoso arvoredo...

Post-scriptum.

Diogo Rodrigues, um dos artistas que citei a pag. 72, foi ourives da rainha D. Isabel, e exerceu o cargo de *abridor dos cunhos* na Casa da Moeda de Lisboa, tendo sido nomeado, por carta de 3 de Abril de 1497, em virtude da demissão de Vasco Gonçalves,—também ourives¹. Posteriormente, em 6 de Agosto de 1517², obteve nomeação para servir alli, até à maioridade de Miguel, filho de Fernão Gil, o officio de *mestre da balança*, que, com auctorização de el-rei, lhe fôra vendido por Gil Vicente. Diogo Rodrigues era então ourives da infanta D. Isabel.

¹ Chancellaria de D. Manoel, livro 30, fl. 21 v. *Apud Teixeira de Aragão, Descrição... das moedas, etc.*, I, 70 e 71.

² Chancellaria de D. Manoel, livro 10, fl. 71.

Belchior Rodrigues, a quem igualmente alludi, foi *salvador dos cruzados*¹ nessa officina monetaria, em substituição de Fernão Lopes, — ourives tambem, — que se ausentará de Portugal; — «que se destes regnos foi», diz a carta respectiva, a qual tem a data de 12 de Janeiro de 1526².

Accrescente-se aos nomes indicados na citada página, alem dos de Vasco Gonçalves e Fernão Lopes, o de Diogo Alvares, ourives do infante D. Fernando, e que, em 19 de Junho de 1523³, foi nomeado *ensaiador da Moeda de Lisboa*, succedendo a Diogo Rodrigues, que falecera. D'esse logar, tinha alvará de D. Manoel, que seu filho e successor confirmou.

Vê-se, pois, que Diogo Rodrigues desempenhou na Casa da Moeda de Lisboa, não só os cargos de *abridor dos cunhos* e *mestre da balança*, como tambem o de *ensaiador*.

JOSÉ PESSANHA.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

17. Museu Numismatico de Athenas

«L'année académique 1894—1895 a été particulièrement avantageuse pour le Musée numismatique d'Athènes. Cet établissement s'est accru de 14.837 pièces, dont 8.000 en argent ou en billon. Ces pièces ont été fournies en partie pour les fouilles de l'école française à Delos et à Delphes, les fouilles de l'école anglaise à Abæe et en Phocide et les fouilles d'Olympie. Il y a naturellement un assez grand nombre de doubles, mais néanmoins la moisson est très satisfaisante».

(*Bulletin de Numismatique*, v, 10).

J. L. DE V.

«Cidades nobilissimas fenecem, e nem rastro fica d'ellas».

D. FR. AMADOR ARRÁIZ, *Dialogos*, iv, 10.

¹ Incumbia aos *salvadores* cortar a moeda, pondo-a no seu justo peso. O regimento dado por D. Manoel á Casa da Moeda de Lisboa em 23 de Março de 1506, refere-se largamente a esses artifícies. Do alludido regimento, existe no Arquivo da Torre do Tombo uma copia authentica, do sec. xvii (Mss., tom. viii-E, fl. 245).

² Chancellaria de D. João III, livro 36, fl. 36.

³ Chancellaria de D. João III, livro 3, fl. 73. *Apud Teixeira de Aragão*, op. e loc. cit. A carta é, porém, de 19 e não de 18 de Junho, como ahi se lê.

Belchior Rodrigues, a quem igualmente alludi, foi *salvador dos cruzados*¹ nessa officina monetaria, em substituição de Fernão Lopes, — ourives tambem, — que se ausentará de Portugal; — «que se destes regnos foi», diz a carta respectiva, a qual tem a data de 12 de Janeiro de 1526².

Accrescente-se aos nomes indicados na citada página, alem dos de Vasco Gonçalves e Fernão Lopes, o de Diogo Alvares, ourives do infante D. Fernando, e que, em 19 de Junho de 1523³, foi nomeado *ensaiador da Moeda de Lisboa*, succedendo a Diogo Rodrigues, que falecera. D'esse logar, tinha alvará de D. Manoel, que seu filho e successor confirmou.

Vê-se, pois, que Diogo Rodrigues desempenhou na Casa da Moeda de Lisboa, não só os cargos de *abridor dos cunhos* e *mestre da balança*, como tambem o de *ensaiador*.

JOSÉ PESSANHA.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

17. Museu Numismatico de Athenas

«L'année académique 1894—1895 a été particulièrement avantageuse pour le Musée numismatique d'Athènes. Cet établissement s'est accru de 14.837 pièces, dont 8.000 en argent ou en billon. Ces pièces ont été fournies en partie pour les fouilles de l'école française à Delos et à Delphes, les fouilles de l'école anglaise à Abæe et en Phocide et les fouilles d'Olympie. Il y a naturellement un assez grand nombre de doubles, mais néanmoins la moisson est très satisfaisante».

(*Bulletin de Numismatique*, v, 10).

J. L. DE V.

«Cidades nobilissimas fenecem, e nem rastro fica d'ellas».

D. FR. AMADOR ARRÁIZ, *Dialogos*, iv, 10.

¹ Incumbia aos *salvadores* cortar a moeda, pondo-a no seu justo peso. O regimento dado por D. Manoel á Casa da Moeda de Lisboa em 23 de Março de 1506, refere-se largamente a esses artifícies. Do alludido regimento, existe no Arquivo da Torre do Tombo uma copia authentica, do sec. xvii (Mss., tom. viii-E, fl. 245).

² Chancellaria de D. João III, livro 36, fl. 36.

³ Chancellaria de D. João III, livro 3, fl. 73. *Apud Teixeira de Aragão*, op. e loc. cit. A carta é, porém, de 19 e não de 18 de Junho, como ahi se lê.

Notícias várias

1. Achados de moedas romanas em Leiria

Lê-se nas *Novidades*, de 17 de Novembro de 1898:

«Numas ruinas, em uma quinta proximo de S. Sebastião, tem aparecido várias moedas romanas, tendo de um lado um carro puxado por quatro cavallos e diversos dizeres, e do outro um camello, estando ajoelhado a seus pés um vulto de homem e tendo por baixo REX. ARETIN»¹.

J. L. DE V.

2. Dois enigmas epigraphicos

1.^º—Proximo da Cidadonha, castro de Monsalvarga, concelho de Valpaços, ha um poço do qual uma das paredes, que é constituida por um penedo, tem estas letras:

DS
RIG

2.^º—Num penedo, ao Rigueiral, no termo de Sanfins, mesmo concelho, ha estas letras:

TOBILI
TER MN
TREB

Valpaços, Fevereiro de 1900.

JOAQUIM DE CASTRO LOPO.

¹ [A inscrição deve ler-se, não *rex Aretin*, mas REX·ARETAS. A moeda pertence à época da república romana (família *Aemilia*) e foi cunhada no sec. I A. C.; *Aretas* era um rei da Arábia Petrea, cujos estados foram invadidos pelos Romanos — J. L. DE V.].

Contos para contar

II

Variantes dos publicados a pag. 52 sqq. d'este volume

O importante serviço que o Sr. J. Meili acaba de prestar com o artigo inserto n-*O Arch. Port.*, v, 52 sqq., leva-me a descrever os seguintes contos que tenho, e que constituem variantes muito notaveis.

Seculo XVI

D. Manoel

N.^o 1—BR.—Muito bom.—Diametro 0^m,027.



¶ CONTOS ♦ PER CONTAR ♦ CON : D :—Escudo coroado, com sete castellos, e uma arruela de cada lado; em vez dos escudetes tem cinco arruellas ; tudo dentro de um circulo de aspas, acompanhado de outro de linha continua.

R.—¶ CONTOS ♦ BONOS ♦ REGES P DG—A esphera, circumdada por oito estrellas, dentro de um circulo.

N.^o 2—Æ.—Bom.—Fundido.—0^m,29.



EOIIT—EOII—EOII—EOIII—A cruz de Aviz cortando a legenda. Dentro de um circulo de pontos escudo de phantasia com uma pequena corôa, tendo em vez de quinas cinco estrellas e treze castellos: de cada lado um S.

B.—CONTV—CONTV—CONTV—CONTV—A cruz de Aviz cortando a legenda. A esphera dentro de um circulo granulado.

D. João III

N.^o 3 — AE.—Mediocre.—Diametro 0^m,028.



▼ CONTOS :♦: PARA :♦: CONTA — Escudo de phantasia, sem coroa, tendo em vez de estrellas cinco arruelladas

B.—X AOC ♦ NO ♦ VONIT ♦ OVN — Esphera dentro de um circulo de perolas.

D. Sebastião I

N.^o 4 — AE—Bom.—Diametro 0^m,027.



Na orla exterior: CONTV—CONTV—SCONT—VS CON—
A cruz de Aviz a cortar a legenda.

Na orla interior: CON—TVS—CON—TVS—A cruz de Aviz
cortando a legenda.

No centro, dentro de um circulo, cinco escudetes em cruz, canto-
nados por quatro castellos.

B.—CONTVS—CONTVS—CONTVS—CONTVS—A cruz
de Aviz a cortar a legenda, e a esphera dentro de um circulo
granulado.

Lisboa, Março de 1900.

ARSENIO ALVARES DA SILVA.

Analecta epigraphica lusitano-romana**3. Inscriptão funeraria**

Conservo cópia da seguinte inscripção, cuja procedencia ignoro, porque tambem m'a não disse quem m'a deu:

- | | |
|----|------------|
| 1. | D M S |
| | I VLIAE |
| | A VITAE |
| | C LAVDI |
| 5. | A IVLIA NA |
| | M ATRI |
| 7. | P C |

Fiz algumas correções evidentes: na cópia que me deram lê-se na 2.^a linha I VLTAE; na 4.^a linha C IAVDI; na 5.^a linha A IVLTANA.

Transcripção:

D(iis) M(anibus) S(acrum). Iuliae Avitae Claudia Iuliana matri p(onendum) c(uravit).

Traducção:

Consagração aos Deuses, Manes. Claudia Juliana mandou erguer (este monumento) a sua mãe Julia Avita.

Julgo-a inedita, pois, pelos indices, não a encontro no vol. II do *Corp. Inscr. Lat.*

4. Inscriptão da Criméia (Alemtejo)

O Sr. Dr. Coelho de Carvalho encontrou na sua herdade da Criméia (Alemtejo) uma lapide com a seguinte inscripção romana, que teve a bondade de me offerecer, e que mais uma vez lhe agradeço:

.....
l V C I V s
l I C I N I u
S F V S C
V S · H · S

Altura da lapide: 0^m,46; largura: 0^m,24 e 0^m,12; espessura: 0^m,08; altura da inscrição: 0^m,31; altura das letras: 0^m,08.

Em cima falta parte da pedra, onde talvez houvesse algumas letras. Em baixo não falta nada. Algumas letras estão incompletas, mas não offerecem dúvida nenhuma.

Transcrição:

[L] uciu [s] [L] icini [u] s Fuscus h(ic) s(itus).

Tradução:

Lucio Licinio Fusco está aqui sepultado.

O cognome *Fuscus* encontra-se mais vezes em inscrições da Lusitania.

5. Inscrição de Bobadella

No *Diccionario Geographico* de Cardoso, II, 192, diz-se que em Bobadella (Beira-Baixa) está numa casa particular uma inscrição romana de que só se lê, por o mais estar consumido do tempo: *Man liaa probisaa ex textam. suo.*

O Sr. Hübner, no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 400, transcreve de outros AA. a seguinte inscrição, também como de Bobadella:

I V L I A
EX
T E S T A M E N T O
S V O

Talvez as duas inscrições correspondam a um só texto, tendo-se posto TESTAMENTO por extenso na 2.^a versão. Neste caso poder-se-hia ensaiar a restituição seguinte:

I V L I A [E] M A N L I A E P R O B I [filiæ?] EX T E S T A M . S V O

6. Inscrição de Evora

No Museu annexo á Biblioteca eborense está uma pedra-marmore de 0^m,23 × 0^m,12 × 0^m,13, achada nas ruinas do templo, e já publicada, creio, pelo Sr. A. F. Barata. Fazia parte das alvenarias que enchiam os intercolumnios.

É como se segue:

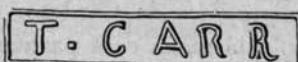
VERNACVLV
L A P

Isto é: *Vernaculu* (*s*) *l(ibens)* *a(nimo)* *p(osuit)*. Não falta na linha 2.^a a palavra *v(otum)*, o que se vê da simetria das letras; falta porém infelizmente o nome da divindade a quem a inscrição era consagrada.

Altura das letras: 0^m,035.

7. Inscrição num tijolo, de Evora

No Museu da Biblioteca de Evora existe também um tijolo rectangular de 0^m,21 × 0^m,11 × 0^m,062, de barro grosso, que tem numa das faces em letras gravadas profundamente, de 0^m,02 de altura, a seguinte inscrição:



O ponto que se segue ao T não está bem ao centro.

Significa: *T(itus) Carrō*, nome do oleiro, comparável ao que figura no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4970 122: *Carronis* (genitivo) de *Carro* (*n*).

8. Outra inscrição do Museu de Evora

Está numa arca de 0^m,80 (altura) × 0^m,27 (largura).

As letras tem 0^m,04 a 0^m,05 de altura.

1.	D M S
	I V I V S E
	c V S E B O
	a n X X X
5.	I I L I
	A C

O cognome é difícil dizer o que será: *Ecus = Aequus?* Cfr. *Aequa* in *Corp. Inscr. Lat.*, II, 218, numa inscrição de Lisboa. Na 3.^a linha temos *Ebo* (*rensis*).

O que está na 5.^a e 6.^a linhas é provavelmente: *FILIA C*, i. é, *filia c(uravit)*.

9. Inscrição de Olisipo

Numa lapide calcarea, de 0^m,36 × 0^m,215 × 0^m,10, encontrada com outras antigualhas romanas numas excavações que se fizeram em 1898 em Lisboa, no Largo de S. Domingos, lê-se a seguinte inscrição, em letras de 0^m,03 de altura:

D ♦ M ♦ S
 L V C R I I I A ♦ P A T R I
 C I A ♦ A N N ♦ X X X V I I I I
 I ♦ V ♦ P

Como o 3.^º I na palavra LVCRIIIA vale por T, pôde suppôr-se que na 3.^a linha tambem o valha, vindo pois nós a ter *T(itulum) v(iva) p(osuit)*, pois que esta fórmula não destoa de muitas outras que ha semelhantes. Pôde porém tambem suppor-se que I significa *i(ussit)*, sendo então a fórmula I · V · P equivalente a *i(ussit) v(iva) p(oní)*. Em qualquer dos casos, como uma inscrição em que se indica a idade da falecida não podia ser gravada em vida d'esta,—pois a indicação da idade não foi accrescentada posteriormente, o que se conhece do gravado—, deve admittir-se que com a expressão V(*iva*) se quis significar que Lucrecia Patricia mandou em vida fazer, não a inscrição, mas o conjunto do monumento, a que depois da morte se aggregou a placa calcarea com o lettreiro funebre. Se se quisesse significar que Lucrecia mandou que se lhe fizesse o monumento depois da morte, não se escreveria V(*iva*), escrever-se-hia *Ex Testamento*.

Temos pois:

D(ii)s M(anibus) S(acrum: Lucretia Patricia, ann(orum) XXIX, t(itulum v(iva) p(osuit) vel i(ussit).v(iva) p(oní)).

10. Inscrição funeraria da Columbeira

Por occasião de trabalhos agrícolas appareceu num campo ao pé da Columbeira, concelho de Obidos, uma lapide calcarea de 0^m,23 × 0^m,20 com a seguinte inscrição:

M · C A S S I O · M
 F · T V R R I N O · A · V
 A V I T A · M A T E R
 F · C

Campo da inscrição, 0^m,195 × 0^m,12. Altura das letras 0^m,025 a 0^m,03.

Isto é: *M(arco) C(assio) M(arci) F(ilio) Turrino, a(nnorum) V, Avita mater f(aciendum) c(uravit).*

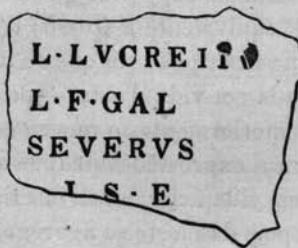
O que quer dizer: *A Marco Cassio Turrino, filho de outro, de 5 annos de idade, mandou sua mãe Avita fazer* (este monumento funebre).

Com a palavra *Turrinus* compare-se *Turrina* e *Turrania*, que se encontram noutras inscrições peninsulares.

Esta inscrição foi obtida por meu primo Jaime Leite Pereira de Mello, que m'a offereceu. Na Columbeira appareceram outras antigualhas romanas, como pesos e moedas. De certo foi alli estação romana.

11. Inscrição do Museu do Carmo

Existe no Museu Archeologico do Carmo, em Lisboa, uma lapide quebrada em que se lê:



Isto é: *L(ucius) Lucretius L(ucii) f(ilius), Galeria (tribu), Severus, h(ic s(itus) e(st):*

O que significa: *Lucio Lucrecio Severo, filho de outro, da tribu Galeria, está sepultado aqui.*

Ignoro a procedencia da inscrição, com quanto me digam que talvez seja dos arredores de Sintra. Julgo-a inedita, pois não vejo no Indice do *Corpus* o nome *L. Lucretius Severus*.

12. Inscrição de Balsa

Em 1896 trouxe eu de Torre d'Ares, ao pé de Tavira, para o Museu Ethnologico Português, por permissão do proprietario d'aquella quinta, o Sr. Sebastião Estacio, um fragmento muito importante de uma inscrição romana, que diz:

..... ♀ DOM.....
..... DNVM · R · P · BALS

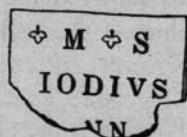
Num pedaço de marmore.

O fragmento deve interpretar-se assim: [in honorem] dom[us] di-vinae decreto decuri]onum. R(es) P(ublica) Bals(ensium).

Esta inscripção é muito importante porque constitue mais uma prova de que Balsa esteve, no todo ou em parte, situada no proprio terreno que hoje constitue a Torre d'Ares, onde em verdade se tem encontrado innumeras antigualhas de toda a especie.

13. Inscripção de Mertola

O meu amigo Rev.^{do} Antonio da Silva Pires offereceu-me o fragmento de uma lapide de marmore, de 0^m,15 × 0^m,09 × 0^m,035, encontrado em Mertola, no qual se lê:



o que pôde entender-se assim: [d.] M. s. [..... c]lodiis, [a]nnn[orum].... Antes de Clodius falta apenas o praenomen; da simetria das palavras vê-se effectivamente que cabiam na 2.^a linha duas letras: o C de Clodius, e a sigla do prenome.

J. L. DE V.

Vestigios romanos no concelho de Vianna do Castello

Poucos são os monumentos da epocha romana que tem apparecido no territorio da foz do Lima; cremos que esta escassez é devida ao pouco cuidado e menos importancia que se dá a taes achados, como teremos occasião de mostrar.

A estatua do Pateo da Morte, hoje existente na Escola Industrial, que pertence ao grupo das *callaecas* ou gallegas, especie de monumentos militares funerarios erguidos pelos soldados da Gallecia nos primeiros annos da era christã, foi encontrada na freguesia de S. Payo de Meixedo, neste nosso concelho, nos meados do sec. xv, em que D. Affonso da Rocha, commendatario do proximo mosteiro benedictino de S. Salvador da Torre, e abade d'aquelle parochia de Meixedo, lhe mandou esculpir no escudo a aspa com as cinco vieiras ou conchas, que na heraldica designam o apellido—Rocha. Posteriormente, em 1622, o morgado de Meixedo, Francisco da Rocha Lobo, mandou trazer a figura para a sua casa da rua da Bandeira, em Vianna. Como as suas

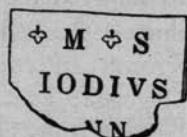
Num pedaço de marmore.

O fragmento deve interpretar-se assim: [in honorem] dom[us] di-vinae decreto decuri]onum. R(es) P(ublica) Bals(ensium).

Esta inscripção é muito importante porque constitue mais uma prova de que Balsa esteve, no todo ou em parte, situada no proprio terreno que hoje constitue a Torre d'Ares, onde em verdade se tem encontrado innumeras antigualhas de toda a especie.

13. Inscripção de Mertola

O meu amigo Rev.^{do} Antonio da Silva Pires offereceu-me o fragmento de uma lapide de marmore, de 0^m,15 × 0^m,09 × 0^m,035, encontrado em Mertola, no qual se lê:



o que pôde entender-se assim: [d.] M. s. [..... c]lodiis, [a]nnn[orum].... Antes de Clodius falta apenas o praenomen; da symetria das palavras vê-se effectivamente que cabiam na 2.^a linha duas letras: o C de Clodius, e a sigla do prenome.

J. L. DE V.

Vestigios romanos no concelho de Vianna do Castello

Poucos são os monumentos da epocha romana que tem apparecido no territorio da foz do Lima; cremos que esta escassez é devida ao pouco cuidado e menos importancia que se dá a taes achados, como teremos occasião de mostrar.

A estatua do Pateo da Morte, hoje existente na Escola Industrial, que pertence ao grupo das *callaecas* ou gallegas, especie de monumentos militares funerarios erguidos pelos soldados da Gallecia nos primeiros annos da era christã, foi encontrada na freguesia de S. Payo de Meixedo, neste nosso concelho, nos meados do sec. xv, em que D. Affonso da Rocha, commendatario do proximo mosteiro benedictino de S. Salvador da Torre, e abade d'aquelle parochia de Meixedo, lhe mandou esculpir no escudo a aspa com as cinco vieiras ou conchas, que na heraldica designam o apellido—Rocha. Posteriormente, em 1622, o morgado de Meixedo, Francisco da Rocha Lobo, mandou trazer a figura para a sua casa da rua da Bandeira, em Vianna. Como as suas

congeneres do Museu archeologico de Guimarães e do jardim da Ajuda em Lisboa, a estatua está decapitada e jarretada; esta nossa offerece a particularidade da legenda no saial; assenta numa pia cineraria, que devia ter tambem vindo de Meixedo e, porque talvez alli lhe estivesse servindo de pedestal, nessa mente a trouxeram como parte integrante do monumento.

Eis a inscripção:

L · SESTI · CLODAME
NIS FL · CORO · COROCAVCI
... VDIVS . . SEM ...

Em Meixedo e sua limitrophe Villar de Murteda por vezes se encontram moedas, bronzes dos imperadores romanos: em 1877 appareceram dentro de uma amphora 102 moedas, tendo 41 o busto e legenda HADRIANVS; 19 de ANTONINVS PIVS; 1 de NERVA; 1 de LVCIVS VERO; 12 de HADRIANVS; e legenda: TRAI. HADRIAN.; 2 de MARCVS AVREL. e legenda AVREL. CAESAR; 6 de TRAIANVS, e legenda NERVA TRAIANVS; 3 de AELIVS; legenda L. AELIVS; 5 de Faustina, mater, e legenda DIVA FAVSTINA; 2 com busto de Sabina, e legenda SABINA AVGVSTA; e 6 meios-bronzes, um de TIBERIVS, outro de ANTONINVS PIVS, um outro de HADRIANVS; e finalmente as restantes illegiveis. Estas moedas foram adquiridas por baixo preço por um negociante viannense, que as vendeu no Rio de Janeiro em 1882 ao pianista Arthur Napoleão, a 1\$000 réis cada uma; o ourivez Ferreira as havia comprado todas por 920 réis. Estes bronzes, á excepção dos tres, eram perfeitissimos no cunho dos bustos.

No princípio do sec. XVIII, quando se arruinou a ponte de Tourim, sobre o rio Ancora, entre as pedras havia uma de esquadria, com seus perfis em toda a volta, com as seguintes letras legíveis:

... MAN · IM · IN · MNS .

lapide commemorativa de qualquer obra imperial feita nestes sitios.

Em 16 de Agosto de 1892, quando andavam demolindo a igreja parochial de Villa Mou, fomos alli examinar o material do velho templo, encontrando uma ara votiva de Rufus Grovius a Juppiter, que media 0^m,88 sobre 0^m,25 por lado, dous capiteis bastantes deteriorados, e outras pedras lavradas, que denotam ter pertencido a um edificio latino, destruido por um incendio, pois que o granito, que não é das pedreiras d'estes sitios, apresenta uma grossa crusta negra, indicando ter soffrido por muito tempo a acção de um fogo violento. Encarregámos

o Rev.^{do} Parocho da guarda d'essas pedras e demais objectos que separámos, porém, quando d'ahi a dias voltámos para fazer transportar as pedras para o Museu municipal, havia desapparecido a lapide romana, a nosso ver, por proposito ou maldade de um dos pedreiros, e, apesar das diligencias do Padre Palhares, e do mestre pedreiro, não foi possivel encontrá-la, constando ter ficado nos alicerces da nova igreja. Felizmente que havíamos copiado o lettreiro, cujas duas linhas estavam pouco legíveis; as quatro anteriores diziam:

RVFI · GRO
VIVS · VOTV
M · IOVI · OP
CVMO · IV'
· IVMO¹
.....
.....

São estas as reliquias ds epocha romana que sabemos terem apparecido no nosso concelho de Vianna.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

Museu Municipal da Figueira da Foz

1. Aquisições em 1898

Este importante e interessante estabelecimento, de que démos breve noticia a pag. 234 do vol. II d-*O Archeologo*, já está installado nas salas que lhe foram destinadas no andar nobre do novo edificio dos Paços do Concelho, devendo ser, em breve, reaberto ao público. Consta de duas amplas salas, numa das quaes estão as secções de *Prehistoria e proto-historia*, *Comparação* e *Archeologia historica, sub-secção luso-romana*; e na outra as secções d-*Archeologia historica* e *Industrias do Concelho*.

O Museu possue actualmente 2:938 objectos na secção de *Prehistoria e protohistoria*, 1:475 na de *Comparação*, 1:532 na de *Archeologia historica* (sendo 737 na *sub-secção luso-romana*) e 470 na das *Industrias do Concelho*, sem contar a valiosa collecção de Numismatica que tem 1:112 moedas e 261 medalhas.

¹ [A 1.^a letra da 4.^a linha deve ser t. O resto será MAXSVMO? — J. L. DE V.]

o Rev.^{do} Parocho da guarda d'essas pedras e demais objectos que separámos, porém, quando d'ahi a dias voltámos para fazer transportar as pedras para o Museu municipal, havia desapparecido a lapide romana, a nosso ver, por proposito ou maldade de um dos pedreiros, e, apesar das diligencias do Padre Palhares, e do mestre pedreiro, não foi possivel encontrá-la, constando ter ficado nos alicerces da nova igreja. Felizmente que havíamos copiado o lettreiro, cujas duas linhas estavam pouco legíveis; as quatro anteriores diziam:

RVFI · GRO
VIVS · VOTV
M · IOVI · OP
CVMO · IV'
· IVMO¹
.....
.....

São estas as reliquias ds epocha romana que sabemos terem apparecido no nosso concelho de Vianna.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

Museu Municipal da Figueira da Foz

1. Aquisições em 1898

Este importante e interessante estabelecimento, de que démos breve noticia a pag. 234 do vol. II d-*O Archeologo*, já está installado nas salas que lhe foram destinadas no andar nobre do novo edificio dos Paços do Concelho, devendo ser, em breve, reaberto ao público. Consta de duas amplas salas, numa das quaes estão as secções de *Prehistoria e proto-historia*, *Comparação* e *Archeologia historica, sub-secção luso-romana*; e na outra as secções d-*Archeologia historica* e *Industrias do Concelho*.

O Museu possue actualmente 2:938 objectos na secção de *Prehistoria e protohistoria*, 1:475 na de *Comparação*, 1:532 na de *Archeologia historica* (sendo 737 na *sub-secção luso-romana*) e 470 na das *Industrias do Concelho*, sem contar a valiosa collecção de Numismatica que tem 1:112 moedas e 261 medalhas.

¹ [A 1.^a letra da 4.^a linha deve ser t. O resto será MAXSVMO? — J. L. DE V.]

No Museu está tambem a já importante collecção da Sociedade Archeologica da Figueira.

Damos, em seguida, a lista das novas entradas durante o anno de 1898 e no tempo já decorrido no actual anno.

SECÇÃO DE PREHISTORIA E PROTO-HISTÓRIA:

45 machados de pedra, polidos, alguns fragmentados, provenientes de várias localidades d'este Concelho, de Cantanhede e de Leiria;

1 machado de schisto, simplesmente lascado, proveniente do tumulus-dolmen da Sobreira (Beira-Alta);

1 pequeno polidor;

1 grande fragmento de uma placa de schisto;

1 faca, grande, de silex;

9 laminas de facas e um fragmento de outra, de silex, provenientes da Varzea de Lirio (Brenha);

18 pontos de seta de silex e uma de crystal de rocha, provenientes do tumulus-dolmen da Sobreira;

1 lamina de silex, retocada, proveniente do Arneiro;

2 fragmentos de serras, de silex;

1 ponta de silex, retocada;

1 percutor de quartzo;

4 nucleos de crystal de rocha;

6 fragmentos de facas de silex, da Junqueira (Brenha);

1 faca de silex, achada no megalitho do Feital;

o espolio da Caverna dos Alqueves, subúrbios de Coimbra, explorado pela Sociedade Archeologica da Figueira, a saber:

1 brecha ossifera com as peças do esqueleto humano agglomeradas; 1 ponta de dardo, de silex, partida; 1 faca e duas serras de silex; 1 alfinete de osso e 1 fragmento de outro; 1 fragmento de punção de osso; 1 conta de osso; 1 objecto de osso que parece ser um adorno; varios fragmentos de ceramica; 1 percutor; e diversos ossos humanos, comprehendendo 3 calotes craneanas;

1 nucleo de quartzo e 3 laminas de silex, da Pedunha (Alhados);

1 nucleo de silex, e 1 lamina de faca tambem de silex da estação neolitica do Arneiro (Brenha);

5 fragmentos de laminas de silex, com retoques;

1 faca de silex do dolmen do Cabeço dos Moinhos (Brenha);

uma parte de uma faca de silex e uma lamina de silex, retocada, provenientes de Valle do Romão (Brenha);

muitos fragmentos de louça neolitica, uns lisos, outros bellamente ornamentados, provenientes da Junqueira (Brenha);

muitos fragmentos de ceramica, dos dolmens do Seixo e da Sobreda (Beira-Alta);

2 fragmentos de ceramica, com ornamentações, typo de Palmella;

1 ponta de dardo, de cobre, com a extremidade superior partida, encontrada na Serra do Cabo Mondego, no local onde existiu o monumento da Cumieira;

1 fragmento de uma espada de bronze;

1 seixo de forma phallica, achado no sitio dos Chões (Brenha);

alguns fragmentos de louça lusitana, provenientes do mesmo local; varios fragmentos de ceramica lusitana e 2 objectos de ferro, da estação lusitana dos Arieiros (Brenha);

varios fragmentos de ceramica lusitana e alguns seixos provenientes do castro do Monte Verão (Celorico da Beira);

varios fragmentos de ceramica luso-romana e 1 fragmento de *mola manuaria*, proveniente do sitio de Fonte de Cabanas (Brenha);

varios fragmentos de ceramica lusitana, achados no fundo de uma cabana lusitana, sita a Oeste da Mama do Furo, vizinhanças da capella de Santo Amaro da Serra;

1 vaso lusitano, restaurado, achado sobre as ruinas do dolmen do Prazo;

2 quadros a *crayon* que representam um dolmen e outro o *anthropopithecus*.

SECÇÃO DE COMPARAÇÃO:

1 crânio com o respectivo maxilar inferior e os ossos principaes do esqueleto humano, proveniente de uma sepultura na Granja do Olmeiro (Alfarellos);

1 crâneo humano, incompleto, e alguns ossos longos, de uma sepultura da necrópole luso-romano de Nossa Senhora do Desterro (Montemor-o-Velho):

1 crâneo completo, de um macaco;

1 peixe da America (*Bac-a Cu d'espinhos*);

1 colleção de 16 amuletos portugueses, oferecido pelo director d-O Archeologo Português;

8 amuletos;

1 pente do Congo;

1 seta de gume transversal (Guiné);

1 enxada (*oko*), do Dahomey;

1 bainha de espada, de coiro, bordada (*Ako-Ida*), tambem do Dahomey;

1 rabeca dos negros (Africa Occidental);

- 1 sagui;
 1 manequim que representa um guerreiro japonês, ornado de todas as armas;
 1 vaso de cobre, repuxado (*tambio*), proveniente da India Portuguesa;
 1 chapeu de cortiça.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA HISTORICA:

- 1 pedaço de mosaico romano, proveniente de Leiria;
 3 fragmentos de telhas romanas, e 1 tijolo tambem romano e de forma ainda não encontrada nesta região, da estação dos Arieiros (Brenha);
 alguns fragmentos de louça romana, achados no castro do Monte Verão (Beira-Alta);
 4 fragmentos de *dolium*, do Paião;
 1 pêso de tear romano, 1 tijolo romano, e 1 *veru* ou *verutum*, provenientes S. Martinho de Arvore;
 diversos fragmentos de louça romana; 1 pêso de tear, grande, romano; 1 prego de ferro; parte de um objecto do mesmo metal; 1 grande escopro de ferro, com alvado (*scalpum fabrile*); 1 grande fragmento de *dolium*, restaurado; outro grande fragmento, tambem restaurado, de um grande vaso, e 1 medio-bronze de Decencio; tudo proveniente da estação romana da Formoselha;
 1 grande tijolo, fragmentado; 1 tijolo mediano, tambem fragmentado; 1 pequeno tijolo inteiro; parte de outro com encaixes; 1 pedaço de *opus Signinum*; 2 pedaços de telhões; 1 fragmento de um vaso; 1 pedra de amolar; 1 fragmento de um tijolo arenoso; varios fragmentos de louça lusitana e de louça romana; 3 fragmentos de fibulas de bronze; 1 placazinho de cobre, e 1 alfinete de ferro; tudo proveniente da estação romana da Pedrulha (Alhados);
 1 inscrição romana, em pedra, encontrada na mesma estação;
 4 azulejos hispano-arabes;
 43 azulejos Delft, e parte de outro;
 algumas moedas de prata e cobre;
 9 pratos de louça antiga, de Coimbra;
 1 sopeira antiga de louça, de Valle da Mó;
 1 jarra de louça antiga (francesa);
 2 chavenas antigas, do Japão;
 1 tijela de louça antiga, inglesa;
 1 chocolateira de cobre, antiga;
 2 estatuetas de pedra, provenientes de Buarcos;

- 2 ditas de madeira;
 2 ditas de marfim;
 1 inscripção sepulchral proveniente de Buarcos;
 parte de uma columna de pedra, que servia de base de um cruzeiro
 e que tem a data de 1607, proveniente de Mira;
 1 leque antigo;
 2 pulseiras de cordão de seda, antigas;
 1 estatua de barro, representando um papa, vindo de Condeixa;
 molde, de lacre, do sello de D. Rodrigo da Cunha, encontrado no
 seu tumulo, na Sé Velha de Coimbra, em Dezembro de 1897;
 20 amostras de papel, dos annos de 1646 a 1701;
 1 photographia de alguns azulejos hispano-arabes, provenientes de
 Santarem;
 1 moldura antiga de madeira;
 1 busto de madeira representando Minerva;
 1 taboleiro de louça antiga de Coimbra;
 1 relogio antigo, de algibeira;
 1 espora antiga de bronze;
 1 chave de relogio, antiga;
 1 ponta de lança de ferro (seculo xv), achada nos Palheiros, pro-
 ximo de Lirio (Brenha);
 1 pedaço de gral, de pedra, e 1 bigorna pequena, de ferro, acha-
 dos nos escombros dos alicerces do castello de Redoredos (Buarcos);
 1 objecto de ferro, achado na Varzea (Figueira);
 1 pergaminho do seculo XIII;
 1 carta de bacharel, bellamente illuminada, do seculo XVIII;
 1 Regimento dos familiares do Santo Officio (impresso);
 1 carta, em pergaminho, tambem do Santo Officio;
 2 cartas regias, com a assignatura de El-Rei D. José I;
 1 documento com o sello da Ordem de Christo;
 1 tela, representando Santo Antonio, proveniente do convento de
 Santo Antonio d'esta cidade;
 1 collar de doze contas de barro, achado numa sepultura, feita de
 telhas romanas, em Ciudad Rodrigo (Hespanha);

Para a SECÇÃO DA INDUSTRIA DO CONCELHO, entrara 1 lindo centro
 de mesa, de madeira, e 2 pratos, tambem de madeira.

2. Acquisições em 1899 e primeiros dois meses de 1900

Durante o anno de 1899 e nos dois primeiros meses de 1900 de-
 ram entrada nas diferentes secções d'este Museu os objectos seguintes:

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA PREHISTORICA E PROTOHISTORICA:

28 machados de pedra, polidos, uns inteiros, outros fragmentados, entre elles alguns de dimensões muito pequenas; provenientes da Serra das Alhadas, Ponte do Curro (Alhadas), Junqueira, Brenha, Quiaios, Asseiceira, Valle do Romão, Anadia, Cantanhede e Nellas;

1 fragmento de ceramica neolitica, ornamentado, e tres lascas de silex;

3 laminas de serras, de silex, uma de faca, fragmentada, e uma lama de silex com retoques, e um dardo de silex,—provenientes do dolmen das Carniçosas;

2 laminas de silex, retocadas; uma ponta de seta, um dardo e duas laminas de facas, tudo de silex e proveniente do Arneiro (estaçao neolitica da Junqueira);

2 facas de silex, e duas laminas, tambem de silex, com retoques, provenientes da estação da Varzea de Lirio;

2 vasos, neoliticos, de barro, restaurados; varios fragmentos d'outros; duas serras de silex, uma das quaes dupla; um machado de pedra, polido, e fragmentado; e uma lasca de quartzo; tudo proveniente da orca do ousieiro do Rato, no concelho de Nellas (Beira-Alta);

1 pedra furada, proveniente tambem de Nellas;

alguns vasos, lusitanos, restaurados, e muitos fragmentos d'outros, trabalhados á mão; um fragmento ceramico ornamentado; dois cossos de barro, um dos quaes ornamentado; uma placa de osso, igualmente ornamentada; alguns pesos de rede, formados de fragmentos ceramicos; varios objectos de bronze e de ferro; parte do fundo de uma cabana lusitana com restos de animaes e fragmentos ceramicos; uma mó dormente, com feição primitiva; tudo proveniente do castro de Santa Olaya;

2 fragmentos de ceramica lusitana, lisos, e outro com ornatos, provenientes de um abrigo sob rocha em Travancinho (Beira-Alta);

34 exemplares de rochas de Portugal, convenientemente classificadas pela Direcção dos Trabalhos Geologicos do Reino, para a classificação dos diversos instrumentos de pedra neoliticos.

SECÇÃO DE COMPARAÇÃO OU ETHNOGRAPHICA:

Varios amuletos portugueses;

1 feitiço africano;

1 espada de Dahomey;

varios instrumentos agricolas, e arreios, de ferro, antigos, provenientes de S. Martinho de Arvore;

1 tijolo romano, proveniente dos palacios dos Cesares, em Roma;

2 *lucernae* ou candeiros romanas, provenientes de um *Columbarium* de Roma;

1 miniatura, de barro, de um vaso grego, pintado;

1 vaso de barro, espanhol;

varias peças de loiça fumigada, de fabricas dos districtos de Aveiro e Coimbra;

amostras dos barros empregados no fabrico das mesmas loiças;

1 pequeno dente de elephante, esculpido;

1 caixa de palha, da India;

1 seixo furado e uma esphera de pedra.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA HISTORICA:

a) Sub-secção luso-romana:

1 troço de columna romana, formada por fiadas de tijolos em forma de sector circular; varios d'estes tijolos e outro, rectangular, grande; e varios fragmentos de ceramica romana; tudo proveniente das ruinas romanas de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha);

6 tijolos romanos, triangulares; outro quadrado; um pedaço de barro, que servia de argamassa; dois fragmentos de mosaicos; alguns pedaços de ornatos em estuque, e um pedaço de marmore; varios fragmentos ceramicos e conchas marinhas; tudo proveniente da *villa* romana de Ançã (Cantanhede);

varios fragmentos ceramicos; um pedaço de telha; um tijolo quadrado, e parte de uma *mola manuaria*: tudo proveniente de Ermide (Buarcos);

1 lança de ferro que parece romana, proveniente de S. Martinho de Arvore.

4 pesos de tear, romanos, de barro; e outro, de granito; provenientes de Nellas;

1 pêso de tear, romano, de barro; e parte do bordo do vaso, com asa interior; proveniente das ruinas da *villa* romana de Nossa Senhora do Desterro (Montemór-o-Velho);

3 vasos romanos restaurados; dois outros, incompletos; muitos fragmentos de ceramica romana, cinzenta e negra; muitos de loiça pintada, polychromica; alguns fragmentos de telhas romanas, com cannelluras; tudo proveniente de Santa Olaya;

amostras do *bucchero*, da Etruria maritima (Italia), provenientes do Museu archeologico de Florença.

b) Sub-secção da idade média e tempos modernos:

varias peças de loiça nacional e estrangeira;

varias peças de vidros;

1 castiçal, antigo, de metal;
 varios fragmentos de um retabulo de pedra, attribuido ao seculo xvi,
 e proveniente da igreja de S. Pedro de Buarcos;
 varios objectos, taes como um espadim, fragmentado, botões, fi-
 velas, etc., encontrados em sepulturas antigas, da mesma igreja;
 varias apolices do Real Erario, dos annos de 1798, 1799 e 1805;
 4 grandes potes de barro, antigos;
 1 azulejo hispano-mourisco;
 1 caixa de rapé, de chifre de veado;
 1 caixa de madeira;
 2 pares de brincos e dois broches antigos, provenientes da China;
 1 brinco de metal, antigo, proveniente de Santarem;
 amostras de tecidos antigos;
 1 denario de Augusto;
 1 medio-bronze, de Claudio, achado em Ançã;
 varias medalhas portuguesas;
 1 medalha distinctiva da Sociedade Archeologica da Figueira;
 1 medalha commemorativa do quarto centenario do descobrimento
 o Brasil.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Elementos para a solução de um problema archeologico

Ha annos um illustre, venerando e bem nosso conhecido investigador das cousas brigantinas, andando na procura de vestigios da estrada militar romana de Braga a Astorga, que passava por Chaves, encontrou nos altos de Fonte Arcada, Carragosa e Soutello, concelho de Bragança, uns padrões de granito mais ou menos trabalhados, de altura media 1^m,15, largura 0^m,55 e espessura 0^m,25, collocados nos caminhos ou suas proximidades, servindo ou não de limite de termos, com a seguinte inscripção:

C A

B A R

com esta mesma disposição e typo de letra em todos elles, e a qual deu depois de muitas e diversas permutações esta solução:—A. BRAC. *tantos mil passos a contur de Braga*,—vindo-os a considerar marcos d'aquelle via que faz passar por aquelles sitios.

Não se conformaram com esta interpretação os espiritos de indole

1 castiçal, antigo, de metal;
 varios fragmentos de um retabulo de pedra, attribuido ao seculo xvi,
 e proveniente da igreja de S. Pedro de Buarcos;
 varios objectos, taes como um espadim, fragmentado, botões, fi-
 velas, etc., encontrados em sepulturas antigas, da mesma igreja;
 varias apolices do Real Erario, dos annos de 1798, 1799 e 1805;
 4 grandes potes de barro, antigos;
 1 azulejo hispano-mourisco;
 1 caixa de rapé, de chifre de veado;
 1 caixa de madeira;
 2 pares de brincos e dois broches antigos, provenientes da China;
 1 brinco de metal, antigo, proveniente de Santarem;
 amostras de tecidos antigos;
 1 denario de Augusto;
 1 medio-bronze, de Claudio, achado em Ançã;
 varias medalhas portuguesas;
 1 medalha distinctiva da Sociedade Archeologica da Figueira;
 1 medalha commemorativa do quarto centenario do descobrimento
 o Brasil.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Elementos para a solução de um problema archeologico

Ha annos um illustre, venerando e bem nosso conhecido investigador das cousas brigantinas, andando na procura de vestigios da estrada militar romana de Braga a Astorga, que passava por Chaves, encontrou nos altos de Fonte Arcada, Carragosa e Soutello, concelho de Bragança, uns padrões de granito mais ou menos trabalhados, de altura media 1^m,15, largura 0^m,55 e espessura 0^m,25, collocados nos caminhos ou suas proximidades, servindo ou não de limite de termos, com a seguinte inscripção:

C A

B A R

com esta mesma disposição e typo de letra em todos elles, e a qual deu depois de muitas e diversas permutações esta solução:—A. BRAC. *tantos mil passos a contur de Braga*,—vindo-os a considerar marcos d'aquelle via que faz passar por aquelles sitios.

Não se conformaram com esta interpretação os espiritos de indole

renitente, e começaram a formar várias conjecturas e alvitres em procura de outra resolução. E assim diziam uns, que ella queria dizer—CABAR—havendo ainda entre estes divergência, dos que era assim por marcar limite ou cabo do termo, apesar do êrro orthographicó, e dos que a julgavam uma dedicação á lua (!) feita por uma das tribus arabes que invadiu a Peninsula e a adorava sob este nome; outros davam de parecer que indicava—«Camara ou Casa (CA) de Bragança (BAR)»,—baseando-se na probabilidade de que os termos que dividiam tivessem pertencido á Camara ou Casa de Bragança no tempo em que se escrevia *Bargançā*; ainda outros, aproveitando esta significação de —BAR—, induziam que se devia ler—«Caminho (CA) de Bragança»,—por os marcos estarem nas proximidades de caminhos; finalmente, outros que se devia tomar como sendo só o nome de—«Bragança (BARGANÇA)» escrito em abreviatura¹.

Havia, como se vê, sómente a incerteza, que continuaria durante muito tempo, talvez, se não fosse a circunstancia de vir no conhecimento da existencia noutros pontos de muitos outros padrões quasi nas mesmas condições de feitio, grandeza, situação e serventia que os encontrados em Fonte-Arcada, Carragosa e Soutello, com a mesma inscripção no mesmo typo de letra, indicando serem todas da mesma epocha, tendo algumas o C e o A ligados (CA) e o A e o R tambem ligados (AR). Pois assim é o marco de Cabanellas no caminho da Mosca para S. Pedro, que divide os termos de Nogueira, S. Pedro e Rebor-dãos; a marra de Rôbôr-de-Vaccas no caminho velho de Bragança para Lamalonga que marca os termos de Villarinho, Agrochão e Ervedosa; a de Lamalonga no mesmo caminho, ponto divisorio dos termos d'esta povoação e Villarinho-de-Agrochão; a do Lombo numa terra de pão, fóra de caminhos, que é outro signal divisionario dos mesmos termos; a dos Salgueiros situada no campo no meio de umas fragas que separa ainda os termos d'estas duas povoações e da Argana; e finalmente, outras tambem divisorias de termos collocadas nos caminhos de Samil para S. Pedro e para Alfaião.

¹ Nos *Autos proprios do tombo do termo e bens do concelho da villa de Ervedosa*, feito em 1826, lê-se: «..... e caminhando da Escoura pelo lado sul em direitura ao nascente athé á fraga da Talha por onde parte como termo de Argana e d'esta pela parte de cima da Quinta athé ao Cabeço das Alagoas, em cujo Cabeço se acha hum marco de cantaria com *letras* que dizem *Bragança* viradas para o lugar de Villarinho, cujo marco divide o termo d'esta Villa de Villarinho e Argana». Visitei este marco e vi que a sua inscripção era como a dos marcos de que estamos tratando e no mesmo typo de letra.

D'estes achados conclui logo que estas marras ou marcos eram destinados a dividir os termos das povoações, o que ainda era comprovado pela existencia nalguns de umas rectas que se cortavam em cruz, signal usado da sua verificação, que noutras apparecia numas pedras baixas collocadas ao lado como para as amparar, e a que vulgarmente chamam *testemunhas*. Ficando prejudicada d'esta forma a ideia de que serviam para indicar as distancias a Braga de uma estrada, e de que fossem monumentos levantados á lua.

Apesar d'isso o enigma continuava, subsistindo as outras suposições, visto ser desconhecida a palavra—CABAR—quando noutra digressão que fiz a Lamalonga, onde, como vimos, ellas abundam mais, fui encontrar, num tapado no sítio do Cercado, por onde nunca podia passar caminho, uma fraga de granito, de forma arredondada de mais de 2 metros de altura e de 3 de largura, e que está encostada a outra ainda de maiores dimensões, com esta inscripção numa só linha sem outro signal:

BARCA

feita em grandes letras de 0^m,3 de corpo, bem gravadas e claras, do mesmo typo que o dos marcos e tendo o C e o A ligado (CA), e que serve de limite aos termos de Lamalonga, Torre de D. Chama, Nuzellos e Villarinho.

Este descobrimento evidenciou que as inscripções das marras se deviam ler tambem —BARCA—; não estando assim nellas escriptas, porque como effectivamente notei, não cabiam na largura das suas faces todas as letras numa só linha, tendo a grandeza que lhes deram, talvez para as tornar mais legiveis e duradouras, pois que a média do seu corpo regula pela da linha superior por 0^m,15 e das da inferior por 0^m,20. E d'esta maneira ficaram sem valor todas as outras interpretações, para aparecer, por sua vez, a curiosidade de saber a origem do costume de gravarem esta e outras palavras nas pedras destinadas a marcar o limite dos termos. O que nos é explicado a pags. 541—542 do artigo de Alberto Sampaio, intitulado «As villas no norte de Portugal» publicado no n.^o 23, vol. IV, da *Revista de Portugal*, de Eça de Queiroz, de 1892, em que se lê:

“..... Que esses marcos (dos romanos) se mantiveram e existiam ainda no periodo astur-leonez, não pode haver a menor duvida, visto serem mencionados vulgarmente nos D(ipomata).

Um exemplo bastará.

Affonso III (866—910) doára ao bispo Sabaricus o mosteiro de Dume com o seu territorio *per suos terminos antiquos*. No tempo do

filho Ordonho II, foi necessario por qualquer motivo identificar a demarcação antiga (D. 17). Fez-se uma *congregatio magna*: o bispo apresentou o seu documento; nomearam-se peritos — *qui solent antiquitum comprobare*; recompor o passado era a preocupação d'essa sociedade. Os peritos em presença dos magnates seculares e ecclesiasticos determinaram a linha de demarcação com a maior facilidade. Ahi acharam repetidas vezes *petras-fictas*, *qui ab antico pro termino fuerunt constitutas — archa petrinea ah antiquis constructa — congesta petrinea — agirem*; e outros marcos, como — *ad barca, qui sedet sculpta in petra — petra scripta, ubi dicet terminum — terra tumeda qui fuit manu facta*. São effectivamente signaes de demarcação romana ou arcas, *congesta petrinea, a petra sculpta ou scripta*, assim como tambem as *petras fictas e a terra tumeda*.

Este conhecimento conjunctamente com as informações referidas e a fraga do Cercado em Lamalonga elucidaram não só o destino d'estes padrões e o modo de ler a sua inscrição, mas tambem que, como parece pelo typo das letras e pelo apparecimento de alguns em termos de povoados considerados relativamente modernos, senão são de origem romana foram todavia feitos á imitação dos empregados por este povo para limitar os seus termos e territorios; ficando assim esclarecido este assunto que tinha dado ensejo a discussões muito interessantes entre individualidades, algumas da maior consideração scientifica. E a inscrição deve dizer o seu nome, cuja razão de ser será a mesma porque lhe chamaram tambem — *arcas* — e hoje — *marras*, e porque antigamente denominavam *lindes* aos marcos das propriedades e terras, que agora em algumas povoações d'estes sitios conhecem por *alfos*.

Bragança, Junho de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

290. Magrellos (Entre-Douro-e-Minho)

O Castro de Arados

«No alto cacumen deste monte (*de Arados*) ha tradição muyto antiga que naquelle tempo habitavão os Mouros, e daquelle planicie fazião fortaleza, e ainda hoje se divizão huns vestigios pello poente dos muros da sua fortaleza». (Tomo xxii, fl. 210).

filho Ordonho II, foi necessario por qualquer motivo identificar a demarcação antiga (D. 17). Fez-se uma *congregatio magna*: o bispo apresentou o seu documento; nomearam-se peritos — *qui solent antiquitum comprobare*; recompor o passado era a preocupação d'essa sociedade. Os peritos em presença dos magnates seculares e ecclesiasticos determinaram a linha de demarcação com a maior facilidade. Ahi acharam repetidas vezes *petras-fictas*, *qui ab antico pro termino fuerunt constitutas — archa petrinea ah antiquis constructa — congesta petrinea — agirem*; e outros marcos, como — *ad barca, qui sedet sculpta in petra — petra scripta, ubi dicet terminum — terra tumeda qui fuit manu facta*. São effectivamente signaes de demarcação romana ou arcas, *congesta petrinea, a petra sculpta ou scripta*, assim como tambem as *petras fictas e a terra tumeda*.

Este conhecimento conjunctamente com as informações referidas e a fraga do Cercado em Lamalonga elucidaram não só o destino d'estes padrões e o modo de ler a sua inscrição, mas tambem que, como parece pelo typo das letras e pelo apparecimento de alguns em termos de povoados considerados relativamente modernos, senão são de origem romana foram todavia feitos á imitação dos empregados por este povo para limitar os seus termos e territorios; ficando assim esclarecido este assunto que tinha dado ensejo a discussões muito interessantes entre individualidades, algumas da maior consideração scientifica. E a inscrição deve dizer o seu nome, cuja razão de ser será a mesma porque lhe chamaram tambem — *arcas* — e hoje — *marras*, e porque antigamente denominavam *lindes* aos marcos das propriedades e terras, que agora em algumas povoações d'estes sitios conhecem por *alfos*.

Bragança, Junho de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

290. Magrellos (Entre-Douro-e-Minho)

O Castro de Arados

«No alto cacumen deste monte (*de Arados*) ha tradição muyto antiga que naquelle tempo habitavão os Mouros, e daquelle planicie fazião fortaleza, e ainda hoje se divizão huns vestigios pello poente dos muros da sua fortaleza». (Tomo xxii, fl. 210).

291. Maiorca (Beira)

Castello dos Mouros

«Aqui ha hū sitio que vulgarmente se chama o Castello, e há tradição de que no tempo que os Mouros pessuirão estas terras ouve esta fortaleza, mas hoje nem signal se encontra das ruinas». (Tomo xxii, fl. 223).

292. Malhadas (Tras-os-Montes)

Vid. *O Arch. Port.*, I, 11, n.^o 1.

293. Mangualde (Beira)

Castello dos Mouros

«Ha nesta minha freguezia huma serra chamada do Castello cujo nome alcançou de ser antigamente Castello de Mouros como consta de vestigios que nella se acham que vem a ser: huns muros munto Antigos que hoje se acham aruinados e postos por terra feitos e machinados de pedra meuda unida com cal e area, de que ainda existem signais, e se dis, foram fabricados por hum Mouro chamado Azuram, do qual tomou o nome este concelho de Azurara». (Tomo xxii, fl. 296).

294. Manbuncellos (Entre-Douro-e-Minho)

A pedra que falla

«..... ha hum monte grande, e parte delle pertence a ella e a outras que com ella partem. O qual monte por sua grande planicie se chama Monte Deiras: e nelle ha hum espaçozo Lenteiro que fes huma mediocre agoa que da terra sobe. E dizem que he Olho marinho por terem atolado profundamente nelle bois e bestas, donde com muyto custo e trabalho se tiraram. Tambem junto e ao redor do tal monte ha outros compostos de muitas penedias. E entre elles ha hum que fas Eccho quando se fala alto, pelo que dizem os rusticos da terra, que ali está huma Moura encantada».

«..... tem para a parte do Nacente o já mencionado monte Deiras para a parte do norte e occidente hum monte bastante alto e cheyo de pedras chamado Boy morto, para a parte do Sul fica hum ou mais montes em hum sitio elevado abaxo do qual está o Lugar chamado o Castilho (*sic*) e na falda dos taes montes estam as pedras já ditas, que fazem Eccho e que respondem, quando se fala alto, chamadas

por isso a Pedra que fála: e para cima mais para o Oriente estam algus montes elevados, e muy pedrogulhozos». (Tomo xxii, fl. 309).

«Passa tambem por hum lugar chamado a Palla, antigo, populozo e aprazivel e parece que de Palas Deoza Gentilica tem o nome. E se o affecto de ser patria minha me nam soborna o animo para a inclinaçam, julgo que pelo sitio he huma das melhores prayas deste rio (*Douro*)» (Tomo xxii, fl. 312).

295. Marialva (Beira)

A cidade dos Aravos

Freguesia de S. Pedro. — «Somente tem hum lago com bastante grandeza, que conserva alguas agoas no inverno, com seos aqueductos. Com que na antiguidade (bem se deixa ver) se encaminhava a agoa para regar os campos em o sitio da Deveza onde prezentemente se faz a feira, e algum dia se achava situada a Cidade de Aravos, mas tem arruinado o poderoso dominio do tempo». (Tomo xxii, fl. 373).

Freguesia de Santiago. — «E em minha Caza se conserva húa pedra marmore quadrangular mais cumprida que larga e da grosura de meyo palmo, a qual foi achada dentro do Castello, e nella se vê esculpido hum Letreyro latino que ainda com vocabulo breues e letras já apagadas se deyxa perceber ser do tempo dos Emperadores Trajano e Adriano e existir nesse mesmo, e nesta mesma paragem a Cidade chamada Aravos¹». (Tomo xxii, fl. 378).

«Tem tambem no arabalde donde se faz a feira todos os mezes em cujo sitio há tradição estivera a antiga Cidade Aravos, húa Torre que conserva o nome — da Moura, a qual se acha já aruinada e parte de seu terraplano metido para algumas propriedades, ou campos particulares, e pellos seos fundamentos, e architectura se deyxa ver era palacio de pessoa grande». (Tomo xxii, fl. 380).

296. Marmelar (Alemtejo)

Ruinas de um palacio

«..... no fundo de algumas sepulturas se acham pedras lavradas e athe ao prezente nam tenho descuberto letreyro algum. Entendo que o pavimento da Igreja era aonde agora he o fundo das sepulturas

¹ É referencia á *Civitas Aravorum*, inscripção n.º 429 do *Corp. Inscr. Lat.*

e por ser a Igreja muito humida a mandaram entulhar». (Tomo xxii, fl. 403).

«Antigamente se achava nesta Aldea hum palacio junto da ribeyra que corre junto a este povoação, e dentro da mesma so se acham os alicerces, e por memoria huma torre de quatro cantos mais comprida que larga, tem o comprimento para a parte do Norte em que se contam 35 palmos e a largura para a parte do Nascente com 24 palmos de face san os cantos de pedra lavradas humas brancas e outras pardas, e a mais obra he de pedra tosca, tem 4 janelas altas as primeyras sam para o Norte e Sul em igual competencia, ou correspondencia, e as duas mais altas sam para o Nascente e Poente obra muito tosca.

Dentro da terra se acha huma abobada baycha que serve de cubertura ao pavimento aonde estão alguns potes de azeite e serve a torre de adega para recolher as rendas do azeite do morgado do Sr. Conde de Val de Rey; e todo o mais vam da torre he descuberto.

Antigamente tinha sobrados de madeyra mas o tempo tudo desgas-tou com pressa; no portal da torre se vem pedras que já serviram em outro edificio; os meyos das ruas desta Aldea estam cheyos de alicerces, e em algumas partes se tem descuberto o solo das caças que ali existiam tudo de ladrilho e adobes donde julgo que esta Aldea he mais antiga do que a noticia que me deram de ser fundada no anno de 1345 etc.» (Tomo xxii, fl. 405).

297. Marmeiro (Beira)

Areias auriferas

«Consta que muntas vezes se acha ouro em faiscas pellas areas porque no verão costumão vir homens chamados gandaeyros e alguma couza acham, mas pouco e com munto trabalho». (Tomo xxii, fl. 415).

298. Santa Martha (Entre-Douro-e-Minho)

Dolmen Forno dos Mouros

«Não tem privilegios alguns, mas sim acha-se em hum Monte, que fica perto e defronte do lugar de Portella húa antiguidade chamada o Forno dos Mouros que consiste em tres esteyos de pedra cada hum de cumprimento de duas varas de medir fora do license, e por cima destes esteyos está sobreposta húa pedra redonda, que tem de largura tambem duas varas de medir, e não se sabe quando teve principio, nem quem fez esta obra, só diz a fama que he do tempo dos Mouros,

e que foi obra sua, e não sei nem achei que haja outras couzas dignas de memoria». (Tomo XXII, fl. 431).

299. Marzagão (Tras-os-Montes)

Sepulturas. — A cidade Aquas Quintianas. — Castellos

«Tem hum largo Adro em circuito com muitas comendas das Ordens Militares para conhecimento dos muitos cavalleiros, que nellas jazem interradas e muitas dellas grauadas em pedra marmore de que o sitio he bem abastado». (Tomo XXII, fl. 504).

«Foi aquella villa de Anciaens¹ no tempo dos Romanos Cidade e se denominava *Aquas Quintianas* como tem Monsiú Brusen Lamartinière de nasçam Franceza no seu primeiro volume do seu Dicionario Geografico foi populloza, e nobre, e o indicão ainda os seos antiguos Muros com que ainda se acha murada toda. Está no alto de hum leuantado e fraguozo monte e serra que corre do norte para o sul em distancia de cinquo milhas e finaliza no rio Douro. He circuitada de bons, largos e altos Muros e no cima della e do dito Monte tem o seu grande e largo Castello, com húa Torre no mais alto della, chamada da Homenagem: como com mais Larguezas dirá o Parochio que hora he do Divino Salvador da mesma Villa, e cuja tambem o disse quando no estado secular escreui as antigas notabellidades della em Septembro de 1721 que remetti á Academia Real e della se deram ao R.^{do} Dom Hieronymo Contador de Argote para compor os seos Tomos das mesmas Notabellidades». (Tomo XXII, fl. 505).

«Nam há Minas no destrito da dita Serra (*de Marzagão*) mas descubriose há couza de 60 annos húa de salitre na praya do dito Rio Douro no sitio e porto da Balleira, aonde beio hum Enginheiro fazer poluora; o que não continuou ou por lhe faltar o salitre, ou pello aspero do sitio». (Tomo XXII, fl. 527).

«Tem esta serra no mais alto hum circuito de Pedra já cahido e aruinado com penedos altos dentro que se chama o Castello das Donas, por cima das fontes do Duram. E mais adiante ja a uista de Campellos está outro Cabeço a que chamam o Castello de Dom Fernando». (Tomo XXII, fl. 528).

¹ Anciães vem de *Ansilanis*, genetivo de *Ansilia*; assim como Quintiães de *Kintilanis*, genetivo de *Kintila*, *Chintila* ou *Cintila*. É provavel que Acião, na Extremadura, se tenha derivado de *Ansilani*; como Requião de *Rekilani* ou *Rechilani* e Aldão de *Aldiani*. *Rekilani* e *Aldiani* não soffrem dúvida serem casos de *Rekila* e *Aldia*, talvez em dativo.

300. Mata-de-Lobos (Beira)

Sepulturas

«..... por se achar no adro della muitas sepulturas com letreyros nas suas campas que declarão ser dos seos Cavaleiros (*do Templo*) donde estes forão sepultados, e em outras se vem cruzes formadas». (Tomo XXII, fl. 549).

301. Matança (Beira)

Pedras com varios feitos e letreiros

«..... conta-se que o seu nome de Matança lhe prouem de hum grande choque que aqui se deu contra os Mouros e achanse muitas pedras com uarios feitos, e algumas com letreiros que se nam podem ler». (Tomo XXII, fl. 558).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Inscrições romanas do Minho

Nas suas *Cartas sobre epigraphia romana*, Braga 1898, dá o Sr. Albando Bellino notícias das seguintes inscrições:

1.^a (a pag. 26):

H E
S A C
C . I V L I V

O A. interpreta a inscrição assim: [deo] *He(rculi) sac(rum)* *C. Iuli(s)...* — Esta inscrição, foi encontrada pelo A. em Braga, na antiga rua de Santo Antonio.

2.^a (a pag. 30):

.....
A N X
L A B E R I A L · F · M A X
sic F I L A E P I E N T I

Que o A. traduziu: *Laberia Maxima, filha de Lucio, á filha piedosissima, de 10 annos de idade.* — A inscrição existe na Torre da Magueixa, freguesia do Reguengo Fetal. Este texto corrige o que foi dado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Supplemento* n.º 5234.

É só assim pelo concurso de todos que a Epigraphia poderá progredir.

J. L. DE V.

300. Mata-de-Lobos (Beira)

Sepulturas

«..... por se achar no adro della muitas sepulturas com letreyros nas suas campas que declarão ser dos seos Cavaleiros (*do Templo*) donde estes forão sepultados, e em outras se vem cruzes formadas». (Tomo XXII, fl. 549).

301. Matança (Beira)

Pedras com varios feitos e letreiros

«..... conta-se que o seu nome de Matança lhe prouem de hum grande choque que aqui se deu contra os Mouros e achanse muitas pedras com uarios feitos, e algumas com letreiros que se nam podem ler». (Tomo XXII, fl. 558).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Inscrições romanas do Minho

Nas suas *Cartas sobre epigraphia romana*, Braga 1898, dá o Sr. Albando Bellino notícias das seguintes inscrições:

1.^a (a pag. 26):

H E
S A C
C . I V L I V

O A. interpreta a inscrição assim: [deo] *He(rculi) sac(rum)* *C. Iuli(s)...* — Esta inscrição, foi encontrada pelo A. em Braga, na antiga rua de Santo Antonio.

2.^a (a pag. 30):

.....
A N X
L A B E R I A L · F · M A X
sic F I L A E P I E N T I

Que o A. traduziu: *Laberia Maxima, filha de Lucio, á filha piedosissima, de 10 annos de idade.* — A inscrição existe na Torre da Magueixa, freguesia do Reguengo Fetal. Este texto corrige o que foi dado no *Corp. Inscr. Lat.*, II, *Supplemento* n.º 5234.

É só assim pelo concurso de todos que a Epigraphia poderá progredir.

J. L. DE V.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 7

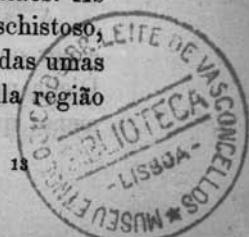
Estação romana da Ribeira (Tralhariz)

Por comunicação do Sr. Albino Pereira Lopo, ilustrado oficial do nosso Exército e a quem se devem importantíssimos serviços no campo da archeologia do Norte de Tras-os-Montes, soube eu ha tempos que haviam aparecido em Janeiro d'este anno na Quinta da Ribeira, pertencente ao Sr. Cândido de Frias Sampaio e Mello, umas ruinas romanas dignas de estudo. Ao mesmo tempo o meritíssimo abade de Miragaia, o Sr. Dr. Pedro A. Ferreira, escrevia-me tambem a participar-me o facto. O mesmo via eu noticiado em alguns jornaes da capital. Tendo-me dirigido por carta ao Sr. Cândido de Frias a pedir-lhe informações, este nobre fidalgo não só se dignou responder-me imediatamente, mas levou a sua amabilidade a convidar-me para ir ver as ruinas, convite que repetiu em cartas successivas.

Em virtude d'isto parti para o Norte. No dia 16 de Março, pelas duas horas da tarde, descia eu do comboio na estação de Foz-Tua, onde tinha a honra de ser recebido pelo Sr. Cândido de Frias, que me esperava juntamente com seus parentes o Sr. Joaquim de Sousa Pinto Barroso e Carlos Machado, e com o Sr. tenente Albino Pereira Lopo, aos quaes depois se agregou o Sr. Dr. Manoel da Costa Rocha.

Foi em tão boa companhia que visitei as ruinas romanas, depois de todos havermos subido uma ingreme ladeira, situada sobre o Tua, e vestida de flores silvestres, que com seus perfumes nos regalavam.

A quinta da Ribeira fica no termo de Tralhariz, distante alguns kilómetros d'esta povoação, no concelho de Carrazeda de Anciães. As ruinas estão numa encosta, a cavalleiro do rio Tua, em terreno schistoso, com um melancólico horizonte de montanhas em volta, separadas umas das outras por vales fundos, como em geral sucede naquella região trasmontana.



As ruinas apareceram da seguinte maneira.

Andava o caseiro da quinta a fazer um calço no olival que está junto da casa da quinta, e achou um pedaço de mosaico, de certa extensão. Como os nossos aldeões, quando descobrem algum monumento archaico, imaginam que elle contém thesouros escondidos ou encantados, este trabalhador imaginou o mesmo, dando-se pressa a desmanchar tudo, na esperança de descobrir o ambicionado *haver*. Com o prosseguimento do trabalho continuou porém a aparecer mosaico.

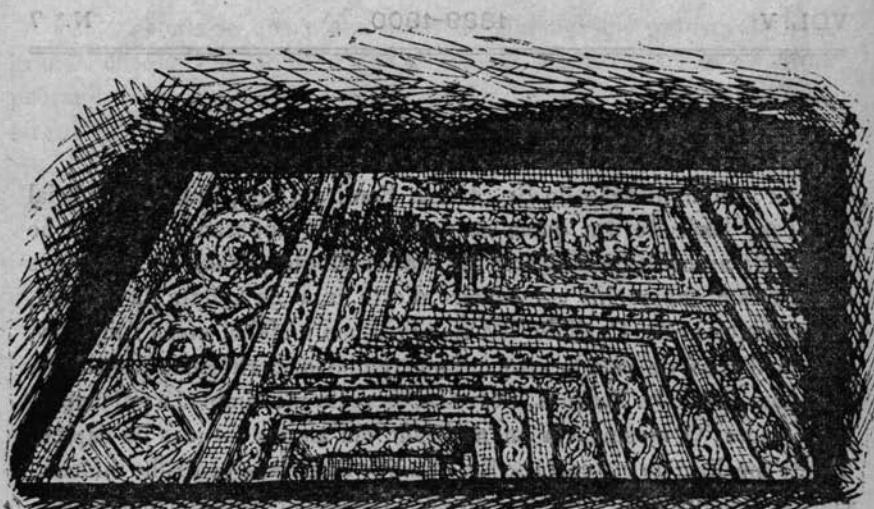


Fig. 1 — Conjunto do mosaico da sala A

Tendo o Sr. Cândido de Frias tido conhecimento do facto, mandou proceder á excavação com todo o cuidado, do que resultou descobrir-se o chão de duas salas mais ou menos forrado de mosaico, á profundidade de uns 12 palmos, salas que communicavam uma com a outra. Ha todas as probabilidades de que contiguas a estas salas apareçam mais. A pouca distancia apareceu um corredor fundo, que fazia parte da mesma construcção, e vae de Nascente para Sul; por elle cabe um homem á vontade. As paredes de todas estas construções são feitas de schisto, rocha que abunda no local; em alguns sitios d'ellas notam-se vestigios de incendio.

A sala melhor conservada tem por um dos lados 6 metros e tanto, e por outro 5 e tanto; a espessura de uma das paredes é de 0^m,52. D'ella passa-se para a contigua por um resto de porta. Esta é pouco menor que aquella. Chamarei sala A á 1.^a, e sala B á 2.^a

O mosaico é polichromico, *opus vermiculatum*; as cores são: branca, azul-escura, vermelha e amarela; as *tessellae* consistem em pequenos

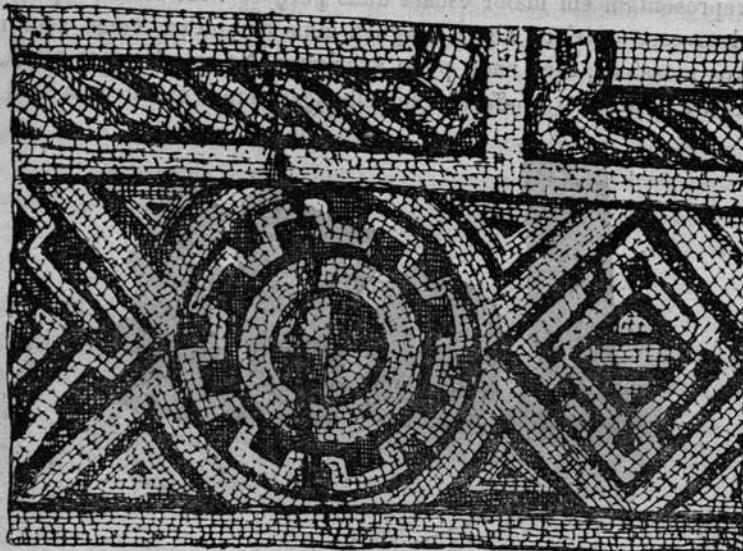


Fig. 2 — Porção do mosaico da sala A

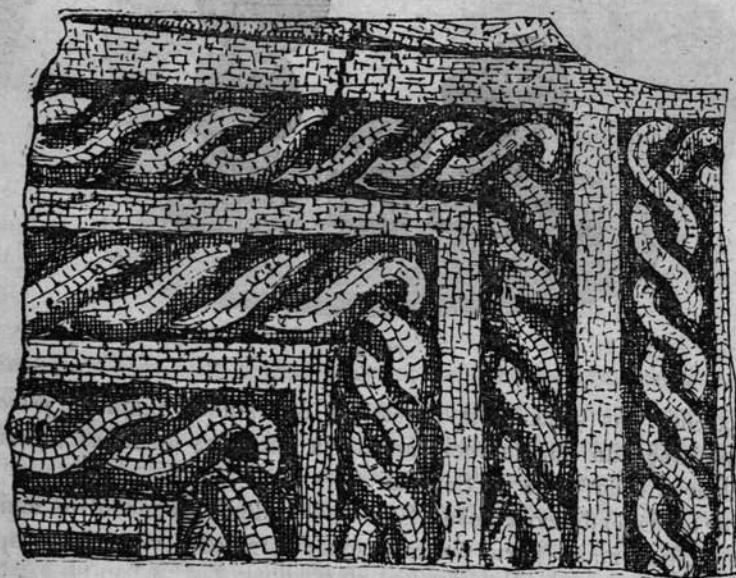


Fig. 3 — Porção do mosaico da sala A

cubos de pedra, como sucede em geral nos mosaicos luso-romanos. Na sala A a parte do mosaico que está em bom estado é a lateral.

Das figuras juntas se vê, melhor que de uma descrição, a disposição dos desenhos do mosaico: a fig. 2 representa um conjunto; as figs. 1 e 3 representam em maior escala duas porções¹. Ao centro é possível que houvesse outr'ora alguma figura mais complexa, como acontece noutros mosaicos, mas nada pude averiguar. Na sala B o que resta do mosaico que a reveste offerece semelhanças com o mosaico da sala A.



Fig. 4

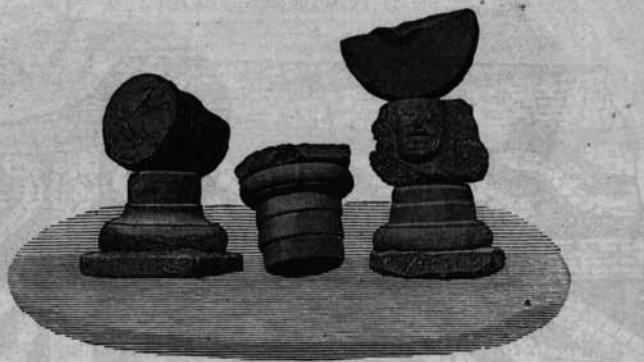


Fig. 5

As paredes das salas eram revestidas de estuque pintado (*fresco*), á semelhança do que tambem acontecia em salas de casas romanas do Algarve e de Troia de Setubal.

Por occasião da excavação o Sr. Cândido de Fries encontrou muitos objectos, pela maior parte fragmentados: entre elles vi, por exemplo,

¹ A gravura d'estas tres figuras e as das 4 e 5 foram feitas segundo photographias que o Sr. Dr. Manoel da Costa Rocha fez o favor de me enviar.

capiteis ou bases e fustes de columnas de pedra (vid. figs. 4 e 5); pedaços de grandes vasilhas de barro (bojos, asas, fundos), talvez de *dolia*, alguns com ornatos iguaes aos de vasilhas que tenho achado em estações archaicas da Beira; uma pedra, que tem certo feitio de capitel, mas com uma cara muito tosca esculpida numa das faces (vid. fig. 5); tijolos grossos, uns de forma quadrada, outros rectangular, dos que costumam servir nos *hypocaustos*, que quasi nunca faltavam nos edificios romanos de certa importancia ou conchego; numerosos pedaços de *tégulas* e alguns de *imbrices*, como a nossa actual; pesos de barro (*pondera*) pyra-



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

midaes, de tear, sem marcas, porém, nem letras; um cossorio (*verticillus*) de barro com ornatos, de que dou aqui um desenho em tamanho natural (fig. 8); muitos pedaços de vasilhas pequenas e finas, de barro grosso; alguns pedacitos de vasos de barro mais fino, com ornamentação (vid. fig. 6, em tamanho natural); pedaços do chamado *barro saguntino*; mós pequenas (*molae manuariae*) (vid. fig. 5); um pequeno caleiro de pedra; um machado de pedra polida; duas moedas romanas de bronze de pequeno modulo, uma do século IV, outra que ainda não pude examinar, porque o Sr. Frias a tinha emprestado; um pequeno cabo chato de osso e furado, que poderia ter feito parte de um instru-

mento perfurante (vid. fig. 7, em tamanho natural); raros fragmentos de objectos de ferro e de bronze; asas, ao parecer, de amphoras; um telhão do feitio indicado na fig. 9 (dimensões: $0^m,285 \times 0^m,285$); parte de uma pia (vid. fig. 4). Todos os objectos de pedra são de granito, que não existe na localidade, mas que podia ter vindo de Tralhariz, onde já ha esta rocha.

Quando prosseguirem as excavações, é provavel que se alarguem os nossos conhecimentos á cerca d'esta interessante estação romana, e só então se saberá se ella era uma simplez *villa* («quinta»), como me parece, ou uma povoação. No entanto notarei que por toda a quinta aparecem muitos tijolos, e pedras apparelhadas.

Em todo o caso, o que desde já se pode afirmar é que o dono d'esta estação era homem rico e de gôsto, como se vê do mosaico que vestia o chão das salas, e das pinturas que ornamentavam as paredes, e em certa medida se vê tambem dos restos da ceramica *sigillata*, que não

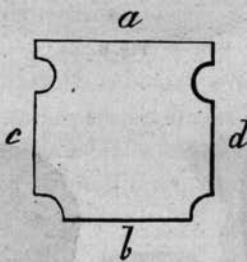


Fig. 9

se usaria na mesa de um pobretão, e alem d'isso se vê dos restos das columnas que aformoseavam esta confortável vivenda. O caracter agricola da estação resalta da existencia das mós e do grande vasilhame. Nesse local se cultivava, como hoje, já certamente o vinho, porque, como diz o poeta, *Bacchus amat colles*; e bem proprio era o local para isso. Ao mesmo tempo que ahí se preparavam farinhas para o serviço da mesa, o que se vê das *molae*, teciam-se talvez pannos e fiavam-se lãs, como se pode deduzir da existencia dos *pondera* e do *verticillus*. De facto na antiguidade havia teares em quasi todas as casas, o que explica que nas ruinas archaicás se encontrem pesos de barro em tamaha abundancia; isto succedia não só na epocha romana, mas mesmo já nas pre-romanas: no castro lusitano de Pragança, por exemplo, tenho achado numerosos pesos. E pesos sémelhantes aos romanos se encontram nas estações pre-historicas de outros países, segundo o que observei nos museus das estações lacustres da Suiça, nas antiguidades de Troia con-

servadas num museu de Berlim, etc. Os romanos não fizeram mais que continuar costumes de tempos anteriores ao d'elles. Assim como hoje se vae encontrando quasi em cada casa uma machina de costura, assim na antiguidade se encontrava um tear. Povoações ha ainda em Portugal onde as tecedeiras abundam. E não nos ficou só a tradição de tecer, ficaram outras annexas: é assim que em certa localidade do Norte de Portugal se usam nos teares pesos de madeira que imitam os pesos de barro romanos; no Museu Ethnologico tenho eu um. Os proprios pesos romanos de barro os tenho encontrado ainda hoje em teares; mas creio que isso é devido ao acaso, e não á continuidade da tradição. Os pesos pyramidaes de pau é que são sem dúvida tradicionaes, como são os cossoiros modernos, que imitam os antigos.

Para se determinar a data a que ascende a villa romana de Tralhariz podem ajudar as moedas. Uma d'ellas vimos que era do seculo IV.

A nossa imaginação, evocando, deante d'estes restos, o passado longinquio, faz-nos apparecer deante dos olhos, como numa camara optica, um pequeno quadro da vida antiga: uma casa de campo elegantemente construida, com sua columnata, com seus *pavimenta vermiculata*, com seus aparadores prov'dos de ceramica de preço, vinda de longe, com seu tear, seus moinhos; em volta, desde o rio até o alto da quinta, uma chusma de escravos a trabalhar; o *dominus* a regular todo aquelle movimento. Mas não permitem os restos por ora achados ir muito longe nesta reconstrucção theorica, para não se cair no domínio da poesia.

A importancia das ruinas romanas da Ribeira está nisto: que, por um lado elles estabelecem um elo entre as estações romanas que já se conheciam, d'aquelle lado do Douro, em Panoias, Alijó e Moncorvo; e que por outro revelam certo esplendor de civilização romana numa província onde até o presente o que se tem encontrado romano é de carácter geralmente barbaro. Com efeito ao norte do Douro é este, que me lembre, o segundo mosaico aparecido, sendo o primeiro o de Vizella, onde não admira que os houvesse, attenta a notoriedade das thermas do deus Bormanico, e a vizinhança de Bracara, a que Ausonio chama *dives*, «rica». Na epocha romana, mesmo no seu esplendor, o Norte oferece á contemplação do observador menos brilho que o Sul, o que, entre outras circumstancias, se manifesta no carácter da religião, pois o culto de deuses indigenas, de appellidos barbaros, manteve-se ahi até tarde com grande intensidade. Nada ha por ora no Norte que se equipare, por exemplo, aos productos da civilização romana do Algarve. A villa ou estação romana da Ribeira forma um pequeno *oasis* nesta rudeza.

A vista d'estas ruinas da Ribeira fez-me lembrar a *villa*, tambem romana, de Nennig, ao pé de Tréveros¹, na Alemanha; ahi apareceram igualmente casas, e um mosaico, que actualmente está muito bem resguardado num edificio proprio, onde os forasteiros e os estudiosos podem ir facilmente admirá-lo, como eu fui em 10 de Setembro de 1899, comprando lá por essa occasião um folhetinho com as vistas d'elle, intitulado *Die römische Villa und der Mosaikboden zu Nennig*, 1895, o qual dá todas as indicações historicas indispensaveis. Na epocha romana abundavam as *villas*. Conhecemo-las, entre nós, quer pelo onomastico moderno,—pois ha muitas povoações que se chamam *villas*, e que nunca o foram no sentido politico actual, mas que se chamam assim por terem sido outr'ora «quintas», ficando o nome inconsciente na tradição; quer pelos documentos medievaes, conservados nos archivos; quer directamente, pelas ruinas que ainda existem. *Villa* notavel era, por exemplo, em Portugal, a dos arredores de Leiria, e a dos arredores de Thomar, a que se chama commummente *Nabancia*,—uma e outra igualmente com mosaicos. Ás villas romanas correspondem ás *casaes* da Extremadura, as *herdades* do Alentejo, e as *quintas* de todo o país.

Quaes as razões pelas quaes a estação romana da Ribeira se arruinou não é facil dizer-as. Os vestigios que se encontraram de incendio permitem attribuir o facto a este; mas seria elle casual, ou entraria aqui accão violenta, por exemplo, a dos Barbaros, no seculo v? São problemas cuja solução fica insolvel, pelo menos por ora.

Não se sabe da existencia de outra estação archaica nos arredores de Tralhariz. O machado de pedra que appareceu nas ruinas da Ribeira, e que ahi estava, ou casualmente, como tantas vezes sucede, ou por ter sido considerado *ceraunium* ou *ceraunus*, isto é, «pedra de raio», dos Romanos, não poderia servir só por si de prova de que o termo de Tralhariz foi povoado nos tempos prehistoricicos; mas eu obtive outro, encontrado perto da povoação actual, e todos os aldeões com quem falei me notificaram o apparecimento de muitos outros. Não ha

¹ Esta cidade chama-se *Trier* em alemão, e *Trèves* em francês. Como o nome latino é *Treveri* no nominativo, e *Treveros* no accusativo, chamo-lhe *Tréveros* em português, para seguir o mesmo processo que se segue com outros nomes semelhantes: por ex.: *Veios*, em lat. *Veii*—*Veios*; *Thebas*, em lat. *Thebae*—*Thebas*; *Athenas*, em lat. *Athenae*—*Athenas*. Incidentemente notarei que é pelo mesmo motivo que devemos dizer *Pompeios*, e não *Pompeia*, como diz quasi toda a gente: de facto em latim o nome é *Pompeii*—*Pompeios* (cf. os meus *Estudos de philologia mirandesa*, vol. I, pag. 389, nota 2).

pois dúvida de que aquelles territorios tiveram habitadores em epochas anteriores á dos Romanos. Percorre-se assim, durante uns poucos de seculos, a historia de Tralhariz.

*

Depois da minha visita ás ruinas, o Sr. Candido de Frias levou-me, com os outros companheiros, para a sua casa solarenga de Tralhariz, onde pernoitei, fidalgamente agasalhado e tratado, até que no dia 17 tornei outra vez a tomar o comboio, deixando com bastantes saudades aquelles sitios.

*

Para o serviço que o Sr. Candido de Frias Sampaio e Mello acaba de prestar á nossa archeologia todos os elogios são poucos. S. Ex.^a, com uma dedicação que não é nada vulgar, não só salvou da destruição este notável documento da civilização dos nossos maiores, mas, o que é mais, pôs á disposição do Estado o terreno com as ruinas, oferecendo-o, em officio de 17 de Março de 1900, ao Conselho dos Monumentos Nacionaes, para este tomar conta d'elle, defendê-lo, e poder, querendo, continuar a exploração científica da estação romana. A fim de no Museu Ethnologico ficar esta desde já representada, auctorizou-me o Sr. Candido de Frias a trazer para cá alguns dos objectos encontrados, pelo que mais uma vez me confesso grato.

*

Oxalá que o Governo, como é de esperar, conceda a devida atenção ao generoso offerecimento que lhe foi feito: concedendo-a, contribuirá para o progresso dos estudos historicos e dará um exemplo que poderá servir de incentivo a actos semelhantes, praticados posteriormente por outros individuos que estiverem no caso do Sr. Candido de Frias. Em todos os países civilizados se cuida das cousas do passado, das ruinas, dos monumentos, porque tudo isto se considera como documento histórico, e como elemento educativo: é assim que no proprio interior da cidade de Paris se admiram, pela estima em que são tidas, as thermas romanas de Cluny, e a arena, tambem romana, de ao pé da rua de Monge. Em Portugal tem-se perdido muitas cousas, e continuam a perder-se todos os dias,—do que eu poderia infelizmente formar aqui larga lista; mas ainda é tempo de salvar importantes documentos archeologico-historicos. Acudamos-lhes, pois, em quanto isso se torna exequivel.

Lisboa, 27 de Março de 1900.

J. L. DE V.

A Archeologia na Figueira da Foz

1. Novas entradas no Museu Municipal

SECÇÃO DE PREHISTORIA E PROTOHISTORIA:

- 1 machado de pedra polida, proveniente das Alhadas;
 1 pequenino machado de pedra polida, proveniente do *Crasto* (Tavarede);

1 machado de pedra polida, 3 laminas de silex e 2 lascas tambem de silex, provenientes de Monte Gordo (Alhadas).

2 machados de pedra, polidos; 1 nucleo de crystal de rocha; 1 faca de silex; 1 instrumento de pedra polida, de uso indeterminado; varios fragmentos ceramicos, e alguns ossos humanos: proveniente tudo do dolmen da Moita, freguesia do Outil (Cantanhede).

1 cossorio de barro; 1 conta de vidro e parte de outra; 1 objecto de barro que parece ter sido cossorio; alguns fragmentos de objectos de bronze; parte de um dardo do mesmo metal; 1 adaga de louça tambem de bronze; restos de um alfinete ou agulha do mesmo metal, bem como parte de um annel; 1 vaso de barro, restaurado; partes de cinco outros vasos; 1 tampa de vaso, de barro, restaurado; parte de uma lareira, muitos fragmentos ceramicos: tudo proveniente do Crasto, freguesia de Tavarede.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA HISTORICA:

a) Sub-secção luso-romana:

1 bordo de vaso romano, proveniente do castro de Santa Olaya;
 1 fibula de bronze; um peso de tear romano com uma inscripção num dos topos; 1 chave romana incompleta; 1 fragmento de escultura romana; parte do fundo de um grande vaso romano; parte de uma *mola manuaria*; 2 fragmentos de facas de ferro, e 1 escapula do mesmo metal; diversos fragmentos ceramicos indigenas e romanos: tudo proveniente da estação luso-romana da Pedrulha (Alhadas de Baixo);

varios fragmentos ceramicos do Castello de Guifões (Matosinhos), da estação luso-romana de Alvarelhos, e das ruinas de Troia (Setubal).

b) Sub-secção da idade média aos tempos modernos:

- 1 retabulo de pedra, proveniente das Alhadas;
 1 estatua de pedra, antiga, que representa S. Roque: da mesma proveniencia;
 3 estatuetas de barro, antigas, que representam santos;
 1 caneco de loiça antiga;
 1 grande pote de barro, antigo;

- 3 pratos de loiça antiga, de Coimbra;
 1 boneco de loiça nacional, antiga (Coimbra);
 1 jarro antigo, das Caldas;
 2 chavenas antigas, da China.
 c) *Secção de numismatica:*
 1 medalha do Transvaal;
 2 denarios das familias romanas Norbana e Plautia, encontrados em Monsanto (Beira Baixa);
 1 mediano bronze de Diocleciano, encontrado num castro proximo da Pena, Portunhos (Cantanhede);
 várias moedas nacionaes e estrangeiras, antigas e modernas.

2. Explorações da Sociedade Archeologica da Figueira

Esta Sociedade emprehendeu um trabalho de exploração no *Crasto*, freguesia de Tavarede (Figueira): descobriu-se, entre outros objectos, uma peça muito interessante, que vem a ser uma lamina de punhal, feita de bronze, que conserva ainda uma das cavilhas que a fixavam ao respectivo cabo.

Tambem a mesma Sociedade, por indicação de um dos seus socios, o Sr. Conselheiro José Luis Ferreira Freire, pôs a descoberto no sítio da Moita, freguesia do Outil, concelho de Cantanhede, as ruinas de um vasto dolmen com vestigios de galeria dupla, e que continha ainda algum mobiliario e muitos restos humanos.

É achado de grande importancia, que denuncia a existencia de uma necropole neolithic a naquella região, e por consequencia a presença de populações primitivas nas vizinhanças.

À destruição completa do monumento obstou tenazmente o parocho de Outil, Rev.^{do} Sr. Antonio Ribeiro S. Miguel, que por isso merece calorosos elogios.

(Informações ministradas pela Direcção da Sociedade).

3. Sessões plenarias da Sociedade Archeologica da Figueira

3.^a Sessão¹

Nesta sessão, realizada em 12 de Abril de 1899, foi apresentado o relatorio dos trabalhos realizados pela Sociedade durante o primeiro anno da sua existencia, documento interessantissimo, que corre im-

¹ Sobre as duas primeiras vid. *O Arch. Port.*, iv, 267.

presso. Varios socios apresentaram as seguintes communicações, que foram lidas:

Estação luso-romana da Pedrulha (Alhadas), por A. dos Santos Rocha. O seu auctor precedeu-a de várias e valiosas explicações.

Arcabuzes de serpe e morrão, por P. Belchior da Cruz.

Amuletos do Concelho da Figueira, por Pedro Fernandes Thomás. Sobre esta comunicação fez o Dr. Rocha várias reflexões, citando amuletos de diversas regiões.

Delimitação das antigas villas de Buarcos e Redondos, por A. Goltz de Carvalho.

Uma amphora de barro, proveniente de Valencia del Cid (Hespanha), por P. Belchior da Cruz.

Mobiliario neolítico disperso no districto de Leiria, por A. dos Santos Rocha, que, a propósito do seu trabalho, fez uma breve preleção sobre o emprêgo das mós na antiguidade.

Dado romano proveniente das ruinas de Condeixa-a-Velha, por A. dos Santos Rocha. Tambem o seu auctor deu algumas breves explicações sobre o jogo dos dados nos tempos antigos.

Nota sobre um grande vaso de barro existente no Museu, por P. Fernandes Thomás.

Nota sobre um adorno metálico existente no Museu da Figueira, por A. dos Santos Rocha.

○ *Necropole luso-romana da Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho,* por A. dos Santos Rocha.

Uma lapide sepulcral de Zalamia de la Serena (Hespanha), pelo socio correspondente D. Francisco Franco y Lozano, de Badajoz.

Estabelecimentos romanos de salga de peixe no Algarve, por A. M. Figueiredo.

4.^a Sessão

Nesta sessão, realizada em 10 de Janeiro de 1900, foram apresentadas e lidas por varios socios as comunicações seguintes:

A *Ceramica em Timor,* por João Jardim,—curiosíssimo trabalho que sugeriu diferentes considerações ao socio Dr. Santos Rocha, que fez a comparação do fabrico e ornamentação d'esta ceramica com a do selvagem europeu da idade da pedra.

Ceramica negra dos districtos de Aveiro e Coimbra, por Pedro Fernandes Thomás.

Um calix e relicario de prata da igreja de S. Pedro de Buarcos e Os jogos populares em Buarcos, por A. Goltz de Carvalho.

Ruinas da Orca do Outeiro do Rato (Beira Alta), por Pedro Belchior da Cruz.

Alguns exemplares pouco conhecidos da arte manuelina, por Francisco Loureiro.

Mobiliario neolithic disperso no Concelho de Nellas (Beira Alta);— Ruinas da villa romana de Ançã;— Ceramica romana fumigada das vizinhanças da Figueira, por A. dos Santos Rocha, que a proposito fez diversas considerações, principalmente com referencia ao mobiliario neolithic.

Antes da apresentação dos trabalhos, realizou o Dr. Santos Rocha uma conferencia sobre a catastrophe da cidade de Pompeios (Italia), discorrendo larga e eruditamente sobre este assunto.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

A goiva de pedra nas estações neolithicas das cercanias da Figueira

Figura a goiva no mobiliario do homem neolithic que estacionou nas vizinhanças da foz do Mondego; mas o seu uso devia ser muito limitado, porque os exemplares são raros nesta região, como o são no resto do país, e até faltam inteiramente nas estações neolithicas que até agora temos explorado pelo valle do Mondego a cima até á Beira Alta.

A sua forma geral é aproximadamente a mesma em todos os exemplares. O objecto, feito de pedra, polido, roliço, um pouco deprimido numa das faces ou em ambas, é estreito e alongado como um dedo indicador, apresentando numa das extremidades o gume curvilineo, e terminando na outra por uma ponta espessa. Nas figs. 42 e 43 das *Antiguidades perhistoricadas do concelho da Figueira* démos já o desenho de duas.

As suas dimensões tambem não differem consideravelmente. Medem 0^m,085 ou 0^m,087 no comprimento e 0^m,02 na largura ou espessura. Ellas indicam que o instrumento só era destinado a pequenos trabalhos e em materias pouca duras, ao contrario da goiva que Estacio da Veiga colligiu em Aljezur (Algarve) que media 0^m,154 no comprimento e 0^m,062 na largura junto ao gume¹, e dos exemplares neolithicos da Dinamarca, Finlandia e Lithuania, representadas no Museu Prehistoricico dos srs. de Mortillet².

¹ *Antiguidades monumentaes do Algarve*, I, 182.

² Estampa 51.^a, figs. 476 a 479.

Alguns exemplares pouco conhecidos da arte manuelina, por Francisco Loureiro.

Mobiliario neolithic disperso no Concelho de Nellas (Beira Alta);— Ruinas da villa romana de Ançã;— Ceramica romana fumigada das vizinhanças da Figueira, por A. dos Santos Rocha, que a proposito fez diversas considerações, principalmente com referencia ao mobiliario neolithic.

Antes da apresentação dos trabalhos, realizou o Dr. Santos Rocha uma conferencia sobre a catastrophe da cidade de Pompeios (Italia), discorrendo larga e eruditamente sobre este assunto.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

A goiva de pedra nas estações neolithicas das cercanias da Figueira

Figura a goiva no mobiliario do homem neolithic que estacionou nas vizinhanças da foz do Mondego; mas o seu uso devia ser muito limitado, porque os exemplares são raros nesta região, como o são no resto do país, e até faltam inteiramente nas estações neolithicas que até agora temos explorado pelo valle do Mondego a cima até à Beira Alta.

A sua forma geral é aproximadamente a mesma em todos os exemplares. O objecto, feito de pedra, polido, roliço, um pouco deprimido numa das faces ou em ambas, é estreito e alongado como um dedo indicador, apresentando numa das extremidades o gume curvilineo, e terminando na outra por uma ponta espessa. Nas figs. 42 e 43 das *Antiguidades perhistoricadas do concelho da Figueira* démos já o desenho de duas.

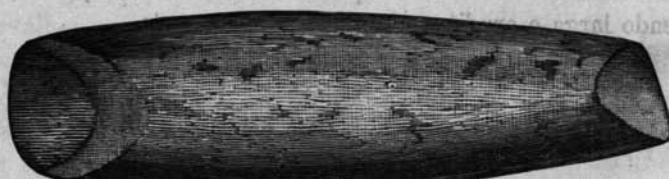
As suas dimensões tambem não differem consideravelmente. Medem 0^m,085 ou 0^m,087 no comprimento e 0^m,02 na largura ou espessura. Ellas indicam que o instrumento só era destinado a pequenos trabalhos e em materias pouca duras, ao contrario da goiva que Estacio da Veiga colligiu em Aljezur (Algarve) que media 0^m,154 no comprimento e 0^m,062 na largura junto ao gume¹, e dos exemplares neolithicos da Dinamarca, Finlandia e Lithuania, representadas no Museu Prehistoric dos srs. de Mortillet².

¹ *Antiguidades monumentaes do Algarve*, I, 182.

² Estampa 51.^a, figs. 476 a 479.

Sem se afastar muito nas dimensões, nem modificar-se consideravelmente nas linhas geraes, esse typo de goivas da nossa região apresenta contudo uma notável variante. É a goiva *dupla*, isto é, que tem um gume curvilineo em cada extremidade.

Nós damos aqui o desenho, maior do que o tamanho natural, devido á pena do sr. Francisco Gil, de um exemplar recolhido no sítio da Oliveira, freguesia das Alhadas, e que pertence ás colecções palethnologicas da Sociedade Archeologica da Figueira.



Este precioso instrumento é *unico*, por enquanto, no mobiliario das nossas estações; e tambem não temos notícia de outro semelhante em qualquer colecção portuguesa ou museu estrangeiro.

É feito de fibrolithe, rocha que parece estranha ao país, inteiramente polido e acabado, sem a mais leve deterioração, de modo que parece saído das mãos do fabricante. Tem secção elliptica; e mede no comprimento $0^m,07$, na maior largura $0^m,02$ e na maxima espessura $0^m,015$.

Um dos gumes é ligeiramente obliqua e o outro perpendicular á linha média longitudinal.

Este objecto foi encontrado isoladamente nas argilas que se exploram para o fabrico da telha. É manifestamente um instrumento *perdido*, visto o seu perfeito estado de conservação.

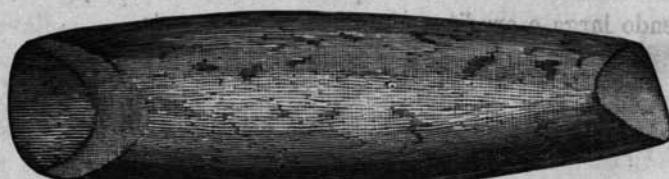
A. DOS SANTOS ROCHA.

Antiguidades de Cárquere

Na freguesia de Cárquere, em Resende, tem apparecido por vezes, e já ha muito tempo, antiguidades de diferente natureza. Vou aqui encetar a publicação de uma serie de notas sobre esta localidade. Das antigualhas de Cárquere falla já um velho ms., que citarei a seu tempo. Na *Revista Archeologica*, II, 11 sqq., publiquei a respeito d'ellas um pequeno artigo. Á cerca das inscripções romanas lá achadas, vid. o *Corp.*

Sem se afastar muito nas dimensões, nem modificar-se consideravelmente nas linhas geraes, esse typo de goivas da nossa região apresenta contudo uma notável variante. É a goiva *dupla*, isto é, que tem um gume curvilineo em cada extremidade.

Nós damos aqui o desenho, maior do que o tamanho natural, devido á pena do sr. Francisco Gil, de um exemplar recolhido no sítio da Oliveira, freguesia das Alhadas, e que pertence ás colecções palethnologicas da Sociedade Archeologica da Figueira.



Este precioso instrumento é *unico*, por enquanto, no mobiliario das nossas estações; e tambem não temos notícia de outro semelhante em qualquer colecção portuguesa ou museu estrangeiro.

É feito de fibrolithe, rocha que parece estranha ao país, inteiramente polido e acabado, sem a mais leve deterioração, de modo que parece saído das mãos do fabricante. Tem secção elliptica; e mede no comprimento $0^m,07$, na maior largura $0^m,02$ e na maxima espessura $0^m,015$.

Um dos gumes é ligeiramente obliqua e o outro perpendicular á linha média longitudinal.

Este objecto foi encontrado isoladamente nas argilas que se exploram para o fabrico da telha. É manifestamente um instrumento *perdido*, visto o seu perfeito estado de conservação.

A. DOS SANTOS ROCHA.

Antiguidades de Cárquere

Na freguesia de Cárquere, em Resende, tem apparecido por vezes, e já ha muito tempo, antiguidades de diferente natureza. Vou aqui encetar a publicação de uma serie de notas sobre esta localidade. Das antigualhas de Cárquere falla já um velho ms., que citarei a seu tempo. Na *Revista Archeologica*, II, 11 sqq., publiquei a respeito d'ellas um pequeno artigo. Á cerca das inscripções romanas lá achadas, vid. o *Corp.*

Inscr. Lat., II, 5570—5580 (onde por engano se lê «Carqueres» em vez de «Carquere»).

1. Collecção organizada por Manoel Negrão

Meu fallecido e querido primo Manoel Negrão, de quem se fallou n-*O Arch. Port.*, I, 33 sqq., possuia na sua collecção archeologica de Mosteirô muitas lápides vindas de Cárquere, algumas já hoje publicadas, outras ainda ineditas. Em tempo tomei nota das seguintes, que são todas as que elle havia adquirido:

1)

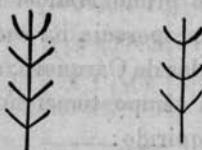


Altura da pedra 0^m,57; largura 0^m,32; altura das letras 0^m,06 e 0^m,07.—Publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5575 (onde se diz por lapso que a pedra está em Guimarães).—Sem ornatos lateraes.—Na 1.^a linha não ha propriamente S, mas uma depressão que tem aspecto de S imperfeito. Parece realmente S invertido, facto que nada teria estranho: cf. Cf no § 6 d'este artigo. Na 3.^a linha ha depois do M uma depressão que figura um ponto; mas não se cuide que as letras d'esta linha sejam ÁNN: o que ahi está realmente é A M · A .—A pedra na esquina inferior da esquerda está gasta e quebrada. A 3.^a linha não está separada da 4.^a por traço.

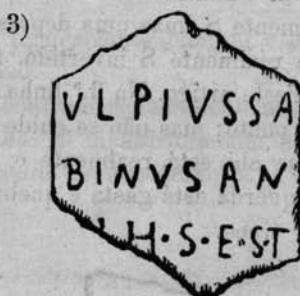
2)



Altura da pedra 0^m,62; largura 0^m,39 (maxima); altura das letras 0^m,07 e 0^m,08.—Publicada por mim in *Rev. Arch.*, II, 114; reproduzida no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5576. Nos lados da lápide vêem-se uns ornatos que tem pouco mais ou menos esta fórmula:



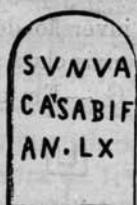
O I da 1.^a linha tem um pequeno appendice lateral, certamente fortuito, pois não ha dúvida que é *Melia*, nome que apparece mais vezes nas inscripções da Peninsula. Resta saber se é o mesmo que *Maelia*. Sobre a diferença originaria entre *Melia* e *Maelia* vid. *Onomasticon* de De Vit, s. v.—Dá-se uma particularidade notavel nesta inscripção: para se gravarem as tres primeiras linhas, o espaço foi levemente excavado, de modo que as letras ficam numa como moldura; as letras da 4.^a linha porém foram gravadas na superficie lisa da pedra, e estão pois num plano superior ao das outras. Talvez estas letras se gravassem posteriormente á feitura do monumento; no mesmo caso estará tambem o F da linha antecedente. As quatro letras poderão porventura interpretar-se por alguma das conhecidas fórmulas finaes, das inscripções funerarias.



Altura da pedra 0^m,41 (maxima), largura 0^m,40; altura das letras 0^m,05 a 0^m,06. Sem ornatos lateraes.—Inedita.—Deve entender-se *Vlpius Sabinus an(norum)...* *hic situs est. Sit tibi [t(erra) l(evis)].*—Na 4.^a linha ha parte de um número, que representava a idade do morto. Os pontos depois de E e S são pouco claros, pelo que tambem poderia suppôr-se que as tres letras eram, não *e(st) s(iit) t(ibi)*, mas apenas *est* com todas as letras, terminando pois ahi a fórmula funeraria e a inscripção; exemplos de fórmulas escritas em parte com abre-

viaturas, em parte com todas as letras, não são raros: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 3082 (H. S. EST), etc.

4)



Altura da pedra 0^m,78; largura 0^m,43; altura das letras 0^m,07.
Sem ornatos lateraes.—No *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5577.

5)



Altura da pedra 0^m,48; largura 0^m,40; altura das letras 0^m,05 e 0^m,06. Aos lados ha vestigios de ornatos d'esta forma



(lembra um tridente). Inedita.—Deve entender-se: *D. M. S. Satur ninus Cleme(ns)*.

6)



Altura da pedra 0^m,47; largura 0^m,39; altura das letras 0^m,07.

A 1.^a linha tem não só a fórmula invertida, mas o D. A inversão da fórmula não é facto unico: por exemplo, numa inscrição gallo-romana publicada na *Revue Archéologique*, 3.^a serie, t. xv, p. 418, lê-se MD = M[anibus] D[iis]. A inversão do D é devida á impericia do lapicida. Da 3.^a linha a letra mais clara é o O; a 1.^a pôde ser F; a 4.^a creio que não é S, mas C ou G.—Em cada um dos lados tem:



7) Numa lápide que tem um nicho com duas figuras:

D	M
ON	-----
AN-XXIV	-----
ASSV	-----

Como eram dois os mortos, parece que era tambem dupla a inscrição. Altura da pedra 1^m,33; largura 0^m,42; altura das letras 0^m,06.— Publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5579 (incompleta).



Altura da pedra 0^m,58; largura 0^m,36; altura das letras 0^m,06. De cada lado do tympano:



de cada lado do corpo da pedra:



No princípio da 1.^a linha, antes do D, ha uma depressão que tem aspecto de I, que em tal caso significaria I(*nferis*) como no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1174, col. 2.^a Comparando-se esta depressão com a da curva do D, que, por estar gasta, tem o aspecto de depressão natural, é-se levado realmente a suppor I, tanto mais que fórmula symetria com a linha seguinte; mas a pedra offerece muitas depressões naturaes, e pôde tambem esta ser uma, que por acaso é vertical,—o que julgo muito provavel.—A última letra da 1.^a linha só pôde ser D, porque tem uma curva inferior que continua um pouco á direita; este D era comtudo acanhado, por falta de espaço. A pedra tem ahi uma fenda obliqua. A 2.^a linha é AVR(*elius*) RVF(*us*). Da 3.^a linha só resta a parte inferior das letras: a 1.^a era I ou L, porque a haste é recta e vertical; a 2.^a era sem dúvida V; a seguir pôde ser que houvesse H; a última era S. Poderíamos ter aqui a fórmula H(ic) S(itus) precedida da indicação da idade do morto, LV; todavia falta a menção da palavra ANNORVM, por extenso, ou abreviada em A, AN, etc., que costuma acompanhar o número.—Inedita.

9)



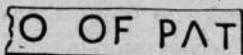
Altura 0^m,79; largura 0^m,46; altura das letras 0^m,06 a 0^m,075. Antes do número que indica a idade, ao princípio da 3.^a linha, a pedra está quebrada, podendo ter lá havido um A; não havia X, porque os outros XX pegam um com o outro, e falta a péga do primeiro com o outro, se o houvesse. No fim d'esta linha ha vestigio de I: portanto a idade de quem alli estava sepultado era XXXCIII = 83 annos. Depois do I vê-se um pequeno corte horizontal, que deve ser meramente fortuito. A pedra representa toscamente uma figura humana.—Na *Rev. Arch.*, II, 114, publiquei um texto menos correcto d'esta inscripção, que foi reproduzido no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5574.

*

Ha outras inscripções de Cáquere, em lápides de fórmas semelhantes ás d'estas, no Museu de Guimarães e no Ethnologico.

Algumas lápides que aqui público tem caracteres communs, que são os ornatos lateraes; outras tem em commun os nichos; outras a figura humana. Muitos nomes são barbaros, como *Toceta*, *Sunua*, *Casabus*; outros são verdadeiramente romanos, como *Aurelius*, *Rufus*, *Saturninus*, *Clemens*. Havia pois alli, o que nada tem estranho, um elemento indígena romanizado; mas a civilização era bastante simplez, como se vê da rudeza dos tumulos, da dos ornatos e da das letras.

Outros elementos que conheço da civilização lusitano-romana de Cáquere são: pesos de barro, fragmentos de louças, fibulas, moedas dos sec. II e IV (pelo menos). Num dos fragmentos de louça (barro chamado Saguntino) lê-se dentro de um círculo de 0^m,015 de raio a seguinte marca figulina:



Como a marca está por dentro da vasilha, esta deve ter sido um prato ou taça.

*

Manoel Negrão era incansavel em collecionar objectos archeológicos, tendo chegado a reunir monumentos curiosos, como esses que ahi ficam, e outros que ainda terei occasião de descrever n-*O Archeologo*; com o que prestou á sciencia bom serviço. Elle tencionava edificar na sua formosa quinta de Mosteirô uma pequena casa destinada exclusivamente a elles; a morte todavia não o deixou realizar este intento.

J. L. DE V.

Do Areeiro á Mouraria

(Topographia historica de Lisboa)

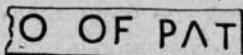
Introdução

Segundo Damião de Goes, o negocio da expulsão dos judeus e dos mouros «foi declarado & publicado, estando el Rei ainda em Muja no mes de Dezébro de M. cccc. xc vj (1496), em húa pregaçam que se

Ha outras inscripções de Cáquere, em lápides de fórmas semelhantes ás d'estas, no Museu de Guimarães e no Ethnologico.

Algumas lápides que aqui público tem caracteres communs, que são os ornatos lateraes; outras tem em commun os nichos; outras a figura humana. Muitos nomes são barbaros, como *Toceta*, *Sunua*, *Casabus*; outros são verdadeiramente romanos, como *Aurelius*, *Rufus*, *Saturninus*, *Clemens*. Havia pois alli, o que nada tem estranho, um elemento indígena romanizado; mas a civilização era bastante simplez, como se vê da rudeza dos tumulos, da dos ornatos e da das letras.

Outros elementos que conheço da civilização lusitano-romana de Cáquere são: pesos de barro, fragmentos de louças, fibulas, moedas dos sec. II e IV (pelo menos). Num dos fragmentos de louça (barro chamado Saguntino) lê-se dentro de um círculo de 0^m,015 de raio a seguinte marca figulina:



Como a marca está por dentro da vasilha, esta deve ter sido um prato ou taça.

*

Manoel Negrão era incansavel em collecionar objectos archeológicos, tendo chegado a reunir monumentos curiosos, como esses que ahi ficam, e outros que ainda terei occasião de descrever n-O Archeologo; com o que prestou á sciencia bom serviço. Elle tencionava edificar na sua formosa quinta de Mosteirô uma pequena casa destinada exclusivamente a elles; a morte todavia não o deixou realizar este intento.

J. L. DE V.

Do Areeiro á Mouraria

(Topographia historica de Lisboa)

Introdução

Segundo Damião de Goes, o negocio da expulsão dos judeus e dos mouros «foi declarado & publicado, estando el Rei ainda em Muja no mes de Dezébro de M. cccc. xc vj (1496), em húa pregaçam que se

sobre isso fez»¹. Não possuimos o texto da lei, mas encontramo-la despojada do protocollo e reduzida ás partes essenciaes no 2.^º Livro, Título 41, das *Ordenações Manuelinas*², em que se diz o seguinte: «que se saíã por todo o mes de outubro de 1497». Não chegou, portanto, a decorrer um anno entre a *pregaçam* e a saida effectiva dos não-catholicos. Neste mesmo mês e anno³ desposou o rei D. Manoel a princesa D. Isabel, filha dos Reis Catholicos. Desejava o antigo duque de Beja casar com a filha mais velha dos reis seus vizinhos, para assim poder reunir toda a peninsula num só sceptro; mas a juvenil viúva, tomando a peito supersticiosamente a perseguição que por interesse político seus paes tinham encetado contra os individuos de diferente religião, oppunha-se a passar de novo a fronteira e entrar no país onde já perdéra um esposo, julgando que o desastre a que succumbira o principe D. João fôra castigo celeste pela protecção que D. João II dispensara aos fugitivos de Castella. Certamente que o pensamento da princesa não era de ordem muito elevada, nem o sceptico D. Manoel perfilharia completamente as ideias da sua futura esposa, mas o sacrifício a fazer era pequeno—se é que o havia. Eis as ideias da princesa enunciadas nas instruções secretas dos reis catholicos a um seu enviado á corte de D. Manoel, datadas de 21 de Junho de 1497.

«Y que esperanza se havia de tener que dios ayudasse al Rey y a ella y pusiesse su mano e su gracia en las casas dellos si el Rey no pusiesse delante el negocio de dios echando los hereges de su Reyno, pues que sta claro quanto es dios offendido em tenellos y que cree que lo acaecido en el principe que dios haya fue por esto, y teme que si agora no se remediasse podria acaecer en el Rey y en ella y en el Reyno toda desaventura, etc.»⁴.

Ha 400 annos que as communas mouriscas deixaram de existir em Portugal, e ainda hoje poucos ou nenhuns trabalhos possuimos que as estudem na sua organização interna e na influencia que exerceram na população christã; e da mesma forma são contadas entre nós as pessoas que conheciam a lingua (simplesmente religiosa nas mourarias), apesar de que a contiguidade do estado marroquino, quanto mais não seja, pelo lado pratico do commercio, exige conhecimento mais generalizado do arabe do que o até agora existente.

¹ *Chronica do Felicissimo Rei D. Emanuel* (1566), parte 1.^a, fl 14.

² Edição de 1521, fl. 61.

³ D. Antonio Caetano de Sousa, *Hist. Gen.*, tom. III, pag. 221.

⁴ *Anotações históricas*, de Luciano Cordeiro, no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, tom. VI, 679.

Em todas as povoações importantes da Estremadura, para o sul de Santarem, e em todo o Alemtejo e Algarve, havia gremios mouriscos, denominados «communas», organizados com alguma semelhança, mas em ponto reduzido, dos concelhos christãos. Ignoramos ao certo, mas é crivel que, ao terminar o seculo xv, a communha dos mouros mais importante, senão no número dos seus habitantes pelo menos na sua influencia e educação, fosse a de Lisboa.

Os terrenos em volta de Lisboa, aproximadamente desde Oeiras até muito para além de Sacavem, constituiam possessões reaes debaixo do nome de reguengos; alguns mesmo tinham o nome de condados¹, como Barcarena (Berquerena) e Alverca. Nestas regiões encontravam-se também espalhados mouros agricultores que se tinham subordinado aos homens de Portucale e de Conimbra e seus descendentes, e que continuavam vivendo ao lado dos christãos indígenas em boa paz. Quem pretender levantar o cadastro de propriedades pertencentes e habitadas por mouros em todo o circuito de Lisboa facilmente o poderá organizar em frente dos documentos ainda existentes. Como exemplos de propriedades possuídas pelos mouros podem-se citar: uma vinha situada em Alvalade o Pequeno (Campo-Pequeno) á *Área Gorda* em 1398, conforme diz o Livro dos Dourados de Alcobaça, fls. 220 e 221; e «húa torre cõ sua loia e com hū çarrado de bijnha cõ suas olyueiras e aruores que sam no termo da dita cidade aa fonte do Louro²» em 1433, apontado no Livro 84 do mosteiro de S. Vicente, fl. 256 v.

Entre os planaltos do Campo-Grande e do Alto-do-Pina começa uma depressão que vem terminar no Rocio de Lisboa. O sr. Choffat, no *Passeio geologico de Lisboa a Leiria*³, refere-se nos seguintes termos ao planalto do Campo-Grande, outrora conhecido pelo nome arabe de Alvalade: «Este Planalto terciario apresenta formas pouco accentuadas, depressões de declives suaves que não occasionaram grande accumulação de humus no seu fundo, de sorte que a cultura estende-se uniformemente sobre toda a sua superficie. As vinhas, os cereaes, as arvores fructiferas dão-se optimamente neste torrão solto argilo-calcareo». No alto d'uma d'estas depressões, no estreito collo que liga os referidos planaltos do Campo-Grande e do Alto-do-Pina, fica situada a povoação do Areeiro, sobranceira também ao valle de Chellas.

¹ Em muitos sitios cobravam-se os direitos do condado.

² No valle de Chellas. Um documento em latim de 27 de Outubro de 1284 da caixa 86 da *Collecção especial* (Torre do Tombo) traduz Fons Lauri.

³ *Revista de Educação e Ensino*, vi, 305.

A palavra *areeiro* significa «local onde se explora areia». Em todos os montes, a começar no do Castello de Lisboa, se tentou por vezes extrahir areia das suas encostas, e de todos elles foram repellidos os individuos exploradores d'esse material por comprometterem a solidez das edificações existentes no cume d'elles. No *Livro da Fazenda do Convento de N. S. da Penha de França, extra-muros da cidade de Lisboa da Ordem do G. P. S. Agostinho*, anno 1780¹, diz-se o seguinte: «Porem para que o Convento não venha pelo tempo adiante experimentar algua ruina se se minar o monte, em que está edificado da parte de Arroios, tirando-se aréa se dueu attender, que ainda que os arieiros sejão fora do novo Oliual, se não deuem consentir pelo prejuizo que pode rezultar; e então uzando dos meios de Justiça, como já se fez no anno de 1726 em que pondo-se húa acção pela correição do ciuel contra Antonio de Mendonça Arrais se alcançou sentença e sobre sentença que estão no Liuro 1.^o, masso 5, n.^o 12, podendo-se com este exemplo embaraçar o minar-se o monte, ou tambem recorrendo-se ao senado da Camara pelo prejuizo que pode rezultar tão bem ao caminho, que mandara fazer no Caracol no anno de 1746 por resolução de S. Magestade que consta da certidão que está no Livro 7, masso 5.^o, n.^o 13». A estas localidades dos arredores de Lisboa acontece, como o sr. Choffat diz, que «a agua da chuva penetrando na areia é ahí retida pelas bancadas de argilla que ella segue subterraneamente, até que um corte natural ou artificial lhe permitte brotar á superficie do solo»; ou como aquelle erudito diz ainda mais incisivamente: «Este massiço argilo-arenoso pôde considerar-se como uma enorme esponja; d'ella proveem as aguas que apareceram na boca sul do tunnel do Rocio, e á sua presença é que a parte oriental de Lisboa e arredores deve o ser tão rica de aguas».

Era neste valle, que nasce no Areeiro e termina no Rocio, que se ia espraiar a Mouraria, collocada em amphitheatro nas encostas dos montes do Castello, Graça e Senhora do Monte.

A abundancia de agua permittia o grande aproveitamento de todo este terreno da parte oriental de Lisboa na cultura intensiva das hortas: as almoinhás da Mouraria, do Rocio (Praças de D. Pedro e da Figueira) e de Xabregas, humedecidas com a agua extrahida por innumeraveis noras, poços e chafarizes, eram antigamente as fornecedoras das hortaliças consumidas pela cidade de Lisboa. O termo arabe de *almoinha* foi usado ao lado do de *horta* todo o tempo que os mouros se conser-

¹ Archivo Nacional.—Remessa dos Proprios Nacionaes, n.^o 295, fl. 5 v.

varam; com a sua expulsão desapareceu a denominação que ainda permanece nalguns nomes de logares do sul de Portugal. As almoinhas desciam ainda em 1461 até o sítio da Praça da Palha¹ (Travessa da Palha), intra-muros de Lisboa.

Toda a região ainda hoje denominada a Baixa era em tempos passados extremamente alagadiça, não só em resultado da invasão das águas das marés, mas também em consequência da passagem das torrentes que vinham das encostas e dos valles da Avenida (Valle-de-Pereiro e Picoas) e do Areeiro. Os cronistas de S. Domingos falam-nos de vestígios, no seu entender evidentes, que provavam a existência, em tempos remotos, de um cais com argolas de bronze no local onde foi fundado o mosteiro², e ainda mais no achado, por ocasião de escavações, de montes de cascas de mariscos, o que na verdade foi demonstrado indubitavelmente por descobrimentos modernos no Rocio, como diz o sr. Choffat³: «As antigas alluvões d'este rio só mostram a ostra francesa, *Ostrea edulis*, que é a que se encontra nas estações prehistóricas, tanto nos Kjökkensmøddings de Mugem, como nas estações neolíticas. Os caboucos das fontes monumentais do Rocio mostraram também uma quantidade enorme de *Ostrea edulis* misturada com aterros contendo vestígios árabes». Portanto a baía de Ulixbona entrava em tempos remotos pelas modernas praças do Rocio e da Praça-da-Figueira. Talvez até um dia se venham encontrar aqui alguns monturos dos homens prehistóricos.

Em quanto D. Fernando não mandou construir a muralha, as águas torrenciais precipitavam-se no estuário do Tejo livremente, mas outra causa sucedeu depois que ella cercou Lisboa. Em 1383, dez anos depois da construção das fortificações, aconteceu o que Fernão Lopes narra com as seguintes palavras:

«Reprezarão (as águas da chuva) no muro, em tanta multidão, ca ainda pela porta de S. Vicente dava agoa pela metade do postigo, & derribou casas das que erão mais acerca, & derribou a parede ou cerca do Moestueiro de S. Domingos, & entrou dentro em altura de quatro couados & meyo, & alagou as cellas dos frades que erão então terreas, & húa nobre liuraria, em que danou muitos, & muy bôs liuros & sahia tão tesa pela porta da Igreja, que derribaua o muro do alpendre, hu pregão & todo o rocio era hú grande mar & alagão muitas casas ao

¹ Arquivo Nacional.—Livro v da *Extremadura*, fl. 151 v.

² Sr. Castilho, *Lisboa Antiga*, II, 198.

³ *Revista de educação e ensino*, VII, 339.

derredor delle, & nadauão os toneis do uinho na rua das esteiras, e pela rua noua, & nadou húa galé nas tercenas, e outras muytas que pareciaõ impossivel de crer»¹.

A acreditar os nossos antigos, o mar ainda chegava em tempos proximos muito mais ao interior de Lisboa do que é razoavel; se lhes dessemos fé inteira, o sitio onde hoje se ergue o arco do Marquês de Alegrete, em substituição da porta de S. Vicente, era cavado tão profundamente que o corpo de S. Vicente pôde no tempo de D. Affonso Henriques alli mesmo desembarcar de bordo da barca que o trouxera do Cabo do seu nome. Tal facto era, porém, irrealizavel nesta epocha.

Vejamos agora os nomes de alguns sitios proximos do valle do Areeiro, que foram encontrados no decurso das presentes investigações, os quaes poderão servir de ponto de partida para ulteriores trabalhos.

Almargema e Alporche. — «Alporche onde chamã a almãjama»; em 1417². «Oliual em Val escuro chamado Almagema»; em 1401³. Em 6 de Junho de 1371 (Caixa 94 da *Collecção Especial*): «acima do moestiero de Santa Clara em logo que chamam a almargema». *Alporche* corresponde á Penha-de-França. *Almargema* parece deturpação de Almargem. Não se encontra hoje.

Area Gorda. — 1398. Ficava proxima de Alvalade Pequeno ou Campo-Pequeno⁴. «Oulival que esta ao chafaris darioios aonde chamão as areas gordas...»; 1596⁵.

Lagares del Rey. — De 1440 ha no livro 8.^º da Estremadura, fl. 214 e no 1.^º, fl. 20 (chamados de *Leitura Nova*) uma doação de Gonçalo Pereira a Rui Vaz Pereira, seu filho, das «uinhas e lagares del Rei que elle tem e ha no termo da nossa cidade acerca do lugar que chamam a Royos que sam chamados lagares del Rey». Pertence hoje aos Condes de Almada e perdeu o seu primitivo nome.

Picoa e Palhacana. — «Picoa termo da dita cidade assy como parte cõ binha de palhacana» em 1549⁶.

¹ *Chronica de D. João I*, parte 1.^a, pag. 344 (Ed. de 1644).

² Mosteiro da Graça, maço 14, pacote 8.

³ No Tombo 2.^º da Graça, de 1770, fl. 56 v.

⁴ Livro dos Dourados de Alcobaça, fl. 220.

⁵ Collegiada de S. Julião, n.^º 11.

⁶ Livro 84.^º de S. Vicente, fl. 329.

Num documento em latim, do anno de 1255, existente num cartorio particular encontra-se a fórmula *Picona*, assim como *Lecena* (Liceia).

É chamado este sitio hoje As Picoas, e por elle atravessa uma avenida denominada Ressano Garcia, nome de um ex-ministro e empregado municipal. Palhacana, que tambem se conserva, era appellido de uma antiga familia de Lisboa.

Valle de Cavallinhos. — Ficava proximo de Alporche, nas suas encostas. Gil Vicente diz o seguinte no *Auto das Fadas*: «Cavalgo no meu cabrão — e vou a val de Cavallinhos». D. Francisco Manoel de Mello, na *Feira dos Anexins*, diz tambem o seguinte: «Sempre está no cavallinho da alegria, mas vigie-se dos cavallinhos fuscos. Onde enterra o senhor os que mata? Entre as unhas em valle de cavallinhos»¹. Era effectivamente aqui o cemiterio dos cavallos, como tem demonstrado as escavações feitas recentemente.

Valle Escuro. — «Oliual em Val escuro limite do posso dos mouros»; em 1770². Fica entre os montes da Penha-de-França e do Alto-do-Pina, proximo do Poço-dos-Mouros. Tambem já fica mencionado atrás.

Val-de-Pereiro. — «Amdaluços onde chamam ual de pereira»; em 1432³ e tambem em 1455⁴. Val-de-Pereiro e Andaluz.

É grande a quantidade de nomes de mouros que encontra quem consulta os documentos portugueses ate o fim do seculo xv, apesar de que não ha estudo nenhum sobre este assunto, que nos pôde, á falta de melhor, dar bastante luz sobre o viver d'aquelle raça isolada entre o povo christão; por este motivo vae a baixo reunida uma serie de nomes em que se pôde ver o grau de mistura d'elles. Os nomes proprios são arabes, e os appellidos ou alcunhas, muitos d'elles, romanicos. Para o fim em vista não é necessario citar datas nem documentos.

NOMES DE HOMENS

Adeela, capellão.	Adella Çuleyma.
Adela Alecay.	Adella Seulyhaão.
Adella Cabeça.	Albacar.
Adella Carote.	Albregoza.
Adella Coteli.	Alcobacil.

¹ Apud Theophilo Braga, *O Povo Portuguez*, I, 165.

² Tombo 2.º da Graça, fl. 56 v.

³ Livro 84.º de S. Vicente, fl. 176.

⁴ Id., fl. 102.

Alcobacil baraceiro.	Bafome (<i>sic</i>) Ferreiro.
Alfangue.	Brafome Gago.
Algaiafe.	Brafame (<i>sic</i>) Ribolo.
Algamim.	Brafome Talaba.
Algarauim.	Brafume (<i>sic</i>) Zaguelo.
Alle Agudo.	Caçome de Alvega.
Ale Alicante.	Caçome Delgado.
Alle Almançor.	Came Delgado.
Alle Azeyte.	Cayde.
Ale Azulejo.	Chaque Mino.
Ale Bacar.	Coleyma Alycante.
Ale Bicudo.	Coleyma, ferreiro.
Ale de Collares.	Cõembrâao.
Ale Pequeno.	Eixute Note Decabudo.
Almançor.	Ermede Caxiz.
Amel.	Farras, tabelliam.
Azmede Ali.	Focem.
Azmede Almaniar.	Homar Caualleiro.
Azmede (<i>sic</i>) Aramguoes.	Iga Troqualeite.
Admede (<i>sic</i>) Baorme.	Jufiz Algagife.
Azmede de Beja.	Labar ¹ o Gordo.
Azmede Bocarem.	Locae.
Azmede Cabeças.	Maçoude Xouxel.
Azmede Caçijjs.	Mafariche.
Azmede Çafieiro, oleiro.	Mafamede Agudo.
Azmede Capellam.	Mafamede Alfacar.
Azmede Custas.	Maffamede Dauis (de Avis), alcaide.
Azmede Mexixo.	Mafamede, esparteiro.
Balmequer.	Mafamede Çafyeiro.
Barrazaque.	Mafamede Choconhuü.
Belfadar.	Mafamede Furtado.
Berazoar.	Mafamede Lameda.
Bizibilino.	Mafamede Laparo.
Bonombre.	Mafamede Pimtado.
Borgaça.	Mafamede Salsa.
Brafome de Alcaçar.	Mafamede de Santarem.
Brafome de Alemquer.	Mafamede Sobrinho, oleyro.
Brafome Cordeyro.	Maffomede Algaffate.

¹ Existe em Monte-Lavar.

Mafofede (<i>sic</i>) Branteiro.	Mafomede Siuilham.
Mafomede Ferreiro.	Omar Merendano.
Mafomede Perdiz.	Pilym.
Mafomede Roballo.	Pombaees.

NOMES DE MULHERES

Aixa.	Fatex (<i>Fates ou Fatees</i>).
Alema.	Luza.
Aziza.	Maçouda.
Capba.	Mariaema.
Eixa de Camarat.	Moreima Babadia.
Fatema Capelloa.	Zoaira.

Foram consultados para tudo o aqui referido, alem dos livros das Chancellarias reaes, principalmente nas suas copias da *Leitura Nova*, os seguintes cartorios de conventos tambem existentes no Archivo Nacional: Alcobaça, Graça, Jesuitas, Penha-de-França, S. Domingos, S. Vicente, Santos, etc. Dos livros impressos, os indispensaveis e preciosos trabalhos do Visconde de Castilho, *Lisboa Antiga*, e de Freire de Oliveira, *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*.

Um estudo d'esta qualidate necessitava ser acompanhado de plantas mais minuciosas do que a aqui junta, mas a falta de competencia inhibiu-me de o fazer. Outros mais autorizados o emprehenderão. Refiro-me ao meu bom amigo Vieira da Silva, já conhecido pelas suas bellas monographias das muralhas antigas de Lisboa, a quem alem das uteis indicações do Tombo da cidade, existente no Archivo da Camara Municipal, deve o presente trabalho um pouco do cunho de precisão que o seu autor lhe não poude imprimir.

Como é facil de prever, de fórmā nenhuma ficaram exgotadas as materias de cada um dos assuntos tratados. O que se tem em vista neste trabalho principalmente é dar ideia, geral e documentada ao mesmo tempo, da Mouraria de Lisboa, como ella era no tempo em que os mouros a habitavam. Cada um dos assuntos é susceptivel de maior desenvolvimento, o que poderá ser conseguido noutras monographias.

Quando um dia despertar em Portugal, não o gôsto, mas a necessidade de estudar a historia de todas as manifestações da actividade humana na fraccão portuguesa, será já bastante tarde para conservar muitos monumentos do passado, que estão sendo aos nossos olhos destruidos irremediavelmente.

I

O Valle do Areeiro

O valle formado na sua parte inferior ou intra-muros de Lisboa pelos montes de Sant'Anna (do nome do convento fundado no sec. XVI) de um lado, e do outro pelos montes do Castello, Graça, Senhora do Monte e Penha de França, é dotado profusamente da agua que lhe desce em parte torrencialmente do Areeiro, situado sobranceiramente tambem ao valle de Chellas, e em parte é extraida do solo por meio de poços e chafarizes. A pequena torrente invernal, correndo no fundo do valle, ou thalweg, no leito que ainda hoje se reconhece, ia entrar em tempos remotos na Baixa, valle formado pelos montes do Castello e de S. Roque, onde se encontrariam, provavelmente, as suas aguas com as vindas de Andaluz atraves de Valverde. O local preciso em que se encontravam, se por acaso assim succedia, não é possivel defini-lo hoje, nem mesmo o sitio em que a corrente ou correntes se precipitavam no Tejo, ou melhor na bahia formada por elle. O cruzado inglês Osberno (*Port. Mon. Hist., Scrip.*, pag. 399) dizia na carta em que descreve a conquista de Lisboa aos mouros em 1147 que estes tinham as suas covas ou celleiros subterraneos *in proclivo montis* porque *infra vallem aquarum copia fossas fieri prohibebant*. Ainda hoje nalguns sitios bastante afastados da ribeira as infiltrações aquáticas não permitem fazer as construcções nas condições ordinarias.

O Rego ou Regueirão

Era este o nome que tinha a corrente que passava por Arroios e ia terminar no Tejo. É á sua traducção latina, *arrugius*, que aquelle local deve a denominação. Num documento que parece da epoca de D. Afonso II encontram-se as seguintes menções: «in Arrujos aliam vineam» e «Arroios»¹. A citação mais antiga é de Janeiro de 1181: «uinea... in territorio Ulixbone in loco quod dicitur arroios». Depois em Abril de 1184: «uinea... in termino Ulixbone in loco predicto ubi uocitant fonte de arroios». Ambos os documentos estão na caixa 80 da *Collecção Especial* (Torre do Tombo).

¹ *Memoria para a Historia das Inquirições...* pelos discípulos da aula de Diplomatica, 1815, fl. 9, parte II.

Por ordem chronologica vão as seguintes notas em que entra o nome do rego:

1420. «azinhagaa do Rego por onde corre a agua real». (*Santos*, n.º 662).
1429. «Azinhagaa per hu corre agua». (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 424 v).
1435. «Rego pubrico per hu corre a agua que vem darroyos». (*Id.*, fl. 204 v).
1440. «Rego que vem de Santa baruora». (*Santos*, n.º 638).
1452. «fomte daRoyos». (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 54).
1489. «Rego que vem darroios». (*Santos*, n.º 592).
1498. «chafariz daRois».
1503. «rego que vem de sam Jurdam». (*Santos*, n.º 603).
1510. «azinhaga que vay per antre as ortas». (*Id.*, n.º 671).
1516. «reguo que vay pera os canos». (*Id.*, n.ºs 622 e 1779).
1542. «rego dagua que vay per de trás, amtre as hortas de sam Lazaro». (*Id.*, n.º 617).
1555. «Rego dagoa que vem do chafariz darroyos para a dita cidade». (*Id.*, n.º 1783).

D'estas citações se vê que as aguas vindas de Arroios ainda recebiam as do campo de Santa Barbara e valle de S. Jordão (Charca). No percurso que eu saiba havia duas pontes:

1562. «Projecto de construcção d'uma ponte «antre a porta de são uicente da mouraria e o postigo que se abrio ao jogo da pella». (*Elementos*, I, 567).
1581. «pomte de sam lazaro dentro do bequo de Barbaleda». (*Santos*, n.º 1795).
1586. «pomte de sam lazaro onde se chama o currallinho». (*Jesuitas*, maço 2, pac. 7).

Proximo de Santa Justa havia tambem uma ponte como diz um documento do tempo de D. João I.

As construcções e a falta de cuidado fizeram com que no decorrer dos annos as aguas estagnassem e se corrompessem, occasionando por tal motivo doenças. No documento de 1562 da Camara Municipal de Lisboa, apontado a cima, justifica-se a construcção da ponte no terreno que ficava da parte de fóra das muralhas por ser um sítio «onde se fazẽ grandes atoleyros». Um outro documento da mesma Camara (*Elementos*, IX, 400), datado de 1695, concede um terreno ao Desembargador Ignacio Lopes de Moura para construir a ermida de Santa Barbara (aliás reconstrucção, cfr. Castilho, VII, fl. 57) com o preceito de «que tape as covas e alvercas que prejudicam a saude dos mora-

dores da rua direita dos Anjos». Ha aqui referencia aos terrenos baixos da actual *Charca*¹.

A primeira vez que se devia pensar em regularizar o curso do rego foi provavelmente por occasião da construcção da muralha em 1373-1375; e só dentro da cidade. As citações mais antigas da rua dos Canos, que actualmente conheço, são as seguintes:

1424. «canos da porta de sam Bicente». (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 377 v).

1466. «canos da porta de sam Vicente». (Livro 20 de *S. Domingos*, perg. 21).

1466. «canos do muro des contra a porta de Sam Vicente». (*Id.*, perg. 4).

1479. «canos per u correm as augas chouidiças e em fundo parte cõ adro do dito moesteiro». (*Id.*, perg. 6).

1514. «azinhagua que vem do poço de Sã Lazaro e vay ter os canos de sam Domingos». (*Santos*, n.º 593).

1516. «Rego que vay pera os canos». (*Id.*, n.º 622).

1611. «rua dos Canos de tras da Ermida de N. S.^{ra} da Escada». (Livro 20 de *S. Domingos*, doc. 43).

Não sabemos como atravessavam primitivamente as aguas do rego a muralha e entravam nos canos, mas não devia ser de modo muito diverso do que acontecia em 1625 (*Elementos*, III, 166), epoca em que se tratava de a reparar neste ponto, com receio do inimigo, da forma seguinte: «Pôr húa grade de ferro groça no cano real da banda de dentro do muro, defronte da rua dos Canos». Neste mesmo documento diz-se: «..... nas casas adiante, em que vive Dona Guiomar Manoel, e no pateo destas casas levantar as paredes te a altura da parede do canno, e tapar as portas e janellas deste pateo». Como atrás já fica mencionado em 1562 projectou-se neste ponto a construcção de uma ponte; a necessidade d'ella não era grande, pois bastava abrir um novo cano, para que as aguas represadas em frente da muralha tivessem vasão ficando o transito mais desafogado.

Outro documento datado de 1685 (*Elementos*, I, pag. 553) descreve-nos a rede dos canos fóra e dentro da muralha:

«Cano do chafariz d'Arroyos—O cano real que toma as aguas do chafariz d'Arroyos, e vem até á egreja dos Anjos, e abaixo do chafariz se mette por entre as hortas, e vem á rua dos Canos e por

¹ Esta palavra é apparentada com *charco* e *encharcar*, que exprimem a noção de humidade.

dentro do mosteiro de S. Domingos vem sair á Bitesga, e vae por baixo das casas da rua da praça da Palha.» Só portanto d'aqui e de uma certa época em deante, é que as águas de Arroios passavam a ter o seu percurso subterraneamente.

Por outros documentos mais antigos deprehende-se que as águas de Arroios, depois de saírem da rua dos Canos, atravessavam os terrenos do convento de S. Domingos (almoinhas primitivamente) onde depois se fundou o Hospital de Todos-os-Santos, e agora é a Praça da Figueira, passavam talvez pela Rua Nova de El-rei ou Rua Nova de Cano, aberta no tempo de D. Affonso V em cano e iam descarregar na Ribeira. Não será talvez êrro, porém, acreditar que o rego tinha curso independente das águas vindas da Avenida.

Havia ainda os seguintes canos parciaes:

Cano da rua da Mouraria. — «Pela rua da Mouraria vem um cano que terá trez palmos em quadro, e vem metter-se no cano real, que vem do Campo da Forca¹ e do chafariz d'Arroyos».

Cano da rua dos Cavalleiros. — «O cano que vem pela rua dos Cavalleiros, e se mette neste cano acima não lhe pude saber o principio, etc.».

Cano do rua do Capellão. — «Pella rua do Capellão abaixo, que por outro nome se chama a rua Suja, que vam do mosteiro de Santo Antão² dos frades da Graça, e se vem metter neste cano da Mouraria, etc.». De tudo o referido se collige que as águas que corriam no valle limpadas nos tempos dos romanos, dos árabes e nos primeiros séculos de Portugal se foram alterando gradualmente a começar pela parte inferior do seu curso, em virtude dos aterros prepositados e da dissolução efectuada pelas chuvas nos monturos existentes nas proximidades do rego, que provavelmente podia emparelhar pelo aceio com um outro rego das immundicies, proximo dos banhos de Morraz (anno de 1389, perg. 314 de *Santos*), pelos sitios do canal de Flandres, assim denominado em 1321 (*Santos*, n.º 303)³.

(Continúa).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ Actual Campo de Santa Barbara.

² O Colleginho, primeiro local onde se estabeleceram os jesuítas, era a mesquita da mouraria.

³ Ultimamente tem sido explorados os canos de Lisboa por pessoas mais competentes, do que as que os frequentavam por dever de officio ou por interesse. Nalguns sitios encontram-se vestígios de edificações que só um estudo mais completo poderá explicar. Desgraçadamente as posses e modo de pensar da Câmara de Lisboa não permitem julgar que lhes ligue qualquer interesse archeológico.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 8

Da Lusitania á Betica¹

Pax-Iulia — Serpa — Myrtillis — Baesuris

Aproveitando as ferias paschoaes de 1895, fiz uma pequena excursão archeologica pelo Sul do nosso país. Foi em minha companhia o Sr. Maximiano Apolinario, adjunto do Museu.

De Lisboa seguimos para Beja; d'aqui fomos a Serpa; de Serpa voltámos a Beja, d'onde partimos no dia immediato para Mertola; de Mertola dirigimo-nos a Castro-Marim, e de lá, por Faro, outra vez para Lisboa.

Para intelligencia dos leitores direi que á moderna Beja corresponde a romana *Pax-Iulia*; a Mertola corresponde *Myrtillis*; a Castro-Marim, segundo se crê, corresponde *Baesuris*; a Faro, como parece, ou ao seu campo, corresponde *Ossonoba*; a povoação romana correspondente a Serpa chamava-se mesmo assim, se é que, a julgar do letreiro de uma moeda da epocha romana, não teve tambem o nome de *Sirpa*.

1. Tres dias em Pax-Iulia

O que me levava a Beja era principalmente visitar o importante Museu Archeologico Municipal. Em verdade, eu já o tinha visitado por duas vezes; mas, como elle augmenta constantemente, e como as minhas primeiras visitas foram muito de corrida, necessitava fazer nova visita.

N-O Arch. Port., I, 19 e 111, disse algumas palavras d'este Museu. A pag. 112 referi-me á questão da situação de *Pax-Iulia*, que não ha dúvida que o foi no local em que hoje está Beja. D'este

¹ Este artigo está quasi todo escrito desde 1895. Por falta de tempo não o acabei primeiro.

ponto tratou tambem André de Resende, na sua carta a João Vaseo intitulada *Pro colonia Pacensi*¹.

O Museu de Beja comprehende objectos pertencentes, mais ou menos, a todas as epochas da nossa historia.

Dos tempos modernos tem uma importante collecção ethnographica: não faltam lá os polvorinhos ornamentados, as colhéres de chifre e de madeira feitas pelos pastores, as rocas artísticas, os cajados, aprestos de lavoura, etc. Um dos polvorinhos tem estes ornatos: as armas reaes, dois corações com uma chave ao centro, a meia-lua, e várias rosetas. Todos estes motivos se observam frequentemente na escultura popular do nosso país. Os pastores do Alemtejo são exímios nestas e noutras obras de arte. As horas longas que elles passam na solidão dos montados, guardando os rebanhos, provocam-nos a empregar a sua actividade em rendilhar polvorinhos, cajados, e sobretudo colhéres, o que justifica plenamente o adagio: *quem não tem que fazer, faz colhéres*. Alguns dos objectos ethnographicos do Museu de Beja formam ao mesmo tempo decoração ou enfeite das salas, como as redes dos carros (fabricadas de esparto, junça e pita), a *manta alemejana*, o cobertor. O Alemtejo possue industrias características; os organizadores do Museu andaram, pois, com supremo tino tornando-as lá bem patentes.

De epochas anteriores á actualidade, mas pertencentes á historia portuguesa propriamente dita, tambem offerece o Museu muitos espécimes: medidas, azulejos, leques, louças, joias, vestuarios, moveis, ferragens, molduras, armas, pedras sepulcræs, esculturas de pedra, inscripções. O touro do brasão d'armas da cidade apparece em toda a parte: em sinetes, em azulejos, em pedras, e até num tinteiro de prata, offerecido a Beja por el-rei D. Manoel. Algumas das faianças estão datadas. Num prato português do sec. XVII lê-se: *Ines dos Sarafis* (Seraphins), e num pote de barro: *é nome de Dës ame*, entre ornatos. No fundo de um vaso de louça antigo está a seguinte inscripção colocada entre estrellinhas:

* S O *

* A T I *

* A M O *

Em todos os países e em todas as epochas se tem usado inscrições semelhantes: num vaso romano de Populonia (Italia), por exem-

¹ Vid. L. Andr. Resendii *Opera, Conimbricæ 1790*, I, 7 sqq.

plo, lê-se: *Anima felix vivas*¹; em vasos achados numa necropole antiga dos arredores de Reims (França) lê-se: *vivatis e ave*². Do altar do dormitorio do extinto convento da Conceição veiu para o Museu uma curiosa *tabula* de 1697 com uma «*Oratio contra fulgura et tempestates*».

Da epocha do dominio dos Arabes possue o Museu pouca cousa: recordo-me apenas de ter visto umas lucernas de barro. Da epocha do dominio dos barbaros creio que não tem nada.

Uma epocha brilhantemente representada é a romana. O Museu não é só rico em epigraphia, mas em ceramica e escultura; tambem possue varios mosaicos. Já n-*O Archeologo* se tem publicado algumas das inscripções romanas que lá se acham, e ir-se-hão publicando outras successivamente. No número das inscripções romanas figura a de *Serapis Pantheus*, muito conhecida. Uma das vereações camararias transactas teve, aqui ha annos, a feliz ideia de mandar fixar na parede do patamar do primeiro lanço das escadas dos Paços do Concelho, em frente de quem sobe, a célebre inscripção romana que a *Colonia Pax Iulia*, no sec. II da Era Christã, dedicou ao imperador Lucio Vero, que nessa inscripção figura com o nome de *Lucio Aelio Aurelio Commodo*. Aos lados estão dois enormissimos capiteis romanos, que sem dúvida pertenceram a um monumento majestoso. No *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, e *Supplemento*, vem publicadas tambem muitas das inscripções pacenses. Algumas das pedras sepulcræs tem ornatos, outras são em forma de pipa; d'esta última especie ha umas oito: quasi uma adega! Na classe dos objectos de barro tem o Museu pesos, vasilhas (amphoras, taças, etc.), lucernas, alem de grande numero de tijolos e tegulas. Algumas das lucernas contém figuras nos discos. Dos pesos publicarei espécimes noutro número d-*O Archeologo*. Uma das amphoras foi publicada no vol. I, a pag. 261. De vidro ha no Museu varios unguentarios ou lacrimatorios. Entre os objectos meudos especializarei um pêso de fuso ou *verticillus*, com ornatos, um amuleto phallico ou *fascinus* (de metal), e um annel ou *anulus*. A entrada do Museu está armado um tumulo romano, que se encontrou, segundo penso, na cidade: objecto que, por ser funebre, e ocupar assim a entrada, não se deve ter como de mau agouro, pois é na morte que muitas vezes se estuda a vida, e só pelo passado se pode muitas vezes apreciar o presente.

¹ Apud R. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 2.^a ed., pag. 310.

² In *Revue Archéologique*, 3.^a ser., xxviii, 260.

Os tempos pre-romanos não estão muito bem representados, quanto ao número dos objectos; mas alguns d'estes objectos são realmente importantes. À epocha proto-historica pertence uma pedra com inscrição iberica, que fazia parte da collecção organizada no seculo XVIII por Cenaculo, venerando bispo de Beja, e ao depois arcebispo de Evora. À mesma epocha, ou aos fins da pre-historica, creio pertencerem tambem tres lousas sepulcraes com esculturas, e quatro vasos de barro,— objectos que constituirão assunto de um artigo especial. Da epocha pre-historica vi no Museu apenas alguns instrumentos neolithicos e outros de cobre ou bronze.

Ao Museu pertence ainda uma pequena collecção de moedas, que vai augmentando dia a dia. Entre elles encontrei metade de um bronze em mau estado, que era sem dúvida moeda de Mytilis.

A quasi totalidade dos objectos procede do concelho de Beja, o que dá ao Museu tom local muito pronunciado. A disposição é por ora mais artistica e de convenção do que propriamente scientifica, o que não admira, nem merece censura, attentas as condições da casa e o facto de o Museu se estar ainda organizando.

O sentimento local e patriótico que tem presidido á organização do Museu manifesta-se ainda na denominação das salas e galerias, pois estas receberam os nomes de cidadãos benemeritos ainda vivos, ou de mortos illustres: sala de «Gomes Palma» e de «A. A. Doria»; galeria de «Gama Xaro» e de «Felix Caetano». O último foi um antiquario bejense que viveu no sec. XVIII, e escreveu uns trabalhos, que ficaram ineditos, sobre a historia e antiguidades de Beja; a Biblioteca Nacional de Lisboa possue alguns d'elles. Gama Xaro foi outro antiquario, que principalmente se tornou conhecido em Setubal, por occasião da exploração das ruinas de Troia¹. O Sr. Gomes Palma e o Sr. Doria tem feito parte do senado de Beja.

A ideia da fundação de um Museu Municipal nesta cidade foi apresentada pelo Sr. Gomes Palma á Camara da sua presidencia em 5 de Março de 1890; a inauguração solemne realizou-se em 29 de Dezembro de 1892. É uma ventura para a patria e para a sciencia quando se encontram assim varões prestantes que, compenetrados da grandeza de um pensamento, sabem pô-lo tão firmemente em execução!

Depois de ter descripto sumariamente o Museu, e de ter dito duas palavras da sua fundação official, devo agora fallar de quem,

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, 1, 55.

na sua modestia e na sua simplicidade, é um dos mais activos e fecundos propugnadores do engrandecimento e boa ordem d'esta magnifica instituição municipal: refiro-me ao Sr. José Umbelino Palma, secretario da Camara de Beja e redactor d-*O Bejense*. Baixo, fallador, de gesticulação animada e olhar perscrutador, o Sr. José Umbelino atrae logo a attenção d'aquelles que se lhe dirigem. Pela minha parte confesso que me encantou com a sua conversa cheia de informações, e a cada passo cortada ou de ditos chistosos, ou de expansões de entusiasmo pelos progressos do Museu. Com relação a este, não perde a occasião de obter qualquer objecto valioso que apparece casualmente, ou que lhe consta que existe em qualquer parte; elle o classifica, o numera, o cataloga, o põe no devido logar; depois, n-*O Bejense*, dá noticia da aquisição,—o que tambem não deixa de fazer quando se trata de um objecto offerecido espontaneamente pelo seu possuidor. No concelho de Beja o amor pela archeologia e ethnographia locaes está de tal modo radicado, que quem possue, e pôde dispensar, um objecto que lhe parece que convem ao Museu, não hesita em o ir levar lá; os proprios aldeões procedem assim! D'aqui se vê a vantagem dos museus: são escholas, e ao mesmo tempo incentivo. Alem dos catalogos manuscritos, que estão nas salas do Museu á disposição dos visitantes, o Sr. Umbelino Palma organizou já quatro, que foram publicados a expensas da Ex.^{ma} Camara; são elles:

- a) *Catalogo da sala de «Gomes Palma»*, 1.^º fasciculo, ceramica,—Beja 1894, 113 pag.;
- b) *Catalogo da sala de «Adolpho A. Doria»*, 1.^º fasciculo, pesos e medidas,—Beja 1894, 91 pag.;
- c) *Catalogo da sala de «Gomes Palma»*, 2.^º fasciculo (Grupo B), mosaicos e cimentos,—Beja 1894, 62 pag.;
- d) *Catalogo da sala de «Gomes Palma»*, 4.^º fasciculo, azulejos,—Beja 1895, 158 pag.

A estes Catalogos seguir-se-hão outros.—Ao segundo me referi n-*O Arch. Port.*, I, 19. Os Catalogos precedentemente mencionados não se limitam á enumeração dos objectos, mas contém tambem numerosos documentos e notícias, que os tornam muito uteis para o conhecimento da historia e archeologia bejenses¹.

¹ O presente artigo está começado, como disse, desde 1895. Neste intervallo faleceram já alguns dos individuos a que nelle me refiro. O Sr. Umbelino Palma foi um d'elles. Tão prestante cidadão succumbiu em Beja a uma pneumonia dupla em 15 de Dezembro de 1897.

E aqui termino o que por agora tencionava escrever á cerca do Museu.

Se o Alemtejo é uma das provincias portuguesas mais caracteristicas, pois na paisagem, nas producções, na raça, nos trajes, na organização domestica, nas comidas, se distingue bastante das outras do reino; se Beja, como cidade e capital de districto, representa perfeitamente os aspectos typicos da vida alemtejana, e como povoação antiquissima e que tem acompanhado as vicissitudes da nossa historia, povoação insulada no meio de um deserto, só ha pouco ligada com o resto do país pela linha ferrea, conserva ainda feição archaica, e traz constantemente á memoria o passado, nas ruinas do seu castello medieval, no geral acanhamento dos seus edificios, — com excepção de certos templos notaveis, dos conventos e de pouco mais —, na estreiteza das suas ruas, algumas ainda com nomes historicos, como *Rua dos Infantes*, ou nomes relacionados com as lendas locaes, como *Rua do Touro*: o Museu Archeologico, que apresenta como num quadro a resenha de grande parte d'esses caracteres e d'esse passado, enobrece quem o fundou e quem o sustenta, e torna-se interessante fonte de estudo para o investigador, e attractivo para o forasteiro que for a Pax-Iulia.

Não é este museu o unico que Beja offerece ao amador da archeologia. O Sr. Dr. Francisco Ignacio Mira possue uma valiosa collecção de moedas antigas que elle, com a sua amabilidade, me permittiu examinar. Ahi encontrei algumas que particularmente me interessaram, como uma de Salacia, do typo indicado n-*O Arch. Port.*, I, 81, fig. 2.^a, e várias de Myrtilis. Como das ultimas espero fazer artigo especial, e do conjunto do monetario me prometteu o illustre possuidor enviar para esta Revista uma nota descriptiva, não digo aqui mais nada da collecção, e limito-me a agradecer ao meu amigo o Sr. Dr. Mira a benevolencia com que me recebeu.

Apresentado por este Sr., tive tambem o prazer de estar em casa do Sr. Dr. Meneses, professor de sciencias naturaes no Lyceu, e ahi vi um bonito annel romano de ouro, e um vaso de barro da mesma epocha, objectos apparecidos no Alemtejo. Já em tempo eu havia recebido um decalque do annel, que a seu tempo publicarei n-*O Arch. Port.* O Sr. Dr. Menezes não está propriamente possuido da paixão archeologica, mas é homem illustrado e de gôsto, e por isso, alem dos objectos mencionados, reuniu tambem na sua casa muitos moveis e pratas de merito artistico-archeologico.

2. Notícia de Serpa

De Beja, ou Pax-Iulia, a Serpa não é longe, posto que tenha de sair da Lusitania, pois Serpa fica no territorio que os Romanicos comprehendiam sob a denominação de BAETICA.

Ao chegar-se, em comboio, ao extremo da Lusitania vae-se, uns minutos, pela margem direita do Anas, que alli corre por vastos descampados, nus de cultura e de arvoredo.

Em terreno ainda lusitanico, passa-se por Quintos, estação da linha ferrea; dos arredores de Quintos ha notícia da existencia de restos romanos, como se disse n-*O Arch. Port.*, I, 340 e nota.

Depois encontra-se uma ponte, atravessa-se o rio, e está-se na Betica. A poucos instantes entra o comboio na estação de Serpa.

Perto da estação ha uma herdade chamada *A Salsa*, que foi *villa* ou povoação romana; não pude lá ir, mas as informações que obtive bastam para definir a epocha romana, pois me dizem que apparece lá mosaico do genero *opus vermiculatum*; tambem appareceu uma columna e varios objectos artisticos de pedra.

A villa de Serpa fica longe da estação do caminho de ferro: a uma legoa, pouco mais ou menos, de jornada. A villa é grande, estendendo-se muito por fóra da antiga muralha. No alto da villa fica o castello, de que resta parte da torre de menagem, aonde subi.

O Sr. Manoel Dias Nunes, moço muito estimado em Serpa, tinha tido a bondade de nos esperar na estação; depois acompanhou-nos sempre, e recebeu-nos em sua casa. Com quanto não se dedique a estudos archeológicos, interessa-se pelo da litteratura popular e assuntos congenéres, alem de cultivar com muito entusiasmo a poesia¹; por esse motivo, e tambem pelas suas excellentes qualidades pessoaes, a sua companhia foi-me extremamente agradavel, o que faz que eu conserve dos dias passados em Serpa indeleveis recordações, realçadas ainda pelo proveito que colhi para os meus estudos.

Eu já havia passado em Serpa uma noite, em 1889, e nessa occasião travado relações de amizade com o illustre medico, o Sr. D. José

¹ Já depois da minha estada em Serpa o Sr. Dias Nunes publicou os *Rosmaninhos* (volume de seus versos), e encetou, de collaboração com o Sr. Dr. Ladislau Piçarra, a *Tradição*, valioso arquivo de estudos ethnographicos.

de la Feria y Ramos, que, embora seja hespanhol de nação, reside em Serpa ha muitos annos, onde exerce clinica, e possue as sympathias de todos. O Sr. D. José de la Feria é tambem amador numismatico, e possue uma bonita collecção de moedas antigas, sobretudo importante pelo facto de ellas terem sido achadas quasi todas pelos arredores de Serpa: por tanto, quando se trate de moedas romanas, ficam-se sabendo datas da dominação romana, e quando se trate de moedas coloniaes da Iberia, ficam-se sabendo quaes os poyos antigos que estavam em relação mais ou menos directa com aquelle recanto da bacia do Anas. Todos os colleccionadores de moedas antigas, e ainda os de moedas swoeo-lusitanas, visigoticas e arabes, e mesmo portuguesas, devem pois sempre pôr ao lado dos seus exemplares uma indicação do local onde appareceram, para assim estes pelo seu lado derramarem, em relação á geographia e á chronologia, alguma luz no nosso passado¹. Quando um colleccionador não tire da sua collecção outro resultado que não seja o do simples gôzo de a possuir, e de dizer que tem esta e aquella raridade, a collecção não passa de mero objecto de luxo, que pôde ser substituido por outro qualquer: por esse motivo entendo que todos os colleccionadores devem não só conhecer a historia das suas collecções, isto é, dos elementos e condições em que foram organizadas, mas tambem fazer que elles sirvam para algum estudo especial.

Na collecção do Sr. D. José de la Feria ha moedas da Republica Romana, do Imperio, e da Iberia antiga. Da Republica tem aparecido por Serpa algumas dezenas; do Imperio algumas centenas (seis ou sete). Entre as moedas autonomas da Iberia possuidas pelo Sr. Dr. Félia tomei nota das seguintes: um denario de Osca, correspondente ao n.º 23 do *Nuevo metodo* de Delgado (vol. III, est. CLIX), e moedas de cobre de diferentes pontos: uma com caracteres phenicios, de Gades; duas com caracteres ibericos, de Ttaqš², e de Segia ou Segia³; muitas com caracteres latinos, já de localidades da Citerior, como Bilbilis, Ercavica, Ilerda, Turiaso, já da Ulterior, como Carmo, Carteia, Emerita, Ilipa, Ituci, Laelia, Myrtilis, Romula, Salacia, Traducta Iulia. Dominam, como é natural, as da Ulterior, por isso que nesta província se conhecem mais moedas hispano-latinas do que na Citerior. A pe-

¹ N-O Arch. Port., I, 81-82, vimos, a respeito das moedas de Salacia, um exemplo da importancia que tem o saber-se a proveniencia das moedas para se determinar a região a que elles propriamente pertencem.

² Corresponde a uma das do n.º 76 dos *Monumenta linguae Ibericae*, de Hübner, p. 73.

³ Corresponde a uma das do n.º 49 da citada obra de Hübner, p. 54.

quena lista precedente mostra que as moedas da Peninsula corriam mais ou menos por pontos muito afastados da sua procedencia, por quanto em Serpa se acham moedas vindas de tão longe: facto interessante, porque revela relações sociaes entre os variadissimos povos ibéricos.

Na collecção monetaria do Sr. Feria chamararam particularmente a minha attenção as moedas de Myrtis e de Salacia, por pertencerem ao ponto do nosso país.

De Salacia (cfr. *O Arch. Port.*, I, 81-84) tem o Sr. Feria quatro moedas:

1) uma, achada no Algarve, que apresenta no anverso a cabeça de Hercules, imberbe, voltada á direita, com a pelle do leão e a maça atrás, e a legenda ODACISOAO, e no R, entre dois peixes voltados para a direita, ΗΟΜΗΣΕ; circuito granulado nas duas faces; muito bem trabalhada, e muito bem conservada;

2) tres, achadas em Serpa:

a) uma, como a de cima, tambem bilingue, mas um tanto gasta;
b) outra, que tem no anverso a cabeça de Hercules, com pelle e maça, mas sem legenda; e no R ΗΟΜΗΣΕ entre dois peixes; circuito granulado dos dois lados; regularmente conservada.

c) outra, que é a mais barbara que tenho visto nesta classe de moedas; menos espessa que as restantes; cabeça de Hercules á esquerda, legenda semelhante á mencionada em b).

As moedas de Myrtis são em numero de tres: dois maximos-bronzes e um semis.

Alem de moedas, o Sr. Dr. Feria y Ramos possue alguns outros objectos archeologicos, como: instrumentos de pedra polida achados nos arredores de Serpa; uma estatueta de bronze de Cupido, achada em Lepe (Huelva) na Hespanha, de que dou aqui uma gravura¹; e o fragmento de um cano de chumbo romano, achado ao pé da herdade das Barrosas, de que fallo adeante. Em 1889 offereceu-me o Sr. Dr. Feria um pequeno cippo com uma inscripção de Mercurio, que publiquei na *Estemma Litteraria*, Portalegre 1892 (d'onde se fez edição separada com o titulo de *Inscrição inedita de Mercurio em Moura*, 4 pag.); d'esta vez offereceu-me para o Museu Ethnologico outra inscripção romana, como se diz n-*O Arch. Port.*, I, 221.

Vê-se que o Sr. D. José de la Feria y Ramos, alem de ser collectionador intelligent, que tem a sua collecção ordenada de modo

¹ Segundo um desenho do Sr. Gabriel Pereira.

que serve de elemento para a historia local, e a mostra com toda a franqueza a quem a quer estudar, ainda em cima leva a sua genero-



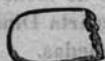
sidade a repartir do seu peculio com os mais. Receba elle por tudo os meus parabens e os meus agradecimentos⁴.

¹ Infelizmente o Dr. D. José de la Feria y Ramos pertence tambem ao numero dos que, como disse a pag. 197, nota, faleceram antes da conclusão d'este artigo. Aqui junto algumas noticias bibliographicas que, por intermedio do meu amigo Manoel Dias Nunes, obtive da familia.— Feria y Ramos nasceu em Ayamonte em 1833; estudou preparatorios em Sevilha; formou-se em philosophia na mesma cidade em 1850, e em medicina em Cadiz em 1858. Ainda estudante, em 1857, foi agraciado por D. Isabel II de Hespanha com a Cruz da Ordem Civil de Beneficencia pelos serviços clinicos prestados naquella cidade por occasião da peste que grassou em Cadiz em 1856. Veiu para Serpa em 1863 e ahi viveu sempre. Em Serpa exerceu o lugar de medico municipal e de sub-delegado de saude, e ahi fundou a Associação operaria de soccorro mutuo «Correia da Serra». Alem

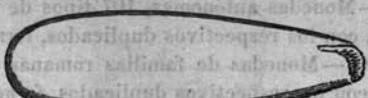
Sempre que vou a alguma terra procuro por todos os meios ao meu alcance colher elementos para o conhecimento da historia antiga.

Com relação a Serpa, já a cima me referi a uns instrumentos de pedra polida da collecção do Sr. Dr. Féria. Podemos assim ascender aos tempos neolíticos. Os machados de pedra são bastante conhecidos na localidade, onde, como noutras, se chamam «pedras de raio». O Sr. Dr. Féria possue quatro instrumentos neolíticos:

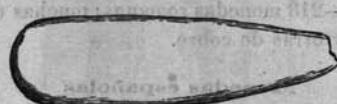
1) metade de um machado, de typo vulgar, de 0^m.09 de comprido.



2) um machado inteiro de diorite, de 0^m.25 de comprido, de typo vulgar, revestido de muita pátina;



3) outro, achatado, de 0^m.20 de comprido, deste typo:



4) um rebôlo de diorite, ou antes um espheroide achatao, de 0^m.07 no maior eixo, cujo uso não sei bem qual fosse (mão de gral? martello?).

De castros nada pude averiguar.

de medico e numismata-amador, Feria y Ramos foi tambem viticoltor distinto, tendo merecido menção especial os seus vinhos na Exposição de Philadelphia em 1876. Começou a collecticionar moedas em 1870. Num jornal hespanhol vem a seguinte noticia que dá plena ideia do seu monetario:

Véndese un monetario que contiene las siguientes monedas

Monedas portuguesas

PRIMER GRUPO.—34 tipos de monedas de billón correspondientes á los Reyes de la primera Dinastía portuguesa, que, con los respectivos duplicados, forman 72 monedas plata, cobre y oro.

Quanto a dolmens, mostrou-me o Sr. Dias Nunes á beira da estrada de Aldeia-Nova, a uns 400 metros de Serpa, duas pedras inclinadas que poderiam ter sido esteios de um dolmen; é preciso porém proceder a escavações para se saber com certeza se se trata de um dolmen ou não. Cada uma das pedras tem de altura mais de um metro,

SEGUNDO GRUPO.—117 tipos de monedas de billón plata y cobre, correspondientes á los Reyes de la segunda Dinastía portuguesa, que, con los respectivos duplicados, forman 273 monedas.

TERCER GRUPO.—16 tipos de monedas de plata correspondientes á los reyes de la tercera Dinastía portuguesa.

QUARTO GRUPO.—116 tipos de monedas de oro, plata, cobre y bronce, correspondientes á los reyes de la cuarta Dinastía portuguesa, que, con los respectivos duplicados, formam 319 monedas.

QUINTO GRUPO.—267 monedas de Portugal, no clasificadas muchas de ellas, siendo 172 en cobre y 95 en plata.

Monedas romanas

SEXTO GRUPO.—Monedas autónomas, 107 tipos de monedas romanas autónomas de cobre, que, con los respectivos duplicados, forman 119 monedas.

SEPTIMO GRUPO.—Monedas de familias romanas. 76 tipos de monedas de plata y cobre, que, con los respectivos duplicados, forman 85 monedas.

OCTAVO GRUPO.—Monedas imperiales, 82 tipos de monedas imperiales de plata, cobre y algunas de oro, que, con los respectivos duplicados, forman 417 monedas.

NOVENO GRUPO.—213 monedas romanas; muchas de ellas no clasificadas, siendo muchas de plata y otras de cobre.

Monedas españolas

DÉCIMO GRUPO.—445 monedas españolas no clasificadas muchas de ellas, de plata, cobre y algunas de oro.

UNDÉCIMO GRUPO.—Dos monedas de oro, dos de plata y seis de cobre, todas ellas de la dominación árabe de España.

DUODÉCIMO GRUPO.—Una moneda de oro visigodo del tiempo de Recaredo.

En todos los grupos existen ejemplares rarísimos y entre los españoles una moneda de oro acuñada en conmemoración de la Institución de La Banda, y entre otras raras, una moneda conmemorativa de la Toma de Algeciras por los castellanos á los árabes.

Para más informes y condiciones de venta dirigirse en Serpa (Portugal) D. Joaquin de la Féria Ramos y en Ayamonte Provincia de Huelva á D. José Gutierrez Feu.

Feria y Ramos falleceu em Serpa em 20 de Janeiro de 1896.—O cano romano de chumbo á que a cima, no texto, me referi, foi graciosamente offerecido ao Museu Etnológico pelo Sr. Dr. José Feria Theotonio, filho mais velho do falecido.

fóra do chão, e mantém entre si um pequeno intervallo. Em volta o terreno forma tal ou qual elevação. O sítio chama-se *Pedra Longa*, nome que convinha perfeitamente a um dolmen, quando ainda conservasse a sua tampa ou chapeu.

*

Um dia, de tarde, o Sr. Manoel Dias Nunes teve a bondade de me levar á herdade das Barrosas, onde constava que apareciam antiguidades romanas. Fomos nós dois e o Sr. Maximiano Apollinario, que me acompanhou sempre com o maior desvelo em toda a minha excursão, ajudando-me constantemente nos meus trabalhos, e fazendo-mé desenhos de objectos que vimos. Transportou-nos um *carro alemtejano*, aos solavancos, ora por campos, ora por desertos, num percurso de duas horas.

Ao pé do monte (i. é, da *casa da herdade*) das Barrosas vimos logo de longe um cippo, que examinado de perto mostrou ser funerário; continha uma inscrição romana dedicada por uma mãe a um filho ou filha de 33 annos; aqui se publica uma figura do monumento:



Altura da pedra 0^m,78; largura do corpo 0^m,44; altura das letras 0^m,04.

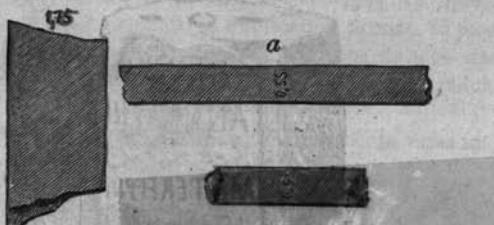
Algum tempo depois o Sr. Dias Nunes levou a sua bondade a obter-me para o Museu esta lapide: é uma d'aquellas a que me refiro n'*O Arch. Port.*, I, 220.

O monumento tinha vindo de um sítio proximo, chamado *A cidade da Rosa*, ao pé do monte de Braciaes, de onde tambem viera a lapide

com inscrição offerecida ao Museu Ethnologico pelo Sr. Dr. Féria, á qual me referi a cima.

Nesse sítio haviam apparecido, me disseram, muitas moedas de cobre, e uma de prata, «como um tostão». A visita á *cidade da Rosa* era pois tambem necessaria e obrigada.

A *cidade da Rosa*, assim chamada, diz o povo, por ser no sítio das *Barrosas* (i. é: *Ba-rrosa-s!*), é um vasto campo de semeadura, onde aqui e alem se vêem muitos montões de pedras maiores e menores: vi cinco montões, mas disseram-me que são ao todo uns onze⁴. Junto dos montões e pelo campo encontrei infinitos fragmentos de tegulas romanas, de tijolos grossos e de vasilhas grandes, placas de marmore trabalhado, e pedaços de escoria de fundição. Em certo ponto, no oiteiro que fica mais ao nascente, havia ainda paredes de alvenaria de uma casa soterrada, chamada, se bem me lembro, *a casa da Pinela*; ao pé d'esta casa estava uma grossa pedra cylindrica, de mais de 1 metro de altura, que de certo tinha tido emprêgo em algum engenho agricola; a casa continha entulhos e telhas queimadas, indicio de telhado que abateu por incendio. O conjunto do que resta das paredes que crescem um pouco a cima do solo é o que está indicado na planta junta.



A alvenaria é de pedra tosca e argamassada. A certa altura, na parede *a*, apresenta-se uma dupla fiada de tijolos. Sem dúvida o campo da *cidade da Rosa* tinha sido uma estação romana,—povo ou quinta: prova-o a existencia das tegulas, e o apparecimento das inscrições e de moedas romanas, de que pude obter cinco pequenos-bronzes dos séculos III e IV (Claudio II e Constancio II); a outra moeda de prata, de que falei a cima, parecida com um tostão, era de certo um denario. Da *cidade da Rosa* proviera tambem o cano de chumbo de que falei ha pouco, o qual, como disse, julgo romano. Informando-me de nomes de locaes da vizinhança, que pudesssem conter alguma significação historica, apenas soube da existencia de um sítio denominado *Alcaria*.

⁴ O povo chama-lhes *moitões*.

Aqui está o que averigüei das antiguidades romanas e pre-romanas de Serpa. Com relação á inscripção publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 971 (e que, por ter por si sómente a autoridade de André de Resende, quem sabe se será authentica?) nada pude saber; o mesmo digo do asse attribuido a Serpa, sobre o qual se vejam os *Monumenta linguae Ibericae*, do Sr. Dr. E. Hübner, p. 132.

3. Recordação de Myrtilis

De Mertola ha tanto que dizer, que nesta rápida descripção ficarei muito á quem do que se poderia esperar.

Tendo voltado de Serpa a Pax Iulia, saímos d'esta cidade para Myrtillis, em trem, por uma manhã de nevoeiro fechado.

Depois de algum tempo de viagem, parámos ao pé do «monte» da Grade¹, margem direita da ribeira do Charco. Como ahi perguntasse por antiguidades ás pessoas que encontrei, soube que numa charneca proxima havia «casas dos Moiros». Fui lá, e effectivamente encontrei várias ruínas de pequenas casas, cujas paredes eram feitas de schisto com cimento; junto das casas abundavam pelo chão tijolos grossos, telhas curvas (*imbrices*), fragmento de telhas de rebordo (*tegulae*), e bordos de vasilhas. Houve de certo alli uma estação arcaica.

O meu intuito, visitando Myrtillis, era, alem de satisfazer o desejo de conhecer, no seu conjunto, restos de tão famosa cidade da Lusitania, ver a collecção archeologica do meu amigo o Sr. João Manoel da Costa, e explorar algumas sepulturas do antigo cemiterio wisigóthico, já em parte descrito por Estacio da Veiga nas *Memorias das antiguidades de Mertola*, Lisboa 1880.

*

O Sr. João Manoel da Costa é secretario da camara municipal de Mertola, e, no louvável intuito de salvar alguns restos, cujo estudo possa servir para o conhecimento da nossa historia passada, tem-se consagrado a colligir antiguidades locaes.

¹ Na lingoagem alemtejana «monte» significa a casa da herdade.

Na sua collecção acham-se: seis instrumentos neolithicos, um d'elles com um sulco transversal, como já tenho visto mais; tres figurinhas de bronze, uma das quaes foi estampada n-*O Arch. Port.*, I, 297; fragmentos de vasos metallicos, de vidro e saguntinos, achados numa sepultura romana de Mertola; um *unguentarium* inteiro, de vidro, achado noutra sepultura romana; duas lucernas romanas de barro; quatro fragmentos de louça arabe, sendo um esmaltado; quatro lucernas arabes de barro, mais ou menos quebradas; um vaso branco, que talvez seja tambem arabe; diversas moedas, sendo quatro cunhadas em Mytilis, e ahi achadas, cinco autonomas de outras cidades da Iberia (Calagurris-Iulia, Emerita, etc.), algumas da Republica romana e do Imperio, de prata e cobre, dois trientes wisigothicos¹, sete moedas arabes de prata, e várias moedas portuguesas do continente e das colonias. Entre as moedas da Republica ha um denario de Q. Marcius Pilipus (Babelon, *Monnaies romaines*, II, 186), monetario do sec. II A. C., achado nas margens do Guadiana em Mertola.

Entre as moedas do Imperio ha na collecção do Sr. Costa o seguinte grande-bronze do Imperador Juliano II, o Apostata (sec. IV):

Anverso: DN FL CL IVLIANVS..... AVG.—Busto diademado do imperador, á direita.

R: SECVRITAS REIPVB.—Boi de pé, á direita, tendo por cima duas estrellas, e adeante uma aguia, que está sobre uma coroa, e sustenta outra no bico.

No exergo: P CONST².

Esta moeda, por ter no reverso um boi, foi aproveitada como emblema religioso, o que se conhece por ter recebido um furo para andar pendurada,—furo feito de maneira que, depois de pendurada a moeda, o boi ficava direito, o que não acontecia ao busto do imperador figurado no anverso, o que prova, como digo, que o caracter amuleto da moeda lhe provém do boi. A moeda achou-se em Mertola, e já com o furo, que de mais a mais se vê ser antigo, por ter pátina nos seus bordos: por tanto serviu de emblema religioso, não modernamente, mas em tempos antigos.—Conheço muitas moedas nas mesmas condições, e já

¹ Um de Wamba, cunhado em Toledo, e achado na freguesia de S. Pedro de Salles (Mertola); outra de Sisebuto (SISEBVTVS RES, não REX), cunhada em Mérida, e achada na freguesia de Sant'Anna de Cambas (Mertola).

² Esta moeda é semelhante á que vem em Cohen, *Médailles impériales*, VI, 368, n.º 74, menos no exergo.—Alguns numismatas interpretam P CONST por P(ERCVSSA) moneta CONST(ANTINOPOLI), isto é: moeda cunhada em Constantinopla.

chamei para este facto a attenção dos especialistas em 1889 no meu *Elencho das lições de Numismatica*, I.

Devo ao Sr. João Manoel da Costa muitos obsequios pela generosidade com que franqueou ao meu exame toda a sua collecção, me deu espontaneamente parte d'ella, me facilitou a visita aos sitios de Mertola que eu queria ver, e ainda me pôs em relação com diversos cavalheiros da villa, que igualmente me auxiliaram nos meus estudos, uns andando comigo, outros offerecendo-me objectos para o Museu Ethnologico, como adeante direi. O Sr. João Manoel da Costa offeceu-me posteriormente para o Museu uma *glans* ou bala de chumbo romana, de funda, á qual me referi n-*O Arch. Port.*, II, 158.

É só assim, pelo concurso de pessoas devotadas ao bem da patria, que o Museu Ethnologico se irá a pouco e pouco enriquecendo, e que as nossas cousas poderão ser devidamente estudadas.

*

Na collecção do Sr. João Manoel da Costa estão, como se viu, representadas várias epochas da historia de Mertola, desde as mais antigas.

Especializando alguma d'estas epochas em relação a outros monumentos, farei agora aqui umas breves considerações.

Por toda a villa, como tambem sucede em Alcacer do Sal, e em muitas terras, que datam pelo menos da epocha romana, se encontram a cada passo nos muros, nas ruas, nos edificios, ora columnas lisas ou com lavores, ora várias pedras de caracter archaico, que revelam a antiga grandeza, e a successiva decadencia.

Por exemplo, na face externa da muralha do castello, do lado de NO., entre muitas pedras de granito apparelhadas, e frisos de calcareo, fustes e capiteis, o que tudo se destaca do schisto e grés de que é constituida a maior parte da muralha, que bem se vê foi feita á custa dos materiaes de construções anteriores, apparece uma lapide sepulcral do typo das sepulturas romanas em forma de pipa; infelizmente a inscripção fica para o lado de dentro, não se pôde examinar, e a pedra está tão alta e segura, que só depois tentarei arrancá-la.

Das muralhas tem sido extraídas por vezes lapides semelhantes. O Sr. Manoel Bravo Gomes, proprietario em Mertola, e deputado da nação, teve a distincta amabilidade de me offerecer para o Museu duas que possuia, e ao mesmo tempo o capitell de uma columna antiga, — offertas que foram lembradas n-*O Arch. Port.*, I, 314. O mesmo Sr., com uma dedicação que muito o honra, e á qual, como director

do Museu, me confessó summamente grato, prometteu obter-me ainda outros objectos. Na inscripção de uma das lapides sepulcraes figura um *Donatus* e na outra uma *Herennia*.

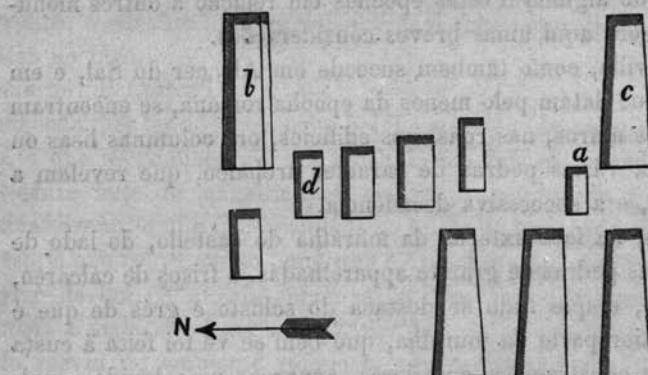
Logo que as minhas occupações m'õ permittam, estudarei e publicarei na integra estas duas inscripções¹, e juntamente outra de uma pedra esculpturada com que o Sr. Manoel Francisco Gomes galhardamente me obsequiou², havendo-me permittido que eu a arrancasse de um degrau de uma sua casa, onde estava encravada. Receba tambem o Sr. Manoel Francisco Gomes os meus sinceros agradecimentos pela sua generosidade.

*

Mertola occupa logar notavel na historia portuguesa dos primordios da Idade Média, por causa da serie de inscripções christiano-latinas dos seculos V-VIII, que ahi tem apparecido³.

Fiz proceder a uma excavação no antigo cemiterio christão do Rocio do Carmo, junto da igreja do mesmo nome; o Sr. Maximiano Apollinario tomou a este respeito os seguintes apontamentos:

«Descobriram-se algumas sepulturas, cuja disposição no seu conjunto é a que está indicada na planta junta:



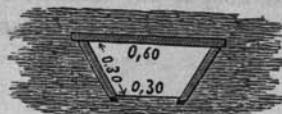
Neste grupo de sepulturas notam-se duas fórmas distintas; umas são, em planta, trapezoidaes, outras rectangulares. Todas se acham orientadas no mesmo sentido e offerecem a maior dimensão na direcção E.-W., tendo as trapezoidaes o menor lado voltado para o nascente.

¹ Vid. *O Arch. Port.*, III, 289 sqq.

² Cfr. *O Arch. Port.*, I, 314.

³ Cfr. *O Arch. Port.*, I, 8, 180, 181 e 311; e III, 289 sqq.

Apresentam-se dois typos de construcção d'estas sepulturas: assim, umas tem as paredes longitudinaes aprumadas e compostas de fiadas horizontaes de pedra, sem argamassa, fechando os topos duas lages postas de cutello e recoberto o vão por grandes lages de schisto; noutras as paredes lateraes são formadas de pequenas lages postas obliquamente e recobertas como as antecedentes, apresentando a secção indicada:



Em nenhuma d'ellas o fundo d'este recinto, escavado no solo, apresentava revestimento algum.

Todos os recintos sepulcraes, que foram descobertos, se achavam intactos e continham as ossadas em perfeita ordem. O corpo era colocado de costas, os braços e as pernas estendidas, a cabeça sempre posta para o lado do poente.

Os recintos de menores dimensões, que a planta indica, tinham ossadas de creanças. O menor d'elles, em *a*, era formado por fragmentos de tegulas, de imbrices, recoberto por um tijolo.

Alem d'estas sepulturas foram descobertas outras tres, junto da igreja do Carmo a cerca de 1^m,5 de profundidade.

Os recintos sepulcraes de forma trapezoidal, cobertos por lages de schisto, eram limitados em parte pelo corte do terreno natural em que se achavam escavadas, e em parte por paredes formadas de fiadas de schisto.

Num nível superior ao d'estas tres sepulturas foram encontradas outras entre as quaes uma apresentava um notavel acabamento de construcção. Tanto na cobertura, exteriormente, como na face interna das paredes lateraes que a constituiam, apresentava um espesso revestimento de argamassa.

As ossadas que continham apresentavam-se profundamente alteradas.

Nenhuma das sepulturas descobertas fornecem objecto algum do mobiliario votivo da epocha. Foram recolhidas no Museu as ossadas das sepulturas *b*, *c* e *d*.

O meu amigo Dr. Luis Fortunato da Fonseca, do Alandroal, que em tempo exerceu clinica nesta villa, offereceu-me para o Museu uma interessante serie de cinco lapides christiano-latinas, como se disse n-*O Arch. Port.*, I, 314: duas d'ellas estão datadas dos fins do sec. VI, e marcaram as sepulturas de *Amanda, famula Christi*, e de *Tyberius*

Hector, famulus Dei. Os medicos, que exercem clinica rural, podem prestar muitos serviços á archeologia, pelo facto de entrarem em muitas casas, e tratarem de perto com muita gente; effectivamente a nossa archeologia deve-lhes já bastante, e ha mesmo muitos que tem collecções archeologicas, sobretudo numismaticas. O Dr. Fortunato da Fonseca, privando-se dos objectos que particularmente havia colligido, e doando-os, para uso de todos nós, a um estabelecimento do Estado, fez obra em extremo meritoria, que muito é para agradecer e elogiar.

*

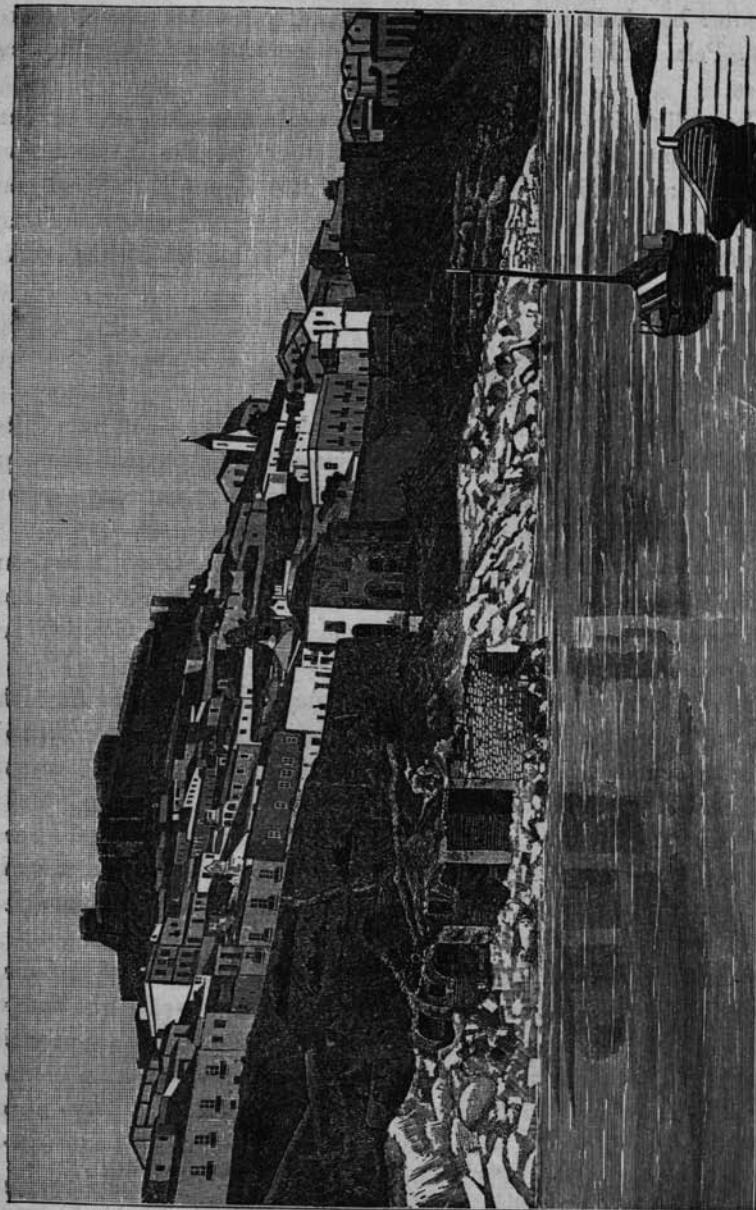
Da epocha arabe, alem do que fica mencionado como existente na collecção do Sr. João Manoel da Costa, não se me deparou mais nada em Mertola, senão o fragmento de inscripção arabe publicado pelo Sr. David Lopes n-*O Arch. Port.*, II, 206, fragmento que, em virtude da bondade do Sr. Antonio da Silva Fernandes, que o possuia, e gentilmente m'o cedeu, se acha hoje no Museu Ethnologico Português: mais uma vez manifesto ao Sr. Silva Fernandes o meu reconhecimento.

No mesmo agradecimento envolvo o Sr. Manoel Antonio da Cruz pela offerta de um capitel antigo, a que me refiri n-*O Arch. Port.*, I, 314.

*

Mertola está hoje muito decahida do esplendor d'outr'ora, e só pela sua posição topographica, entre a Betica e a Lusitania, na margem do Anas, e a pouca distancia da foz, se explica esse esplendor, porquanto é terra arida, coberta de lousas tristes, e nua de arvoredo.

Todavia passaram alli todas ou quasi todas as civilizações do nosso país. Reportando-me apenas ao que vi na minha visita, notarei que os tempos pre-historicos estão representados por alguns instrumentos neolithicos; os tempos proto-historicos pelas moedas cunhadas com o nome de *Myrtilis*, e talvez tambem pela cabrinha figurada n-*O Arch. Port.*, I, 297; o tempo dos Romanos está representado por várias inscripções e esculturas, por moedas, por objectos de barro e de vidro, e por uma ponte de que se observam ainda os restos junto do rio; o tempo dos Wisigodos está representado por moedas e por um cemiterio christão da primitiva Idade-Média; o dos Arabes está representado por uma inscripção e por varios objectos de barro. Da civilização propriamente portuguesa não faltam tambem em Mertola documentos; mas do estudo d'elles não me occupei.



MERTOLA

Alem das investigações a que Estacio da Veiga procedeu, e das poucas que eu fiz agora, é necessario ainda proseguir com muito afan no estudo da antiga Mertola, para esta se poder conhecer mais meudamente: ha ainda muita cousa enterrada, que é conveniente trazer á luz. Pela minha parte logo que possa tenciono continuar as excavações.

Como illustração e complemento d'este capitulo, dou uma gravura que representa Mertola, segundo uma photographia do Sr. Maximiano Apollinario: em baixo vê-se o Guadiana, com alguns barcos; na margem, junto da agua, os restos da ponte romana; mais a cima um lanço das antigas muralhas portuguesas; e dentro do ambito d'estas a villa, coroada, lá no alto, pelas ruinas do castello.

4. Pelo Anas até «Baesuris»

Saimos da hospedaria uma manhã cedo. Mettemo-nos num bote, que nos levou ao vapor. Ás 7 horas íamos pelo Anas a baixo, que corre entre outeiros selvagens, onde é só de longe em longe que se vê verdejar uma arvore, ou avultar uma casa.

A Betica e a Lusitania, divididas pelo rio, defrontam-se na mesma esterilidade: de um lado e do outro, durante muito tempo, charnecas quasi continuadas, como no tempo em que os navios phenicios pela primeira vez sulcaram o rio!

Pelas 9 horas passavamo entre S. Lúcar (Andaluzia) e Alcoutim (Algarve), duas povoações pittorescas, que se saudam entre si, cada uma com seu castello em ruinas, prova da antiga amizade e mutua confiança...

Pouco depois estávamo deante de Castro-Marim, termo da nossa viagem, d'onde o meu amigo o Sr. Francisco Silvestre de Sousa Rocha vinha esperar-nos num barco, e para onde em breve seguiríamos pelo esteiro formado pelo Guadiana.

O movimento do caes, a alegria do local, as aguas historicoo-archeologicas do rio, e principalmente a minha imaginação, que andava repleta de cousas antigas, tudo me punha deante dos olhos naquella occasião a epocha em que das *naves onerariae* desembarcavam os *mercatores* romanos, que vinham buscar os nossos figos e o nosso atum, tão gabado por Estrabão, e em troca deixavam pelas cidades do Algarve os lindos vasos samios historiados,—*terra sigillata*—, que ainda lá aparecem a cada passo aos bocados, pelos campos, e cujos restos eu sempre procuro com tanta cobiça, quando ando nas minhas pesquisas archeologicas!

*

O Sr. Francisco Silvestre de Sousa Rocha, nas horas vagas deixadas pelo exercicio do seu cargo de escrivão de fazenda, e pelo amanho das suas terras, tem-se dedicado a colligir antiguidades, sobretudo moedas portuguesas, no que presta optimo serviço á sciencia, porque salva assim do esquecimento, ou de se perderem, muitas cousas curiosas.

A sua collecção, quando a visitei, continha o seguinte:

dois machados de pedra polida, achados no sitio do Magoito, freguesia de Odeleite;

outro instrumento de pedra, do sitio do Mau Dinheiro, freguesia de Castro-Marim, com a particularidade de ter um furo na extremidade superior, como se vê na fig. A em tamanho natural (o furo é antigo);

uma ponta de setta de pedra, da Nora, freguesia de Cacella;

um machado chato de bronze ou cobre, representado em tamanho inferior ao natural na fig. B;

algumas moedas romanas imperiaes;

uma amphora romana, que foi encontrada no sitio dos Olhos de S. Bartholomeu¹, a uns 6 kilometros de Castro-Marim, e de que se dá o desenho na fig. C, e que tem de altura 0^m,95 e de diametro maximo 0^m,28:

uma curiosa lucerna metallica, que deve ser da epocha wisigothica ou arabe²; tem de altura 0^m,08 e de comprimento, desde a coroa da asa até o bico, 0^m,18; (vae figurada sob a letra D, segundo um desenho do Sr. Maximiano Apollinario; a figura dispensa a descripção); achou-se no sitio da Horta, freguesia de Cacella, entre o Arrife e Torre, ao pé de umas sepulturas que ahi apareceram, e estavam tapadas umas com lages, outras com telhas³;

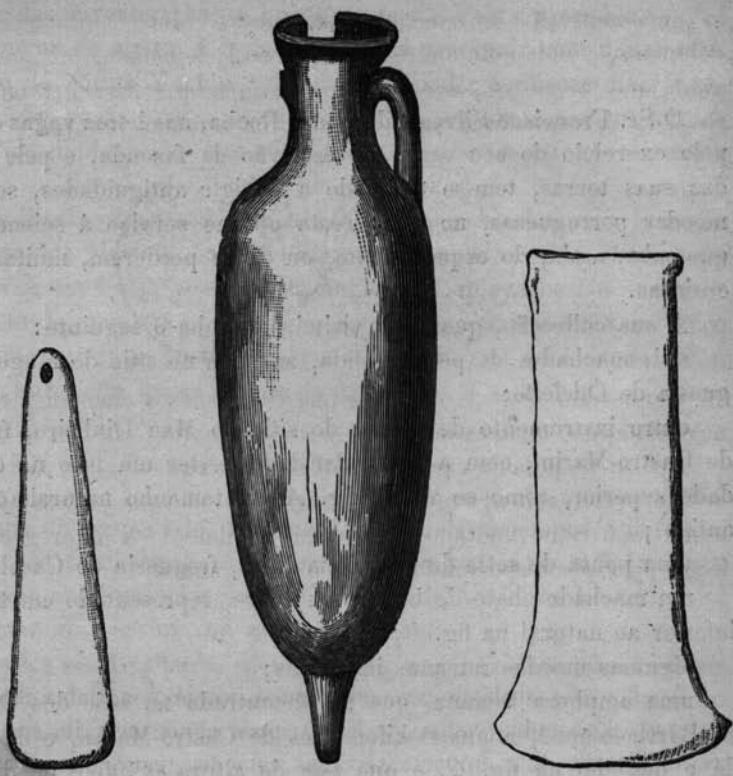
varios objectos de diversas epochas, como um dedal e espadas;

uma collecção de moedas arabes de prata, já descritas pelo Sr. David Lopes *n-O Arch. Port.*, I, 97 sqq.;

¹ Sobre esta estação romana vid. *O Arch. Port.*, IV, 329 sqq.

² No Museu Archeologico de Madrid existe, classificada como arabe, uma lucerna, tambem metallica, que lembra esta.

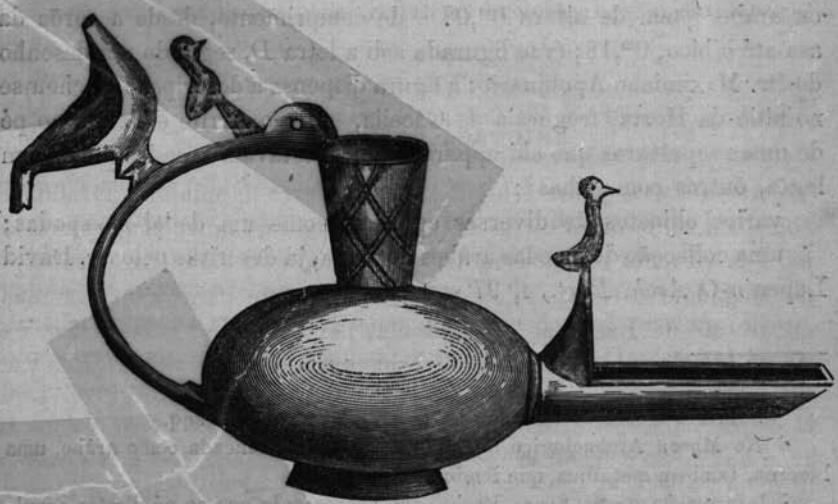
³ Informação do Sr. Sousa Rocha, que accrescenta que ao pé d'estas sepulturas havia uns alicerces antigos.



A

C

B



D

uma collecção de moedas portuguesas, tanto continentaes como coloniaes,—onde noto um real de D. João I, de bolhão, que, por differir, ainda que levemente, dos que vem estampados e descritos na obra do Sr. Dr. Teixeira de Aragão, o figuro na estampa junta:



alguns dinheiros de conto, a que os franceses chamam *jetons* e os nossos antigos chamavam *contos para contar*.

Apesar de possuir varios objectos archeologicos, o Sr. Sousa Rocha collige principalmente moedas portuguesas, de que já tem boa serie; assim num ramo limitado chega mais facilmente a obter grande collecção, do que dispersando-se por muitos ramos¹.

*

A excursão archeologica estendeu-se ainda por Balsa (campo de Tavira) e Ossonoba (campo de Faro); mas, como me falta tempo para tratar d'essas duas importantissimas estações lusitano-romanas, e do mais que observei e estudei em Castro-Marim, e como não desejo continuar a retardar a publicação d'este artigo, termino-o aqui. Não faltará occasião de n-O Archeologo me referir ao que por agora omitto.

J. L. DE V.

Estevaes do Mogadouro

Assenta esta pobre e humilde aldeia, terra da minha naturalidade, composta só de umas 60 casas, que formam uma unica rua, num tabuleiro da vertente sul da serra da Novalheira, a 20 kilometros a sudoeste de Mogadouro. Esta serra é um prolongamento para oeste das cimas ou alturas de Lagoaça, e é limitada, por este lado, pela ribeira das Arcas, e pelo sul e norte, respectivamente, pelas ribeiras dos Estevaes

¹ O Sr. Sousa Rocha não chegou a ler este artigo, porque faleceu em 23 de Maio de 1897, na idade de 44 annos incompletos, pois tinha nascido em 17 de Outubro de 1853 (em Portimão). — Cfr. o que a seu respeito escrevi n-O Arch. Port., iv, 329 sqq.

uma collecção de moedas portuguesas, tanto continentaes como coloniaes,—onde noto um real de D. João I, de bolhão, que, por differir, ainda que levemente, dos que vem estampados e descritos na obra do Sr. Dr. Teixeira de Aragão, o figuro na estampa junta:



alguns dinheiros de conto, a que os franceses chamam *jetons* e os nossos antigos chamavam *contos para contar*.

Apesar de possuir varios objectos archeologicos, o Sr. Sousa Rocha collige principalmente moedas portuguesas, de que já tem boa serie; assim num ramo limitado chega mais facilmente a obter grande collecção, do que dispersando-se por muitos ramos¹.

*

A excursão archeologica estendeu-se ainda por Balsa (campo de Tavira) e Ossonoba (campo de Faro); mas, como me falta tempo para tratar d'essas duas importantissimas estações lusitano-romanas, e do mais que observei e estudei em Castro-Marim, e como não desejo continuar a retardar a publicação d'este artigo, termino-o aqui. Não faltará occasião de n-O Archeologo me referir ao que por agora omitto.

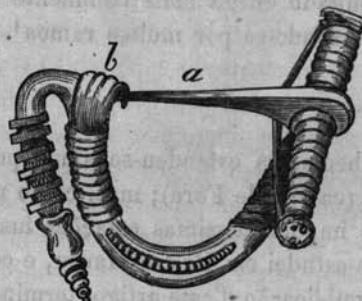
J. L. DE V.

Estevaes do Mogadouro

Assenta esta pobre e humilde aldeia, terra da minha naturalidade, composta só de umas 60 casas, que formam uma unica rua, num taboleiro da vertente sul da serra da Novalheira, a 20 kilometros a sudoeste de Mogadouro. Esta serra é um prolongamento para oeste das cimas ou alturas de Lagoaça, e é limitada, por este lado, pela ribeira das Arcas, e pelo sul e norte, respectivamente, pelas ribeiras dos Estevaes

¹ O Sr. Sousa Rocha não chegou a ler este artigo, porque faleceu em 23 de Maio de 1897, na idade de 44 annos incompletos, pois tinha nascido em 17 de Outubro de 1853 (em Portimão). — Cfr. o que a seu respeito escrevi n-O Arch. Port., iv, 329 sqq.

e Meirinhos; começando, todavia, a ser só conhecida por este nome a partir do *Collo ou Portella da Rainha*, aonde se cruzam varios caminhos vicinaes e partem as linhas de agua da *Calhinha e Relva*. É esta serra de bella e aprazivel paisagem pela variedade de panoramas e quadros naturaes que offerece, e pela abundancia e diversidade de vegetação que a reveste, sobresahindo as enormes matas de pinheiros, arvore indigena, que cresce espontaneamente e toma proporções gigantescas, o que faz que seja verdadeira fonte de riqueza para estes povos pelas madeiras e lenhas que lhes fornece. Alem de que tambem não é menos digna de notar-se pelos jazigos de varios minérios e águas midicinaes que contém, como pelos vestigios que apresenta, que merecem ser estudados pelos amantes de conhecer e observar as pégadas deixadas pelas gerações que nos precederam e viveram por estes sitios. E como taes mencionaremos a nomeada da *Portella da Rainha*, que dizem provir de ter passado neste ponto uma Rainha, que sequiosa,



O estilete *a* desencaixa-se de *b*, funcionando como a haste de prender um broche

bebera agua numa fontella que fica em baixo a norte, e que de haver encontrado tam *bella*, boa, lhe ficou o nome de *aguas bellas*: a sombria e escusa ravina, a algumas centenas de metros á quem, que mesmo de dia enche de temor e receio a quem a percorre, a que chamam *Valle de Ladrões*, onde se vê o *lameiro do mouro* junto da parede nascente do qual, ha poucos annos, uns coelhos fazendo as suas *lorgas* puseram a descoberto os alicerces de uma casa e fragmentos de lousa, tijolo e telha do feitio da actual. A *Fraga do Seixo*, outra ravina logo a nascente d'esta, onde se achou uma interessante fibula de cobre ou bronze coberta de uma espessa e brillante camada de óxido que semelha tinta, que no desenho dado a cima figura em tamanho natural, e que é muito parecida a outras duas que estão no Museu e foram descobertas nas povoações mortas de Picote e Coelhoso. Neste local, da encosta norte da serra, deparam-se-nos ao longo e de uma e outra parte da linha de agua oito buracos, *palas*, abrigos ou grutas em

rocha dura, algumas ainda completamente livres e desempedidas com uma capacidade de conter 30 a 40 cabeças de gado lanígero ou caprino, outros porém já muito entulhados e mal distintos mas percebendo-se ainda, em quasi todas, restos de muro de pedra solta que servia para vedar ou proteger a entrada. Alguns metros por cima, na encosta e num altinho, havia uns pequenos círculos ou circuitos ladeados, *eirinhas*, de 3 a 4 metros de diâmetro e cercados de um murrozinho de pedra solta. Neste sítio viveram os mouros, diz a tradição, e os mais velhos accrescentam que era onde se refugiavam e se escondiam os que fugiam ao serviço militar, especialmente no tempo da guerra dos franceses. Finalmente outros *circos* ou *eirinhas*, informam, se vêem ainda agora proximos dos conhecidos buracos ou *palas*, resguardo dos pastores, nos pontos da Gricha, das Arcas — a chamada gruta da Maria Thomé —, na *canada* dos Parreiras, no caminho de Meirinhos e outras partes. Evidentemente signaes são estes de um primevo povo que procurava os abrigos naturaes para sua morada, ou sepultura, vivendo no meio das espessuras dos bosques, e escondidos nas matas. E como seria mysterioso e cheio de superstição todo esse viver, aqui em que hoje mesmo, ao percorrer-se, silenciosamente, toda essa enorme floresta de pinhaes, o seu sussurro nos arripia e nos faz lembrar o gemer do deus das tempestades! E que mais necessário era para criar um mundo de phantasias de que observar, em noites de luar, essas enormes faxas escuras, semelhando sombras de gigantes, movendo-se á passagem da mais leve aragem! E depois, com o rolar dos séculos, o homem deixou de ser troglodita, habitou a collina e cultivou o valle, e a gruta lá ficou para covil de bandidos cujo scenario nos é impressionavelmente descripto numa das primeiras paginas da *Historia de Gil Blas de Santilhana*.

As tradições da Novalheira adjungem-se as do Sarzedo, feracissima veiga, que fica a 2,5 kilometros a sudeste da povoação em caminho de Freixo-de-Espada-á-Cinta. Neste ha uma Quinta pertencente á minha familia onde se vê uma modesta capella da invocação de Nossa Senhora da Alegria, cuja imagem, assim como a de S. Lourenço, são de bella escultura. É crença antiga ser muito milagrosa esta Senhora, que narram fôra vista, de pé, no meio da corrente do rio Douro num dia de grande cheia e d'onde foi retirada para esta ermida que mandou fazer o padre de Masouco, Lourenço Sanches, em 1782, como se vê do auto ou instrumento que tenho presente do seu patrimonio, e com auctorização do Arcebispo de Braga, D. Gaspar. O seu material é de presumir que viesse de outro templo, que dizem que houvera no alto da *Igrelinha*, comprehendido entre o ribeiro Cereijas, que divide quasi

ao meio a Quinta, e a já referida linha de agua da Relva. Segundo contam, concorriam alli a ouvir missa todos os povos de ao redor, e os seus alicerces ainda não ha muito que desappareceram. É muito de crer que elle existisse e fosse mandado fazer no tempo em que na Quinta houve uma importantissima exploração e fundição de minerio (que recentemente reconheci ser de estanho e descobri a continuação da mina), a avaliar pela enorme quantidade de escoria e escumalho que se encontra em toda a propriedade, chegando a formar, em grande área, uma camada de terra de mais de meio metro de espessura, e na qual durante as remoções tem saido muitos ferros e outros indícios de fornos e forjas.

E na verdade este local pelo pitoresco da sua paisagem, fertilidade do seu solo e amenidade do seu clima, merecia e convidava a que nelle habitasse um Deus, que recebesse os votos e as offertas d'aqueles, a quem era dado gozar tantos beneficios. E quer no cabeço ou na planura, o Altar tinha sempre um tapete de verdura semeado de côres diversas formadas pelas variadíssimas flores que esmaltam as margens d'aqueles ribeiros e arroios, que sussurrando, imprimem, em quem os contempla, uma sensação doce e calma.

Outras recordações ainda muito interessantes devemos tambem citar existentes no termo d'este pequeno povoado, e vem a ser que, a quem d'elle olha para poente e a 1:000 metros proximamente, e quasi no mesmo meridiano, correspondem: ao lado esquerdo os poucos signaes do *Castellinho* na margem esquerda da ribeira, tendo em frente, na margem direita, os alicerces de uma pequena casa quadrada dos *mouros* aonde está, dizem, pintado um gato numa fraga a indicar um thesouro; á sua frente o *alto de S. João*, cabeço perfeitamente conico em que havia uma pequena capella da invocação d'este Santo, que possuia muitos bens, que ha alguns annos foram aforados a um particular; e ao lado direito quasi no começo do ribeiro e a baixo da fonte da Figueira as ruinas das *antigas casas de Baixo* em que se podem notar, mesmo agora, pedaços de muros de habitações, fragmentos de tijolo, lousa e telha do typo da actual. Este local é o que tem dado mais trabalho aos sonhadores de thesouros, pois chegam até a vir de povoações distantes a cavar e a remover o terreno em procura d'elles. E lá está a fonte, composta ha pouco, com o que se lhe tirou todo o caracter de simplicidade e lendario, que é ponto de partida e de orientação para assinalar o sitio onde está o *grande haver*. Do lado nascente, na encosta, proximo de umas fragas, vêem-se duas galerias de uma importantissima mina de chumbo e prata que ha mais de 60 annos começou a ser explorada.

E são estas as notícias que podemos dar do «aro» de *S. João Baptista*, que abandonando a sua primitiva morada, lá no alto do cabeço de onde o avistava completamente em todos os sentidos, veio para a igreja, na planura, a conviver com aquelles, que, gratos aos benefícios recebidos, o escolheram para seu *orago* ou *patrono*.

Bragança, 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Inscrição romana da Pedrulha

Na estação lusitano-romana da Pedrulha, freguesia das Alhadas, concelho da Figueira da Foz, apareceu ha tempos uma inscrição romana, que hoje se conserva no Museu municipal d'aquella cidade¹. O Sr. Dr. Santos Rocha dá-me as seguintes informações a respeito d'ella: «Está gravada na face bruta de um pedaço de lage calcarea, de forma quadrangular, medindo no comprimento 0^m,54, na largura 0^m,28 e na espessura 0^m,17. Todos os outros lados do parallelipipedo são grosseiramente trabalhados a martello, e tinham vestígios de haverem estado mettidos em argamassa».

Segundo um decalque que o mesmo illustre archeólogo, e meu amigo, me enviou, a inscrição é como se segue:

C A L A I T O
CAIELI · H I · SITO

Isto é: *Calaito Caieli hi(c) sito.*

A palavra *Calaito* está evidentemente em dativo; o seu nominativo *Calaitus* é sem dúvida variante de *Calaetus*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2968, e de *Chalaetus*, que vem *ibidem*, 3298. À mesma família pertence tambem *Calaetius*: *ibidem*.

A palavra *Caieli* esta em genetivo, para indicar a filiação de *Calaitus*. Como não conheço outra forma igual, torna-se-me difícil dizer se temos aqui uma forma puramente barbara, *Caielus* ou *Caielius*, ou se temos uma simples variante orthographica do conhecido *nomen gentilicio Caelius*. Esta orthographia nada teria estranho: é assim que, por exemplo, na Biblioteca Nacional de Paris vi uma placa de bronze votiva em que se lê DEAEO por DEO, exemplo que é um pouco semelhante. O facto de um *nomen gentilicium* valer de nome proprio barbaro tambem não é

¹ Cfr. *O Arch. To I.*, v, 122.

E são estas as notícias que podemos dar do «aro» de *S. João Baptista*, que abandonando a sua primitiva morada, lá no alto do cabeço de onde o avistava completamente em todos os sentidos, veio para a igreja, na planura, a conviver com aquelles, que, gratos aos benefícios recebidos, o escolheram para seu *orago* ou *patrono*.

Bragança, 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Inscrição romana da Pedrulha

Na estação lusitano-romana da Pedrulha, freguesia das Alhadas, concelho da Figueira da Foz, apareceu ha tempos uma inscrição romana, que hoje se conserva no Museu municipal d'aquella cidade¹. O Sr. Dr. Santos Rocha dá-me as seguintes informações a respeito d'ella: «Está gravada na face bruta de um pedaço de lage calcarea, de forma quadrangular, medindo no comprimento 0^m,54, na largura 0^m,28 e na espessura 0^m,17. Todos os outros lados do parallelipipedo são grosseiramente trabalhados a martello, e tinham vestígios de haverem estado mettidos em argamassa».

Segundo um decalque que o mesmo illustre archeólogo, e meu amigo, me enviou, a inscrição é como se segue:

C A L A I T O
CAIELI · H I · SITO

Isto é: *Calaito Caieli hi(c) sito.*

A palavra *Calaito* está evidentemente em dativo; o seu nominativo *Calaitus* é sem dúvida variante de *Calaetus*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2968, e de *Chalaetus*, que vem *ibidem*, 3298. À mesma família pertence tambem *Calaetius*: *ibidem*.

A palavra *Caieli* esta em genetivo, para indicar a filiação de *Calaitus*. Como não conheço outra forma igual, torna-se-me difícil dizer se temos aqui uma forma puramente barbara, *Caielus* ou *Caielius*, ou se temos uma simples variante orthographica do conhecido *nomen gentilicio Caelius*. Esta orthographia nada teria estranho: é assim que, por exemplo, na Biblioteca Nacional de Paris vi uma placa de bronze votiva em que se lê DEAEO por DEO, exemplo que é um pouco semelhante. O facto de um *nomen gentilicium* valer de nome proprio barbaro tambem não é

¹ Cfr. *O Arch. To I.*, v, 122.

unico: no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 942, temos, por exemplo, um *Caesius* filho de *Tangino*.

Alguem poderia tambem lembrar-se que *Caieli* estivesse por *Gaieli* e correspondesse, como genetivo, ao nome *Gaiellus*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, V, 7679, embora aqui haja dois *ll*. Quando não se sabe a verdadeira solução de um problema, podem sempre architectar-se explicações sobre explicações.

Na hypothese que AI entre no segundo nome com o mesmo valor com que entra no primeiro, e que por isso CAIELI esteja em vez de CAEELI = *Caeli* (*Caelii*), —vem a inscripção a significar: «*A Caleto, filho de Celio, aqui sepultado* (se consagra este monumento)».

J. L. DE V.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

302. São Mathias (Alemtejo)

Castello do Giraldo

«Ha no districto desta Freguezia ou para melhor dizer nos confins da mesma hum castello antiquo, e no sitio chamado Monte Muro, junto da herdade chamada a Provença, o qual castello se denomina o castello de Giraldo, e está posto em o cume de hum elevado monte, porem, no tempo prezente apenas se diviza nelle, o que antigamente foi.» (Tomo XXIII, fl. 581).

303. Mato (Beira)

Gruta

Freguesia de S. Miguel. — «Ha outra ermida a que chamão o Crosoficio d'agonia da fradega, que inda agora principia por apareser no anno de 1750. He húa jimage de Christo esculpida em húa pedrastal de pedras de meyo relego o qual pedrastal tem de comprido 7 para oito palmos, esta metida em húa Rochedo de pedras e alto que esta pendente ao Rio Trousse que he arrebatado mas de pouca agoa, e sso no inverno quando a agoa he muita he que vem algúia couza caudelozo, no inverno, algúia peyxe tras que he barbo e trutas, porem, em verão seco apenas leva húa cal de agoa, passa pello pe do pouo de Louroza que dista desta regidenssia coarto de legoa, e o tal Crossoficio que esta esculpido no tal pedrastal e no tal Rochedo deu fe delle húa molher de húa barbeiro de Mossamedes desta freguesia andando a lenha, por o Redol tudo he Mato, e ella andando a fiar e junto do citio o pe do dito Crossoficio lhe cahio o fuzo da mão, e indo a levantalo por

unico: no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 942, temos, por exemplo, um *Caesius* filho de *Tangino*.

Alguem poderia tambem lembrar-se que *Caieli* estivesse por *Gaieli* e correspondesse, como genetivo, ao nome *Gaiellus*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, V, 7679, embora aqui haja dois *ll*. Quando não se sabe a verdadeira solução de um problema, podem sempre architectar-se explicações sobre explicações.

Na hypothese que AI entre no segundo nome com o mesmo valor com que entra no primeiro, e que por isso CAIELI esteja em vez de CAEELI = *Caeli* (*Caelii*), —vem a inscripção a significar: «*A Caleto, filho de Celio, aqui sepultado* (se consagra este monumento)».

J. L. DE V.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

302. São Mathias (Alemtejo)

Castello do Giraldo

«Ha no districto desta Freguezia ou para melhor dizer nos confins da mesma hum castello antiquo, e no sitio chamado Monte Muro, junto da herdade chamada a Provença, o qual castello se denomina o castello de Giraldo, e está posto em o cume de hum elevado monte, porem, no tempo prezente apenas se diviza nelle, o que antigamente foi.» (Tomo XXIII, fl. 581).

303. Mato (Beira)

Gruta

Freguesia de S. Miguel. — «Ha outra ermida a que chamão o Crosoficio d'agonia da fradega, que inda agora principia por apareser no anno de 1750. He húa jimage de Christo esculpida em húa pedrastal de pedras de meyo relego o qual pedrastal tem de comprido 7 para oito palmos, esta metida em húa Rochedo de pedras e alto que esta pendente ao Rio Trousse que he arrebatado mas de pouca agoa, e sso no inverno quando a agoa he muita he que vem algúia couza caudelozo, no inverno, algúia peyxe tras que he barbo e trutas, porem, em verão seco apenas leva húa cal de agoa, passa pello pe do pouo de Louroza que dista desta regidenssia coarto de legoa, e o tal Crossoficio que esta esculpido no tal pedrastal e no tal Rochedo deu fe delle húa molher de húa barbeiro de Mossamedes desta freguesia andando a lenha, por o Redol tudo he Mato, e ella andando a fiar e junto do citio o pe do dito Crossoficio lhe cahio o fuzo da mão, e indo a levantalo por

hum boraquinho muito piqueno deo fé do tal Crossoficio que estava clauzurado de pedras muito grandes que parecia era impossivel o serem postas por mão. O dia foy a 11 de Agosto de 1750 pellas tres oras da tarde. Chamou os filhos para verem a jimage pello tal boraquinho e sse puizerão como pasmados a louvar a dita Imagem, e logo chamavão muita gente que andava por aquelles Campos o pé do Rio a travalhar e juntamente vierão chamar o parocho que dista da Regidencia o tal outeyrinho cousa de 3 ou 4 tiros de mosquete e sse esta vendo o tal outeyrinho da mesma Regidencia, o abbade e cura foy logo e mais o Cura, e já quando foram acharão muita gente a louvar e admirar e não se via senão por 2 boraquinhas, e lá esteve athé muito dipois do sol posto, e no outro quando foy abbade e Cura já estava o outeyro Cheyo de gente, e como comeorria muita gente de varias freguezias do pe e não podião ver todos os que vinham, neste cazo o Abbade mandou vir pedreyros para arredar alguas pedras e pos mais patente o pedrastal onde esta o Crossoficio e de sorte concorria gente que no primeiro anno sempre nos domingos e dias santos era muita a gente, com suas ofertas de estrigas de linho e algum dinheyro mas de cobres, fezse-lhe hum nicho coberto e com huas grades e por ora se lhe vay fazendo húa Capelinha, que não pode ter mais que vinte palmos em quadro por não aver aria para mais por estar muito dependorado o outeyro para elle ficar no mesmo citio com húa pedra grande que o cobre por modo de húa diamante, que he o como se achou». (Tomo xxiii, fl. 611).

304. Mattos (Alemtejo)

Minas de ferro

«Ha nos lemittes da ditta Freguezia na Erdade das Ferrarias que hoje he das Relegiozas de Santo Agostinho de Villa Viçosa húa Minas donde antiguamente tiravão ferro e se conserva ainda hoje os vestigios, e porfundidade donde se tirava o ditto mineral». (Tomo xxiii, fl. 627).

305. Mazonco (Tras-os-Montes)

Castello de Minguanes

«Em o Lemite e disticto deste Lugar o pé do Rio Douro ha hum Castello velho muito antiguo, ja de tudo aruinado, o qual se chama o Castello de Minguanes¹, o qual está situado em hum aspero penhasco de hua fraga sobre o rio Douro». (Tomo xxiii, fl. 661).

¹ Domingue Annes.

306. Mentrestdido (Entre-Douro-e-Minho)**Covas da Moura**

«Tem esta freguezia no monte chamado dos Parrais o qual divide esta Freguezia da parte do Nascente da Freguezia de Sam Miguel de Çapardos tres covas estreytas e compridas, mas bem se lhes vê o fim, a que o vulgo chama *Covas da Moura* duas estão algúia couza entupidas prezumese serião alguas Minas de metais antigamente, hoje somente servem de criar nellas algumas vezes as Rapozas, e todos os annos crião nellas muita quantidade de andorinhas». (Tomo xxiii, fl. 798).

307. Mertola (Alemtejo)**Ruinas romanas**

«..... hé fundada pellos de Tiro há 2076 annos na era vulgar; quando Alexandre Magno os violentou a se confederarem na Luzitania e lhe pozeram o nome de—Mirtire—alias—Tiro nova—: e Julio Cesar a fez municipio de Direito Lacio amplificando-a com privilegios dos Romanos grande e affectuozamente de forma que já lhe chamavam—Julia Mirtiles—hoje corrupto o vocabulo—Mertola—; mas seis Estatuas de Pedra marmore, que há noticia se acháram abrindose alicerces para a Caza da Mizericordia desta Villa; mas já a nam ha do seo fim; colunas, tumulos, frizos, e alicerces que ainda se acham, e de que há muitos sinaes, bem mostram sua opulencia e antiguidade mayor: ocuparão-a os Mouros.....» (Tomo xxiii, fl. 808).

308. Mesão-Frio (Tras-os-Montes)**Sepulchros**

«..... tem mais para demonstrar sua antiguidade (pois foy Cabeça da Comarca Eclesiastica) ao redor do Adro noue Cayxões de pedra leuantados do cham, que seruiram de sepulturas, mas não ha memoria de quem, mas nelles se ue forão de pessoas distinctas porque huns tem em sima da Capa (*sic*) que os cobre hua como venera de Malta gravaada na mesma pedra; outros figurados em hũ lado douz cauallos pendenciando hũ com outro; e entre si húa flor de lis outro com varios labores e outros lizos, mas todos no talhe com que são formados dão a entenderem serem antiquissimos». (Tomo xxiii, fl. 862).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 9 E 10

Do Areeiro à Mouraria

(Vid. *Arch. Port.*, v, 212)

Fontes

Todo o valle e suas encostas eram abundantes de agua, como já fica notado, possuindo cada almoinha ou horta o seu poço, com o que provavelmente se não desprezava o uso contingente das aguas do rego.

As fontes publicas mais importantes existiam em Arroios e em Santa Barbara, confundindo-se a agua restante com a do mencionado rego.

O chafariz ou fonte de Arroios é mencionado pela primeira vez em 1184, e depois num documento de 1455 (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 59); e o de Santa Barbara em 1463 (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 12) e 1466 (Livro 14 de *S. Domingos*, doc. 198).

No fim do sec. XVI (*Elementos*, II, 83) havia no sítio da Bemposta um poço pertencente a João de Goes, o qual poço foi adquirido pela Camara de Lisboa, sendo a sua agua encanada para o Rocio onde se levantou um chafariz para uso do público até que em 1786 foi elle demolido para ceder o logar a outro na Rua de S. Vicente, à Guia. Esta fonte é actualmente representada pelo chafariz do largo do Socorro. A agua do poço de João de Goes era conduzida até a rua dos Anjos por um aqueducto; parecendo-me que foi esta construcção que deu á quinta atravessada o nome dos Castellinhos, presentemente, tambem, nome de um novo bairro. Consta-me tambem que esta quinta pertenceu á familia Castello, donde provirá o nome.

A tentativa de levar agua ao Rocio não é moderna. Em 1474 (Livro 4 da *Extremadura*, fl. 1 v.) havia um chafariz no Rocio (Largo de S. Domingos) alimentado com a agua do proprio local: as recentes obras do elevador de S. Sebastião da Pedreira mostraram claramente

a passagem aqui de uma corrente subterranea. Em 1671 descobriu-se «pouco distante da egreja dos Anjos desta cidade, entre as hortas e o campo da mesma freguesia¹» uma fonte que se denominou *bica das Fontainhas*.

Agricultura

A abundancia de agua tornou o valle, tambem, muito fertil.

A muralha de D. Fernando, descendo do Castello e subindo pelo monte que se denomina de Santa Anna, atravessava no valle unicamente almoinhias e nas encostas oliveaes. Toda a planicie, muros a dentro, ate o limite meridional do Rocio, pela sua abundancia de agua, era completamente apropriada a horticultura. Edificios parece que só se levantava desde o seculo XIII o mosteiro de S. Domingos nas raizes do monte de Santa Anna, protegendo-o a muralha que corria pelo referido monte.

Todo o moderno Rocio e a Praça-da-Figueira estavam retalhados em almoinhias conforme indica um documento de 30 de Abril de 1386 (Liv. 11 da *Estremadura*, fl. 152 v): «a qual casa e almuinha estava no rossyo da dita cidade donde venden a erua. E parte a dita almuinha com as almuinhias de maria esteuez da cotoquia² e com casas de maria francisquez e com outros». Formavam estas hortas o reguengo das almoinhias (doc. de 14 de Dezembro de 1473, no Liv. 4 da *Extremadura*, fl. 17 v): «chaão que he no reguengo das almoynhas da par do ressyo que parte de húa parte com quimtall de Tomas Luis e da outra com Manuel Piriz e da outra com rrua pruuica que vay da borratem pera o rresyo e da outra com quimtall, etc.».

Um documento de 1430 descreve-nos o sitio do largo de Santa Justa:

«Campo e reguengo em que ora stam aruores e fruitas e hortaliças que nos auemos dentro na cidade de Lixboa na freguesia de Santa Justa acerca do Resio da feira, o qual campo parte per estas confrontações. s. como se começa na ponte de dentro das casas e eixidos que ora som do dito conde dom pedro que forom de Diego da Veiga imdo assy partindo contra o poente a rredor das paredes das casas e as ortas que per hi stam ataa o quanto do dito campo e desse canto assy partindo e himdo a rredor das hortas e paredes das casas que per hi uaão sempre per dentro e como parte per casas e alpenderes que de nos hi trazem foreiros aforadas e emprazadas indo assy sempre partindo per valados e casas que per hi ora stam assy como essa diuisã uay entestar no caminho publico em que sta húa ponte per que atrauesam

¹ *Elementos*, VIII, 304.

² É o sitio onde hoje existe a Escola Polytechnica.

do Resio da feira de Santa Justa e dessa ponte como se esse campo parte sempre indo pera cima contra o leuante da parte do nosso castello assy como uay entestar em outro camto onde ora stam huū poço dagoa que sta fora junto com o ualado das ditas hortas e campo o qual poço he nosso e das perteenças dessas hortas e campo E a outra deuisom he como torna indo assy per este ualado contra a parte do mar partindo ataa que uay juntar no eixido e casas do dito conde dom pedro himdosse a diuisom e as confrontações deste campo onde pri-meiro começaram¹.

O sítio de *Borratem* é bastante antigo. A etymologia d'este nome é desconhecida, não representando a pronuncia moderna na maior parte das vezes a fórmula anterior. Numa citação a cima apparece-nos do genero feminino. Um documento de 5 de Fevereiro de 1455 (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 95) diz: «o logar que chamam Baratem». Outras vezes apparece *Barrotem*.

Existe hoje entre a rua do Arco do Marquês de Alegrete e a dos Canos um beco insignificante, intitulado da Povoa². Este nome indica talvez a existencia de uma pequena aldeia neste sítio. Uma carta de 16 de Junho de 1347 (n.º 1609 de *Santos*) diz: «lagares de vinho e de azejte os quaes eu ej na Cidade de Lixbña a par da poboa ante as casas de Johā Affonso a par do spital dos Meninhos». O hospital dos meninos (expostos) corresponde á ermida de N. S. da Guia. Em 1420 fala-se na rua da *Poboa* «acerca da porta de sam Vicente» (n.º 662 de *Santos*). E no livro 84 de *S. Vicente*, fl. 378 v em 1424 está o seguinte: «Joham Roiz moedeiro, filho de Mateus Roiz, morador na dita cidade ao poço da poboa, freyguesia de Santa Justa».

O monte de Santa Anna (chamado assim da invocação do convento construído em 1561) supportava nos seus flancos descarnados pelas pedreiras, talvez começadas a aproveitar por D. Fernando, olivaes e viñas. D. Manuel em 1500 (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 160), mandando cortar todos os olivaes existentes dentro da cidade e todas os de fóra dos muros até dois tiros de béstia, determinou ao mesmo tempo que esses terrenos ficassem em rocios. Segundo parece, parte do terreno intra-muros de Lisboa desde a porta de Santo Antão até á de S. Vicente pertencia a S. Domingos por concessão real ao tempo da fundação, posto que se não tenha encontrado ainda o documento original ou

¹ *Chancellaria* de D. João I, livro 4.º, fl. 126 v.

² No seculo xvi ou xvii tambem se dizia *Povoa dos Vinagreiros* (n.º 315 de *S. Domingos, Remessa dos Proprios Nacionaes*). Ao lado do beco da Povoa ha ainda hoje a rua dos Vinagres.

cópia. No tombo de S. Domingos, liv. 31, em cada emprazamento aparece a seguinte notícia (por ex.: fl. 18): «ho qual chão o dito mosteiro pesuy e lhe foy dado juntamente com o chão de junto do Espritual ate o muro que vay da porta de Santo Antão ate os Canos da Mouraria como tudo se declara nas escrituras e sentenças que delle tem que o dito Juiz vio».

O terreno onde se traçou a rua nova da Palma pertencia no entanto ao mosteiro de S. Vicente de Fóra. (Tombo 187 dos conventos, remessa dos Proprios Nacionaes).

Nos seguintes documentos encontra-se a applicação agricola do terreno entre as duas portas.

«húa almoynha que o dito moesteiro ha dentro na cerca da dita cidade a qual he antre o muro e canos da porta de sam Bicente e o moesteiro de sam Domingos cõ suas cassas direitos e pertenças que parte com o dito muro e olyual do dito moesteiro de sam Domingos e cõ caminho que bae arredor da dita almoynha de sam Domingos pera a porta de sam Bicente». 1424. (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 378 v).

«huña terra com sua pedreira Junto cõsigo a quall terra parte com ho muro da Cidade de longo des ho muro des contra huñ currall dos boys ataa os canos do muro des contra a porta de sam Vicente». 1466. (Livro 20 de *S. Domingos*, doc. 4).

«huñ grande chaão com sua pedreira que tapa com ho muro do concelho e em fundo com ho adro do dito moesteiro e vay todo de llongo des o muro des contra Santo Antom ataa os canos da porta de Sam Vicente no quall chaão com sua pedreira estauom dous oliuaes s. huñ que tras Afomso Vaaz ourivez emprazado que vay ao longo do dito muro e outro que soia trazer Martin Vaz Guitarreiro com suas cassas que parte com o dito adro da parte de fundo e emtesta com a dita pedreira e oliuaes do dito moesteiro». (*Id.*, doc. 21).

«huña grande terra cõ pedreira e cõ oliuaes e casas acerca do dito moesteiro que parte cõ o muro do concelho e corre de longo ataa os canos per u correm as augas chouidigas e em fundo parte cõ adro do dito moesteiro e com casas que foram de Martin Vaasquez Guitarreiro». 1479. (*Id.*, 6).

«..... húas casas logo hy acerca do moesteiro contra o uliual que partem de húa parte cõ casas que foram do comde d'Abramches que ora som de seu filho dom Antam e doutra parte com casas do dito moesteiro que foram do guitarreiro e de tras entestam com barroca do dito uliual». (*Id.*, doc. 38).

«huñ oliuall que esta dentro dos muros da dita cidade ho quall holiuall trazia emprazado Fernam Pirez Requeredor ho quall holiuall

parte de húa parte cõ ho dito muro da dita cidade e com ho holiuall de Santo Loyo e cõ outro holiuall do dito moesteiro de sam Domingos que ora tras Pere Aluez holeiro aforado e se chama holiuall da Pdreira». (*Id.*, doc. 8).

O terreno fóra dos muros de Lisboa era agricultado de fórmā igual ao que ficava intra-muros, como adeante veremos.

A Muralha, e ruas da Palma e da Mouraria

A muralha de D. Fernando descia da montanha e penetrava no valle no sitio do Arco do Marquês de Alegrete, ainda hoje cheio de vestigios d'ella, em via agora mesmo de desapparecimento, mercê do auxilio prestado pela Camara aos proprietarios do novo bairro. Subia depois o monte de Santa Anna onde fazia uma saliencia para o effeito tactico de alcançar a altura mais desafrontada do referido monte, pelo qual descia a fim de atravessar o valle da Avenida, onde havia a porta chamada de Santo Antão. Não creio houvesse primitivamente entre as portas de S. Vicente e Santo Antão outras aberturas effectivas, só posteriormente a conveniencia pública fez descerrar o panno do muro. Uma d'essas aberturas seria «o postigo da rua nova da Palma que sai ao Jogo da Pella» assim denominado em 1625 (*Elementos*, III, 166). Este postigo foi aberto pouco antes de 1562 (*Elementos*, I, 567): «o postigo que se abrio ao jogo da pella», ao mesmo tempo que se traçou a Rua Nova da Palma, como diz o mesmo documento «e por se abrir a Rua nova da palma, da parte de dentro, e se abrir o dito postigo, creceo a pouoação de húa parte e doutra».

A communicação primitiva da baixa de Lisboa com o arrabalde da mouraria fazia-se, ao que me parece, a princípio através da porta de S. Vicente (arco do Marquês de Alegrete) pela azinhaga que saia do Borratem e tambem talvez pela rua dos Canos, quando as chuvas o permittiam. Augmentando o transito, resolveu a camara abrir uma nova rua no valle rompendo-se, como já atrás fica notado, a muralha. A rua nova recebeu o nome de *Rua Nova da Palma*, não querendo dizer esta denominação que houvesse uma rua anterior chamada da Palma. Quanto ao termo *Palma* não consta houvesse precisamente por onde foi traçada a nova via de communicação ermida nenhuma assim chamada; a que havia ficava bastante distante para ter influido.

Até o meado d'este seculo a rua nova da Palma terminava junto do palacio do Marquês de Alegrete, depois ella foi prolongada até o largo do Intendente, passando através das hortas.

Da porta de S. Vicente saia uma rua em direcção a Arroios encostada ao monte do castello. O nome primitivo d'esta rua era *da porta*

de S. Vicente, só mais tarde se começou a denominar exclusivamente *rua direita da Mouraria*, e depois simplesmente *rua da mouraria*. A citação mais antiga da rua da porta de S. Vicente é de 1404.

1404. «Rua direita da porta de sam Vicente». (*Santos*, n.º 589).

1436. «no arrualde na rua direita que vay da porta de sam vicemte pera fora». (*Livro 10 da Extremadura*, 203).

1436. «rrua pubrica que vay pera a porta de sam vicemte». (*Id.*, fl. 213 v.)

1463. «estrada pruuica que vay da porta de sam uicente». (*Livro 7 da Extremadura*, fl. 212).

1474. «rua pruuica que uay da porta de sam uicemte pera fora da cidade». (*Id.*, fl. 134).

1489. «rua publica que uay pera a porta de sam Vicente». (*Santos*, n.º 592).

1494. «rua da porta de sam uicemte fregrissya da dita Igreja de Santa Justa». (*Livro 2 da Extremadura*, 242 v.).

1497. «Rua que vay ha porta de sam uicente da mouraria freguisia de santa Justa». (*Livro 1 da Extremadura*, 246).

1497. «Rua pruuica que uay pera porta de sam uicente». (*Livro 12 da Extremadura*, fl. 40).

1499. «Rua direita da porta de sam vicemte». (*Livro 2 da Extremadura*, fl. 170 v.).

1503. «Rua direita que uay da porta de sam Vicente pera sam Jurdam». (*Santos*, n.º 603).

1516. «Rua que vay da porta de sam Vicemte da dita cidade pera sam Jurdam». (*Santos*, n.º 1779).

1545. «Rua direita da Mouraria». (*Santos*, n.º 669).

1582. «Rua dereita da mouraria que vai pera Santa Barbora acima de Macabeuu (?) da bamda das ortas». (*Santos*, n.º 1777).

1596. «Rua dereita que vay da Mouraria pera a Igreja de samta Barbora». (*Santos*, n.º 1774).

O hospital dos meninos ou ermida da Guia

Na rua da porta de S. Vicente havia um recolhimento para crianças abandonadas instituído pela Rainha D. Beatriz ou Brites, esposa de D. Afonso III, falecida em 1300¹.

¹ J. B. de Castro, *Mappa de Portugal*, III, 437. Porem na lista das igrejas de Lisboa, feitas não posteriormente ao reinado de D. Afonso III, ao que parece, (*Memorias para a historia das Inquirições*, etc., pag. 15 dos documentos) se diz á o seguinte: «Ecclesia Innocentum Hospitalis puerorum».

1347. «spital dos Meninhos». (*Santos*, n.º 1609).
1394. «..... ao dito logo da porta de sam Vycente junto cõ o espitall dos mñnjhos que partem cõ albergaria do dito espitall». (*Santos*, n.º 1613).
1440. «espritall dos meninos». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 81).
1497. «esprital dos menynos setuado na Rua que vay ha porta de sam uicente da mouraria freguesia de samta Justa». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 146).

Passou por várias phases este hospital, segundo conta J. Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, III, 437. A existencia d'este estabelecimento prova que a actual rua da Mouraria não fazia parte do arrabalde dos mouros, e effectivamente a estrada que saía de Lisboa por uma das suas portas principaes e com a invocação do padroeiro da cidade, não devia estar inquinada com a vizinhança mahometana. Ainda assim parece que havia um ou outro mouro residente, como tambem havia entre os almoineiros christãos outros mouros.

S. Lazaro

Na encosta do monte de Santa Anna existia talvez já anterior ao reinado de D. Affonso III (1245) a *Ecclesia Sancti Lazari* mencionada pela primeira vez num documento sem data inserto nas *Memorias para a historia das Inquirições*, pag. 85.

1381. «caminho que uay pera Sam Lazero». (*Santos*, n.º 631).
1420. «caminho que bae pera sam lazaro». (*Santos*, n.º 662).
1440. «caminho pubrico que uay pera sam lazero». (*Santos*, n.º 638).
1440. «acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 81).
1489. «caminho que uay pera sam lazaro». (*Santos*, n.º 592).
1503. «caminho do concelho que vay teer a sam Lazaro». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 15 v).
1510. «Caminho que vay pera sam Lazaro». (*Santos*, n.º 671).
1514. «azinhagaa que uem do poço de sã Lazaro e vay ter aos canos de sam Domingos». (*Santos*, n.º 593).
1516. «travessa que saee da dita Rua direita que uaj para sam Lazaro». (*Santos*, 1779).
1542. «hortas de sã Lazaro». (*Santos*, n.º 617).
1445. «caminho publico que vae da rua direita da mouraria para sam Lazaro». (*Santos*, n.º 669).
1555. «Rua que vae pera Sam Lazaro». (*Santos*, n.º 626).
1581. «..... á mouraria a ponte de sã Lazaro. (*Santos*, n.º 1795).

1586. «acima da ponte de sam lazaro onde se chama o currallinho». (*Jesuitas*, maço 2, pacote 7).

Este caminho corresponde hoje á calçada de S. Lazaro e á Carreirinha do Socorro (rua de Fernandes-da-Fonseca).

Beco da Barbadella

Este beco vem desembocar á Carreirinha do Socorro. Tira o seu nome de Barba Leda, alcunha ou appellido de um individuo aqui residente no seculo XVI, e em cuja epoca se traçou o referido beco. Segundo um documento de 1542 (*Santos*, n.º 617) chamava-se este individuo João do Rego Barbaledo e sua mulher Isabel Fernandes Barbaleda. Um outro documento de 1516, por publica fórmula de 1554 (*Santos*, n.º 1779) diz o seguinte:

«casas que sam na Rua que vay da porta de sam Vicente da dita cidade pera sam Jurdam¹ e partem do levante com a dita Rue e do poente com o sobredito chaom que vay de tras ellas e do norte e do sull com outras cassas do dito mosteiro que trazem outras pessoas. E o dito chaom vaj de tras ellas e parte do poente cõ o Reguo que vaj pera os canos e do norte com outro chão do dito mosteiro que traz Joam Diaz e do sull com húa travessa que saee da dita Rue direita que vaj pera sam Lazaro e do leuante com hú renque de casas do do dito mosteiro».

Diogo Luis², foreiro d'este chão pretendia abrir nelle uma rua que começava na *travessa que sae da Rue direita* e terminava no fim do terreno. A rua não continuou a avançar pelos terrenos seguintes, ficando atrophiada em becco como diz outro documento de 1581 (*Santos*, n.º 1795): «á mouraria a ponte de sã Lazaro dentro no bequo de Barbaleda e partem da banda do poente com casas e chãos de Joã Vaz e do norte partem com caças que foram do dito Barbaleda e ora sã de Aluaro Dias curtidor e da banda das ortas partem com Reguo da cidade e por diante partem com o dito bequo. . . .»

S. Jordão e Santa Barbara

Jorge Cardoso, *Agilogio*, IV, 460, diz o seguinte: «Na Freguesia dos Anjos da Cidade de Lisboa havia huma Ermida antiga de Santa

¹ Rua do Bemformoso, mais antigamente do Boi Formoso. O documento mais antigo que menciona este sitio (escolla de boi fermoso na rua direita que vai pera S. Barbora) tem a data de 1620. (Alcobaça, *Sentenças*, 33, fl. 318).

² Uma filha d'este Diogo Luis e de Violante Rodriguez, de nome Breatis Luis, casou com o pintor Simão Affonso, conforme um documento de 1555 (*Santos*, n.º 1783).

Barbara, aonde estava huma Imagem de S. Jordão; ficava esta Ermida pouco distante do chafariz e della se vem ainda hoje vestigios; arruinada com o tempo a Ermida, forão levadas as Imagens de S. Jordão e Santa Barbara, para a parochia dos Anjos, onde se venerão, e tem suas Confrarias». A ermida de Santa Barbara começou por ser um estabelecimento identico aos de S. Lazaro e dos Meninos Innocentes. O valle que vinha de Arroios não era o unico escolhido para estas instituições piedosas. Em toda a Lisboa antiga se encontravam hospitaes. O pergaminho 361 do mosteiro de Chellas ao descrever uma almoinha diz o seguinte: «que he apar do ospital de ssanta Barbora». Tem a data de 1339. S. Jordão, santo archi-apocrypho era advogado dos casamentos e a elle recorriam as donzellias de Lisboa. Pelo tempo adeante as romarias ao santo foram prohibidas porque «ainda nos actos pios se introduzem abusos e desordens».

Por detrás da ermida ficava um valle chamado de S. Jordão, conforme o testemunho de Jorge Cardoso ou do seu continuador, valle por onde corria a agua de Arroios.

As noticias são as seguintes:

1503. «Rua Direita que uay da porta de sam Vicente pera Sam Jurdam»; «regó que uem de Sam Jurdam». (*Santos*, n.º 603).

1516. «Rua Direita que vay da porta de sam Vicente da dita cidade pera Sam Jurdam». (*Santos*, n.º 1779).

1551 (?). «Ermida de Santa Barbara e S. Jordão, citação de Christovão Rodrigues de Oliveira, apud Sr. Castilho, *Lisboa Antiga*, VII, 59.

1592. «Item a sam Jurdão pegado aos Anyos hum oliual que tras Dom Diogo de Lima que desfez em uinha e o meteu na sua quinta cerquada». (n.º 315 de *S. Domingos*, fl. 14, *Proprios Nacionaes*).

O campo de Santa Barbara abrangia superficie maior do que o moderno largo de Santa Barbara. Nas suas immediações havia a já mencionada ermida da Santa, festejada no seculo XIV: «El-rei (D. Pedro I).... mandou, com pena de morte, que, quando ellas (*as christãs*) fossem pela porta de Santo André á romaria de Santa Barbara, etc.»¹.

Neste campo ou rocio exercitavam-se os moradores de Lisboa em jogar o arco (tirar ao alvo) e tambem na carreira dos cavallos, de que lhe ficou o nome em parte. Teve o nome de campo da forca por ser o local d'este supplicio em certa epoca.

1399. «chúa quintãa que he ein terino da dita cidade acerca do Resio de samta barbora..... e da parte do abrego com martim vaas-

¹ Apud Sr. Castilho, *Lisboa Antiga*, VII, 58.

quêz que foy homem da nossa alcaidaria e com estrada pruuica que vay pera carnide. E da parte do soaão com Resio do concelho homde jogam o arco.....» (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 126).

1436. «rrua publica que uay da porta de samto Amdre pera samta barbora». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 214).

1440. «Rego que uem de samta barbora». (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 212).

1463. «chafariz de sancta barbora». (Livro 74 de *S. Domingos*, doc. 198).

1582. «Rua dereita da mouraria que vai pera santa Barbora acima de Macabeuu (?).» (*Santos*, n.º 1777).

1596. «Rua dereyta que vay da Mourarya pera a ygreja de Santa Barbora». (*Santos*, 1974).

Villa Quente

Na parte superior da Mouraria no caminho que vae da porta de Santo André para o postigo de S. Lourenço, caminho hoje chamado da *Costa do Castello*, estava situada a celebre *Villa Quente*, conforme o Tombo de 1573, existente na Camara de Lisboa, fl. 139 v: «Tem a cidade hūas casas na rua que vai da porta de Sancto André pera o postigo de Sam Lourenço, onde se chama Villa quente. E estão á mão esquerda, indo pera o dito postigo de Sam Lourenço. Da banda do sul partem com rua e caminho que vae para o postigo do Moniz».

Santo André

A Mouraria estava assente entre duas portas da muralha de D. Fernando. Já falei da de S. Vicente, falta tratar da de Santo André, hoje ainda representada pelo arco da mesma denominação. D'esta porta saia uma estrada para o valle, no final da qual se lhe juntava a calçada depois chamada dos Cavalleiros e a rua dos Lagares. Em rigor esta última rua é a continuação da que saia de Santo André, e, como esta, ficava fóra da influencia mourisca. A passagem para o largo de Santa Barbara era naturalmente pela rua dos Lagares e rua das Olarias e moderno largo do Intendente, onde se confundia com a estrada que arrancava da porta de S. Vicente. Todas estas ruas torneavam as bases e as encostas da Graça e de N. Senhora do Monte.

1436. «rua que vay pera a porta de sancto andre». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 203 v).

1436. «caminho publico que vay pera a porta de samto andre». (*Id.*, fl. 213 v).

1436. «rrua pubrica que vay da porta de samto amdre pera samta barbora»; «rrua gramde acerqua da porta da mouraria que vay pera samto amdre»; «rrua de samto Andre». (*Id.*, fl. 214).

1490. «azinhagaa que uay pera porta de sancto amdre». (Livro 3 da *Extremadura*, fl. 1).

1479. «Rua que vay pera santo Andre». (Livro 21 da *Extremadura*, fl. 209).

1498. «caminho pubriquo que vem da porta de sancto amdree e vaaí pera o chafariz daRois». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 39).

1498. «calçada que vaay do dita arrabalde pera a porta de Sancto Andre». (*Id.*, fl. 183 v).

1503. «Rua pubrica que vem da porta de samcto amdre pera ho chafariz damdalluz». (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 13).

1517. «Rua que vay da porta de santamdre pera Alualade». (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 60).

Os Lagares

A calçada de Santo André recebia, e recebe, no seu curto trajecto outras vias de comunicação. Num documento de 1502 (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 v) encontra-se a antiga rua dos Lagares «caminho que uem da calçada de Santo Andre pera os lagares dazeite».

Noutro documento de 1501 (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 105) parece haver referencia á rua dos Caualeyros e á rua das Tendas «caminho que uem da calçada de samto amdre que uay peras tendas dos mouros». Em 1548 (*Santos*, n.º 1789) ha esta menção «hūas casas na dita cidade na mourarya na Rua dos Cavaleyros que partem com Rua pubrica e por de tras cõ Rua das Holaryas».

O Livro 13 da *Extremadura*, fl. 76 v, ao anno de 1513 diz: «Ruas que vem da porta da mouraria e vão pera ho caminho que vay da porta de sanctandre por de tras das casas pello pee da costa de samta maria da graça».

O sitio dos Lagares deu o nome a uma rua que, saindo da calçada de Santo André, vae encostada ao monte da Graça, na direcção de Arroios ou Santa Barbara. Estes lagares eram propriedade do Hospital de Todos-os-Santos e de Pero Lopes do Carvalhal:

1502. «huū chaão que parte com o caminho que uem da calçada de Santo Andre pera os lagares dazeite que o dito espital grande de todolos santos de dereito señorio he em ho arrualde da dita cidade ao pee da costa de Santa Maria da Graça, freiguesia de Santa Justa». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 v).

1503. «lagar dazeite no almocouar». (*Id.*, fl. 180 v).

1503. «Rua pubrica que uay pera hos lagaares de Pero Lopez». (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 13).

1510. «por de trás cõ azinhaga que uay amte elle (Mafomede Roballo) e ho logar (*aliás lagar*) de Pero Lopez do Carualhal e per diante cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 37 v).

Adeante de Arroios havia uns lagares que constituem hoje a quinta do Conde de Almada, como atrás fica notado: cfr. Carvalho da Costa, *Corographia*, III, 419.

Agricultura fóra das portas de S. Vicente

No terreno fóra dos muros, só do meado do presente seculo em deante, começou com maior intensidade a ser revestido de construcções. No valle, como intra-muros, predominavam as almoinhas, ao passo que as encostas estavam revestidas de olivaes e vinhedos. Da influencia arabe exercida nos processos agrícolas dão-nos algumas mostras os documentos antigos, como um de 1381 (*Santos*, n.º 731): «arca e puços e nora e alfacara». Estes dois ultimos termos assim como as palavras «chafariz» e «almoinha» são de origem arabe.

Os trechos seguintes documentam o que a cima digo:*

1429. «Almoynha com sua cassa que he acerca da porta de san Bicente da dita cidade ffora do muro que parte com bijnha de Basco Martijz e com o muro e com Azinhagaa per hu corre a agua». (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 424 v).

1437. «hūa quintaã que he no termo da dita cidade acerca do Resio de santa barbora». (Livro 11 da *Extremadura*, fl. 126).

1440. «horta emprazada e almoinha com suas casas que soya de trazer ho espritall dos meninos que he acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que vay pera o dito sam lazaro de huña parte E da outra com caminho e almoinha que soya trazer martim martijns. E com o oliual de sam Christouam». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 81).

1440. «hūa almoinha com sua casa que o dito moesteiro ha no dito arrualde que parte com almoinha da see e doutra parte com o Rego que uem da Santa Barbora e doutra parte com caminho pubrico que uay pera sam lazero». (*Santos*, n.º 638).

1442. Horta da Larangeira¹ «omde chamam bemfica a cabo da mouraria». (*Dourados*, de Alcobaça, I, fl. 70).

¹ Junto da horta da Larangeira foi construido no sec. XVI o convento do Desterro, hoje convertido em hospital.

1452. «oliual com hūa uinha que esta acima da fonte da Royos, acerqua da quintā de Joā da Veiga, caminho de Sacavem». (Livro 84 de *S. Vicente*, fl. 99).

1455. Orta «abayxo do curral dos mouros e parte com orta do see que ora traz Johā Farinha e com ferrageall de sam lazaro e com orta de D. Aluaro de Castro». (*Santos*, n.º 645).

1463. «orta que esta Junto com a dita amtre ho chafariz de sancta baruora e a dita cidade». (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 212).

1466. «dous olyuaaes do dito seu moesteiro s. huū que esta no chafariz de ssanta barbora que parte de hūa parte com o olyuall do doctor lopo gonçalluez e doutra parte com oliuall de Joham lopez caualeiro, morador a Santo Andre e da parte de cima emtesta com camjnh que vay pera Santa Maria da Graça e da parte do fundo emtesta com horta de Joham Correa que ora traz Fradim». (Livro 14 de *S. Domingos*, doc. 198).

1489. Orta que «parte de hūa parte cõ Rua publica que vay pera a porta de Sam Vicente e da outra cõ caminho que vay pera sam lazaro e doutra parte com o Rego que vem d'Arroios». (*Santos*, n.º 592).

1502. «partem de huūa parte com caminho do Concelho que vay teer a Sam Lazaro e da outra com caminho e orta da Igreja de sam Lourenço e por de tras com oliual de sam Christouam e per diante com a dita Rua de bemfica». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 15 v).

II

A Mouraria

A população mourisca que ficou em Lisboa depois da conquista de 1147 devia ser composta na sua maior parte de industriaes e de proprietarios. Pouco a pouco ou de golpe, mas em todo o caso systematicamente, os mouros que viviam espalhados na cidade foram afastados para a encosta do monte em que se levanta o castello, na parte que olha para Nessa Senhora do Monte (monte de S. Gens), formando ahí uma povoação, a que se deu o nome de *arraualde dos mouros*, a qual ainda hoje permanece pouco mais ou menos, confundida, porém, no desdobramento sucessivo da cidade, de baixo do nome de *mouraria*.

Na *Chronica da fundação do mosteiro de S. Vicente* (nos *Port. Mon. Hist.*, Scriptores, I, 408) diz-se que a certo número de cavalleiros mouros foi permittido ficar em Lisboa. Se dermos credito a esta notícia, havemos de julgar que estes cavalleiros residentes no arrabalde tinham bens nos arredores de Lisboa, que os não obrigavam a exercer os officios me-

chanicos de olleiros, ferreiros, esteireiros ou esparteiros, tão preferidos pelos orientaes.

Até a extincão da liberdade religiosa em 1496 tinha o bairro dos mouros a denominação de *arrabalde dos mouros ou da mouraria* e depois o de «*villa noua que soya seer mouraria da dita cidade*» (documento do anno de 1496, n.º 624 de *Santos*).

Os mouros constituiam agremiação isolada com as suas autoridades civis e religiosas e dependentes só do rei. O chefe civil era o alcaide dos mouros, e junto a elle havia escrivães ou tabelliães, no princípio só mahometanos. Tinham cadeia (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 226, v). açougue, curral (em 1455, n.º 645 de *Santos*), «logea em que se rrecadam os direytos dos mouros da mourarya» (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 134), e tambem escola (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 177 v).

Tinham uma mesquita grande (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 220) convertida depois em templo christão, e outra menor. (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 106 v).

Em diferentes pontos de Lisboa havia banhos, não sendo os mouros tambem desprovidos d'elles, se bem que no seculo xv já estes lhes tinham sido retirados, e o edificio passára a outros usos. Em 1436 «casas de bainhos» (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 212), «casas nossas que tras affonso Pirez oleyro que forom bainhos» (*Id.*, fl. 203 v), «banhos do dito senhor» (Livro 1 da *Chancellaria de D. Duarte*, fl. 235).

Límites da Mouraria

Ficava a Mouraria entre as portas de Santo André e de S. Vicente, sem as alcançar, pois que lhes interpunham terrenos em que posteriormente se foram construindo habitações de christãos.

Os montes do Castello, da Graça e o de S. Gens estavam sobranceiros ao arrabalde mourisco, situado principalmente na encosta do primeiro d'estes. Não sabemos porque fosse este sitio escolhido para residencia dos mouros forros; talvez que por estar afastado do rio, evitando assim uma combinação militar com os seus correligionarios de alem-Tejo ou mesmo do alem-mar. Quando D. Fernando lançou a Lisboa a sua cinta de pedra, deixou de fóra da capital o arrabalde. Ignoro a razão.

Os limites da Mouraria não se podem, por em quanto, determinar exactamente. Pelo sul ficava a meio da encosta do Castello, pelo poente era limitada pela rua direita da porta de S. Vicente, hoje chamada da Mouraria, e pelo nascente não passava alem da entrada da rua da Amendoeira. Da parte do norte ainda é maior a dúvida, porque era aqui onde se encontravam os almocavares dos judeus e dos mouros, os quaes terrenos foram depois cortados por diversas ruas, ao que parece.

O lado sul não tem oferecido á Mouraria alteração desde os tempos mais remotos; só agora tende a ser alterada profundamente com a criação de um bairro nos terrenos do Marquez de Ponte-de-Lima.

Rua de Bemfica

Do lado do poente o bairro dos mouros não passava alem das modernas ruas da Mouraria e da rua de Bemformoso. Entre as almoinhas do valle e o sítio das Olarias encontra-se muitas vezes citada a rua de Bemfica. Este nome encontra-se actualmente numa freguesia dos arredores de Lisboa, a qual, segundo um documento de 1322, se chamava *Benfica a noua a par de os Paaços del Rejt*¹. Na impossibilidade de determinar exactamente a rua que corresponde á rua de Bemfica, talvez a do Boi Formoso ou Bemformoso, aponto os seguintes documentos:

1377. Casa terrea «que era no dito arrualde hu vendem as ollas junto com as casas d'Aly Pequeno hu chamõ Bemfica». (*Santos*, n.º 623).

1390. Almoinha em Bemfica a par do arrualde dos mouros». (*Id.*, n.º 668).

1396. «hu chamã bem fyca na Rua Direita». (*Id.*, n.º 665).

1418. «Rua de Bemfica e dapar do arrualde dos mouros forros». (*Id.*, n.º 633).

1438. «quatro portaaes que som no dito arrualde da mouraria E partem cõ banhos do dito senhor e com casas dauãzano mouro e pella Rua Direita de bemfica per onde vendem a louça». (*Chancellaria de D. Duarte*, I, 235).

1440. «horta emprazada e almoynha com suas casas que soya de trazer ho espritall dos meninos que he acerqua de sam lazaro da dita cidade a par de bemfiqua que parte com caminho do concelho que uay pera o dito sam lazaro de huña parte. E da outra com caminho e almoinha que soya trazer martim martijnz. E com oliuall de sam christouã». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 81).

1442. Horta da Larangeira «omde chamam bemfica a cabo da mouraria». (Livro 1 dos *Dourados* de Alcobaça, fl. 70).

1471. «E partem de huña parte com a filha da Cordeyra e da outrra com casas do Alcobacill e per fundo com a logea que he de Mafamede Lameda e per diante com Rua dentro da mouraria e per detrás com Rua dereita da cristindade que se chama Rua da bemfica». (Livro 4 da *Extremadura*, fl. 13).

¹ *Archivo Nacional*, caixa 100 da *Collecção Especial*. Este pergaminho tem a seguinte nota que tira as dúvidas sobre a collocação da povoação: «Pertence ao caçal, ao pé de S. Domingos de Bemfica, do Marques da Fronteira».

1497. «Partem de huña parte com outras casas do dito señor que tras o dito Lopo Roiz. E da outra parte com outras caças do dito señor que tras Gonçalo Diaz, oleyro. E por detras com Rua que uay pera Santo Andre. E per diante com Rua pubriqua de bemfica». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 209).

1498. Casa que «parte de huña parte cõ casas de Joham do Outeiro, morador em bemfica e da outra com beco que atrauessa ambalas Ruas dereitas e per detrás emtesta cõ becco que nam tem sayda e por diante com Rua publica». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 187 v).

1430. «Porta da Mouraria na rua que se diz de Bemfica». (*Santos*, n.º 587).

1555. «Rua de Bemfiqua, da uma banda «Reguo dagoa que uem do chafariz darroios, outra banda Rua que vae para Sam Lazaro». (*Santos*, n.º 626).

1573. «chão que esta na Mouraria indo da rua direita onde estão as hórtas para a calçada de Santo André onde se chama Rua de Bemfica e Olarias». (*Tombo da cidade*, livro 2, fl. 242).

1585. «Casas na Rua de Bemfica». (*Jesuitas*, maço 42, n.º 42).

Olarias

Não soffre dúvida, como já mostrei, que a rua dos Lagares, que torneja o monte da Graça, ficava na christandade. Para baixo, porém, ficavam as Olarias, que parece terem sido terreno mixto. Christovão Rodrigues do Oliveira (em 1555) menciona duas ruas das olarias, uma de cima e outra de baixo. Hoje temos um largo (rua larga) das Olarias e uma rua tambem das Olarias. Nas citações que faço aqui não descriminei as propriedades pertencentes a mouros e a christãos, o que fica reservado para um outro trabalho ou para qualquer outro investigador.

1377. Casa terrea «que era no dito arrualde hu uendem as ollas junto com as casas de Aly Pequeno hu chamam Bemfica». (*Santos*, n.º 633).

1436. «duas tendas nossas conjuntas as quaaes son no arrualde dos mouros na rrua direita que vay da porta de sam vicente pera fora e partem com a dita rrua e de todallas partes com casas nossas que tras Affonso Pirez oleyro que foram banhos e com azinhagua que emtesta na rrua que vae pera a porta de samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 203 v).

1490. «partem de huña parte com outras casas do dito Snñor que ora tras Maria Roiz e de outra parte com azinhagaa que uay pera a porta de samto andre e por detras com tenda que tras Costamça Do-

minguez que sam do dito Señor e per diante com rrua pruuica do arrualde da mouraria». (Livro 3 da *Extremadura*, fl. 7).

1498. «parte de húa parte com tenda de R.^o Annes oulleiro e de outra com tenda de García lopez outrosi oulleiro E com hū seu quintall e entesta de húa parte com caminho pubriquo que uem da porta de santo amdree E uaai pera o chafariz daRoios». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 39).

1499. «temdas dos oleiros» perante os quaes passava a «Rua que vay da callçada de samta maria da graça pera a Rua direita da porta de sam uicente». (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 170 v).

1501. «arraualde nouo da mouraria da dita cidade homde estão os olleiros». (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 105).

1501. «caminho que uem da calçada de samto amdre que uay peras tendas dos mouros e emtesta o quymtal cõ tenda de Alle Azeyte (*Id., ibid.*)».

1510. «temda que está nas olarias que partem de húa parte com temda que foy dalle almançor que hora he de mestre Jorge. É da outra com tenda que foy de Mafomede Roballo e por de tras cõ azinhaga que uay amte elle e ho logar (*sic*) de Pero Lopez do Carualhal e per diante cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 37 v).

1548. «casas na dita cidade na mouraria na Rua dos Caualeyros que partem com Rua pubriqua e por de tras cõ Rua das Olaryas». (*Santos*, n.^o 1789).

Tambem se refere ao largo das Olarias, que vae da calçada de Santo André para a calçada do Monte, a seguinte citação:

1491. «Rua pruuica que uay da mouraria pera santa maria do monte». (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 15).

Tendas

Nos documentos relativos ás Olarias apparecem citações diversas de tendas de oleiros e de mouros, indicando umas vezes que ellas estavam nas referidas Olarias, e outras vezes que estavam na sua frente. Effectivamente existe ainda hoje em frente do largo das Olarias uma rua pequena, intitulada das Tendas.

Rua da Amendoeira

Conserva este nome desde eras remotas:

1394. «casas que sam no dito arrualde hu chamam a amendoeira». (Livro 11 da *Extremadura*, fl. 81 v).

1397. «casas no arrualde suso dito hu chamam a amendoaria (*sic*)».

Rua da Amoreira

Por agora basta só determinar que o termo *mouraria* apparece nalguns documentos *moureira*, como por exemplo em 1434: «Rua Direita da Moureira». (*Santos*, n.º 647). O beco hoje chamado da Guia chamaava-se no seculo passado beco da Amoreira. Temos portanto duas derivações do termo amoreira ambas plausiveis: a de *mouraria* e a do nome da arvore.

Rua de João do Outeiro

Não sei qual era o nome primitivo d'esta rua. Num documento de 1498 (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 187 v) lê-se: Joham do Outeiro, morador em Bemfica.

Rua do Capellão

Não posso determinar a epocha em que se começoou a usar esta denominação; na emtanto inclino-me a que provenha do sacerdote da mesquita intitulado *capellão*. O ultimo capellão mouro em Lisboa chamaava-se Mafamede Laparo.

Rua dos Cavalleiros

Só no seculo XVI começoou a haver esta designação:

1431. «casas que elle ha em lixboa no arraualde dos mouros que soyam de seer banhos e partem com casas de mestre mafamede fisico e com caminho pruuico que uay pera santarem e com azinhagua pubrica que saae pera o caminho que uay pera a porta (sic) de sam viceente e com tendas do dito senhor». (*Chancellaria de D. João I*, livro 4, fl. 88).

1436. «com casas nossas que tras Affonso Pirez oleyro que forom banhos e com azinhagua que emtesta na rrua que vay pera a porta de samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 203).

1436. «casas que foram banhos as quaes estam em o arraualde dos mouros da dita cidade e partem ao leuamte com caminho pubrico que vay pera a porta de samto amdré». (*Id.*, fl. 213 v).

1499. «Rua que vay da callçada de samta maria da graça pera Rua direita da porta de sam viceente peramte as temdas dos oleiros». (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 170 v).

1501. «caminho que uem da calçada de samto amdré que uay pera tendas dos mouros». (Livro 6 da *Extremadura*, fl. 105).

1548. «hūas casas na dita cidade na mourarya na Rua dos Caualeyros que partem com Rua pubriqua e por de tras cõ Rua das Hollaryas...» (*Santos*, n.º 1789).

Rua da Carneçaria

São duas as citações: «rua que vay das *carneçarias* dos ditos mouros pera cima», em 1430 (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 21 v); e simplesmente *Rua da Carneçaria*, em 1497 (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 48 v).

Curral dos Mouros

Devia ficar proximo da Rua da Carneçaria. Christovão Rodrigues de Oliveira menciona em 1551 o beco do curralinho.

1420. «curral onde os mouros matam seu gaado que partem com caminho que vae pera sam lazaro». (*Santos*, n.º 662).

1455. «Curral dos mouros». (*Id.*, n.º 645).

1586. «chãos..... acima da pomte de sam lazaro omde se chama o curralinho». (*Jesuitas*, maço 2, pacote 7).

Ruas não identificadas

Alem das ruas não identificadas, já a cima inscriptas, aponto ainda as seguintes:

1497. «Rua dalmamon (?).» (*Santos*, n.º 625).

1436. «em o arraualde dos mouros em fim da rrua grande acerqua da porta da mouraria que uay pera samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 214).

1471. «Rua de demtro da mouraria». (Livro 4 da *Extremadura*, fl. 13).

As Portas da Mouraria

Tanto as mourarias como as judarias eram fechadas, tendo algumas portas para as communicações exteriores. Os documentos revelam-nos a existencia, quanto á mouraria de Lisboa, de talvez tres portas.

1436. «as quaaes eram dentro em o arraualde dos mouros em fim da rrua grande acerqua da porta da mouraria que uay pera samto amdré». (Livro 10 da *Extremadura*, fl. 224).

1474. «alem do poço dos mouros contra a porta da dita mourary». (Livro 7 da *Extremadura*, fl. 134).

1499. «Rua dereita que vay da porta daalem do poço pera cima». (*Santos*, n.º 624).

1513. «Ruas que uem da porta da mouraria e vão pera ho caminho que vay da porta de samtamdre por de tras das casas pello pee da costa de Sancta maria da graça». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 96 v).

1530. «Porta da mouraria na rua que se diz de Bemfica». (*Santos*, n.º 587).

Chãos

Junto do arrabalde dos mouros havia ainda depois da expulsão d'estes varios terrenos que partiam com os almocavares.

1498. «chão parte de huña parte com calçada (*de Santo André*)». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 231 v).

1502. «chão que parte com o caminho que uem da calçada de Santo André para os lagares dazeite». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 162 v).

1503. «chão que parte do norte com almocovar que foi dos judeus». (*Id.*, fl. 31 v).

1503. «chão que esta no arabalde da mouraria perto do almocauar». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 97).

1513. «chão que esta no raball da mouraria». (*Id.*, fl. 96 v).

Almocavares

Significa o termo arabe *almocavar* «cemiterio». Segundo parece, o almocavar dos mouros na encosta de Nossa Senhora do Monte¹ já existia no tempo da conquista de 1147. Diz Osberno *in medio montis quo erat eorum* (dos mouros) *cimiterium*. Naturalmente teriam mais cemiterios os mouros, mas foi só o almocavar, junto do arrabalde, que perseverou. Logo depois da extincção da mouraria foi o cemiterio dos mouros, bem como o dos judeus, aforado em diversos talhões, e a pedraria dos jazigos foi dispersada na construcção do Hospital de Todos-os-Santos, de forma tal que até hoje ainda não apareceu uma unica inscripção que se tenha salvo. Identica ruina sofreram os livros d'aquellas duas raças, aos descendentes das quaes foi prohibido escreverem nos seus respectivos idiomas.

Os limites dos dois almocavares não os sei indicar; no entanto parece-me que os terrenos situados entre a Rua de Bemformoso, Largo das Olarias e Ruas de Bella Vista do Monte e do Terreirinho até o largo do Intendente ou travessa da Cruz, bem podiam ter servido de cemiterio aos mouros e judeus. Este terreno será grande relativamente á superficie da mouraria, mas é preciso notar que a maior parte d'elle pertenceria aos judeus e que os mouros dos arredores faziam-se enterrar talvez aqui.

Parte das ruas neste sitio dos almocavares mudaram as primitivas designações. A rua hoje chamada das Olarias denominava-se, no seculo

¹ Um documento de 27 de Outubro de 1284 (Caixa 86 da *Collecção Especial*) diz: «campo... in termino Ulixbon. ubi uocatur mons sancti Jenesij prope domos ffratrum heremitarum ordinis sancti Agustini».

passado, do Rosario ou de Nossa Senhora do Rosario, a da Bombarda rua do Muro-Novo e a calçada do Forno do Tijolo calçada do Almocavar¹. No entanto o nome Bombarda já aparece no seculo XVI.

1491. «as ditas casas estam no almocouar que foi dos mouros nas ollarias que partem da parte do norte com casas do dito senhor que tras Garcia Lopez e do sul com casas de fernandeanes e por diante com Rua pruuica que vay da mouraria pera santa maria do monte» (Livro 12 da *Extremadura*, fl. 15).

1499. Chão «assy como parte ao norte com casas da see que ora tras afomseanes oleiro. E com chaão do dito esprital grande. E ao sul com azinhagaa e seruentia. E ao leuante com ho almocouar dos mouros que foy. E ao poente com Rua pubrica que nem dereita da porta de santandre. E com outras confrontações». (Livro 1 da *Extremadura*, fl. 183 v).

1499. «o qual chaão estaa na Rua que vay da callçada de samta maria da graça pera a Rua direita da porta de sam vicente peramte as temdas dos oleiros e parte com a dita Rua e da outra parte com tendas de Joham Roiz oleiro e da outra parte com casas que ora faz Antam Gonçalluez christião nouo e da parte de cima com Resio que soya ser almocouar dos mouros». (Livro 2 da *Extremadura*, fl. 170 v).

1503. «lagar dazeite no almocouar». (Livro 9 da *Extremadura*, fl. 170 v).

1503. «Chão no arrabalde da par da mouraria o qual parte ao norte com almocovar que foi dos judeus. (*Id.*, fl. 31 v).

1503. «chão que esta no arabalde da mouraria que parte de huua parte com casas que foram de Antam Gonçalluez e agora he de seu filho e com outro chaão que he aforado a Joham Fernandez que he do dito senhor e com rrua que vay da mouraria pera o almocouar e da outra parte com outra rua que vay da porta da dita mouraria e vay pera ho almocouar». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 97).

1510. «a dita temda que está nas olarias que partem de huña parte com tenda que foy dalle almançor que hora he de mestre Jorge E da outra com tenda que foy de Mafomede Roballo e por de tras cõ azinhaga que vay amte elle e ho lugar (*sic*) de Pero Lopez do Carualhal e per diamte cõ ho almocouar que foy dos mouros». (Livro 13 da *Extremadura*, fl. 97).

¹ Pelo exame das plantas das freguesias de Lisboa, levantadas pelo sargento Mór Joseph Monteiro de Carvalho, depois do terremoto e que se conservam no Archivo Nacional.

1573. «Tem a cidade umas casas terreas e um quintal tudo mistico em um aforamento do almoçauar dos Judeus que é ao pé de N. S.^a do Monte, abaixo da casa da bombarda, e estão as ditas casas na rua que sae do dito almoçavar para a calçada de pé de Nossa Senhora do Monte». (*Tombo de Lisboa* existente na Camara Municipal, livro 2, fl. 174).

III

As Freguesias

A egreja de Santa Justa ficou pertencendo, desde 1496, a administração dos catholicos que habitavam não só a Mouraria, mas todo o valle até Arroios. Pelo tempo adeante os terrenos destinados a agricultura foram emprazados, e sobre elles construiram-se numerosas habitações, de forma que no meado do seculo XVI já se sentia a necessidade da criação de nova freguesia como se vê pela carta transcripta a baixo. Do desdobramento de Santa Justa nasceram as duas freguesias do Socorro e dos Anjos. A freguesia do Socorro teve a sede primeiramente na ermida de São Sebastião da Mouraria ou da Saude e só depois, no seculo XVII, recebeu com a actual egreja o nome que permanece.

Desde o seculo XIV que conhecemos a existencia da ermida de Santa Barbara, mas o sítio onde estava collocado fica envolto em trevas. O sr. Visconde de Castilho (*Lisboa Antiga*, VII, 56 sqq.) não conseguiu explicar completamente este facto. Segundo investigações, ainda incompletas, parece-me poder afirmar que a primitiva ermida de Santa Barbara estava assente se não onde a actual egreja dos Anjos, pelo menos muito proximo a ella. Durante muito tempo a rua direita dos Anjos teve o nome da rua direita de Santa Barbara. Ainda mais: no seculo XVI e parte do XVII, quando se falla nas hortas do valle de S. Jordão, que chegava até a entrada da rua de Bemformoso (Escola de Boi Formoso), acrescenta-se — junto á egreja de Santa Barbara. Evidentemente ha aqui confusão tal que só novos elementos poderão aclarar.

O documento que se segue — simples minuta — não é datado.

«Dom Joham per graça de Deus, Rey de portugal etc, como governador e perpetuo administrador que sam da ordem e cauallaria do mestrado de noso senhor Jhuu Christo A quamtos esta minha carta virem faço saber que por virtude das bullas apostolicas das noue comendas da dicta ordem foy feita noua comenda da mesma ordem na ygreja de samcta Justa desta cidade de Lixboa da terça dos becs e Remdas da dicta ygreja que era do Priorado e Reitoria dela ficando o Reetor com seu certa stipendio na forma das dictas bullas. E avemdo

eu ora Respecto como a dicta ygreja de sancta Justa he das Principaes ygrejas desta cidade E a gramdeza da freiguesia dela em que ha tres mil e seyscentos foguos e ao tempo que asy em ela se fez a dicta nova comenda jaa era como he de muito grande freiguesia e vay cada vez em moor crescimento. E por sua tam gramde freiguesia tem gramde e euidente necesidade de se fazer na parrochia em Santo Amtam da Mouraria outra noua ygreja com ajuda da matriz e fazerem-se e acrecementarem-se mais dous nouos beneficiados na dicta ygreja de sancta Justa que sejam oyto com os seys beneficiados que ao presente nela ha afora o Rector e para yso se suprimir a dicta noua comenda que em ela foy feita e dos becs e Remdas dela que sam da dicta ordem se ordenarem fundarem e dotarem os dictos dous nouos beneficios e apricar-se a toda a masa da ygreja no modo abaixo declarado E asy se tornar aa dicta ygreja domde sayo pola grande necesidade dela e polo auer por muito seruço de Deus e bem da dicta ygreja o asemtey assy com o arcebispº de Lixbña meu muito prezado primo e meu capelom moor com aprazimento tambem dos seys beneficiados e rector da dita ygreja de sancta Justa que a todo deram per seu compromisso sobre elo feito. Pelo que por esta presente suprimo e ey por suprimida em todo para sempre a dicta noua comenda da dicta ygreja de sancta Justa que mays a nam aja nela daqui em diamte. Etc.»⁴.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Torre de D. Chama

Ruinas de S. Braz

Já n'O Archeologo Português, I, 232-237, o Sr. Castro Lopo, de Valpaços, nos dá muitas e curiosas informações archeologicas da Torre de D. Chama e do Cabeço que lhe fica proximo, sobranceiro e a nordeste, conhecido pelo nome de S. Bras, por nelle se erguer uma modesta capella em que se venera este santo. De encostas ingremes e cobertas de enormes rochedos de granito, em que nas rareiras vegeta a vinha e alguma arvore de fructo, apresenta na parte superior, em volta da ermida, as ruinas de um castro cujos restos de espessa muralha formada de pedra e cimento ainda se descobrem em partes.

Aos vestigios que se encontram á superficie já se refere com proficiencia a noticia mencionada, e a que temos agora mais de accrescentar

⁴ Archivo Nacional, *Collecção de S. Vicente*, tomo viii, fl. 159.

eu ora Respecto como a dicta ygreja de sancta Justa he das Principaes ygrejas desta cidade E a gramdeza da freiguesia dela em que ha tres mil e seyscentos foguos e ao tempo que asy em ela se fez a dicta nova comenda jaa era como he de muito grande freiguesia e vay cada vez em moor crescimento. E por sua tam gramde freiguesia tem gramde e euidente necesidade de se fazer na parrochia em Santo Amtam da Mouraria outra noua ygreja com ajuda da matriz e fazerem-se e acrecementarem-se mais dous nouos beneficiados na dicta ygreja de sancta Justa que sejam oyto com os seys beneficiados que ao presente nela ha afora o Rector e para yso se suprimir a dicta noua comenda que em ela foy feita e dos becs e Remdas dela que sam da dicta ordem se ordenarem fundarem e dotarem os dictos dous nouos beneficios e apricar-se a toda a masa da ygreja no modo abaixo declarado E asy se tornar aa dicta ygreja domde sayo pola grande necesidade dela e polo auer por muito seruço de Deus e bem da dicta ygreja o asemtey assy com o arcebispº de Lixbña meu muito prezado primo e meu capelom moor com aprazimento tambem dos seys beneficiados e rector da dita ygreja de sancta Justa que a todo deram per seu compromisso sobre elo feito. Pelo que por esta presente suprimo e ey por suprimida em todo para sempre a dicta noua comenda da dicta ygreja de sancta Justa que mays a nam aja nela daqui em diamte. Etc.»⁴.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Torre de D. Chama

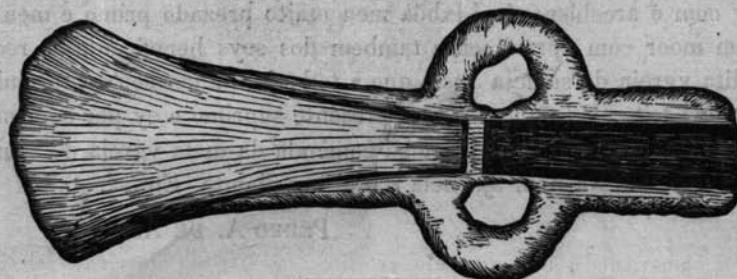
Ruinas de S. Braz

Já n'O Archeologo Português, I, 232-237, o Sr. Castro Lopo, de Valpaços, nos dá muitas e curiosas informações archeologicas da Torre de D. Chama e do Cabeço que lhe fica proximo, sobranceiro e a nordeste, conhecido pelo nome de S. Bras, por nelle se erguer uma modesta capella em que se venera este santo. De encostas ingremes e cobertas de enormes rochedos de granito, em que nas rareiras vegeta a vinha e alguma arvore de fructo, apresenta na parte superior, em volta da ermida, as ruinas de um castro cujos restos de espessa muralha formada de pedra e cimento ainda se descobrem em partes.

Aos vestigios que se encontram á superficie já se refere com proficiencia a noticia mencionada, e a que temos agora mais de accrescentar

⁴ Archivo Nacional, *Collecção de S. Vicente*, tomo viii, fl. 159.

que durante o nosso reconhecimento, que nelle fizemos, viemos a saber que tempos antes, um individuo, andando a cavar na encosta, descobriu um caixão de cobre muito pesado por estar cheio, como verificaram depois, de machados de cobre, uns em forma de cunha e outros como indica o desenho, tirado do unico exemplar que resta e que possue o illustrado e reverendo parocho P.^e José Videira; pois os outros, bem como o caixão, foram destruidos por um ferreiro na persuasão que eram de ouro. Na occasião em que este meu amigo m'o mostrou e prometteu para o Museu, apresentou-me tambem alguns fragmentos do caixão que indicavam ser de um fabrico muito rudimentar; e me deu algumas moedas romanas de prata e cobre encontradas neste sítio, sendo a mais antiga um *quinario*, cunhado pela familia CARISIA e que dizem «alludem á derrota dos cantabros e dos osturianos por Publio Carisio que fundou a colonia de Emerita, depois capital da Lusitania»¹:



$\frac{1}{2}$ do tamanho natural

Anverso—AVGVST—cabeça nua de Octavio à direita. Reverso—P. CARISI LEG—Victoria coroando um tropheu.

Incontestavelmente S. Bras guarda neste local muitos «thesouros», pois julgamos esta estação archaica muito curiosa e digna de serio e demorado estudo, porque me parece que ha nella «signaes» que devem elucidar e esclarecer bastante a epocha a que pertence.

Quer-me parecer que este «castro», pela sua posição a cavalleiro de uma planicie fertilissima, onde se encontram restos de mais povoações extintas, cuja defensa foi insignificante, e pela natureza e grande valor defensivo da sua fortificação, servia de *oppidum* de refugio a todos esses povoados nas occasões de perigo commum.

Bragança, Abril 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

¹ Descripção historica das moedas romanas, por A. C. Teixeira de Aragão, pag. 180, Lisboa 1870.

Carranca de bronze romana

O objecto que se figura aqui em tamanho natural pertence ao Sr. Teixeira de Aragão, e foi encontrado no Algarve.

Como este ha alguns no Museu Ethnologicó, e tenho visto muitos em museus estrangeiros, o que prova que não temos aqui um producto de arte indigena, mas um objecto de importação.



Constitue a asa de uma *situla*: em virtude da acção do tempo, separou-se d'ella, e perdeu-se, até que veiu modernamente parar a uma collecção archeologica.

A fidelidade do desenho¹ dispensa maior descrição.

J. L. DE V.

Noticias prehistoricás

1. Dolmens no concelho de Villa Pouca de Aguiar

Na freguesia de S. Martinho de Barraes, no termo da povoação da Lagoa, perto do sítio chamado Penedos Alvos, encontram-se alguns dolmens que ainda não vimos.

O mesmo nos dizem os nossos informadores acontecer no termo de Vallongas, a nascente da povoação.

¹ Foi feito pelo Sr. Gabriel Pereira.

Na freguesia das Tresminas, no termo da Filhagosa, tanto ao SOE., como a SE., ha grande numero de dolmens devassados na sua grande maioria, senão totalidade, com o fim de se aproveitarem os esteios, que são de granito, para a construcção de *cubos* de moinhos e para paredes das *bouças*.

Todos os dolmēns encontrados estão nos montes e não nas pequenas ribeiras d'esta freguesia, em que ha muitos vestigios dos Romanos, sobressaindo os celebres *Lagos* de que se occupou Argote no volume II das *Memorias do Arcebispado de Braga*, pag. 478.

Nas informações que deram a este benemerito escriptor não lhe mencionaram dois grandes tuneis abertos na rocha para facilitar o transporte do minerio, cuja exploração deu em resultado o *lago de Covas*.

A seu tempo havemos de comparar o que diz Argote com o que se observa actualmente.

No termo de Alfarella de Jalles encontram-se alguns dolmens, segundo me informam pessoas dignas de credito.

2. Dolmens no concelho da Ribeira da Pena

Até o presente só podemos averiguar a existencia de dolmens no termo da povoação chamada Concelho, a nascente, no sítio denominado o Marco, e no termo da povoação de Santa Eulalia. Nos baldios de uma e de outra povoação ha muitos dolmens, segundo nos dizem.

3. Dolmens no concelho de Sabrosa

Na freguesia de S. Martinho de Anta existem alguns dolmens que não pudemos ainda examinar, o que faremos na primeira occasião.

Villa Real, 21 de Março de 1899.

HENRIQUE BOTELHO.

Antiguidades romanas de Lisboa

Ultimos descobrimentos

Gozou Lisboa de muita importancia na antiguidade, o que sabemos não só pela historia propriamente dita, mas pelos monumentos, não obstante haver-se perdido grande parte d'estes, já em tempos modernos. É assim que do avultado número de inscripções romanas que se citam no *Corpus Inscriptionum Latinarum* restam poucas hoje.

Carranca de bronze romana

O objecto que se figura aqui em tamanho natural pertence ao Sr. Teixeira de Aragão, e foi encontrado no Algarve.

Como este ha alguns no Museu Ethnologicó, e tenho visto muitos em museus estrangeiros, o que prova que não temos aqui um producto de arte indigena, mas um objecto de importação.



Constitue a asa de uma *situla*: em virtude da acção do tempo, separou-se d'ella, e perdeu-se, até que veiu modernamente parar a uma collecção archeologica.

A fidelidade do desenho¹ dispensa maior descrição.

J. L. DE V.

Noticias prehistoricás

1. Dolmens no concelho de Villa Pouca de Aguiar

Na freguesia de S. Martinho de Barraes, no termo da povoação da Lagoa, perto do sítio chamado Penedos Alvos, encontram-se alguns dolmens que ainda não vimos.

O mesmo nos dizem os nossos informadores acontecer no termo de Vallongas, a nascente da povoação.

¹ Foi feito pelo Sr. Gabriel Pereira.

Na freguesia das Tresminas, no termo da Filhagosa, tanto ao SOE., como a SE., ha grande numero de dolmens devassados na sua grande maioria, senão totalidade, com o fim de se aproveitarem os esteios, que são de granito, para a construcção de *cubos* de moinhos e para paredes das *bouças*.

Todos os dolmêns encontrados estão nos montes e não nas pequenas ribeiras d'esta freguesia, em que ha muitos vestigios dos Romanos, sobressaindo os celebres *Lagos* de que se occupou Argote no volume II das *Memorias do Arcebispado de Braga*, pag. 478.

Nas informações que deram a este benemerito escriptor não lhe mencionaram dois grandes tuneis abertos na rocha para facilitar o transporte do minerio, cuja exploração deu em resultado o *lago de Covas*.

A seu tempo havemos de comparar o que diz Argote com o que se observa actualmente.

No termo de Alfarella de Jalles encontram-se alguns dolmens, segundo me informam pessoas dignas de credito.

2. Dolmens no concelho da Ribeira da Pena

Até o presente só podemos averiguar a existencia de dolmens no termo da povoação chamada Concelho, a nascente, no sítio denominado o Marco, e no termo da povoação de Santa Eulalia. Nos baldios de uma e de outra povoação ha muitos dolmens, segundo nos dizem.

3. Dolmens no concelho de Sabrosa

Na freguesia de S. Martinho de Anta existem alguns dolmens que não pudemos ainda examinar, o que faremos na primeira occasião.

Villa Real, 21 de Março de 1899.

HENRIQUE BOTELHO.

Antiguidades romanas de Lisboa

Ultimos descobrimentos

Gozou Lisboa de muita importancia na antiguidade, o que sabemos não só pela historia propriamente dita, mas pelos monumentos, não obstante haver-se perdido grande parte d'estes, já em tempos modernos. É assim que do avultado número de inscrições romanas que se citam no *Corpus Inscriptionum Latinarum* restam poucas hoje.

Não admira, por conseguinte, que de vez em quando o seio da terra nos offereça algumas curiosidades archeologicas, por occasião de excavações casuaes que nelle se fazem. Aqui darei notícia dos ultimos descobrimentos da epocha lusitano-romana.

1. Largo de S. Domingos

Quando se procedeu aos trabalhos para o estabelecimento do ascensor de S. Sebastião da Pedreira, appareceram no largo de S. Domingos vestigios de construções, ossadas humanas e ao mesmo tempo duas inscripções do tempo dos Romanos. Uma d'estas foi publicada n-O Archeologo Português, v. 173; a outra está incompleta (dimensões $0,33 \times 0,26$) e só nella se decifra com certeza: SOMI... IOI... II, em tres linhas, tendo cada letra a altura de 0,65. Ambas são de calcareo, e estão agora no Museu Ethnologico, com as ossadas e varios tijolos rectangulares (em latim *lateres*), alguns d'estes marcados grosseiramente com uma especie de N. Tambem appareceram do mesmo logar grãos de trigo carbonizados.—Todos estes restos são de certo posteriores ao seculo II da era Christã.

Ao Srs. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e da Companhia de Viação Funicular deve o Museu a acquisição (1898) d'estes monumentos da historia antiga da nossa capital.

2. Muralhas do Castello

Tendo-me o Sr. Mesquita Figueiredo dito que nas muralhas do Castello, em certo ponto, havia uma pedra com feitio especial, a qual denotava ser monumento romano, mandei arrancá-la, e verifiquei que nella se lia a seguinte inscripção funeraria romana:

..... IATIO
ASPRO AN XX
VIII CALVEN
TIA IVLIANA
MARITO PIIS
SIMO · F · C ·

Isto é: ... atio Aspro, an(norum) 29, Calventia Iuliana marito piissimo f(aciendum) c(uraui)t, cuja traducção não offerece dificuldade. Na primeira linha falta o *praenomen* e parte do *nomen*, que acabava em -atius ou -tatius; dos diversos *nomina gentilicia*, taes como *Atius*, *Barbatius*, *Curiatius*, *Egnatius*, *Horatius*, *Lutatius*, *Muratius*, *Optatius*, *Statius*, *Tenatius*, o que convém bem aqui é *Lutatius* ou, como pre-

firo, *Optatius*, por causa do espaço. *Optatius*, com *Optatinus*, deriva de *Optatus*; é curioso que em inscrições de Lisboa se encontrem estes dois ultimos nomes. O *cognomen* na nossa inscrição é *Asper*, em dativo *Aspro*, em vez de *Aspero*; a forma *Aspro* encontra-se tambem numa inscrição de Hespanha: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5673; a propria litteratura latina nos offerece *aspro* (syncope). O nome *Calventia*, da esposa de *Asper*, apparece frequentemente em inscrições, embora não se leia de modo certo em nenhuma da Peninsula; mas lê-se numa d'ellas o derivado *Calventianus*: vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4335.—A pedra tem estas dimensões: 0^m,46 × 0^m,275; falta-lhe a parte superior, pelo que não se pôde saber se representava uma árula ou um simples cippo. As letras teem de altura 0^m,20 e parece indicarem o seculo I da Era Christã.

3. Cérea do Convento de Jesus

Ahi encontrou tambem o Sr. Figueiredo uma placa de pedra com inscrição romana, que fiz igualmente transportar para o Museu Ethnologico. Depois que alli chegou, verifiquei que já havia sido publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 253, mas com inexactidões. Aqui dou a cópia fiel:

D M S
TILIMACO
ANN LX
NEMESIVS
PATRI PIEN
... MO
F C

Na 2.^a linha: *Tilimaco* em vez de *Telemacho*, o que parece indicar certa peculiaridade da pronuncia popular do grego. Com effeito este nome é grego, como o seguinte que deriva de *Némesis*. Tanto Telemaco como Nemesio eram provavelmente escravos.—Na linha 6.^a ha-de subentender-se *tissi*, que completa as syllabas antecedentes e seguintes; a palavra completa é *pientissimo*.—É interessante notar que nas inscrições de Olisipo se encontram outros nomes gregos, taes como: *Euporius*, *Daphnus*, *Amaranthus*, *Eutichus*, *Chreste*, *Zozimo*, *Thymele*.—O campo da inscrição é quadrado: 0^m,28 × 0^m,28. As letras teem de alto 0,03 a 0,035.—Esta inscrição não a julgo anterior ao seculo II da Era Christã.

4. Crasta da Sé

Em excavações que por conta do Ministerio das Obras Publicas se tem feito na crasta da Sé cathedral tem aparecido, nos entulhos, va-

rias antiguidades. Segundo determinação especial, emanada d'aquele Ministerio, ficou pertencendo ao Museu Ethnologico Português o direito da posse de todos os objectos antigos encontrados lá. Não appareceu, porém, que eu saiba, cousa de grande valor.

O que recebi no Museu foi o seguinte: uma pedra apparelhada; varios fragmentos de amphoras e de tegulas; um cossorio, ou *verticillus*, de barro negro; varios fragmentos de loiça pintada. Tambem lá se encontraram muitas conchas, o que costuma acontecer nas estações romanas, por vezes. Hesitei a principio se devia attribuir ou não á epocha romana a loiça pintada; todavia, de um lado a concomitancia do aparecimento dos demais objectos, do outro o facto de eu ter visto loiça igual em museus da Suiça, etc., dada como romana, levam-me agora a suppor possivel a romanidade da nossa loiça da Sé.

Nada tem estranho o apparecimento de objectos romanos no local da Sé, porque é sabido que bem perto se encontraram antigamente muitos. No vizinho sítio das Pedras Negras se vêem ainda numa parede algumas inscripções; e mettidas nos próprios muros da Sé ha lapides provenientes de epochas antigas.

Com os objectos mencionados em primeiro logar, encontraram-se, tambem nos entulhos, varios seixos rolados, com vestigios de percussão; estes seixos foram sem dúvida utilizados como percutores, e eu tenho visto muitos iguaes em museus estrangeiros. Como taes instrumentos porém pouco tem especial, torna-se difficil marcar-lhes epocha certa, mas é provavel que sejam contemporaneos dos outros.

Todos estes objectos estavam enterrados a uns 6 metros de profundidade.

5. Moedas romanas de diferentes sitios de Lisboa

Possuo duas moedas ibericas, achadas, ao que me disseram, no bairro de D. Estephania: um denario de Osca, com caracteres indigenas; um bronzé mediano de Arze-Saguntum. Consta-me que com a primeira apareceram outras, mas não as vi. O denario apareceu em 1892; a outra moeda em 1893. A primeira pertence á classe que recebeu dos historiadores romanos o nome de *argentum Oscense*.

No bairro novo de Camões, a Santa Martha, apareceram, segundo o que me disseram, varias moedas romanas de cobre, que adquiri para o Museu na occasião (1900): são de Claudio II (sec. III), de Constantino I (sec. IV), etc.—Com estas moedas apareceu um pedacito de cobre informe.

No terreno pertencente ao Convento da Encarnação (ás escadas de S. Luiz da Pena) apareceram várias moedas que vi, mas que não

pude obter; um denario de Augusto (sec. I), um bronze mediano de Maxencio (sec. IV), etc.

O Sr. Pedro de Azevedo offereceu ao Museu duas moedas de cobre: uma de Constantino II (sec. IV), outra de Honorio (sec. IV-V), a primeira achada no Alto do Varejão, ambas em 1898; não se pôde, porém, dizer se estas moedas determinam nos referidos locaes epocha romana, por isso que de envolta com elles estavam moedas portuguesas.

Por intermedio do Sr. Dr. Sousa Viterbo, foi-me offerecido para o Museu pelo Sr. Carlos Reis um bronze mediano de cobre, cunhado em Emerita (sec. I), e encontrado no quintal da casa n.º 10 da R. de S. Joaquim, a Santa Isabel, onde actualmente habito. Este anno encontraram-se no mesmo quintal uns pequenissimos fragmentos metallicos, alguns como de bronzes minímos da epocha romana, mas em tão mau estado que nada pôde dizer-se ao certo o que seriam.

O apparecimento em Lisboa de moedas ibericas cunhadas na Espanha vem confirmar o que já por mais de uma vez tenho dito nouros escriptos: que as moedas cunhadas em certos pontos da Peninsula corriam nouros muitos distantes.

*

Do que fica exposto vê-se que se alargou um pouco o conhecimento da historia da nossa capital na epocha lusitano-romana, em que ella se chamava *Olisipo*. É d'este nome, na fórmula *Olisipona*, que vem o moderno nome *Lisboa*, que passou pela fórmula intermedia *Lisbõa*, que se usava antigamente, e ainda agora se ouve na boca dos saloios. A melhor orthographia do nome antigo é *Olisipo*, com um *p*, porque só um *p* intervocalico, e não dois, se podia na pronuncia abrandar em *b*. Como porém algumas vezes se encontra escripto em documentos romanos *Olissippo*, isto prova que o *i* da penultima syllaba era longo, e por tanto accentuado, segundo uma lei bem conhecida da prosodia latina: d'onde se conclue que se ha de pronunciar *Olisipo*, e não *Olisipo*. Pelo menos é isto o que me parece.

*

As pessoas que estiverem no caso de dar informações sobre antiguidades de qualquer ponto do país, principalmente das epochas romana e pre-romana, e ás que, possuindo objectos antigos, os puderem dispensar, tomo a liberdade de pedir que me enviem as noticias para serem publicadas em *O Archeologo Português*, e offereçam os objectos

ao Museu Ethnologico Português, onde ficam ao alcance de todos os estudiosos. Em qualquer dos casos a correspondencia deve ser-me dirigida para a Bibliotheca Nacional de Lisboa. *O Archeologo Português* conta já cinco volumes, e tem sido collaborado por muitos archeologos nacionaes e estrangeiros. O Museu Ethnologico, com quanto esteja ainda em comêço, desenvolve-se todos os dias, e maior incremento tomará em breve, mercê do auxilio que me foi promettido; todavia, para attingir o *desideratum*, precisa da cooperação de todos. A archeologia não constitue meramente uma curiosidade ou um luxo; ella ilumina a historia do passado, faz que o comprehendamos melhor, e, fortificando-nos no conhecimento das nossas cousas, ajuda-nos a termos noção mais clara e completa da patria. Assim o entendem todos os paises cultos: por isso nelles abundam ricos museus archeologicos, que são ao mesmo tempo enlêvo dos olhos, e fonte perenne de instrucção historica, e de educação do sentimento nacional.

J. L. DE V.

Amuletos

Ha muitos annos que me ocupo dos nossos amuletos, já reunindo exemplares, que pela maior parte tenho guardados no Museu Ethnologico, já tomando notas na bibliographia nacional e estrangeira. Logo que outros trabalhos m'o permittam, publicarei sobre elles um livro especial, ou um capitulo que faça parte de obra de plano mais generico. Esse estudo constará pouco mais ou menos das seguintes secções:

INTRODUCÇÃO:

I. Definição e theoria geral dos amuletos: cfr. o opusculo *Sur les amulettes portugaises*, pag. 3 sqq.; e as *Religiões da Lusitania*, I, 111 sqq.

II. Uso geral dos amuletos nos diferentes povos. Bibliographia correspondente.

III. Classificação dos amuletos: cfr. o referido opusculo *Sur les amulettes*, pag. 6 sqq.

IV. Chronologia historica dos nossos amuletos: pre-romanos, romanos, medievaes, modernos; amuletos christãos (reliquias, agnus-Dei, veronicas, etc.).

V. Fontes de estudo dos amuletos portugueses: 1) arte e litteratura em geral; 2) bibliographia especial; 3) tradição popular moderna.

ao Museu Ethnologico Português, onde ficam ao alcance de todos os estudiosos. Em qualquer dos casos a correspondencia deve ser-me dirigida para a Bibliotheca Nacional de Lisboa. *O Archeologo Português* conta já cinco volumes, e tem sido collaborado por muitos archeologos nacionaes e estrangeiros. O Museu Ethnologico, com quanto esteja ainda em comêço, desenvolve-se todos os dias, e maior incremento tomará em breve, mercê do auxilio que me foi promettido; todavia, para attingir o *desideratum*, precisa da cooperação de todos. A archeologia não constitue meramente uma curiosidade ou um luxo; ella ilumina a historia do passado, faz que o comprehendamos melhor, e, fortificando-nos no conhecimento das nossas cousas, ajuda-nos a termos noção mais clara e completa da patria. Assim o entendem todos os paises cultos: por isso nelles abundam ricos museus archeologicos, que são ao mesmo tempo enlêvo dos olhos, e fonte perenne de instrucção historica, e de educação do sentimento nacional.

J. L. DE V.

Amuletos

Ha muitos annos que me occupo dos nossos amuletos, já reunindo exemplares, que pela maior parte tenho guardados no Museu Ethnologico, já tomando notas na bibliographia nacional e estrangeira. Logo que outros trabalhos m'o permittam, publicarei sobre elles um livro especial, ou um capitulo que faça parte de obra de plano mais generico. Esse estudo constará pouco mais ou menos das seguintes secções:

INTRODUCÇÃO:

I. Definição e theoria geral dos amuletos: cfr. o opusculo *Sur les amulettes portugaises*, pag. 3 sqq.; e as *Religiões da Lusitania*, I, 111 sqq.

II. Uso geral dos amuletos nos diferentes povos. Bibliographia correspondente.

III. Classificação dos amuletos: cfr. o referido opusculo *Sur les amulettes*, pag. 6 sqq.

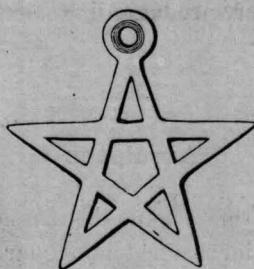
IV. Chronologia historica dos nossos amuletos: pre-romanos, romanos, medievaes, modernos; amuletos christãos (reliquias, agnus-Dei, veronicas, etc.).

V. Fontes de estudo dos amuletos portugueses: 1) arte e litteratura em geral; 2) bibliographia especial; 3) tradição popular moderna.

A arte e a litteratura ministram alguns elementos, sobretudo em relação ao passado. A bibliographia especial é pequena: alguns folhetos e artigos meus, e um artigo de Antonio Pires, que condensam os factos principaes; notas avulsas publicadas em periodicos, como *Revista do Minho*, *Revista Lusitana*, *Revista Archeologica*, *Portugalia*, *Tradição*¹, ou em obras de caracter mais extenso (de Theophilo Braga, Adolfo Coelho, etc.). A principal fonte de que me sirvo é a tradição popular.

DESCRIPÇÃO ESPECIAL:

O artigo sobre cada amuleto constará da descripção d'este, e das necessarias ou possiveis indicações bibliographicas e historicas que vierem a propósito. Será tambem acompanhado de uma estampa, de que se dão aqui algumas amostras (tamanho natural):



1. *Sino-saimão simplez* (*Signum Salomonis*), que é um dos nossos amuletos mais vulgares (tambem ha o sino-saimão dobrado); o exemplar acima figurado é feito de osso.



2. *Sino-saimão inserito num circulo*: o exemplar acima figurado em primeiro lugar é feito de chumbo (nas orlas ha uns pontos coloridos),

¹ Em algumas d'estas revistas dizem-se, porém, cousas que já estavam ditas antes, e nem todos os objectos ahi dados como amuletos o são.

e só o tenho por ora visto no Minho; o exemplar figurado em segundo lugar é feito de prata.



3. *Meia-lua*: os exemplares acima figurados em primeiro lugar são de prata; o figurado em terceiro lugar é de cobre (chapa de uma moeda).



4. *Amuletos pantheos*: chamo-lhes assim, por serem constituídos por diversos elementos que formam um todo: no primeiro aqui figurado entra a meia-lua e a figa; no segundo os mesmos elementos, e alem d'isso o sino-saimão e a chave: o aspecto geral, porém, de cada um é de meia-lua. Ambos estes são de prata.

CONCLUSÃO:

Em muitas localidades os amuletos tem mais vida que noutras. Muitas vezes os amuletos propriamente pagãos são substituídos por amuletos cristãos (cruz, etc.), ou passam á classe de meros berloques (por ex.: nas cadeias de relogio, nos collares), ou de objectos de uso, já tambem sem significação magica (por ex.: certos ganchos de meia).

J. L. DE V.

Archeologia trasmontana

Lamas de Orelhão.—A inscripção de Escovaes.—Serra de Santa Comba

Á notícia que de Lamas de Orelhão dá o *Archeologo Português* no vol. v, pag. 30, temos de accrescentar o que lemos a pags. 811—815 de um curioso e já quasi gasto manuscripto intitulado *Tombo de S. Sebastião do Cobre*, feito pela mão piedosa de um seu reverendo parocho, P.^o Mathias Pires, e que me foi mostrado pelo actual encommendado de Lamas, o meu velho amigo P.^o Antonio Claudino Duarte Monteiro, na occasião em que percorri aquelles sítios.

Vae com a mesma epigraphe, e respeitada a dicção, mas alterada a orthographia, porque esta, a calligraphia e as abreviaturas tornam bastante difficult a sua leitura. Eis o

Memorial do Sítio d'este concelho de Lamas de Orilhão.
Setembro 6 de 1688

«A villa de Lamas de Orilhão está assentada no fundo da serra, que chamam Rei de Orelhão, para o norte seis leguas da Torre de Moncorvo, e para sul sete leguas da villa de Chaves, entre a villa de Mirandella e Murça de Panoias. Tem para a parte do sul junto da villa aonde pegam algumas casas está¹ um outeiro, que algum dia esteve cercado, de que ha ainda vestigios, e dentro da cerca moravam os moradores d'esta villa, e para a parte do norte bem se parece, que houve um fosso para defensa da praça, e mais para poente, e para o norte, ao pé da villa está uma capella de Santa Barbora com a era de 1620. Dizem pessoas antigas que ainda moraram dentro alguns moradores, que n'ella n'este tempo estiveram as casas da audiencia a prisão e loige (?) e que n'ella esteve o pelourinho. E tinha uma cisterna.

«E para esta villa veio um Gaspar Vaz Teixeira homem poderoso e natural de Oucidres, de Monforte, e que diz fizera as casas da audiencia, que mudára o pelourinho, para onde hoje está junto da igreja matriz que é de Santa Cruz.

«N'este tempo que seria pela era de 1630 veio para este concelho tambem um regulo por nome Gonçalo Teixeira de Miranda natural de

¹ [Ha de suprimir-se este *está*, ou o *tem* do principio do periodo, a não ser que falte algum trecho.—J. L. DE V.]

Constantim de Villa Real e cirurgião (?) da casa do Marquez de Villa Real senhor d'esta villa e das mais do seu marquezado; e veio com sua mulher e com quatro filhos, e se aposentou no cimo da villa para a parte do sul em que fez casas porquanto lhe deu o dito marquez o oficio de juiz dos orfos, e n'ellas fez um poço.

«E depois pela era de 1640 fez de novo uma quinta junto do logar dos Paços a que poz o nome de *Bom regalo*, de que apanhou muitas fazendas, umas por dinheiro outras á força d'elle, e para esta quinta pedio ao concelho todas as amoreiras que pôde, cercando esta quinta toda de amoreiras que foram mais de 500 — e posto secassem muitas ainda tem muitas, e n'esta quinta teve muitas arvores de varias castas de fructo, como n'ella se deixa ver.

«E por baixo d'esta quinta fez uma fonte de cantaria com seus pilares, e muitas curiosidades, e para ella dizem os moradores de Lamas que o dito Gonçalo Teixeira de Miranda mudou a cantaria do tanque d'esta villa.

«E onde estava o tanque poz uma pia em que descarrega o rego de agoa, para beber as crias d'esta villa, a qual pia está aonde chamam o Val do Asno indo para o Franco, junto da estrada aonde descarregava uma fonte que vinha do cimo da serra para a parte do norte, para n'ella beberem as bestas dos passageiros, e tudo o mais.

«Tudo isto fez este regulo, que provavelmente estava no inferno, porquanto elle depois de já ser velho, foi ver um filho a Constantim, e de noite partiu de uma janella rasgada abaixos e lá está sepultado que diz pela era de 1660 pouco mais ou menos.

«As casas do outro regulo são umas que pegão no adro da igreja para o sul. Os herdeiros do regulo Gonçalo Teixeira de Medeiros foi seu genro Gaspar Teixeira de Miranda que foi juiz dos orfos.

«E d'este procede Bento Teixeira de Miranda que tambem foi juiz dos orfos quatro vezes uma na era de 1710 (?)

«E d'este são filhos um Francisco Teixeira Bahia que mora em Bornes de Aguiar.

«E outro filho Luiz Bahia de Miranda de Macedo de Cavallo que já deu em seu pai — mas tambem o Bento Teixeira tinha dado em seu pai Gaspar Teixeira.

«Teve outra filha por nome Felecciana casada com José Maria de Mirandella cavalleiro da ordem de chisto professo.

«E dentro da cerca da villa se conta, que no tempo dos mouros se recolheram n'esta cerca os christãos, que foram uns falsos, que entregaram as chaves aos mouros e degolaram todos os que estavam dentro, que dizem chigara o sangue aonde hoje está o pelourinho.

«E d'esta villa eram naturaes S. Leonardo, e sua irmã Santa Comba, de gente lavradora e pobos que andavam no monte guardando o gado de seus pais; foi o rei mouro, que se chamava Orilhão, e quiz entender com a moça, elles foram fugindo até aonde está um penhasco alto, e a santa se metteu pela fraga e alli escapou, que milagrosamente se lhe abrio a passagem para dentro, e dizem lhe tiraram as tripas, coração, e as botaram a um poço que está logo por baixo do penhasco para o nascente o qual nunca secca bem (?) estar no alto da serra. E da parte de fóra do cabeça está outra capella da envocação de S. Leonardo que dizem foi aqui martirizado.

«Aqui acodem muitas procissões de varios povos a pedirem agoa aos Santos e tudo Deus lhe concede por sua intrevenção.

«A esta parte lhe chamam agora a Serra do Rei Orilhão e em um cabeça que está para sul da capella dos Santos está o refugio donde morava o rei mouro.

«Esta serra não tem senão monte e no alto aonde chamam Archo de traz da Serra por cima dos Paços está uma fonte que brota muita agoa, e de inverno fumega e de verão muito fria e com a agoa rega uma lameira que é do limite dos Paços aonde vão pastar os seus bois no verão. Em toda esta serra se criam muitos lobos, e corças, e rapanozas.

«Esta villa colhe mediano pão, algum linho, e azeite e castanha ao pé da serra, e tem tres fontes. Tem um rego d'agoa que vem da serra, mas não rega senão uma parte da villa para o norte.

«Tem oitenta vizinhos com suas Quintas — Cascalhal, Ribeirinha, Carrapata e Fonte da Urze.

«Carrapata tem uma fonte, na sua ermida a fonte é muito pezada de agoa, tem quatro moradores — Cascalhal, quatro moradores e fonte e não tem ermida — Ribeirinha uma capella de Santo Antonio e uma fonte para o nascente e outra aonde chamam Picaboi mas sendo fria e muito pesada — Lamas tem tres ermidas — N. S. do Amparo, S. Braz e Santa Barbara.

«Teve capitão mór, sargento mór e quattro companhias de ordenanças com seus officiaes; — dois juizes ordinarios; tres moradores e procurador; dois almotaceis, escrivão da camara, tres escrivães do publico, e notas; um geral dos achados nos logares de legoa a fóra outro dos achados de legoa a dentro e mais da confidencia; um escrivão das sizas, um juiz dos orfos com seu escrivão, e um porteiro, e um alcaide pequeno. Tem este concelho os logares seguintes: Franco, Villa bôa, Pereira, Avidagos, Carvalhal, Rego da vide, Cobro, Escovais, Barcel, Val-verde, S. Silvestre, Marmelos, S. Pedro, Fonte da Urze

que tem tres capellas com a de S. Luzia, Bruneda, Gulfeiras, Eivados, Eixes, Sucçães e Paços.

«Entra n'esta villa por correição o ouvidor de Villa Real, e entra o provedor da Torre no que lhe toma a sua jurisdição.

«Fonte da Urze tem uma fonte, e a capella de Santa Luzia e outra de Santa Ursella, outra mil virgens, e outra de S. Apolinario, e o coadjutor de Lamas diz missa alli aos dias santos, que lhe pagam os moradores as offertas e mais benesses são do vigario de Lamas».

*

No *Memorial* menciona-se como pertencendo ao concelho de Lamas a povoação de Escovaes, que ficava effectivamente a 4 kilometros a sul, onde hoje se descobre só um pequeno agglomerado de casas em ruinas que enchem de tristeza a quem por ali passa.

A um canto, encobertos pelos muros das habitações, vêem-se os restos de uma pequena capella aonde se lê numa pedra de cantaria fina, mettida numa das paredes, a seguinte inscripção em letras bem legíveis:

O P. E. A. S. P R E S A E L D A R I R . V
 C. O D S A I G . A M A D O V R E F O R A R E S
 A C A P E L A . S. M. D A P R S E A C . O D S A
 Q T. A P O R S V A O V O C A O E R A . 1 6 8 1 :

que transcrevemos por ser a única memoria que resta, perdida e abandonada, d'esse logar aonde houve *deuses* e *lares*.

*

A *Serra de Santa Comba* é um enorme massiço de 1:001 metros de altitude e de fórmula quasi circular, de onde se divisa vastissimo horizonte, limitado pelas principaes montanhas do systema transmontano, taes como as serras de Nogueira, Montezinho, Marão e Padrella, e pela Senabria, que pela grande extensão em que se avistava coberta de neve e pela sua projecção no ceu, parecia a via lactea correndo na direcção NE-NO. Tudo leva a crer, que em tempos não sabidos, allumiou com os seus clarões vulcanicos toda esta immensa amplidão, pois ainda se vêem espessas camadas de pedras calcinadas, quebradiças



e ennegrecidas que a cobrem quasi toda, impedindo bastante a vegetação, cuja existencia só se explica como sendo restos de um vulcão, cujo respiradouro principal, a cratera central, devia ser esse enorme e bem definido cone a que chamam Fojo, onde agora tomam origem dois pequenos regatos.

De onde em onde encontram-se grandes rochedos de schisto que apresentam algumas cavidades semelhantes a grutas, distinguindo-se uma de mais de 20 metros de comprimento, que parece artificial e obra talvez de quando se diz que houve nesta serra desenvolvida exploração de minas de antimonio. E como fortalezas naturaes prestaram guarida aos primitivos habitantes d'estes logares, pois nalguns recintos por elles limitados vêem-se restos de muros de pedra solta que serviram de vedação e de habitações. O *refugio* do Rei Orillião é um castro nestas condições, bem como é o local em que está a capella de Santa Comba e outro que se encontra junto do caminho dos Paços, indo da fraga do Arasco.

E estes castros devem ser de origem muito primitiva, pois assim se induz da sua simplicidade, natureza e organização, mas tambem da lenda de Santa Comba referida no *Memorial*, em quasi tudo semelhante á de *Santa Comba dos Valles*, que se lê em a nota do vol. I, pag. 382, das *Religiões da Lusitania* do Sr. J. Leite de Vasconcellos. E o cavado pintado de vermelho da fraga junto da ermida, que dizem ser ora a lançada do mouro, ora o sitio em que foi degolado ou em que a rocha se abriu para esconder a santa, não é outra cousa senão um signal prehistoricó como muitos que o mesmo autor menciona na mesma obra. O que é verdade e digno de attenção, é que a lenda indica ter havido uma revolução em defesa da virgindade offendida, confirmado este facto, que se encontra referido em tradições de outros logares d'estes sitios¹.

A pouco mais de um kilometro, a este, da capella está a *fraga da conta*, chamada assim pelos pastores que a indicaram, que era porque tinha um lettreiro que os nascidos não eram capazes de ler nem entender. Felizmente, com grande espanto e admiração dos pobres e rudes cabreiros, e dos meus tres companheiros, eu pude ler em letra já bem gasta — CAMINHO PARA OS PAÇOS E LAMAS!

E assim era, porque junto d'elle passava o caminho para estas duas povoações. Como depois soube, a minha decifração quebrou todo o en-

¹ As lendas de Nossa Senhora de Balsamão em Oliveira e do Castello de Robordãos.

canto que tinha esta fraga, á cérca da qual se contavam as mais interessantes e curiosas historias nos povoados de volta da serra.

E não admira que se digam lendas de onde o silencio da montanha, o esplendoroso e indiscriptivel panorama que se descortina, e a mudez da historia nos levam á meditação e a formar um mundo verdadeiramente phantastico e imaginario!

E quem sabe se o castro, onde se ergue a ermida, não foi já um templo, cujo deus desconhecido se foi com os crentes que lhe prestaram culto?!

Bragança, Março de 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Questionario Archeologico

Por mais de uma vez se tem elaborado questionarios archeologicos com o fim de se recolherem elementos para o estudo das nossas antiguidades. Assim, por exemplo, na *Revista Archeologica*, I, 110 sqq., publicou um o falecido escriptor Borges de Figueiredo; e dois outros se publicaram no *Archeologo Português*, I, 268 sqq., e II, 237, ambos com caracter oficial, o primeiro pertencente ao seculo XVIII, o segundo a este seculo.

O Sr. Albano Bellino, a quem a archeologia do Minho deve já bastantes serviços, publicou agora tambem um, que aqui reproduzo a seu pedido, e no interesse da sciencia nacional.

J. L. DE V.

Questionario

I.^o—Nomes dos montes e outeiros. Alem d'isso, alguns d'elles teem o nome de Cividade ou Cidade, de Castro ou Crasto, de Castello ou Castêllo, de Cristêllo, Cerca e Citania? Ha em alguns d'esses montes vestigios de fortificações? Tradições relativas a mouros? Objectos de ouro, bronze ou cobre? Pedras esculpidas?

II.^o—Penedos ou lages com buraquinhos no alto, circulos nelles gravados, pègadas ou quaequer signaes attribuidos aos mouros. Ha grupos de penedos que formem grutas?—Penedos balouçantes? Ha alguns com nomes exquisitos, como «penedo» ou «pedra da moura», «cadeira do diabo», «egreja do diabo», etc., etc.?

III.^o—Rios, ribeiros. Os seus nomes, onde nascem, onde desaguam, que logares ou povoações atravessam.

IV.^o—Pontes. Se ha alguma ponte com arco ou arcos antigos, se a ella se liga alguma superstição, como o ter sido construida pelo diabo; ser escolhida para d'ella se tirar agua á meia noite e batizar qualquer creança, etc.

canto que tinha esta fraga, á cérca da qual se contavam as mais interessantes e curiosas historias nos povoados de volta da serra.

E não admira que se digam lendas de onde o silencio da montanha, o esplendoroso e indiscriptivel panorama que se descortina, e a mudez da historia nos levam á meditação e a formar um mundo verdadeiramente phantastico e imaginario!

E quem sabe se o castro, onde se ergue a ermida, não foi já um templo, cujo deus desconhecido se foi com os crentes que lhe prestaram culto?!

Bragança, Março de 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Questionario Archeologico

Por mais de uma vez se tem elaborado questionarios archeologicos com o fim de se recolherem elementos para o estudo das nossas antiguidades. Assim, por exemplo, na *Revista Archeologica*, I, 110 sqq., publicou um o falecido escriptor Borges de Figueiredo; e dois outros se publicaram no *Archeologo Português*, I, 268 sqq., e II, 237, ambos com caracter oficial, o primeiro pertencente ao seculo XVIII, o segundo a este seculo.

O Sr. Albano Bellino, a quem a archeologia do Minho deve já bastantes serviços, publicou agora tambem um, que aqui reproduzo a seu pedido, e no interesse da sciencia nacional.

J. L. DE V.

Questionario

I.^o—Nomes dos montes e outeiros. Alem d'isso, alguns d'elles teem o nome de Cividade ou Cidade, de Castro ou Crasto, de Castello ou Castêllo, de Cristêllo, Cerca e Citania? Ha em alguns d'esses montes vestigios de fortificações? Tradições relativas a mouros? Objectos de ouro, bronze ou cobre? Pedras esculpidas?

II.^o—Penedos ou lages com buraquinhos no alto, circulos nelles gravados, pègadas ou quaequer signaes attribuidos aos mouros. Ha grupos de penedos que formem grutas?—Penedos balouçantes? Ha alguns com nomes exquisitos, como «penedo» ou «pedra da moura», «cadeira do diabo», «egreja do diabo», etc., etc.?

III.^o—Rios, ribeiros. Os seus nomes, onde nascem, onde desaguam, que logares ou povoações atravessam.

IV.^o—Pontes. Se ha alguma ponte com arco ou arcos antigos, se a ella se liga alguma superstição, como o ter sido construida pelo diabo; ser escolhida para d'ella se tirar agua á meia noite e batizar qualquer creança, etc.

V.^o—Fontes. Nomes das fontes. Se teem nichos de algum santo que se venere na noite de S. João. Se ha fontes com nome e tradições de mouros.

VI.^o—Pôças. Se ha pôças afamadas por serem frequentadas por mouras, por bruxas ou por coisas más.

VII.^o—Minas. Se ha minas antigas e abandonadas em que se falle de thesouros encantados.

VIII.^o—Antas, antellas, dolmens, fórnos de mouros; mamôas ou mamoinhas (pequenos montes de terra isolados que se levantam nos campos). Se ha bouças, campos ou quaesquer sitios com estes nomes.

IX.^o—Sepulturas antigas abertas em penedos ou lages.

X.^o—Se ha algum lugar onde se encontrem fragmentos de vasilhas de barro ornamentadas ou lisas, contas de lousa, brêlhos, tijolos grossos e com rebôrdo; alicerces de pequenas casas redondas, ou qualquer outra antigualha.

XI.^o—Se ha pedras ou penedos com letras attribuidas aos mouros ou aos romanos.

XII.^o—Copias fidelissimas de todos os lettreiros, linha por linha, em português ou latim, gravados nas pedras soltas, nas paredes ou na base dos cruzeiros.

XIII.^o—Noticia de qualquer antiguidade cujo conhecimento possa interessar os archeologos, como estatuas ou esculturas de pedra ou cobre; tumulos de varões illustres e suas inscripções; aparecimento de moedas romanas ou godas; machados ou cunhas de pedra polida (pedras de raio); machados e qualquer objecto de bronze, vasilhas desenterradas em qualquer sitio, e que contenham carvão ou dinheiro antigo; pequenas mós, etc.

XIV.^o—Pelourinho, se existe. Se o cruzeiro da freguesia tem algum merecimento artistico ou historico.

XV.^o—Nomes de todos os lugares e a origem do nome da freguesia, se é conhecida, meios de communicação, distancia da séde do concelho, numero de almas e de fogos, nomes das freguesias confinantes, velhas costumeiras; descripção dos jogos tradicionaes populares e infantis.

XVI.^o—Espadas antigas com ou sem legendas; brasões de casas ou de portaes de quintas.

XVII.^o—Sinos antigos e modernos, as suas inscripções escrupulosamente copiadas, incluindo os nomes dos fundidores, as tradições e superstícões que lhes andem ligadas; medição da altura e do diametro da boca.

XVIII.^o—Igrejas. Se a porta principal é de arco redondo ou ogival com esculturas e columnas, se está voltada para o poente, se na fa-

chada tem uma janella redonda, se o friso exterior é sustentado por modilhões ou cachorros figurados ou lisos, se nas paredes lateraes ha janellas ou em seu lugar pequenas frestas, se é de uma, duas ou tres naves, numero de altares, nome do orago.

XIX.^o—Capellas, oratorios. Sua antiguidade e invocação; votos antigos (clamores religiosos); romarias.

XX.^o—Alminhas. Copia exacta dos seus letreiros, sem alteração de uma letra, e indicação das figuras mais salientes pintadas no nicho, como pontífices, bispos e monarchas.

XXI.^o—Se no arquivo parochial se encontram pergaminhos ou titulos antigos; se na igreja ha quadros de valor, azulejos, tapessarias, alfaias de ouro ou prata, etc.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

309. Mindello (Entre-Douro-e-Minho)

Pedra de Guilhade

«Esta sita em terra vayxa em algumas partes alta, e de todo este sitio senão descobre mais que para a parte do Nacente o monte da Glorioza Santa Eufemea, e o sitio da mesma santa que dista huma Legoa para o Poente se descobre o mar com que avezinha e estando no fieiro se descobre des o sitio do Castello da Povoa the a barra do Porto couza de cinco Legoas, e deste se ve a grande pedra que tem por nome Guilhad¹ (*sic*) que só nos grandes impitos do Mar no tempo do inverno lhe passa por partes as ondas. Pedra que servia aos viscainhos de escondrio (*sic*) no tempo que guerreavão contra o Engles.....» (Tomo XXIII, fl. 955).

310. Mira (Beira)

Supposta cidade de Mirogaio. — Modo antigo de caçar

«Há Tradição que a dita lagoa de Mira nos tempos antigos fora húa Cidade chamada *Mirogayo* e que esta se afundara e se conta que asestindo nella o gloriozo Apostolo São Thomé della se retirara e Christo Senhor Nosso lhe falara dizendolhe que sahise da dita Cidade e se puzesse a vista della aonde estaria athe o fim do mundo fazendo milagres e obrando prodigios. Esta notticia alem de ser commua a tradição referida o certificou tão bem hū clérigo desta mesma Freguezia que nella hé cura há muitos annos chamado o Padre Manoel Rodrigues

¹ *Viliati* genetivo de *Viliatus*.

chada tem uma janella redonda, se o friso exterior é sustentado por modilhões ou cachorros figurados ou lisos, se nas paredes lateraes ha janellas ou em seu lugar pequenas frestas, se é de uma, duas ou tres naves, numero de altares, nome do orago.

XIX.^o—Capellas, oratorios. Sua antiguidade e invocação; votos antigos (clamores religiosos); romarias.

XX.^o—Alminhas. Copia exacta dos seus letreiros, sem alteração de uma letra, e indicação das figuras mais salientes pintadas no nicho, como pontífices, bispos e monarchas.

XXI.^o—Se no arquivo parochial se encontram pergaminhos ou titulos antigos; se na igreja ha quadros de valor, azulejos, tapessarias, alfaias de ouro ou prata, etc.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

309. Mindello (Entre-Douro-e-Minho)

Pedra de Guilhade

«Esta sita em terra vayxa em algumas partes alta, e de todo este sitio senão descobre mais que para a parte do Nacente o monte da Glorioza Santa Eufemea, e o sitio da mesma santa que dista huma Legoa para o Poente se descobre o mar com que avezinha e estando no fieiro se descobre des o sitio do Castello da Povoa the a barra do Porto couza de cinco Legoas, e deste se ve a grande pedra que tem por nome Guilhad¹ (*sic*) que só nos grandes impitos do Mar no tempo do inverno lhe passa por partes as ondas. Pedra que servia aos viscainhos de escondrio (*sic*) no tempo que guerreavão contra o Engles.....» (Tomo XXIII, fl. 955).

310. Mira (Beira)

Supposta cidade de Mirogaio. — Modo antigo de caçar

«Há Tradição que a dita lagoa de Mira nos tempos antigos fora húa Cidade chamada *Mirogayo* e que esta se afundara e se conta que asestindo nella o gloriozo Apostolo São Thomé della se retirara e Christo Senhor Nosso lhe falara dizendolhe que sahise da dita Cidade e se puzesse a vista della aonde estaria athe o fim do mundo fazendo milagres e obrando prodigios. Esta notticia alem de ser commua a tradição referida o certificou tão bem hū clérigo desta mesma Freguezia que nella hé cura há muitos annos chamado o Padre Manoel Rodrigues

¹ *Viliati* genetivo de *Viliatus*.

de Santo Antonio que hindo tomar Ordens sacras a Cidade de Lisboa, estando na camara Ecclesiastica della hũ homem muyto velho que ahý se achava ouvindo falar e dizer que elle hera de Mira lhe certeficara e relatara a sobreditta noticia assim da lagoa ser cidade como o referido nome de *Mirogayo* como de nelle asestir Sam Thomé da maneyra sobredita. Dizendo o achara e lera em huma chronica muyto antiga.

E com effeito assim o tem mostrado a Experiencia em tantos prodigios como obra e tem obrado o gloreozo Apostolo São Thomé desde que apareçeo há tantos seculos no dito lugar atras declarado athe o prezente aonde ainda existe com a mesma frequencia de milagres, e do povo com tal fervor como se fosse no principio.

Cria esta lagoa muyto lodo e Ervas a que chamão murrassa ou molisso de que se utelizão os Lavradores tirando-o e apanhando-a engenhozamente para a cultura de suas terras e com elle semearem as suas novidades. E nella se tem achado alguns vestigios que testificão a tradição antiga de que fora Cidade, porque com a dita murrassa tem tirado alguns alguidares e Lousa antiga e dinheyro antigo de cobre e junto da mesma lagoa se tem achado vestigios de Cazas e hũ Almofaris munto antigo, e pello meyo da mesma lagoa hia huma terra firme ao modo que foy estrada ou muro a que os naturaes da terra chamão Ilha. Criava Erva aonde hia pastar o gado o qual já hoje se não vê pellas arejas terem alagado munta parte da lagoa e terem crescido as agoas. Terá a dita lagoa quazi hũ quarto de legoa de largo e quazi meya legoa de comprido e inda que o mar só dista della meya legoa com tudo não entra nella, e he toda de agoa doce. Pella parte do poente e Norte he toda cercada de arêas que a continuaçao dos ventos e cheas a vam alagando por lhe fallar os resguardos que antigamente tinha de matos e Arvores de que estava povoado tudo o que hoje são arêas desde a dita lagoa athe o mar. He tanto abundante de cassa de Adeus, Lavancos, Negras, Rabias e de outras diversidades no tempo de inverno a dita Lagoa que costumavão os naturaes da terra hirem a espera della na Entrada e sahida da mesma lagoa, e ahý com huns paus curtos grosos de huma parte e agusados da outra a que vulgarmente chamavão Porrytos (?) lhe atiravão ao ar e matavão munta quantidade de cassa, o que já hoje não fazem por uzarem de espingarda.» (Tomo XXIII, fl. 989).

311. Miranda (Entre-Douro-e-Minho)

Castello dos Mouros

«Hé terra aberta e nunca foi Praça de Armas e so tem huns Penedos altos huns em sima dos outros chamados Castelo de Miranda e há tra-

dição que para elles se Refugiaram os Mouros no tempo da sua expugnaçam». (Tomo xxiii, fl. 1025).

312. Moledo (Beira)

Ruinas de edifícios. — Castello e obras dos Mouros. — Estrada coberta. — Castello da Maga

«Esta terra não he murada, nem nunqua o foi; mas para a parte do Nascente fica hum monte alto a que chamam o Oiteiro de S. Lourenço, e principia a elevarse logo deste Lugar de Moledo, e athe o mais alto deste monte he meia legoa, e no ponto mais alto he quazi de figura (*sic*) adonde se descobrem e acham hūas pedras que mostram serem ruinas de algum idificio, e ha tradiçam que fora ali Castelo de Mouros, e correndo o tempo esteve ali tambem huma capela de S. Lourenço (donde se supoem que o oiteiro tomou o nome)....; e para a parte do meio dia deste Lugar dos Cazais e entre este de Moledo está outro Oiteiro que fica quazi no meio da subida que vai deste lugar para o Oiteiro de S. Lourenço, e se chama o Oiteiro do Vieiro aonde se ve huma cova larga com dois braços e ha tradiçam que de hum destes braços que fica para a parte do Norte hia por debaixo da terra huma estrada sahir a hum Ribeirinho que corre ao pe do Oiteiro, e que tudo isto fora obra dos Mouros a estrada esta hoje tapada, e se dis a taparam os moradores porque lhe perigavam ali os gados; e para a parte do Norte deste Lugar de Moledo fica outro monte que chamam a Serra da Maga donde está outro oiteiro que chamam o Castelo de Menha ou o Castelo de Maga adonde se descobrem huns pedaços de parede que em partes teram ainda hoje sete ou oito palmos de altura e parede forte, e estam estes tres oiteiros fronteiros hūs dos outros com distancia de meia legoa huns dos outros, e estam cheios, e cobertos de matos que a terra produs em abundancia¹. (Tomo xxiii, fl. 1098).

313. Mombeja (Alemtejo)

Outeiro do círco

«No principio da Serra das Pedras distancia de hum quarto de Legoa desta Aldeia está hum Monte muito alto que o vulgo chama o Outeiro do Sirco este Monte está cercado de Muro antigo que não sobe da terra e dizem pessoas velhas que nelle quizerão edificar a Cidade de Beja, porem não descubro noticia certa porque dezistirão e a fizerão

¹ Este extracto já foi publicado por Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*, iv, 136.

aonde hoje existe e bem se vê que só fizerão os licenses e não houve terra ou Cidade por não se achar dentro nem fora dos Muros signal algum de ruina e dizem que por esta rezão se intitula esta freguezia de Mombeja por se chamar o Monte de Beja antigamente que corrupto o vocabulo se chama agora Mombeja ou será tambem porque esta serra he a maior e mais levantada que tem Beja em seu termo». (Tomo xxiii, fl. 1118).

314. Monchique (Algarve)

Assento primitivo de Monchique. — Edificio antigo

«Monchique se chama este lugar o qual he muito antiquo teve seu principio em o Collado e pello discurso dos annos se mudou a povoação e juntamente o nome». (Tomo xxiii, fl. 1141).

«A Igreja Parochial deste Lugar esta dentro do mesmo e não tem mais lugar que lhe pertença que o dos Cazaes aonde ha a ruina de hum antigo edeficio em huma quinta que se chama de Santo Antonio...» (Tomo xxiii, fl. 1141).

315. Monforte (Beira)

Minas de ferro. — Lapa

«Há vestigios em varias partes de se fabricar em alguns tempos ferro porque se achão escumalhos do mesmo ferro». (Tomo xxiv, fl. 1226).

«Tem a Serra concavidades em varias partes como são a Caza chamada da Lapa debaxo do chão feita em hum penhasco, que só tem húa boca por entrada. Outra chamada a Caza subterranea da mesma factura. Dous foços mais que se lhe não pode envestigar o fundo que lançandolhe para dentro húa pedra vay bastante tempo fazendo grande roido». (Tomo xxiv, fl. 1227).

316. Monforte-do-Rio-Livre (Tras-os-Montes)

Inscripção portuguesa do castello

«O Castello foy mandado fazer pello Senhor Rey D. Dinis como se manifesta de huma inserisam que na porta interior delle se acha que dis assim:

EU DOM DINIS ESTE CASTELLO FIS
QUEM DEPOIS DE MIM VIER
SE DINHEYRO TIVER
FARÁ O QUE QUIZER¹

(Tomo xxiv, fl. 1224).

¹ Cfr. inscripção V do n.º 7 n.O Arch. Port., II, 137.

317. Monsanto (Beira)

Lapas. — Balneo. — Torre do Pião. — Lenda. — Serra da Mouraria.
Trova historica. — Freguesia do Salvador

«No Bispado da Guarda, comarca de Castello Branco, a cujo nascente distancia de sette legoas está a villa de Monsanto, assim chamado pelos Anacoretas que a elle se refugiarão e nelle viverão pella invazão do Mouro». (Tomo xxiv, fl. 1271).

«Nesta villa floreceu Santo Amador hermitão da Ermida de S. Pedro de Vir a Corça assim chamado porque huma vinha á sua Lapa (que existe com veneração junto a Ermida) dar Leyte a huma criança que o servo de Deos por inspiração Divina foi tirar ao Cimo de huma penha inravessivel». (Tomo xxiv, fl. 1276).

«Junto a S. Pedro de Vir e Corça say da penha grandiozo olho de agoa quente de que em tempos antigos se uzou em Caldas porquanto em alguma distancia se vê em penha viva hum capacissimo balneo com escada e repuxos». (Tomo xxiv, fl. 1278).

«No cimo do monte tem hum fortissimo Castello com quatro Torres. Huma defronte do Castello em penha viva chamada a Torre do Pião demolida pella face que olha para a Fortaleza. Ignorace quem a demolio. Ha porem tradição que pelo tempo das alterações de Euora no anno de 1637.

He esta Fortaleza obra dos Templarios que nella se fizerão fortes contra a potencia e orgulho dos Mouros, que a tiverão em citio sette annos (e não forão os Romanos, como alguns escreverão por menos verídicas informaçõens) a tão prolixo cerco não podião já rezestir os Christaons por falta de sustento athé que em dia da Invenção da Santa Cruz tres de Mayo pellos annos de 1230 lhe inspirou Deos que dessem de comer a huma bezerinha huma lemitada porção de trigo que só havia no Castello, e a lancassem delle a vista dos inimigos que achando-a rebentada e cheya de trigo julgarão que ainda havia tanto mantimento que sustentavão os animais com trigo; pelo que desconfiados da Empræza levantarão logo o citio¹.

Ainda hoje em memoria deste feito no dia de Santa Cruz se ajunta a mocidade pellas Torres e penhas com grande regozijo lancando Cantaros, roscas, e varias couzas». (Tomo xxiv, fl. 1278).

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, II, 64, nota; e III, 196, n.º 126.

«Tem mais á parte do Norte a Serra chamada da Mouraria, em distancia de hum quarto de Legoa, chamada assim por ser habitada de Mouros, que para vexarem e combaterem Monsanto principiarão fortalezas cujos vestigios existem». (Tomo xxiv, fl. 1280).

Freguesia de S. Miguel. — «..... estando em sittio que durou sette annos o Castello desta villa, posto pellos Mouros, vendo-se já os sitiados na maior consternação se rezolverão a tomar o Conselho de huma Matrona já velha, no qual lhe dizia que tomassem hũ Bezerro e fartando-o bem de trigo o lancassem dos Muros a baixo; pera que vendo os Mouros que tinham tanto trigo que até aos animaes o davão, se havião de resolver a levantar o Cerco; o que com effeito assim sucedeo, dizendo a trova seguinte:

Monsanto, Monsanto;
Orelhas de Mulo,
Quem te vencer;
Vencerá todo o Mundo.

E ainda hoje a 3 de Mayo dia de Santa Cruz os Moços solteiros indo ao mesmo Castello, e a outros sitios altos com hũ Cantaro de barro coberto com hum pano fazem esta Cerimonia reprezentativa do referido sucesso, e as Raparigas vestindo huma figura em traje de Molher lhe tributão seus cultos de bailes, danças e cantigas em memoria tambem da sobredita Matrona». (Tomo xxiv, fl. 1291).

«Nam há mais couza alguma digna de memoria e só á que por tradiçam consta nesta Villa, que vivendo nella hum sapateiro chamado o Tratembalde em o anno da felis Aclamação pegando em huma escada se foi com ella até as portas do Castello; e arrimandoa á primeira, sobio ate chegar ás Armas reais que estão sobre ella; e fêss a trova seguinte estando alimpando as mesmas Armas do muito musgo que tinhão criado:

As armas tem muito musgo;
As armas se hão de alimpar;
Portugal hade reinar;
Que não pode ser escuzo.

E com effeito he tradiçao que assim sucedeo nos termos que assim se refere». (Tomo xxiv, fl. 1293).

«..... so húa tradiçao de que quando se fundou esta Villa foi primeiro intento dos fundadores plantarem na nella para a parte do Nascente; e ainda hoje a este sitio lhe chamão Monsanto, e outros Maria Criada, tendo por nome toda a Circunferencia a Serra da Moraria ou Moreirinha *corrupto vocabulo*.....» (Tomo xxiv, fl. 1297).

318. Monsaraz (Alemtejo)

Inscrição latina

«..... em húa forte e levantada Torre, e sobre a mesma porta está o votto que o Senhor Rey Dom João quarto fez de defender a pureza da Conçeyção da Senhora, e lhe ser tributario todos os annos escripto em húa pedra marmore da maneira seguinte.

ETERNIT · SACR ·
 IMMACULATISSIMAE
 CONCEPTIONI MARIAE
 IOAN · IV · PORTUGALL · REX ·
 UNA COM GENERAL · COMITIIS
 SE, ET REGNA SUA
 SUB ANNUO CENSU TRIBUTARIA
 PUBLICE VOVIT,
 ATQUE DEIPARAM IN IMPERII TUTELAREM ELECTAM
 A LABE ORIGINALI PRAESERVATAM PERPETUO DEFENSORU
 JURAMENTO FIRMAVIT
 VIVERET UT PIETAS LUSITAN ·
 HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE PERENNE
 EXARARI JUSSIT
 ANNO CHRISTI M · D · C · XL · VI ·
 IMPERII SUI · VI ·

(Tomo xxiv, fl. 1323).

319. Montalegre (Tras-os-Montes)

Castello romano. — Lagô artificial

«Tambem no termo do Lugar de Parafita, que he da freguezia de Santa Maria de Viade e lemite deste Concelho se devizão as ruinas de hum inexpugnável e antiquissimo Castello chamado de Sam Romam e ainda que no sentir de alguns fosse o dito edificado com toda a formalidade de que ao prezente nelle se descobre pellos Mouros para delle se deffenderem no tempo que ocuparão as Hespanhas; comtudo a dita openião he menos verdadeyra e por tal a reputa o Autor das memorias de Braga, afirmando ser o ditto Castello edificado pellos Romanos..... etc. E não há muitos annos que huns moradores do Lugar de Veade com ambição de no dito acharem algum thezouro demolirão mytas couzas memoraveis delle e entre ellas o lugar onde estava pintado o novilho e parte de huma systerna que no alto do Castello estava fundada do que ainda existem vestigios indubitaveis em distancia de meya Legoa para o Poente ao pé da via Romana, de que assima se fas mençao. Estão alguas ruinas da fortificação chamada do

Rodrigo e ao pé desta morão dois Lavradores e as cazas destes ainda os alicerces dellas e parte da parede hé do tempo da reffirida fortificação que a darse credito a tradição mais verosimil e avista do que fica exposto hé sem duvida, foy tudo isto obra dos Romanos e o passarem estes pellos referidos sitios he induvitavel e assim o testeficão os padrois que na dita via e perto donde foi o Castello de Sam Romam e o de Rodrigo se encontrão. Em o lugar de Sapellos, que hé da freguezia de Sam Pedro de Sapiães há bum lago de altura consideravel no qual andão peixes, e junto do dito ha húas concavidades subterraneas, e arteficiaes, e ainda que alguns queirão affirmar fora artefactura dos Mouros toda esta operação, contudo esta openião se deve reputar seguindo a que segue o já citado Autor das Memorias Bracharenses, que affirma ser o dito Lago e concavidade originado de nelle tirarem os Romanos grandes somas de ouro». (Tomo xxiv, fl. 1389 e seg.)

320. Mortargil (Extremadura)

Anexim local

«..... só se trás hum ditado muito antigo que os moradores desta villa dizem: Serra de Maltim quanto ouro e prata tens em ti: porem não consta a cauza porque se dis este ditado». (Tomo xxiv, fl. 1415).

321. Monte-Mor-o-Novo (Alemtejo)

Inscrição romana

«A villa de Monte mor o novo está situada na província de Alemtejo, Comarca e Arcebispado de Evora em dês gráos e doze minutos de Longitude e 38 gráos e 34 minutos de Latitude. No tempo dos Romanos foi povoação insigne para o que he fundamento irrefragavel a pedra que se acha na extrior parede do ádro da Igreja Matris de nossa Senhora do Bispo, que ainda hoje existe dentro da Cerca da antiga Villa em que se fás memoria de huma Flaminia de toda a Luzitania difrente da Eborense como se vê da inscripção de que estando tão publica, nenhum dos nossos historiadores fes menção⁴:

Outras memorias se achão que mostrão a sua antiguidade respeitada dos idólatras e veneráda em todos os séculos por huma das memoráveis da nossa Luzitannia. Foi celebrada com o nome de Castra Maliana, pela abundancia nativa de seos frutos e pelo inexpugnável Castello com que se fazia timivel. Nela estava pregando a fé São Mancio..... etc.» (Tomo xxiv, fl. 1429).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

⁴ Corp. Insc. Lat., n.º 122.

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 11 E 12

A Judiaria Velha de Lisboa¹

Estudo topographico sobre a antiga Lisboa

Muito se tem escrito sobre o antigo e principal bairro dos judeus em Lisboa, a que chamavam Judaria Velha ou Judaria Grande, mas geralmente ignora-se hoje a região em que existia, e os seus limites. Occupava uma pequena extensão do valle da Cidade Baixa, entre a Rua Nova e a egreja de S. Nicolau, e entre a egreja da Magdalena e a de S. Julião. Esta Judiaria, ou Judaria, como se encontra escrito nos documentos mais antigos, remonta pelo menos ao reinado de D. Afonso III², mas na nossa opinião, como em outro ponto se acha exposta³, já este bairro antes da conquista de Lisboa em 1147 estava destinado para os judeus, comquanto alguns d'estes vivessem isoladamente entre os christãos, á semelhança do que acontecia com os muçulmanos, que, tendo as suas Mourarias, moravam alguns d'elles nas ruas da cidade destinadas aos christãos. De um caso e de outro vimos referencias nos livros das *Chancellarias*. D. Affonso Henriques, tomando a cidade aos muçulmanos, permitiu que os judeus continuassem vivendo nos bairros que lhes estavam assignados.

*

Além d'esta houve em Lisboa outras judiarias.

No Campo da Pedreira, no sitio approximadamente do Largo do Carmo e seus arredores, havia em tempo de D. Dinis uma Judiaria,

¹ Este artigo é extracto de um artigo intitulado «As Muralhas da Ribeira de Lisboa» em publicação na REVISTA DE ENGENHARIA MILITAR.

² Direitos Reaes, liv. II, fl. 86 v, era 1314 (anno 1276).

³ «As Muralhas da Ribeira de Lisboa», capítulo sobre «Algumas considerações sobre o estuário do Tejo e a população na Baixa de Lisboa».

de que este rei desapossou os moradores, afim de fazer doação ao seu almirante Micer Manuel Peçanha *do meu (do rei) lugar da Pedreira, per onde foi deuizado para os Judeus, com casas, e com terras* (1317)¹.

Um documento dois annos posterior, alludindo á doação, dá a entender que já os judeus haviam sido desalojados da sua Judiaria: *casas e terreo (terreno) da Pedreira onde moravam os Judeus em Lisboa* (1319)².

Com quanto houvesse varias Pedreiras em Lisboa, não resta dúvida de que esta, que foi dada ao almirante, ficava entre o convento da Trindade e o sítio onde foi construido o do Carmo, pois que D. Dinis resolveu sobre uma reclamação que o almirante lhe fez contra os frades da Trindade, *que lhe tomam o meu campo da pedreira que lhe eu (o rei) dei, soterrando ahi os homens para lh'o alhearem e fazerem perder o seu direito* (1320)³.

Podemos, pois, assentar que foram os hebreus expulsos de uma Judiaria que tinham onde depois foi o Largo do Carmo, entre os annos de 1317 e 1319. É provavel que fossem então fundar a Judiaria Nova, que ficava approximadamente no sítio onde existe a actual igreja de S. Julião. O Dr. Fr. Francisco Brandão coloca a criação d'esta Judiaria no reinado de D. Affonso IV, baseando-se apenas em que no tempo d'este rei é que começam a aparecer as referencias a esta Judiaria Nova⁴, mas, pelo que acabamos de ver, é natural que já existisse nos ultimos annos do reinado de D. Dinis.

*

De uma quarta Judiaria em Lisboa encontramos menção, e ficava ella no sítio de Alfama, perto da Torre de S. Pedro, d'onde resultou chamar-se-lhe Judiaria de Alfama: *chão que elle (o rei) ha na Judaria de Alfama, que parte com o muro da parte do mar, e com o muro da villa, e com o muro da torre de S. Pedro, e com o chão da Sé* (1379)⁵.

¹ *Chancellaria de D. Diniz*, liv. III, fl. 108, era 1355. Documento transscrito pelo Dr. Fr. Francisco Brandão na *Monarchia Lusitana, sexta parte*, 1672, pag. 240.

² *Id.*, ibid., fl. 127 v, era 1357. Citado por Fr. F. Brandão, *Monarchia Lusitana, sexta parte*, 1672, pag. 17.

³ *Id.*, liv. IV, fl. 86, era 1358.

⁴ *Monarchia Lusitana*, quinta parte, 1650, fl. 22 v.

⁵ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. II, fl. 50, era 1417. Não sabemos o que, era a villa a que allude o documento, porquanto na epocha de que está datado já Lisboa era sempre designada por *cidade*.

Fr. Francisco Brandão faz referencia a umas casas que João Vogaço, escrivão da Fazenda de D. Affonso V, fez da porta da barreira até a torre de S. Pedro, que he sobre a Iudiaria d'Alfama (1459)¹.

Esta Judiaria tinha, como as outras, a sua synagoga: a esnoga (synagoga) que foi, que é na dita cidade, na judaria pequena que foi, á (junto da) torre de S. Pedro; parte ao norte com rua publica, ao poente com a travessa que vae ter ao muro (1502)². Esta Judiaria, como as outras, foi extinta em 1496, e d'ella resta como unico vestigio o nome de uma rua, Rua da Judiaria, que vae do Arco do Rosário, ao Terreiro do Trigo, ter ao largo de S. Rafael.

*

Fr. Francisco Brandão, generalizando a todos os tempos o que se dera em outros mais proximos do seu, disse que aos Mouros lhe davao viuenda nos arrabaldes fôra das Cidades e Villas, e aos Judeus permitião vivuer dentro das Cidades, ainda que fechados nas judiarias e com guardas³. Depois d'elle muitos o teem repetido⁴, sem notarem que é uma inexatidão flagrante; o bairro da Pedreira onde moravam os judeus fôra tanto arrabalde de Lisboa, como a Mouraria destinada para os muçulmanos; a Judiaria Velha, comquanto no centro da povoação commerçial christã, não estava comprehendida pelo recinto das muralhas, e só o foi no reinado de D. Fernando, depois da construcção da cerca nova. Fernão Lopes disse implicitamente que estavam a Judiaria Velha e a Nova em um arrabalde de Lisboa, porque assim considerava todo o bairro habitado do valle da Baixa: grande e espaçoso arravalde que havia arredor da cidade, des a porta do ferro ataa porta de Santa Catellina, e des a torre Dalfama ataa porta da Cruz⁵; quanto á Judiaria de Alfama temos alguns fundamentos para conjecturar que ficava também exteriormente ás muralhas da cidade.

*

Indicámos já approximadamente a zona que occupava a Judiaria Velha; vê-se quão distante ficava do sitio onde se construiu a igreja

¹ *Monarchia Lusitana, sexta parte*, 1672, pag. 17.—Outra citação da Judiaria de Alfama está na *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxvi, fl. 144 v, anno 1459.

² *Extremadura*, liv. i, fl. 252 v.

³ *Monarchia Lusitana, sexta parte*, 1672, pag. 17.

⁴ *O Panorama*, vol. i, 1837, pag. 20, etc.

⁵ *Chronica do senhor Rei D. Fernando, nono rei de Portugal*, na *Collecção de livros ineditos de Historia Portuguesa*, etc., tom. iv, 1816, pag. 311.

e o recolhimento da Misericordia, onde é geralmente collocada, sem razão, a mesma Judaria.

Ao findar o seculo xv soava tambem para as Judarias e para as Mourarias em Portugal a sua hora final: *ho qual foi declarado, e publicado, estando el Rei ainda em Muja, no mez de dezembro de MCCCCXCVJ (1496), em húa pregação que se sobre isso fez, e nam somente se assentou no conselho que hos Iudeus se fossem do regno, com suas mulheres, e filhos e bés, mas tambem hos mouros pelo mesmo modo*¹.

Em dois annos se retiraram do reino os judeus e os musulmanos que não quiseram converter-se á fé christã, e desde então passaram a chamar Villas Novas aos bairros em que elles haviam habitado. Especialmente pelo que respeita á Judaria Velha de Lisboa ou Judaria Grande, por muitos annos, desde o de 1498, os documentos se referem a ella por alguma das designações seguintes: *villa nova que foi judaria grande, ou villa nova a nova que foi judaria grande*².

E podemos affirmá-lo com segurança, porque de centenas de documentos que examinámos, nunca, antes da expulsão dos judeus, vimos qualquer referencia á Judaria Grande chamando-lhe Villa Nova, e pelo contrario, depois da mesma epocha, e durante a primeira metade do seculo xvi, quasi todos os documentos que alludem a Villa Nova, accrescentam: *que foi judaria grande, ou que foi dos judeus, ou qualquer outra locução indicando que havia pertencido á communa hebraica.*

*

Villa era antigamente synonimo de *bairro*, quando applicada a uma zona de uma cidade. Houve em Lisboa muitas villas (*Villa Franca, Villa Gallega, Villa Quente, Villa do Olival, etc.*) e algumas Villas Novas (*Villa Nova, Villa Nova de Andrade, Villa Nova que foi Judaria, etc.*). Em tempo de D. João I foi imposto sobre o vinho o tributo chamado real d'agua, *para casear Villa nova*³.

¹ *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, por Damiam de Goes, ed. de 1749, parte 1, pag. 18.

² Não fazemos aqui citações especiaes, porque teremos de apresentar bastantes no decurso d'este artigo.

³ *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, por Eduardo Freire de Oliveira, 1.^a parte, tom. 1, pag. 178. Com quanto a *Judaria Grande, bem como uma parte da cidade, tivesse ardido completamente, quando os castelhanos cercaram Lisboa no tempo d'el-rei D. Fernando*, não foi para reedificar o bairro judeu que se impoz a toda a população de Lisboa o tributo do *real d'agua*.

Teem alguns autores supposto que esta Villa Nova era a Judaria Grande, e que portanto a denominação remonta ao final da primeira dynastia; indicámos já que a origem do nome, applicado á Judaria, é bastante mais moderna; resta-nos ver onde seria a Villa Nova que motivou o imposto.

Em primeiro lugar, esta Villa Nova é anterior a D. João I: já existia em tempo de D. Fernando, e nella moravam mulheres christãs, o que não podia suceder em bairros destinados exclusivamente para os judeus; D. Fernando fez *mercê a Aldonsa Domingues de umas casas que elle ha em villa nova, em que morasse graciosamente* (1373)¹.

Como muitas pessoas queriam aforar para sempre as casas que o concelho estava fazendo em Villa Nova, com o producto do imposto, e as que d'ahi em deante se construissem, o rei (D. João I) concedeu que o concelho fizesse os aforamentos que entendesse, sem dependencia de confirmação sua (1410)².

Um outro documento informa-nos que os moradores do logar de Villa Nova eram pobres, e fixava o rei os preços que o concelho podia levar *pelas casas da rua direita, e pelas das travessas do logo de villa nova, assim de que o dito logar se possa povoar muito melhor.* (1420)³.

No reinado de D. Duarte receavam-se os moradores do novo bairro, das facilidades concedidas ao concelho para aforar as casas, e como medida de segurança pediram ao rei que lhes confirmasse os aforamentos feitos pelo concelho, o que elle lhes prometeu (1434)⁴.

Esta Villa Nova ficava situada no lugar da Pedreira, mas não podemos fixar os limites, nem mesmo approximadamente: *casas na rua da pedreira, a saber, na rua direita que vae para villa nova, que partem com a dita rua publica, e com rua publica que vae para a coroaria velha* (1444)⁵. A Rue da Coroaria Velha (anterior a 1755) ia desde o actual Largo da Biblioteca Publica, ter ao meio, approximadamente, da rua Garrett. Parece que, pelo mesmo tempo, chamavam tambem Bairro do Almirante á Villa Nova acima citada: *no logo que chamam pedreira, no bairro do dito Almirante* (1370)⁶.

A denominação de Villa Nova não durou talvez muitos annos; no seculo XVI vemos apparecer um Bairro do Marquês (qual?), que foi

¹ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 134, era 1411.

² *Chancellaria de D. João I*, liv. III, fl. 110, era 1448.

³ *Id.*, liv. IV, fl. 13, era 1458.

⁴ *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 81 v.

⁵ *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 384.

⁶ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 68 v, era 1408.

porventura o successor da Villa Nova: casa junto do bairro do marquez, que parte de uma parte com rua que vae do dito bairro para a cordoaria velha, e da outra partem com beco a que chamam beco de Pedro Rodrigues (1544)¹. Outras casas do bairro do marquez ficavam situadas ao Chiado, quando se entra já na rua direita da porta de S.^a Catharina (1610)².

*

Alexandre Herculano escreveu uma vez: *Villa-nova de Gibraltar era a «Communa dos Judeus»*³, e coloca esta communa á beira do Tejo, onde se construiu o edificio da Misericordia. Esta asserção, devido ao respeito que se tem pelos mestres, tem passado como um dogma para todos os escriptores. Nós, não contestando que Alexandre Herculano tivesse visto em algum documento chamar Villa Nova de Gibraltar á Judiaria Grande de Lisboa, só lamentavamos a nossa infelicidade, por os milhares de documentos que tivemos de examinar, e as pessoas a quem consultámos, não nos fornecerem uma só referencia a essa Villa Nova, quando a chave da interpretação nos foi dada pelo habil paleographo o Sr. General Brito Rebello. Provém apenas da leitura errada da palavra *Gibitaria*, nome de uma rua da communa hebraica, em algum documento de peor orthographia. As ruas do bairro judeu, depois da saída d'estes, eram tambem algumas vezes chamadas Villas Novas, como por exemplo Villa Nova do Chancudo⁴, Villa Nova da Gibitaria, etc., locuções equivalentes a Rua do Chancudo em Villa Nova e Rua da Gibitaria em Villa Nova. Devemos pois aceitar que nunca a communa dos judeus em Lisboa teve a denominação de Villa Nova de Gibraltar⁵.

*

Havia nas Judiarias varias portas, que se fechavam ao *sino de coger*, interceptando o tracto e a comunicação com a gente christã; a

¹ *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 410.—O *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 12, coloca este beco, em 1551, na freguesia de S. Nicolau.

² *Chancellaria de D. Filipe II*, liv. xix, fl. 269 v.

³ *O Panorama*, vol. 2.º, serie 2.ª, 1843, pag. 403.

⁴ *Extremadura*, liv. 1, fl. 277 v, anno 1499.

⁵ Encontrámos uma vez o termo Gibraltar em um documento: casas que chamam de Gibraltar (1372), (*Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 282, era 1410); mas pelas confrontações se reconhece que estas casas eram fóra da Judiaria, na freguesia de S. Julião, perto da Rua dos Fornos.

situação de algumas podemos fixá-la approximadamente, dando-nos um meio de marcar tambem pouco mais ou menos a linha divisoria entre as duas crenças. Não nos parece que existisse muro especial entre as habitações dos christãos e as dos hebreus; os proprios muros das propriedades eram sufficientes para manter a separação.

*

Ficava a esnoga ou synagoga grande da Judiaria Velha perto da igreja da Magdalena, e no sítio marcado na estampa que faz parte d'este artigo¹, onde está designada por igreja de N. S.^a da Conceição dos Freires. Appareceu uma inscripção em hebraico, em uma *excavação que se fez depois do terremoto de 1755, para o alicerce de uma casa*, a qual se referia a uma synagoga que foi acabada no anno 1307 de Christo²; não julgamos que se trate d'esta.

Depois de os mouros e judeus terem sido expulsos do reino (em 1496-98) fez D. Manoel *doação da egreja de N. S.^a da Conceição que se fez na casa grande da esnoga dos judeus ao mestrado de N. Senhor Jesus Christo* (1502)³. Para ahi vieram os freires de uma ermida que tinham no sítio do Restello, onde depois se construiu o mosteiro dos Jeronymos, e naquelle templo se conservaram até ao terremoto de 1755. Como em 1698 se levantou a igreja parochial de N. S.^a da Conceição, á antiga igreja dos Freires começaram a chamar Conceição Velha.

¹ Não podemos entrar aqui na exposição de como obtivemos a sobreposição das duas plantas que constam da estampa; pôde ver-se no nosso trabalho sobre *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, no capítulo intitulado «Mappas, tombos, e documentos aproveitados neste estudo».

² *Revista Archeologica*, vol. III, 1889, pag. 115.— Ahi se diz que a excavação foi feita proximo da egreja da Conceição Velha, *onde antigamente houve uma synagoga*.

³ *Chancellaria de D. Manoel*, liv. IV, fl. 24 v.— No preambulo do regimento dado á collegiada da convertida synagoga em 29 de Janeiro de 1504 constam os motivos porque foi erecta em tempo christão: *deliberamos (o rei) da casa da esnoga dos judeus que estavam na judiaria grande desta cidade, así como era a mays principal em que o nome de noso senhor era blasfemado, he as coussas de nosa santa fée catolica reprouadas e emmingoadas, fasermos huma solene igreja e casa da enucação de nosa senhora da conseição, na qual com muy grande soledade e deuação os officios deuinos fossem celebrados.* — *O Panorama*, vol. 2.^o, serie 2.^a, 1843, pag. 404.

Diz Damião de Goes que D. Manoel fez de nouo a Egreja de Nossa Senhora da Concepção de Lisboa no lugar em que fora a sinagoga dos Judeus¹; naturalmente esta fundação reduziu-se apenas á purificação do templo, e ás obras necessarias para adaptação ao culto christão.

Era a Igreja muy vistosa, e alegre de húa só nave com a porta principal para o Poente, e outra para o Sul²; foi consumida pelo fogo no terremoto de 1755³.

A sua situação na planta actual de Lisboa era no leito da Rua da Princesa (dos Fanqueiros), a meia distancia das ruas de S. Nicolau e da Conceição (dos Retrozeiros).

*

Além da esnoga grande havia outras synagogas na Judaria Velha. Ha um documento que dá a entender que eram tres; em 1445 se passou sentença a favor d'esta egreja de S.^{ta} M.^{ta} Magdalena, contra a communa dos judeus, que pagasse cada anno de cada synagoga 50 reaes brancos, que faziam 150 reaes brancos, que a judaria grande pagava por todas as outras em dia de Paschoa⁴.

Uma d'ellas era naturalmente uma esnoga que foi das judias, que pelas costas ficava mistica com um hospital que foi da communa; loja que parte de uma parte com casas da esnoga que foi das judias, e da outra com hospital que foi da communa, e entesta com casas de F., e por diante com rua que se chama da synagoga (1499)⁵.

Pela ignorancia em que nos achamos de qual a rua a que davam aquella denominação, não podemos calcular onde ficava situada a synagoga das judias. Havia um Beco ou Pateo da esnoga⁶, para onde se entrava por um arco na Rua do Chancudo⁷; talvez fosse ahí a esnoga das judias.

¹ Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Manoel, ed. de 1749, parte iv, pag. 600.

² Chorografia Portuguesa, etc., pelo P.^e A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450.— As medições da egreja estão no Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova, 1755, fl. 270 v.

³ Historia Universal dos Terremotos, etc., por J. J. Moreira de Mendonça, 1758, pag. 128.

⁴ Collegiada da Magdalena, n.^o 14, documento sem data mas posterior a 1768.

⁵ Extremadura, liv. II, fl. 203.

⁶ Corografia Portuguesa, etc., pelo P.^e A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 440.— Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio, 1755, fl. 167.

⁷ Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio, 1755, fl. 166 v.

Esta, ou mais provavelmente uma outra synagoga, ficava situada em *villa nova que foi judaria grande, na freguezia e rua de S. Gião* (Julião) (1502)¹; esta rua é a que depois se chamou rua dos Mercadores.

*

Ao norte da synagoga passava uma rua que em 1755 se chamava Rua ou Travessa dos Latoeiros², mas que no tempo de C. Rodrigues de Oliveira (1551) denominavam Rua das Ferrarias Velhas³, ou da Ferraria Velha⁴, e que no tempo dos hebreus era a Ferraria da Judaria⁵ ou a judaria dos ferreiros⁶; ha muitas confrontações de tendas, situadas na *judaria velha, onde estão os ferreiros*, que partiam *ao avrego* (sul) com a synagoga e a aguião (norte) com a *rua publica* (da Ferraria)⁷; depois da saída dos judeus a synagoga é substituida, nas confrontações, pela nova egreja: casas na correaria, á porta de *villa nova que foi judaria, na ferraria, junto com N. S.^a da Conceição; partem por detraz com a egreja de N. S.^a da Conceição, e por diante com a dita rua publica que vae de villa nova, que foi ferraria* (1507)⁸.

No extremo oriental d'esta rua ficava uma porta da Judaria. O documento antecedente cita-a, e grande numero de outras se referem a ella casas que são na rua que vae da Magdalena para S. Nicolau (Rua da Correaria, de 1755), á porta da judaria dos ferreiros (1459)⁹;—.... casas que são na sapataria (Rua da Correaria, de 1755), apar da porta da rua da ferraria da judaria velha; partem ao avrego (sul) com *rua publica* (1423)¹⁰.

¹ *Cancellaria de D. Manoel*, liv. vi, fl. 103 v.

² *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 305 v.—*Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^r A. C. da Costa, tomo iii, 1712, pag. 450.

³ *Summario*, etc., ed. de 1755, pag. 17.

⁴ *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.^a parte, tom. i, pag. 551, nota.—*Chancellaria de D. João III*, liv. xxi, fl. 91 v, anno 1536.

⁵ *Chancellaria de D. João I*, liv. iv, fl. 63 v, anno 1423.—*Chancellaria de D. Afonso V*, liv. xxii, fl. 27, anno 1442.—*Extremadura*, liv. vi, fl. 223 v, anno 1495.

⁶ *Extremadura*, liv. xi, fl. 296, anno 1459.

⁷ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. i, fl. 25 v, era 1406 (anno 1368).—*Id.*, liv. i, fl. 36, era 1407 (anno 1369).—*Id.*, liv. ii, fl. 63 v, era 1418 (anno 1380).

⁸ *Extremadura*, liv. xiii, fl. 11 v.

⁹ *Id.*, liv. xi, fl. 296.

¹⁰ *Chancellaria de D. João I*, liv. iv, fl. 63 v.

*

Do largo em que ficava situada a igreja da Conceição dos Freires saía, em direcção á igreja de S. Julião, uma rua que se chamava dos Mercadores¹; algumas vezes também aparece designada por Rua da Conceição; casas na rua da Conceição, que fazem um canto para a rua do vidro (1556)².

Em tempos mais remotos, uma parte d'esta rua, para nascente do ponto em que nella desembocava a Rua dos Carapuceiros, tinha pertencido á Judiaria, e chamava-se-lhe Rua do Picoto³: rua do picoto, que vem ter á rua que vem para S. Gião, que foi judaria grande, que ora se chama villa nova (1499)⁴; casas n'esta cidade abaixo da Conceição; teem duas servidões, uma para um beco da rua dos mercadores, que se chama (a rua) do picoto, e teem outra serventia para a rua do chancudo (1559)⁵. O beco a que neste ultimo documento se faz referencia é provavelmente o Beco do Coveiro⁶. Extincta a Judiaria, á rua direita chamou-se ao principio Rua de Villa Nova dos Mercadores⁷.

A outra parte da Rua dos Mercadores, até á Rua Nova dos Ferros, era christã, e chamava-se-lhe Rua de S. Gião (Julião)⁸.

O ponto de separação entre a communa hebraica e a freguesia de S. Julião era nesta rua marcado por uma porta, cuja situação presumimos que seria entre o Beco do Coveiro e a Rua dos Carapuceiros; vimos já um documento que a cita, e ha outros: casas que são

¹ Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova, 1755, fl. 327 v.—Corografia Portuguesa, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 444 e 450.

² Privilegios de D. João III, liv. V, fl. 258 v.—Summário, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 14.

³ Chancellaria de D. João I, liv. IV, fl. 9, anno 1425.—Chancellaria de D. Duarte, liv. I, fl. 209, anno 1436.—Extremadura, liv. VIII, fl. 299, anno 1451.—Idem, liv. III, fl. 198, anno 1484.—Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei Nossa Senhor, n.^o de ordem 93, anno 1506, fl. 25.

⁴ Extremadura, liv. II, fl. 206 v.

⁵ Mosteiro de Santos-o-Novo, n.^o 239.

⁶ Corografia Portuguesa, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.—Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova, 1755, fl. 355.

⁷ Elementos, etc., por E. F. de Oliveira, 1.^a parte, tom. I, pag. 551, nota, documento da primeira metade do seculo XVI.—Chancellaria de D. João III, liv. VI, fl. 121, anno 1543, etc.

⁸ Dourados d'Alcobaça, liv. I, fl. 116, anno 1476.

*na rua do picoto, entrando por a porta da judaria que é na rua que vem de S. Gião, á mão direita (1453)*¹.

*

Quasi parallela á Rua dos Mercadores ficava, da banda do norte, a Rue do Chancudo²; esta denominação, porventura alcunha de algum individuo, remonta pelo menos ao reinado de D. Dinis³; pertencia á Judiaria, e perto do seu extremo occidental havia uma porta da communa, a que chamavam a Porta do Chancudo⁴.

*

Na nossa planta vemos sair d'esta rua, em direcção ao norte, uma pequena rua chamada Beco da Bofetada⁵. Ignoramos aonde os tombadores da cidade em 1755 foram buscar esta designação, pois que o seu nome era Rue ou Beco de D. Rolim ou do Rolim⁶, e d'esta forma o traz o P.^o J. B. de Castro no *Mappa de Portugal*, que foi escrito pouco depois de 1755⁷.

Esta rua pertencia á communa dos judeus: casas que estavam em villa nova que se chama judaria grande, na rua que se chama de D. Rolim (1499)⁸;—. . . . casas em villa nova na rua de D. Rolim, e entestam na rua do chancudo, freguezia de S. Nicolau, e partem ao norte e levante com casas, ao sul com a dita rua do chancudo, e ao poente com a rua de D. Rolim (1502)⁹.

¹ *Extremadura*, liv. iv, fl. 287 v.

² *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 316.

³ *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 13 v e 16 v, documento do anno de 1299.

⁴ *Chancellaria de D. Dinis*, liv. ii, fl. 85 v, era 1332 (anno 1294).—*Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 16 v, anno 1299.—*Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxv, fl. 104, anno 1471.—Idem, liv. xxxii, fl. 33 v, anno 1480.

⁵ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 116.

⁶ *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 12.—*Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 440.

⁷ Ed. de 1870, tomo iii, pag. 231.

⁸ *Extremadura*, liv. i, fl. 272.—*Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei nosso senhor*, n.^o de ordem 93, anno 1506.

⁹ *Chancellaria de D. Manoel*, liv. iv, fl. 24 v.

Foi esta rua aberta por 1480, ou por Fernão de Moura e D. Rolim, ou em terreno de umas casas d'estes¹; alguns annos mais tarde ainda D. Rolim tinha umas casas junto da Porta do Chancudo: tenda detraz da porta do chancudo, encostada ao muro das casas de D. Rolim (1506)².

Junto aos extremos d'esta rua ficavam duas portas da Judiaria; a situada ao sul tinha uma denominação propria, Porta da Rua do Chancudo ou Porta do Chancudo; as que apparecem citadas nos seguintes extractos referem-se por isso naturalmente á que ficava do lado norte, bem que os documentos não permittam affirmá-lo com completa segurança: uma porta que vae da rua de S. Nicolau (nesse sitio chamado Rua do Calçado Velho) para a rua de D. Rolim, que está em villa nova que foi judaria; junto d'ella havia umas casas que partem com rua publica que vae de S. Gião para S. Nicolau (Rua do Calçado Velho), e por detraz com raa publica de D. Rolim que vae para a correraria (1501)³. Ha um documento que diz: á porta da judaria que se chama de D. Rolim⁴, e se o qualificativo de D. Rolim, se refere á judaria, aquella locução é equivalente a porta da rua de D. Rolim na judaria.

*

As duas ruas que da Travessa dos Latoeiros se dirigiam paralelamente para o norte, a Rua da Tinturaria⁵ e o Beco dos Tintes⁶ ficavam na Judiaria⁷, e nellas estavam installadas as lojas de tintureiros⁸, já desde o tempo dos judeus.

O Beco dos Tintes não se acha rasgado completamente até á Travessa dos Latoeiros, na *Planta da Cidade de Lx.^a* (1650) por João Nunes Tinoco, de onde parece dever inferir-se que foi aberto, como estava em 1755, nos cem annos que precederam o terremoto.

¹ *Chancellaria de D. Afonso V*, liv. xxxii, fl. 33 v.

² *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei nosso senhor*, n.^o de ordem 93, anno 1506.

³ *Extremadura*, liv. II, fl. 131 v.

⁴ *Id.*, liv. I, fl. 216, anno 1498.

⁵ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 309 v.

⁶ *Id.*, fl. 318.—É o Beco da tentoraria do *Summario de C. R. de Oliveira*, ed. de 1755, pag. 18.

⁷ *Extremadura*, liv. II, fl. 120, anno 1501.—*Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, liv. VI, fl. 109 v, anno 1560, etc.

⁸ *Elementos*, etc., por E. Freire de Oliveira, 1.^a parte, tomo I, pag. 557, nota.

*

Da Rua do Calçado Velho saia para a Rua da Correaria uma outra rua que em 1755 se chamava Rua do Arco de Jesus¹; parece ser a que nos meados do seculo XVI chamavam Travessa dos Torneiros², mais tarde Largo dos Carmelitas³; pertenceu naturalmente á communa dos judeus, mas ignoramos como se chamava então.

Nesta rua ficava situado o convento dos Carmelitas Descalços dedicado ao Santissimo Sacramento, ou de Corpus Christi, edificado pela rainha D. Luisa, mulher de D. João IV, no local de umas casas que se derrubaram; a igreja ficava ao sul do convento, e ambas ocupavam todo o lado occidental da Rua dos Torneiros⁴; começoou-se em 1648, e completou-se em 1661, e nas copias da planta de Tinoco, de 1650, vê-se no seu local um ermida com a denominação, certamente corrupta de ermida do Marinho.

Estes edificios foram destruidos pelo terremoto⁵; na reconstrucção da cidade a nova igreja, que tambem chamavam dos Torneiros, ocupou muito approximadamente o local da antiga, ficando com a porta para o nascente sobre a Rua da Princesa (R. dos Fanqueiros), e uma elevada cupula; o convento, com o risco das construcções pombalinas, ficava-lhe ao norte, ocupando todo, ou quasi todo o quarteirão de casas até á Rua da Victoria. Hoje são tudo propriedades particulares, notando-se ainda a fachada da igreja (onde está um armazem de fazendas) e a cupula (cujo interior constitue uma vasta sala das sessões de uma associação particular).

Nos dois extremos da Rua do Arco de Jesus ficavam provavelmente duas portas da communa; da do lado occidental já tratámos, e talvez fosse o arco do calçado velho, a que se faz referencia em um documento⁶; a do lado oriental é possivel que fosse a porta da ju-

¹ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 163 v.

² *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17.

³ *Largo da Igreja dos Carmelitas descalços*, na *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.—*Largo dos Carmelitas no Mappa de Portugal*, etc., pelo P.^o J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 150.

⁴ Pôde ver-se o motivo da fundação na *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440 sqq., e as dimensões do edificio no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 185 v.

⁵ *O terremoto, e incendio memorável poz todo este sagrado edifício na ultima miseria.*—*Mappa de Portugal*, etc., pelo P.^o J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 216, nota.

⁶ *Chancellaria de D. Filipe II*, liv. xxviii, fl. 290, anno 1614.

daria que vae para a correaria (1384)¹, ou aquella que ficava defronte de uma certa casa da Rua da Fancaria: *na fancaria, apar da porta da judaria* (1405)², comquanto, pelas confrontações citadas, tanto se possa entender esta porta, como a que ficava no extremo da Travessa dos Latoeiros, que todavia costumava ser especificada pela designação da Rua da Ferraria, na qual era situada.

*

Desde a Rua do Arco de Jesus até ao adro da igreja de S. Nicolau eram, antes da extinção da communa, habitações de judeus. Possuia D. Dinis uma casa *apud atrium Sancti Nicholai contra judariam* (1299)³.

Sobre este adro abria-se uma porta da Judiaria, que parece ser a mencionada no seguinte extracto: *ad portam de judaria, in collatione Sancti Nicholai, contra judariam* (1299)⁴, e que é com certeza a que se acha em varios documentos: *porta da judaria que vae para S. Nicolau* (1370)⁵; *porta da judaria d'apar S. Nicolau* (1395)⁶.

Parece que o sítio d'esta porta era em um pequeno beco, que em direcção ao sul saía do adro de S. Nicolau, em *K*; ainda se nota na *Planta da Cidade de Lx.^a* (1650) por J. N. Tinoco, mas não existe na *Planta da Cidade de Lisboa Arruinada* (1755), que é a que consta, em fragmento, da nossa estampa, nem o *Tombo da Cidade de Lisboa* (1755) se refere a ella. Nesta ultima planta existe, porém, na mesma direcção, saindo da Rua do Arco de Jesus, o Beco dos Carretões sem saída⁷. Talvez que estes dois becos fossem o resto da antiga rua da communa, em que existia a mencionada porta da Judiaria que comunicava com o adro de S. Nicolau.

*

No sítio approximadamente onde se construiu no terceiro quartel do seculo XVII o Convento dos Carmelitas Descalços tinha D. Fer-

¹ *Chancellaria de D. João I*, liv. I, fl. 74, era 1422.

² *Extremadura*, liv. xi, fl. 89 v, era 1443.

³ *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 13, era 1337.

⁴ *Id.*, fl. 12, era 1337.

⁵ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 49 v, era 1408.

⁶ *Chancellaria de D. João I*, liv. III, fl. 41, era 1433. — *Extremadura*, liv. xi, fl. 85, era 1433.

⁷ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 165. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440.

nando uma adega, na qual fez abrir uma rua para morada dos judeus: eu (o rei) mandei derribar a rua das taracenas, em que os judeus moravam, para accrescentar as casas das ditas taracenas, em que estão as minhas galés, em a qual rua dizem que moram muitos judeus e judias, e que ora não teem em que morem, porque essa judaria velha é tão pequena que não podem em ella caber, mando-vos que façaeis fazer em a minha adega que é apar d'essa judaria velha uma rua pela metade (meio) d'ella, e mandae fazer casas e sobrados de uma parte e da outra, e fazei cerrar a porta da dita adega de contra o adro de S. Nicolau, e abri uma porta em o outro (lado) da dita adega, de contra a dita judaria, para servidão d'essa rua (1370).¹

É provavelmente esta a origem do Beco da Adega: beco da adega em villa nova que foi judaria grande (1545)², o qual ficava no seguimento da Rua da Tinturaria³.

A *Planta da Cidade de Lx.^a* (1650), por J. N. Tinoco, bem como a que consta da nossa estampa, mostram apenas em frente da Rua da Tinturaria um pequeno beco, provavelmente o resto do Beco da Adega, que em 1755 se chamava Beco do Ourinol sem saída⁴.

Correspondendo a elle, do lado do adro de S. Nicolau, mostra a primeira das citadas plantas, um pequeno beco, que não existe na que consta da nossa estampa, e que parece ser o que teve a denominação de Beco de Pero Ponce de Leão⁵.

A Rua travessa de N. S.^a da Conceição dos Freires, tambem chamada vulgarmente a *Travessa da Conceição Velha*, ou simplesmente *Travessa da Conceição*⁶ ia desde a Rua dos Ourives da Prata até á Rua dos Mercadores⁷; alargava a rua defronte da porta travessa da egreja, e do lado sul do mesmo largo houve no tempo dos judeus

¹ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 63, era 1408.

² *Chancellaria de D. João III*, liv. xxv, fl. 50 v.

³ *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, liv. vi, fl. 109 v, anno 1560. — *Chancellaria de D. Filipe I*, liv. xxii, fl. 350 v, anno 1592.

⁴ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 165 v. — *Mappa de Portugal*, etc., pelo P.^e J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 150.

⁵ Confronte-se com o que diz o P.^e A. C. da Costa na *Corografia Portuguesa*, etc., tom. III, 1712, pag. 441: mандou alugar tres moradas de casas, todas contiguas h̄ias com outras no sitio em que hoje está a Igreja (dos Carmelitas Descalços), fazendo entrada para ellas pela parte de S. Nicolao, donde estava o beco de Pero Ponce de Leão, e na ultima morada, q̄ cahia para a Fancaria de cima, donde hoje está a Capella do Coro deste Convento.....

⁶ *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^e A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.

⁷ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 270.

umas casas que foram estudo de palaçano¹, em villa nova, na praça de N. S.^a da Conceição, em frente da esnoga que foi dos judeus, que ora é casa de N. S.^a da Conceição².

A parte oriental, que comunicava o adro da egreja com a Rua dos Ourives da Prata, foi aberta já depois de serem expulsos os judeus: casa em villa nova a nova, na rua nova que ora novamente se abriu, que vae de N. S.^a da Conceição para a Ourivezaria (1504)³.

O Beco do Sardinha⁴ já tinha esta denominação em 1685⁵, que não sabemos de onde provenha.

Terminava na Rua da Gibitaria⁶ ou da Jubetaria⁷, que, como aquella, pertencia á communa⁸; na rua da gibitaria, em villa nova a nova, que foi judaria grande (1502)⁹. Nesta rua havia uns banhos dos judeus¹⁰, ou talvez antes das judias¹¹, que eram naturalmente alimentados pela agua das thermas romanas que naquelle sítio existiram.

*

Na Rua de S. Julião, a meio do lanço comprendido entre as ruas Bella da Rainha (R. da Prata), e da Princesa (R. dos Fanqueiros),

¹ Palaçano ou Apelaçano é appellido de origem hebraica.—Veja-se *Chancellaria de D. Afonso V*, liv. iii, fl. 33, anno 1453.

² *Chancellaria de D. Manoel*, liv. iv, fl. 24 v, anno 1502.—*Extremadura*, liv. ix, fl. 239 v, anno 1503.

³ *Extremadura*, liv. vi, fl. 1.—Idem, liv. ix, fl. 164 v, anno 1503.

⁴ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 272, 272 v, 298, 321 v, 322, etc.

⁵ *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.^a parte, tom. i, pag. 557.

⁶ *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^e A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450: *rua da Gibitaria Velha*.—*Mappa de Portugal*, etc., pelo P.^e J. B. de Castro, ed. de 1870, tomo iii, pag. 150.—*Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 321.—Assim tambem em muitos documentos das *Chancellarias*.

GIBITERIO; official que fazia gibanetes, giboens, e vestidos d'armas, sayas de malha, etc.—*Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

JUBETARIO; alfayate que fazia «Gibanetes». E mais propriamente o algibebe, que remanda ou compoem vestidos, ou roupas velhas, e rotas.—*Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

JUBITARIA; vulgarmente Algibetaria. He a rua em que se vendem juboens, calçoens, etc.—*Vocabulario*, de Bluteau.

⁷ *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17.—*Mosteiro de S. Domingos*, liv. xxxi, fl. 52 v, anno 1561.

⁸ *Extremadura*, liv. viii, fls. 60 v. e 137, anno 1484.

⁹ *Id.*, liv. ix, fl. 198.

¹⁰ *Id.*, liv. i, fl. 252 v, anno 1500.

¹¹ *Mosteiro de S. Domingos*, liv. xxxx, fl. 55 v.

houve até ao terremoto um poço, provavelmente em comunicação com as nascentes thermaes, com 15 palmos de largo, e 30 em redondo, que é de muito boa agua¹. D'elle se refere que no dia do terremoto lançara de si toda a agua e alguns peixes².

Chamava-se-lhe no reinado de D. Dinis, Poço da Fotreya³, e depois Poço da Fotéa⁴, nome de origem evidentemente hebraica.

Ficava situada no Largo do Poço da Fotéa⁵, do qual saíam quatro ruas: a Rua ou Beco de S. João, o Beco dos Seguros, a Travessa do Poço da Fotéa, o Beco de Lava-Cabeças; a primeira pertencia á Judiaria; a segunda cremos que não; as ultimas eram christãs.

A Rua ou Beco de S. João⁶ era anteriormente chamada Rua do Poço da Fotéa⁷, e umas vezes era considerada Rua Direita⁸, e outras simples beco: casas em villa nova, na rua dos mercadores, na freguezia de S Julião; partem ao levante (?) com a dita rua publica dos mercadores, e ao poente com o beco que se chama do poço de Fotéa (Rua de S. João) (1502)⁹.

No extremo sul d'esta rua ficava uma porta da Judiaria, que tambem se chamava Porta de Fotéa: no beco acima da porta de Fotéa por onde entram para a judaria (1436)¹⁰. — porta que está apar do poço de Fotéa (1438)¹¹.

Entrando pois pela Porta da Fotéa, em direcção ao norte, encontrava-se do lado esquerdo um beco, naturalmente o Beco dos Aguileiros¹², onde os judeus tinham as suas carneçarias: in carne-

¹ *Archivo Pittoresco*, vol. iv, 1861, pag. 407, documento de 1552.

² *Diccionario Geographico*, do ms. Archivo Nacional da Torre do Tombo, tom. xx, *Parochia da Conceição*, por Braz José Rebello Leite, pag. 743.

³ *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fls. 13 v, e 16 v, era 1337 (anno 1299).

⁴ *Chancellaria de D. Afonso IV*, liv. iii, fl. 12, era 1365 (anno 1327).

⁵ *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^e A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag 450. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 299, 303 v, etc.

⁶ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 290 v. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^e A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450.

⁷ *Extremadura*, liv. i, fl. 252 v, anno 1500. — *Idem*, liv. vi, fl. 118, anno 1504. — *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 14.

⁸ *Chancellaria de D. Duarte*, liv. i, fl. 193, anno 1436. — *Chancellaria de D. Afonso V*, liv. xxxiv, fl. 166 v, anno 1450.

⁹ *Chancellaria de D. Manoel*, liv. iv, fl. 24 v.

¹⁰ *Chancellaria de D. Duarte*, liv. i, fl. 193.

¹¹ *Mosteiro de Chellas*, letra E, fl. 5.

¹² *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 292 e 293.

çarias in judaria, apud puteum de fotreya (1299)¹. No terceiro quartel do seculo XIV já lhes chamavam carneçarias velhas²; foram queimadas pelo exercito de D. Henrique II em 1373³, e ficando reduzidas a pardieiros⁴, tiveram por isso de transferir os talhos para outro lugar.

As seguintes confrontações marcam claramente o local das carneçarias: *pardieiros que elle (o rei) ha na judaria velha, junto com o poço de Fotéa, partem ao levante com judaria, ao poente e avrego (sul) com casas; a aguião (norte) o beco que foram carneçarias* (1374)⁵—.... *sotão e sobrado que são na judaria velha, onde em outro tempo soiam de ser as carneçarias velhas, que são junto com um beco que está aparta da porta por que sahem da dita judaria ao poço de Fotéa, quando vão da dita porta á mão esquerda para a rua direita* (1436)⁶.

Transferidas pois as carneçarias do beco perto do Poço de Fotéa foram installadas talvez no sitio a que se faz referencia no seguinte documento: *dois sobrados e mais um retrete (sic) com um poço, que desce dos ditos sobrados para a rua da correaria, os quaeos sobrados estão sobre uma loja de um judeu detraz da dita correaria de contra a judaria, assim como partem de um cabo com a estalagem dos judeus, e do outro com a rua da carneçaria dos ditos judeus, e de leste com a casa de F. (judeu), e da parte da rua da correaria partem com F. (christão)*, (1484)⁷. Esta Rua da Carneçaria, se não era a Rua do Arco de Jesus (de 1755), devia ser o Beco dos Tintes, ou alguma outra n'essas proximidades, que desapareceu, ou não se acha marcada na estampa.

Na mesma Rua do Poço da Fotéa havia, do lado esquierdo caminhando para o norte, um outro beco, porventura o Pateo de Campolide⁸, em que estava situada a cadeia dos judeus, que julgamos ser o

¹ *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 160, era 1337.

² *casa em Lisboa, na judaria dentro no beco d'apar das carneçarias velhas* (1369).—*Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 41 v, era 1407.—.... *casas que são na judaria velha, que partem com outras casas nossas, que são dentro no beco d'apar d'onde soiam estar as carneçarias velhas dos judeus* (1369).—*Extremadura*, liv. XI, fl. 93 v, era 1434.

³ *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 193, anno 1436.

⁴ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 128, era 1411 (anno 1373).

⁵ *Id.*, ibid., fl. 150 v, era 1412.

⁶ *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 193.—Veja-se tambem *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 107, era 1418 (anno 1380).

⁷ *Mosteiro de Chellas*, n.º 802.

⁸ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 294 v.

que alguns documentos chamam *alfavez*¹: casas que são na judaria velha, na rua direita (Rua de S. João, de 1755), assim como vão para a porta do poço da Fotéa, á mão esquerda, apar do canto de um beco onde está o alfavez dos judeus (1450)². — casas que foram cadeia dos judeus, em villa nova que foi judaria grande, na freguezia de S. Gião, em um beco que sae á rua do poço de Fotéa (1500)³. — rua que vae do poio para o poço da Fotéa, defronte de um beco onde soia de estar a cadeia dos judeus (1513)⁴.

*

Vejamos agora as outras ruas que saíam do pequeno largo em que estava o Poço da Fotéa. Ignoramos a origem da denominação do Beco dos Seguros⁵, que parece ser posterior ao seculo XVII; anteriormente não sabemos qual tivesse; casas á beira do poço da Fotéa, na rua que vem sahir á rua nova, onde mora mestre Vasco (1466)⁶. Esta rua não pertencia á Judiaria, cujas casas ficavam misticas pelo fundo, com as que nella existiam da parte do norte; casas á beira do poço da Fotéa, na rua que vem ter onde mora mestre Vasco, e entestam com casas da judaria (1474)⁷. Em um documento de 1599, que trata de umas casas no beco de mestre Vasco junto ao poço da Fotéa, acha-se escrito á margem, em letra mais moderna: casas no beco dos seguros⁸.

Em direcção ao sul saía do largo a Travessa do Poço da Fotéa⁹; em um dos lados d'esta rua houve em remotas eras uns banhos, banhos de Fotéa, naturalmente alimentados, como os da proxima Rua da Gibitaria, pela agua das thermas romanas¹⁰: pardieiro que soia

¹ Não encontramos esta palavra nos diccionarios portugueses, nem no *Vocabulario*, nem no *Elucidario*.

² *Chancellaria de D. Afonso V*, liv. xxxiv, fl. 166 v.

³ *Extremadura*, liv. i, fl. 252 v.

⁴ *Id.*, liv. xiii, fl. 127. — Outra citação na *Chancellaria de D. Manoel*, liv. iv, fl. 57 v, anno 1505.

⁵ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 161 v, 162, 302 v a 304 v. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450.

⁶ *Mosteiro de Chellas*, letra F, fl. 15.

⁷ *Id.*, letra G, fl. 4.

⁸ *Id.*, liv. 3, fl. 52.

⁹ *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 299 v.

¹⁰ *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.^o 338, era 1388 (anno 1345). — *Id.*, n.^o 339, era 1424 (anno 1386).

de ser casas, na rua nova junto com o tavolado, que partem com casas que foram banho, e com a rua nova, e com rua que vae da dita rua nova para o poço da foteya (1396)¹; talvez fossem no local onde se construiu a igreja parochial da Conceição Nova, pois que existiam dentro da igreja dois poços; um d'elles, que ficava em um saguão junto á sacristia, na occasião do terremoto (1755) se exhauriu e ficou chão com a terra pela elevação d'esta².

Finalmente, a quarta rua, ou *rua de lava-cabeças que vae do poço da Fotéa para a rua de mata-porcos, onde estão as lameiras*³ (1533)⁴ pertencia á população christã. *Na freguesia de S. Julião, na rua onde lavam as cabeças* (dos porcos?), *e entestam com rua publica que vae do forno derribado para o poço de Fotéa (1374)*⁵.

*

Vamos agora, para approximadamente marcar os limites da Judaria Velha, no tempo em que ainda era habitada pelos hebreus, isto é, anteriormente a 1496-98, percorrê-la em volta com o auxilio da nossa estampa. Vemos que tinha vagamente a figura de um parallelogrammo obliquangulo, com a diagonal maior um pouco desviada da direcção norte-sul.

Começando pelo Largo de S. Nicolau ao sul da igreja⁶, que ficava no sitio e a meio do comprimento da actual igreja de S. Nicolau, encontravamos primeiro nelle, em *F*, talvez no fundo de um beco, a porta da adega que D. Fernando mandou fechar.

Seguia a linha divisoria em direcção sud-este, ao lado da Rua dos Torneiros e da Rua da Correaria, ficando as casas d'estas ruas contíguas, pelo fundo, com as casas da communa⁷; havia nesta extensão,

¹ Mosteiro de Santos-o-Novo, n.º 335, era 1434.

² Diccionario Geographico, ms. do Archivo Nacional da Torre do Tombo, por Braz José Rebello Leite, tom. xx, *Parochia da Conceição*, pag. 743.

³ Parece ser synonimo do sitio pantanoso ou *lamaçal*. — Vocabulario de Bluteau; — *LAMEIRA*; planta que vem nos lameiros, a que o vulgo supersticiosamente attribuia grandes e sobrenaturaes virtudes. — Diccionario Universal da Lingua Portuguesa, por uma sociedade de litteratos.

⁴ Chancellaria de D. João III, liv. xix, fl. 69.

⁵ Collecção Especial, caixa n.º 94, 15 de junho de 1412.

⁶ Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio, 1755, fl. 142 v.

⁷ Os documentos comprovativos acham-se citados no nosso trabalho sobre *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, no capítulo intitulado «Algumas Ruas da Freguesia da Magdalena».

naturalmente uma porta em *J*, e em *A* a Porta da Ferraria dos Judeus. Chegava pois a Judiaria até muito proximo da igreja da Magdalena, tendo talvez algumas casas sobre o sitio do actual largo da dita egreja.

Da Rua da Correaria e Largo da Magdalena seguia a linha de separação para o sul, descendo ao longo da Rua dos Ourives da Prata. Em *B* não devia haver porta, porque, como vimos, a pequena travessa que ligava o adro da Magdalena com o da egreja da Conceição dos Freires só foi rasgada depois de expulsos os judeus. Em *C*, no extremo oriental da Rua da Gibitaria, devia ter havido uma porta, mas não a encontrámos mencionada nos documentos que vimos.

Ao ponto *D*, isto é, quasi ao sítio em que se cruzam as ruas de El-Rei e da Princesa, devia chegar a Judiaria; ha um documento que o dá a entender: *casas no começo da rua nova da parte da Ourivezaria; das costas entestam na judaria, e da outra (parte) com rua publica da rua nova* (1447)¹.

D'ahi seguia a linha divisoria para o poente, e depois para o noroeste, passando pela rectaguarda das habitações de christãos do Beco dos Seguros, do Beco de Lava-cabeças, do Pateo da Rosa², da Rua de Mata-porcos, e da Rua dos Carapuceiros³. Em *E* abria-se a Porta da Fotéa, em *L* a Porta da Rua do Picoto, e em *G* a Porta do Chaneudo. Esta ultima ficava muito proxima da actual Rua dos Correeiros, no sítio em que ella é cortada pela Rua de S. Nicolau.

D'aqui, a linha de separação entre a communa hebraica e as freguesias christãs seguia em direcção ao norte, fechando no ponto de partida no Largo de S. Nicolau. Em *H* houve naturalmente uma porta e no adro de S. Nicolau, uma outra, em *K*, approximadamente.

*

Em 1366, numas disposições ordenadas por D. Pedro I sobre o trato e communicação de christãos com judeus e mouros, figura o seguinte: *outrosim mando que cerrem logo os ditos judeus a porta*

¹ *Extremadura*, liv. viii, fl. 32 v.

² *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450.—Beco ou Pateo da Rosa, ou Largo de Lava-cabeças, no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 284 e 285.

³ *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.^o A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 444.—*Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 338 v.

*do poço de Fotéa, e a porta do chancudo, e a porta que está junto com as casas que foram de Palhavã*¹. Esta ultima porta não sabemos qual fosse.

O mesmo diremos de outras duas, que encontrámos citadas em documentos, mas cujas confrontações são com ruas cuja identidade com as que existiam em 1755 não nos foi possível estabelecer.

Uma é a seguinte: sotão e sobrado á porta da judaria, as quaes partem com rua dos bainheiros, e com casas, e com a porta da dita judaria, e da outra com rua publica (1399)².

A outra é: casa, sotão e sobrado, na rua das ervas (sic) apar da porta da judaria velha, que parte ao levante com rua publica, ao poente, e avrego (sul) e aguião (norte) com casas (1368)³.

No nosso estudo sobre *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, no capitulo que trata das portas das muralhas que se abriam no Terreiro do Paço, dizemos que á rua que da Rua Nova ia para a Ribeira, por baixo do Arco dos Barretes, deram algum tempo a denominação de Rua da Cerva⁴. Com quanto seja facil admittir uma grande semelhança na pronúncia, e d'ahi corrupção na orthographia, basta lançar os olhos para a nossa estampa, para ver quão inverosimil seria fazer-se a confrontação de uma casa junto ao Arco dos Barretes tomando para referencia qualquer porta da Judiaria, mesmo a do Poço da Fotéa, que era a que lhe ficava mais proxima. A Rua das Hervas, do tempo de D. Fernando, era pois uma das que ficavam proximas da linha de separação entre a communa e a christandade.

*

Descriptos assim os limites topographicos da Judiaria Velha de Lisboa, que já pelos autores do seculo XVII eram ignorados, parece-nos ter fornecido os elementos sufficientes para desfazer a lenda de que ficava no local onde se construiu a igreja e o recolhimento da Misericordia, de que hoje resta apenas a igreja da Conceição Velha na Rua da Alfandega, e para demonstrar que nunca foi designada por Villa Nova de Gibraltar, como alguns autores modernos teem imaginado, baseando-se na autoridade de Alexandre Herculano.

A. VIEIRA DA SILVA.

¹ *Chancellaria de D. Pedro I*, liv. i, fl. 124, era 1404.

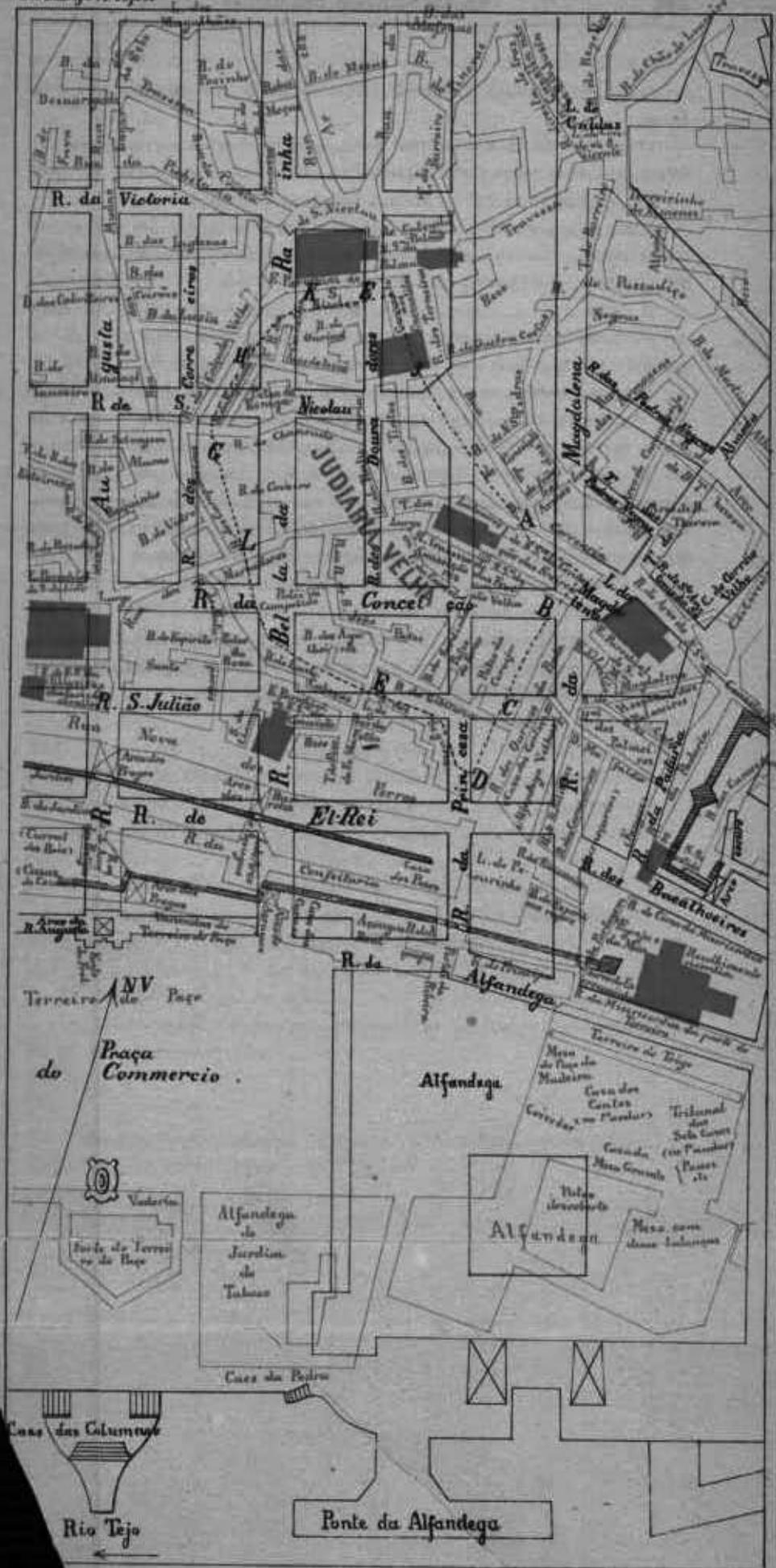
² *Extremadura*, liv. xi, fl. 108 v, era 1437.

³ *Chancellaria de D. Fernando*, liv. i, fl. 43 v, era 1407.

⁴ *Extremadura*, liv. x, fl. 183 v, anno 1436. — Id., liv. viii, fl. 174, anno 1451.

A JUDIARIA VELHA DE LISBOA

O Arquitecto Português



Ruinas do convento do Alcance (Alemtejo)

A poente da villa de Mourão, a 1:680 metros d'ella e á direita do lanço de estrada que fica entre o Guadiana e a povoação, estão, numa propriedade de Joaquim Caetano Guerreiro, as ruinas de um antigo convento, e á quem d'ellas, na distancia de 490 metros e parte mais alta da tapada da *Balôa*, encontra-se um calvario ou cruzeiro, resguardado por um pavilhão, cuja cobertura, de fórmula pyramidal, descansa em quatro postes de schisto, como ella.

As ruinas do convento não tem cousa alguma notável. O que nelle havia bom ou aproveitável foi vendido ou empregado noutra parte. O corpo da igreja e as dependencias do antigo convento, que ainda estão de pé, servem de abrigo de gado ou arrecadação de alfaias agrícolas.

O cruzeiro está mutilado, e, ainda de pé, o pavilhão e parte d'elle. Este cruzeiro compunha-se de uma columna *cannelada*, com capitell ornamentado de folhas de *couve lombarda*; sobre o ábaco estava a imagem de Nossa Senhora da Piedade, de mãos postas, assentada e encostada a uma cruz, com o Senhor Jesus morto, deitado de costas no regaço¹. Segundo pessoas antigas, a Senhora estava voltada para o sul, e o Christo tinha a cabeça para o nascente e os pés para o poente.

No capitell e sob os pés da Senhora estava um letreiro em português, em letra gothica, composto de cinco linhas, de que, apenas, se pôde decifrar:— *Esta cruz foi mandada fazer por Pedro Domingos (?) religioso desta.....* O cruzeiro é de marmore branco (material que não se encontra na localidade). As dimensões das partes não representadas no desenho são: *Capitel*, altura 0^m,16; comprimento 0^m,20; largura 0^m,20. A Senhora (parte entre o collo e os pés, a unica existente), altura 0^m,22. A cruz, a que a Senhora se encostava, tinha 0^m,09 de diametro.

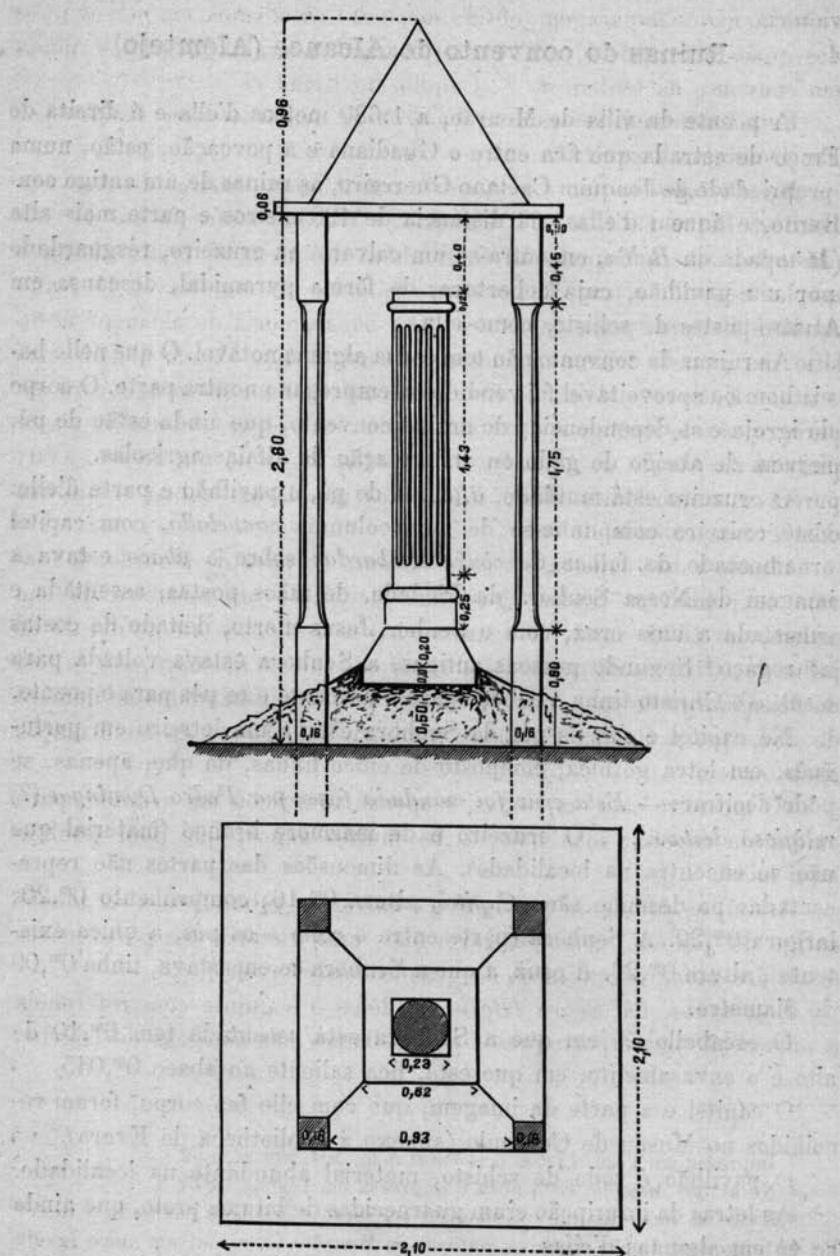
O escabello (?) em que a Senhora está assentada tem 0^m,10 de alto e o envasamento, em que está, fica saliente ao abaco 0^m,045.

O capitell e a parte da imagem, que com elle faz corpo, foram recolhidos no Museu de Cenaculo (annexo á Bibliotheca de Evora).

O pavilhão é todo de schisto, material abundante na localidade.

As letras da inscrição eram guarnecididas de bitume preto, que ainda se vê em algumas d'ellas.

¹ Era semelhante á imagem do Padrão que esteve em Arroyos (Lisboa) e á da Cruz de Portugal (Silves).



Segundo a lenda corrente na localidade, no lugar das ruínas foi mandada construir uma ermida pelo condestável D. Nuno Alvares Pereira, dedicada a *Sancta Maria de Evora Alcance*, em memória da

victoria, naquelle paragem, obtida sobre os Castelhanos, em perseguição dos quaes elle ia de Evora. Posteriormente a ermida foi transformada em convento da Ordem de S. Camillo de Lellis.

Esta lenda vem referida na *Vida de D. Nuno Alvares Pereira* por Fr. Domingos Teixeira¹.

No *Portugal antigo e moderno*², por Augusto Soares de Azevedo Barbosa Pinho Leal, lê-se o seguinte: «A 2:500 metros oeste da villa (*Mourão*) está a Capella de N. Senhora do Alcance, muito antiga e ampla. Segundo a tradição constante foi obra do Condestável, D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1400, em memoria de alcançar neste sitio um grande triumpho contra os Castelhanos, dando á padroeira o titulo de *Sancta Maria de Evora Alcance*, por ter saído de Evora em perseguição do inimigo e o ter alcançado neste lugar. A batalha via-se pintada na parede do alpendre da Capella, ainda no fim do sec. XVII; porém uns mordomos *muito ilustrados* mandaram cobrir a pintura com grossa camada de cal.

«Junto a esta capella, e a requerimento do povo de Mourão, fundaram os primitivos frades agostinhos descalços um mosteiro da sua ordem, em 1670, aonde se conservaram os religiosos até ao dia 23 de julho de 1676, sendo nesse dia obrigados a sair do mosteiro, por ordem do desembargo do paço, por não ser um dos comprehendidos no número de dez, que a Sancta Sé havia marcado pelo Breve da confirmação desta ordem.

«O mosteiro caiu em ruinas, e apenas aqui ficou um ermitão, para cuidar da capella; mas hoje, e ha muitos annos, que nem ermitão aqui ha»³.

Assim, as ruínas do convento e o calvario (embora possa ser menos antigo do que elle) commemoram mais uma victoria dos portugueses e um dos milagres militares do grande condestável.

Entretanto, na *Evora Gloriosa*⁴, lê-se o seguinte com referencia a uma acção entre portugueses e castelhanos nas margens do Digebe,

¹ Impressa em 1723. *Lisboa occidental*, pag. 464, n.^o 81 e 82.

² No artigo *Mourão*. Esta obra é impressa em Lisboa, 1875.

³ Entre as imagens que existiam no convento e que hoje (segundo o Rev.^{do} P.^o Antonio José Lopes da Silva, natural de Mourão) se encontram numa igreja que fica a 500 metros de Mourão, e é dedicada a S. Bento, nota-se a do Senhor Jesus da Boa Morte, a qual representa, em tamanho natural, Nosso Senhor crucificado, e é tão perfeita que os entendidos a consideram um primor d'arte.

⁴ Escripta pelo P.^o Francisco da Fonseca, e publicada em Roma, no anno 1728. Pag. 90, n.^o 148.

proximidades de Evora, em seguida ao regresso da batalha de Touro: «Seguió-lhe o alcance D. Garcia de Meneses ferindo-os, e matando-os tam generosamente, que a retirada se converteo em fugida tam confusa e precipitada, que abandonada a forma, chegaram totalmente descompostos aos portos do Guadiana. O Alcayde mór de Mourão D. Diogo de Castro, e o fronteyro Rodrigo Casco de Vasconcellos, ambos Eborense, conheceram desde o Castello que os Castelhanos iam batidos, e desbaratados, e saindo a elles com cento e sincoenta lanças, fiseram um cruel estrago. Está hoje no sitio d'esta victoria uma Ermida de Nossa Senhora, com a invocação de *S. Maria do Odigebe alcance* (outros disem *Evora alcance*) que se erigio para memoria, e acção de graças».

D'estas noticias se conclue que no sitio do Alcance foram obtidas duas victorias sobre os Castelhanos: uma em 1400 e outra em 1476.

Em vista de o Condestavel ter a devação de fazer construir igrejas para commemorar as suas victorias, parece-me, salvo melhor parecer, mais plausivel que a Ermida de Nossa Senhora do Alcance, em Evora, fosse mandada erigir por D. Nuno Alvares Pereira.

Em todo o caso são dignas de veneração as ruinas do Convento que substituiu a Ermida de 1400, e, como ellas não se poderão hoje conservar, bom seria que o Governo mandasse restaurar e resguardar o Calvario, e que a Camara de Mourão tomasse aos seus cuidados a conservação d'este, embora modesto, monumento da gloria nacional.

C. DA CAMARA MANUEL.

Antiguidades do Sul de Portugal

Mosaico lusitano-romano de Leiria.—Novo deus do pantheon lusitano

Em sessão de 14 de Junho de 1899, por occasião da minha estada em Paris, fiz á Sociedade dos Antiquarios de França, por convite de alguns membros d'ella, as duas seguintes communicações archeologicas, que foram publicadas no respectivo Boletim, e que reproduzo aqui com pequenas alterações.

I

«La mosaïque romaine polychrome dont j'ai l'honneur de vous présenter une aquarelle provient des environs de Leiria, en Portugal.

La ville de Leiria correspond à l'ancienne Colippo; on a trouvé dans cette ville, à des époques diverses, beaucoup d'autres antiquités

proximidades de Evora, em seguida ao regresso da batalha de Touro: «Seguió-lhe o alcance D. Garcia de Meneses ferindo-os, e matando-os tam generosamente, que a retirada se converteo em fugida tam confusa e precipitada, que abandonada a forma, chegaram totalmente descompostos aos portos do Guadiana. O Alcayde mór de Mourão D. Diogo de Castro, e o fronteyro Rodrigo Casco de Vasconcellos, ambos Eborense, conheceram desde o Castello que os Castelhanos iam batidos, e desbaratados, e saindo a elles com cento e sincoenta lanças, fiseram um cruel estrago. Está hoje no sitio d'esta victoria uma Ermida de Nossa Senhora, com a invocação de *S. Maria do Odigebe alcance* (outros disem *Evora alcance*) que se erigio para memoria, e acção de graças».

D'estas noticias se conclue que no sitio do Alcance foram obtidas duas victorias sobre os Castelhanos: uma em 1400 e outra em 1476.

Em vista de o Condestavel ter a devocão de fazer construir igrejas para commemorar as suas victorias, parece-me, salvo melhor parecer, mais plausivel que a Ermida de Nossa Senhora do Alcance, em Evora, fosse mandada erigir por D. Nuno Alvares Pereira.

Em todo o caso são dignas de veneração as ruinas do Convento que substituiu a Ermida de 1400, e, como ellas não se poderão hoje conservar, bom seria que o Governo mandasse restaurar e resguardar o Calvario, e que a Camara de Mourão tomasse aos seus cuidados a conservação d'este, embora modesto, monumento da gloria nacional.

C. DA CAMARA MANUEL.

Antiguidades do Sul de Portugal

Mosaico lusitano-romano de Leiria.—Novo deus do pantheon lusitano

Em sessão de 14 de Junho de 1899, por occasião da minha estada em Paris, fiz á Sociedade dos Antiquarios de França, por convite de alguns membros d'ella, as duas seguintes communicações archeologicas, que foram publicadas no respectivo Boletim, e que reproduzo aqui com pequenas alterações.

I

«La mosaïque romaine polychrome dont j'ai l'honneur de vous présenter une aquarelle provient des environs de Leiria, en Portugal.

La ville de Leiria correspond à l'ancienne Colippo; on a trouvé dans cette ville, à des époques diverses, beaucoup d'autres antiquités

romaines, surtout des inscriptions, qui ont été publiées dans le tome II du *Corpus*.

Cette mosaïque, très grande, occupe à peu près un espace de vingt mètres carrés. Avec elle on a trouvé des chapiteaux très simples, des moulins, des briques, des tuiles, des clous, une fibule en bronze. Tous ces objets sont de l'époque romaine. On m'a dit qu'il y avait aussi des monnaies romaines, mais je n'ai pu les obtenir. Comme il arrive souvent, cette mosaïque a été trouvée par hasard, au cours de travaux ruraux. M. Korrodi, professeur à l'école industrielle de Leiria, m'a immédiatement averti de la trouvaille, et j'ai pu l'acquérir pour le Musée ethnologique portugais, grâce à l'obligeance de M. Luis Gaspar Portella, propriétaire du terrain. Elle est encore inédite. Malheureusement, le monument est un peu détérioré, mais la restitution idéale du sujet est très facile. On y voit Orphée jouant de la lyre, entouré d'oiseaux et de quadrupèdes, par exemple le chien, le cerf, etc. Ce sujet est bien connu des archéologues. On a trouvé des mosaïques semblables en Italie, en France, en Afrique: ici même, au Louvre, il y en a une provenant d'Hadrumète. M. Héron de Villefosse en a dressé la liste dans le *Bulletin des Antiquaires* (1881, p. 320 et suiv.). Cependant, on ne connaît encore en Lusitanie qu'une mosaïque représentant ce sujet (Voir *Archivo Pittoresco*, I, 125); c'est pourquoi il m'a paru utile d'offrir à votre Société ces quelques renseignements très sommaires».

II

«L'autre sujet sur lequel je désire arrêter votre attention pendant quelques minutes appartient aussi à l'archéologie romaine de mon pays, mais à une région éloignée de celle dont je viens de vous parler.

Il s'agit d'une inscription romaine inédite, trouvée près d'Evora:

S A C T R
V N E S O
C E S I O
S A C R V
G L I C . . .
Q V I N T
c I N V . . .
B A L S

Evora s'appelait dans l'antiquité *Ebora*. Les Romains lui ont donné le titre de *municipium Liberalitas Iulia*. De son ancienne splendeur

à l'époque romaine, il reste encore dans la ville d'importants vestiges: des inscriptions, des murailles, une porte et surtout un temple presque entièrement conservé dont j'ai l'honneur de faire circuler une vue; malheureusement, on ne sait pas à quelle divinité il était consacré. Le Musée archéologique d'Evora renferme quelques antiquités trouvées dans l'intérieur du temple, mais elles n'ont rien apporté pour la détermination de la divinité. Le temple occupe le point le plus élevé de la ville, près de la cathédrale. Evora est aussi célèbre par ses monnaies autonomes; on y a frappé deux sortes de monnaies à l'époque romaine, représentées toutes deux dans le Cabinet des médailles de la Bibliothèque nationale de Paris. Les environs d'Evora, comme tout le département, sont très riches en antiquités romaines. Il y a une petite bibliographie sur ces antiquités: on doit surtout citer au XVI^e siècle les travaux d'André de Resende, le père de l'archéologie portugaise, et actuellement ceux de M. Gabriel Pereira, né à Evora et directeur de la Bibliothèque Nationale de Lisbonne. On y rencontre même des antiquités d'autres époques. Dans l'*Arch. Port.*, IV, 121 sqq., j'ai publié dernièrement quelques notices d'antiquités préhistoriques de cette région. Cette même province (Alemtejo) a fourni aussi une belle épée de bronze que j'ai achetée pour le Musée ethnologique portugais et qui appartient à la fin de l'époque du bronze. On a trouvé en France des exemplaires qui rappellent ce type: ici même, au Louvre, il y en a quelques-uns; mais en Portugal c'est le seul exemplaire connu de cette longueur. Le même type existe en Espagne (Voir *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* de M. Cartailhac, pag. 233).

Ce n'est pas cependant de l'archéologie préromaine que je veux particulièrement vous entretenir, mais, comme je l'ai dit, d'une inscription romaine.

Je ne peux pas entrer dans beaucoup de détails sur la paléographie, et je résume l'étude que j'en ai faite.

Je lis l'inscription de la manière suivante:

Sancto Runeso Cesio sacrum. Gaius Licinius Quinctinus, Balsensis.

Balsensis veut dire natif de Balsa, qui était une ville romaine de l'Algarve.

De cette ville il reste encore de nombreuses antiquités romaines: des inscriptions, des lampes, des vases, des verres, des bronzes, etc.; beaucoup de ces objets sont réunis dans le Musée ethnologique portugais de Lisbonne.

Cette inscription est importante parce qu'elle nous fait connaître un nouveau dieu du Panthéon lusitanien, Panthéon qui n'en était pas pauvre.

J'ai l'honneur d'offrir sur ce sujet à la Société, pour sa bibliothèque, le premier volume d'un ouvrage auquel je travaille actuellement et un abrégé en français de tout ce travail.

Le nouveau dieu s'appelait *Runesus Cesius*. Il est difficile de dire si *Cesius* est une épithète ou s'il appartient proprement au nom, qui en ce cas serait composé, comme tant d'autres du Panthéon lusitanien, par exemple *Trebaruna*. Le nom *Runesus* me paraît celtique: formé du thème *Run-*, qui se retrouve aussi dans le nom de la déesse que je viens de citer, *Trebaruna*, et dans l'irlandais *run*, qui signifie «mystère»; le suffixe *-esus* se trouve par exemple en *Lobesus*, *Lovesus*, noms qu'on peut lire dans des inscriptions du sud du Portugal (Voir sur ce suffixe l'*Altceltischer Sprachschatz* de Holder). Selon cette explication, le nom du dieu signifierait quelque chose comme *le mystérieux*, dénomination qui convient parfaitement à un dieu et qui était aussi celle de la déesse que j'ai mentionnée plus haut. M. d'Arbois de Jubainville, l'illustre et aimable professeur au Collège de France, que j'ai consulté sur l'étymologie que je viens de proposer, ne la désapprouve pas. L'autre partie du nom, c'est-à-dire *Cesius*, est plus difficile d'expliquer; cependant, je ne serais pas éloigné de croire que dans ce texte, évidemment barbare, on a pu écrire *Cesius* au lieu de *Gaesius*, parce que les lettres *C* et *G* d'un côté et *ae* et *e* de l'autre sont fréquemment substituées l'une à l'autre dans l'épigraphie romaine. Dans cette hypothèse, *Gaesius*, serait un dérivé du mot celtique qui en latin a la forme *gaesum* et en grec la forme $\gamma\zeta\tauος$; comme ce mot signifie «dard», l'adjectif *Gaesius* signifierait «armé du dard». *Runesus Cesius* serait donc un «dieu armé du dard».

Quoi qu'il en soit, le fait positif acquis à la science et surtout à l'ethnologie du Portugal, c'est que, à l'époque romaine, les peuples des environs d'*Ebora* adoraient un dieu appelé *Runesus Cesius*, qui portait probablement un nom celtique, ce qui est d'accord avec ce que nous savons de la domination des Celtes dans cette région du Portugal, soit par les auteurs comme Pline dans son *Histoire naturelle*, soit par l'onomastique. Le nom même d'*Ebora* a la physionomie d'un nom celtique apparenté au nom irlandais *ibhar*, qui signifie «if»: le nom latin correspondant est *taxis*, d'où provient la forme portugaise actuelle *teixo*, qui est abondamment représentée dans l'onomastique moderne du Portugal, particulièrement dans les dérivés, *Teixeira*, *Teixedo* et d'autres. Que le nom *Ebora* ait été, dans l'antiquité lusitanienne, un nom commun, cela est démontré par le fait qu'il y avait dans la Lusitanie d'autres localités du même nom. Un texte de Pline et une inscription que j'ai découverte, et qui est encore inédite, nous donnent *Eburobrit-*

tium et Eburo-; il y a encore aujourd'hui au nord du Tage, dans la région d'*Eburobrittum*, un village qui porte le nom d'*Evora*.

'Ainsi, le petit texte dont j'ai l'honneur de vous parler soulève des questions de deux ordres: la religion indigène à l'époque romaine; l'influence celtique dans le sud de la Lusitanie portugaise; et il fournit sur ces deux sujets des indications qui contribuent à les éclairer».

(*Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1899, pag. 269-273).

J. L. DE V.

Epitaphios

Observações sobre os que vem transcritos em *O Archeologo Português*, II, 144, 262, 149 e 150:

1) O epitaphio do Dr. Gaspar Pinto Correia (pag. 262) é composto de distichos de hexametros e pentametros; deve pois escrever-se do seguinte modo:

Hic jacet, hic tacitus loquitur sine voce magister.

Multa loquendo dedit, plura tacendo docet.

Multa dedit calamo et lingua documenta per orbem;

Sed majora brevis dat documenta lapis.

Qui male vixit erit post mortem mortuus idem;

Post mortem vivus si bene vixit erit.

Ars bene vivendi et moriendi est una, viator,

..... *in aeternum vivere, disce mori.*

Na lacuna da ultima linha deviam estar duas syllabas, sendo a primeira longa e a segunda breve, e devendo esta acabar em consoante. Porventura o autor escreveu «*Vis et [também] in aeternum vivere?*», e teria na mente o verso de Vergilio — *Vultis et his mecum pariter considerare regnis?* (*Eneida*, I, 572).

2) No epitaphio que vem a pag. 146, em *Petrus Durandi*, o genitivo *Durandi* deve traduzir-se não por «Durando» (ou «Durão»), como fizeram Jorge Cardoso e Cerqueira Pinto, mas sim pelo patronymico «Durães».

A pag. 148, linha 1.^a, está *tibi*, quando no fac-simile se lê *sibi*. O erro é typographic ou do ms. de Cerqueira Pinto. *sibi* por *ei* (assim como *secum* por *cum eo*) pertence ao latim medieval; encontra-se, por exemplo, no opusculo anonymo publicado por Heydenreich com o titulo:

tium et Eburo-; il y a encore aujourd'hui au nord du Tage, dans la région d'*Eburobrittum*, un village qui porte le nom d'*Evora*.

'Ainsi, le petit texte dont j'ai l'honneur de vous parler soulève des questions de deux ordres: la religion indigène à l'époque romaine; l'influence celtique dans le sud de la Lusitanie portugaise; et il fournit sur ces deux sujets des indications qui contribuent à les éclairer».

(*Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, 1899, pag. 269-273).

J. L. DE V.

Epitaphios

Observações sobre os que vem transcritos em *O Archeologo Português*, II, 144, 262, 149 e 150:

1) O epitaphio do Dr. Gaspar Pinto Correia (pag. 262) é composto de distichos de hexametros e pentametros; deve pois escrever-se do seguinte modo:

Hic jacet, hic tacitus loquitur sine voce magister.

Multa loquendo dedit, plura tacendo docet.

Multa dedit calamo et lingua documenta per orbem;

Sed majora brevis dat documenta lapis.

Qui male vixit erit post mortem mortuus idem;

Post mortem vivus si bene vixit erit.

Ars bene vivendi et moriendi est una, viator,

..... *in aeternum vivere, disce mori.*

Na lacuna da ultima linha deviam estar duas syllabas, sendo a primeira longa e a segunda breve, e devendo esta acabar em consoante. Porventura o autor escreveu «*Vis et [também] in aeternum vivere?*», e teria na mente o verso de Vergilio — *Vultis et his mecum pariter considerare regnis?* (*Eneida*, I, 572).

2) No epitaphio que vem a pag. 146, em *Petrus Durandi*, o genitivo *Durandi* deve traduzir-se não por «Durando» (ou «Durão»), como fizeram Jorge Cardoso e Cerqueira Pinto, mas sim pelo patronymico «Durães».

A pag. 148, linha 1.^a, está *tibi*, quando no fac-simile se lê *sibi*. O erro é typographic ou do ms. de Cerqueira Pinto. *sibi* por *ei* (assim como *secum* por *cum eo*) pertence ao latim medieval; encontra-se, por exemplo, no opusculo anonymo publicado por Heydenreich com o titulo:

De Constantino Magno ejusque matre Helena libellus, a pagg. 5, l. 25; 14, l. 6; 18, l. 8; 21, l. 32; 22, l. 6. Jorge Cardoso, pensando que *sibi* estava por *tibi*, traduziu inexatamente os dois ultimos versos.

3) O epitaphio de Fr. Estevão Vasques Pimentel (pag. 149 sgg.) foi aberto por individuo em extremo negligente, que chegou a pôr o numeral *septuaginta* em duas palavras, interpondo um ponto entre *septua* e *ginta*. É pois ás vezes difficil, senão impossivel, reconhecer o que estava no original que o abridor tinha diante de si.

O epitaphio é em distichos de hexametros e pentametros leoninos.

No verso 3 devia estar *nascy* segundo exige o sentido e a rima, (com *Valascy*).

No verso 8 foram saltadas duas syllabas entre *meliore* e *transiit*, sendo a primeira breve, e a segunda longa e final de palavra.

Duvido absolutamente da exactidão da palavra *terras* no verso 7. Deve encobrir o nominativo de um adjectivo.

Os versos 10 a 14 são obscurissimos. Velho de Barbosa diz que no verso 10, em lugar de *papa sedebat iby*, devia ser *talvez* (adverbio suprimido no artigo de que estou fallando) *papa accedebat ibi*. Não pôde ser porque ficaria o verso errado, sendo que as seis ultimas syllabas devem ter a fórmā —— — e a supposta emenda de Velho de Barbosa (que assim mostra haver desconhecido a natureza do verso) daria —— —. No verso 12 a segunda palavra era no original indubitablemente *Rivus*. W não é o doble *v* germanico, senão as letras *vu* (em caracteres maiusculos V V) enlaçadas.

Que o *i* anteposto ao *r* é devido a êrro do abridor da inscripção, prova-o a metrica, pois que assim a primeira syllaba do verso, que tem de ser longa, ficaria breve. No verso 14 é obvio que devia estar *numerando*.

No verso 16 *ubi plus placuit* foi traduzido por Velho de Barbosa «onde melhor lhe agradou», erradamente. A traducção verdadeira é «conde, de mais («alem d'isto») lhe aprouve», (sendo o sujeito a oração seguinte de *ut*, para a qual pertence o adverbio *ubi*).

No verso 18 *consociis* está bem; é dativo que pertence para *reliquit* e ha-de ler-se *cum sociis*, que V. de Barbosa traduz fantasticamente «com as suas pertenças». *hiis* é graphia do dativo do plural de *is*, = *iis*; concorda com *consociis*.

No verso 23 *s* é abbreviatura de *sic*.

No verso 25 *tercentenit* por *ter centenis* é evidentemente êrro do abridor.

Museu Municipal de Bragança

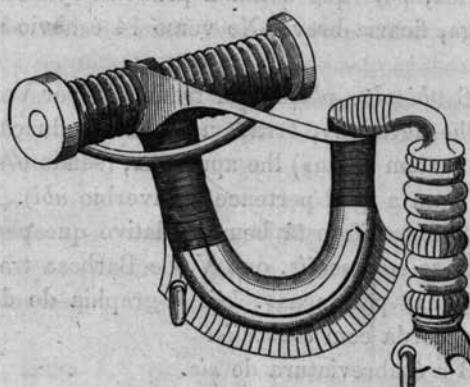
Entre os objectos curiosos que tem entrado neste Museu venho aqui apresentar os desenhos de dois, que, com o que foi encontrado nos Estevaes de Mogadouro e já foi enviado, por cópia, para *O Archeologo Português* (vid. vol. V, pag. 250), constituem tres exemplares muito interessantes e representativos de uma epocha.

1)



O n.º 1 é de cobre não oxidado, está bem conservado e foi achado no Castro de Picote (Miranda do Douro) com algumas moedas romanas e outros objectos de cobre. A respeito d'esta povoação e do seu castro veja-se *O Arch. Port.* v. 143-145.

2)



O numero 2 foi encontrado no Castro de Argozello (Vimioso). É de cobre tambem, e está de tal modo oxidado que parece, assim como o dos

Estevaes, estar coberto de uma tinta esverdeada e luzidia. É, como se vê, trabalho mais perfeito e de mais luxo que o de Picote. D'elles parece que ainda pendiam appendices, pois que na parte interna das voltas se conhecem algumas saliencias como que feitas pelo roçar de qualquer argola ou gancho de uma substancia rija como o cobre ou ferro.

Foram «fibulas» usadas pelos povos que viveram nos castros onde foram encontradas.

Bragança, Junho de 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

P. S.

São particularmente interessantes para a nossa archeologia as fibulas precedentes, cujo typo constitue um dos caracteres da segunda idade do ferro, denominada de *La Tène*, do nome de uma localidade suíça que se tornou célebre como estação archeologica. A segunda d'estas fibulas encontra se noutras localidades da Peninsula, e parece ser-lhe peculiar; no Museu Ethnologico tenho alguns exemplares d'este typo, encontrados por mim no nosso *oppidum* de Pragança (Extremadura); cfr. tambem o que diz E. Cartailhac nos seus *Agés préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 298-299, etc.; dos bellos typos hespanhóes por este archeologo reproduzidos *ibidem*, pag. 298, possue o Museu Ethnologico Português um exemplar que adquiri em Hespanha, com outras preciosidades archeologicas, em 1900. A civilização de *La Tène*, que se propagou em grande parte da Europa, é tambem chamada *gaulesa* ou *celtica*. No Museu Ethnologico archivei outro exemplar das fibulas caracteristicas de *La Tène*, que obtive na Suiça, e tem a mesma proveniencia que muitos que estão no Museu de Zürich.

J. L. DE V.

Notícias várias

1. Moedas antigas

«Na caserna do corpo de bombeiros, na Esperança, quando se procedia ao levantamento de umas lages, numa dependencia do antigo convento encontraram-se algumas moedas sendo, 6 de ouro, 2 de cruzado, 2 de oito tostões, 2 de dez, e de prata; 1 de 40 réis e outra de tres vintens, em perfeito estado de conservação, e juntamente um coração de madreperola com a seguinte inscrição: V.^a C. MEV AMOR, tendo um arabesco por baixo, que parece gravado a agulha ou canivete.

Estevaes, estar coberto de uma tinta esverdeada e luzidia. É, como se vê, trabalho mais perfeito e de mais luxo que o de Picote. D'elles parece que ainda pendiam appendices, pois que na parte interna das voltas se conhecem algumas saliencias como que feitas pelo roçar de qualquer argola ou gancho de uma substancia rija como o cobre ou ferro.

Foram «fibulas» usadas pelos povos que viveram nos castros onde foram encontradas.

Bragança, Junho de 1900.

ALBINO PEREIRA LOPO.

P. S.

São particularmente interessantes para a nossa archeologia as fibulas precedentes, cujo typo constitue um dos caracteres da segunda idade do ferro, denominada de *La Tène*, do nome de uma localidade suíça que se tornou célebre como estação archeologica. A segunda d'estas fibulas encontra se noutras localidades da Peninsula, e parece ser-lhe peculiar; no Museu Ethnologico tenho alguns exemplares d'este typo, encontrados por mim no nosso *oppidum* de Pragança (Extremadura); cfr. tambem o que diz E. Cartailhac nos seus *Agés préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 298-299, etc.; dos bellos typos hespanhóes por este archeologo reproduzidos *ibidem*, pag. 298, possue o Museu Ethnologico Português um exemplar que adquiri em Hespanha, com outras preciosidades archeologicas, em 1900. A civilização de *La Tène*, que se propagou em grande parte da Europa, é tambem chamada *gaulesa* ou *celtica*. No Museu Ethnologico archivei outro exemplar das fibulas caracteristicas de *La Tène*, que obtive na Suiça, e tem a mesma proveniencia que muitos que estão no Museu de Zürich.

J. L. DE V.

Notícias várias

1. Moedas antigas

«Na caserna do corpo de bombeiros, na Esperança, quando se procedia ao levantamento de umas lages, numa dependencia do antigo convento encontraram-se algumas moedas sendo, 6 de ouro, 2 de cruzado, 2 de oito tostões, 2 de dez, e de prata; 1 de 40 réis e outra de tres vintens, em perfeito estado de conservação, e juntamente um coração de madreperola com a seguinte inscrição: V.^a C. MEV AMOR, tendo um arabesco por baixo, que parece gravado a agulha ou canivete.

Estes objectos vão ser remetidos pela inspecção dos incendios, onde se acham, ao Presidente da Camara Municipal de Lisboa, que lhe dará o destino conveniente».

(De um jornal, de cujo nome me esqueci de tomar nota).

2. Vandalismo

«Em Silves, uma das quatro vetustas cidades do reino arabe dos Algarves, existe uma velha cathedral, monumento archeologico precioso, digna de toda a veneração.

O tempo, como é natural, imprimiu-lhe o seu cunho de vetustez, o aspecto denegrido, do que é antigo.

A junta de parochia da terra, porém, embrirrou com a velhice do monumento e resolveu remoçá-lo.

Mandou pintar de vermelho o templo, tanto exterior como interiormente, e como as juntas das pedras, mordidas pelos séculos, estavam gastas e carcomidas, mandou-lhes fazer uns rebôcos de gesso, salientes e em forma de frisos, brancos, para dar mais realce e, porventura, mais encanto ao singularissimo remoçamento.

Ficou muito catita o velhíssimo templo. De longe parece um *chalet* de praia».

(Notícia extraída de um jornal).

3. O pelourinho de Santa Comba dão

«Ha dias a Camara Municipal mandou mudar o pelourinho — um velho e grosseiro monólito de granito — do largo do Engenheiro Urbano, para o do Tribunal, mas o encarregado da mudança, pela sua impericia, dirigiu por tal forma a operação, que a columna partiu em quatro pedaços. E como não ha meio de obrigar o mestre d'obras a fazer outra, ali permanecem, e hão de permanecer, por largo tempo os destroços d'aquella obra prima dos nossos maiores».

(*D'A Folha do Povo*, de 2 de Maio de 1898).

4. Antiguidades de Santarem

«Numas escavações que estão fazendo em Pombalinho, para edificação de uns lagares e adegas, tem aparecido bastas ossadas humanas, algumas moedas antigas e imagens de santos.

Naquelle local, ou proximo, foi em tempo uma igreja sob a invocação de Santo Antonio».

(*O Seculo* n.º 5:894, de 11 de Julho de 1898).

5. Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra

«Reabriu no dia 1, ao público, o Museu de antiguidades do Instituto de Coimbra.

Fundado em 1873, por iniciativa de um grupo de homens dedicados, este museu manteve-se durante annos com proporções modestas.

Depois, a morte de alguns dos principaes influentes, e o cansaço de outros, fizeram que elle caisse em completo estado de abandono.

Salvaram-o alguns entusiastas e amadores, que, eleitos em 1895 para a direcção da secção de archeologia, tomaram a peito reorganizar o museu em proporções mais vastas, colligindo alli todos quantos objectos de valor archeologico ou artistico pudessem obter.

Assim o fizeram, e a 26 de Abril de 1896 realizava-se uma sessão solemne da secção de archeologia, para o efecto de inaugurar o Museu na sua nova installação.

Depois d'isso, a direcção, que é composta dos Srs. Drs. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Joaquim Mendes dos Remedios, José Antonio de Sousa Nasareth e de Antonio Augusto Gonçalves, não se tem poupadado a trabalhos para salvar da destruição os documentos historicos de maior ou menor valor, que ainda nos restam, e para os ir reunindo e colleccionando.

Em breve se reconheceu que as duas salas, denominadas «Ayres de Campos» e «Costa Simões», eram insuficientes para conterem objectos. A direcção da secção de archeologia pede nestas alturas e obtém do reitor da Universidade, o benemerito dr. Costa Simões, a concessão de umas casas ocupadas pela Universidade e contiguas ás salas do Museu; do Ministerio das Obras Publicas consegue que se realizem as obras necessarias de adaptação, e assim se arranjaram em poucos meses amplas salas, onde novamente se distribuem e installam os objectos, em disposição ao mesmo tempo ordenada e artística.

Acabamos de sair agora mesmo do Museu do Instituto, e devemos declarar que saímos muitíssimo bem impressionados.

Quer attendamos ao valor do que alli se encontra, quer ao bom gosto na disposição e arranjo, não é facil depararem-se-nos museus que nos satisfaçam tão completamente.

Vamos dar uma nota muito rapida do que é o Museu de antiguidades do Instituto.

Compõe-se de quatro grandes salas alem de pequenos annexos.

A primeira sala («Ayres de Campos») tem duas secções. Encontramos em primeiro logar a secção romana, onde se vêem numerosos

monumentos sepulcraes, amphoras, tijolos, fragmentos de estatuas, mosaicos e muitos utensilios de ferro e de barro do tempo dos romanos, todos encontrados em Portugal, e a maior parte d'elles nas ruinas de Conimbriga, perto de Condeixa-a-Velha, e de Aeminium, actual Coimbra.

Ha aqui monumentos de alto valor historico.

A outra secção da primeira sala é medieval, rica de monumentos das artes romanica e gothica.

Chamam aqui a attenção, em especial, uma bella collecção de imagens do seculo XIV, diversas esculturas em meio relevo, numerosas inscripções gothicas, um bellissimo quadro «mudjar» de estuque, etc.

A segunda sala («Costa Simões») foi destinada exclusivamente a faiança.

Admira-se alli uma collecção de louças, valiosissimas pela abundancia e valor dos exemplares.

Quem quiser estudar a historia da faiança em Portugal não pôde deixar de visitar esta sala, e de se demorar nella em minucioso exame. Os progressos da faiança coimbrã no seculo passado, antes da decantada influencia do Dr. Vandelli, são uma verdadeira revelação, devida ás peças documentaes aqui reunidas, a algumas das quaes não falta nem a assignatura do fabricante, nem a data do fabrico.

Na terceira sala, encontram-se objectos de mobiliario, pinturas, esculturas de madeira, uma vasta collecção de manuscritos em pergaminho, plantas e alçados de varios edificios e secções da cidade de Coimbra, desenhados no seculo passado, tapeçarias, vidros, bronzes, etc., etc.

Na quarta sala, acha-se reunido tudo quanto ha no Museu em estylo da Renascença, encontrando-se alli bellos exemplares de escultura de pedra, e nove magnificas estatuas de barro, que representam Jesus Christo e os apostolos, de tamanho maior do que o natural, trabalho dos principios do seculo XVI.

Finalmente, numa pequena sala contigua a esta, encontram-se objectos que não tem cabimento em nenhuma das outras.

Os trabalhos de installação foram dirigidos pelos Srs. Antonio Augusto Gonçalves e Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, dois artistas distinctissimos e illustradissimos, aos quaes as artes devem mui relevantes serviços.

Ambos são collecionadores muito notaveis, e as suas collecções avultam no Museu do Instituto, que acabamos de descrever, e onde quem quiser pôde depositar qualquer objecto, desde que lá tenha cabimento.

A grande collecção de faianças que enche a segunda sala pertence quasi exclusivamente áquelles dois cavalheiros.

O Museu acha-se aberto em todos os domingos e dias santificados, desde as 11 horas da manhã até às 3 da tarde».

(*D'O Seculo*, de 16 de Janeiro de 1899).

6. Reliquia apagada

«Na freguesia de Molellos, concelho de Tondella, existe um baldio que mede quatro kilometros em circumferencia, denominado o Tojal-Mau, em cujo centro se eleva uma eminencia de quatro metros, approximadamente, de cota, e setenta de circumferencia. Haverá quarenta annos que existia, em poder de uma mulher da freguesia, um roteiro a que ella não ligava importancia alguma, e que passou ás mãos de um homem que mais ou menos orientado sobre a qualidade de thesouros escondidos num subterraneo do referido local, lhe conferiu o devido valor pela luz que viria fazer sobre o caso.

De facto, o tal roteiro dizia que no Tojal-Mau existia um thesouro enterrado, e indicava o ponto em que se encontrava. Este individuo usou de discreção, communicando o facto apenas a alguns amigos intimos, e tratou de explorar o ponto que o roteiro recommendava.

Começaram as excavações, e, á profundidade de vinte palmos, encontraram pedra, removeram-na, e certificaram-se de que ella era como que a parte de entrada para uma galeria, cujo tecto era abobadado, onde entraram, e, avançando por ella dentro, encontraram-se no interior de um quarto tambem de abobada, e construido com pedras enormes, cuja superficie devia ser de 5 a 6 metros quadrados por 4 ou 5 de altura. D'este quarto saiam dois corredores, um para leste e outro para nordeste, com dimensões taes que por elles podia transitar um cavalleiro.

Estes corredores eram tambem construidos com pedras enormes e em abobada. Dizia o referido roteiro que um d'elles ia ter ao rio do Portudinho, e o outro ao riacho das Frágua, uma distancia de 4 a 5 kilometros. Não se sabe se os individuos, que exploraram o subterraneo, encontraram o annuciado thesouro, ou se este consistia em objectos de que se apossaram, diversos utensilios, entre os quaes alguns de marmore. Posteriormente, algumas pessoas voltaram a explorar, com a mira no decantado thesouro que o roteiro annunciava, mas debalde.

Durante bastante tempo esteve aberta, á vista dos curiosos, esta reliquia; ninguem pôde, porém, ir ao fim dos corredores, pela falta de luz e ar que se fazia sentir gradualmente. Passados annos, um in-

dividuo, com prévia auctorização competente, procedeu á sua demolição, utilizando essa preciosa pedra na construcçao de um predio.

Hoje, apenas existe a eminencia, em cujo centro se abre um fosso, e algumas pedras notaveis pelo seu tamanho; os corredores estão impenetraveis pela agglomeração do entulho produzido pela demolição.

É para lamentar que a auctoridade competente d'aquelle tempo consentisse na demolição d'aquelle memoria tão digna de admiraçao. O que influiria para este fim? O magro dinheiro que pela sua apro-priaçao reclamariam? Talvez».

(*O Seculo*, de 19 de Janeiro de 1899).

7. Achado archeologico

«Numa bouça¹ pertencente ao Sr. Dr. Rebello Barbosa, de Santo Thyrso, procedendo-se a excavações, foi encontrado um grande vaso de barro dentro do qual estava um outro da mesma materia cheio de moedas antigas, litteralmente cobertas de verdete e formando por assim dizer uma massa compacta, de fórmia que impossivel se tornava separá-las umas das outras e tirá-las pela bocca da vasilha. Partiu-se esta, e as moedas, adherentes umas ás outras, apresentavam o feitio da vasilha destruida. Depois de alguns esforços, conseguiu-se fragmentar o bloco das moedas e destacar algumas, reconhecendo-se que eram romanas, de cobre.

As moedas são em grande quantidade, calculando-se em cerca de 5:000.

Procedendo-se á limpeza de algumas moedas (umas 130), notou-se que são do tempo dos imperadores romanos Gallieno e Probo, sendo muitas de bilhão e achando-se em perfeito estado de conservação».

(*O Popular*, de 22 de Agosto de 1900).

*

Tendo o redactor d'*O Archeologo* escrito ao Sr. Dr. Rebello Barbosa a pedir-lhe informações do achado, recebeu d'ele as seguintes, que, por serem interessantes, aqui se publicam para explanaçao da notícia precedente:

«Paços de Ferreira, 30 de Agosto de 1900.—Espero reconstituir uma das vasilhas. A outra, que servia de envolucro á que continha as

¹ Chamada Lage, freguesia de Villarinho, concelho de Santo Thyrso.

moedas, não pôde já ser reconstituída, porque os seus fragmentos acham-se actualmente na posse de muitas pessoas. Junto do local do achado não ha vestigios de construções, nem sepulturas. Segundo os melhores calculos, as moedas foram enterradas ha mais de 1:600 annos, visto não haver moedas de Constantino Magno nem de outros imperadores posteriores a este. Quando as moedas foram escondidas, a freguesia de Villarinho era completamente desabitada. Verifica-se á face de documentos e prazos antigos que a freguesia de Villarinho começou a ser habitada depois de 1300».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

322. Monte-Mor-o-Velho (Beira)

Ruinas

«O seu primeiro nome foi Acedobriga que teve duraçam de 1780 annos porque sendo seu Governador o Romano Manlio, 120 annos do salutifero nascimento lhe deu o nome de Cidade Manlianense, com que he conhecida dos Latinos¹. Confirmasse o nome de Cidade por algumas antigas escrituras, pella constante tradiçam, largos e espaçozos vestigios de edificios e sepulturas que mostram haver sido populoza, pois se estendia até o sitio de Ravel, que de prezente he olivedo, e terras de pam em grande circumferencia. Algumas pessoas se persuadem, a que teve o nome de Cidade de Arravel, mas nam se deve deixar o certo pelo duvidoso». (Tomo xxiv, fl. 1465).

323. Monte-Negro (Tras-os-Montes)

Mina de estanho

«Nesta dita serra junto a S. Julião em hũ sitio que dizem Valdoar me dizem pessoas velhas que ouvirão dizer se tirava antigamente estanho de hña mina; e lá se vem ainda hoje alguns vestigios». (Tomo xxiv, fl. 1504).

324. Monte da Pedra (Alemtejo)

Povoação antiga. — Penedo Gordo e Lage de Santo Estevão

«Antigamente era esta Igreja a do logar do Sourinho e orago era Nossa Senhora com o titolo de Santa Maria, porem dezertarão os mo-

¹ Nota marginal: Manuscriptos dos Antiquarios Manuel de Barros de Escovar e Capitam Mór Antonio Correa da Fonseca.

moedas, não pôde já ser reconstituída, porque os seus fragmentos acham-se actualmente na posse de muitas pessoas. Junto do local do achado não ha vestigios de construções, nem sepulturas. Segundo os melhores calculos, as moedas foram enterradas ha mais de 1:600 annos, visto não haver moedas de Constantino Magno nem de outros imperadores posteriores a este. Quando as moedas foram escondidas, a freguesia de Villarinho era completamente desabitada. Verifica-se á face de documentos e prazos antigos que a freguesia de Villarinho começou a ser habitada depois de 1300».

PEDRO A. DE AZEVEDO.

**Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»**

322. Monte-Mor-o-Velho (Beira)

Ruinas

«O seu primeiro nome foi Acedobriga que teve duraçam de 1780 annos porque sendo seu Governador o Romano Manlio, 120 annos do salutifero nascimento lhe deu o nome de Cidade Manlianense, com que he conhecida dos Latinos¹. Confirmasse o nome de Cidade por algumas antigas escrituras, pella constante tradiçam, largos e espaçozos vestigios de edificios e sepulturas que mostram haver sido populoza, pois se estendia até o sitio de Ravel, que de prezente he olivedo, e terras de pam em grande circumferencia. Algumas pessoas se persuadem, a que teve o nome de Cidade de Arravel, mas nam se deve deixar o certo pelo duvidoso». (Tomo xxiv, fl. 1465).

323. Monte-Negro (Tras-os-Montes)

Mina de estanho

«Nesta dita serra junto a S. Julião em hũ sitio que dizem Valdoar me dizem pessoas velhas que ouvirão dizer se tirava antigamente estanho de hña mina; e lá se vem ainda hoje alguns vestigios». (Tomo xxiv, fl. 1504).

324. Monte da Pedra (Alemtejo)

Povoação antiga. — Penedo Gordo e Lage de Santo Estevão

«Antigamente era esta Igreja a do logar do Sourinho e orago era Nossa Senhora com o titolo de Santa Maria, porem dezertarão os mo-

¹ Nota marginal: Manuscriptos dos Antiquarios Manuel de Barros de Escovar e Capitam Mór Antonio Correa da Fonseca.

radores aquelle lugar que dista desta terra para o Poente meya legoa ahonde ahinda hoje existem os fundamentos dos edificios que estão em terra da Sagrada Religião de Malta.

A razão, o motivo que se dis, tiverão os moradores para dezempararem aquelle logar e Povoacãm do Sourinho forão humas Fantasmas¹ que tão bem se diz ali apparecção e intimidados dellas os moradores forão obrigados a dezemparar aquelle lugar e constetuir a Freguezia em este Monte da Pedra, em huma Ermida de Santiago que aqui estava e por isso ahinda hoje os moradores conservão a Imagem de Santiago em o Altar Mor ao lado direito.

Neste lugar de Sourinho se diz moravão e assistião muitos Cavalheiros que se chamavão os Cavalleiros da Espora dourada, os quais por tradição se diz que se extinguirão e morrerão na seguida que fizerão a El Rey Dom Sebastiam para a guerra, porem como com os incendios se consumirão os livros e papeis antigos, não ha hoje outra certeza mais que tão somente a tradigão e a pouca curiozidade fas muitas vezes ficar as coisas em esquecimento.

Chama-se a esta terra o Monte da Pedra pela notabelidade de duas pedras que estão no seu limite; huma chama-se o Penedo Gordo que está junto a esta terra na distancia de cento e cincoenta passos pouco mais ou menos, ahonde os moradores deste Povo ajuntão no verão todo o pão em palha e asi o fabricam e malhão com muito comodo porque podem no mesmo tempo andar seis lavradores tratando separadamente cada hum do seu pam.

A outra pedra chama-se a Lagem de Santo Estevão a qual fica distante deste Povo a sexta parte de huma Lagoa para a parte do Sul, esta está em huma Planice com alguns cabeços pequenos de redor inclinada para o sul, porem he tão plana que por qualquer parte se pode entrar e sair della, tem de comprimento cento e septenta passos pouco mais ou menos; e de largura tem noventa passos pouco mais ou menos.

Para os seus naturais exagerarem a grandeza e singularidade desta Pedra ou Lagem, dizem que se podem em hum mesmo tempo fazer em ella quatorze Malhas. Chama-se-lhe a Lagem de Santo Estevão porque está perto de hum cazarão que era antigamente Ermida de Santo Estevão que se acha hoje colocada na Igreja desta Freguezia e he de quem se fas mensão no Interrogatorio treize, ut infra». (Tomo xxiv, fl. 1510).

¹ Cf. n.º 169 d'esta *Collecção*.

325. Monteiro (Beira)

Outeiro da Bandeira

«..... hum outeiro que chamão da Bandeira situado perto deste lugar a parte do nascente e o mais alto deste sitio: dizem as pessoas antigas que este nome lhe ficara por no tempo das guerras no levantamento se dar signal com húa Bandeira por ser sitio alto. Bem pode ser esta a razão do nome, se ja o não tivesse nesse tempo nascido de algua acção supresticioza». (Tomo xxiv, fl. 1689).

326. Moura (Alemtejo)

Estatua romana.—Inscrição romana e outros portuguezes.—Lenda

Freguesia de Santo Agostinho.—«Marco Antero Paulino, que por famigerado se lhe levantou estátua, cuja inscrição se achou em huma pedra de altura de hum homem, a qual estava enterrada em húa quorela de terra dos religiosos do Carmo desta villa, junto ao porto de Ardilla, que vay para Mourão aonde se achão vestigios de grandes edifícios». (Tomo xxv, fl. 1731).

Freguesia de S. João Baptista.—«No castello da villa se descobre hum padram em huma quina do Convento das Religiozas de Nossa Senhora da Assumpção com esta inscripçam:

JULIAE AGRIPINAE NERONIS CAESARIS MATRI
NOVA CIUITAS ARUCITANA¹.

desta inscripçam se vê, que sobre o mesmo padram leuantaram os moradores statua a may de Nero para eternizarem agradecidos nos seculos futuros a memoria de algum grande beneficio que lhe deuecem. Quando os mouros conquistaram os Hespanhoes ficou Senhor de muitos povos de Alemtejo com titulo de alcayde hum Mouro potentado chamado Boaçem, o qual deu a senhoria desta grande pouoaçam a sua filha Saluquia com o titulo de Alcaydesa. Como a senhoria hera moura e a cidade com o tempo perdeo o splendor primeyro, trocou o titulo e o nome: pelas ruinas do tempo, ficou somente com o titulo da villa; por ser moura a senhoria, ficou com o nome de Moura. Dizem outros que lhe ficou o nome de Moura, porque Dom Alvaro e D. Pedro Rodrigues

¹ Completa em parte no n.º 963 do *Corp. Insc. Lat.*

caualheyros que servirão de tronco a familia illustre dos Mouras foram os que a resgataram do poder dos mouros». (Tomo xxv, fl. 1741).

«O tecto he de madeyra e dos trez corpos que forma a Igreja (*do Convento dos Carmelitas Calçados*), o do meyo he todo estradado, a dos lados e o mays corpo da Igreja estam lagiados com 120 campas magnificas de marmore com as armas de seos donos e varias inscripsoins, entre as quaes se lê em huma este Epitaphio cellebre:

AQUI JAZ JOÃO DE ABRIL
QUE MORREU
POR SE RIR».

(Tomo xxv, fl. 1749).

«O sino he o grande que se conserva hoje na torre do Convento ; por meyo do qual obra a Senhora (*da Luz*) continuamente muitos prodigios afugentando as tempestades, e fazendo bem succedidas nos seos partos todas aquellas mulheres, que tem aperto semilhante a invocam com devoção». (Tomo xxv, fl. 1750).

«A hum lado desta Capella (*do Conde de Val dos Reis*) ultima está erigido hum Mausoleo soberbo de marmore embutido na parede com esta inscripção formal:

AQUI JAZEM OS CAVALHEYROS QUE RESGATARAM
E GANÇARAM AOS MOUROS ESTA TERRA EM TEMPO DE
DOM ROLIM».

(Tomo xxv, fl. 1751).

327. Mourão (Tras-os-Montes)

Cabeça murada. — Anexim local

«Sertefico em como tudo o Referido asima he verdade e nam achey couza mais couza de sustancia nem notavel de que se faça memoria mais do que estar esta pouoacam defronte de hum cabesso que se chama Cabeça Morada sito no destricto de Val do Forno e distante huma Legoa desta pouoçam. Ha outro destricto ou sitio a que chamam Lubazim e por intunumazia se dis deziam os Mouros coando foram espulçados destas Terras : Cabessa Murada e Val Lubazim munto ouro e prata fica em ti. Donde infiro que por se chamar Mouram esta pouoçam e ficar em meio dos doux sitios já referidos seria abitaçam em algum tempo de Mouros e como de Mouram para Mourama só lhe

falta á, seria falta dos Escritores ou quererlhe calar os Moradores¹. (Tomo xxv, fl. 1788).

328. S. Martinho-de-Mouros (Beira)

Origem do nome

«He esta terra chamada o Concelho de Sam Martinho de Mouro, denominação que me persuado lhe prouem asi de ser antigamente habitada de Mouros, ou de Barbaridade dos costumes de seos habitadores; porque de ordinario sam soberbos, e altivos ainda que pobres na mayor parte, qualidades que suponho participão de Jupiter por ficar maes chegado a este tenitroante (*sic*) presidente dos ares». (Tomo xxv, fl. 1825).

329. Moita (Extremadura)

Inscrição portuguesa

«Outra Capella fora da villa proximā a ella com o titulo de S. Sebastião, que foi freguezia e sagrada he antigua, pello que consta da primeira pessoa velha sepultada por hum letreiro de letra gotica que se acha lavrado em huma pedra dentro da Igreja da parte do norte no meyo da parede; que dis o seguinte:

AQUI JAS CATHERINA MARTINS MOREIRA
 FILHA DE MATHIAS VASQUES MOREIRA ESCU-
 DEIRO CRIADO DE ELREY D. DUARTE SEU
 VASSALO, E FINOU NA GUERRA PESTINHOZA,
 NESTA ERMIDA EM IDADE DE VINTE ANNOS
 MOÇA ESCOSSA (*sic*) A DOZE DE IULHO, ERA
 DO SENHOR DE 1453. A PRIMEIRA AQUI SEPULTADA.
 DEOS HAJA SUA ALMA A BEM.

(Tomo xxv, fl. 1846).

330. Mozellos (Beira)

Outeiro do Murado

«Junto a esta Igreja ha hum outeiro a que chamam do Morado que fica munto alto em hum monte o qual serve de apacentar os gados

¹ As vinte povoações existentes em Portugal, desde Tras-os-Montes até o Alemtejo, com o nome de Mourão, tem todas a mesma etymologia, que é *Maurani* ou *Mauran*, nome de homem.

cuya planicia no alto delle terá de comprido dozentos braços e de largura mais de cem tudo plano na suma altura mostra este nos antigos tempos ser cercado com ballo, cuyo monte ou outejro dizem os antigos que foi Praça dos Mouros, de cujo se descobre grande parte do Mar, a villa de Aueyro e todo o Rio que fica junto¹.». (Tomo xxv, fl. 1883).

331. Mozellos (Entre-Douro-e-Minho)

Ruinas de um paço

«Ha memoria de huma Caza chamada do Passo², de que ha poucos annos havia vestigios de pedras, portaes, genellas, e outras que mostravam grandesa da ditta couza, mas hoje nada disto ha no tal sitio, este hera na chamada quinta do Passo, que ainda assim se chama, a mayor parte della esta inculta, cheya de Carvalhos que dam Lenha e a menor parte se lavra e cultiva; esta Casa he tradiçam que fora de huus Brandões e Barbozas, gente nobre». (Tomo xxv, fl. 1888).

332. Muruja (Beira)

Tumulo. — Grandes lages

«Os privillegios e antiguidades desta freguezia he somente achar se na Parochia della hum Tomolo de pedra lavrada, mitido em hum largo Nicho da parede da mesma que he de hum acendente da caza de Mello.». (Tomo xxv, fl. 1978).

«Nam ha couza mais notavel no dito Lugar de que estarem a mayor parte das cazas delle circuitando humas grandes Lagias, que ficam no meyo e lhe servem de heyras para malhar, estender e recolher os frutos e palhas, com tanta larguezza, que podem muito bem andar seis ou cete malhas todas juntas, e ficando no meyo da mesma Lagia a capella do gloriozo Martir S. Sebastiam.». (Tomo xxv, fl. 1979).

333. Nandufe (Beira)

Arcos de pedra. — Crasto

«Finalmente advirtase que a Igreja deste Povo Nandufe tem nas costas ao lado, que lhe fica ao Norte trez Arcos de pedra miuda rentes

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, III, 139.

² Os grandes proprietarios do norte, no periodo da reconquista christã, assistiam em Paços (*palacios*), Paçôs (*palatiolos*) e Sás (*salas*).

da terra, e já tapados ha muntos annos com o mesmo material, e nam ha quem dê intelligencia a elles. Somente dizerem muntos que já ouviram dizer aos mais Antigos, que devia ser mysquita de Mouros, e para mais veneraçam de Sam Joam Baptista intravam e sahiam por aquellas portas por lhe nam virarem as costas. E ha hum sitio perto desta Igreyja chamado o Crasto, que bem mostrava antigamente ser Cidade, ou Povoação de Mouros, porque nelle haviam alicerses de Cazas e della trouxeram pera fabricar cazas muntos do Povo pedras bem quadradas, e com varios feytios, cujo sitio está de monte, pinhais e oliveyras e outras mais Arvores». (Tomo xxv, fl. 41).

334. Nisa¹ (Alemtejo)

Inscrições Portuguesa e romana. — Anta. — Achados de mosaicos. — Lage artificial. — Pelorinho. — Gruta

Freguesia de Nossa Senhora da Graça. — «Floreçeo em virtudes Frey Adam Dinis, natural desta villa..... foy sepultado no Adro da Matris como se vê do Epitafio da Campa de sua sepultura:

AQUI JAS FREY ADÃO DINIS

delle fas menção o Padre Frey Agostinho de Santa Maria no tomo 3.^o do Santuario Marianno, Livro 4.^o paginas 392». (Tomo xxv, fl. 150).

Freguesia do Espírito Santo. — «No convento de S. Francisco da Cidade de Portalegre se acha em hum Livro, que trata das antiguidades das terras deste Bispado e diz assim: «A terceyra povoação em antiguidade (dado que já destruida) foy Nisa estão seus edificios junto da villa de Niza, que parece ser depois edificada em memoria da antiga..... etc.» (Tomo xxv, fl. 168)..

«Ahinda hoje em as dittas ruinas se acha trigo queimado, como carvão; porem, com figura que bem dá a conhecer o que era. Poucos annos há andando lavrando hum Laurador achou em huma pilheira subterranea huma Vazilha de azeytê e feyto exame, de que tinha dentro, se achou ser azeyte ahinda com sua propria forma; porem, sem gosto

¹ Num documento de 8 de Novembro de 1352, que inclue um outro de 8 de Maio de 1329, faz-se menção da quinta e ribeira da *Anisa*. Archivo Nacional, *Collecção Especial*, caixa 113.

algum, do que era. Neste mesmo citio estão ahinda hoje vestigios de muitos edificios: como são: O castello, que a ditta villa tinha, cujo está em hum outeyro muy alto, principalmente para as partes do Nascente, e Norte, de cujas era invencivel. No mesmo citio se tem achado muitos dinheyros do tempo dos Romanos; e alguns se conservão ahinda hoje nesta Villa». (Tomo xxv, fl. 168).

«Ao poente desta Villa em huma tapada se achou há annos hum tumulo com seu amparo de parede em roda sobre o qual estava huma pedra de cantaria fina, e nella o Epitaphio com as letras que abaixo vân; hoje, porem, se acha a ditta Campa posta por escarçam de huma janella em huma caza que o senhorio da ditta tapada mandou fazer junto do ditto tumulo, que fica distante dos muros desta villa para o Poente hum bom tiro de balla, e para porem a ditta pedra no lugar referido lhe abririão hum buraco, com cuja abertura cortárão as letras que se prezume dirião o Imperador, que então reynava¹.

Há tambem, junto da Ermida de São Gens, que em seu lugar vay huma legoa distante desta Villa ao Sudoeste a trinta passos ao poente da ditta Ermida, huma Anta de tal grandeza, que he admiração o ver, como se pôde por a lagem em sima das grandes pedras de que está formada, pois sendo da largura de huma caza ordinaria, tudo cobre a ditta Lagem e tem de grossura quatro palmos.

Ha no termo desta Villa, em distancia de huma grande Legoa ao sudueste no mesmo citio da Anta assima, huma lagoa a que chamão Posso da Lança. A Etimologia do seu nome ignorão os naturais. Esta tal lagoa ou posso foy algum dia mina de pedras preciosas de varias cores; porem hoje está ocupada das agoas e tão copiozas, que há annos veyo hum sujeito de Lisboa por ordem do Senhor Rey D. João Quinto de feliz memoria a trabalhar nelle para descubrir a ditta mina, e com todas as bombas que trouce o não pôde esgottar, e só chegou a descobrir nelle forma de Cazas subterraneas ao lado do posso. Vendo o ditto sujeito a impossibilidade que havia para o esgottar, abrio outro junto delle vinte passos, e nelle encontrou hum grande pé de Sovereyro com cortiça de grossura de hum palmo, e aprofundando-o athe altura de settenta palmos, delle tirou muyta pedra de varias cores, como Amarellas que erão as mais finas, Vermelhas e brancas com rayos azuis, e tambem roxas e todas o ditto sujeito mandou para Lisboa. Nesta terra tambem ficarão algumas que hoje se conservão postas em aneis. Huma branca e azulada que o dito sujeito mandou pôr no peito da

¹ N.º 171 do *Corp. Insc. Lat.*

Imagen do Senhor São Gens, que fica perto do ditto posso, e tinha a grandeza de huma amendoa de casca, furtarão-na ao ditto Santo; e só existem no seu resplendor algumas mais piquenas vermelhas e verdes. Foy cavando o ditto sujeito profundamente athe que sahio agoa em tanta quantidade, que lhe impedio o intento. Huma memoria se acha deste posso nesta Villa e he que no anno de 1561 pella falta de agoa que houve davão a beber em vazilhas aos gados da agoa do ditto posso, e pella muyta agoa que tirarão aparecerão duas escadas Lavradas na pissarra que descião para baixo, e hoje se vem ahinda quatro degraos de pedra de cantaria que descem para baixo. Tem hum bojo muyto largo e em certo tempo se conta hindo hum carreteiro com os seus boys prezos á carreta, por junto do ditto posso, principiarão a fugir de tal sorte que se desponharão para dentro delle, e quando chegou o dono já não vio, senão a bulha da agoa. Está o ditto em o cume de hum outeyro, sem passos, pouco mais, ou menos do Rio Sor, que lhe passa ao meyo dia; e segundo o parecer de muitos, se podia com empenho esgottar com huma cortadura.

No anno de 1718 que foy, quando inttentarão esgotar o ditto posso, tinha de fundo trinta braças, hoje, porem, tem só doze. Ahinda agora na circumferencia do ditto posso se achão muitas pedras transparentes mais ou menos humas que outras, de que se tem approueitado muitas pessoas, que os tem levado para Elvas, e Portalegre e outras terras para imbutidos de fontes, etc. Há tambem nas vezinhanças do mesmo posso huma fonte a occidente delle meyo quarto de legoa a que chamão Fonte Fadagoza, unicamente com aquelle ornatto de que a dotou a natureza etc.». (Tomo xxv, fl. 171 e segg).

«O Plourinho parece que era ahinda o de Niza a Velha por estar esculpida nelle a cruz da Ordem do Templo. No simo das portas principais desta villa estão douis letreyros em pedra marmore, dos quais consta em como o Senhor Rey D. João Quarto tomara por Padroeira do Reyno a Nossa Senhora da Conceyçao». (Tomo xxv, fl. 175).

«Na mesma serra (*de S. Miguel*) indo desta Villa para o porto de Villa Velha de Rodão, á mão esquerda e a terça parte de huma legoa, antes de chegar ao Tejo, para a parte do Poente está huma grande, profunda e dillatada grutta, que eu já prezenceey, com a boca para o sul: chamão os naturais a esta grutta Boca da Fayopa, e dizem, que varios sujeitos vindos por ali com livros de minerais e thezouros tem perguntado por esta mesma grutta com o nome de Fayopa. Muytos homens temerarios que ahinda hoje existem vivos nesta villa tem tomado a empreza de hirem examinar a distancia da referida grutta levados da ambição de que ali se conserva notavel thezouro; e tendo andado

por beneficio de linternas mais de meya distancia, que pella parte fasceal lhe corresponde todos confessão que vay muyto para diante e não passarem dali, he por cauza de huma lagoa que no ditto cito occupa a grutta, e os impede e não ha duvida que paresse ser assim, porque na falda da propria Serra para a mesma parte do poente correspondente a meya distancia da ditta grutta, sahe quazi meya telha de agoa, sinal evidente de ser a mesma que pellos mattos da terra corre, sendo a sua arca aquella a que os temerarios chamão lagoa dentro da grutta. Ha tambem no fundo da mesma serra junto do lugar em que sahe a referida agoa mas já em campo razo, hum cito a que os naturais chamão *Conhal* dito assim, por haver nelle, quazi immensos montes de seyxos ou pedras a que elles chamão conhos e está quazi junto ao Tejo. He tradição constante ser este cito mineral de ouro no tempo que os Carthaginezes e Românos rezidião neste Paiz e se faz digna de credito esta tradição por se devizar ahinda hoje em distancia mais de huma legoa, huma custoza levada que principia na ribeyra de Niza e dali vay em direytura ao sobreditto Conhal, pella qual dizem se levava agoa pera as ditas minas: hoje porem não pode hir a agoa pella dita levada, por estar já muyto entulhada». (Tomo xxv, fl. 176 segs).

335. Nogueira (Beira)

Thesouros e vestigios dos mouros

Freguesia de S. Christovão. — «Não consta que na Serra desta freguezia se abrissem nunca minas só consta que junto a dita Serra há hum sitio que chamão Sam Payo e dizem que em algum tempo nelle habitaraõ Mouros e no mesmo sitio se vê algüs vestigios de quererem habitar nelle; a algumas pessoas se tem introduzido e o querem ter por certo que no mesmo sitio ha thezouros mas que huma Moura encantada o guarda, eu tenho isto por fabula e ahonde fundão alguns ignorantes o seu pensamento he que no mesmo sitio algumas pessoas acharão alguns trastes como foy dizem huma argola de ouro, mas já não ha memoria de quem os achasse». (Tomo xxv, fl. 193).

«Não consta que neste nosso Reyno tenha o dito Rio Douro ponte alguma; nesta dita freguezia nos regatos que já disse há duas pontes de pedra e huma de pau; e huma dellas que existe no sitio de Sam Payo, dizem que fora fabricada pellos Mouros quando no dito sitio fizerão alguma habitação mas esta se acha sem goardas e aruinada em algumas partes della». (Tomo xxv, fl. 197).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

ÍNDICE

ACQUISIÇÕES do Museu Ethnologico Português:

Dadiva feita ao Museu pelo Dr. Alves Pereira: 33.

ANTIGUIDADES LOCAES :

I. — Por ordem chronologica

A) Prehistoricæ:

Loiça neolithic da Junqueira (Figueira da Foz): 123.
Goiva de pedra da Figueira: 205 (com figura).
Machado de metal: 280 (com figura).

B) Lusitano-romanas:

Limia e Brutobriga: 2.
Estudos sobre Troia de Setubal: 7 (com estampa).
Alcobaça archeologica: 79 (com figura).
Necropole luso-romana dos arredores de Lagos: 102 (com figura).
Obejectos romanos achados em Coruche: 104 (com figura).
Arco e muralha romana de Evora: 110 (com figura).
«Cidade» da Concordia (Baralha): 119.
Antiguidades várias do concelho da Figueira: 122.
Gimonde: 136 (ruinas e marco milliario).
Vestigios romanos em Vianna do Castello: 175.
Quinta da Ribeira (Tralhariz): 193 (com figura).
Carranca de bronze: 281 (com figura).
Antiguidades de Lisboa: 283.
Mosaico de Leiria: 330.
Deus Runesus: 331.

C) Portuguesas:

- Sêllo do Padre-Mestre Origius: 24 (com figura).
 O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça: 65, 97, 129, 161 (com ilustração).
 O morgado de André de Resende: 87 (com figura).
 Escultura de pedra de Ferreira d'Aves: 116.
 Castellos de Fraião e de Pena da Rainha: 134.
 Castello de Noudar: 146.
 Paço ducal de Barcellos: 151 (com figura).
 Topographia historica de Lisboa: 212, 258, 305.
 Amuletos: 287 (com figuras).
 Convento do Alcance: 327 (com figura).

D) De diversas epochas e de epochas indeterminadas:

- Banhos antigos de Leiria: 117.
 Da Lusitania á Betica: 225.
 Archeologia trasmontana: 290.
 Antigualhas de Molellos: 341.
 Vid. neste Indice: *Castros, Grutas, Dolmens, Fibulas, Epigraphia e Numismatica.*

II.—Por ordem geographica

A) Alemtejo:

- Alcance: 327 (com figura).
 Ayres (N. S.^a de): 117 (inscripção romana).
 Beja: 225 (museu).
 Casa Branca (herdade): 116 (inscripção romana).
 Crimeia (herdade): 170 (inscripção romana).
 Elvas: 31 (ponte de Olivenças).
 Evora: 110 (arco e muralha romana), 171–172, 331 (inscripção).
 Juromenha: 29 (vestígios).
 Machede: 159 (vária).
 Manisola (Evora): 87 (André de Resende)
 Marmellar: 189 (ruinas de um palacio).
 S. Mathias: 254 (castello de Giraldo).
 Matos: 255 (ruina).
 Mertola: 239 (vária), 256 (ruina).
 Mombeja: 299 (outeiro do círculo).
 Monsaraz: 303 (inscripção latina portuguesa).
 Montemór-o-Novo: 304 (inscripção romana).
 Monte da Pedra: 343 (vária).
 Moura: 345 (vária).
 Nisa: 349 (vária).
 Noudar: 146 (castello).
 São-Jordão: 27 (cova).
 Serpa: 231 (vária).
 Torrejam: 115 (inscripção romana).

B) Algarve:

- Baesuris: 17 (moeda).
 Balsa: 174 (inscripção romana).
 Castro-Marim: 246.
 Faro: 43 (inscripção romana).
 Lagos: 31 (ruina), 102 (necropole romana).
 Monchique: 300 (vária).
 Ossonoba: 43 (inscripção romana).
 Salir: 40 (inscripção iberica e antiguidades várias).
 Silves: 338 (vandalismo).
 Tavira: 174 (inscripção romana).
 Torre d'Ares: 143 (marca figulina).

C) Beira:

- Bobadella: 171 (inscripção).
 Brenha: 122 (estaçao lusitano-romana).
 Cáruquere: 206 (inscripção romana).
 Castendo (Insoa): 138 (inscripção romana).
 Chões: 123 (ceramica lusitano-romana).
 Coimbra: 75 (versos leoninos), 81 (inscripção), 339 (museu).
 Dornes: 13 (com estampa).
 Ferreira d'Ares: 116 (esculptura e penedo).
 Ferreira do Zezere: 85 (inscripção e castello).
 Infias: 26 (inscripção romana).
 Junqueira: 123 (louça neolithic).
 Lagares: 30 (etymologia popular).
 Lamas do Vouga: 50 (cidade).
 Lamego: 50 (ruinas, inscripção).
 Langroiva: 156 (mina).
 Longa: 156 (fortaleza).
 Loriga: 156 (penha esculpida).
 Louredo: 157 (pégada de Nossa Senhora).
 Lousã: 157 (castello dos Mouros).
 Maiorca: 188 («castello» de mouros).
 Mangualde: 188 («castello»).
 Marialva: 189 («cidade de Aravos»).
 Marmelleiro: 190 (areias auriferas).
 Mata de Lobos: 192 (sepultura).
 Matança: 192 (letreiro).
 Mato: 254 (gruta).
 Mira: 297 (vária).
 Moita (Cantanhede): 203 (dolmens).
 Moledo: 299 (vária).
 Molelos: 341 (ruinas).
 Monforte: 300 (ruinas).
 Monsanto: 301 (vária).
 Monteiro: 345 (outeiro da Bandeira).
 Montemór-o-Velho: 343 (ruinas).
 Moruia: 348 (vária).

- Mosellos: 347 (muros).
 Nandufe: 348 (vária).
 Nogueira: 352 (Mouras).
 Oliveira (Alhadas): 206 (com figura).
 Pedrulha: 122 (ruinas lusitano-romana), 253 (inscripção).
 S. Jorge: 27 (caldas antigas).
 S. Martinho de Mouros: 347 (lenda).
 Santa Comba Dão: 338 (pelourinho).
 Santa Leocadia: 92 (sepultura).
 Tavarede: 203 (castro).

D) Entre-Douro-e-Minho:

- Alto-Minho: 33.
 Barcellos: 151 (paço ducal, com figura).
 Barrosa: 14 (dolmen).
 Braga: 81 (inscripção), 82 (inscripção), 86 (moedas romanas), 119 (inscripção romana), 192 (inscripção romana).
 Dume: 85 (inscripção romana).
 Fraião e Pena da Rainha: 134.
 Junqueira: 28 (cidade).
 Juvim: 29 (cidade).
 Lamoso: 52 (Mouros).
 Lanheses: 52 (mina de estanho).
 Lavra: 91 (cidade).
 Leça: 92 (inscripção).
 Lemenhe: 91 (castello).
 Lufrei: 157 (tumulo).
 Magrellos: 187 (castro).
 Manhuncellos: 188 (a pedra que falla).
 Marco de Canaveses: 32 (sepultura romana).
 Mentrestito: 256 (cova).
 Mindello (pedra de Guilhade): 297.
 Miranda: 298 («castello dos Mouros»).
 Mosellos: 348 (ruinas).
 Perosello: 115 (inscripção romana).
 Porto: 83 (inscripção latina).
 S. Frutuoso: 119 (moedas romanas).
 S. João de Rei: 27 (castro).
 S. Martinho de Sande: 119 (moedas romanas).
 Santa-Martha: 190 (dolmen).
 Santo Thyrso: 342 (moedas romanas).
 Torre da Magueixa: 192 (inscripção romana).
 Viana do Castello: 5 (castro de Santa Luzia), 175 (restos romanos).

E) Extremadura:

- Alecoabaça: 66 (o calix de ouro do mosteiro), 97 (id.), 129, 161, 79 (antiguidades romanas, com figura).
 Baralhas: 119 (ruinas).

- Cintra: 82 (subterraneo).
 Columbeira: 173 (inscripção romana).
 Coruche: 104 (instrumentos romanos).
 Debarbas (Leiria): 42 (inscripção romana).
 Juncal: 28 (assento primitivo).
 Lamas: 50 (ermida).
 Lapas: 90 (subterraneo).
 Leiria: 117 (banhos antigos), 330 (mosaico).
 Lisboa: 153 (antiguidades várias), 173 (inscripção romana), 212 (topographia historica), 258, 283 (antiguidades romanas), 306 (topografia antiga), 337.
 Lumiar: 158 (inscripção portuguesa).
 Moita: 347 (inscripção).
 Montargil: 304 (annexim).
 Santarem: 24 (com figura), 83 (sepultura portuguesa), 338.
 Santo Izidoro: 30 (inscripção).
 Troia de Setubal: 7 (ceramica romana).
 Valle d'Ovos: 107 (dolmen).

F) Tras-os-Montes :

- Argozello: 336 (fibula, com figura).
 Bragança: 79 (Mouros).
 Carragosa: 184 (inscripção portuguesa).
 Escovaes: 290 (inscripção portuguesa).
 Esteveaes do Mogadouro: 249 (várias antiguidades).
 Fonte Arcada: 184 (inscripção portuguesa).
 Friões: 84 (caixão de pedra).
 Gimonde: 136 (ruinas e marco milliario).
 Izeda: 30 (cidade).
 Lamares: 49 (ruinas).
 Lamas de Orelhão: 50 (muralhas), 290.
 Lobrigas: 155 (ruinas).
 Lombreiro de Maquieiros: 14 (com figura).
 Luzellos: 159 (vária).
 Macedo de Cavalleiros: 159 (chave de S. Pedro).
 Marzagão: 191 (ruinas várias).
 Mazouco: 255 («castello»).
 Mesão-Frio: 256 (sepulcros).
 Monforte do Rio Livre: 300.
 Montalegre: 303 (vária).
 Monte-Negro: 343 (minas).
 Mourão: 346: (vária).
 Picote: 143 (com figura), 336 (fibula, com figura).
 S. Jusenda: 114 (castro).
 S. Lourenço: 105 (cavernas).
 Samil: 105 (castro).
 Serra de Santa Comba: 290.
 Soutelo: 184 (inscripção portuguesa).
 Torre de D. Chama: 279 (ruina).

Tralhariz: 193 (estação romana).
Villa Pouca de Aguiar: 281 (dolmens).

G) Colonias: 10 (moedas), 47 (moedas).

H) Ilha do mar Persico: 84 (ms. arabe).

AMULETOS:

Portugueses: 287 (com figuras).

BIBLIOGRAPHIA:

Revista de Guimarães: 13.
O dolmen da Barrosa: 14.
Revue Archéologique: 52.
Lapide romana da Geira: 87.

BIOGRAPHIAS:

P.^e José Augusto Tavares: 17.
Cornelius Boeckus: 49.

CASTROS:

Do Lombeiro de Maquieiros: 14 (com estampa).
De Samil: 105.
S. Jusenda: 114.
Tavarede: 203.

CONGRESSOS:

De Historia das Religiões: 123.

CURSOS ESCOLARES:

Aula de archeologia do seminario de Bragança: 44.

DOLMENS (OU ANTAS):

Antas em geral: 86.
A Mesa dos Ladrões (Chão de Maçãs): 107.
Da Moita: 203.
De Villa Pouca de Aguiar: 281.

EPIGRAPHIA:

A) Iberica: 40 (Salir).

B) Lusitano-romana:

Debarbas—Leiria: 42.
Inscrição de Salir: 42.
De Ossonoba: 43.
Do Museu de Bragança: 79.
De Perosello: 115.
Da Torrejam: 115.

- Da Casa Branca: 116.
 De N. S.^a de Ayres: 117.
 De Castendo: 138.
 De Picote: 143 (com figura).
 Marcas figulinhas do Algarve: 143.
 Inscrição da Crimeia (Alemtejo): 170.
 De sitio incerto: 170.
 De Bobadella: 171.
 De Evora: 171-172, 331.
 Da Columbeira: 173.
 De Olisipo: 173, 283, 284.
 De Balsa: 174.
 Do Museu do Carmo: 174.
 De Mertola: 175.
 De Vianna do Castello: 176-177.
 De Cáquere: 206 (com figura).
 De Serpa: 237.
 De Moura: 345.

C) Inscrições em versos leoninos:

- Museu de Coimbra: 75.
 Várias: 334.

D) Portuguesas: 184 (Fonte Arcada, Carregosa, Soutello), 293 (Escovaes), 346 (Moura).

E) De diversas epochas ou de epochas indeterminadas: 167 (Valpaços).

EXTRACTOS:

A) Notícias archeológicas:

- Das «Memorias Parochiaes»: 26, 49, 90, 153, 187, 254, 297.

B) Maximas e reflexões:

- Do Conde de S. Lourenço: 78.
 De D. Fr. Amador Arrais: 166.

FIBULAS:

- Trasmontanas da epocha de La Téne: (com estampa) 336.

GRUTAS:

- De S. Lourenço: 105.

HISTORIA DA ARCHEOLOGIA EM PORTUGAL:

- Vid. *Cursos Escolares, Sociedades, Museus, Biographias*.

LEITORES (AOS): 1.

MUSEUS:

- Ethnologico: vid. *Acquisições*.
 Da Figueira da Foz: 177, 202.
 De Coimbra: 339.

NUMISMÁTICA:**A) Lusitana:**

- Monnaies de Baesuris: 17 (com figura).

B) Romanas:

- Moedas de chumbo da Republica: 13 (com estampa).
 Achado de moedas: 119 (Braga e Torres Novas), 167 (Leiria), 285 (Lisboa), 342 (Santo Thyrso).

C) Portuguesa:

- Contos para contar: 52 (com estampas), 168 (id.)
 Medalha commemorativa do Centenario do Brazil: 120 (com estampa).
 Achados de moedas: 337.
 Numismatico colonial portuguesa: 10, 47 (com estampa).

D) Factos diversos:

- Congresso de Numismatica: 93.

Vid. *Cursos escolares*.

PROTECÇÃO DADA PELOS GOVERNOS, CORPORAÇÕES OFFICIAES E INSTITUTOS SCIENTIFICOS Á ARCHEOLOGIA:

15. Gabinete numismatico de Bruxellas: 74.
 16. Ruinas de Italica: 75.
 17. Museu numismatico de Athenas: 166.

QUESTIONARIO ARCHEOLOGICO:

- De Albano Bellino: 295.

SIGILLOGRAPHIA:

- Sêllo do Padre-Mestre Gonçalo Origiis: 24 (com figura).

SOCIEDADES:

- Archeologica da Figueira: 203.

ERRATAS

A pag. 173, linha 25, leia-se XXXIX em vez de XXIX.

A pag. 129 disse eu que ao norte do Douro se conheciam só, que me lembrasse, dois mosaicos romanos; mas esqueci-me de acrescentar que existe outro em Braga, que eu de mais a mais tinha visto havia annos. Acérca do mosaico de Vizella vid. *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeólogos Portugueses*, 1881, pag. 145; estão desenhos d'elle no Museu de Guimarães.

Pag. 225, linha 6.^a, em vez de *de lá, por Faro*, leia-se *de lá, por Tavira e Faro*; linha 10.^a, adeante de *Baesuris* acrescenta-se: *ao aro de Tavira corresponde Balsa*.

Pag. 227, linha 18.^a, em vez de *dedicou ao imperador Lucio Vero* leia-se *dedicou a Lucio Vero*.

Pag. 233, linha 8.^a, em vez de *ao ponto* leia-se *a pontos*.

Pag. 240, linha 30.^a, em vez de *provém* leia-se *provinha*.

Pag. 283, linha 15.^a, leia-se *no mesmo* em vez de *do mesmo*.

Pag. 286, linha 14.^a, leia-se *não pôde* em vez de *nada pôde*.

Pag. 286, linha 31.^a, leia-se *Ás pessoas* em vez de *As pessoas*.

Belchior Rodrigues, a quem igualmente alludi, foi *salvador dos cruzados*¹ nessa officina monetaria, em substituição de Fernão Lopes, — ourives tambem, — que se ausentará de Portugal; — «que se destes regnos foi», diz a carta respectiva, a qual tem a data de 12 de Janeiro de 1526².

Accrescente-se aos nomes indicados na citada página, alem dos de Vasco Gonçalves e Fernão Lopes, o de Diogo Alvares, ourives do infante D. Fernando, e que, em 19 de Junho de 1523³, foi nomeado *ensaiador da Moeda de Lisboa*, succedendo a Diogo Rodrigues, que falecera. D'esse logar, tinha alvará de D. Manoel, que seu filho e successor confirmou.

Vê-se, pois, que Diogo Rodrigues desempenhou na Casa da Moeda de Lisboa, não só os cargos de *abridor dos cunhos* e *mestre da balança*, como tambem o de *ensaiador*.

JOSÉ PESSANHA.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

17. Museu Numismatico de Athenas

«L'année académique 1894—1895 a été particulièrement avantageuse pour le Musée numismatique d'Athènes. Cet établissement s'est accru de 14.837 pièces, dont 8.000 en argent ou en billon. Ces pièces ont été fournies en partie pour les fouilles de l'école française à Delos et à Delphes, les fouilles de l'école anglaise à Abæe et en Phocide et les fouilles d'Olympie. Il y a naturellement un assez grand nombre de doubles, mais néanmoins la moisson est très satisfaisante».

(*Bulletin de Numismatique*, v, 10).

J. L. DE V.

«Cidades nobilissimas fenecem, e nem rastro fica d'ellas».

D. FR. AMADOR ARRÁIZ, *Dialogos*, iv, 10.

¹ Incumbia aos *salvadores* cortar a moeda, pondo-a no seu justo peso. O regimento dado por D. Manoel á Casa da Moeda de Lisboa em 23 de Março de 1506, refere-se largamente a esses artifícies. Do alludido regimento, existe no Arquivo da Torre do Tombo uma copia authentica, do sec. xvii (Mss., tom. viii-E, fl. 245).

² Chancellaria de D. João III, livro 36, fl. 36.

³ Chancellaria de D. João III, livro 3, fl. 73. *Apud Teixeira de Aragão*, op. e loc. cit. A carta é, porém, de 19 e não de 18 de Junho, como ahi se lê.